5882

# RESUMO

DE

# HISTORIA LITTERARIA

PELO CONEGO

**DOUTOR JOAQUIM CAETANO FERNANDES PINHEIRO**

COMMENDADOR DA ORDEM DE CHRISTO,
CHRONISTA DO IMPERIO, PROFESSOR DE RHETORICA, POETICA E LITTERATURA
NACIONAL NO IMPERIAL COLLEGIO DE PEDRO II, MEMBRO DOS
INSTITUTOS HISTORICOS DO BRASIL E DE FRANÇA, DAS ACADEMIAS DAS
SCIENCIAS DE LISBOA E MADRID, DA SOCIEDADE
GEOGRAPHICA DE NEW-YORK, E D'OUTRAS ASSOCIAÇÕES NACIONAES
E ESTRANGEIRAS.

« Não é pequeno serviço ajuntar o disperso,
abreviar o longo, e afastar o selecto.

MACEDO. — Eva e Ave.

TOMO 1

RIO DE JANEIRO
**B. L. GARNIER**
Livreiro-Editor do Instituto Historico
69 — rua do Ouvidor — 69

# Extracto do Catalogo da Livraria B. L. GARNIER, Rua do Ouvidor, 69

## OBRAS DIVERSAS

### Alencar (J. de)

O Garatuja, chronica dos tempos coloniaes. 1 v. in-8º enc. 3$000 br..... 2$000

O Ermitão da Gloria. — A Alma do Lazaro, cronicas dos tempos coloniaes. 1 v. in-8º enc. 3$000 br..... 2$000

Til, romance brasileiro, 4 vol. br. 4$, enc..... 6$000

Iracema, lenda do Ceará, 2ª edição. 2 vol. br, 2$, enc..... 3$000

Viuvinha e os Cinco Minutos, 2ª edição, 1 vol. br. 2$, enc..... 3$000

O Guarany, 8ª edição, 2 v. in-4º enc.. 8$000

As Minas de Prata, romance historico, complemento do precedente. 6 v. in-8º br. 12$, enc..... 16$000

O Demonio Familiar, comedia em 4 actos, 2ª edição. 1 vol. br..... 1$500

As Azas de um Anjo, comedia em 1 prologo, 4 actos e 1 epilogo. 2ª edição. 1 v. br. 2$400

A Mãi, drama em 4 actos, 2ª edição. 1 vol. br..... 2$000

Verso e Reverso, comedia em 2 actos, 2ª edição. 1 vol. br..... 1$000

O Systema representativo. 1 v. br. 3$000, enc..... 4$000

A Viagem Imperial. 1 v. br..... 400

### Senio

Guerra dos Mascates, chronica dos tempos coloniaes. Tomo I. 1 v. in-8º enc. 3$000, br..... 2$000

O Gaucho, romance brasileiro. 2 vol. in-8º br. 4$, enc..... 6$000

Pata da Gazella, romance brasileiro. 1 vol. in-8º br. 2$, enc..... 3$000

O Tronco do Ipê, romance brasileiro. 2 vol. in-8º br. 4$, enc..... 6$000

Os Sonhos d'Oiro, romance. 2 v. in-8º br. 4$, enc..... 6$000

### G. M.

Diva, *perfil de mulher*, 2ª edição. 1 vol. enc..... 3$000

Luciola, *perfil de mulher*, 4ª edição. 1 vol. enc..... 3$000

### Bernardo Guimarães

O Indio Affonso. 1 v. in-12 enc. 1$500. br..... 1$000

O Seminarista, romance. 1 v. in 8º enc. 3$000, br..... 2$000

O Ermitão do Muquem, ou a historia da fundação da romaria do Muquem, na provincia de Goyaz, romance de costumes nacionaes. 1 vol. enc..... 3$000

Lendas e Romances: Uma Historia de Quilombôlas, a Garganta do Inferno, a Dansa dos Ossos. 1 v. br. 2$, enc..... 3$000

Cantos da solidão, poesias. 1 v. enc. 6$000

O Garimpeiro, romance. 1 v. in-8º, br. 2$, enc..... 3$000

Historias e Tradicções da Provincia de Minas-Geraes. A Cabeça de Tira-Dentes, A Filha do Fazendeiro, Jupyra. 1 v. br. 2$000, enc..... 3$000

### Alex. Dumas

Aventuras de Lyderico. 1 v. in-8º br. 600

Historia de um Morto. 1 vo. in-8º br. 600

Sophia Printemps. 2 v. br. 2$, enc.. 3$000

Mademoiselle de Belle Isle, drama. 1 volume br..... 1$000

### A. Dumas e A. Maquet

O Cavalheiro da Casa Vermelha, drama em 5 actos e 12 quadros. 1 v. br.. 1$000

### Alfredo Demersay

Historia geral do Paraguay, desde sua descoberta até nossos dias. Seguida de uma noticia geographica do seu estado actual, trad. pelo Dr. J. M. L. 1 vol. in-8º enc. 3$, br..... 2$000

### Calyope M. de Mello (F.)

Consultor Militar ou Sinopsis por ordem alphabetica das disposições em vigor contidas nas leis, decretos, regulamentos, avisos, instrucções, etc., publicados nas ordens do dia da Repartição do Ajudante General desde a primeira até a ultima do anno de 1871. 1 v. in-4º br. 4$, enc. 5$000

### Clémentee Robert

O Marquez de Pombal. 1 v. br. 1$000, encadernado..... 1$000

### Emm. Liais

Supremacia intellectual da Raça Latina, resposta ás allegações germanicas. Versão do Abranches Gallo. 1 v. in-8º br. 2$000 enc..... 3$000

### Erasmo

Cartas ao Imperador. Nova edição. 1 v. brochado..... 1$000

### Emilio Gaborlau

O Desmoronamento, romance historico. 4 v. in-8º, enc. 12$000, br..... 10$000

Lourenço Cornevin, continuação e fim do Desmoronamento. 1 v. in-8º enc. 3$000, br..... 2$500

### Eugenio Sue

A Inveja. 1 v. in-8º brochado 4$000, encadernado..... 5$000

A Iaa. 1 v. mif. br. 2$000, enc..... 3$000

A Soberba. 1 v. in-4º br. 6$, enc.... 8$000

### Fagundes Varella (Luiz N.)

Contos do Ermo e da Cidade, poesias. 1 vol. enc. 3$000, e rica encad. dourada. 4$000

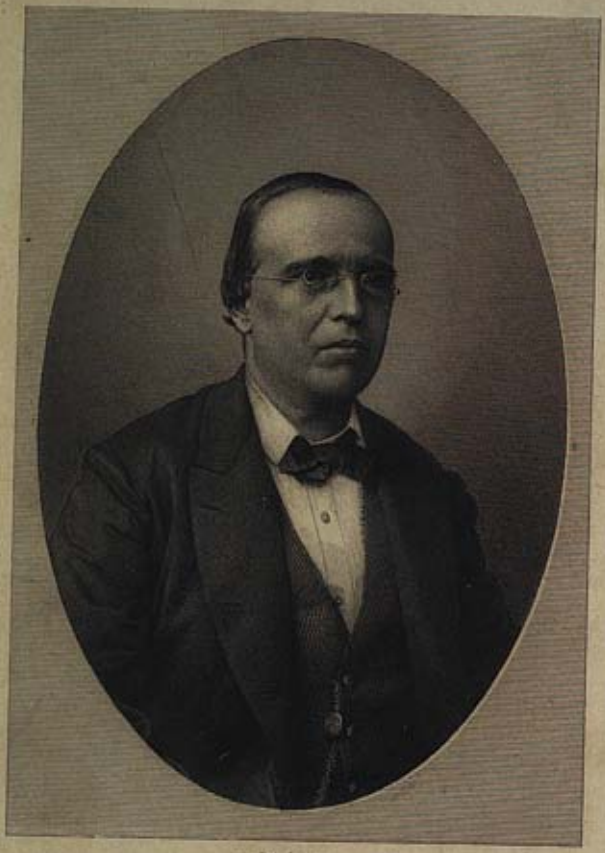
### Ferreira Moutinho

Noticia sobre a provincia de Matto-Grosso, seguida de um roteiro da viagem da sua capital a S. Paulo. 1 v. br. 1$000

# RESUMO

DE

# HISTORIA LITTERARIA



J. C. FERNANDES PINHEIRO.

# RESUMO

DE

# HISTORIA LITTERARIA

PELO CONEGO

**DOUTOR JOAQUIM CAETANO FERNANDES PINHEIRO**

COMMENDADOR DA ORDEM DE CHRISTO,
CHRONISTA DO IMPERIO, PROFESSOR DE RHETORICA, POETICA E LITTERATURA
NACIONAL NO IMPERIAL COLLEGIO DE PEDRO II, MEMBRO DOS
INSTITUTOS HISTORICOS DO BRASIL E DE FRANÇA, DAS ACADEMIAS DAS
SCIENCIAS DE LISBOA E MADRID, DA SOCIEDADE
GEOGRAPHICA DE NEW-YORK, E D'OUTRAS ASSOCIAÇÕES NACIONAES
E ESTRANGEIRAS.

« Não é pequeno serviço ajuntar o disperso,
abreviar o longo, e afastar o selecto.
MACEDO. — Eva e Ave.

TOMO I

RIO DE JANEIRO
**B. L. GARNIER**
Livreiro-Editor do Instituto Historico
69 — rua do Ouvidor — 69

9305

YAN
809
P654M
v.1

A SUA MAGESTADE IMPERIAL

O

# SENHOR D. PEDRO SEGUNDO

Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brasil

O. D. C.

Seu muito reverente e grato subdito,

JOAQUIM CAETANO FERNANDES PINHEIRO.

# PREFAÇÃO

Obrigado pelos deveres do magisterio a estudar as fontes da litteratura nacional concebemos a ideia da obra, que ora submettemos á correcção dos doutos.

Lançando rapido olhar sobre as litteraturas estrangeiras apreciamos perfunctoriamente as hebraica, grega latina, italiana, franceza, ingleza, allemã e hespanhola; que, mais ou menos, influirão para a formação, ou aperfeiçoamento da nossa.

Detivemo-nos mais na portugueza, e passando a luso-brasileira procuramos cuidadosamente seguir-lhe os lineamentos, como que surprehendendo-a nos reconditos arcanos do seu genesis.

No desempenho do nosso plano é bem possivel que não tenhamos attingido o alvo; que numerosos sejão os erros e omissões, involuntariamente commettidos; resta-nos porém a grata consolação de havermos sido o primeiro em trilhar semelhante vereda: assim como coube-nos a honra de ter escripto, ha dez annos, o primeiro *Curso Elementar de Litteratura* que possuiu a lingua portugueza.

Com franqueza e lealdade citamos os mananciaes onde fomos saciar a nossa sede de saber, e, como a abelha, sugamos de todas as flôres o succo que mais nos approuve.

Respeitando os individuos, e acatando as suas opiniões, não renunciamos o direito d'aquilata-las pelo crysol da nossa critica.

Aceitamos e agradecemos conselhos e admoestações, firme porém no proposito de não entreter polemicas, nem repellir *injurias*.

Rio de Janeiro, 16 de Dezembro de 1872.

# RESUMO

DE

# HISTORIA LITTERARIA

## PROLEGOMENOS

*Litteratura* é o conjuncto das producções escriptas d'um paiz e durante uma epocha, ou de todos os paizes e em todas as epochas.

Debaixo da denominação de *historia litteraria* comprehende-se a enumeração e rapida analyse das producções litterarias.

Ao principio a palavra litteratura applicava-se tambem ás sciencias e artes, mais tarde porém reconheceu-se a necessidade de restringir-lhe a significação, limitando-se aos assumptos em que o util podesse se alliar ao agradavel. Ora, entre esses assumptos occupa a poesia o primeiro lugar, seguindo-se-lhe a historia, a eloquencia, o romance, e as narrativas de viagem, fazendo-se mister para todas essas manifestações do pensamento a palavra, verdadeiro caracteristico da especie humana, como mui judiciosamente observa Max Muller [1]. Em verdade que não podera Deus fazer-nos mais valioso donativo, por si só capaz d'exprimir todos os nossos sentimentos, e ainda seus variados matizes e cambiantes. Mas si a palavra, como emanação divina, tem todos os predicados que acabamos de indicar a invenção da escriptura fo talvez a mais prodigiosa de que se pode gloriar o engenho humano.

[1] SCIENCE DU LANGAGE, 2me leçon.

Tão intimo é o nexo entre o pensamento e a palavra que quasi as não podemos figurar separadamente, e ainda nas mais usuaes applicações apparecem elles reunidos: e se bem que não subordinemos a existencia do pensamento á da palavra somos dos que crêem que ficaria aquelle em estado embryonario sem o poderoso auxilio que esta lhe ministra.

Não dissimularemos que se póde facilmente abusar de tão preciosos dons; mas tal é o conceito que de sua dignidade e importancia formamos que cremos que taes abusos (aliás inherentes ás cousas humanas) jamais lograrão marear o esplendor dos mencionados dons.

Inutil seria por certo querer demonstrar a suprema influencia que exerce a palavra sobre todos os actos da vida, em todas as relações sociaes e civis, e a profunda impressão que em nosso animo exerce a energia da linguagem. O juizo que formamos das nações é determinado pelas mesmas causas que regulão o nosso juizo á cerca dos individuos: estamos naturálmente predispostos a reconhecer como mais espirituoso e civilisado o povo que com maior elegancia e clareza se exprime. D'ahi procede que muitas vezes damos os epithetos de barbaros e selvagens aos que nos são pouco, ou nada conhecidos, mas cuja linguagem é tosca e rude.

A dignidade e importancia das sciencias e artes, que se manifestão pela palavra, serão melhor comprehendidas examinando-se a immensa influencia que nos destinos das nações exercerão: é então que com toda a sua plenitude e magestade se patenteia a litteratura, complexo das producções intellectuaes de um povo.

O merito e o esplendor de qualquer nação não se determina sómente por vastos e assombrosos feitos; porquanto nações houve (aliás opulentas de gloria), que perecerão no olvido, emquanto outras, mais felizes, transmittirão aos posteros as lembranças de suas proezas, porque o pregão de sua gloria chegou-nos pela voz do genio. Quem fallaria hoje de Achilles e dos outros heroes do cyclo troyano si seus nomes não fossem talhados nos marmores da Iliada e da Odysséa? Feitos memoraveis, pasmosos acontecimentos, grandiosos destinos, não bastão para prender a attenção e determinar o juizo da posteridade; precizo é que suas victorias e

façanhas sejão enobrecidas pelo imaginoso estylo de um Tito Livio, suas desgraças e decadencia commemoradas por um Tácito; pois só assim occupará em nosso animo mais elevada plana do que essa multidão de povos que, indifferentes vemos desfilar no scenario da historia; alternativamente vencedores e vencidos.

Demonstrada perfunctoriamente a utilidade da litteratura occupemo-nos com sua divisão.

Considerada em seu objecto divide-se em *sagrada* e *profana*.

*Litteratura sagrada* é a que se occupa com assumptos fornecidos pelos livros do Antigo e Novo Testamento, escriptos dos Sanctos Padres, vidas e legendas dos sanctos.

*Litteratura profana* é a que trata de todos os outros assumptos, não comprehendidos na anterior classificação.

A literatura profana subdivide-se em *classica, romantica* e *realista*.

*Litteratura classica* (que se deriva do vocabulo latino *classis*) é a que toma por modelos as monumentaes obras legadas pela antiguidade greco-latina, procurando em imitações, mais ou menos felizes, aproximar-se a esses padrões.

*Litteratura romantica* é a que, abjurando a plastica imitação dos classicos, buscou na inspiração christã e nas tradições cavalheirescas da idade media o thema de suas composições. Chamou-se *romantica* por causa *do romance provençal* em que os trovadores e menestreis escreverão seus poemas e canções.

*Litteratura realista* é a que pretende pintar a natureza em sua casta nudez, e photographar em seus innumeros accidentes os phenomenos da vida humana. Nasceu da reacção operada por Göethe contra o *idealismo vaporoso* de Schiller e seus sectarios.

Ha quem pretenda classificar as litteraturas segundo as linguas em que forão compostas as obras; infundada julgamos semelhante pretenção; por isso que obras existem escriptas em latim, francez, etc., e que, por forma alguma, podem ser comprehendidas nas litteraturas a que á primeira vista parecem pertencer. O bispo D. Jeronymo Osorio, compondo a sua magistral obra *De Rebus Emmanuelis Gestis*, não teve por um instante a velleidade de querer ser contemplado na familia dos Suetonios e Quinto-Curcios; e

Sylvestre Pinheiro Ferreira pertence incontestavelmente á litteratura portugueza, ainda que tenha muito escripto na lingua de Bemjamin Constant. Fénimore Cooper, Washington Irving e Longfellow, podem ser considerados classicos da lingua ingleza, em que pese aos successores de Addison e de Johnson.

# INTRODUCÇÃO

## LITTERATURAS ORIENTAES

Pertencem ao Indostão as producções do espirito humano que tem o cunho da mais remota antiguidade. A lingua *sanscrita* ou *perfeita* que tanto quer dizer esta palavra, não conhece rival pela sua fecunda flexibilidade, tendo servido de typo a mór parte dos idiomas fallados na Europa e n'America.

São infelizmente pouco conhecidas as obras da litteratura indiana; mas apesar do pouco conhecimento que possuimos infunde-nos ella a maior veneração e quasi que religioso terrror. Em seus livros encontrão-se todas as manifestações da intelligencia humana, reveladas na epopéa, fabula, drama, hymnos, metaphysica e moral. Todos os systemas philosophicos se achão ahi expostos, desde o mais completo materialismo até o espiritualismo mais exaltado.

Os livros mais antigos que existem na lingua sanscrita são os *Vedas*, collecção de preces, hymnos e preceitos moraes; os *Puranas*, meandro de legendas theologicas e cosmogonicas, e o *codigo de Manù*, tratado completo de moral, e exposição poetica das doutrinas relativas á divindade, á creação e aos espiritos.

As duas mais afamadas epopeas intitulão-se o *Mahabharata*, attribuido a Vyasa e o *Ramayana*, que cre-se obra de Valmiki. Celebra a primeira d'essas epopeas o combate colossal entre os heroes, deuses e gigantes. Consta de duzentos mil versos, dos quaes apenas a oitava parte parece ter sido da propria lavra do Vyasa. O *Ramayana* canta Rama, conquistador fabuloso da parte meridional do Indostão, povoado por uma raça selvagem, e da ilha de Ceylão. Recommenda-se este poema pelo grande numero de sentenças de que está repleto, e conjunctamente com a pintura de batalhas e combates, e admirão-se

quadros da vida intima dos santos solitarios, suas profundas meditações e piedosas praticas.

O *Gita-Govinda* é um poema bucolico dedicado a Krishna, quando, á guisa do Apollo grego, vagava pela terra como pastor, rodeado de nove pastoras. Só conhecido por alguns fragmentos, vertidos para as linguas modernas, serve, mais do que qualquer outro, para dar ideia da riqueza de imagens que o adornão.

Grandes forão tambem os progressos dos indianos na litteratura dramatica; em suas peças, bem como nos poemas epicos, os mais frivolos pormenores se entretecem com os acontecimentos mais importantes da vida. A trama é quasi sempre complicada, crescido o numero dos personagens; viva e colorida a linguagem dos dialogos, onde muitas vezes a giria dos escravos se confunde com o dialecto rythmico dos guerreiros; uma poesia elevada nivela-se com ditos grosseiros e praticas vulgares. Composto de tão heterogeneos elementos desenvolve-se o drama indio com grande rapidez cheio de abundantes e inesperados incidentes. O dramaturgo mais afamado na India é Kalidas, que viveu um seculo antes da vinda de Christo, e a quem os inglezes comparão a Shakspeare.

Não existem tragedias na litteratura indiana; porquanto sendo as representações dramaticas passatempos regios deverão ter sempre desfecho feliz, sendo a virtude recompensada e perdoado o peccador. Na parte material muito se assemelhava o theatro indiano ao grego; figurando um vasto recinto ao ar livre, deixando avistar uma perspectiva extensa e animada e ás vezes o interior d'algumas casas. Não sendo publicos compunha-se o auditorio de cortezãos e convidados.

Occupa distincto lugar nessa litteratura o apologo, ou fabula, no que tornou-se celebre um certo brahmane por nome Belpai, ou Pelpai, que se julga inventor d'esse genero.

Ha na litteratura indiana uma particularidade digna de reparo, é a de serem compostas em verso muitas de suas obras scientificas, existindo no idioma sanscrito tractados metricos de direito, grammatica, arithmetica, astronomia, medicina e arte militar. O genero litterario menos cultivado foi o da historia, quasi sempre confundida com as legendas e tradições poeticas.

Nos mananciaes indianos forão haurir as litteraturas egypcia, phenicia, persa e grega; e muitos dos principios hoje pertencentes a ethica universal só erão conhecidos nas margens do Ganges antes da expedição d'Alexandre. Procedem da sanscrita as linguas grega, persica, etrusca, latina e teutonica, e provado está hoje que a Grecia primitiva ou pelasgica não foi estranha ao regimen das castas

Cre-se ter sido o Egypto o primeiro paiz illuminado pela brilhante luz que emanava da India: sendo quasi identicas a mythologia e a divisão da sociedade em varias classes, ou castas, transmissiveis de pais a filhos. Serio obstaculo porém encontrou a propagação da sciencia no monopolio exercido pelos sacerdotes, que para si reservavão-na exclusivamente, deixando o povo na mais crassa ignorancia. Da civilisação egypcia não sobreexistirão senão esses symbolos, creados pelos reis e sacerdotes, essas pyramides e obeliscos, monumentos perennaes da grandeza d'uma nação e da servidão de seus filhos. Os poucos livros, concernentes ás sciencias e letras, que a tradição commemora forão destruidos pelos romanos, e arabes quando se apossarão d'esse rico paiz.

Identica sorte tiverão Chaldéa, Assyria e Babylonia: onde as artes manuaes forão cultivadas de preferencia, e onde attingião ao supremo grão de perfeição. Nenhuma obra de imaginação, menciona a historia d'esses povos, ou porque não existirão, ou quiçá por se haverem extraviado na noite dos tempos. Deixarão porém indeleveis vestigios a sciencia moral dos egypcios, os conhecimentos astronomicos dos chaldeos; os progressos industriaes dos babylonios e assyrios e o activissimo commercio dos phenicios, cujo alphabeto, derivado dos primitivos hieroglyphos, fez o gyro do mundo.

Legou-nos a litteratura persa monumentos da maior antiguidade: Zoroastro, legislador e propheta, reformador da religião dos magos, é geralmente reputado auctor do *Zend-Avesta*, seu codigo sagrado. Julga-se que vivera alguns milhares d'annos anteriores ao cerco de Troya, alguns fazem-no contemporaneo de Nino, e outros de Dario. O livro famoso que se lhe attribue é uma compilação de doutrinas muito parecidas com as da Biblia, havendo grande conformidade nas crenças ácerca da omnipotencia do creador, e sobre outros

pontos de dogma e moral. Outro livro, que acredita-se haver precedido o *Zend-Avesta (o Desatir)* serve-lhes de deposito fiel das tradicções; tendo sidos escriptos no idioma *zend*, hoje morto, e outr'ora fallado nas provincias septentrionaes da Persia. Entre as suas preciosidades conta igualmente esta litteratura uma epopéa, escripta em epocha mais recente por Ferduci, que professava as doutrinas de Mahomet.

Pelo numero e antiguidade de suas obras scientificas e litterarias leva a China a palma aos demais povos do Oriente. Apresenta a sua civilisação caracter especialissimo: contemporanea da indiana nenhum influxo exerceu sobre as convisinhas, tal sempre foi o systematico isolamento em que viveu.

Surprehendeu aos sabios e eruditos que nestes ultimos tempos se hão entregado ao estudo da literatura e sciencia chinezas a pasmosa opulencia que ahi existia occulta ao olhar estranho. Era por certo dos maiores obices para penetrar nesse enredado labyrintho o conhecimento de seu alphabeto, composto de oitenta mil caracteres, e de tal modo caprichosos que apresentando ao principio a forma externa do objecto a que se referem chegarão a constituir um singular conjuncto de linhas e traços. Conhecida na China, muito antes do que na Europa, contribuiu outrosim a imprensa para a diffusão dos conhecimentos, e levou a civilisação aos mais reconditos angulos do imperio.

Extraordinaria é a uberdade d'essa litteratura em moralistas entre os quaes avantaja-se Confucio, philosopho que viveu cinco seculos antes da era christã, e cuja memoria é mais reverenciada do que a de nenhum imperador. Singela e naturalmente traça os deveres do homem, sem exagera-los, reduzindo-os a limitadissimo numero de maximas.

Comprehendem os chins a litteratura de modo bem diverso do dos outros povos; repudia sua lingua a flexibilidade, movimento e colorido; e destinguem-se os seus escriptos pela escrupulosa minudencia com que fazem a pintura dos objectos, descendo aos mais prolixos incidentes e accessorios. Contão todavia muitos romances e dramas, onde se podem encontrar quadros exactissimos dos costumes e scenas do seu viver intimo, pintados ao vivo, e o que é

mais censuravel com uma franqueza que por vezes descae na obscenidade.

Resente-se a sua poesia da natureza variavel da linguagem; e rarissimamente os sentimentos ternos inspirão accentos patheticos: verdade é que muitas das suas mais graciosas e expressivas imagens devem nos passar desapercebidas.

Nos *Kings*, reliquias da sua prisca litteratura, revistas e restauradas por Confucio encontrão-se trechos de piedade e moral, repletos d'eloquencia e expressos n'um estylo notavel pelo laconismo e ingenuidade.

Mereceu-lhes a historia particular cuidado: raro é porém entre elles que uma obra nesse genero seja composição d'um só individuo; mas d'ordinario producto de simultaneo concurso de determinado grupo de litteratos.

Não desprezarão tão pouco as sciencias sociaes e juridicas, nas quaes contarão alguns homens eminentes; seu maior gosto é porém para as sciencias exactas e naturaes; e recommendão-se á meditação dos doutos algumas das suas obras geographicas, e referentes á historia natural.

O isolamento, cujos effeitos acabamos d'apreciar na China, produziu n'Arabia differente resultado. A poesia do deserto parte essencial da sua litteratura, tem certo cunho de grandiosidade uniforme. Si a inspiração é monotona como os illimitados páramos que a circundão; seus cantos reproduzem pinturas da vida pastoril, o amor da liberdade, o orgulho, a vingança e as perpetuas dissidencias entre as tribus repercutem nesses cantos com accentos rapidos, atrozes, ou sublimes. O genio da primitiva litteratura arabe é temerario e fogoso, como resultado de uma imaginação ardente, excitada pelo espectaculo d'uma natureza rude e selvagem. Começou a desenvolver-se a sua poesia um seculo antes de Mahomet: e os certames celebrados por occasião das feiras de Meca derão origem a composições poeticas que, quando premiadas, erão escriptas em letras d'ouro e suspensas na *Kaaba*, sanctuario interior do templo, situado segundo a tradição, no mesmo sitio em que os arabes collocarão a sua tenda no dia da creação, d'ahi o titulo de *mahallakhats* (pendurados).

A verdadeira idade aurea d'essa litteratura data da pregação de Mahomet, em cujo periodo attingirão as letras e sciencias ao supremo grão de riqueza e esplendor. O *Koran*, livro sagrado dos musulmanos, foi composto por esse homem celebre, que dizia tel-o recebido do archanjo Gabriel por versiculos, ou fragmentos, que os companheiros do propheta escrevião sob seu dictado em folhas de palmeira. Codigo religioso, moral, civil, criminal, politico e militar é para os musulmanos fonte de toda a lei e de toda a sciencia. Como obra litteraria é um livro sem ordem, nem cuidado, e contradictorio em muitas das suas partes; mas a linguagem purissima, e d'uma concisão que toca ás raias da obscuridade.

A propagação do islamismo levada ao cabo pela conquista não foi no começo propicia ao desenvolvimento intellectual; e a poesia pareceu definhar, senão de todo extinguir-se. Sob o sceptro porém dos califas Abbassidas de novo prosperarão as letras e as sciencias arabes contribuindo para allumiar a Europa, immersa na mais completa ignorancia. Haroun-al-Raschid congregou os sabios de todos os paizes em sua côrte de Bagdad, premiou seus trabalhos, e mandou traduzir os mais afamados escriptores gregos. Seu filho Al-Mamoud, victorioso do imperador byzantino, impoz-lhe como condição de paz a cedencia d'alguns preciosos codigos. Fundou escolas, estabeleceu bibliothecas, e ordenou a execução de gigantescos trabalhos de caracter puramente scientifico.

Com não menos empenho forão favorecidas as luzes pelos Ommiadas; e a cidade Cordova chegou a ser a Bagdad d'Occidente. Contou a Hespanha arabe mais de quatorze universidades, cinco bibliothecas e infinitos collegios e escolas. Pensamos que bastará esta simples enumeração para dar a conhecer a influencia que exerceu esse povo sobre o Occidente.

Não era porém generico semelhante movimento, nem comprehensivo a todos os ramos da litteratura; foi-lhes desconhecida a eloquencia, e desde as predicas de Mahomet não permittiu o despotismo occidental agitar as magnas questões concernentes á existencia social e politica dos povos. Tambem fizerão poucas vezes remontar a historia além da *hegira*; porque só d'essa era datava a sua vida politica, desdenhando todos os successos anteriores. Não se destinguem outrosim

os historiadores arabes pelo talento descriptivo; são ordinariamente seccos e aridos, ennuncião nomes e datas expõem os factos sem methodo e entrelação fragmentos poeticos, que pouca ou nenhuma relação offerecem com o assumpto principal. Sem embargo d'esses senões tornão-se taes escriptos absolutamente necessarios para o cabal conhecimento dos annaes do Oriente, servindo tambem para corrigir erros ou preencher lacunas nos fastos das nações occidentaes, especificadamente nos de Hespanha e Portugal.

Incontestaveis forão os triumphos obtidos pela poesia arabe, que mereceu do douto Guinguené este lisongeiro juizo: « Nós outros cuidamos suavisar, ou mitigar as expressões figuradas, ao passo que os arabes empenhão-se em dar-lhes audacia e temeridade; exigimos que as metaphoras tenhão certa moderação e se insinuem, por assim dizer, sem esforço, em quanto que desejão elles precipital-as com violencia. »

De preferencia cultivarão os arabes a ode, o idylio e a elegia; e bem que lhes não faltassem themas epicos, como no-lo attestão os rhapsodias que se perpetuão pela tradição oral, jámais appareceu entre elles uma epopéa, no genero das de Homero.

Ha nessa riquissima litteratura certa especie de composição consistente n'uma prosa rimada, que bastante complica o abuso das assonancias e trocadilhos de palavras. A' despeito d'esses inconvenientes nella tem escripto abalisados poetas, como por exemplo Hariri, celebre auctor do *Mokamat*.

Bastante conhecida pela versão do orientalista francez Galland, é a novella intitulada — *Mil e uma noites* —, no qual se encontra veridico quadro do caracter e costumes d'esses povos, sobresahindo os arteficios das mulheres corrompidas pela escravidão.

A actividade litteraria dos arabes no periodo que esboçamos tornou-se extensiva a Persia, cuja epocha de maior gloria vai do seculo X ao XIV da era christã. A'essa época pertence o poeta Ferduci, de quem já fallamos, auctor de uma epopéa de cento e vinte mil versos, e cuja acção dura tres mil e sete centos annos tendo por objecto a historia geral dos reis d'essa região.

Outro poeta de grande reputação foi Saadi, que viveu no seculo XIII, e cujas obras são alternativamente escriptas em prosa e verso,

occupando entre ellas o primeiro lugar a intitulada — *Gulistan* ou o *Jardim de rosas*, preciosa collecção de preceitos moraes e philosophicos, epigrammas, anedoctas e trechos historicos.

Harfiz, que floresceu no seculo seguinte, goza da reputação de primeiro poeta lyrico d'Asia, e em suas odes, consagradas ao amor, ao vinho e aos prazeres, mostra-se terno, sensivel e tambem algumas vezes licencioso.

São os persas o unico povo musulmano que haja cultivado a poesia dramatica; e suas peças tem alguma analogia com os dramas religiosos da Europa na idade-media. Abundão igualmente as novellas, contos e apologos; e muito estimado é entre elles uma collecção de apologos em prosa, trasladados da lingua sanscrita e conhecidos pela denominação de — *Calila e Dimma*.

Enriqueceu tambem essa litteratura crescido numero de obras historicas, muitas das quaes forão vertidas para os idiomas da moderna Europa, particularmente para o inglez e francez, prestando com isso valioso subsidio para o conhecimento do Oriente, até hoje fechado com os sellos do Apocalypse.

# LIVRO PRIMEIRO

## LITTERATURA HEBRAICA

Sendo a *Biblia* a fonte primordial da litteratura sagrada justo é que nella concentremos o nosso estudo.

Os monumentos encerrados nesse vasto repositorio pertencem a diversos generos: e muitas vezes num mesmo escripto achão-se d'envolta a historia, a eloquencia e a poesia.

As obras historicas da *Biblia* contem-se no *Pentateucho*, onde se encontra a narrativa da creação do mundo, os successos das primeiras gerações humanas e os do povo hebreu até á sua entrada na terra da promissão; nos *Livros de Josué e dos Juizes* continúa essa narrativa até Sansão; o *dos Reis*, começando no nascimento de Samuel, termina na destruição do reino de Judá. Os dois livros de chronicas, ou *Paralipomenos*, tração a genealogia do povo de Deus, á partir de Adão, e sob uma forma compendiosa repetem a historia anteriormente narrada até o edito de Cyro, promulgado em favor dos descendentes de Jacob. Os livros d'Esdras, datando da volta do captiveiro, abrangem um periodo de cento e treze annos. A serie dos livros consagrados aos fastos nacionaes é por vezes intercalada de narrativas episodicas, como por exemplo, as de Judith, Tobias, Esther, e Daniel. Por ultimo vem o livro dos *Machabeus*, ou relação dos acontecimentos occorridos desde o reinado de Alexandre Magno até o de Antiocho Nicanor.

Fulgura a eloquencia nas invectivas dos prophetas, verdadeiras arengas tribunicias, e nas graves e magestosas admoestações de Moysés, Josué, Samuel, Esdras e outros sabios conductores d'Israel.

É porém o elemento poetico o predominante na Biblia. Logo no Pentateucho depara-se com os magnificos canticos de Moysés e Debora: *os Livros de Job, os Psalmos de David, os Proverbios, o Ecclesiaste, o Ecclesiastico, o Livro da Sabedoria, o Cantico dos Canticos, as Lamentações de Jerémias* resplandecem pelo brilho das imagens, ousadia das metaphoras e sublimidade dos pensamentos. Verdade é que em muitos d'esses inspirados escriptores nota a critica carencia de methodo, e certa propensão para das mais elevadas concepções arrojarem-se á vulgares minudencias.

Particularissima é em sua construcção a poesia hebraica. Divide-se cada periodo em certo numero de membros de quasi igual dimensão, os quaes mutuamente se correspondem, tanto no sentido como ainda no som. O primeiro membro do periodo encerra a expressão do pensamento e o segundo amplifica-o, ou contrasta-o; sempre com um numero de vocabulos aproximadamente igual.

A origem de semelhante estructura deve rer procurada na maneira por que entoavão os hebreus os seus canticos, ou hymnos sagrados, acompanhados de musica, confiada a dois córos, que se respondião alternadamente.

E' tambem notavel a poesia hebraica pela sua belleza força e confissão. Parece que o mechanismo de desenvolver o mesmo pensamento por outras palavras longe d'entibiar o estylo dava-lhe mais vigor, tornava os periodos mais curtos, e excluia d'elles todas as superfluidades.

Os generos e especies lyrica, didactica, elegiaca e bucolica são os que preponderão na poesia hebraica. O *Livro dos Proverbios* é por sua propria natureza didactico; e seus primeiros capitulos assignalão-se pela elevação dos sentimentos, realçados pelas graças d'um estylo sempre florido. *As Lamentações* de Jeremias, alguns trechos dos prophetas, e muitos psalmos de David, compostos em horas de desconsolação e de angustia, offerecem esplendidos modelos de poesia elegiaca. *O sonho de Salomão* é por sem duvida um bellissimo *specimen* de poesia bucolica; e ainda que, considerado em seu espirito, não passe d'uma allegoria mystica, assemelha-se na fórma a uma pastoral dramatica, cujas personagens

representão um papel muito parecido com o dos pastores de Theocrito e Virgilio.

Nas paginas do Antigo Testamento reclama a poesia lyrica distincto lugar: nos *psalmos* de David a ode sacra remonta-se a uma altura a que jámais attingiu em litteratura alguma; ora ostenta-se jubilosa e triumphante, ora magnifica e solemne, ora terna e plangente. Reina grande diversidade d'estylos nos proprios poetas lyricos, taes como David, Job e Isaias; David caracterisa-se pela doçura, quiçá meiguice de seus cantos; Job e Isaias, levão-lhe porém a palma em nobreza e magestade. David mantem-se em mediana altura, e seus mais tocantes *psalmos* são aquelles em que descreve a felicidade annexa á pratica da virtude, ou quando dirige ao Céo fervorosas preces repassadas d'uncção religiosa. Isaias é o poeta do sublime; seu mais saliente predicado é a magestade imponente e nunca interrompida; Job (ou antes o auctor desconhecido do livro d'esse nome) foi o creador da poesia descriptiva (além de ser o primeiro elegiaco); seus quadros, deslumbrantes de luz, fascinão o leitor que julga antes ver do que ler os objectos descriptos.

Releva observar que a pintura dos sentimentos magestosos, ou terriveis, que se encontra nos poetas biblicos é devida á violencia dos elementos, e ás grandes convulsões da natureza de que tinhão sido muitas vezes testemunhas. Havião presenciado tremores de terra, tempestades, turbilhões e outros phenomenos, que com mais frequencia, flagellão a Judéa e a Arabia do que as regiões mais temperadas. Além das imagens fornecidas pelos effeitos naturaes do paiz os poetas hebreus lançavão mão de outras tiradas das ceremonias religiosas, artes, usos e costumes nacionaes. Povo essencialmente agricola e pastor, via essas profissões honradas por seus patriarchas, prophetas, e reis; por isso tambem fazião os poetas continuas allusões aos misteres da vida agricola e pastoril, ás verdes pastagens, ás limpidas e copiosas fontes, sem que jámais pensassem que taes imagens destoarião da gravidade dos assumptos de que principalmente se occupavão. Estava a religião hebraica repleta de ceremonias cuja pompa impressionava por demais os sentidos; e de tal modo prendia-se á historia patria que sua consubstanciação radicava-se no animo do povo desde a puericia

Pelo que acabamos de dizer vê-se que as imagens de que se servião os poetas erão essencialmente expressivas e naturaes, hauridas nos objectos circumvisinhos, gosavão da dupla vantagem de serem mais completas em si e mais bem fundadas nas ideias e usanças populares do que as da mór parte dos outros poetas. Em verdade quem lê suas obras julga-se transportado á Judéa; vê elevarem-se sobre sua cabeça os leques das palmeiras e a côma ostentosa dos cedros do Libano: o aspecto do paiz, as particularidades do clima, seus usos e costumes, o apparato das ceremonias religiosas, reproduzem-se sem cessar sob novas e graciosas fórmas.

Não terminaremos este capitulo sem esboçar, a largos traços, as varias phases da lingua em que escreverão tão eminentes auctores.

Em dois bem distinctos periodos pode-se dividir a historia da lingua hebraica: o primeiro, denomidado *aureo*, prolonga-se desde as origens até o grande captiveiro de Babylonia; o segundo, chamado *argenteo*, começa nesse captiveiro e finalisa na epocha dos Machabeus, caracterisando-se pela mescla com o chaldaico, consequencia inevitavel da longa residencia dos judeus nas margens do Euphrates. Com a exaltação da dynastia asmonéa o hebraico puro tornou-se lingua morta, e foi substituido pelo syro — chaldaico, amalgama do hebraico com o chaldaico. Parallelamente á formação d'esse idioma constituira-se desde o seculo VII antes da vinda do Christo o dialecto *samaritano* em que foi vertido o *Pentateucho*, alguns livros liturgicos e canticos religiosos. Um hebreu modernissimo, appellidado *rabbinico*, organisou-a na Hespanha no X seculo da era christã, o qual pretendendo aproximar-se da lingua classica, e conservando as formas syro — chaldaicas, ressente-se todavia de numerosos emprestimos que lhe fizerão as linguas arabe, grega e latina, e tambem as dos povos onde os filhos de Israel mendigarão asylo.

# LIVRO SEGUNDO

## LITTERATURA GREGA

O que principalmente caracterisa a litteratura grega e a distingue de todas as outras, antigas e modernas, com excepção da hebraica e da indiana, é a sua originalidade. Si em epochas mui remotas tiverão os gregos relações de parentesco com os demais povos da raça aryanna, domiciliados n'Asia central, e si em suas migrações trouxerão os cantos e tradições de seus maiores, certo é que fixando-se no solo da Hellada, ahi desenvolverão-se exponraneamente e de seu proprio engenho tirarão monumentos litterarios e artisticos, cuja perfeição ainda não poude ser excedida, constituindo-se d'ess'arte preceptores e modelos das vindouras gerações.

Dividiremos a litteratura grega em seis periodos, a saber: 1° o *fabuloso*, desde os tempos mais remotos até a tomada de Troya (de 1856—1184 antes de Christo); 2° *epico-lyrico*, desde a tomada de Troya até a legislação de Solon (de 1184—594 A. C); 3° *aureo*, desde Solon até a morte de Philippe, rei de Macedonia (de 594—336 A. C); 4° *alexandrino*, desde o começo do reinado d'Alexandre Magno até a destruição de Corintho (de 336—146 A. C.); 5° *greco-romano*, desd'essa epocha até a morte de Constantino (de 146—A. C. até 306 da E. C.); 6° *byzantino*, desde Constantino até a tomada de Constantinopla por Mahomet II—(de 306—1453 da E. C.)

## PRIMEIRO PERIODO (Fabuloso)

Na Grecia, como em quasi todos os paizes, precedeu a poesia a prosa: os primeiros poetas, conhecidos por *aedos*, erão sacerdotes e tomavão a divindade por objectos de seus cantos, ou hymnos. Recebião esses hymnos diversas denominações, conforme a applicação que se lhes dava: *o lino, o élino,* e o *étolino* erão verdadeiras elegias em que se deplorava a partida da primavera; *o péan*, um cantico jubiloso entoado em honra d'Apollo; *o hymineo* a exultação matrimonial.

Por muito tempo o *aedo* e o sacerdote constituião uma unica individualidade; mais tarde porém operou-se a scissão: *os aedos* quizerão ter existencia propria, tornarão-se artistas que trabalhavão para o publico, e sem deixarem de cantar os deuses celebravão tambem as façanhas dos heróes.

Orphêo foi o mais celebre d'esses *aedos;* mas sua existencia é por demais legendaria, sendo certo que nem Homero, nem Hesiodo fazem d'elle minima menção. Pensão alguns criticos que os hymnos que lhe são attribuidos pertencem ao periodo alexandrino, quando mais acesas andavão as polemicas entre o christianismo e o polytheismo. « E' evidente (diz o senhor E. Burnouf) que si jamais existiu algum homem chamado Orphêo, não fallava elle grego nem sanscrito, devendo exprimir-se n'uma lingua muito mais antiga d'onde estes idiomas tirão sua commum origem. Tiverão todavia razão os gregos em referir a Orphêo a origem da sua poesia e cantos sagrados; por isso que esse nome personificava, não só para elles, como para todos os povos da mesma raça, o hymno na sua accepção mais ideal, mais pratica, e ao mesmo tempo mais poderosa [1].

Aos *aedos* seguirão-se os *rhapsodos* (cerzidores de cantos) que, destituidos da faculdade imaginativa, contentavão-se com a recitação de alheios versos fazendo-a proceder de certos proemios, ou

[1] HISTOIRE DE LA LITTERATURE GRECQUE, tom. I

preludios, sob a fórma de hymnos sagrados. Houve entre os *rhapsodos* uma classe que tornou-se celebre sob a denominação de *homeridas*, e em grande parte deve-se-lhes a conservação dos poemas do maior genio hellenico. Com o lapso do tempo descurarão-se os *homeridas* da sua augusta missão reduzindo-a a um mister puramente mechanico.

## SEGUNDO PERIODO (Epico-Lyrico)

### POESIA EPICA

Homero: — Nada se sabe ao certo acerca da vida d'este grande poeta, cuja naturalidade chegou a ser disputada por sete cidades. Houve mesmo quem puzesse em duvida a sua existencia real, suppondo-o um mytho, ou um symbolo.

Largo tracto de tempo decorreo antes que a duvida abalasse a secular tradição que attribuia a Homero a paternidade da *Iliada* e da *Odysséa*. D'Aubignac e Perrault, em França, Wood em Inglaterra, Vico em Italia, e sobretudo Wolf na Allemanha, forão os campeões da seita demolidora; e com grande apparato d'erudicção sustentarão que os dois poemas havião-se formado successivamente e com grandes intervallos, que os seus cantos, ao principio distinctos, tinhão sido obra d'uma mesma familia de *aedos*, e a sua coordenação piedosa industria de Solon e Pesistrato.

Não nos permittem as acanhadas proporções d'esta obra entrar em discussões nem fundamentar a convicção em que estamos relativamente á existencia de Homero: temos para nós que a *Iliada* forma um todo symthetico; e não, como pensa Grote, a fusão de dois poemas diversos, um dos quaes mais propriamente se chamaria *Achilleida*; assim como que a *Iliada* e a *Odysséa* são obras do mesmo auctor; com a differença que a primeira fôra composta no zenith da idade veril e a segunda no occaso da velhice.

Poetas Cyclicos: — Chamavão-se poemas cyclicos os que versavão sobre a guerra de Troya, e cujos auctores se havião proposto a difficilima empresa de completar a obra de Homero. Alguns todavia houve que se apartarão d'esta trilha occupando-se com outros

assumptos v. g. com a expedição dos Argonautas. Em pouca conta forão sempre tidos taes poemas (hoje perdidos), e os criticos alexandrinos nem sequer os contemplarão na ordem dos classicos.

Hesiodo : — Reina sobre a existencia d'este poeta identica incerteza que acerca de Homero. Para uns é seu nome representante de toda uma familia de *aedos*, ao passo que para outros (cujo alvitre adoptamos) teve elle existencia autonomica ; não se podendo porém elucidar se vivera antes, ou depois de Homero. A principal obra que lhe é attribuida intitula-se *As Obras e os Dias*, verdadeiro tratado de agronomia que inspirou a Virgilio as suas admiraveis *Georgicas*. Crê-se que tambem em sua velhice escrevera um poema didascalico tendo por titulo *Theogonia*, o qual encerra tudo o que então se sabia a respeito da origem dos deuses, dos homens e do universo.

## POESIA LYRICA

Posto que, como já vimos, fossem lyricos os primitivos poetas nenhum d'elles adquiriu grande nomeada, se exceptuarmos os denominados *orphicos*, dos quaes pouco, ou nada sabemos. Em tempos mais visinhos viverão alguns de que vamos fazer expressa menção.

*Therpandro*: — Natural de Lesbos, tendo nascido 670 annos A. C., é considerado como pai da poesia lyrica. Deve-se-lhe o acrescentamento de tres cordas na lyra, que até então só tinha quatro ; e passa por inventor dos *Scholios*, ou canções bachicas, que os convivas, coroados de folhas de murta e loureiro, entoavão nas mesas dos festins. Consta que fôra quatro vezes victoriado nos certames musicaes, levando á palma aos mais afamados *aedos*.

Alcêo : — Tambem natural de Lesbos, e nascido 612 annos A. C. foi o inventor de um metro que ainda lhe conserva o nome, e celebrisou-se igualmente pelas suas canções eroticas, e especialmente pelos hymnos patrioticos, resplendentes de enthusiasmo, e coloridos de vivas e originaes imagens.

Sapho : — Celebre poetisa, compatriota e contemporanea do precedente, distinguiu-se pela vivacidade e delicadeza dos sentimentos,

bem como pela perenne melodia de seus versos que grangearão-lhe o epitheto de —*decima musa*. — Foi inventora d'uma especie de ode ainda hoje honrada com o seu nome. As circunstancias de sua vida são ignoradas pela verdade historica, que repudia as calumniosas imputações que lhe forão assacadas por haverem-na confundido com uma famosa cortesã, sua homonyma.

Erynna: — Discipula e amiga de Sapho, de quem tambem se crê conterranea, esforçou-se por seguir-lhe as pizadas conseguindo certa nomeada principalmente em composições hexametricas, em cujo metro escreveu um poemeto com o titulo de *Roca* ao qual derão os contemporaneos subido apreço.

Archilocho: — Nascido na ilha de Paros floresceu cerca de 600 annos antes da era vulgar. Ao merito d'eximio lyrico juntou o da invenção dos versos jambos, nos quaes compoz algumas satyras, caracterisadas por extrema acrimonia e virulencia. D'elle dizia Horacio: *Archilochum proprio rabies armavit jambo.*

Tirtêo: — Natural de Mileto e domiciliado em Athenas, foi contemporaneo do precedente, e adquiriu celebridade pelos hymnos bellicosos com que logrou dispertar o abatido animo dos lacedemonios na guerra contra os messenios.

## TERCEIRO PERIODO (Aureo)

### POESIA LYRICA

Concorreu poderosamente o estado prospero da Grecia e os louros que lhe cingião a fronte para o esplendor d'este genero que se inspira do enthusiasmo e dos mais elevados sentimentos do coração humano. Illustres poetas pulsarão a lyra no periodo em que vamos entrar, cujos nomes, selectos d'entre muitos outros, são os seguintes:

Simonides: — Viu a luz do dia na ilha de Cós, uma das Cycladas, no anno 555 A. C. foi um dos mais fecundos lyricos que tem existido; e, segundo um quadro votivo cuja inscripção elle proprio compuzera, vê-se que ganhou cincoenta e seis bois e outros tantas tripodes nos concursos poeticos. Foi elle quem deu a fórma

difinitiva aos hymnos triumphaes que se cantavão em honra dos vencedores nos jogos publicos. Onde porém Simonides sobrelevou-se foi na pintura do pathetico, e seus mais estimados cantos são os threnos, especificadamente o consagrado aos queixumes de Dánae. Seu principal merito, segundo Quintiliano, consiste n'uma certa amenidade e ternura com que sabia excitar a compaixão, levando assim no estylo pathetico a palma a todos os outros poetas que se distinguirão no mesmo genero de composição.

PINDARO: — Nasceu no anno 522 A. C. na pequena aldeia de Cynoscephalos, a curta distancia de Thebas. Pertencia a uma familia de musicos, e revelou precoce engenho compondo aos vinte annos de idade odes triumphaes em honra dos athletas. Como Simonides peregrinou por varias terras pondo sua lyra á disposições dos personagens que mais generosamente lhe retribuião. Não se pense porém que Pindaro fosse um mercenario, um traficante de versos, cumprindo não esquecer que os poetas gregos vivião das inspirações da sua musa, bem como entre nós os medicos, os advogados e outras classes da sociedade vivem do fructo de seu talento e estudo; além de que, quem se der a pena de manusear os escriptos que nos restão do cysne thebano conhecerá como sabia elle entremear encommios com advertencias, conselhos e até mesmo severas admoestações.

Releva outrosim que nos recordemos que suas odes cantadas em homenagem aos vencedores nos jogos e certames publicos, erão intercaladas de poesia e musica, e para fazel-as executar via-se obrigado a assalariar um corpo de cantores e coristas, o que lhe acarretava consideraveis despezas, como ainda hoje succede aos emprezarios dos nossos theatros e divertimentos publicos. A multiplicidade das suas composições lyricas até certo ponto determinava-se pela necessidade em que se achava de satisfazer as variadas peripecias da vida grega: assim pois sahirão-lhe successivamente da phantasia hymnos religiosos, dithyrambos, prosodias, ou canticos processionaes, partheneas, ou canções entoadas pelas virgens, hypocrenes, scholios, threnos, epénicios, etc., compostos nos varios dialectos usados em seu tempo. Pindaro é geralmente considerado como principe dos lyricos gregos; admiravel é a sublimidade de

seus pensamentos e valentia d'estylo; a obscuridade que se lhe nota procede do repetido emprego que fazia das metaphoras e allegorias. Sua falta de nexo é mais apparente do que real, ligando-se todos episodios por fios mais ou menos subtis.

## POESIA DRAMATICA

Foi pelo tempo de Pesistrato que nasceu em Athenas a poesia dramatica, a qual devera incluir todas as mais, desde a epopeia, grave e magestosa, até á satyra, burlesca e ultrajante. Dividirão-na os criticos gregos em tres especies: *a tragica, a comica,* e *a tragicomica,* ás quaes juntarão alguns o *drama satyrico.*

Estes dramas, correspondentes ás nossas *farças,* costumavão vir em seguida das *trilogias* e constituião o que se chamava uma *tetralogia.* Deveu-se o desenvolvimento do genero dramatico ao atheniense Thespis, contemporaneo de Pesistrato, que primeiro teve a ideia de dar fórmas regulares ao dithyrambo, cantado em louvor de Baccho, sobre cujo altar immolava-se um bode: foi elle quem imaginou tomar por objecto d'esse canto uma phase do mytho o dionysiaco pondo-a em acção emquanto o côro dansava e cantava. Thespis empregava nas suas tragedias um só actor, que, ora fallava só *(monologo)* ora provocava respostas do côro com o qual entretinha curtos *dialogos.*

Esse actor, a que os gregos appellidavão *respondente,* dirigia-se ao côro em versos cuja forma e substancia aproximavão-se ao metro lyrico. A representação da primeira tragedia *(Alcestes)* foi reputada facto de tal magnitude que mereceu ser gravado nos celebres marmores conhecidos pelas denominações de *Páros, Arundel,* ou *Oxford.* D'entre os tragicos, pertencentes a este periodo, escolheremos tres nomes e serão, os d'Eschylo, Sophocles, e Euripides.

Eschylo: — Nascido em Eleusis 525 annos A. C. aperfeiçoou a obra de Thespis introduzindo nella muitas e consideraveis reformas; não só quanto ao desenvolvimento da acção como ácerca do numero e qualidades dos actores, disposição das scenas etc. Escreveu, pouco mais ou menos, setenta tragedias; das quaes apenas existem

completas sete, e fragmentos de algumas outras. Caracteriza-lhes o terror, que nellas predomina, e as tetricas côres com que são desenhados seus quadros. Sua *Orestia*, trilogia formada das tragedias *Agamemnon, Choephoros e Eumenides*, é a maior obra dramatica que legou-nos a antiguidade.

Sophocles: — Em Colono, obscura aldeia das cercanias d'Athenas, nasceu no anno 498 A. C. o maior tragico da Grecia, e quiçá do mundo. Notavel pela belleza physica e precocidade de talento, foi escolhido aos dezoito annos para dirigir o côro de mancebos incumbidos de cantarem o hymno commemorativo da victoria naval de Salamina. Sophocles alcançou por vinte vezes a palma dramatica e num d'esses certames venceu a Eschylo, de quem avantajou-se pela mestria com que pintava as paixões e pelos generosos sentimentos que lhes prestava. Seus heróes nada tem de gigantesco e descommunal: são verdadeiros heroes humanos; estão alguns palmos acima de nós e collocados n'uma altura que os torna visiveis nunca porém monstruosos. Neste grande dramaturgo a escala tragica desceu ao tom em que a poesia não abdica a propria dignidade. Consta que escrevera mais de cem tragedias das quaes nos sobrão apenas sete inteiras e algumas fragmentadas.

Euripides: — Nascido em Salamina 480 annos A. C. completa a trindade tragica dos gregos. É inferior ao precedente na pintura do sublime mas leva-lhe ás lampas em delicadeza e sentimentalismo: com elle tornou-se a tragedia psychologica; mais exactas e profundas as analyses dos actos humanos, mais finos e graciosos os quadros. Ganhou em verdade o que por ventura perdera em grandeza ideial; o maravilhoso diminuio e quasi que desappareceu; os deuses não forão mais do que machinas dramaticas destinadas a acelerar o desfecho das peças, e jámais entidades fatidicas. Os antigos attribuião a Euripides avultado numero de tragedias das quaes infelizmente só dezoito nos restão.

*A comedia*, igualmente nascida do dithyrambo bacchico, deve seu nome á festa grotesca e popular da aldeia (*kome*), ou como outros pensão, á procissão e banquete orgiacos (*komos*). Crê-se que fôra Susarion, que viera se domiciliar em Athenas, pouco antes da época de Thespis, que reunira n'uma certa ordem

os principaes elementos do dithyrambo comico, introduzira no canto mais alguma regularidade destacando do côro um personagem identico ao *ypokrites* de Thespis. D'entre os successos de Susarion o que melhor merece fixar nossa attenção é:

ARISTOPHANES: — Julga-se que viera ao mundo 460 A. C. na ilha de Rhodes, ou na d'Egina, escolhendo Athenas para sua residencia. Ninguem o excedeu na opulencia da ideia, propriedade e chiste da expressão bem como na pureza de linguagem. Exprobra-lhe a critica o não respeitar sempre as leis do decóro; já na pintura dos caracteres, já no descomedimento da phrase. Não poupou com seus crueis sarcasmos as mais puras e illibadas reputações como as de Socrates e Pericles, e para lisongear o vulgacho afivelou a mascara do histrião. Julgou-o por isso Plutarcho com demasiada severidade, dizendo d'elle — que não escrevera para agradar á gente honesta e sensata, e sim para favorecer a inveja, a maledicencia e a devassidão. — De sessenta peças que compunhão o seu repertorio só existem onze, sendo d'entre ellas mais estimadas as que tem por titulos *As Rãs, As Vespas* e *As Nuvens*.

## HISTORIA

Foi este o primeiro genero de composição em prosa. O desenvolvimento das instituições liberaes e o activo commercio das cidades jonias exigirão que fossem em documentos authenticos exarados os direitos individuaes, organisando-se um quadro exacto das relações dos povos entre si, bem como do movimento interno dos seus negocios. Procedeu d'ahi a necessidade d'indagar-se a origem das cidades e suas longinquas colonias. Os primeiros que se occuparão com semelhante mister forão chamados chronistas (*logographos*), sendo o mais antigo Cadmo de Mileto, que viveu no VI seculo A. C. Seguirão-se-lhe Dionysio, Acusilão, Hecateo, Hellenico, Pherecydes, e alguns outros que narrarão as origens de suas respectivas patrias, sem comtudo extremar a verdade do joio fabuloso.

HERODOTO: — Nascido em Haliccarnasso (cidade da Caria) 484 annos A. C. preparou-se por longas viagens para realizar o plano que concebera d'escrever uma historia completa da raça hellenica.

Visitou o Egypto, a Lybia, Phenicia, Babylonia, Persia, e de volta recolheu-se á ilha de Samos, onde, na maior paz d'espirito coordenou seus apontamentos e aproveitou-se das pesquizas e observações que fizera. Deu preferencia ao dialecto jonico para nelle escrever sua monumental obra, dividida em nove livros, (cada um d'elles dedicado a uma musa) abrangendo um periodo de duzentos e vinte annos. Manuseára Herodoto os annaes de todos os povos civilizados, (então conhecidos) fazendo servir esse immenso cabedal para maior interesse da sua historia, a qual todavia condensa-se na narrativa da colossal lucta travada entre o Oriente e o Occidente representados pelas nacionalidades persa e grega. Nesse antagonismo está toda a unidade do plano que todavia não exclue uma infinidade d'episodios, repletos d'interesse, pela viva pintura que tração dos usos e costumes de varios povos e pictoresca descripção de muitos sitios e lugares importantes. È uma vasta epopéa, ou antes um drama, no gosto indiano, sempre attrahente, sempre instructivo. Recommenda-se-lhe o estylo pela inalteravel simplicidade e melliflua doçura que tanto agradou aos contemporaneos, que lhe deferirão honras e distincções até então desconhecidas.

THUCYDIDES : — Descendente por seu pai dos reis da Thracia e por sua mãi do famoso Melciades (o vencedor de Marathon), viu a luz na cidade de Athenas 470 annos A. C. Occupou na sua patria os mais honrosos lugares, e entre elles o de general do exercito expediccionado contra os lacedemonios, ao mando de Brásidas. A perda da batalha d'Amphipolis acarretou-lhe o desfavor dos athenienses que o condemnarão ao exilio. Retirando-se á Thracia, onde possuia ricas minas de prata, occupou-se com sua exploração consagrando os ocios ao estudo e observação dos publicos negocios. Permittindo-lhe os meios pecuniarios de que dispunha manter numerosos e habeis correspondentes era informado miudamente do que se passava ; e assim poude acompanhar todas as peripecias da guerra do Peloponeso, da qual constituiu-se historiador. Seu principal caracteristico é a imparcialidade ; por isso que, oriundo de familia nobre e sectario das ideias de Pericles, faz largas concessões ao espirito novo, cada vez mais impregnado de democracia. Invidou todos os esforços para arredar da historia dois elementos que

lhe são igualmente funestos (a legenda e a poesia) e como philosopho indagou as causas dos acontecimentos que narrava; repudiando as sobrenaturaes. É apontado o seu estylo como o modelo mais bem acabado do puro atticismo e Demosthenes rendeu-lhe honrosissima homenagem chegando a copiar até sete vezes a sua inimitavel *Historia da Guerra do Peloponeso*.

Xenophonte: — Compatriota de Thucydides veio ao mundo 445 annos A. C. Na idade de dezoito annos começou á ouvir ás lições de Socrates que lhe salvou a vida na batalha de Delium. Arrastado por um espirito romanesco e tambem pelo desejo de se instruir alistou-se no exercito de Cyro, o Moço, e depois da mallograda batalha de Cunaxa foi o planeador e chefe da famosa *retirada dos dez mil*. A narrativa de tão memoravel acontecimento fê-la Xenophonte n'uma preciosa obra a que deu o titulo *d'Anabasis* (retirada) que considera-se como a mais selecta de suas obras. Nos sete livros em que se divide jamais fraqueia o interesse; os retratos, comprehendido o de Cyro, são de extrema semelhança; e as fallas e proclamações convinhaveis a um exercito, composto, em grande parte, de aventureiros. A' largos traços descreveu as regiões que percorrera, e bosquejou os usos e costumes dos habitantes; mas o que sobretudo o recommenda é a summa modestia com que fallou de si, deixando na sombra os relevantes serviços que prestára aos seus compatriotas, em bem aziagos transes.

Outra obra historica de Xenophonte é a que tem por titulo *Hellenicas* nas quaes propoz-se continuar a *Historia da Guerra do Peloponeso* de Thucydides. No consenso unanime dos criticos esta obra, aliás interessante pela exposição de grande numero de factos occorridos no espaço de quasi meio seculo, ressente-se de falta de nexo e da imprescendivel imparcialidade. Verdade é que foi composta quando o auctor contava mais de oitenta annos, no seu exilio d'Elide, onde acumulára todos os odios e ressentimentos contra a sua ingrata patria. È sempre nelle apreciavel o estylo por causa d'essa melodiosa fluencia que lhe merecera a qualificação de *abelha attica*. « A sua linguagem, diz Quintiliano, parece dictada pelas graças e com muita razão se lhe poderia applicar o que d'antiga

comedia dissera de Pericles — que a deusa da persuasão residia em seus labios. — »

## ELOQUENCIA

A eloquencia grega é tão antiga como a propria Grecia: já existia ella nos conselhos dos reis de que nos falla Homero, e quando as monarchias cederão o passo ás republicas ainda mais necessaria se fez; porque foi principalmente pelo dom da palavra que Lycurgo, Draco, Solon e Pesistrato conseguirão dar leis aos compatriotas. Foi ella que assegurou os triumphos e a legitima influencia de Themistocles, Aristides e Pericles, cognominado — *olympico* — pela magestade do gesto e irresistivel força d'argumentação. Os oradores d'esses primitivos tempos erão chamados: — *espontaneos* —; porque em si proprios encontravão inspirações, e nada devião á estranha influencia. Com o lapso dos annos a arte foi chamada para aperfeiçoar e corrigir a natureza começando d'esd'então o predominio dos — *rhetoricos*. — Diz-se que Empédocles d'Agrigento fôra o primeiro que coordenára o fructo da experiencia em certo numero de regras e conselhos, tendo por continuadores Corax, Tisias, e o leontino Gorgias, que tendo ido a Athênas n'uma embaixada ahi abriu um curso mui frequentado pela mocidade estudiosa da epoca. D'esse rhetorico restão-nos apenas dois discursos — o *Elogio de Helena* e a — *Apologia dos Palamedes* — cuja authenticidade é todavia por demais contestada. Dos discipulos da escola siciliana o mais celebre foi Lysias, que viveu no tempo da guerra do Peloponeso e a quem são attribuidos grande numero de discursos nos quaes (segundo o dizer de Dionysio de Halicarnasso) buscava antes a utilidade da causa que defendia do que a ostentação do seu engenho e o deleite dos ouvintes. Em prologos de muito louvor é tambem citado o nome d'Isocrates, nascido no anno 436 A. C. na capital d'Attica. Parece porém que jamais subira ás tribunas dos oradores, que magestosas erguião-se na praça publica (*agora*), e que a sua natural timidez e pouca flexibilidade do orgão da voz vedarão-lhe de tomar parte nos grandes pleitos da palavra. Prescindindo da enumeração de quantos adquirirão nesse genero justa

nomeada, por não no-lo consentir a estreiteza do espaço de que dispomos, occupar-nos-hemos tão sómente com dois nomes que incontestavelmente representão a eloquencia neste periodo.

Demosthenes : — Nascido n'uma pequena villa d'Attica no anno 385 A. C. foi em sua mocidade discipulo de Platão e de Isêo ; ensinando-lhe o primeiro philosophia e o segundo rhetorica. Estreou sua carreira oratoria ganhando perante a assemblea do povo a causa que intentára contra seu tutor, que lhe malbaratára o patrimonio. Como orador politico não conheceu rival n'antiguidade : ninguem se lhe aproximou na energia e impetuosidade com que esmagava o adversario. Nas *Olynthias* ergueu altivo brado contra as tentativas audaciosas de Philippe e quando baqueou o primeiro baluarte da liberdade grega possuiu-se de generosa indignação e denunciou nas famosas arengas, conhecidas pelo nome de *Philippicas*, todos os tenebrosos planos do monarcha macedonio, logrando, posto que tarde, despertar os athenienses de seu culpavel somno. No *processo da corôa*, suscitado por Eschines, n'apparencia contra Cetesiphonte mas na realidade contra Demosthenes, elevou-se este ao pinaculo da eloquencia anniquilando seu adversario sob o peso da mais implacavel logica e pungente ironia. Vigoroso dialectico não desprezava as graças do estylo, juncando de olorosas flores a arena da discussão e no pouco que possuimos de tão fecundo engenho póde cada qual julgar si exagerada é a fama que lhe circumda o nome.

Eschines : — Nascido em Athenas 393 A. C. foi em seus principios athleta, comico ambulante, e amanuense, ou secretario d'um magistrado. Contava já quarenta annos quando pela primeira vez subiu á tribuna, e ahi adquiriu tanto renome que poude ser considerado como o principal émulo de Demosthenes. As calorosas discussões entre os dois famosos oradores, representantes de principios extremos, lanção brilhante luz sobre os derradeiros momentos da liberdade grega. Pede porém a equidade que não tomemos por veredictos da historia os apódos e injurias que reciprocamente se arremessarão esses implacaveis adversarios : ambos ambicionarão a felicidade da patria, e ambos para servi-la não se envergonharão de receber o ouro estrangeiro : Demosthenes dos persas, e Eschines dos macedonios : no conceito do primeiro o grande rei era o

mais legitimo e desinteressado amigo d'autonomia hellenica; ao passo que para o segundo representava Philippe o principio d'auctoridade, que só podia deter a onda democratica em sua destruidora invasão. No celebre *processo da embaixada* teve a ventura de provar evidentemente quão infunda era a accusação de haver atraiçoado a patria, que, n'um momento de despeito lhe arrojára Demosthenes. Não lhe correu porém tão favoravel *o processo da corôa*, em que já fallamos, onde sendo supplantado, viu-se constrangido a exilar-se, buscando na ilha de Rhodes asylo para seus cançados annos. Os tres unicos discursos que d'elle nos restão forão appellidados — *as tres Graças* ; — mas o abalisado critico Quintiliano censura-o de ser mais imaginoso do que logico, ou na sua pictoresca expressão, *de ter mais carne do que musculos,*

## QUARTO PERIODO (Alexandrino)

Recebeu este periodo a denominação de—*alexandrino*—,porque o vulto que mais nelle predomina é o de Alexandre, filho de Philippe de Macedonia. Sabe-se que, nomeado generalissimo dos gregos alcançou á frente d'um pequeno exercito, esplendidas victorias sobre Dario, conseguindo com extrema facilidade derribar esse colosso de pés de argila que se denominava—*imperio persa*—. A morte do heroe macedonio no verdor dos annos, e as porfiadas luctas travadas entre seus generaes, ambiciosos de succeder-lhe, reflectiu sobre o desinvolvimento intellectual da Grecia anticipando-lhe os symptomas de decadencia. Como por encanto desapparecerão os grandes engenhos, e no resequido e sáfaro vergel apenas se poderá colher um, ou outro, serodio fructo.

Inventariemos esse fraco espolio.

### POESIA LYRICA

Callinacho :—Natural de Cyrene, cidade grega da Lybia, floresceu no terceiro seculo A. C. e passou em seu tempo pelo primeiro lyrico. Temos d'elle alguns epigrammas e hymnos religiosos que muito apreciava Ovidio em seu desterro de Tomes. Na traducção

de Catullo podemos julgar do merito do poemeto intitulado—*Madeixa de Berenice* parecendo-nos que a erudicção e a sciencia do mythologo offuscão as graças e a frescura da imaginação do poeta.

## POESIA BUCOLICA

Esta especie de poesia, desconhecida, ou antes menospresada nos melhores tempos da litteratura grega, crê-se ser indigena da Sicilia. Era originariamente o *canto dos boiadeiros* (*boukolos*) e por extenção dos pastores. N'aridez d'inspirações e originalidades que caracterisava os poetas alexandrinos foi bem acolhida a ideia de naturalisar esse perigrinismo, pedindo aos zagaes e pescadores quadros de seus *castissimos e innocentes amores*, em contraste com a *desenvoltura e immoralidade dos cidadãos*. Na côrte dos Ptolomeos germinou essa exotica planta, cultivada pelas mãos de Theocrito, Bion e Moscho.

Theocrito:—Natural de Syracuza, na Sicilia, foi condiscipulo de Ptolomeo Philadelpho no curso do famoso professor Philetas, (de Cós), e sendo attrahido á côrte do monarcha egypcio passou ahi grande parte de sua existencia, indo todavia termina-la na patria. As mais conhecidas e justamente celebres das suas poesias são os *idyllios* [1], ou poemas pastoris e piscatorios.

« O verdadeiro talento de Theocrito (diz o senhor E. Burnouf) consiste na delicada pintura que soube fazer dos sitios e phenomenos naturaes: ha nas suas peças bucolicas verdadeiro sentimento das montanhas e pastios, e no canto dos seus pescadores percebe-se um echo longinquo e apagado das ribas do mar.

A Sicilia com suas praias e montanhas deixára n'alma do poeta impressões gravadas em seus sempre tão maviosos versos. Foi como pintor da natureza que deliciou aos contemporaneos e mereceu servir de modelo aos demais poetas bucolicos » [2].

[1] A palavra idyllio (*eidyllion*) é um diminuitivo de *eidos* que significa imagem. O idyllio é pois uma imagem resumida, ou esboço d'um pequeno poema de qualquer genero, especialmente do pastoril.

[2] Histoire de la Litterature Grecque, tom. II.

Bion:—Natural Smyrna e contemporaneo de Theocrito, foi um de seus mais ardentes admiradores, imitando-lhe as bellezas e as vezes tambem exagerando-lhe os defeitos. O favoravel juizo, que a respeito d'este poeta, emittiu a douta antiguidade devera basear-se em composições hoje perdidas; porquanto pouco proprios são para adquirir-lhe fama os seis idyllios que d'elle nos restão, com unica excepção da pathetica elegia dedicada á morte de Adonis. « Este poema (pensa o senhor A. Pierron) é gracioso, tocante, cheio de doces sentimentos e ternas imagens.

« Ha nelle uma scena verdadeiramente pathetica que inspirou a Tasso um dos seus mais admiraveis quadros: Venus chega junto a Adonis moribundo como Hermione junto a Tancredo; a expressão da dôr e da angustia da amante não é menos pungente e verdadeira nos versos do poeta grego do que nos do eximio poeta italiano. » [1]

Moschio:—Sabe-se apenas em relação a este poeta que fôra compatriota de Theocrito e discipulo de Bion. Sob o titulo d'idyllios, compoz canticos funebres, fragmentos epicos, epithalamios, etc., parecendo com isto indicar que não prendia a especie bucolica nos estreitos limites que mais tarde lhe traçou Virgilio. A narrativa pictoresca e delicada do *Rapto d'Europa* é considerada como a mais selecta de suas composições.

## POESIA EPICA

Apollonio de Rhodes:—Natural de Naucrate no Egypto deveu a designação de *Rhodio* á sua longa residencia nessa importante ilha, onde leccionou rhetorica com grandes applausos. Em florescentes annos escreveu um poema epico, dividido em quatro cantos, ao qual deu a denominação de *Argonautica*. A despeito das virulentas criticas de Callimacho passa este poema pela obra prima da escola alexandrina e pela melhor apopéa depois das de Homero. Ainda que desprovida da *vis epica* recommenda-se por algumas finissimas pinturas a *verbi gratia* e da paixão de Medéa, bem como pelo esmero com que curou na fiel expressão dos sentimentos e na pureza da linguagem.

[1] Histoire de la Litterature Grecque.

## POESIA DRAMATICA

Operou-se n'este periodo grande transformação na comedia, que depois de ter sido *pessoal* em Aristophanes, *allegorica* em Antiphanes, tornou-se *typica* em Menandro. A primeira phase foi denominada *antiga*, a segunda *media* e a terceira *moderna*. D'esta ultima é ligitimo e natural representante.

Menandro:—Nascido em Athenas 342 annos A. C. foi discipulo do celebre Theophrasto, auctor dos *Caracteres*, cujas doutrinas buscou conciliar com as d'Epicuro, ainda então em sua primitiva pureza.

Esmerou-se Menandro em pintar a fragilidade da natureza humana no proposito de realçar o merito da sabedoria e a serenidade d'alma. Plutarcho admira a finura e graça naturaes com que este distincto poeta soube aprazer aos coetaneos, sem nunca fazer sacrificio das leis do decóro, como seu émulo e predecessor Aristophanes. Cumpre porém, attender á differença dos tempos em que viverão estes dous dramaturgos e á influencia das ideias predominantes.

## HISTORIA

Polybio:—Natural de Megalopolis (n'Arcadia) e nascido 204 annos A. C. foi filho d'um dos chefes da *liga achaica*, e representou importante papel nos acontecimentos que decidirão da sorte da Grecia. Levado a Roma como refens ahi conservou-se por espaço de dezesete annos, travando intimas relações com alguns membros proeminentes da aristocracia, e nomeadamente com Scipião Emiliano que lhe votou particularissima affeição. Serviu-lhe de muito esta illustre amizade para a realisação do plano que ideára d'escrever uma historia universal, franqueando-se-lhe todos os archivos e facultando-se-lhe meios de emprehender longas viagens afim de colher materiaes para sua colossal obra, que sob o titulo de *Historia Geral* publicou apoz muitos annos de aturado estudo e serias cogitações.

Dividida em quarenta livros encerrava uma verdadeira encyclopedia historica sendo para lamentar que d'elles apenas tenhão podido subsistir cinco completos e alguns trechos importantes descobertos pelo sabio cardeal Angelo Mai. Polybio foi o creador d'um methodo d'escrever a historia, por elle appellidado *pragmatico*, que consiste na apreciação das causas d'onde dimanarão os acontecimentos, as circunstancias que os modificarão, e as consequencias que d'elles se deduzirão. Seu estylo, se bem que por vezes descurado, não deixa de avantajar-se por uma certa doçura e ingenuidade.

### ELOQUENCIA

O tumulo da liberdade está vizinho do da verdadeira eloquencia; por isso não encontramos *agora* senão sophistas e declamadores. Entre estes grangeou singular nomeada.

Demetrio de Phalera:—Depois de haver exercido pela sua fecundia subida influencia chegando a occupar a primeira magistratura em sua patria (Athenas) foi obrigado a exilar-se devendo a serenidade dos derradeiros dias a generosa e esplendida hospitalidade de Ptolomeo Sotero, a quem muito ajudou na organisação da celebre bibliotheca de Alexandria. Gozou dos fóros de orador diserto e escriptor de apurada elegancia.

## QUINTO PERIODO (Greco-Romano)

Este periodo, tambem conhecido pelo da *decadencia*, começa na tomada de Corynthio por Lucio Mummio e a reducção da Grecia á provincia romana, sob o nome de Achaia. « Além da perda da sua independencia (pondera o senhor Viale) teve tambem de chorar a de seus mais preciosos thesouros, as obras primas das bellas artes, de que foi quasi totalmente despojada pelos novos dominadores. Todavia no seio de tantos desastres alguma compensação lhe foi reservada pela Providencia: o povo vencido conquistou o povo vencedor. Confessa-o expressamente o poeta venusino, aliás tão

incendido em enthusiasmo patriotico, o auctor do *Carmen Seculare*, o amigo de Mecenas, o protegido, de Augusto. » (1)

## POESIA DIDATICA

EPIGRAMMA : — Esta especie de poesia, meio lyrica, meio didactica, designou ao principio uma pequena composição na qual se enunciava um pensamento engenhoso em limitadissimo numero de versos. Figurava algumas vezes nas inscripções tumulares, e era synonymo *d'epigraphe*. Os poetas de boa nota, desde Archilocho até Callimacho, não desdenharão de consagrar-lhe seus ocios : o primeiro porém que lembrou-se de colligi-los n'uma *anthologia* ou *florilegio*, foi Meleagro, que floresceu cerca de cem annos A. C. Deu á sua collecção o titulo de *Corôa d'Epigrammas*, incluindo nella varias composições de mais de quarenta poetas, em cujo numero sobresahem as proprias, distinctas pela sua mimosa elegancia.

## HISTORIA

Mais capazes de resistir aos miasmas da corrupção do gosto e da decadencia litteraria contou este periodo alguns historiadores, dignos de singular menção, e entre outros os seguintes :

DIONYSIO DE HALICARNASSO : — Veio ao mundo no anno 54 A. C. na pequena cidade d'Asia Menor, cujo nome lhe serviu d'appellido. Em sua mocidade dirigiu-se á Roma, onde residiu até á epocha de sua morte, leccionando ahi rhetorica e consagrando seus lazeres ao estudo das antiguidades da sua patria adoptiva. Levarão-no esses estudos ao commettimento de uma obra de vastas dimensões denominada *Archeologia Romana*, distribuida em vinte livros, contendo os fastos da senhora do mundo, desde os seus primordios até á primeira guerra punica. De tão precioso repositorio salvarão-se apenas os onze primeiros livros, e alguns fragmentos colligidos por

[1] Manual Historico da Litteratura Grega annexo á Miscellanea Hellenico. — Litteraria.

industria d'esse mesmo cardeal Mai, de quem já fallamos. A critica censura a Dionysio de haver em mais d'um lugar sacrificado a verdade á rhetorica, sua extrema credulidade e propensão para o maravilhoso, bem como de certa prolixidade nas arengas e descripções. Não lhe recusa porém gabos pela elegancia e fluencia da phrase e vivo colorido das imagens, posto que nem sempre soubesse manter illesas tão apeteciveis qualidades.

Diodoro de Sicilia: — Nascido na pequena cidade d'Argyrio (Sicilia) foi contemporaneo de Cesar e de Augusto. Escreveu uma volumosa compilação historica denominada *Bibliotheca Universal*, dividida em quarenta livros. Nota-se-lhe falta de criterio na coordenação dos factos e principalmente na sua apreciação. A estima de que até hoje tem gozado esta obra provem-lhe em maxima parte d'encerrar documentos que algures não são encontrados, trechos de auctores, hoje infelizmente perdidos, minudencias e particularidades escapadas aos seus predecessores. Estes predicados compensão os estudiosos do tedio inherente ao seu estylo, abundante e derramado. Quinze livros completos e alguns fragmentos é tudo o que nos sobra da *Bibliotheca Universal*.

Plutarcho: — Natural de Cheronéa (Beocia) nasceu cincoenta annos depois da vinda de Christo. Seguiu em Delphos as licções do philosopho Ammonio e depois de haver emprehendido longinquas viagens encaminhou-se a Roma, onde ensinou com grande aceitação, sendo seus cursos frequentados pela nata da juventude. Coube-lhe a honra de ser preceptor de Adriano, que sempre votou-lhe estima e consideração. Verdadeiro polygrapho escreveu sobre varios assumptos philosophicos, moraes e scientificos; sendo porém a mais justamente celebre de suas obras a intitulada *Vida dos Homens Illustres*, ou biographias de quarenta e seis varões distinctos de Grecia e Roma, quasi todas (com excepção de cinco) acompanhadas do parallelo entre um grego e um romano. « Plutarcho (dizia J. J. Rousseau) possue a admiravel arte de pintar os grandes homens nas menores particularidades: é tão feliz na escolha de seus rasgos que muitas vezes uma palavra, um sorriso, um gesto, bastão para caracterisar um heroe. » Foi em summo gráo dotado

do talento narrativo, e suas biographias assemelhão-se á essas praticas intimas em que um velho amigo nos entretém ácerca dos homens e dos acontecimentos de seu tempo. »

## SEXTO PERIODO (Byzantino)

A mudança da capital do imperio das margens do Tibre para as do Bosphoro, operada por Constantino, trouxe profundas modificações na vida politica, social e litteraria dos povos submettidos ao seu sceptro. Na recente capital não tardou a predominar o elemento grego; e Athenas, bem que em extremo decahida do prisco fulgor, continuou a ser a metropole intellectual, pela lingua, monumentos e tradições. A antiga Byzancio, rejuvenescida sob o nome de Constantinopla, attrahia por sua posição geographica uma população cosmopolita, que trazendo-lhe o concurso da corrupção, contribuia por outra parte para derramar o bom gosto artistico e litterario. O thermometro da decadencia attingira ao seu derradeiro gráo; assim custa á respigar nessa requeimada seára alguma obra merecedora das honras da commemoração.

### POESIA EPICA

Nonno: — Natural de Panopolis (no Egypto) viveu pelos fins do IV, ou começos do V seculo da E. C. Havendo-se domiciliado em Alexandria compoz uma colossal epopéa de vinte e um mil versos a qual chamou *Dyonisiacas*. Revelou nessa obra grande copia de conhecimentos, utilisou-se de quanto então se sabia relativamente aos povos do Oriente, com especialidade os das ribeiras do Ganges e do Indo. É um poema antes cyclico do que epico, onde fulgurão quadros pictorescos, illuminados pelos raios da imaginação; o estylo é agradavel; facil e fluente a metrificação.

Quinto de Smyrna: — Ignora-se a data do nascimento d'este poeta que havendo em tenros annos sido pastor cedeu aos impulsos d'irresistivel vocação; e, largando sanfonina e o cajado entrou para a escola de Nonno onde applicou-se ao estudo de philosophia e

rhetorica. Phantasiou a traça de um gigantesco poema com o titulo de *Parilepomenos á Homero*, que nada menos era do que a continuação da Iliada até ao regresso dos capitães gregos aos seus lares. Assignala-se este poema por uma tediosa symetria, e pela absoluta carencia de inspiração. Cumpre todavia reconhecer e confessar que o auctor invidára os maiores esforços para imitar o estylo de Homero, tornando-se outrosim benemerito pela belleza e correcção de linguagem.

## ROMANCE

Constituem os romances dos ultimas e menos conhecidas partes da litteratura grega. Grande incertesa reina á respeito da epocha em que fizerão sua primeira apparição; assim como ácerca dos nomes dos seus auctores; por isso que muitas vezes recorrião aos pseudonymos, ou cryptonymos. Nessas tardias composições força é reconhecer duas series, ou categorias; uma puramente hellenica, e outra oriental.

A' frente da primeira serie collocaremos Aristides de Mileto, auctor das *Fabulas Milesias*, e da segunda serie Achilles Tacio, ou Stacio, que julga-se vivera no III ou IV seculos da E. C. Deve-se-lhe um romance (por vezes licencioso) tendo por titulo *Amores de Clitophante* e de *Leucippe*, escandaloso abuso do talento que possuia de descrever e narrar. O romance porém mais essencialmente grego é o intitulado *Daphne* e *Chloé*, bellissima pastoral de auctor desconhecido. Como fiel e graciosa pintura da vida campesina é muito superior aos idyllios de Theocrito, realçando-se ainda por haver nelle introduzido os folguedos da puericia em suas tão donosas como ingenuas practicas.

## ELOQUENCIA

Abafara a voz dos oradores o despotismo governamental; e a perda da nacionalidade grega tornára impossivel a vida politica ao povo mais espirituoso d'antiguidade. A revolução social conhecida pelo nome de christianismo quebrou os sellos do sepulchro em que

jazia a arte de Demosthenes e d'Eschines, e sob a influencia de novas ideias fe-la resurgir transfigurada e magestosa nas caracteristicas individualidades dos oradores sagrados. Para sermos breve apenas citaremos os nomes de:

S. Gregorio de Nazianzo: — Nascido nessa pequena cidade da Capadocia, trezentos annos depois da vinda de Christo, revelou prematuro engenho, e subindo gradualmente na hierarchia ecclesiastica chegou a sentar-se na cadeira patriarchal de Constantinopla. Como orador distinguiu-se pela agudeza dos conceitos e opulencia de dicção, e como escriptor legou-nos cerca de cincoenta *sermões e homilias*, além de alguns poemetos sobre assumptos religiosos em extremo apreciados pelo erudito Fénélon.

S. João Chryzostomo: — Veio ao mundo no anno trezentos e quarenta e sete da E. C. e mereceu dos contemporaneos pela sua prodigiosa eloquencia a autonomasia de *boca d'ouro*. Foi o maior lustre da tribuna sagrada no IV seculo e o primeiro ornamento do pulpito grego; rivalisou algumas vezes com Demosthenes na sublimidade das inspirações arrojo e colorido da phrase e na nunca desmentida pureza d'elocução; qualidades estas que parecião antinomicas na época em que vivia.

# LIVRO TERCEIRO

## LITTERATURA LATINA

Apezar de certas affinidades de origem e clima a raça latina não possuia essa inexhaurivel riqueza de imaginação que nos bellos seculos da Grecia expandiu-se por todos os generos da poesia, inspirando tantos e tão prodigiosos primores. Roma distinguia-se por outros attributos: laboriosa e guerreira contrahiu e obteve habitos imperiosos do regimen militar, gravidade patricia e sacerdotal, e tendencias economicas, quiçá avaras, que lhe haviam dado a pobreza campestre. A gloria da litteratura latina é de ter sabido exprimir com dignidade taes caracteres, mais solidos do que brilhantes; e ainda mais nos seus mais gloriosos dias resentiu-se da natural rudeza de uma nação composta de lavradores e soldados.

Em quatro periodos pode-se dividir a historia d'essa litteratura: o primeiro começa no fim da primeira guerra punica acaba na morte de Sylla (de 241—79—A. C.); o segundo, denominado *aureo*, se estende da morte de Sylla até a de Augusto (de 79 A. C. a 14 E. C.); o terceiro abrange o tempo decorrido desde Augusto até o seculo dos Antoninos (de 14—139 E. C.); e o quarto começando com os Antoninos e acabando com a ruina do imperio do Occidente (de 139—476 E. C.)

### ORIGENS

Não se deve procurar em Roma, nos cinco primeiros seculos de sua existencia, as sublimes inspirações religiosas e moraes d'esses *interpretes sagrados dos deuses*, como os denomina Horacio, que

civilisavão por seus cantos os povos de Grecia, iniciando-os no mundo superior das divindades e dos genios. Ocupava-se mais em lavrar e combater do que em investigar a origem e as leis da natureza, ou em celebrar o deslumbrante espectaculo dos céus e da terra. Não sabia cantar heróes, nem commemorar legendas; não possuia Orpheos, Homeros, nem mesmo Herodotos: o *canto dos irmãos Arvallos*, os *hymnos dos sacerdotes salios*, e *as canções fesceninas*, e as *atellanas*, formavão todo o seu peculio poetico; em quanto a prosa balbuciava as primeiras syllabas nos *Annaes* e *Livros dos Pontifices* onde se registravão os mais importantes acontecimentos, os bons e máos presagios, os triumphos e revezes nacionaes, a fundação dos templos, etc.

*O canto dos irmãos Arvalos* é contemporaneo das primitivas instituições religiosas de Roma. Formavão esses irmãos um collegio de doze sacerdotes, cuja fundação attribue-se a Romulo, e todos os annos, pelo tempo da primavera, fazião uma procissão pelos campos, afim de obter dos deuses abundantes colheitas. [1]

« O latim do *canto dos Arvalos* e dos raros fragmentos que nos restão do dos Salios (diz Mommsen) era considerado pelos philologos do seculo de Augusto como os seus mais antigos monumentos linguisticos. Estavam para o latim das XII Taboas na mesma proporção que a lingua dos *Niebelungen* está para o allemão de Luthero: e tanto na substancia, como na fórma, podem ser muito bem equiparadas aos Vedas da India. [2]

*Cantos Salios* chamavão-se os hymnos ou antes litanias, entoados pelos sacerdotes salios, instituidos por Numa Pompilio, em honra de Marte, e aos quaes estava confiada a guarda dos escudos sagrados. « Devem este nome (diz Plutarcho) aos saltos que dão quando no mez de Março levão processionalmente pelas ruas de Roma os escudos sagrados, vestidos de tunicas de purpura, ornadas de grandes talabartes de bronze, toucados de capacetes do mesmo metal

[1] Seu nome deriva-se do vocabulo latino — *arvum* —, que significa — campo de lavoura —.

[2] *Histoire Romaine* tom. I.

e fazendo resoar os seus escudos com as laminas de suas curtas espadas. » [1]

*As Canções Fesceninas* formavão-se de coplas alternadas [2] que se cantavão nas festas publicas ou particular em cujas canções dominava o gracejos muitas vezes degenerando na mais desenfreada licença. A origem d'essas canções remonta-se a uma epocha anterior á separação das raças; porquanto o elemento poetico manifestou-se sempre nas festas e dansas folgazãs (*saturæ*) do carnaval popular, onde bandos de dansadores regulavam seus passos pelas modulações de um canto, ou recitativo, rude embryão da comedia, ou drama vulgar. [3]

As *Atellanas* erão farças ou comedias burlescas, que devião seu nome a Atella, cidade dos Oscos, (na Campania) onde forão inventadas. Representavão os costumes das classes infimas e algumas vezes caracteres geraes, a respeito do enredo assemelhavão-se essas peças ás peças que os italianos chamavão *imbroglios*. Nas atellanas romanas havia sempre um personagem ridiculo que fallava osco, ao passo que os outros dialogavão em latim. Introduzidas pelo fim do IV seculo forão muito apreciadas pelos mancebos das principaes familias patricias, que não se dedignavam de representa-las mesclando-as com algumas importantes modificações; e pretende-se que o rispido dictador Scylla escrevera algumas em seu dialecto materno, isto é, no campanio.

## PRIMEIRO PERIODO

Acabára Roma a conquista da Italia e preparava-se para a do mundo então conhecido. Apoz um seculo de luctas esmagou Carthago, submetteu a Grecia, que vencida materialmente, triumphou pela intelligencia, fazendo surgir do seu contacto a litteratura romana, ou latina.

[1] *Vida de Numa Pompilio.*

[2] *Fescennina per hunc inventa licentia morem — Versibus alternis opprobria rustica fundit* (HORATIUS — Epist. — vers. 145.)

[3] Derivão uns a palavra — *fescennino* — de Fescennina, cidade da Etruria, e outros do vocabulo latino *fascinum* que quer dizer — malificio —

## POESIA DRAMATICA

Livio Andronico: — Deveu-se a este grego de Tarento, levado a Roma como escravo, a primeira representação de uma peça do theatro, effeituada no anno 240 A. C. Traduzio, ou imitou, cerca de 14 tragedias, ou comedias gregas das quaes poucos fragmentos nos restão: sua dicção era tão rude como se devera esperar da barbaria do tempo. Tendo alistado na classe dos escravos e libertos seus histriões conseguiu adestra-los de modo que por muitos annos fez as delicias do povo romano; não havendo nenhuma grande festividade em que não fosse elle convidado pelos edis para representar algumas de *suas operas*. Adrede empregamos este vocabulo; porque as operas de Andronico erão acompanhadas de musica.

Cneio Nevio: — Ignorão-se as particularidades relativas ao lugar e data do seu nascimento, sendo certo que era cidadão romano e vivera pelos fins da primeira guerra punica; porque elle proprio nos diz que empunhára armas contra os carthaginezes. Foi contemporaneo d'Andronico e autor de grande numero de tragedias e comedias, mui estimadas em seu tempo. Adversario acerrimo da aristocracia não a poupou nos prologos das suas comedias, que parece terem por vezes o aspecto de virulentas satyras. Incorrendo nas iras dos poderosos, nomeadamente dos Scipiões e Metellos, foi condemnado a prisão, e mais tarde ao desterro em Utica, onde terminou sua attribulada existencia. Foi Nevio o verdadeiro creador da *comedia togata*, que caracterisava os usos e costumes da sociedade romana em contraposição á *comedia palliata*, a qual, posto que escripta em latim, era o reflexo da sociedade grega.

Quinto Ennio: — Era de raça grega como Andronico e foi conduzido a Roma por Catão que encontrou-o na Sardenha como simples soldado. Naturalisado cidadão romano, estreitou de tal modo os vinculos d'amizade com os Scipiões, principalmente com o primeiro Africano, cujas façanhas celebrára em um poema, que agradecidos estes quizerão que fossem suas cinzas recolhidas ao jazigo da familia. Ennio acommodou ao theatro romano mais de vinte tragedias, quasi todas imitadas de Euripides; escapando

alguns poucos fragmentos da *Medéa* que nos fazem lamentar a perda do restante. Em quanto não se perverteu o gosto publico as felizes imitações d'Eschylo e Euripedes, apresentadas na scena romana pela musa de Ennio, forão cobertas de fervorosos applausos.

Plauto *(Marco Accio)*: — Nascido em Sarsina, cidade da Umbria, 224 annos antes da era vulgar, estabeleceu-se em Roma nos primeiros annos da sua juventude. Consta que adquirira grandes cabedaes com suas obras e que d'elles fizera mao uso, dissipando-os em profusões, tendo-se visto na dura necessidade de recorrer ao trabalho manual para grangear o pão quotidiano. É elle inquestionavelmente o primeiro comico latino, emulo d'Aristophanes, a quem procurou sempre imitar e cujos passos seguia com escrupulosa fidelidade. Entendia que os cancros sociaes deverião ser expostos com toda sua hediondez, e d'ahi a immoralidade de suas comedias. Uma unica mira parecia ser a sua, a de agradar á multidão que se apinhava no theatro e freneticamente o applaudia; assim quando exprimido havia fielmente um lance ridiculo, traçado com vigoroso toque um quadro de costumes contemporaneos, e adubado tudo com o grosseiro sal de Subura, julgava prehenchida a sua missão podendo jubiloso exclamar — *et nunc plaudite*. —Descontado o vicio da immoralidade, aliás commum a todos os comicos antigos, ainda ficão a Plauto muitos e merecidos pontos de louvor. Varrão costumava dizer que si as Musas pretendessem fallar latim deverião servir-se da linguagem de Plauto; Cicero abundava no mesmo conceito, e considerava-o como o mais latino dos poetas. Maravilha que Horacio, contraste tão competente do bom gosto, o tivesse sacrificado ao seu rancor pelo passado, julgando parcial e iniquamente o genuino representante da scena romana. Possuimos felizmente d'elle quasi todas as vinte e uma comedias *varronianas*, assim denominadas pelo trabalho d'expurgação a que se deu o erudito Varrão, e esse abundante espolio desafia a censura dos criticos.

Antes de terminar o que acerca d'este escriptor temos de dizer consinta o leitor que lhe recordemos que a sociedade grega e romana era mui dissemelhante da nossa pelo que dizia respeito ao lar domestico: em Athenas o genyceo era murado, si licita nos é a expressão; e em Roma o interior da familia verdadeiro sacrario; ora, si defesa

era a exhibição dos quadros da vida intima, de que se alimenta o theatro moderno, onde iria Plauto procurar assumpto para suas comedias senão nesse ambiente impuro que cercava a atmosphera romana? A escravidão, com seus asquerosos vicios, e a mais degradante prostituição deverão fornecer-lhe a materia prima.

Terencio *(Publio)*: — Sabe-se apenas d'este poeta que era natural de Carthago, e que raptado por piratas foi vendido em Roma como escravo a um senador por nome Terencio Lucano, o qual encantando de sua vivacidade lhe dera a alforria e o mandára esmeradamente instruir. Contava pouco mais de vinte annos quando fez representar a sua comedia intitulada — *Andrianna* — que lhe attrahiu honrosa reputação. Havendo emprehendido uma viagem á Grecia com o proposito de aperfeiçoar seus estudos naufragou no regresso a Italia sendo pasto das vagas algumas de suas melhores composições. Semelhante infortunio sepultou-o na mais negra melancolia, de que resultou-lhe a morte na idade de trinta e cinco annos.

Suas comedias são copias, mais ou menos livres, de originaes gregos: d'entre ellas ha seis visivelmente imitadas de Menandro e quatro de Apollódoro. Parece mesmo que jámais pretendera outros fóros senão os de um imitador intelligente e fidelissimo dos antigos mestres. Ha todavia nessas copias singular mestria; a vista mais prespicaz não póde descobrir o lapis do debucho; tudo é natural, tudo simples e gracioso; e póde-se dizer sem temor de errar que existem composições originaes que pertencem menos aos seus autores do que essas comedias pertencião a Terencio. Menandro, o grande dramaturgo, o escrupuloso observador dos homem e das cousas do seu tempo, não duvidaria conhecer no comico romano um filho, ou talvez melhor um irmão. La Harpe elogia com justiça a clareza, naturalidade, precisão e elegancia dos dialogos de Terencio; a fiel observancia do decóro scenico, e o tom grave e decente da conservação da gente honesta. Posto que se dirigisse a outro auditorio, e compuzesse comedias antes para o deleite dos nobres do que para o dos populares, a moralidade de algumas peças do seu theatro não é muito superior ás de Plauto, haja vista a intitulada — *O Eunucho* — da qual espavorido foge o pudor.

Terencio é um escriptor perfeito que enriqueceu o idioma latino com todas as graças do puro atticismo; poeta da sociedade escolhida, e elegante pintor das nobres qualidades do coração humano, desconhece o verdadeiro povo de quem sempre viveu arredado, e não lhe sabe por isso interpetrar as vivas e virulentas paixões.

## POESIA EPICA

Livio Andronico: — Teve primeiro a ideia de offerecer aos romanos uma epopéa e julgando-se pouco apto para obra de tamanho vulto limitou-se a verter para a lingua latina a Odysséa de Homero. Empregou o verso saturnino que pareceu-lhe mais apropriado para exprimir a flexibilidade do hexametro grego; e, a julgar pelos poucos fragmentos que nos restão nas citações dos grammaticos. Não era essa traducção destituida de merito; Cicero costumava comparal-a com essas velhas estatuas dos deuses e heróes que os gregos attribuião a Dedalo, os quaes deixando muito que desejar quanto a verdade e expressão recommendavão-se por certa magestade.

Nevio: — Compoz um poema tomando por assumpto a primeira guerra punica, que não passava d'uma chronica metrificada. Não existia nelle ao principio nenhuma divisão em cantos ou livros, e só mais tarde foi que o grammatico Lampadion e repartiu em sete secções. Escrupulisando alterar a verdade de factos ainda mui recentes renunciou o recurso da ficção, introduziu com tudo alguns graciosos episodios para amenizar a narrativa e sobresahiu na pintura dos caracteres, maximê no de Regulo que lhe deveu em grande parte a aureola que ainda hoje lhe circunda a fronte. Como Andronico serviu-se Nevio do verso saturnino; porém muito mais aperfeiçoado e attingindo quasi ao typo que mais tarde lhe prescrevera Terencio Mauro.

Ennio:—Foi autor de um poema epico, ou antes historico, intitulado *Annaes Romano* dividido em dezoito livros abrangendo o espaço comprehendido desde a edificação de Roma até o fim da segunda guerra punica.

Fiel ao titulo adoptado seguiu rigorosamente a ordem chronologica collocando cada fasto, ou legenda, na serie assignada pela tradição. Descreveu batalhas e combates com uma vivacidade e energia dignas da *Iliada* buscando sempre imitar Homero principalmente nas comparações.

Transportou para a lingua latina o hexametro grego com todas as suas liberdades, ou quiçá todas as suas licenças. O pouco que nos sobra dos *Annaes Romanos* permittem-nos aquilatar do merito do seu autor, a quem não faltárão qualidades epicas entre as quaes a de caracterisar devidamente os personagens. Seu estylo parece bem rude a quem o compara com o de Virgilio; mas injusto fôra pretender que seus versos, sobrecarregados de spondeos e mais consonnancias, tivessem a admiravel fluidez e melodia das do cysne de Mantua.

## POESIA SATYRICA

Ennio:—Taes forão as alterações e melhoramentos que este illustre poeta introduzio na antiga satyra [1] que muitos lhe attribuirão a invenção. A satyra de Ennio era uma especie de *olha podrida* composta de diversas iguarias, isto é versando sobre varios assumptos tratados n'uma grande diversidade de metros. Cuidadosamente abstinha-se da menor allusão offensiva á vida intima e ao caracter particular dos contemporaneos dirigindo unicamente suas ervadas setas contra os vicios e ridiculos anonymos: sirva d'exemplo a excellente pintura que traçou do parasita arremessando-se como esfaimado lobo á mesa do banquete.

Lucilio *(Caio)*:—Nascido em Suessa Aurunca, pequena cidade do Lacio, no 148 A. C. Pertencia a uma familia equestre, e havendo militado na Hespanha sob o commando de Scipião Emiliano captoulhe a affeição por todo o tempo que durou essa nobre existencia. Morto seu bemfeitor encontrou ainda toda ajuda e favor em Lelio

[1] Encontrão-se nos antigos escriptores latinos a palavra SATURA (miscellania,) empregada para designar a especie de composição poetica a que os gregos chamavão. — *satyros* —

que poderosamente contribuiu para que triumphasse de seus emulos e detractores. Consta que exercera o cargo de recebedor d'impostos, ou publicano, numa cidade d'Asia, acumulando consideravel fortuna da qual pacificamente gozou-se até o anno 103 A. C. em que falleceu em Napoles onde fôra buscar allivio aos seus padecimentos physicos.

A obra capital de Lucilio é a collecção de suas satyras que levão decidida vantagem ás dos seus antecessores. Julga-se que escrevera mais de trinta livros de que nos restão numerosos fragmentos. Perseguiu-o Horacio com as suas invectivas deshonrando d'ess'arte o mister de critico; mas Quintiliano, juiz aliás bem competente, julgou-o com justo criterio. « Lucilio (diz elle) foi o primeiro que adquiriu na satyra uma gloria esplendida. Ainda tem hoje admiradores tão apaixonados que não hesitão em preferi-lo aos demais satyricos: quanto a mim não participo d'esse enthusiasmo, nem dos desdens de Horacio que assemelha a Lucilio a uma corrente lodosa d'onde nada se pode tirar; reconheço nelle maravilhosos conhecimentos e franqueza no fallar que communica aos seus versos mordacidade e bem refinado sal [1] ».

## HISTORIA

Catão *(Marco Porcio)*:—Nascido em Tuscullum no anno 234 A. C.; serviu com distincção na carreira militar durante a grande lucta com Annibal, e dotado de compleição robusta entregou-se aos trabalhos agricolas pelos quaes mostrava summa predilecção. Apresentão-no seus biographos como typo do velho caracter romano; espirito positivo caustico, rude e tenaz em seu amor ás primitivas instituições. Occupou todos os cargos da magistratura republicana tornando-se celebre na de *censor*. Aspirou ás honras de polygrapho sendo a sua obra mais estimavel a denominada *Origens*, ou investigações concernentes aos primeiros tempos de Roma, distribuidos em sete livros. Paralellamente aos estudos archeologicos narrou os acontecimentos de maior transcendencia; e, arrastado pela belleza

[1] Institutiones Oratoriæ lib. I, cap. I.

do assumpto, chegou imperceptivelmente até quasi á terceira guerra punica.

Relatou com minucia os sucessos de que fôra testemunha occular em muitos dos quaes tomára activa parte, não se descurando de transcrever as fallas e arengas que recitára em diversas occasiões. Ahi se encontrava essa famosa oração em pró dos Rhodios que Aulu-Gellio tanto gaba e de que faz tão favoravel conceito, defendendo-a calorosamente das criticas de um certo Tullio Tiron. Como historiador tem sempre a peito manter e exaltar a magestade do povo romano: os homens pouco lhe merecem, os nomes proprios são quasi que preteridos; sempre o dictador, o consul, o tribuno são os que fallão, que praticão grandes acções como simples delegados do povo romano. D'esta importantissima obra, fructo da velhice de Catão, e na qual se encerravão tão preciosos documentos escaparão poucos fragmentos, que podem ser com proveito consultados, quer pelos amadores da historia, quer pelos da boa latinidade.

## ELOQUENCIA

Catão: — Possuimos os titulos de oitenta e nove discursos e varios excerptos d'esses e outros discursos. Já vimos quanto prezava o *Censor* o talento oratorio, e pelo testemunho de Cicero sabemos que no senado, e perante o povo, pronunciára numerosas arengas, ora accusando os prevaricadores, ora defendendo os innocentes, e outras vezes em propria apologia; porque a modestia não era a sua qualidade caracteristica. Plutarcho apreciava-o nestes termos: « A eloquencia de Catão era simultaneamente agradavel e forte, doce e vehemente, engraçada e austera, sentenciosa e propria para a lucta. Assemelhava-se elle á Socrates, que, no dizer de Platão, parecia ao primeiro aspecto grosseiro, satyrico, desconfiado na conversação, emquanto que no trato intimo era affectuoso sem perda da gravidade [1] ».

A rude e mascula belleza do estylo de Catão, essa linguagem sem arrebiques e atavios, não podia agradar aos contemporaneos de

[1] Les vies des Hommes Illustres, traduites par Ricard. tom. II.

Cicero, que exprobrava-lhes o proferirem a leitura de certos oradores atticos notaveis apenas pelas graças do estylo, á dos discursos do patriarcha da eloquencia romana, tão succulento nas ideias como vehementes na fórma.

## SEGUNDO PERIODO (Aureo)

Este periodo póde fraccionar-se em duas epochas: na primeira fulgarão os nomes de Cicero e Cesar, que com a maior genuidade representão as letras latinas; e a segunda denominada *seculo aureo*, ou *seculo de Augusto* (pelo singular favor que junto a este principe encontrarão alguns litteratos) é representada por Virgilio e Horacio cujos nomes symbolisão o summo gráo de cultura a que tinha attingido a litteratura romana.

## PRIMEIRA EPOCHA

### POESIA LYRICA

Catullo *(Caio Valerio)*: — Nasceu em Verona no anno 668 da edificação de Roma e 68 antes da era vulgar. Como succedia aos filhos das familias abastadas foi em menino mandado a Roma para ahi fazer a sua educação; e parece que, como os mancebos de seu tempo, passou uma vida dissoluta da qual todavia soube arrancar-se para emprehender uma viagem á Bithynia em companhia do pretor Memmio. Visitou as principaes cidades d'Asia e Grecia, e nas costas da Troada teve o infortunio de perder um irmão que muito amava, a quem consagrou sentidissimos versos. Não se sabe ao certo a data da sua morte, mas parece que realisou-se antes de haver saudado seu quadragesimo anniversario.

Catullo foi o primeiro poeta erotico que contou a poesia romana. Rivalisou no epigramma com Marcial, na elegia com Propercio e Tibullo, na ode com Horacio, e os seus dous poemetos *Thetis e Peleo*, e *Atys* offerecem bellezas dignas de Virgilio, que aliás d'ellas muito se utilizou. Suas obras compõem-se de cento e dezeseis peças, diversas no assumpto, estylo e extensão, e dividem-se em duas partes:

a primeira escripta em variados metros, e a segunda em elegiacos. O que principalmente caracterisa este poeta é a ingenuidade nos sentimentos e expressões, e até certa rudesa na versificação que torna-lhe mais pictoresco o estylo. Quanto á immoralidade não dissimularemos que se encontra ella em alguns de seus epigrammas; mas repetiremos aqui o que já dissemos acerca dos comicos: que a immoralidade se havia infiltrado nos costumes romanos, e impossivel era aos poetas, que respiravão essa atmosphera, infeccionada de mephiticos vapores, subtrahirem-se ás suas emanações.

## POESIA DIDACTICA

Lucrecio *(Tito-Caro)*: —Nascido em Roma no anno anterior á vinda de Christo, segundo a opinião mais provavel; pertencia á nobre familia Lucrecia; e, podendo por isso aspirar a todos os cargos da governança, preferiu as doçuras da vida privada. Crê-se que fizéra uma viagem á Grecia, onde ouvira as lições do philosopho epicurista Zeno, de cujas doutrinas mostrou-se tão apaixonado que para preconisa-las escreveu o poema intitulado *Da Natureza das Cousas*. Diz-se que, atacado de loucura, puzéra por suas proprias mãos termo á existencia no quadragesimo anno de idade, conforme o testemunho de S. Jeronymo.

Divide-se o poema de Lucrecio em seis livros, cada um dos quaes contem mais de mil versos, e é destinado á exposição completa do systema d'Epicuro; e tendo por alvo restituir aos homens o repouso de consciencia que as ideias religiosas lhes havião feito perder, destruindo ao mesmo tempo o poder dos deuses e da morte. Apezar de quanto tem de falsa, absurda e gélida semelhante doutrina, poude Lucrecio tirar d'ella grande partido e revelar-se poeta de primeira plana, que em muitos pontos deixa aquem o proprio Virgilio. O enthusiasmo pelas forças da natureza, e o horror que lhe inspirava o fanatismo, dictarão-lhe quadros da mais sublime poesia desenhados com côres meio agrestes. Notão os criticos neste poema alguma falta de nexo, harmonia e elegancia, certa sequidão no estylo, aliás de desesperadora concisão. Houve quem pretendesse attribuir estes defeitos, tão desculpaveis numa obra de longo folego,

ao ter sido ella composta nos intervallos lucidos da loucura que accommettera seu autor. Pensamos que semelhante imputação é inteiramente destituida de fundamento; por isso que ninguem que se der ao trabalho de ler attentamente o poema *Da Natureza das Cousas* acreditará que seja elle obra d'um louco.

## ELOQUENCIA

A historia da eloquencia romana, desde Catão até Cicero, nos foi deixada por este ultimo num livro justamente celebre denominado — *Bruto, ou os Oradores Illustres* — que tem servido de guia, infelizmente nem sempre seguro, aos que se hão occupado de semelhante materia. Dissemos nem sempre seguro; porque Cicero é muitas vezes escasso nas noticias que nos transmitte de alguns de seus predecessores de bem firmada reputação, emquanto que se mostra superabundante fallando de outros de menor valia. Omittindo os nomes de Galba, Lelio, Scipião Emiliano, Lepido, Porcina, Carbon e outros do mesmo jaez, deter-nos-hemos alguns momentos diante dos vultos venerandos dos dois Gracchos (Tiberio e Caio), verdadeiros oradores populares cujas calorosas arengas é lastima se perdessem. Esses dois famosos tribunos havião tomado a peito a causa do povo, ou antes da plebe, como em seu orgulho aristocratico denominavão os patricios as classes menos favorecidas da fortuna, não erão por certo ambiciosos vulgares, como approuve a alguns historiadores no-los apresentar; e sim estadistas de largos horisontes que havião comprehendido a imperiosa necessidade de povoar as campinas romanas de pequenos proprietrrios, honrando a classe dos lavradores, regenerando pelo trabalho a multidão indigente que apinhava Roma e as principaes cidades de Italia, e prevenindo o desenvolvimento do mal que mais tarde deveria occasionar a decadencia e completa ruina do imperio. Do seu merito como oradores resta-nos a fama que lhes ladêa os nomes, e as qualidades que destinguião-nos achão-se admiravelmente expostas no seguinte paralello traçado pela brilhante penna de Plutarcho:

« Tiberio tinha a physionomia, os olhos, os movimentos serenos e calmos; Caio, ao contrario, era impetuoso e vehemente. Quando

fallava em publico conservava-se um no mesmo lugar com attitude cheia de reserva; foi o primeiro romano que deu o exemplo de passear na tribuna e de lançar a toga por cima das espaduas.

« A eloquencia de Caio, terrivel apaixonada, apossava-se violentamente dos espiritos, e a de Tiberio, mais doce, era por isso mais propria para excitar compaixão. A dicção de Tiberio era pura e castigada, a de seu irmão persuasiva e florida... Não eram mais similhantes as suas indoles: Tiberio docil e calmo, Caio rude e assomado: e a tal ponto que no meio dos seus discursos deixava-se arrebatar por accessos de colera; erguia a voz, descia ás invectivas transtornando a ordem e o methodo do discurso. Para obviar este mal ordenava que um de seus escravos, por nome Licinio, sujeito de bastante intelligencia, se collocasse atraz d'elle, sempre que fallava em publico, afim de regular-lhe a voz por meio d'um instrumento de musica. Taes erão as principaes differenças que se notavam entre estes dois irmãos, que na virulencia, contra os adversarios, na justiça para com os inferiores, no exacto cumprimento de seus deveres civicos, na temperança de costumes, eram em tudo semelhantes, e dizemos até em tudo iguaes[1] ».

Os oradores de que até aqui temos tratado pertencem todos á cathegoria dos *espontaneos*, como forão Pesistrato e Pericles: as denominações dos *rhetoricos*, isto é, os que receberam da arte a consagração do natural engenho, só mais tarde apparecerão depois que Plocio Gallo abriu um curso de rhetorica ensinada em lingua latina nacionalisando por este modo uma disciplina que até então parecia privativa dos gregos. D'entre os oradores rhetoricos faremos selecção de Hortensio, Cesar e Cicero como mais proprios para caracterisar essa nova phase da eloquencia romana.

Hortensio *(Quinto)*: — Nasceu em Roma 113 annos antes da era vulgar, revelando desde a puericia grande inclinação pela vida do fôro. Aos dezenove annos de idade estreou-se por uma brilhante accusação. Dotado de felicissima memoria e d'um stylo rico e abundante eclipsou logo a reputação de Antonio e Crasso,

[1] Les Vies des Hommes Illustres, tom. IV.

que nesse tempo passavam pelos mais fecundos oradores. Causou muitas invejas a Cicero, e serviu-lhe de proveitoso estimulo. No processo de Quincicio, e pouco depois no de Verres, medirão-se os dous émulos, cabendo a victoria a Cicero, que, longe de se ensoberbecer por tal successo, explicava-o de modo mui honroso para Hortensio, de quem aliás foi sempre amigo, recebendo d'elle testemunhos inequivocos de reciprocidade.

A reputação de Hortensio baixou consideravelmente depois de sua morte; e como seus discursos muito devião a uma declamação seductora não resistirão á prova da leitura; e Quintiliano, que os tivera em mão, achava-os extremamente somenos á gloria que ao seu autor havião procurado.

Cesar *(Caio Julio)*: — Natural de Roma nascido 101 annos A. C. começou sua carreira oratoria aos vinte e um annos accusando perante o povo um personagem consular por nome Dolobella, que havendo obtido sua absolvição fez caro pagar ao mancebo a velleidade de querer luctar contra um dos mais influentes membros do patriciado. Para subtrahir-se ás suas perseguições retirou-se para a ilha de Rhodes, que, como já dissemos, adquirira renome pela sua mui acreditada escola de rhetorica. Aperfeiçoando-se nessa disciplina poude em seu regresso ser contado como um dos rivaes de Cicero. Poucos fragmentos existem de seus discursos, sendo d'entre elles os mais notaveis uma passagem da oração funebre que recitára nas exequias de sua tia Julia, viuva de Mario, e o exordio do discurso em favor dos Bithynios.

Eis como Cicero avaliava seus dotes oratorios: « Cesar aperfeiçoou quotidianamente seu talento por continuos exercicios; por isso é o seu stylo, abundante em expressões selectas, o timbre da voz, e a dignidade do gesto davão graça e brilho ás suas palavras: concorrião n'elle tantos predicados que não sei lhe faltasse uma unica qualidade de orador, e era talvez de todos quem com mais pureza fallava a lingua latina [1] ».

Cicero *(Marco Tullio)*: — Nascido perto de Arpino 107 A. C. pertencia a uma familia distincta mas que ainda não havia exercido

[1] Brutus, Cap. LXXI.

cargo algum politico. Fez em Roma seus primeiros e solidos estudos, sob a direcção do orador Crasso, e depois de haver militado na guerra social dedicou-se ás lides do fôro na florescente idade de vinte e sete annos. Estreou-se n'uma causa celebre e grandemente compromettedora, isto é na de Roscio Amerino, que um liberto de Sylla pretendia fazer condemnar como parricida, afim de se lhe apropriar dos bens. Nenhum orador tendo querido se incumbir do patrocinio da causa, receiosos d'incorrerem nas iras do dictador, Cicero foi bastante audaz para arrostar esses temores e teve a ventura de ser sua nobre acção coroada de feliz exito. Por prudente conselho de amigos ausentou-se todavia de Roma por algum tempo, e empregou esse voluntario exilio em percorrer varias cidades d'Asia e Grecia, ouvindo em todas ellas as prelecções dos mais afamados rhetoricos. De volta á capital da republica entendeu que lhe faltava o complemento de seus dotes oratorios, e seguiu assiduamente as lições de declamação que então dava o celebre comico Roscio. Robustecido e amestrado arrojou-se á liça arcando com o primeiro orador contemporoneo (Hortensio) a quem logrou debellar na famosa causa de Verres. Foi este o seu primeiro e assignalado triumpho.

Como advogado não conheceu Cicero rival; além da virulentissima accusação de Verres, em que já fallamos, distinguiu-se em muitos outros processos celebres, como por exemplo nas defezas de Milão, Ligario e Cluencio, que Blair apresenta como modelo da arte de tratar com ordem, elegancia e força a mais complicada causa.

A alma ardente do famoso orador, a vehemencia, muitas vezes injusta, com que aggredia seus adversarios politicos espelhão-se nas muito conhecidas e apreciadas arengas intituladas *Catilinarias e Philippicas*. Causa dó ver Cicero prodigalisar thezouros d'eloquencia para deslumbrar o auditorio e impedir-lhe d'examinar com calma o fraco tecido de sua argumentação. Injusto seriamos se quizessemos avaliar Catilina e Antonio pelo que d'elles disse Cicero, cujos excessos de animadiversão parecem converter-se em pró dos accuzados. Ufano do titulo de *pai da patria*, que lhe defirira o senado, por haver frustrado as tenebrosas tramas de Catilina

abusava d'essa distincção a ponto de torna-la odiosa. « Cicero, diz Pierron, abusou das lembranças d'esse memoravel anno em que Roma livre, na phrase de Juvenal, lhe confiou o titulo de *pai da patria*. A jactancia de que não necessitava a sua gloria prejudicou-lhe a reputação [1] ».

Fallando de Cicero quasi que se torna obrigatorio o paralello entre elle e Demosthenes, e dentre quantos havemos lido damos preferencia ao seguinte, devido a um dos mais esperançosos talentos do actual professorado francez:

« Esses dois homens são magno exemplo da influencia que exerce o caracter sobre o talento: os discursos de Cicero são bellas peças de eloquencia e não *actos* como os de Demosthenes. Ama o seu paiz e a liberdade; porém ainda preza mais a sua reputação, e quando falla jamais se esquece de si, como faz o orador atheniense. Gosta de apparecer e mostrar-se em scena; ora para enternecer o publico pela sua sorte, ora para se desculpar com fingida modestia da sua fraca eloquencia; sobrepujando sempre nelle o artista ao homem d'estado. Descarrega grandes golpes, mas quer que admirem suas academicas posturas. Seus mais apaixonados movimentos nunca lhe desconcertão a harmonia das construcções, nem o elegante torneio dos periodos. Seus assomos são medidos, seu pathetico cadenciado.

« Demosthenes, temperamento aspero e bilioso, não possue a mesma ductibilidade; é forte a sua eloquencia e um pouco agreste a attitude. Sua extrema concisão resente-se algumas vezes de secura; tem antes os musculos de um athleta do que os movimentos rythmicos de um gladiador. Mas que valor real! que preoccupação perenne do assumpto! que senso practico! que torrente de convicção!

« Demosthenes é orador politico, e Cicero um advogado; porém o mais sublime dos advogados [2] ».

[1] *Histoire de la Littérature Romaine* chap. XIV.
[2] ORDINAIRE.— *Rhétorique Nouvelle* — Part 2me.

## EPISTOLOGRAPHIA

As mais celebres epistolas de que a antiguidade faz menção são as de Cicero, endereçadas a diversas pessoas com as quaes se achava em relações mais ou menos intimas, colleccionadas por um liberto seu chamado Tiron, e dadas á luz depois do seu passamento. São em grande numero (cerca de mil) e felizmente poderão salvar-se no naufragio das letras; occupão-se com assumpos reaes sendo notaveis pela pureza, elegancia e desafectação. Encerrão importantissimos materiaes para a historia de seu tempo, e podem considerar-se como derradeiros monumentos da liberdade romana; visto como a mór parte d'ellas foi escripta durante essa famosa crise que precedeu a queda da republica, talvez a mais interessante da historia do mundo. Patenteava Cicero seu coração aos intimos amigos, principalmente a Attico; fazendo-nos conhecer alguns dos maiores vultos contemporaneos; e o que ha de mais notavel é que quasi todos os seus correspondentes escrevião com singular pureza e elegancia, circunstancia esta que deve induzir-nos a formar o mais lisongeiro conceito do bom gosto da epocha.

## HISTORIA

Por muitos seculos foi o summo pontifice o unico historiador de Roma o qual em taboas escrevia anno por anno, e talvez dia por dia, os factos mais dignos de memoria. Estavão essas taboas expostas em casa do referido pontifice para que as pudesse consultar e erão conhecidas pela denominação de *Annaes*. Fabio Pictor, contemporaneo da segunda guerra punica, foi o primeiro que utilisou-se d'esse importante subsidio para a composição da sua historia, escripta no gosto das logographias gregas. Catão, de quem já fallamos, prestou relevante serviço com a publicação do seu livro *das Origens*, hoje infelizmente perdido; assim como os de muitos que lhes seguirão a trilha. Entre essas obras cuja falta é tão sensivel occupão distincto lugar as *Memorias* de Sylla cujo grande interesse é

despertado pela importancia politica do personnagem, simultaneamente autor e actor. Não permittiu porém a sorte que o mesmo infortunio se estendesse a outra obra de grande valor, devida a um dos maiores talentos de Roma; queremos fallar de

Cesar: — Seus *Commentarios sobre as Guerras das Gallias e a Civil* são simples lembranças, registadas quotidianamente e redigidas á pressa, sem pretenções litterarias, á medida que os acontecimentos se hião succedendo. Erão documentos para os que mais tarde quizessem escrever a historia de suas campanhas; pertencia porem Cesar a aquella categoria de homens que não podem tocar em objecto algum sem nelles deixar impresso o poderoso cunho do genio. Esta obra, gizada quasi sem esforço, é uma das mais admiraveis da litteratura em geral, a mais perfeita em seu genero, e o que de mais puro e delicado possue a lingua latina. Cicero apreciava-a nestes termos. « *Os Commentarios* são uma obra excellente, seu stylo é simples, claro, cheio de graça e desprovido de pompa, em summa d'uma belleza ideial. Dispondo-se a coordenar os materiaes que servissem aos futuros historiadores Cesar dispertou em alguns espiritos tacanhos o desejo de se alimentarem com as migalhas do seu opiparo festim, ao passo que tirou á gente sensata a vontade d'escrever. Nada com effeito conheço que possua mais encantos realçados por uma brevidade tão correcta como luminosa [1] ».

Sallustio (*Caio-Crispo*): — Nascido no anno 86 A. C. na pequena cidade de Amiterna (paiz dos Sabinos) pertencia a uma familia plebea. Educado em Roma cedo entrou para a carreira politica, havendo obtido a questura aos vinte sete annos e o tribunato pouco tempo depois. Eleito senador passou pelo dezar de ser expulso d'essa respeitavel corporação, sob pretexto da desenvoltura de costumes. Retirado á vida privada occupou seus lazeres na redacção d'uma importante monographia, conhecida pelo titulo de *Historia da Conjuração de Catilina*. Havendo a victoria do seu partido (o democratico) lhe aberto a estrada das honras foi nomeado

[1] *Brutus*, Cap. LXXV.

por Cesar proconsul e governador da Libya, onde teve occasião de estudar o theatro e os personnagens da guerra contra Jugurtha da qual constituiu-se historiador. Havendo-se feito detestar por suas depredações foi chamado a Roma onde deslisou-se-lhe o resto da existencia n'um luxo verdadeiramente asiatico. Consagrava o ocios á composição d'uma obra de longo folego a que pretendia dar o titulo de *Historia interna e externa de Roma desde Sylla até Catilina* quando foi surprehendido pela morte na idade de cincoenta annos.

As duas obras que nos restão de Sallustio revelão nelle um escriptor de subido merito : na *Historia da Conjuração de Catilina* indagou as causas que fazião com que n'uma grande cidade como Roma um pugilo de libertinos, capitaneados por um homem de desmedida audacia, podesse organisar um poderoso partido ameaçador da segurança da republica. Lança este episodio sinistra luz sobre o cancro que devorava a sociedade romana. *A Historia da Guerra contra Jugurtha* é um primor, ainda mais bem acabado. Conhecia o autor *de visu* os lugares onde se havião passado os principaes acontecimentos, os usos, costumes e caracter dos numidas ; assim como estava bem ao facto da vida intima d'essa aristocracia romana, insolente, avida e mendicante, vendendo a impunidade ao fratricida Jugurtha e mandando contra elle generaes que não sabião, ou não querião fazer a guerra até o momento em que o povo indignado de tantas infamias enviou um dos seus incumbido de administrar n'Africa boa e prompta justiça. A physionomia d'esse plebeo que oppunha á vaidade dos nobres o orgulho do homem filho de suas proprias obras é admiravelmente desenhada por Sallustio, que saudava em Mario um dos gloriosos predecessores de Cesar. O contraste que offerecem as obras de Sallustio com o que sabemos de sua vida inspirou a Paulo Albert estas eloquentes e judiciosas reflexões : « Esse magistrado que arruinou sua provincia, que expulso do senado pela devassidão de seus costumes, ostentou em Roma o escandalo d'um luxo insolente, fructo de suas exacções e rapinas, toma o tom de austera moralidade, julga os vicios contemporaneos, folga em oppor aos desvarios de seus concidadãos a innocencia e *pureza de sua vida* ; e, a dar-lhe

credito, foi sempre victima de sua *rectidão e candura!!* Esse senador concussionario é um democrata fogoso em seus escriptos; troveja com generosa indignação contra a insolencia, a avaresa e crueldade dos grandes; derrama lagrimas de crocodilo pela triste sorte d'esses pobres alliados tão imprudentemente espoliados[1]».

Vê-se pois que nem sempre é verdadeiro o aphorismo de Buffon; — *le style c'est l'homme.*

Tito Livio: — Nascido em Patavium (hoje Padua) no anno 59 A. C. veio estabelecer-se em Roma no tempo d'Augusto de quem foi amigo, pôsto que o denominasse de *pompeano* pelos elogios que liberalisava ao grande capitão, vencido em Pharsalia.

Rigorosamente fallando pertence este escriptor á segunda epocha do segundo periodo da litteratura latina; mas não querendo interromper a serie dos grandes historiadores comprehendemo-lo na primeira, sob pena d'anachronismo.

A obra monumental de Tito Livio é a sua *Historia Romana* ou melhor seus *Annaes* como elle a intitulára, divididos em *décadas* e estas em 142 livros, dos quaes apenas nos restão trinta e cinco e alguns fragmentos. Com vivas côres pinta as peripecias da historia legendaria de Roma: a ausencia absoluta de documentos converte-se em vantagem sua, para dar largo curso aos sentimentos do patriota e do moralista. As luctas entre os plebeos e os patricios, entresachadas de pequenas guerras com os povos visinhos, são favoraveis á decoração theatral. Bello episodio magistralmente narrado, é o duello entre Roma e Carthago, que permittiu aos romanos, tantas vezes vencidos, mostrar a energica tenacidade do seu genio. Manifesta é a parcialidade do autor para com seus conterraneos; mas esse mesmo defeito presta mais vivacidade á narrativa, mais vivas e brilhantes côres aos quadros. Por occasião da conquista da Grecia e Macedonia, fructo da habil politica do senado, nota o auctor a deficiencia d'esses graves personagens historicos, d'esses maravilhosos acontecimentos que escaldão a imaginação; por isso tambem

[1] La Prose—*Leçons faites à la Sorbonne pour l'enseignement des jeunes filles.* — Paris, 1869.

é a parte mais frouxa da sua obra. Observa-se então que lhe faltava a flexibilidade d'espirito e o recurso da phantasia para dar corpo aos objectos de menos valor. Tentou debalde os meios rhetoricos e tropeçou na trivialidade. Suas narrações são extremamente bellas e dramaticas; o auctor possue em summo grão a arte de apresentar seus personagens e mostrar os sentimentos que o animavão no momento da acção. Prefere a verosimilhança á verdade; e collocando-se no ponto de vista psychologico analysa os sentimentos que deve praticar. Seus discursos, mui apreciados pelos coetaneos, são esplendidas peças d'eloquencia, mas igualmente maculados d'inverosimilhança. Os que presta aos romanos dos tempos primitivos singularisão-se pela linguagem artificial e de nenhum modo acommodada ás circunstancias do tempo e do lugar. Poucos são os retratos que encontramos na historia de Tito Livio, e esses poucos não se recommendão nem pelo vigor do toque, nem pela verdade da expressão. Obsecado pelo falso patriotismo não receia cahir em flagrantes contradicções, como no retrato que esboça d'Annibal, a quem attribue virtudes e vicios inteiramente antinomicos.

## SEGUNDA EPOCHA

### POESIA LYRICA

Horacio (*Quinto Flacco*):—Nascido em Venusa (n'Apulia) no anno 65 A. C., era filho d'um liberto, que acumulára grossos cabedaes no officio de leiloeiro. Vindo estabelecer-se com sua familia em Roma seguiu ahi os cursos dos mais afamados mestres do tempo e foi receber em Athenas o complemento da educação litteraria. Alistando-se nas bandeiras de Bruto combateu em Philippes onde parece que não se houve com extrema galhardia, a dar credito á confissão que elle proprio fazia, talvez exagerada no proposito de lisongear a Augusto de cuja privança gozou, recusando todavia o lugar de secretario. Viveu sempre como um verdadeiro epicurista considerando a vida pelo lado bello, repartiu o tempo entre as doutas palestras da cidade e os passeios nos arredores de Tibur, onde

possuia formosissima quinta. Suas poesias podem dividir-se em duas classes, lyricas e didacticas. A' primeira pertencem as *Odes, Epodos,* e o *Canto Secular,* e a segunda a *Arte poetica, as Epistolas e as Satyras.* Occupemo-nos por agora com as primeiras.

A musa lyrica de Horacio mostrou-se sob todas as faces, desde a ode religiosa e heroica até á canção; ninguem pulsou com mais flexibilidade e delicadesa as cordas da cythara. Imitador de Pindaro e Anacreonte não renunciou á propria individualidade; e suas mais bellas odes são exactamente aquellas em que tracta de assumptos mais romanos, e em que se occupa de acontecimentos hodiernos. Pode-se dizer com verdade que nunca houve poeta que melhor soubesse se apropriar das riquezas alheias fazendo-as suas pela nova expressão; e, como elle mesmo no-lo diz, repensando o que antes d'elle outros havião pensado.

Tibullo (*Albio*): — Nascido em Roma no anno 44 A. C. Pertencia a uma familia da ordem equestre e abundante de meios; porém já bastante arruinada em consequencia de ter sido victima das proscripções. Devemos-lhe quatro livros d'elegias, nem todos porém d'igual puridade. O grande merecimento d'este poeta consiste na doçura, delicadeza e harmonia d'expressão: sua ternura, posto que um tanto effeminada, é verdadeira e cheia de naturalidade. Ama a paz, não como Horacio, em bem da ordem, mas por odio á espada; gosta dos campos, menos pela sua belleza nativa do que pela graciosa moldura que fornecem aos seus quadros. Censurão-no de certa monotonia sem se lembrarem que esse defeito é commum a todos os poetas da mesma escola. La Harpe, algumas vezes bom juiz em materia de gosto, assim considerava o grande elegiaco romano: «Tibullo tem menos vivacidade do que Propercio, é porém mais terno e delicado, sendo por excellencia o poeta do sentimento e sobresahindo nisso a todos os outros: o estyto é de finissima elegancia, o gosto puro e a composição irreprehensivel. Possue particular encanto, que nenhuma traducção póde exprimir e só pelo coração ser sentido.

Deliciosa harmonia desperta as mais doces impressões e faz d'este livro manual dos amantes [1] ».

Propercio (*Sexto Aurelio*) : — Nasceu em Mevania (na Umbria) 52 annos A. C. Destinado á carreira forense deixou-a pela poesia, para a qual sentia-se irresistivelmente impellido. Foi familiar de Mecenas e intimo amigo de Virgilio e Ovidio. Escreveu quatro livros d'elegias, muitos dos quaes visiveis imitações de Callimaco e Philetos. O estylo, sobrecarregado de allusões mythologicas, resente-se de falta de naturalidade, e em seus versos notão os criticos certa rudeza.

Ovidio (*Publio-Naso*) : — Natural de Sulmona (nos Abruzzos) e nascido no anno 43 A. C. Foi tambem por seus pais destinado á profissão de advogado, que renunciou para mais livremente entregar-se ao culto das musas. Havendo emprehendido a classica e indispensavel viagem á Grecia voltou a Roma, onde relacionou-se com os homens mais doutos do seu tempo. Fez parte do cenaculo que se reunia em casa de Mecenas e gozou da privança d'Augusto, que todavia desterrou-o para Tomos (na embocadura do Danubio) por motivos que ainda não estão bem averiguados.

Como poeta elegiaco legou-nos Ovidio cinco livros denominados *Tristes* e quatros outros intitulados *Epistolas Ponticas*. Na primeira d'estas colleções o que encontramos de verdadeiramente sentimental é a narrativa do que se passára na ultima noite que esteve em Roma: tudo mais parece-nos mediocre e enfadonho. As *Ponticas* tem maior interesse, resultante da variedade de confidencias e recordações dirigidas a diversos amigos; ha nellas mais graça e utilidade, porque nos inicião em certas particularidades da vida do auctor e de seus correspondentes.

## POESIA EPICA

Virgilio *(Publio-Maro)*: — Nasceu em Andes, pequena aldeia nas cercanias de Mantua, 70 annos antes da era vulgar. Sua familia desfructava de certa mediania de fortuna que permittiu-lhe

[1] Lycée *ou Cours de Litterature Ancienne et Moderne*, tom I.

mandá-lo estudar a Cremona, passando depois a Milão, onde recebeu a toga viril, indo completar sua educação em Napoles, sob as vistas d'excellentes professores que o instruiram nos primores das sciencias e letras gregas. Estreiou-se por algumas poesias mediocres que lhe adquirirão certa reputação, mas que não lhe arrancarião da obscuridade si o edicto de Octavio que despojava os proprietarios do solo d'Italia em beneficio dos seus legionarios o não houvesse levado a Roma, afim de obter equitativa reparação. Foi-lhe esta outorgada, lucrando ainda com adquirir a amisade de algumas pessoas influentes (entre as quaes sobresahia Mecenas) que o convidáram a fixar residencia na capital do imperio, consagrando seus honrosos ocios á composição de duas obras do genero didactico, de que logo fallaremos, e de uma verdadeira epopea nacional, assaz conhecida sob o nome d'*Eneida*.

Esta epopea, dividida em doze cantos, tem por fim celebrar o estabelecimento dos troyanos na Italia ao mando de Enéas. Para levar avante o plano que concebêra preparou-se por acurados estudos, interrogando com minudencia os monumentos historicos, assim como as tradições e legendas populares. A escolha era excellente; por isso que, collocada em opportuna distancia, prestava-se com facilidade ao maravilhoso, que com admiravel mestria soube acommodar ao caracter dos personagens e ás circumstancias dos tempos e dos lugares. Foi-lhe ainda muito favoravel a epocha em que escreveu o seu poema; porquanto o imperio romano repousava então, farto de louros e conquistas, na contemplação da sua grandeza e magestade. Notava-se no publico decidida predilecção pelas obras do espirito, e a poesia attingira ao pinaculo da gloria e do favor. A apparição da *Eneida* foi saudada como um acontecimento de magna importancia; e apenas em principio era julgada como si a gloria postera a tivesse sagrado: era a maravilha da litteratura latina. N'um arroubo lyrico exclamára Propercio: — « Retirai-vos poetas de Roma e Grecia; vai apparecer alguma cousa maior do que a *Illiada*. — »

Virgilio é um grande pintor das paixões humanas; é esta a sua gloria immortal incontestavel e incontestada: dotado pela natureza de uma alma pura e meiga, d'extrema sensibilidade, realça-se na

expressão dos affectos ternos. Vê-se que ama seus semelhantes, e poderia applicar-se-lhe estes bem conhecidos versos de Terencio:

« *Homo sum, et nil humani a me alienum puto.* »

Os quadros de Virgilio são em geral mais verdadeiros do que brilhantes, mais patheticos do que grandiosos. Si a *Eneida* pecca um pouco no plano e disposição, si os caracteres dos heroes nem sempre são irreprehensiveis, a esses defeitos sobejamente compensam infinito numero d'accessorios, e indisiveis maravilhas de execução.

## POESIA DIDACTICA

HORACIO: — *Satyras*:— N'esta especie, que Quintiliano considerava especialmente romana, levou o poeta de Venusa a palma a todos os seus predecessores, inclusive ao proprio Lucilio, cujos escriptos erão cheios de personalidades. As satyras de Horacio são fidelissimo espelho da sociedade contemporanea; n'ellas se reflectem as ideias e crenças dos romanos, bem como as do proprio poeta. Não se exceptuando dos defeitos que censurava nos outros tirava ás suas criticas tudo o que n'ellas poderia haver d'irritante e acerbo; e, apezar de uma ou outra allusão pessoal, esforçou-se mais em pintar typos do que individuos.

*Epistolas:* — A principal differença que distingue as epistolas das satyras é que nas primeiras dá o poeta conselhos e formula preceitos, ao passo que nas segundas escarnece dos vicios; reina porém em ambas as composições o mesmo tom, o mesmo apparente deleixo de uma amavel e espirituosa conversação. As do primeiro livro tratão de questão de gosto e litteratura; ahi se encontra a famosa *Epistola aos Pisões,* mais conhecida pelo improprio nome d'*Arte Poetica;* visto como jamais teve seu autor o pensamento de redigir um codigo poetico como mais tarde o fizerão Vida e Boileau, mas ainda assim offerece aos seus jovens amigos conselhos e admoestações, hauridos nos thesouros da erudicção e experiencia. A *Arte Poetica* tem todas as virtudes e vicios das outras *Epistolas;* a mesma amenidade na expressão, a mesma affluencia de conceitos, mas tambem a mesma falta de profundeza, aliás incompativel com os fins a que se destinava.

Ovidio : — *Fastos.*—Esta palavra designava entre os romanos a collecção dos annaes patrios, ou o complexo das tradições civis e religiosas. Emprehendeu resumir em verso tudo o que se sabia, tudo o que a imaginação popular havia phantasiado relativamente ás origens de certos usos e superstições, ácerca da instituição das varias festas do calendario romano. Apropria-se, embellezando, dos materiaes que lhe ministrão velhas chronicas e insulsos poemas, exornando a arida simplicidade dos antigos com os recamos da sua musa. Este poema que devêra constar de doze cantos apenas tem seis, e esses mesmos terminados no exilio e dadas á luz sob os auspicios de Germanico.

*As Metamorphoses* : — O verdadeiro primor poetico de Ovidio e um dos mais bem acabados monumentos que nos transmittiu a antiguidade são por certo as suas *Metamorphoses* que por fortuna escaparão ao furor iconoclasta do autor que pretendeu destrui-las por occasião da sua partida para Tomos. Deveu-se á solicitude de alguns amigos que havião extrahido numerosas copias a conservação de tão bella obra. E' um verdadeiro poema cyclico, repartido em quinze livros abrangendo os principaes factos da mythologia, desde o Chãos até ás primeiras tradições romanas. Os episodios ligão-se com admiravel arte á acção principal, e nessa trama quasi infinda não se nota um fio que não seja tecido com esmero sem comtudo revelar o minimo esforço. Mas foi sobre tudo nos accessorios que Ovidio revelou todo o seu genio, e alguns episodios, como os de Philemon e Baucis, recommendão-se pela lindeza pura e tocante, ao passo que outros como o de Hecuba tocão ás raias do sublime.

Virgilio : — *As Bucolicas.* — E' este o titulo d'uma collecção de poesias pastoris, imitadas de Theocrito e outros poetas alexandrinos. O subtitulo d'eglogas, que tambem se lhes dá diriva-se da palavra grega *eklogué* que quer dizer *escolha* ; porque de facto as dez peças d'esta collecção forão escolhidas d'entre muitas outras do mesmo autor offerecendo ao publico uma especie de florilegio. Pede a imparcialidade que declaremos que esta obra de Virgilio, onde aliás fulgarão tantas bellezas, está muito aquem do seu principal modelo. Não conhecia por propria experiencia a vida dos pastores, foi-lhe preciso crear uma atmosphera artificial ; era um genero

falso, uma especie de contrabando que introduziu na litteratura latina. Fugindo as syrtes da servil imitação transfigurou Theocrito; contentou-se com as apparencias bucolicas; e seus pastores, bem diversos dos Tityros e Milibeos do poeta syracusano, practicavão como philosophos, e enchergavão por toda a parte allusões e allegorias. O estylo, mui pouco acommodado ao assumpto, perde-se quasi sempre no vacuo; e si não receassemos faltar a reverencia a tão grande mestre diriamos que nem sempre formava elle exacta ideia do que queria dizer.

*As Georgicas*: — Esta palavra dirivada da lingua grega *georgikós* significa *trabalhos agricolas;* e foi acertadamente escolhida por Virgilio para o tratado d'agronomia que escreveu, á instancias de Mecenas, seu particular amigo e protector. Diz-se que consagrára sete annos em executar esta primorosa obra, que levaria seu nome á mais remota posteridade, quando mesmo não fosse elle o autor da *Eneida*. Fallando d'este admiravel poema eis como se exprime um critico contemporaneo:

« Não basta para aquilatar Virgilio pelo seu justo valor ler, ou ainda meditar alguns episodios das *Georgicas*. Ha longos annos que o dever me impõe o estudo d'este bello poema em todas as suas partes: quanto mais aprofundo-o mais o admiro; e o que admiro é o poema todo de principio a fim. Diz-se que o grande Homero algumas vezes dormitava; Virgilio nunca. Não me peçaes que faça excerptos; lede-o todo; e quando chegardes ao ultimo verso recomeçai, e depois lede, e meditai ainda [1] ».

## TERCEIRO PERIODO

Vimos no periodo antecedente que as ideias de ordem e grandeza regular e pacifica, combinadas com os residuos da antiga independencia e da fé nos destinos do imperio, apoiadas no solido bom senso do principe e dos seus principaes validos, derão ao seculo de Augusto essa polidez e elegancia, que tanto o caracterisão, levando as letras latinas ao zenith da gloria. Mas quando inaugurou

[1] Alexis Pierron. — Histoire de la Littérature Romaine. Cap. XXVI.

Tiberio o despotismo suspeitoso, sanguinario e dissoluto, reduzia-se a vida intellectual e moral á observancia das doutrinas d'Aristippo e dos degenerados discipulos d'Epicuro. Nerva e seus successores fizerão por algum tempo reinar virtudes cuja practica se havia perdido; e nessa quadra a litteratura recuperou certo vigor: houve poetas, historiadores e moralistas. Foi porém isto passageiro: rapido meteoro atravessando o firmamento da decadencia que não tardou em mostrar-se logo que a virtude desamparou o throno dos Cesares. O seculo, chamado dos Antoninos, marca a ultima escala da grandeza romana, divisando-se além a tenebrosa caligem da decrepitude.

## POESIA EIPCA

Lucano *(Marco Anneo)*: — Natural de Cordova, veio ao mundo no anno 39 da era vulgar. Conduzido a Roma por seu tio Seneca, que nesse tempo desempenhava as funcções de preceptor de Nero, recebeu esmerada educação e adquiriu cedo a fama de orador, declamando com successo nas duas linguas (grega e latina) que constituião todo o cabedal glossologico da antiguidade. Nero tratava-o como amigo; nomeou-o questor, e conferio-lhe a dignidade de augur: parece porém que rivalidades de officio perturbarão tão cordial intelligencia: o imperador não podia tolerar os gabos de que era objecto Lucano cujo poema *(a Pharsalia)*, por muitos considerado superior á *Eneida*, collocava seu auctor em eminente e arriscadissima posição. Parece que quiz Nero impor silencio ao seu venturoso rival, que, despeitado, tomou parte na conspiração de Pisão, cujo mallogro occasionou-lhe a voluntaria morte. « Emquanto corria-lhe o sangue (diz Tacito) frio glacial gelava-lhe os pés e as mãos, e a vida retirando-se das extremidades conservava ainda o calor do coração e da phantasia. Havendo-se recordado de alguns versos em que pintára um soldado ferido, succumbindo á perda do proprio sangue, poz-se a recita-los; forão suas derradeiras palavras [1] ».

[1] Annales, lib XV, cap. LXX.

A *Pharsalia* é um poema inacabado detendo-se no decimo canto no meio d'uma narração; e nas partes que se achão completas visivel é que faltou-lhe a ultima demão: ainda assim passa por obra que muito honra a seu autor, e indubitavelmente por um dos mais formosos padrões da poesia latina. A proximidade dos tempos, a notoriedade da guerra civil, o seculo esclarecido e por isso nada supersticioso, em que vivia privarão-no do recurso do maravilhoso, e até a grandeza real dos personagens, que lhe era preciso pintar com naturalidade, apresentava-lhe novos obices e não ousando apartar-se da historia tornou o seu poema secco e arido. Quiz supprir a falta d'invenção pela grandeza dos sentimentos, e escondeu quiçá a esterilidade sob os exteriores da empolação. O principal defeito porém da *Pharsalia* consiste na falta d'unidade. De feito, quem é o verdadeiro protagonista do poema? — Na intenção do autor parece ser Pompeo; mas na realidade é Cesar. — O proprio assumpto não parece bem determinado; porque fica ambiguo si Lucano pretendeu tão sómente narrar a guerra civil que se seguiu a morte de Crasso, ou si quiz rehabilitar a memoria de Catão e seus sectarios. Esboçou, a largos traços, epicas figuras, scenas commovedoras, quiz mostrar-se poeta e conseguiu-o; visto como anima seu livro o anhelito da verdadeira inspiração.

## POESIA DRAMATICA

Seneca *(Lucio Anneo)*: — Nascido em Cordova no segundo, ou terceiro anno da era christã, foi mandado a Roma, ainda menino, para seguir os cursos de philosophia e rhetorica, professados por habilissimos mestres. Seus triumphos oratorios causarão ciumes a Caligula, devendo a vida á intervenção de uma nigromante que prognosticou-lhe brevissima existencia, applacando com esse artificio as iras do tyranno. Apezar do vaticinio persistiu em viver e obteve diversos empregos importantes entre outros o de questor. Accusado de feio delicto (talvez injustamente) foi desterrado por ordem de Claudio para a ilha de Corsega, onde permaneceu por espaço de dezoito annos, regressando á Roma por intervenção d'Agrippina que fel-o nomear pretor e mais tarde mestre e aio de seu filho Nero.

Gozou por algum tempo da privança d'este principe até que incorrendo em seu desagrado implicou-se na conspiração de Pisão, tendo sorte igual á de seu sobrinho Lucano.

Deixando de parte suas obras philosophicas só nos occuparemos com as dramaticas.

Attribuem-lhe a composição de dez tragedias, imitadas todas (com excepção de *Octavia*) do theatro grego. Parece porém que as não destinava elle á representação, não passando de ensaios de pura declamação destinadas ás leituras publicas, então muito em voga. Os dialogos são por demais espirituosos, as discripções superabundantes de lugares communs, e os caracteres extremamente parecidos, e como que vasados no mesmo molde. A versificação porém é esplendida; ainda que um tanto monotona, e os metros lyricos, imitados de Catullo e Horacio, são cheios de graças e naturalidade.

## POESIA DIDACTICA

Phedro *(Julio)*: — Natural da Pieria (na Grecia) foi escravo de Augusto que lhe deu a liberdade e com ella variada instrucção. Victima das perseguições de Sejano foi condemnado ao desterro, d'onde regressou depois da queda d'esse poderoso valido. Consta que chegára a uma idade avançada, gozando sempre da estima e consideração dos contemporaneos. A obra sahida da sua penna que grangeou-lhe as honras da fama postera é uma collecção de apologos tendo por titulo — *Fabulas de Phedro, liberto de Augusto* — Muitas d'ellas não passarão de traducções d'Esopo, Callimaco e outros fabulistas gregos, algumas porém são manifestamente de lavra propria. Nota-se nessas fabulas que a moralidade prevalece sobre o interesse dramatico, sendo mais caustico do que malicioso. Sua linguagem, bem que ainda pura, annuncia quebra nos brazões da genuina latinidade.

Persio *(Aulo — Flacco)*: — Nascido em Volterra, na Etruria, trinta e quatro annos depois de Jesus Christo era filho d'um cavalleiro romano. Foi discipulo do celebre philosopho Cornuto, tendo por companheiros o poeta Lucano, e o virtuoso Traséas. Ardente, stoico exprimiu em suas mordazes satyras as doutrinas que

professava, tornando-se notavel pela elevação de pensamentos, calor d'expressão e sanctidade de moral. A exemplo de Lucilio atacou os escriptores de seu tempo, inclusive Nero, e deveu a uma prematura morte o ter podido escapar á vingança do despota. Cornuto, legatario de seus manuscriptos, apenas consentiu na publicação de seis satyras que nos parecem hoje d'intoleravel obscuridade, mas a que os contemporaneos davão subido apreço, mais aptos para penetrarem o verdadeiro sentido das suas reticencias e allusões.

Juvenal *(Decimo Junio)*: — Natural de Aquino, no paiz dos Volscos, veio ao mundo no anno 42 da era vulgar. Foi filho, outros pretendem que pupilo, d'um liberto que deixou-lhe avultado cabedal, permittindo-lhe viver arredado da vida publica, consagrando os ocios ao cultivo das letras. Até á idade de quarenta annos absteve-se d'escrever, e o seu primeiro ensaio poetico foi uma virulenta satyra contra um histrião valido de Domiciano. Apezar dos encomios que lhe prodigalisarão amigos e conhecidos manteve-se no proposito de nada publicar, e só muito tarde quando contava cerca de oitenta annos é que deu a lume uma collecção de satyras, das quaes apenas existem quinze inteiras e alguns fragmentos da decima sexta. Rica e poderosa imaginação, grande força de vontade, amor extremo pelo bom e pelo bello, consumada arte em apoderar-se dos espiritos, valerão a Juvenal o ser contado entre os maiores poetas, não só de Roma mas ainda do mundo inteiro. « Poder-se-hia fazer (diz Nisard) com os retratos do poeta uma historia domestica de Roma nos primeiros seculos do imperio: seu livro é um admiravel complemento do de Tacito; é a chronica privada d'uma epocha de que Tacito escreveu a historia publica. » Infelizmente a indignação de Juvenal não era justificada pela practica da virtude: vê-se que compraz-se nas infamias que descreve, e exerce vingança contra uma sociedade que deixou-o vegetar na classe subalterna. Seus versos não são sempre bem inspirados, e é mais vezes declamatorio do que eloquente e conceituoso.

Marcial *(Marco Valerio)*: — Nasceo no anno 4° da era vulgar em Bilbilis (na Hespanha Tarraconesa) e deixando em verdes annos a patria foi para Roma aperfeiçoar e completar sua educação. Nunca conheceu outro emprego que o de poeta; e graças á munificencia

de alguns ricos patronos, viveu n'uma condicção dubia entre a miseria e a abastança. Não lhe faltarão honras; por quanto Domiciano fe-lo cavalleiro, e outorgou-lhe previlegios mais ou menos invejaveis. Sua celebridade proveio da collecção d'*Epigrammas* que publicou em numero de mil e quinhentos, destribuidos em quatorze livros. Essas pequenas peças, tão bem trabalhadas, tão sobrias de imagens e figuras, fazem lembrar as de Catullo; como este sabe Marcial variar de metros, prima no feliz emprego do endecasyllabo assim como na difficilima arte de dizer muito em pouco. Plinio o Moço sabendo da morte d'este poeta disse: — « era um homem espirituoso, picante, vivo, escrevendo com muito sal, muito fel, porém com não menos candura. » E' essa candura que faz todo o encanto de Marcial; e se merece ser lido, não é porque fosse maligno, mas sim porque o foi talvez sem o querer. Sua linguagem, supposto em geral de boa tempera, é contaminada por alguns vicios patrios, e por certas concessões feitas aos erros populares, dos quaes não soube, ou não poude descartar-se. « Marcial (acrescenta o supracitado Nisard) desempenhava o papel de censor, censor suspeito, confessa-o, e que fallava com demasiado conhecimento dos vicios que criticava; lavrando porém de tempos em tempos protestos energicos e decorosos. Ha indignação em mais de um epigramma, e dir-se-hia que vai tomar ao serio as torpezas dos contemporaneos; mas essa indignação termina por um trocadilho, e a colera expira n'uma facecia. »

## ELOQUENCIA

Quintiliano *(Marco Fabio)*: — Natural de calaguris (na Hspanha Tarraconesa) nasceu no anno 42 da era christã. Depois de haver recebido em Roma a consagração litteraria volveu á patria onde por muitos annos exerceu o magisterio de grammatica e rhetorica. Attrahido á capital do imperio por Galba, que de perto o practicára, foi cumulado por este imperador de muitas honras sendo por um decreto investido das funcções de professor publico d'eloquencia com pingues vencimentos. Entregou-se igualmente á advocacia, e ao renome de eximio professor juntou ao de facundo orador. Correm sob seu nome algumas declamações que a critica não julga

authenticas, por estarem muito longe do juizo que d'elle devemos formar, comprovado pelas finissimas observações que a cada passo se encontrão em sua monumental obra — *Instituições Oratorias*. Ahi toma o futuro orador no berço, fa-lo passar successivamente por todos os gráos que devem leva-lo a perfeição. Occupa-se primeiramente com os estudos elementares e toda aquella parte da grammatica que serve de complemento obrigativo á boa rhetorica; passa depois ao seu assumpto, propriamente dito, e como todos os rhetoricos antigos disserta largamente sobre a invenção, disposição e elocução. O duodecimo livro, consagrado á pessoa do orador, é aquelle em que elle revela todos os segredos d'arte, e transportando-o ao theatro em que se devem ostentar suas faculdades, mostra-lhe o que lhe cumpre fazer, segundo as occurrencias, para não malograr as vantagens adquiridas. Este habilissimo rhetorico conhecia cabalmente a lingua de Cicero mas não lhe possuia o estylo; assim pois, a despeito da rigidez dos principios por elle expostos, apenas conseguiu ser considerado *meio classico*.

Plinio (*Caio Cecilio*) chamado o *Moço* para differença-lo de seu tio Plinio *o Antigo*, nasceu em Como (no Piemonte) 62 annos depois de J. C. Adoptado pelo referido seu tio, que dirigiu-lhe os estudos, abraçou a carreira de advogado, onde grangeou bem merecida reputação. Foi successivamente pretor urbano, tribuno do povo, prefeito do thezouro, consul e proconsul na Bithynia e no Ponto. Fruia de avultada fortuna da qual fazia o mais honroso uso, fundando bibliothecas, escolas, edificando templos etc. É conhecido na republica das letras pelo *Penegyrico de Trajano* e uma collecção de *Epistolas*, dividida em dez livros.

*O Panegyrico* é um agradecimento que Plinio dirigiu a Trajano por occasião de tomar posse do consulado. Era d'estylo que o novo consul, agradecendo ao principe a honra que havia feito, propuzesse ao senado conferir-lhe novas regalias; preferiu Plinio contar e louvar as acções do imperador : era esta uma alteração que tanto tinha d'insolita como d'engenhosa. A principio não passou d'um elogio gratulatorio, mais tarde porém deu-lhe o autor a forma sob a qual hoje a possuimos. Litterariamente considerada é uma obra pretenciosa, monotona, sem elevação, nem calor, salvo as poucas

excepções, na qual todavia justo é reconhecer algumas boas qualidades, como por exemplo a elegancia e graça do estylo, finura nos encommios e brilho nos pensamentos. *O Panegyrico de Trajano*, apezar de seus defeitos, ou talvez por causa d'elles, foi acolhido pelos contemporaneos como obra primorosa; e essa admiração pareceu augmentar nos seculos seguintes, em que os oradores o tomavão por modelo de preferencia aos magistraes discursos de Demosthenes e Cicero.

## EPISTOLOGRAPHIA

Plinio, o Moço.— *As Epistolas, ou Cartas* formão com o *Panegyrico* os mais circumstanciados testemunhos que nos restão do imperio de Trajano. Os dois primeiros annos são expostos com uma minuciosidade ultra-historica; o decimo livro, que encerra a correspondencia entre o senhor de Roma e o governador da Bithynia, offerece vivissimo interesse. Plinio tinha pouca confiança no merito litterario d'essa composição, que só sahiu a lume depois de sua morte. Apresenta ella a historia intima de Roma no tempo dos imperadores, a dos usos e costumes, da vida privada, o modo de considerar os objectos mais familiares, assim como os mais nobres. « Aquelle que manusear as cartas de Plinio (diz Demogeot) largando as de Cicero, sentirá a mesma impressão que sentiria quem sahisse da praça publica onde se agitão as convulsões da liberdade agonisante para entrar no aposento modesto d'algum simples particular. »

## HISTORIA

Tacito *(Caio Cornelio)*: — Nascido em Interamno (na Umbria) no anno 55 da era christã; pertencia á ordem equestre e estreiou-se no fôro sob os auspicios do seu amigo Plinio o Moço, que o incumbiu de sustentar a acusação formulada contra o proconsul Mario Prisco, digno emulo de Verres. Exerceu varios cargos de magistratura; foi questor, no tempo de Vespasiano, edil no de Tito, pretor no de Domiciano, e consul no de Nerva. Restão-nos d'elle quatro obras historicas: *a Vida de Agricola*, seu sogro; um livro

sobre os *Costumes dos Germanos*, quadro de admiravel exactidão[1] as *Historias*, narrativas dos acontecimentos contemporaneos occorridos no espaço de vinte e oito annos, isto é desde o imperado de Galba até o de Domiciano; e finalmente os *Annaes* narração dos successos anteriores, comprehendidos no periodo decorrido da morte de Augusto á de Nero.

Tacito, essencialmente moralista, tem por principal objecto o estudo da natureza humana. Antepõe os quadros ás dissertações; pinta os factos á proporção que os vai contando; e é isso que tão vivo interesse communica ás suas obras. Espirito elevado e positivo lamenta a republica, sentindo ao mesmo tempo a necessidade do governo monarchico; estigmatisa com indignação os crimes dos imperadores e a baixesa dos validos. Quasi sempre propenso a suppor maos instinctos, ou designios reprovados nos actos, ainda os mais innocentes, nenhuma fé parece depositar na generosidade do coração humano. Seu estylo distingue-se por uma concisão desesperadora e repleto de movimento e força reveste-se por vezes de côres poeticas. A influencia da epocha em que viveu distingue-se nas irregularidades grammaticaes, locuções viciosas, ou obsoletas.

Suetonio *(Caio-Tranquillo)*: Ignora-se o lugar e a data do seu nascimento sendo certo que fôra contemporaneo de Tacito e amigo

[1] Na excellente obra, que com o titulo « *Origem d'Allemanha e do Imperio Germanico* » acaba de publicar (1872) o illustrado professor Julio Zeller, lê-se o seguinte juizo do qual pedimos venia para apropriarmo-nos:

« A *Germania*, segunda das suas obras, foi publicada em 98 E. C. sob o segundo consulado de Trajano. Nem um livro tornou-se objecto de mais numerosos e erudictos commentarios; e ainda que ractifiquem alguns pontos concordão os modernos em reconhecer-lhe penetração de vistas, e veracidade nos pormenores. Ha porém grande debate relativamente ao espirito que anima a obra, e o caracteristico de suas pinturas.

« Nas epochas em que o desabrochar da vida civilisada deixa entrever a corrupção, como o verme na flor, facilmente cedem os escriptores á tentação d'achar util á moral e propicia aos effeitos litterarios o contraste do estado selvagem com o civilisado. Encontrão ahi o antagonismo que fazem valer, exagerando-os, e acreditão encerrar proveitosas lições.

« Debaixo d'essa influencia muitas vezes sacrifica a litteratura a belleza simples da verdade á pomposos lugares communs e amplificações rhetoricas. Nada ha porém de mais funesto para historia, cuja musa é a verdade, sendo para lamentar que o proprio genio não se possa subtrahir a tão fatal contagio. »

de Plinio o Moço. Apenas consta que exercera por algum tempo a profissão de rhetorico, e que mais tarde o escolhera Adriano para seu secretario, em cujo emprego incorrera no desagrado imperial recolhendo-se á vida privada e dedicando seus lazeres ao estudo. D'entre as suas obras a mais justamente celebre é a intitulada *Vida dos Doze Cesares*, ou biographias dos primeiros imperadores romanos. São ellas contos de reposteiros, narrativas sem arte, sem methodo e sem nexo. Sua autoridade é quasi sempre suspeita; não porque deixe de amar a verdade, mas porque procura sem o necessario discernimento e ouve mal, como acontece a quem anda escutando pelas portas. Cahindo em habeis mãos este livro é um valiosissimo subsidio historico, quiçá mais preciosodo que o de Tacito. Sem compulsa-lo impossivel se torna escrever uma veridica historia do imperio romano.

Quinto-Curcio *(Rufo)*: — Crê-se que vivera em Roma imperando Tiberio, ou Claudio, sem que se saiba ao certo o lugar do seu nascimento. É autor d'uma obra com o titulo — *Historia das Empresas d'Alexandre Magno*, — repartida em dez livros dos quaes nos faltão os dois primeiros. Como trabalho historico está muito longe da perfeição; revela supina ignorancia da tactica militar, commette frequentes erros de geographia e chronologia e mostra decidido amor pelo maravilhoso. É antes rhetorico do que historiador.

Não obstante os defeitos que deixamos apontados Quinto Curcio é um escriptor interessante que sabe perfeitamente caracterisar o seu heroe, e cujas reflexões abundão em conceitos energicos e elevados. O estylo é por demais florido e disproporcionado á importancia do assumpto. N'um tom sempre grandiloquo refere-nos todos os acontecimentos, quer de subida transcendencia, quer de minima importancia: n'uma palavra, é tão mao historiador como agradavel e fluente estylista.

# QUARTO PERIODO

Depois de haver conquistado o universo Roma, semelhante ao athleta dos jogos olympicos, ficou só na arena, consummindo sua coragem em forçado repouso. Esse repouso consagrou-o ella a principio em obras do espirito; mas não tardou que seu genio litterario sentisse os desfallecimentos que accommetterão o politico. Com Juvenal desaparece a poesia, com Plinio o Moço a eloquencia, e com Tacito a historia. O segundo seculo christão, a partir d'Adriano, é o absoluto dominio da esterilidade. Assim pois pauperimo será o inventario a que vamos proceder das producções litterarias d'esse periodo.

## POESIA DIDACTICA

Petronio *(Tito - Arbiter)* : — Nascido nas circumvisinhanças de Marselha viveu na corte do imperador Claudio que confiou-lhe o governo de Bithynia. Propenso aos prazeres e á ociosidade mostrou com tudo certa energia n'administração d'essa provincia recebendo por isso as honras do consulado. Com o fito de ser agradavel a Nero, e quiçá para desarma-lo dos accessos de zelos litterarios de que era muito achacado, fez alarde d'uma vida esteril e licenciosa. Tão engenhosa condescendencia não o isentou das intrigas de Tigellino, que havendo conseguido perde-lo no animo do imperante compellio-o ao suicidio, unico meio que lhe restava d'escapar a crueis e ultrajantes supplicios. Legou Petronio á posteridade uma obra escripta em prosa e verso no gosto das *satyras menippéas*, [1] a qual compõe-se d'uma galeria de quadros de costumes da epocha, expostos com revoltante crueza e notavel indecencia de linguagem. Ha todavia nesse livro trechos bastante curiosos, entre outros a discripção do festim de Trimalcion (em prosa) e a narrativa da guerra

[1] Deriva-se esse nome de Menippo, philosopho cynico, e autor d'uma collecção de satyras, escriptas alternadamente em prosa e verso, as quaes não chegarão até nós.

civil entre Cesar e Pompeo, feita em versos. Um manuscripto encontrado em 1663 por J. Lucio preencheu algumas lacunas d'essa obra, ainda assim incompleta.

## ROMANCE

Apuléo (*Lucio*): — Nascido em Madaura, pequena cidade africana situada entre a Numidia e a Getulia, veio ao mundo no anno 114 da era vulgar. Passou sua mocidade em viagens d'instrucção e recreio, indo depois estabelecer-se em Carthago onde fez-se admirar por sua prodigiosa eloquencia. Erguerão-lhe estatuas, e uma opulenta viuva quiz reparar as brechas que notava em sua fortuna dando-lhe a mão d'esposa. Triumphou sempre de seus inimigos, ou melhor invejosos, e attingiu á idade de setenta annos. Sua principal obra é um romance com o titulo — *Metamorphoses, ou o Asno de Ouro* — no qual desenvolve o assumpto, esboçado por Luciano, das tribulações d'um asno, que havendo sido homem recuperara sua perdida dignidade. *As Metamorphoses* são um fiel quadro da sociedade do segundo seculo, pintado com tintas meridionaes, e certa jovialidade que muito nos agrada. Ha graciosas figuras entre as que Apuléo faz desfilar a nossos olhos, e bellissimos contos que se deixão ler, apezar do pessimo estylo que lhes derranca as melhores ideias e expressões. Encontra-se n'esse romance um mimoso mytho de Psyché que pode ser considerado como uma das mais mimosas creações da musa antiga. Se bem que hajão razões para suspeitar que algures o fosse buscar, não lhe fica pequeno merito de have-lo tão bem sabido acommodar ao seu objecto ligando tão gracioso episodio por delicadissimo liames.

## ELOQUENCIA

Principio incontroverso é que as mesmas causas produzem sempre os mesmos effeitos. Desertára a eloquencia do *forum* de Roma pelas mesmas razões que desemparára *o ágora* de Athenas; e assim como na Grecia nova religião quebrára os sellos do tumulo em que jazião Demosthenes e Eschines, tambem em Roma esse mesmo culto fizera surgir de suas campas, transfigurados pela luz da revelação, os nobres vultos de Cicero e de Hortensio. Se podessemos acreditar

nos sonhos da metempsycose diriamos que se havião incarnado elles nos mais famosos oradores christãos, e nomeadamente em S. Hilario, S. Ambrosio e S. Agostinho.

S. Hilario: —Nascido em Poitiers (nas Gallias) no começo do quarto seculo christão applicou-se ao estudo das sciencias profanas, havendo mais tarde abraçado com fervor o christianismo mereceu pelas suas raras virtudes ser eleito bispo da sua cidade natal, votando-se desde então á defesa do dogma contra os ataques dos arianos. Perseguido pelo aferro ás suas convicções e á energia com que por ellas pugnava teve de soffrer o desterro na Phrygia d'onde depois voltou ao exercicio de suas sagradas funcções. Morreu em 370 na idade de quasi oitenta annos. Sua eloquencia era tão impetuosa que São Jeronymo a comparava com a correntesa do Rhodano (*eloquentia latina Rhodanus*). Era viva, instante, vigorosa no raciocinio, rica, harmoniosa e rapida no estylo. Sua principal obra é o *Tratado sobre a Trindade*, escripto durante o exilio; o mais methodico e completo que até hoje possuimos.

S. Ambrosio: — Nasceu no anno 340 no palacio de seu pai, que era prefeito da Gallia Meridional. Fez seus estudos em Roma sendo depois mandado a Milão para entregar-se á carreira da advocacia. Revelou desde o começo tanta prudencia e habilidade que Petronio Probo, prefeito da Italia e da Illyria, escolheu-o para conselheiro nomeando-o segundo governador das provincias consulares da Liguria e Emilia. Por occasião da eleição do bispo que devera succeder á Auxencio não podendo as duas parcialidades em que se dividia o corpo eleitoral chegar a um acordo foi elle indigitado para esse honroso lugar, não obstante ser sómente catechumeno. Recebendo as convenientes ordens, sentou-se no solio episcopal que honrou pela pureza de seus costumes, variada e solida sciencia, e por uma fecundia que tornou-se proverbial «S. Ambrosio (diz Chateaubriand) é o *Fénélon dos Padres da Igreja*. É florido, meigo, abundante; e apezar de alguns defeitos, devidos ao seu seculo, offerecem suas obras leitura agradavel e instructiva. Para convencermo-nos d'isto bastará percorrer o seu *Tratado da Virgindade* e o *Elogio dos Patriarchas* [1].

[1] *Génie du Christianisme.*

offerecem suas obras leitura agradavel e instructiva. Para convencermo-nos d'isto bastará percorrer o seu *Tratado da Virgindade e o Elogio das Patriarchas*[1] ».

S. AGOSTINHO: — Viu a luz em Tagasta pequena cidade da Numidia, situada entre Madaura e Hipponia. Era filho d'uma senhora extremamente piedosa (S. Monica) e sugou com o leite principios da mais pura moral, infelizmente empanados, quando em idade viril, poz-se em contacto com a corrupção da epocha. O germen porem confiado a fertil torrão produziu mais tarde sasonados fructos, e Agostinho, vexado e confuso das dissipações da juventude, volveu á practica das boas acções e entregou-se com ardor ao estudo. É no seu tão bello quão ingenuo livro denominado *Confissões* que deve ler-se as peripecias d'essa agitadissima existencia. Deveu á eloquencia de S. Ambrosio sua conversão, e regressando ao regaço materno, recebeu das mãos do bispo Valerio a consagração sacerdotal, sendo incumbido da predica commoveu o auditorio por descommunal eloquencia. Associado mais tarde os munus pastoral succedeu a Valerio distribuindo o tempo entre os cuidados da governança e a composição de numerosas obras que formão uma verdadeira bibliotheca e o collocão na cathegoria d'um dos mais fecundos e eruditos polygraphos. « Dai-lhe outro seculo (diz Villemain) collocai-o em melhor civilisação, e jamais homem algum terá parecido ser dotado de mais vasto genio. Metaphysica, historia, antiguidades, sciencia de costumes, conhecimento das artes, tudo abraçára Agostinho. Escreve sobre musica com a mesma facilidade que sobre o livre arbitrio; explica o phenomeno intellectual da memoria como raciocina á cerca da decadencia do imperio romano[1] ».

[1] *Tableau de l'Eloquence Chrétienne au IV^me Siècle.*

# LIVRO QUARTO

## LITTERATURA ITALIANA

De todos os povos da raça latina foi o italiano o que melhor conservou os vestigios d'antiga litteratura: alguns dos seus sabios pretendem que jamais houve solução de continuidade entre Virgilio e Dante, Cicero e Boccacio. Parece-nos porém exagerada semelhante pretenção; cremos antes que em seus brazões heraldicos houve quebra de bastardia nos seculos de decadencia e confusão. Ainda não havião os barbaros invadido a Italia e já manifestava-se rapido declinar em todas as cousas, e a outr'ora vigorosa raça romana, aviltada pelo servilismo, teria fraqueado ao pendor da propria ignominia si a conquista não lhe desfechasse o derradeiro golpe. Nessas eras, de nefasta recordação, só o christianismo amparava a sociedade; só elle impedia que a luz mortiça das letras de todo não se extinguisse. Sabemos quão frustraneos forão os tentames de Theodorico e Carlos Magno para dissipar as trevas, que, um momento afugentadas por seus nobres esforços, tornarão a condensarem-se quando esses illustres principes descerão do solio para o tumulo.

Por bem rudes provas teve de passar a lingua latina nos tempos a que nos vamos referindo; procurarão-na fallar os novos senhores de Italia, mas achando-a corrompida pelos indigenas ainda mais adulterada a fizerão pelas suppressões, substituições e acrescentamentos determinados por uma phonetica barbara, ou pela necessidade d'exprimir instituições, armas, usos e costumes defficientes no vocabulario latino: e assim se forão formando esses *romances rusticos*, legitimos avoengos das modernas linguas da Europa.

Melhor do que nenhuma outra nação resistiu a Italia á corrupção d'esses seculos tenebrosos: os restos da lingua latina, menos

corrupta do que em qualquer outra parte, bastavão para as necessidades absolutas da vida, e as poucas relações sociaes. Foi só pelos fins do duodecimo seculo que manifestou-se o divorcio entre o latim classico e a linguagem popular; o bispo de Padua viu-se na precisão de verter em vulgar uma homilia que o patriarcha d'Aquiléa escrevera no idioma do Lacio. A substituição do pergaminho pelo papel facilitou a divulgação dos melhores escriptos da antiguidade; começarão a abrirem-se escolas de grammatica, direito, e medicina, e as disputas escolasticas derão impulso e vigor á dialectica e aos estudos theologico—philosophicos. Prosperarão as artes; Bolonha e Salerno tornarão-se focos do movimento scientifico; e podia-se dizer que bruxoleava ao longe a aurora da resurreição litteraria.

Depois de lhe bosquejarmos as origens estudaremos a litteratura italiana nos quatro periodos em que póde ella dividir-se, a saber: 1° *formação e desenvolvimento* (seculo XIV); 2° *grandeza e esplendor* (seculos XV e XVI); 3° *decadencia* (seculos XVII e XVIII); 4° *revolução e reforma* (seculo XIX).

## ORIGENS

A queda do imperio do Occidente, as invasões dos barbaros e as calamidades por que teve de passar a Italia nos cinco primeiros seculos que seguirão-se a esses acontecimentos, havião quasi que apagado a scentelha que da Etruria se transmittira a Roma. Mas as cruzadas que abrirão as portas do Oriente, o estabelecimento dos arabes na parte meridional da peninsula, e o espirito cavalheiresco despertando o desejo de assignalar-se tanto pelas armas como pela lyra, a formação de republicas onde se honrava a *arte de bem dizer* combinados com a nobilitação dos dialectos vulgares concorrerão para despertar os italianos do somno lethargico em que jazião.

Crescia cada vez mais nos animos o amor da liberdade: as cidades lombardas se declaravão independentes, começavão as communas a governarem-se por seus consules; multiplicavão-se as escolas, honrava-se o estudo das leis. No entanto erguia-se na Sicilia um throno em que devera sentar-se Frederico II, e formava-se uma

corte em que este principe, auxiliado por seu secretario Pedro delle Vigne, honrava o romance vulgar nelle escrevendo suas composições poeticas, e ordenando fosse elle ensinado nas universidades de Napoles e Palermo, que acabava de fundar. Seus filhos, Enzo e Manfredo, imitarão-lhe o exemplo, e contribuirão grandemente para a creação d'essa lingua siciliana que Dante qualificava de « *cardeal, illustre* e *aulica.* »

O mais antigo poeta d'essa escola foi Cicelo que pelos annos de 1193 escreveu uma *canção* [1] em versos duros que só merecem menção pela sua prioridade. Não lhe levarão ás lampas seus immediatos successores, cuja rima monotona, comparações forçadas e burlescas desafião a paciencia dos modernos philologos.

A poesia passou ao continente; os sicilianos, sempre admirados, acharão por toda a parte imitadores; em Sienne Folcacchiero, em Bolonha, Onesto e Fabricio, e sobre todos Guido Guinicelli, a quem Dante chama de mestre. Em sua peregrinação por varias cidades de Italia deu preferencia em Florença a Guido Cavalcanti, que eclipsou a Guinicelli, não só em pureza de linguagem como ainda em graça e elegancia. Gozava ainda o celebre florentino de toda a sua gloria quando appareceu na arena poetica Cino de Pistoia celebre jurisconsulto e emulo de Bartolo. Attribue-se-lhe a creação do soneto, metro lindissimo do qual infelizmente tanto se tem abusado.

Brunetto Latini (fallecido em 1294) é autor d'um monstruoso poema apocalyptico a que intitulou *Il Tesoretto* (o pequeno thezouro) que alguns criticos pretenderão ter inspirado a Dante. Parece que não nascera Brunetto poeta; fazia versos porque era então moda faze-los, e porque em toda a Italia especialmente na Toscana ninguem podia aspirar os fóros de bem educado se não torneasse um soneto, ou modulasse uma canção.

A prosa teve origem nas cartas que os negociantes de Florença escreverão aos seus correspondentes: e a datar do decimo terceiro

[1] Esta palavra parece dirivada do provençal *cançó* que significa um trecho dividido em estrophes, tratando de assumptos amorosos, e recitada ao som de instrumentos musicos.

seculo já são intelligiveis. A lingua, ainda informe, desprovida das desinencias que tornão possiveis as declinações, ou das particulas que as supprem, não podia bem exprimir as cambiantes do pensamento.

O primeiro ensaio de historia, ou antes de chronica, é a do napolitano Matteo Sapinelli, escripto no dialecto d'Apulia, mui parecido com o siciliano. Era um narrador sem criterio, comparado por um critico a um barbeiro que anda á espreita de mexericos para referi-los aos freguezes. Mais valor tem a obra de Recordano Malaspini, autor d'uma historia de Florença, cuja narração começada em Nino interrompe-se para dar lugar a uma mui erudita dissertação concernente ao numero de annos decorridos entre Adão e o monarcha assyrio. Ha nelle todavia certa sinceridade de convicção que torna facil, senão attractiva, a leitura da dita obra, e pondo de parte a natural nebulosidade deixa entrever alguns laivos de methodo e clareza.

Dino Compagni foi seu continuador e aperfeiçoador. A narrativa dos acontecimentos que se havião succedido em Florença, no periodo de vinte e seis annos (1286—1312) e dos quaes fôra occular testemunha, é feita com exactidão e lucidez. O estylo, bem que contaminado de barbarismos, foi considerado pela academia della Crusca como digno da consulta dos eruditos, cubiçosos de conhecerem as procedencias e desinvolvimentos da lingua.

Vê-se pois que a poesia e a prosa, apenas nascidas, aguardavão o apparecimento de alguns engenhos eminentes, e consciencioso estudo dos antigos modelos.

## PRIMEIRO PERIODO

Este periodo, durante o qual formou-se a lingua e a litteratura italianas, é representado por tres nomes proprios de que vamos successivamente occuparmo-nos.

### POESIA DIDACTICA

Dante (*Alighiere*) : — Nascido em Florença no mez de Março de 1265 foi filho de Alighiero degli Alighèri e de sua mulher Bella.

Recebeu na pia baptismal o nome de *Durante*, synonimo de *perseverante*, cujo nome, conforme o uso do tempo mudou-se por contracção no de *Dante*. Havendo perdido seu pai em tenra idade foi confiado aos cuidados de Bruneto Latini, que lhe ensinou as boas lettras e philosophia, applicando-se mais tarde ao estudo de astronomia, physica, pintura e musica. Frequentou a universidade de Bolonha, e posto que ahi seguisse o curso de direito parece que não chegou a formar-se ; por quanto inscreveu-se nos registros publicos como medico e pharmaceutico. O amor inspirou-lhe os primeiros versos, dedicados a Beatriz (por abreviatura Bice) filha de Folco Portinari, a qual conhecera quando contava apenas nove annos de idade e ella oito. Nem o duplo casamento de Beatriz com Simão dei Bardi, e o de Dante com Gemma dei Donati, poude interromper essa pura affeição, continuada além do tumulo. Verdade é que era esse um *amor platonico*, posto em voga pelos trovadores, e que tão grande influencia exerceu na poesia da epocha. Pagou Dante o tributo que todo o bom cidadão costumava pagar n'esses tempos revoltos; vestiu a armadura e combateu em Capaldino contra os Gibelinos d'Arezzo, em Caprona contra os pisanos. Depois de haver sido incumbido de varias missões politicas tomou assento no supremo conselho de Florença; onde havendo-se decidido em favor dos *brancos*, que se oppunhão a chamada de Carlos de Valois (Carlos VIII), foi desterrado pela victoriosa facção adversa (*a dos negros*) e tentou com mão armada volver á patria, mas sendo repellido teve de vagar de cidade em cidade, e sempre perseguido pelo odio de seus implacaveis inimigos. Residiu successivamente em Sienna, Padua, Verona, e Udina; visitou Pariz, onde diz-se que sustentára these perante sua celebre universidade, e foi morrer em Ravenna (em 1321) no palacio de Guido de Polenta, ultimo e mais generoso de seus hospedeiros. A primeira obra de Dante é a *Vita Nuova*, onde se encontrão pormenores relativos aos seus primeiros annos, a pintura das tribulações do seu amor por Beatriz e a transcripção dos versos que lhe dirigira: é já a revelação do genio que se sentia destinado a grandes commettimentos. O Banquete (*il Convito*) serve de commentario ás suas poesias lyricas, e tem por fim demonstrar aos italianos que a sua lingua prestava-se a todo o genero de composições.

Temos tambem d'elle dois tratados em latim; um intitulado *De Vulgari Eloquentia* versando sobre identico assumpto das excellencias da lingua italiana, e outro sob o titulo *De Monarchia*, obra politica, em que pretende provar que o poder monarchico é indispensavel á felicidade dos homens, e só de Deus dependente. Sepultar-se-hião porém no olvido todas essas obras si não houvesse elle escripto outra que não conhece rival em litteratura alguma; queremos fallar da *Divina Comedia* poema dividido em tres partes; o *Inferno*, o *Purgatorio* e o *Paraiso*, devendo seu nome á circunstancia de haver Dante em seu tratado *De Vulgari Eloquentia* destinguido tres estylos: *tragico*, *comico* e *elegiaco*; e querendo unicamente fazer uso do comico, ou temperado, denominou por isso o seu livro de *Comedia*, além de que, como elle proprio dizia, o começo d'uma comedia é sempre aspero e difficil e feliz o seu desfecho: assim applica propriamente esse titulo a um poema que abre-se no inferno e termina no paraiso. O epitheto de *Divina* foi-lhe muito tarde accrescentado e proveio-lhe da pessoa do poeta a quem os contemporaneos chamarão *il poeta divino*. A primeira edição em que apparece com o titulo de — *La Divina Comedia* — é a de 1516.

Consideramos este poema como didactico, posto que não falte quem o classifique de poema epico, e até de lyrico; porque o pensamento motor de Dante parece ter sido a glorificação de Beatriz, considerada como o genio do christianismo, e querendo conformar-se com um uso litterario, observado então em todos os generos poeticos, principalmente no didactico, que consistia em comprehender a parte philosophica n'uma especie de moldura ficticia, escolheu com arte a narrativa d'uma supposta viagem atravez do inferno, purgatorio e paraiso, e percorrendo successivamente os tres mundos d'além tumulo, figura ter ouvido, visto e apprendido grandes verdades, cujo conhecimento procurava a salvação eterna, não só d'elle como dos que o lerem com a devida attenção. A' medida que passa do inferno ao purgatorio e d'ahi ao paraiso o ensino torna-se mais progressivo e como que se entra n'uma quasi iniciação de verdades de ordem metaphysica. Dante soube elevar seus personagens á categoria de typos, escolhendo-os indistinctamente na historia ou na fabula; e posto que não hajão conservado seu caracter

historico, ou tradicional, não se converterão por isso em *figuras allegoricas* tendo uma significação abstracta; semelhantes porém aos typos creados por Shakespeare, afastando-se da historia, guardarão uma personalidade concreta e vivem dramaticamente em toda a plenitude da vida real. Todos os personagens a quem pede informações lhe servem ou de advertencia pela sua simples presença nesses lugares, o pelas suas consoladoras e propheticas palavras; e concorrem directa, ou indirectamente para augmentar a somma de luzes que viera procurar em sua viagem.

Dante deu aos seus quadros um cunho d'inimitavel grandeza e sublimidade; tachonou-os de bellissimas descripções, felicissimos similes, patheticos e graciosos incidentes, episodios cheios de ternura e melancholia, imagens vivas e pensamentos elevados. Passou em revista os vicios que a servidão acarretára a Italia, atacou os preconceitos mais predominantes, poz em relevo as infamias dos grandes e a corrupção dos pequenos, e fustigou com allusões occultas e satyras indirectas a perfida e astuciosa politica de alguns potentados.

O principal defeito que a critica nota neste admiravel poema é que o interesse, em vez d'augmentar vai decrescendo; e que as discussões theologicas, abundantes no *Paraiso*, fatigão o leitor, abafando a poesia, e apresentando singular mescla de citações biblicas, allusões mythologicas, e concepções extravagantes, como por exemplo a da dansa, por meio da qual exprimem os astros o seu jubilo.

Estas maculas não defraudão o *Orestes Florentino* da gloria de haver sido o creador da poesia italiana, fixando outrosim as leis de uma lingua, que, ainda envolta nas faixas infantis, parecia não poder prestar-se a tão grande empresa; convertendo pelo unico ascendente do seu genio esse rudimentario instrumento n'um idioma claro, simples, grave e sobre tudo d'inexcedivel melodia. « Elle quiz (pondera Maffei) estabelecer uma lingua commum que prendesse com sacros vinculos a bella familia habitadora do paiz dividido pelos Apeninos e circumdado pelos Alpes e pelo mar: que fosse esse o unico ligame dos italianos, já que todos os outros havião sido despedaçados pela violencia; para que lhes acontecesse o mesmo que

á Grecia, que, repartida em tantos governos, alimentava em seu fecundo seio a um só povo unido pela lingua de Homero [1].

## POESIA LYRICA

Petrarcha *(Francisco)*: — Nasceu em Arezzo, perto de Florença, a 20 de Julho de 1304; na idade de sete annos acompanhou seu irmão a Carpentras, onde estudou grammatica, passando-se depois para as universidades de Montpellier e Bolonha afim de seguir o curso de direito. Contava vinte annos quando encontrou-se n'uma igreja d'Avinhão com Laura de Noves, casada com um fidalgo por nome Hugo de Sade.

No proposito de vencer o amor que lhe inspirára emprehendeu longas e penosas viagens percorrendo varias cidades de Italia, França, Paizes-Baixos, Allemanha e Hespanha, datando de todos estes lugares bellissimas poesias consagradas á dama dos seus pensares. Retirando-se para á solidão de Valclusa ahi compoz quasi todas as suas obras, inclusive um poema epico em latim ao qual deu o titulo de *Africa*, porque versava sobre as guerras punicas. Este poema, hoje inteiramente esquecido, valeu-lhe a honra de ser coróado no Capitolio, por convite do senado romano, no dia de Paschoa (8 de Abril) do anno de 1341. A morte de Laura, victima da peste que devastou a Italia em 1348, augmentou a melancolia de Petrarcha a quem as honras e homenagens dos contemporaneos não tinhão podido distrahi-lo do amor platonico que, como o de Dante ultrapassou as barreiras do tumulo communicando a seus versos certa tintura de philosophia. No fim d'uma existencia entrecortada de gozos e decepções buscou refugio em Veneza onde foi esplendidamente alojado e alimentado á custa da republica, grata ao valiosissimo donativo que da sua riquissima bibliotheca lhe fizera. Falleceu em Arqua, junto a Padua, no dia 18 de Julho de 1374.

Os immensos trabalhos de Petrarcha sobre a litteratura antiga deverão servir-lhe de principal padrão de gloria assim o considerarão os contemporaneos, assim o julgou o proprio poeta. Não

[1] *Storia della Litteratura Italiana* del Caval. Abate Giuseppe Maffei, tom I.

confirmou porém a posteridade tal alvidramento; e as poesias lyricas, de que elle tão pouco caso fazia, valerão-lhe maior nomeada do que todos os seus versos latinos. Causa por certo estranheza que este poeta, tão versado nas lettras classicas, deixasse a forma da ode pindarica, ou horaciana, para empregar o *soneto e a canção*. O primeiro recebeu-o elle dos sicilianos, e a segunda dos provençaes, em cuja conviveneia andou nos annos da sua juventude.

Essas duas formas de versificação que consagrou, e que ainda hoje são muito populares em Italia, represaram-lhe o genio, e privarão-no de naturalidade. O soneto sobre tudo parece haver exercido sobre elle fatal influencia; prendendo-lhe a inspiração n'um verdadeiro leito de Procusto, como espirituosamente o denomina Sismonde de Sismondi. Como porem tudo neste mundo está sujeito ás leis das compensações essa mesma extrema concisão redundou em vantagem para a lingua que ficou ganhando maior precisão nas ideias e maior harmonia na combinação dos vocabulos. Petrarcha (diz Hallan) formou uma eschola poetica; e bem que não tivesse discipulo que lhe fosse comparavel imprimiu seu cunho no gosto da epocha. Não inventou o soneto, foi porem causa efficiente de sua propagação. Deu pureza, elegancia e sensibilidade á lingua italiana que menos mudanças tem feito durante os cinco ultimos seculos do que fizera desde o tempo de Guido Guinezzelli até seus dias. Não se lhe pode outrosim recusar a honra de restaurador do verdadeiro sentimento da antiguidade classica na Italia, e por consequencia em toda a Europa [1]. »

Outra forma que deu ás suas composições lyricas foi a da *canção*, composta de versos duplamente variados, tanto na medida como na rima, cruzando-se, entrelaçando-se, conforme a regra estabelecida na primeira copla com a qual todos escrupulosamente se conformão. Algumas d'essas canções, em que Petrarcha é ainda mais eminente do que nos sonetos, podem ser comparados ás odes de Pindaro e Anacreonte, e as que dirige a Cola Rienzi são das mais

[1] *Introduction to the Litterature of Europe in the Fifteenth, Sixteenth and Seventh Centuries.* vol. I.

donosas que possue a poesia italiana. O amante de Laura transforma-se em grave patriota; sua linguagem d'elegante que era, converte-se em magnifica; e essas estrophes são mais do que uma satisfação individual elevando-se á cathegoria de energico e patriotico brado.

*Il trionfi* (o triumpho) é um poema allegorico composto no occaso da vida, e bem que inferior a seus sonetos e canções contem algumas bellezas que o tornarão estimado dos contemporaneos, quiçá illusos pela falsa semelhança que em certos logares apresenta com a *Divina Comedia* de Dante.

## ROMANCE

Bocaccio (*João*): — Nascido em Pariz no anno de 1313 era filho d'um mercador florentino domiciliado em França. Destinado por seu pai ao commercio não sentiu-se com vocação para essa carreira, entregando-se todo á das lettras. Os triumphos de Petrarcha despertarão-lhe a ambição; e havendo-se estabelecido em Florença, depois da morte de seu pai, foi incumbido de varias missões diplomaticas, que desempenhou com feliz exito. Compuzéra em verdes annos algumas poesias eroticas as quaes lançou ao fogo depois de haver lido as de Petrarcha. Em idade madura compoz um poema em doze cantos que intitulou a *Theseida* apenas notavel por ver-se n'elle o primeiro emprego da oitava rima. O *Filostrato* abunda em reminiscencias homericas; a *Visão Amorosa*, poema em terciarima, figura o triumpho da sabedoria e da gloria sobre a fortuna e o amor; e o *Ninfale Filosano* é destinado a celebrar os infelizes amores de Africo e Menzola; todos elles porem escapão á analyse, e apenas se deixão ler pelos eruditos em razão da pureza do seu estylo.

Foi sobretudo na prosa que Bocaccio adquiriu verdadeiro renome, foi ahi que rivalisou com Dante e Petrarcha, e conseguiu ser contemplado como membro d'esse illustre triumvirato fundador da litteratura italiana. Cançado de longo peregrinar pelas côrtes dos principes e senhorios das republicas recolheu-se á patria de seus maiores e repartindo o tempo entre os publicos deveres e a cultura

das lettras chegou á idade de sessenta e dois annos na qual falleceu depois de haver tomado as vestes ecclesiasticas.

Dissemos que a prosa era o principal titulo de Bocaccio: e o genero em que mais se destinguiu. *Il Decamerone*[1], de todos o mais justamente celebre, é uma collecção de cem novellas molduradas de modo gracioso na ficção que durante a terrivel epidemia de 1348 uma sociedade escolhida de damas, donzellas e cavalheiros, se havia retirado para uma vivenda campestre, e que, para illudir o tedio, cada qual se propuzéra contar por espaço de dez dias uma novella: ora compondo-se a sociedade de dez pessoas é claro que cem deverão ser as novellas. A descripção da amena campina de Florença, onde se tinhão asylado esses joviaes eremitas, a de seus passeios, festas e banquetes offereceram a Bocaccio ensejo para ostentar todos os primores d'um estylo fluente e engraçado. As novellas, variadas com muita arte, tanto no assumpto como na forma, e desde as mais tocantes e ternas até as mais folgazãs e licenciosas revelão um talento narrativo de primeira plana. A pintura da peste de Florença, bem que visivelmente imitada da que Thucydides nos deixou de Athenas, é de maravilhosa verosimilhança, se não de exactissima verdade. Guiando-se pelo magistral modelo deu-lhe mais vida e expressão pela lembrança das dolorosas scenas que presenciára. Muitos d'esses contos parecem tirados das lendas populares, ou ainda dos acontecimentos reaes; e sensivel é a influencia que sobre elles exercera a assidua leitura dos trovadores. *Fiammetta* é um romance cujo assumpto em grande parte fornecerão as proprias aventuras do autor. Considera-se como o primeiro romance amoroso, genero desconhecido na antiga litteratura; sendo por isso muito festejado em sua apparição; hoje porém conta escasso numero de admiradores, por causa das incongruencias que n'elle se notão, suas fastidiosas dissertações, e o desgracioso synchronismo de crenças pagãs e christãs.

[1] Compõe-se de duas palavras gregas *deka* — dez — *eméra* — dia.

# SEGUNDO PERIODO

## PRIMEIRA EPOCHA (SECULO XV)

Assignala-se esta epocha por um grande movimento d'erudicção: Dante, Petrarcha e Bocaccio havião tornado illustre a lingua italiana; os philologos do XV seculo restaurarão os idiomas grego e latino e fizerão reviver os classicos que os tinhão nobilitado. Pareceu tudo concorrer para esse prospero resultado; a tomada de Constantinopla por Mahomet II obrigando os sabios gregos a se refugiarem na Italia propagou o conhecimento dos exemplares d'essa bellissima litteratura; a imprensa, descoberta na Allemanha e pouco depois introduzida em Italia, multiplicou em breve tempo os livros e afervorou o zelo em procurar os codices: ao passo que conferencias eruditas fundadas com o favor dos povos e dos principes polião o gosto e diffundião as luzes.

Todo o XV seculo foi consagrado a esse laborioso processo: desvendou-se a antiguidade patenteando seu caracter elevado, leis austeras, virtudes energicas, risonhos mythos, arrebatadora eloquencia e donairosa poesia; cem annos forão empregados em endurecer o bronze do qual se devera fundir a estatua que um raio divino tinha d'animar.

### POESIA DRAMATICA

A historia da arte dramatica na idade media é quasi identica ao norte como ao sul dos Alpes: a imitação dos antigos e os informes ensaios da musa popular formão-lhe o genesis. Albertino Mussato (de Padua) quiz imitar a Seneca n'uma tragedia patriotica que intitulou *Ezzelino da Romano*, desprovida d'arte e plano, e abrangendo toda a vida do protagonista. Attribue-se ao imperador Frederico *Barba-ruiva* um drama relativo á vida e morte do Ante-Christo, onde se achão os lineamentos dos *mysterios*, ou *rappresentazioni* que tanto deliciavão os homens d'essas eras. A mistura do comico e

do tragico, as illusões da scena, em que a musica sustentava a palavra, explicão como um povo enthusiasta de Dante encontrava prazer nesses rudes ensaios. O genero popular foi porem supplantado pelas reminiscencias classicas: Pomponio Leto fazia representar em Roma as comedias de Plauto e Terencio; Hercules I de Ferrara levava á scena o *Amphytrião*, vertido em tercia rima por Pandolfo Collemeccio; e Leão Baptista Alberti escrevia uma comedia que passava por um monumento do melhor tempo da litteratura latina. O verdadeiro creador porém do theatro italiano foi:

Angelo Poliziano: — Nascido em 24 de Julho de 1454 em Monte-Pulciano, d'onde derivou seu appellido, preferindo-o ao de Ambrogini de que usava seu pai. Epigrammas latinos e gregos, publicados por elle dos treze aos dezesete annos, pasmarão a professores e condiscipulos: a obra porém que fel-o conhecido de Lourenço de Medicis foi um poema tendo por thema o torneio em que triumphara Juliano de Medicis em 1468. Alojado sumptuosamente no palacio de Lourenço serviu-lhe de assiduo companheiro nos trabalhos e estudos incumbindo-se da educação de seus filhos, um dos quaes foi papa sob o nome de Leão X. Por convite de seu hospedeiro dedicou-se a serias investigações sobre a philosophia platonica, archeologia e jurisprudencia e recebeu em recompensa um lucrativo canonicato na cathedral de Florença, onde falleceu no anno de 1494. De suas varias obras faremos selecção da denominada *Favola de Orfeo*, representada em Mantua em 1483 por occasião do regresso do cardeal Gonzaga.

Bem que dividida em actos entremeada de córos e terminada por uma catastrophe tragica é mais uma egloga do que um drama. O amor d'Aristeo por Eurydice, a fuga e morte d'esta, pranteada pelas dryadas, as lamentações de Orpheo, sua descida aos infernos, e o seu supplicio pelas mãos das bacchantes formão o enredo dos cinco actos, ou melhor dos cinco quadros, ligeiramente presos uns aos outros. Cada acto compõe-se de cincoenta e um versos nos quaes se deslisa um dialogo e alguns trechos lyricos que parece terem merecido particular esmero do auctor.

Esta peça, no genero composito, exerceu bastante influencia sobre a poesia contemporanea: Poliziano a improvisára em dois

dias, não guardando ao principio divisão de actos nem de scenas. Orpheo vem ao palco recitar ao som da guitarra uma ode saphica, e alguns versos de Ovidio e Claudiano. Lisongeado pelo enthusiastico acolhimento, que recebeu, poz-lhe o autor a derradeira mão, dividindo-a em actos, ornando-a de córos e terminando-a por uma catastrophe tragica sem comtudo variar de quadros, nem libertar-se das formas bucolicas, confundidas com as dramaticas, por amor e respeito a Virgilio e obediencia ao mau gosto do tempo.

## POESIA EPICA

A Italia deve á França o poema cavalheiresco, que precedeu a moderna epopéa. De duas fontes emanarão esses poemas; do cyclo de Arthur e do de Carlos Magno: o primeiro era demasiado inglez, ou antes bretão, para aprazer aos italianos; o outro tocava mais de perto a sua historia, por isso derão-lhe preferencia. Os romances de cavallaria, compostos pela maior parte em provençal, nos seculos XII e XIII, se havião espalhado por toda a Italia; e conformavão-se com a vivacidade dos sentimentos religiosos, e a impetuosidade das paixões e gosto pelas aventuras; favorecia a ignorancia os vôos da phantasia, e as multidões admittião o mara vilhoso para explicar o que não podião comprehender. No fim do XV seculo, quando os poetas se apossárão d'esses velhos romances para varia-los, já tinha esfriado a fé no maravilhoso, e os que ainda se chamavão cavalleiros e lhes vestião as armas estavão bem arredados do typo dos antigos e esforçados paladinos. Assim as aventuras que os antigos romanceadores cantavão com toda a gravidade não podião ser repetidas sem provocar o riso: demais o espirito do seculo não consentia que se tratasse em linguagem vulgar assumptos graves. Quem aspirava essa gloria escrevia em latim; e a escolha do idioma nacional por si só indicava que se pretendia gracejar.

Tal era o estado da poesia romanesca em Italia quando na corte dos Medicis, para acceder ás instancias de Lucrecia Tornabuoni (mãi de Lourenço), emprehendeu Luiz Pulci a reforma carolingia sem todavia alterar-lhe as feições: o titulo escolhido foi o de *Morgante Maggiore* que veio a lume no anno de 1485. Os principaes

personagens são os da chronica, falsamente attribuida ao arcebispo Turpin, e o verdadeiro heroe Rolando, ou antes *Morgante*. Composto de vinte e oito cantos, e cada um d'elles de cem a duzentas oitavas, é uma interminavel narrração de combates entre mouros e christãos, findos com a morte de Rolando em Roncevalles, e o supplicio de Galeão cuja traição é descoberta. «A originalidade de Palci (diz Perrens) consiste em introduzir maior liberdade na poesia no momento em que a servidão se constituia lei da vida politica, em narrar, com disignio d'escarnecer, as prodigiosas aventuras que até então contavão-se com seriedade. Inaugurou o genero heroi-comico, e serviu-lhe de modelo, sendo d'essa honra digno por uma certa candura que não exclue fineza e jovialidade sincera e communicativa que valeu-lhe em vinte annos cinco edições[1]». *Orlando Innamorato* é o nome de um poema cavalheiresco escripto por Matheus Maria Boiardo, conde de Scandiano, nascido em 1434 e fallecido em 1494. Familiar com os autores classicos, e ainda mais com os trovadores, pretendeu erigir um padrão á essa cavallaria que elle tanto prezava; e n'uma concepção, verdadeiramente epica, celebrou as glorias de Carlos Magno, das damas e cavalleiros, devendo sua exuberancia poetica prolongar-se por sessenta e nove cantos em que repartiu o seu poema. Não lh'o consentiu porém a morte, detendo-o no nono canto do terceiro livro. É superior a Pulci n'arte de imaginar situações, pintar caracteres, figurar scenas; ora ligeiras e phantasticas, ora nobres e epicas; sendo nisso que principalmente sobresahiu o seu genio inventivo.

## HISTORIA

A Historia teve cultores no XV seculo, mas desgraçadamente para as letras italianas desdenharão elles escrever no idioma patrio antepondo-lhe o de Tito-Livio e Tacito. Quasi todas as cidades tiverão suas chronicas, e tão grande foi a multidão d'ellas que, diz Vossio, se poderiam formar grossos volumes só dos escriptos em

[1] *Histoire de la Littérature Italienne.*

latim. O unico porém d'esses chronistas que elevou-se á altura de historiador foi

Collenuccio (*Pandalfo*): — Era natural de Pesaro, sem que se saiba ao certo o anno do seu nascimento, grangeando pela elevação e cultura do espirito illustre renome entre os sabios mereceu ser feito cavalleiro e incumbido da governança da sua cidade natal. Exerceu varios empregos de confiança, mas tendo sido accusado de traição foi estrangulado por ordem de João Sforza no anno de 1500. Sua *Historia do Reino de Napoles* começa nos tempos fabulosos e chega á aquelles em que vivia o autor. Escreveu-a em vulgar para comprazer a Hercules I, duque de Ferrára, grande amador da lingua italiana para a qual fizera transladar as comedias de Plauto. Afastando-se da praxe estabelecida pelos chronistas de relatarem os acontecimentos com calculada frieza e sequidão enfeitou sua narrativa d'atavios rhetoricos e dando largas a seus conhecimentos archeologicos entregou-se a serias pesquisas sobre a civilisação etrusca nas quaes atravez de muitas nevoas, se podem ainda hoje colher preciosos documentos.

## ELOQUENCIA

Muitas orações, quasi todas em latim, forão recitadas por occasião de nupcias, nascimentos, baptisados, exequias dos principes, e senhores, as quaes nada tinhão de notaveis nem pela invenção nem pelo estylo. « Todos os amigos da amena litteratura (diz Tiraboschi) achavão-se então occupados em descobrir, e cotejar, corrigir e illustrar documentos e antigos codices. Pesavão-se todas as suas palavras, explicavão-se as allegorias e fabulas nelles mencionadas; fazião-se investigações ácerca do seu estylo e syntaxe; porque era o estudo da moda, deixando á margem a applicação dos preceitos e exemplos [1] ».

A esterilidade, proveniente da erudição que abafava a phantasia, deve-se juntar a falta de theatro em que os oradores pudessem revelar seus talentos; não tinhão accesso junto aos tribunaes para

[1] *Storia Generale della Litteratura Italiana*. Tom. VI lib. III. cap. VI.

accusar, ou defender os individuos indiciados de crimes; havião desapparecido quasi por toda a parte as assembléas populares, e as poucas cidades que conservavão a forma republica na erão governadas por poderosas aristocracias, que em seus restrictos senados decidião dos publicos interesses. Não restava pois senão o pulpito, onde havião adquirido fama S. Bernardino de Sena, Frei Roberto da Lecce e outros cujos sermões erão lidos e apreciados, apezar de sua linguagem abstrusa e barbara. D'esse grupo destaca-se a figura de um verdadeiro tribuno, de um novo Graccho, que ignorando, ou despresando as leis da rhetorica, achava no patriotismo e na exaltação religiosa vigorosos accentos, com que vibrava os corações dos seus coetaneos: queremos fallar de

Savonarola *(Jeronymo)*: — Nascido em Ferrara em 1452 entrou na idade de vinte e dois annos para o convento dos dominicanos onde foi incumbido d'ensinar e pregar. Reprehendendo com vehemencia os vicios do clero concebeu o projecto de reformar a Igreja, e sendo nomeado vigario geral do convento de S. Marcos em Florença applicou a muitas casas da ordem os planos que ideára, operando d'ess'arte grande melhoramento nos costumes ecclesiasticos. Por occasião da passagem de Carlos VIII que ia conquistar Napoles, decidiu-se a favor d'esse principe e contra os Medicis, e sendo notado como ardente patriota tomou parte no restabelecimento do regimen democratico. Do fundo de sua cella e do alto do pulpito governou Florença por espaço de tres annos sem exercer magistratura alguma. Exagerado em suas convicções fez lançar ao fogo os primores das letras e artes toscanas, e não conhecendo limites aos arrojos de sua palavra incorreu na excommunhão maior, fulminada pelo Papa Alexandre VI. Havendo-se recusado annuir ao convite de seus emulos, que lhe propunhão sustentar pela prova do fogo a verdade das suas doutrinas, perdeu a immensa popularidade de que gozava, sendo queimado como herege na praça do palacio no dia 7 d'Abril de 1498.

Cremos que Savonarola fôra antes fanatico e visionario do que heresiarcha: fizerão-lhe seus sonhos acreditar que era propheta de Deus, e nessa singular posição não respeitou a nenhuma consideração humana. Sua eloquencia era original, abundante e algumas

vezes forte; abusava porem das formas escolasticas, e despenhava-se das alturas da inspiração ás mais baixas trivialidades.

Eis como o caracterisa um dos mais eloquentes historiadores francezes (Michelet): « Sua reforma contemplativa não obtinha resultado algum: censurava a usura, mas poupava os usurarios; pedia a conversão voluntaria dos ricos que d'elle mofavão; paciencia indefinida ao povo offerecendo-lhe como lenitivo de suas miserias os beatificos quadros da Jerusalem celeste. Violenta epidemia veio ainda augmentar o horror da situação, muita gente fugiu de Florença: Savanarola ficou com os pobres; mas sua palavra, sempre inspirada e vehemente, dirigia-se a um auditorio endurecido pelo soffrimento, e o que peor era — quasi hostil — [1] ».

## SEGUNDA EPOCHA (SECULO XVI)

Os estudos antigos havião sido animados durante o seculo anterior por generosa protecção; todas as cidades livres, todos os soberanos de Italia se havião esforçado por fazer recahir sobre seus governos a gloria resultante das sciencias, letras, e artes. Pensões, honras, empregos de confiança, erão offerecidos aos homens que melhor tinhão desvendado os segredos da antiguidade, ou melhor sabião imita-la. Os chefes da republica de Florença, os duques de Milão, Ferrara e Mantua, os reis de Napoles e os papas, não só erão amigos da sciencia como cultivavão-na com não vulgar successo.

Não durou porem tão grande beneficio por muito tempo; no seculo XVI já seguião os principes diverso rumo, mas não bastou seu desfavor para fazer parar o impulso recebido, nem se quer mudar-lhe o movimento. Tal era a actividade do espirito, poderosamente impressa na epocha precedente, taes erão os germens depositados no fecundo solo da peninsula italica que jamais houve paiz que mais alto erguesse a gloria litteraria.

O desabrochar simultaneo de tão olorosas flores, a exuberancia de vida intellectual que então se notava fez dar a essa epocha a

[1] *Histoire de France au XVI^me Siècle — Renaissance — chap. V.*

denominação de *seculo d'ouro*, ou a *de Leão X*, em honra do illustre pontifice que então se sentava na cadeira de S Pedro.

## POESIA EPICA

Ariosto *(Ludovico)*: — Nascido em Reggio em 1474 fez seus estudos preparatorios no collegio de Ferrara dedicando-se depois ao de jurisprudencia. Não lhe sorriu porem a profissão de advogado, preferindo a de camarista do cardeal Affonso d'Este, e depois de seu irmão Affonso, duque de Ferrara. Nomeado governador dos Apeninos houve-se nesse cargo com distincção, expurgando o paiz dos salteadores que o infestavão. Dividia o tempo entre os deveres de cortezão e os folgares de poeta, escrevendo grande numero de obras entre as quaes occupa o primeiro lugar um poema denominado *Orlando Furioso*.

Desgostoso da especie de servidão a que se tinha condemnado rompeu os vinculos que o prendião á casa d'Este, e retirando-se a uma pequena quinta que possuia ahi terminou placidamente seus dias no anno de 1533.

O *Orlando Furioso*, epopea romanesca em quarenta e seis cantos, consumiu a Ariosto dez annos d'assiduo trabalho. Si seguisse o conselho de seu amigo o cardeal Bembo seria em lingua latina que escrevera esse poema; achou porém mais acertado seguir o exemplo de Pulci e Boiardo continuando a historia de Rolando do ponto em que a deixára o autor do *Orlando Amoroso*. As aventuras e consorcio de Rogerio e Bradamante, bem que personagens secundarios, formão o verdadeiro escopo da acção, o que pareceria absurdo si não soubessemos que d'essa fabulosa união pretendia proceder a casa d'Este, a quem o poeta, como habil cortezão, não cessava de lisongear. Com esses dois personagens começa e acaba a narração, entresachada de mil episodios ligados á acção principal por meio de prophecias e outros artefícios. Causa lastima que desperdiçasse seu brilhante engenho com assumpto já tão trilhado, deixando de parte bellas e graciosas legendas nacionaes; nem nos podemos convencer que pretendesse elle, á guisa de Cervantes, zombar do espirito cavalheiresco, ainda mui acatado n'esse tempo. Alternativamente grave

e jocundo, pathetico e comico, tinha muito bom senso para reconhecer o erro em que cahira Pulci fatigando a attenção dos leitores com interminaveis facecias; e Boiardo guardando seriedade nas narrativas de aventuras galantes. Comprehendeu optimamente que a variedade era a primeira lei que devera observar em um poema de quatro mil oitocentas e trinta e uma estrophes. Descobrem-se em Ariosto qualidades que lhe são caracteristicas; assim, por exemplos suas batalhas, lugares communs de todas as epopeas, bem que prodigiosas, e por tanto impossiveis, recommendão-se por movimentos tão rapidos, que, lendo-as, julga-se assistir a ellas, e pouco falta para que não desejemos descer á arena onde pelejavão esses phantasticos paladinos.

Trissino *(João Jorge)*: — Nascido em Vicenza em 1478 de uma familia illustre, recebeu a educação, mui commum n'essa epocha que preparava os homens para o cultivo das letras e o exercicio dos cargos publicos. Dirigindo-se a Roma, quando apenas contava vinte e quatro annos, attrahiu, por seus notaveis talentos as vistas da Leão X que fe-lo seu embaixador junto ao imperador Maximiliano, sendo tambem por Clemente VII incumbido de varias missões diplomaticas. No meio de tão complicados onus achou sempre tempo para conversar com as musas, sem esquecer o gosto pelas artes que animava e protegia, como lh'o facultavão os abundantes meios pecuniarios de que dispunha. Desgostos domesticos abreviarão-lhe a existencia que finou-se em 1550.

Depois de ter escripto uma grammatica da lingua nacional e uma comedia *(I Simillimi)* julgou-se apto para dotar a Italia d'uma epopéa, semelhante a *Illiada* e a *Eneida*, enchendo assim o vasio que se notava na moderna litteratura. Sensibilisado por ver francezes e hespanhoes disputarem o solo da antiga Ausonia julgou practicar um rasgo de genio cantando a expulsão dos godos por Belisario, e dando ao poema o nome d'*Italia Liberata*.

Deixando á margem a má comprehensão d'esse facto historico para só tratarmos da execução da obra diremos que não revelou Trissino maior talento n'essa execução do que na escolha do assumpto. Fanatico sectario de Homero quiz imita-lo nos menores accessorios: ficou frio e prosaico em suas descripções e narrativas, por

demais minuciosas; *ad instar* do seu modelo pretendeu pintar o traje, os festins e os amores de seus personagens, que em vez de serem deuses, semi-deuses e heroes, erão simplesmente o imperador Justiniano, a imperatriz Theodora, palacianos e generaes. Trocou a oitava rima pelo verso solto, que pela sua proximidade á prosa, parece mais convinhavel ao theatro, e ainda mais insulso tornou o poema, descendo a prolixidades geographicas, n'um estylo pallido e destituido de nobreza e harmonia.

Tasso *(Torquato)*:—Nascido em Sorrento (Napoles) a 14 de Março de 1544 foi filho de Bernardo Tasso, distincto poeta que traduzira ou imitára o romance cavalheiresco *Amadis de Gaula* attribuido ao portuguez Vasco de Lobeira [1]. Fez seus primeiros estudos no collegio dos jesuitas de Napoles, e de idade de oito annos começou a fazer bonitos versos. Aperfeiçoou-se em Bergamo nas linguas classicas e na universidade de Padua estreiou-se na sciencia de Ulpiano em que todavia não graduou-se, porque seu engenho poetico o arredava do *Digesto* e das *Pandectas*. O poema *Rinaldo*, dado á estampa quando só contava dezoito annos, convenceu a Bernardo Tasso que seu filho nascera poeta e que nenhuma outra condição lhe poderia servir. A protecção do cardeal Luiz d'Este, a quem dedicára sua obra, valeu-lhe accesso junto a Affonso II, que então governava Ferrara, e cujos gostos faustosos levavão-no a accolher sabios, litteratos e artistas. Alojado no palacio ducal e gozando de pingues pensões entregou-se ás musas fazendo representar na luxuosa côrte de Ferrara um drama pastoril a que denominou *Aminta*, proseguindo na composição da obra que devera immortalisa-lo (*a Jerusalem Libertada*) e acarretar-lhe tambem grandes dissabores. Não lhe vierão porem estes só de inveja dos emulos, mas antes da sua indole versatil, desmarcada vaidade, incontinencia de lingua, e accessos de transitoria loucura. Da excellente biographia de Tasso, escripta por Cherbulliez, collige-se que fôra elle o principal autor de seus males, e sua clausura no hospital de S. Anna devera-a ao

[1] Parece-nos mais provavel que B. Tasso se servisse da traducção castelhana de Garcia Ordonez do que do original portuguez, que não nos consta fosse dado ao prelo.

desarranjo das faculdades intellectuaes, e não a uma supposta vingança contra o seu innocente e ideal amor para com Leonor d'Este, mais velha que elle dez annos, e que só figurava em seus versos como arremedo de Beatriz, ou de Laura. No conchego d'uma bem alcatifada camara, — e não em horrido carcere — onde recebia as visitas dos eruditos compoz dialogos que pela sua sabedoria contrastavão com o estado pouco seguro da razão do poeta, a quem repetidos furores obrigavão a retirar as larguezas que paulatinamente se lhe iño concedendo. Assim passou elle sete annos de sua vida até que, cedendo ás vivas e repetidas instancias de varios potentados consentiu o duque de Ferrara em dar-lhe liberdade de que usou para peregrinar por Mantua, Napoles e Roma, onde finalmente achou o derradeiro azylo em casa do cardeal Cinzio Aldobrandini, que, enthusiasta pelo genio do poeta, lhe preparava uma corôação, semelhante á de Petrarcha, quando a morte preveniu-lhe os votos, arrebatando-lhe o hospede a 25 de Abril de 1595 na idade de cincoenta e um annos.

A Jerusalem Libertada *(La Gerusalemme Liberata)*, tal qual hoje a possuimos, é producto de uma edição clandestina, feita em 1580 por alguns amigos do poeta contra a sua expressa vontade. Como era natural queixou-se elle d'essa fraude; por isso quasi todos os seus biographos, esposando-lhe a causa, tem contribuido para que ainda hoje se lamente tal acontecimento. Corroborado nos competentes laudos de Sismondi, Perrens, e Cherbulliez apartamo-nos d'esses autores e consideramo-la uma *felix culpa*, porque sem ella apenas chegaria á posteridade a *Jerusalem Conquistada*, insulsa palinodia com que buscou o desventurado poeta applacar as iras dos academicos de *la Crusca*, irritados pela inconsiderada apologia de Camillo Pellegrino.

Bem inspirado andou Torquato Tasso na escolha do assumpto: a primeira cruzada, successo já então bem remoto, abalára profundamente a Europa, e ainda tinha o condão de despertar-lhe o interesse, em vista dos ultimos azares experimentados pelos christãos do Oriente diante dos muros de Constantinopla. Desdobrar o panorama das victorias, passadas aos olhos das populações aterradas pelas crescentes invasões dos musulmanos, era dar-lhes confiança,

e despertar seu ardor mostrando-lhes que esse terrivel inimigo não era invencivel.

Fundas erão ainda as crenças em que o poeta baseava a sua epopéa; referia-se a uma historia veridica, registrada dia por dia numa preciosa chronica denominada *Gesta Dei per Francos*; e o poeta, sempre que lh'o consentirão as leis epicas, conformou-se com a tradição. Superou o escolho em que deverão naufragar todos os poemas modernos de igual jaez: seu maravilhoso, sem o qual não é possivel que haja epopéa, era geralmente o admittido nessa epocha. Permittia-lhe a religião catholica o servir-se dos entes sobrenaturaes, dentro dos limites da pura orthodoxia; ao islamismo foi pedir os encantamentos e a magia; e aos seculos medios as lendas romanescas dos espiritos malignos.

Tanta gloria cabe a Tasso pela feliz concepção como pelo bom desempenho da obra: soube combinar seu plano com artisticas proporções, fugiu de ociosas digressões e desconnexos episodios, e no de Olinto e Sofronia, que a critica lhe censura como alheio á acção do poema, descobre o delicado fio quem mais acuradamente o procura; e quando mesmo se queira admittir violação das regras aristotelicas achará o poeta facil indulto nos que reflectirem que foi esse episodio ahi habilmente introduzido em commemoração de seus platonicos amores com Leonor d'Este.

Descreveu os sitios com tão minuciosa exactidão, que Chateaubriand que os percorreu, tendo a *Jerusalem* por guia, reconheceu-os sem a minima hesitação; tanto mais notavel se torna esta circunstancia quanto é notorio que jámais Tasso visitára taes sitios.

Nenhuma moderna epopéa apresenta maior variedade d'incidentes e episodios tecidos com summa delicadesa; succedem-se ás batalhas scenas de amor; aos concilios e procissões quadros bucolicos; aos acampamentos e cidades sitiadas cabanas de pastores. Os personagens são desenhados com vivas côres, e os caracteres fortemente accentuados. Godofredo leva a palma a todos; e sendo verdadeiramente grande, nem por isso deixa de ser homem. Reinaldo, Tancredo, e Bohemundo são bravos guerreiros, Eduardo e Gildipa estremecidos esposos, que juntos combatem e juntos morrem, despertando a sensibilidade do leitor; Herminia, Clorinda e Armida são

nomes dulcissimos dos quaes nunca nos podemos esquecer. Nas comparações em que a phantasia corre a vella solta cede o passo a Ariosto, mas só á elle.

Resente-se o poema de algumas incoherencias como na pintura que nos traça das mulheres musulmanas, livres correndo de uma para outra parte, quando ainda hoje vivem ellas reclusas em sombrios *harens*.

Como todos os grandes homens teve Tasso inimigos implacaveis e hyperbolicos admiradores; assim Maffei sustentou que a *Jerusalem Libertada* era superior á *Iliada*, e Reinaldo mais interessante do que Achilles, menos monotono o poeta italiano do que o grego, que aliás melhor conhecia a arte da guerra com mais pericia descrevendo as batalhas e combates. Houve quem, comparando-o com Ludovico Ariosto, pretendesse acintosamente rebaixar o cantor d'Orlando em honra do de Godofredo, querendo por força estabelecer relações de identidades em caracteres tão oppostos. Fallando d'essa opposição de caracteres faz o citado Cherbulliez as seguintes mui sensatas ponderações: « Nesses dois grandes poetas epicos dá-se singular antithese: o que cantou a loucura de Rolando foi um homem discreto, e o que celebrou a prudencia de Godofredo foi um louco. O primeiro empregou toda sua phantasia no poema e serviu-se da rasão para guiar com discernimento a vida, e o segundo collocou todo o seu juizo no bom andamento do poema e viveu á mercê da phantasia. »

Dissemos que a academia de *la Crusca* guerreára o poema de Tasso: a verdade pede porem que confessemos, que mais tarde reparou ella essa injustiça; e *cannonisou-o de classico* para apropriarmo-nos da feliz expressão de Monti.

## POESIA LYRICA

As graças de Petrarcna, seus defeitos, quasi tão amaveis como suas boas qualidades, tentarão a um bando de versificadores que lhe seguirão a pista, dando origem a essa epidemia que os criticos italianos cognominarão de *petrarchismo*. Commentarão-no os doutos em interminaveis volumes, e imitarão-no os nescios em myriadas de sonetos. O elemento lyrico, radicalmente addicto ao genio

italiano, transluz, apezar do máu gosto, em alguns poetas entre os quaes se notão:

Bembo *(Pedro)*: — Oriundo d'uma familia illustre nasceu em Veneza no anno de 1470. Gozou dos favores do duque de Ferrara Affonso I e dos papas Leão X e Clemente VII, da republica de Veneza, que o fez seu historiographo, e do summo pontifice Paulo III que o elevou ao cardinalato. As riquezas, honras e importantes commissões, nunca o desviarão da vereda litteraria; e, fallecendo na avançada idade de setenta e sete annos, acompanhou-o a admiração dos contemporaneos, que nelle contemplavão o primeiro dos autores classicos. Abstrahindo as obras de pura erudicção apenas fallaremos no seu *Cancioneiro*, no qual esperou rivalisar com Petrarcha. Bem que de longe imitou Bembo muitas das bellesas que se notão nas rimas do amante de Laura, e conservou puresa nas imagens e melodia na versificação; infelizmente porem nem sempre soube preservar-se da affectação caracterisada pelos *conceitos*.

Caro *(Annibal)*: — Nascido em 1507 em Civita Nova e fallecido em Roma em 1566, foi secretario do duque de Parma e Placencia. É muito considerado na republica das letras pela sua excellente traducção da *Eneida*, feita em versos soltos; e como lyrico deixou-nos uma collecção de poesias, onde todas as galas, que ostentosamente accumulou, não poderão salvar a obra da pécha de forçada, obscura, e abundante em pensamentos artificiosos e expressões emphaticas.

Colonna *(Vittoria)*: — Nascida em Merino e 1490, e fallecida em 1547, foi casada com o marquez de Pescara, um dos primeiros generaes de Carlos V. Ariosto comparava-a a Homero, chamavão-na outros *divina*; são porem excessivas taes qualificações; por quanto suas poesias, bem que empregnadas de sensibilidade e unção religiosa resentem-se de certo langor e morbidez d'estylo que gerão tedio. O maior triumpho alcançado por esta celebre poetisa foi o de haver inspirado a Miguel Angelo sentimentos de ternura e admiração. « Antes de conhece-la (é elle proprio quem no-lo confessa) era eu semelhante a uma estatua esboçada pela natureza, só Vittoria poude dar forma a essa grosseira obra. »

Berni *(Francisco)*: — Nascido em 1490 em Lamporecchio,

lugarejo situado entre Veneza e Pistoia, abraçou o estado ecclesiastico e foi conego da cathedral de Florença. Particular amigo do cardeal Hyppolito e do duque Alexandre de Medicis foi solicitado pelo segundo para envenenar o primeiro; e como recusasse commetter semelhante crime succumbiu victima de sua honradez. Era Berni grande amador da antiguidade e compunha elegantes versos latinos, em cujo exercicio purificára o gosto e se habituára á correcção. Deve-se-lhe um novo genero poetico, conhecido por *bernesco*, que consiste no gracejo elegante e numa certa jovialidade, que muito se avisinha do comico, sem todavia descambar na baixesa, ou ainda na trivialidade. Refez o *Orlando Innamorato* que, graças a essa feliz transformação, pode ser considerado como segundo poema romanesco da litteratura italiana. Não teve o intuito, que alguns lhe prestão, de ridicularisar a obra de Boiardo; a acção é a mesma; os personnagens identicos; e a unica differença que se nota em Berni é que não pode manter a seriedade narrando os absurdos contos da cavallaria andante.

## POESIA DIDACTICA

Ruccellai (*João*): — Nascido em Florença em 1475 pertencia a uma familia alliada á dos Medicis; e seguindo a vida ecclesiastica pensou chegar mais depressa ao fastigio das honras; mas, apezar dos seus reconhecidos talentos e provadas habilitações, não obteve de seus proximos parentes (Leão X e Clemente VII) o chapeu de cardeal, que tanto ambicionava. Morreu em 1525 sendo governador do castello de S. Angelo. Sua melhor obra é um poema sobre as abelhas (*Le Apî*) escripto em verso solto, porque, dizia elle, que esses insectos não gostão de echos. E' uma visivel imitação do quarto livro das *Georgicas*, mas nem por isso menos interessante pelas engenhosas comparações, delicadas pinturas, pureza d'estylo e fluencia de versificação.

Mamanni (*Luiz*): — Nascido em Florença em 1495 applicou-se na patria universidade ás letras gregas e latinas usufruindo por algum tempo da munificencia dos Medicis.

Compromettido n'uma conjuração contra o cardeal Julio de Medicis (depois Clemente VII) teve de emigrar para Veneza e d'ahi

para Genova e França. Neste ultimo refugio destinguiu-o a amizade de Francisco I incumbindo-o d'uma embaixada junto do imperador Carlos V que desempenhou com summa habilidade e proveito. Obtida a revogação da sentença que lhe fechava as portas da patria para ella tornou fallecendo aos sessenta annos de idade. D'entre seus escriptos destaca-se um poema em seis cantos intitulado *La Coltivazione* (A Agricultura). Seguindo *pari passu* a Plinio, Virgilio e Columella omittiu o que a propria observação lhe havia mostrado d'erroneo, ou exagerado. Oscilla-lhe o estylo entre os de Seneca e Lucrecio, conformando-se mais com este ultimo na maneira de fazer as invocações. Na textura dos episodios, nas allusões historicas, ou politicas revelou singular talento: tornando-se communicativa a sua emoção quando pinta as angustias dos que partem para o exilio. Não bastão porém essas bellezas, aliás de primeiro quilate, para absolver o poema da coima de falta de naturalidade e movimento dramatico.

Baldi *(Bernardino)*: — Nascido em Urbino em 1553 e fallecido em 1617, foi simultaneamente theologo, mathematico, philosopho, historiador, geographo, antiquario, orador e poeta. Nesta ultima qualidade escreveu uma poema denominado — *La Nautica* — (a Navegação) no qual se propoz ensinar aos maritimos a construir um navio, guia-lo no oceano, evitando, ou arrostando todos os perigos. Pictorescas imagens, agradavel colorido, graciosos episodios e brilhantes quadros, fallão em abono d'este poema. Vê-se ahi esboçado, com triste realidade, o lastimoso estado da Italia d'essa epocha, bem decahida da que inventára a bussola quando sulcavão os mares do extremo oriente as quilhas de suas galeras. Lê-se com summa satisfação a mimosa pintura de Venus, atravessando o oceano depois de procelosa tempestade Descobrem-se todavia nesse poema algumas maculas, como sejão a demasiada minuciosidade e certa ostentação de conhecimentos nauticos, hauridos na leitura de obras especiaes, e não sazonadas pela propria experiencia. Aqui e acolá suffoca-lhe o pedantismo a inspiração.

## POESIA DRAMATICA

Bibbiena (*Bernardo Dovizi*): — Oriundo d'uma familia obscura nasceu em 1470 na pequena povoação d'onde derivou o nome pelo qual é mais conhecido. Desde menino entrou para o serviço do cardeal João de Medicis (que foi depois Leão X) a quem se mostrou sempre fiel e dedicado. Havendo concorrido para a eleição d'esse pontifice foi por elle creado cardeal e thezoureiro da fabrica da Santa Casa de Loreto. Desempenhou varias missões importantes, sendo a mais honrosa a que teve por fim congraçar os principes christãos confederando-os contra os turcos. De volta d'essa embaixada, concluida com felicissimo exito, falleceu em Roma no anno de 1520.

Era Bibbiena esmerado cultor das letras, de que deixou varios testemunhos, sendo de todos o mais celebre a sua comedia *Calandra*. Como elle proprio confessa em seu proemio seguiu nella as pegadas de Plauto, cujas bellezas não raro conseguiu imitar, principalmente no dialogo e elegancia do estylo. Apezar da licenciosidade de certas situações, seu desbragamento de linguagem, teve essa comedia geral e fervoroso acolhimento, sendo levada á scena perante o soberano pontifice e sua illustradissima côrte.

Trissino — de quem já fallamos n'outro lugar, é notavel na historia do theatro italiano por ter sido autor da *Sophonisba*, primeira tragedia escripta depois do renascimento das letras, e de tal maneira modelada pelas gregas, principalmente pelas d'Euripedes, que, na phrase de Sismondi, pode ser considerada como a ultima das tragedias antigas. Faltava-lhe porem o genio que inspirava as creações do theatro atheniense; faltava-lhe vigor para desenhar os caracteres que Tito Livio bosquejára. Desconhecia as leis dramaticas; e por isso interminaveis são suas narrações, principalmente as do protagonista onde se desdobra toda a historia de Carthago. Ambicionando a simplicidade grega resvala na baixesa, e quando quer elevar o estylo degenera em empolação. Não obstante taes defeitos gozou essa tragedia d'estima e consideração em seu tempo e fez derramar copiosas lagrimas.

Ruccellai—autor do poema das *Abelhas*, compoz duas tragedias classicas: a *Rosmunda* e o *Orestes*. A primeira tira seu assumpto d'um lastimoso successo referido por Paulo Diacono, segundo o qual Rosmunda assassinára seu marido Albuino, rei dos lombardos, para vingar-se de have-la obrigado a beber no craneo de seu pai. Não soube Rucellai tirar partido dos sentimentos patheticos que superabundavão n'esse facto historico, ou legendario, despresou o estudo dos usos da epocha, e imitando servilmente a *Hecuba* d'Eurupides e a *Antigone* de Sophocles, sacrificou um assumpto moderno ás reminiscencias d'outras eras, e compoz uma mesquinha parodia em vez d'uma obra original. Seu *Orestes* é quasi que litteralmente traduzido da *Iphigenia em Taurida* com a variante de longas dissertações philosophicas e inopportunos gracejos, que provocam o riso em vez de lagrimas. Esses defeitos que tão salientes se fazem aos nossos olhos parece que passavão desapercebidos aos dos contemporaneos; visto como sabemos que Leão X, tão esclarecido juiz em materia de gosto, fez representar essas tragedias em sua presença com grande apparato.

Guardaremos silencio ácerca do crescido numero de comedias e tragedias n'essa epocha compostas e representadas, com bom ou máo successo, para tratarmos d'uma especie nova em que tanto se avantajarão os italianos; queremos fallar dos *dramas pastoris* ou *bucolicos*.

Sannazaro (*Jacome*): — Nascido em Napoles em 1458 descendia d'uma nobre familia hespanhola pouco abundante de bens de fortuna. Entregou-se com fervor ás letras gregas e latinas, e sem o amor que lhe inspirou Carmosina Bonifacia, a quem procurou agradar escrevendo em italiano, a sua obra iria avolumar o inventario dos livros latinos e correr parelhas com o seu tão esquecido poema *De Partu Virginis*. Cumulado de beneficios pelos reis de Napoles da casa de Aragão era em sua pitoresca *villa Mergolina* que escrevia os mimosos versos d'*Arcadia*, e deliciava-se em campestres sonhos. As vicissitudes politicas vierão arranca-lo d'esse extasis e o infortunio, ferindo seus protectores, obrigou-o a acompanhar o rei Frederico em seu exilio, cabendo-lhe o doloroso dever de cerrar-lhe os olhos. Passou pelo desgosto de ver sua bella quinta devastada

pelos soldados de Carlos V, e na aldeia de Somma, onde se refugiou, falleceu em 1530.

A *Arcadia*, a que principalmente deveu sua reputação, foi começada na juventude e publicada quando já contava quarenta e seis annos. Uma especie de romance em prosa, destituido de acção, serve de moldura a doze scenas romanticas e campesinas, e outras tantas eglogas. Cada parte começa por uma pequena narrativa em prosa elegantissima, e termina por uma egloga. Na setima apresenta-se o poeta em scena, conta as primeiras façanhas de sua familia, as honras de que gozára em Napoles e como o amor o constrangera a exilar-se. Animado por um sentimento, sempre terno e apaixonado, achou o segredo d'essa doce melancholia, que tão bem se casa com a vida pastoril; os affectos são, ora amaneirados e pretenciosos, ora cheios de verdade e calor: as imagens e loccuções sempre poeticas, com unica quebra da introducção de vocabulos latinos, ainda não compatriotados no bello fallar toscano. Teve a *Arcadia* mais de sessenta edições; hoje porém quasi ninguem a lê, porque nada ha de mais contrario ao gosto do seculo do que a commemoração d'esses insipidos amores de zagaes e pastoras.

Tasso, celebrado autor da *Jerusalem*, legou á posteridade um poema pastoril com o nome de *Aminta*. A fabula é muito pouco desenvolvida: o pastor Aminta enamorado de Silvia, que o desdenha, livra-a das mãos d'um satyro que a raptára, sem que por isso receba o menor agradecimento. Vai juntar-se ao grupo das outras nymphas, que se entregavam a exercicios venatorios; e depois de ter ferido um lobo foge á sua perseguição, perdendo o véo, que é pouco depois encontrado rôto e ensanguentado. Annuncião alguns pastores a Aminta a morte de Silvia victima da féra cujos furores provocára. Quer então este morrer, e precipita-se do alto d'um penhasco. Apparece em scena um pastor dando parte d'esse infausto acontecimento no mesmo instante em que Silvia jubilosa refere o modo por que escapára ás garras do lobo: e ella, que até então fizera alarde de insensibilidade, commove-se com a noticia da morte do fiel pastor, procura-lhe o corpo para dar-lhe honrada sepultura e falla até em seguir-lhe no tumulo; quando sabe que seu amante recebera apenas ligeiras contusões e que nada mais se oppunha ao suspirado

consorcio. Toda a acção se passa dentro dos bastidores, e cada um dos cinco actos principia pela narração de uma catastrophe; os pastores e pastoras fallam incessantemente em morrer; e no entanto nada tem de tetrico seu desespero, respirando-se em todo o drama um ambiente de volupias. As frequentes antitheses que começavam a inocular-se nas boas letras contribuem para o resfriamento d'uma acção já de si pouco animada. Os trocadilhos de que Tasso forneceu funesto exemplo derrancão-lhe o estylo, aliás tão gracioso. A *Aminta* obteve um exito recusado pela inveja á propria *Jerusalem*; e hoje em dia mais justos os italianos para com a sua primeira (e porque não o diremos?) sua unica epopêa, mostrão ainda certa predilecção para com essa lindissima pastoral. Muratori declara que no futuro nada excederá a *Aminta*; e Parini vê n'ella um modelo mais bem acabado de graça, pureza, elegancia e todos os primores de linguagem.

Guarini *(João Baptista)*: — Nascido em Ferrara em 1537 foi desde a infancia addicto ao serviço particular dos soberanos do paiz, professou philosophia na universidade patria sendo incumbido de varias missões diplomaticas; julgando-se porém mal recompensado buscou successivamente o patrocinio dos duques de Saboia, Mantua, Florença e Urbino, abrigando-se por ultimo em Veneza onde falleceu n'uma hospedaria. Conviveu com Torquato Tasso de quem foi amigo e mais tarde zeloso defensor; parecendo até que d'essa convivencia resultára a concepção e fazimento da mais celebre das suas obras. *O Pastor Fido*, tragi-comedia pastoril em cinco actos e em verso. Ainda mais enthusiastico do que o de *Aminta* foi-lhe o acolhimento do publico; talvez porque mais verosimil e quiçá mais completo.

O assumpto extrahido de Pausanias, é a historia de Caresio e Collirhoé, ou a de um sacerdote de Diana, incumbido de matar sua amante e que prefere suicidar-se, exemplo seguido pela nympha sensibilisada de tão estremecido amor. O thema já, de si bastante tragico, dava ensanchas ao poeta para commoventes scenas; mas deixou-se este seduzir pelo falso cultismo: fez dos seus pastores philosophos, discutindo abstrusas questões metaphysicas, numa linguagem, ora fátua, ora licenciosa. Compensão estes senões

grandes e incontestaveis primores, revelados na riqueza da imaginação e nos esplendores de linguagem. A tão raros predicados deveu *o Pastor Fido* trinta edições successivas e uma luxuosa representação perante a côrte ferraresa nesse mesmo anno de 1585 em que Tasso jazia enclausurado no hospital de S. Anna.

## HISTORIA

Macchiavelli *(Nicolão)*: — Nascido em Florença em 1469 pertencia a uma familia honesta e pouco favorecida da fortuna. Nada se sabe ácerca da sua juventude que devia te-la empregado em solidos estudos que habilitarão-no para na idade de trinta annos ser nomeado chanceller da republica e pouco depois seu secretario. Desempenhou no periodo de quatorze annos vinte e tres missões diplomaticas, vindo a restauração dos Medicis dete-lo na carreira das honras obrigando a partir para o desterro por haver recahido sobre elle suspeitas de ter tomado parte numa conspiração contra o poder dominante. No forçado retiro a que se viu condemnado compoz varias obras, entre outras *Discursos sobre a primeira década de Tito Livio, Dialogos sobre arte da guerra*, e *Historias Florentinas*. Tendo conseguido entrar nas boas graças dos Medicis foi por estes incumbido d'uma embaixada junto á serenissima republica de Veneza, e mais tarde de uma importante missão perante Guicciardini, que commandava o exercito da Santa Sé. De volta á patria foi acommettido d'uma enfermidade que terminou-lhe a existencia na idade de cincoenta e oito annos.

A obra que maior celebridade attrahiu a Macchiavelli é conhecida pela denominação de *Principe* a que elle modestamente intitulára.— *Opusculo sobre os Principados*. Não nos compete a analyse de semelhante obra por não pertencer ella aos dominios da litteratura e sim aos da politica. De passagem porem observaremos que não merece nem os enthusiasticos elogios dos admiradores, nem os apódos dos contrarios: é um fidelissimo espelho das ideias do tempo, e ninguem deve ir procurar nella imparcial estudo do coração humano, nem maximas dessa subtilissima arte appellidada politica. Não faz o elogio da tyrannia, nem fornece aos povos conselhos para derriba-la;

odeia-a, mas julga-a permanente; e assim se explicão as vacillações d'esse vigoroso espirito a quem faltou a precisa dignidade para vestir no exilio o luto de suas esperanças. *O Discurso sobre a primeira decada de Tito Livio* é uma vasta composição, repartida em tres livros, testemunho dos profundos estudos e serias cogitações do auctor. Forneceu esta obra preciosos subsidios a Montesquieu e a Gibbon, sendo seu principal merecimento a continua e feliz applicação dos successos antigos aos modernos. Equivocou-se porem quando pretendeu erigir em regra fixa o theorema de que as mesmas causas produzem sempre os mesmos effeitos.

Diz-se que o papa Clemente VII encarregára Macchiavelli d'escrever uma historia de Florença recommendando-lhe toda a imparcialidade, não *devendo poupar a quem quer que fosse*. Não julgou porem acertado o ex-secretario da republica o cingir-se á letra de suas instrucções; e nessa obra, justamente celebre, prodigalisou elogios aos Medicis e tratou com summa delicadeza a todas as questões referentes aos interesses religiosos ou politicos da Santa Sé. *As Historias Florentinas* começão com a fundação da cidade e chegão ao anno de 1492 apresentando um perfeito quadro das guerras civis, ou estrangeiras, das agitações da praça publica e da criminosa liga da religião com o fanatismo sem nunca perder-se nesse dedalo de considerações e factos. Por tão excellentes dotes elevou-se no conceito da critica sobre seus predecessores, e muitas vezes sobre seus modelos classicos. Simples e sobrio no estylo sem quebra de vigor, concisão e elegancia despreza os ornatos, e as louçanias com que alguns escriptores buscão occultar a pobresa da materia e a da deficiencia do juizo.

Guicciardini *(Francisco)*: — Nasceu em Florença em 1482 de uma familia illustre. Deu-se aos estudos de jurisprudencia e na idade de vinte e tres annos foi escolhido para reger na patria universidade a cadeira *de Institutas*. Em 1512 desempenhou as funcções d'embaixador na côrte de Fernando, rei d'Aragão, merecendo d'esse astucioso monarcha o mais subido apreço. Confiou-lhe Leão X os governos de Modena, Reggio, e Parma, e Clemente VII feloo tenente-general das suas tropas na guerra que sustentava contra o imperador Carlos V, incumbindo-o mais tarde de applacar algumas

sedições que tinhão apparecido na Romanha; o que tudo fez com summa felicidade. Depois da morte d'esse pontifice regressou a Florença onde serviu de mentor a Alexandre de Medicis e a seu filho Cosme. Desgostoso da vida publica e aspirando o repouso recolheu-se á sua *deliciosa villa de Arcetri* onde occupou-se em escrever a obra que devera immortalizal-o.

A obra a que alludimos é a sua monumental *Historia de Italia*, dividida em vinte livros, abrangendo o periodo decorrido de 1490—1534. Recorrendo ás mais puras fontes narra os acontecimentos com exactidão e simplicidade; derrama abundante luz sobre as guerras e negociações dando louvavel exemplo de abater as barreiras municipaes que amesquinharão a Italia d'essa epocha. Escreveu em estylo puro e correcto no que tanto caprichava que sensivel é a differença que se nota entre os ultimos capitulos a que não poude dar a ultima mão e o restante da dita obra. Deu provas de sagacidade preferindo o dialecto toscano, que desde a infancia fallava, á linguagem commum delineada por Dante e aperfeiçoada pelos eximios escriptores que lhe succederão.

Graves e numerosos são porem os defeitos que a critica exprobra a Guicciardini: a perda das illusões concebidas na mocidade, tornarão-no pessimista; disse mal de todos e de tudo; suas descripções e narrativas são antes horriveis do que patheticas. Causão tedio suas prolixas reflexões; nos retratos a exuberancia de ornatos e a minuciosa enumeração de accessorios prejudica o interesse que poderia inspirar. Os discursos e allocuções que immoderamente introduz, á guisa de Tito Livio, são monotonos; e um critico italiano (Boccalini) imagina espirituosamente que se o sparciata condemnado por haver dito em tres palavras o que poderia dizer em duas fosse forçado a ler o discurso de Guicciardini relativo á guerra de Pisa pederia instantemente aos seus juizes que o mandassem antes para as galés, e o fechassem entre quatro paredes, ou mesmo que o esfolassem vivo.

DIALOGOS

Esta amenissima forma litteraria passou das obras de Platão para as de Cicero e das d'este para as de Petrarcha, Bembo e Macchiavelli: nenhum porém d'esses imittadores foi mais apreciado do que

Castiglione *(Balthazar)*: — Nascido em Mantua no anno de 1478 e fallecido em Toledo em 1529, consummiu a vida em varias embaixadas nas côrtes de França e Hespanha, merecendo particulares favores do duque de Urbino e do papa Clemente VII. Sua principal obra intitulada *Il Cortigiano* (O Cortesão) distingue-se pelo caracter frivolo; bem que aspire os fóros de manual de civilidade ou antes de cortesania, pretendendo outrosim traçar regras para captar o favor dos principes. Verdade é que não se descuidou de recommendar e encarecer a obrigação de prevenir os principes contra os embustes que se lhes armão, e fazer chegar até elles o conhecimento da verdade. Não forão porém tão banaes conselhos que fizerão a fortuna litteraria do livro mas sim a pureza e elegancia do estylo, reconhecidas pela academia *de la Crusca*, bem que com certas reservas, quanto aos idiotismos lombardos.

## TERCEIRO PERIODO

### PRIMEIRA EPOCA (seculo XVII)

As calamidades do começo do seculo XVI forão menos fataes ás letras do que o sepulchral repouso que lhes seguiu. Uma oppressão geral, systematica e regular succedeu ás violencias da guerra, e a Italia exhausta, não só nada produzio por espaço de cento e cincoenta annos á excepção de algumas miseraveis copias como viu pullularem espiritos falsos e pretenciosos, que tomarão a empolação pela grandeza, a antithese pela eloquencia, e os trocadilhos de palavras pelos rasgos de espirito. A corrupção que se inoculára nos costumes e nas ideias fez do seculo XVII uma epocha de degradação

tal que o nome de *seiscentista* é ainda hoje considerado como de opprobio para os italianos.

Examinemos summariamente quaes forão os auctores, que resistindo á fatal seducção, mais fieis se conservarão ás antigas maximas assim como os que, abusando de não vulgares talentos, se extraviarão por veredas do máu gosto e falso brilhantismo.

## POESIA LYRICA

Chiabrera *(Gabriel)*: — Nascido em Savonna em 1552 e ahi fallecido em 1637, passou sua longa existencia ora na patria, ora em Roma, unicamente occupado em versar os monumentos da antiguidade greco-romana, e em compor numerosas obras. Escreveu nada menos de cinco poemas, imitados d'Ariosto, e muitas peças de theatro; nenhuma dessas obras é porém digna de fixar-nos a attenção, que deve tão sómente volver-se para suas odes, vasadas nos moldes de Pindaro e Anachreonte. Foi o primeiro d'entre os italianos que abriu mão das fórmas, por demais estreitas, do soneto ou da canção; e dotado d'um ouvido eminentemente musical, cortou a estrophe grega em pequenissimos versos, variando-os do modo mais gracioso. Soube outrosim imprimir ás suas odes tal movimento lyrico que dispensava a rima a que todavia não renunciou de todo adaptando-a aos assumptos de que tratava. Pena é que a mór parte d'essas odes fossem endereçadas a principes, pouco merecedores de seu enthusiasmo, nem sempre alliado á elegancia da expressão nem á nobreza do pensamento. « Quando quer alterar o vôo (diz Perens) suas azas de cera deixão-no cahir no mar; e não se póde assas lastimar um homem que celebrava indifferentemente a instituição nacional dos jogos gregos e os da pella que um microscopico principe italiano havia estabelecido em Florença [1]. »

Marini *(João Baptista)*: — Nascido em Napoles em 1569 fugiu da casa paterna para subtrahir-se ao estudo do direito a que seu pai, jurisconsulto emerito, queria força-lo. Seu singular talento poetico grangeou-lhe protectores em cujo numero figura esse mesmo cardeal Aldobrandini, que preparára a Tasso o tardio triumpho do

[1] *Histoire de la Littérature Italienne* Chap. XI

Capitolio. Acompanhou o cardeal a Turim, onde fez-se admirar pela vivacidade e brilho de seus versos, rutilantes de antitheses, metaphoras e conceitos. A melodia metrica, a voluptuosa pintura das variadas scenas de amor em que se mostrava inexgotavel, collocarão-no á frente d'uma nova escola poetica adversaria do *petrarchismo*. victima das intrigas d'um rival (o poeta Murtola) foi lançado n'um carcere por ordem de Carlos Manoel, 1° duque de Saboia, e havendo conseguido demonstrar sua innocencia restituirão-lhe a liberdade de que utilisou-se para passar á França, onde a rainha Maria de Medicis outorgou-lhe generoso patrocinio patenteado n'uma pensão de dous mil escudos d'ouro. Foi ahi que escreveu a mais celebre de suas obras (*Adonis*) origem das mais violentas controversias. A convite de seus admiradores passou novamente os Alpes, e, depois de haver gosado da ovação que lhe tinhão preparado, recolheu-se a Napoles onde surprehendeu-o a morte no anno de 1625.

Colossal foi por algum tempo a reputação de Marini, collocado por alguns imprudentes apologistas acima dos maiores poetas de Italia. Os hespanhóes que o imitarão e o excederão nos defeitos não conhecerão limites á sua admiração; e na propria França, onde erão arbitros do gosto Voiture e Balzac, foi elle honrosamente acolhido no douto cenaculo conhecido pela denominação de *hotel Rambouillet*.

O *Adonis* é uma especie de poema epico-lyrico cujo assumpto é o amor de Venus por Adonis. Começa no momento em que Cupido, irritado contra sua mãi, fere-a com suas flechas e lhe inspira o amor por Adonis a quem fizera vir da Arabia á ilha de Chypre. O poeta, mais preoccupado em pintar do que em narrar os acontecimentos, trata cada canto como um poema a parte, distincto por um titulo particular: exemplo a *Felicidade — O Palacio do Amor* — etc. O ciume de Marte e o de uma malfaseja fada perturbão a serenidade desses amores: Adonis é raptado sendo frustaneo o designio da fada d'inspirar-lhe ardente paixão; visto como apenas de posse da liberdade corre para junto de Venus que não é assás poderosa para impedir que a sua inclinação pela caça o arraste a novos perigos.

Finalisa o poema com a morte do protaganista e os jogos funebres em sua honra celebrados.

Nos quarenta e cinco mil versos repartidos em vinte cantos, de que se compõe esse poema, recamado de finissimas lisonjas, feitas n'um estylo maravilhoso, ainda que um tanto effeminado, revelou Marini fraco genio inventivo, falta de ordem e connexão, perdendo a cada instante de vista a acção principal e desvairando-se n'uma infinidade de digressões e episodios de tal modo destacados que parecem constituir poemas independentes. Cumpre que digamos que a esses mesmos defeitos, assim como as suas inverosimelhanças e desmarcadas hyperboles, deveu a calorosa aceitação de que fallamos.

Filicaia *(Vicente)*: — Nascido em Florença no anno de 1642, de nobre prosapia fez, seus estudos na universidade de Pisa, e retirando-se á sua cidade natal dividiu o tempo entre as letras, os deveres de pai de familia e os exercicios de religião. Apezar da modestia de sua vida attrahiu as vistas do grão-duque que fel-o senador e encarregou-o de algumas commissões importantes em cujo desempenho viu chegar o anno de 1707, ultimo de sua existencia. Recebeu primeira inspiração da heroica defesa de Vienna feita por Carlos V, duque de Lorena, e a sua libertação devida ao heroico Sobieski. Filicaia escreveu muitas canções relativas á victoria dos christãos, em algumas d'ellas nota-se espirito guerreiro, sincero jubilo e vivo reconhecimento pelo divino auxilio. Era a primeira vez que nesse seculo um italiano exprimia em versos os sentimentos que lhe animavão a alma, por isso excitarão verdadeiro enthusiasmo as odes que dirigiu ao imperador d'Allemanha, ao duque de Lorena, e ao rei da Polonia. A devastação do solo italiano pelos exercitos allemães e francezes inspirarão-lhe calorosos versos sendo dentre todos os mais celebres os do soneto que começa por estas palavras: *Italia! Italia!* Nesse soneto em que avultão verdadeiras bellezas descobriu Sismondi vestigios do pessimo gosto que infeccionava a litteratura coetanea, como quando diz que o *dote da dôr estava escripto na fronte da Italia*, e que *seus inimigos se derretião aos raios da belleza italiana.*

## POESIA DIDACTICA

TASSONI *(Alexandre)* : — Nascido em Modena em 1565, e fallecido na Toscana em 1635. Orphão em tenra idade deveu a algumas almas generosas o poder cultivar as artes e as sciencias, frequentando successivamente as aulas de sua patria e as de Bolonha. Acompanhou o cardeal Colonna á Hespanh a d'onde trouxe invencivel prevenção contra esse paiz. A dquiriu reputação por algumas obras de critica e esgrimiu na are na das discussões como os primeiros *espadachins* de seu tempo. Por morte do cardeal Colonna passou ao serviço do duque de Saboia Carlos Manoel, que incumbiu-o de varias commissões.

A *Secchia Rapita* (O Balde Roubado) unico titulo pelo qual Tassoni mereceu comparecer perante a posteridade, é um poema heroi-comico cujo assumpto lhe foi fornecido pela guerra travada no XIII seculo entre Modena e Bolonha por causa de um balde, subtrahido por alguns guerreiros modene zes de uma praça publica de Bolonha, e levado em triumpho á sua cidade onde por muitos annos conservou-se guardado numa das torres da cathedral. O despeito que tão arrojado commettimento inspir ou aos bolonhezes e os esforços por elles empregados para recuperar o fatidico balde deu materia a Tassoni para doze can tos de poesia burlesca na qual todavia parece descobrir-se o secreto intento de satyrisar as continuas guerras que entre si fazião os italianos, em gaudio do estrangeiro e detrimento propri o. A jovialidade e a graça, combinadas com certo entono epico, dão muito interesse ao poema, que na pintura caricata dos personnagens, revela talento verdadeiramente comico. A scena da tomada da bagagem dos florentinos, onde se julgava encontrar riquezas e preciosidades, e onde effectivamente só se achárão nózes e figos seccos, é mui proprio pa ra caracterisar a extrema parcimonia domestica d'esse po vo, aliás tão fastoso no que tocava as letras e artes.

O principal defeito da obra consiste na monotonia gerada pela narrativa quasi que continua de combates, sendo igualmente para sentir que não fizesse sobresahir o ge neroso pensamento que julga-se

ter-lhe inspirado o poema. Censurão-no tambem alguns criticos de haver feito escolha d'um thema tão remoto podendo encontrar muitos outros em epochas mais visinhas que lhe permittissem pintar mais ao natural certos retratos, ou fazer allusões que fossem facilmente comprehendidas. Não acompanharemos esses criticos em taes censuras; porque estamos convencido de que si o autor não tivesse a extrema habilidade de occultar o sentido de suas satyras seria victima de grosseiras violencias, mui frequentes nesses tempos em que se respondião a epigrammos com punháladas ou tiros d'escopeta, e em que as inocentes allusões de Marini custavão-lhe alguns mezes de reclusão nos carceres de Turim. Admiremos os martyres e confessores, mas não queiramos erigir actos phenomenaes em regra normal de comportamento.

## HISTORIA

Sarpi *(Frei Paulo)*:—Nascido em Veneza em 1552 entrou em tenra idade para a ordem dos Servitas onde destinguiu-se pelo seu variado saber. Dando-se aos estudos physico-mathematicos fez importantes descobrimentos, e como theologo revelou immensa erudicção em seu *Tratado sobre os Beneficios Ecclesiasticos*. Nas desavenças entre a Santa Sé e a republica de Veneza abraçou a causa d'esta; e aggredindo virulentamente seus adversarios attrahiu da parte d'elles brutal desforço que consistiu em mandarem-no assassinar por cinco sicarios. Escapando felizmente á morte foi curado por conta da republica e continuou em seu serviço até o anno de 1628 em que morreu.

A obra que maior nomeada grangeou-lhe foi a *Historia do Concilio de Trento*, notavel pela maneira original d'expor os factos, importancia dos documentos que só ahi se encontrão, e simplicidade de estylo. Mably a designava como modelo do genero; mas ha manifesta exageração em tal juizo, por quanto falta a este historiador o predicado da imparcialidade, bem como a methodica concatenação dos factos.

Pallavicino *(Sforza)*: — Nascido em Roma no anno de 1607 de uma familia de principes abraçou a carreira ecclesiastica; e, depois

de ter sido governador de Jeri, Orvieto, e Camerino, renunciou á liberdade da vida secular para entrar no instituto de Loyola, onde professou e com applauso regeu as cadeiras de philosophia e theologia no Collegio Romano. Por ter defendido os direitos da S. Sé refutando a *Historia do Concilio de Trento* de frei Paulo Sarpi foi elevado pelo summo pontifice Alexandre VII á dignidade cardinalicia de que pouco se gozou havendo fallecido a 6 de Junho de 1667.

Sua *Historia do Concilio de Trento*, bem que escripta com grande facundia, não pode ser recebida pela critica sem as competentes reservas, nascidas da ideia que fôra ella composta no espirito apologetico, sendo mais obra de polemica do que testemunho historico. O estylo é grave, elegante, e florido, no que se nota certa ostentação proveniente de desejar o autor ser citado como classico pela academia *de la Crusca*.

Davila *(Henrique Catherino)*: — Nascido em 1576 nas circumvisinhanças de Padua foi por seu pai levado á França, onde entrou para o serviço de Henrique III e de Catharina de Medicis na qualidade de pagem. Aos dezoito annos seguiu a profissão das armas e deu repetidas e brilhantes provas de valor e sangue frio. Por morte de seus protectores alistou-se nos exercitos da republica de Veneza, que confiou-lhe postos de muita confiança por cujo bom desempenho foi generosamente galardoado. Dirigindo-se a Verona assassinou-o em caminho um camponio (1631).

A *Historia das Guerras Civis de França* foi muito apreciada pela sua exactidão, imparcial pintura dos caracteres, boa e extremada escolha dos factos principaes, estudo das causas e seus naturaes effeitos, e simplicidade de estylo. A' essas raras qualidades pode-se ainda juntar outra que muito lhe abona o espirito illustrado e philosophico; e é que, sem mostrar-se ingrato para com seus protectores, estygmatisa devidamente o cruel morticinio de S. Bartholomeu. Recebeu esta obra tanto em Italia como ainda em França honroso acolhimento, anteposto seu merito litterario ao de Guicciardini.

Bentivoglio *(Guido)*: — Natural de Ferrara e nascido em 1579 fez seus estudos na universidade de Padua, e indo a Roma mereceu o patrocinio do papa Clemente VII que promoveu-o a camareiro

secreto, permittindo-lhe todavia que voltasse a Padua para ir receber a laurea doutoral. Foi mandado mais tarde a Flandres como nuncio apostolico, e sendo na mesma qualidade transferido para a côrte de França ahi recebeu a purpura cardinalicia. Tal era a importancia de que gozava que suppunha-se seria elle o successor de Urbano VIII quando a morte arrebatou-o apenas começado o conclave (a 7 de Setembro de 1644).

Sua *Historia das Guerras Civis de Flandres* abrangendo o periodo decorrido de 1559—1609, é inferior á de Davila, quanto ao methodo de exposição e veracidade dos successos. Torna-se todavia estimavel pelo estylo elegante e correcto, assim como pela referencia a factos de que fôra occular testemunha. Exprobrão-lhe os criticos certa parcialidade em favor de Philippe II, cujas atrozes medidas esforça-se por desculpar, ao mesmo tempo que condemna a sublime attitude d'esses povos que luctão pela sua independencia com a primeira potencia militar da epocha; assim pois deve ser consultada esta obra com muito discernimento.

## ELOQUENCIA

Segneri *(Paulo)*: — Nascido em Nettuno, nas cercanias de Roma, professou na ordem de Jesus, em que perma neceu até á data de sua morte, occorrida em 1694. Cobrou fama do maior orador do seu tempo; bem que lhe faltassem alguns dotes naturaes, v. g. sonoridade de voz, e viveza d'accionado; assim, no dizer dos coetaneos, mui pouco concorridos erão seus sermões. Pode-se attribuir sua celebridade á feliz reação que operou contra o pessimo gosto da epocha e apurado esmero em regular-se pelas formas classicas, principalmente pelas de Cicero, seu predilecto auctor. Esse esmero conduziu-o a o outro vicioso extremo, qual o de enastrar os sermões de trechos profanos, não escrupulisando recorrer á mythologia quando pensava que essas ficções poder-lhe-hião aproveitar para fins rhetoricos. Dotado de summa piedade acolhia com demasiada facilidade as lendas populares; e nos panegyricos dos santos por mais d'uma vez intercalou absurdos, senão ridiculos milagres.

Apezar dos defeitos que acabamos de apontar a gloria de Segneri eclipsou as do dominicano Ricardi, do capuchinho de Jeronymo de Nardi e do jesuita Giularis, que nesse tempo fruião de immensa popularidade. *Os Panegyricos Sacros* de Segneri, colligidos em dois volumes, e dados á estampa em 1684, forão postos pelos philologos na categoria das obras classicas.

## SEGUNDA EPOCHA ( Seculo XVIII )

### POESIA LYRICA

A reacção contra os desmandos dos *marinistas*, começada pelas academias de Florença (de *la Crusca* e dos *Apatisti*) foi coroada de feliz exito por uma sociedade que formou-se em Roma no anno de 1690 com o nome de *Arcadia* e cujos corypheos forão Crescinbini, Gravina, Menzi, Filicaia, e Menzini. Tomarão por empresa a restauração do bom gosto, preferindo a naturalidade á ostentação. Cada um dos membros d'essa associação devera usar do nome d'um pastor grego e imitar pela simplicidade de costumes e caracter de suas poesias os primitivos arcades. Deslumbrada pelas theorias de Savonarola renunciou qualquer protecção terrestre collocando-se sob os auspicios do menino Jesus. Reunia-se todas as quintas feiras de verão no monte Janiculo, n'um bosque de loureiros e murthas denominado *Parrhasio;* e de inverno na sala dos archivos (*Serbatojo*) onde se guardavão as obras lidas e os retratos dos principaes socios. Suas sessões solemnes celebravão-se no Capitolio; contando por olympiadas tinha um presidente quatriennal e publicava mensalmente uma revista com o titulo de *Jornal Arcadico*, não tardou porem em romper a guerra no douto gremio; a rivalidade entre Crescinbini e Gravina originou a scisão; e cabendo a victoria ao primeiro abusou d'ella para imprimir falsa direcção á poesia prendendo seus adeptos nos estreitos limites da ode pastoral, ou pindarica. As esperanças pois que semelhante instituição fizera conceber não tardarão em dessiparem-se; e a decadencia litteraria, um momento detida em seu fatal pendor, proseguiu desasombradamente.

Da chusma de poetas lyricos que invadirão o Parnaso Italiano no seculo XVIII apenas faremos selecção dos seguintes:

Frugone *(Carlos Innocencio)*: — Nascido em Genova em 1692 de uma familia nobre, foi educado pelos jesuitas e forçado por seu pai a vestir o habito monacal. Apoz longos soffrimentos obteve a relaxação dos votos e professou litteratura em Brescia, Bolonha, Genova e Roma, fixando-se por ultimo em Parma, onde foi incumbido pelos principes Bourbons, que havião succedido aos Farnezes, da direcção dos espectaculos; emprego este que proporcionou-lhe ensejo para traduzir varias peças de theatro, e compoz toda especie de poesias relativas ás festividades da côrte. Como verdadeiro epicurista viveu até á idade de setenta e seis annos, legando aos contemporaneos reputação de eximio poeta que os posteros recusarão confirmar.

Frugone tratou de todos os assumptos nos mais variados metros; mas foi sobre tudo nos versos soltos *(sciolti)* ou brancos que levou as lampas aos seus predecessores. Abusou dos vastos conhecimentos que possuia entremeiando suas poesias com pesadissima erudição scientifica. O enthusiasmo universal que inspiravão essas poesias fascinou-lhe o estro; enebriou-se de sua loquacidade e apagou as poucas ideias que lhe assomavão á mente na pompa dos ornatos e nas lantejoulas das descripções. Não obstante essas maculas tornou-se recommendavel pela energia que caracterisa-lhe a versificação, abundancia e riqueza de imagem, precizão e vigor de epithetos, audacia de figuras e melodia de dicção.

Parini *(José)*: — Nascido em 1729 nos arredores de Milão e pertencente á uma familia humilde, só a custa de grandes sacrificios poude concluir os estudos requisitados para receber ordens sacras, que ambicionava, não movido por sincera vocação, mas para ter accesso na sociedade escolhida de seu tempo. Para grangear a vida viu-se obrigado a aceitar o onus de preceptor de meninos, e nesta honrosa porem humilde condição passaria quiçá desapercebido se a publicação de algumas poesias lyricas não houvesse attrahido sobre elle a attenção do conde de Firmiano, governador da Lombardia, que confiou-lhe a redacção da gazeta official, nomeando-o mais tarde professor de bellas lettras na escola palatina de Milão. A morte de seu

protector e a recusa de compor o elogio de Maria Thereza fizerão-lhe perder taes empregos, morrendo em extrema pobreza no anno de 1799.

D'entre as numerosas obras poeticas de Parini destaca-se o poema denominado o Dia, *ou as quatro partes do dia na cidade*. Seu intento foi o de pintar a vergonhosa indolencia da nobreza, outr'ora gloria e esplendor de Italia, e então reclinada nos braços da volupia. Apartando-se da escola arcadica ousou tratar de politica e moral, esforçando-se outrosim de expungir a lingua dos gallicismos que começavão a afeia-la. Dividiu a obra em quatro partes — *A Manhã, o Meio dia, a Tarde e a Noite* — constituindo cada uma d'ellas um poema independente. *A Manhã* pode servir de modelo do estylo puro e elegante, provando exuberantemente que um verdadeiro poeta podia, ainda nesses tempos decadentes, encontrar thema original e peregrino. Inimigo da exageração, escolho dos meridionaes, evitou cuidadosamente toda a especie de invectiva que daria á sua obra visos de vingança, ou inveja. Chama o sorriso aos labios quando com delicada ironia instrue ao novel fidalgo nos usos a que se deve submetter para adquirir as prendas de bom cavalleiro; e si esses deveres são pueris e ridiculos a culpa não é do narrador e sim dos patricios que os inventarão e religiosamente as observavão. Seus felicissimos episodios tornarão-se populares em Italia: e até a mythologia é ahi tão artificiosamente introduzida que fica o leitor a pensar como achou o poeta meio de dar-lhe entrada nos perennes lazeres da aristocracia italiana. *O verso solto*, a que como já vimos, acabara Frugone de dar tanto brilho, recebeu d'elle novo aperfeiçoamento, e tão consideravel que o orgulhoso genovez confessou-se vencido, exclamando: « *Conheço agora nunca ter sabido fazer versos soltos; bem que me reputasse grande mestre d'elles* ». Severo para comsigo pensava Parini haver apenas esboçado a segunda parte de seu poema—*A Tarde e a Noite*—; que todavia nenhuma quebra de pureza apresenta aos olhos da mais escrupulosa e desprevenida critica.

Nada faltou a gloria de Parini; nem mesmo o odio dos nobres, que, advertidos pela publica hilaridade, da pungente satyra de que erão alvo, sob os mais finos e graciosos disfarces, decidirão imprimir no poeta o cunho dos seus brazões. Um certo duque de

Belgiojoso, julgando-se reconhecivel n'um dos retratos *da Manhã* mandou bastonal-o de maneira tão brutal que ficou o poeta côxo por toda a vida. Não se intimidou porem elle com semelhante aggressão, continuando a publicar as subsequentes partes, do que felizmente não teve que arrepender-se; porque, ou receiosos da opinião publica, que se havia declarado em favor do poeta, ou temendo incorrer no desagrado do governador austriaco, o conde de Fermiano, o certo é que os fidalgos cessarão de perseguil-o, e até simularão achar graça em seus motejos.

## POESIA DRAMATICA

Metastasio *(Pedro)*: — Nascido em Roma em 1698 foi destinado por seus pais ao officio de ourives; mas havendo-o conhecido o celebre jurisconsulto e poeta Gravina, admirou-lhe este o raro talento tomou-o sob sua protecção e trocou-lhe o nome prosaico de *Trapassi* pelo de *Metastasio*. Sentindo-se arrastado para o theatro por imperiosa vocação compoz aos quatorze annos, uma tragedia (*Justino*) onde, atravez de innumeros defeitos, descobre-se pasmoso e precoce engenho. Por morte de Gravina ficou herdeiro de consideravel fortuna que não tardou em dissipar. Deixando Roma para ir estabelecer-se em Napoles escreveu ahi um drama musical para solemnisar o consorcio do imperador d'Allemanha Carlos VI. A representação d'essa peça, denominada *Jardim das Hesperides*, captou-lhe a amizade da celebre cantora Marianna Bulgarelli, que pol-o em relação immediata com o famoso Porpora, notabilidade musical da epocha e felicissimo emprezario de theatros.

Estando então muito em voga o melodrama, o espirito facil e delicado de Metastasio não tardou em descobrir as intimas e secretas relações entre a poesia e o canto. Ao cabal conhecimento d'essas relações deveu elle toda a sua gloria, sendo por certo admiravel ver tão bello talento amoldar-se as multiplices e absolutas leis que regem essa especie dramatica.

Attrahido a Vienna pelo imperador Carlos VI recebeu o invejado titulo de *poeta cesareo* com a pensão de tres mil florins annuaes,

e unico encargo de compôr melodramas para as festividades da côrte. Neste emprego escoou-se-lhe a existencia, terminada em 1718, na então esplendida capital do imperio germanico.

Na collecção de suas obras, publicadas em Turim em 1757, encontrão-se sessenta e tres tragedias lyricas, ou *operas*, doze *oratorias* ou melodramas sacros, e quarenta e oito *cantatas*. Possuia este poeta imaginação movel, e sensibilidade delicada; e se não poude evitar as imperfeições, inherentes ao genero que cultivava, tal como a monotonia das intrigas, ninguem lhe contestará irreprehensivel pureza de linguagem, graça e doçura de metrificação. Por seus defeitos, ainda mais do que pelas suas qualidades, satisfazia ao gosto dos contemporaneos, ou melhor do publico de cortezãos a quem se dirigia. Desviava das questões serias esses espiritos levianos e lisongeava o sensualismo d'esses sybaritas do XVIII seculo. Si lhe falta elevação dos sentimentos não ultrapassa as barreiras do decóro; si não respeita a historia pelo menos não abastarda o caracter dos personnagens; e suas mais complicadas intrigas jamais degenerão em confusão. Subordinava todas as condições estheticas á suprema lei da melodia; compunha seus dramas cantando, e repudiava todo o verso que lhe parecia pouco adequado á musica, com tão engenhoso descernimento que o famoso Pergolese, longe de impor preceitos ao seu dilecto poetico folgava de seguir-lhe a trilha.

Eis como o apreciava um dos mais finos e competentes criticos:

« A Italia por espaço de seculo e meio se vira despojada de qualquer esplendor litterario; pareceu querer indemnisa-la a natureza concedendo-lhe Metastasio. Nenhum dos seus escriptores foi mais essencialmente poeta; nenhum reuniu maior mobilidade na imaginação, maior delicadeza e encanto na linguagem, nenhum foi mais gracioso pintor, nem melhor musico. Si não poude elevar-se ás alturas do genio, si não produziu nenhuma d'essas creações que provocão admiração e respeito foi inexcedivel no genero a que se consagrou: quiz ser e foi o poeta da opera, e ahi excedeu tudo o que se conhece entre os antigos e modernos. Foi autor das poesias

mais nacionaes que até hoje possue a Italia, e as que mais profundamente se achão gravadas na memoria do povo [1] ».

Metastasio preencheu todos os seus votos; ave palaciana morreu na gaiola; porque, dizia elle, que já não sabia cantar ao ar livre. Por demais modesto recusou os titulos de conselheiro, barão, e conde; e não consta que fosse sequer cavalleiro.

Maffei (*Scipião*) : — Nascido em Verona em 1675 e fallecido em 1755, pertencia á mais elevada nobreza lombarda na qual occupava o grão hierachico de marquez. Desde menino fazia versos, como acontece a quasi todos os meridionaes, e ainda que se dedicasse á carreira das armas e servisse com distincção na Baviera erão as letras e sciencias que lhe merecião particulares favores. Cultivou com proveito a historia, a physica e a archeologia, e começou um poema que devera constar de cem cantos, tendo por objecto a união das virtudes humanas. Na idade de trinta e nove annos emprehendeu dotar seu paiz d'uma tragedia do gosto grego e pautada pelos absolutos e austeros principios classicos. Essa tragedia foi a *Merope* representada em Modena na primavera de 1713 e que obteve um exito superior ao de nenhuma outra peça; tirarão-se d'ella successivamente sessenta edições e o manuscripto autographo é conservado ainda hoje como preciosa reliquia.

Havendo-se perdido a *Merope* de Euripedes coube á Maffei a honra de ter sido o primeiro, que depois da restauração das letras, tratou d'esse delicado assumpto. Pretendeu demonstrar que se podia fixar o interesse da acção dramatica sem recorrer á machina do amor, baseando-se na complicada e angustiosa situação de uma mãi que expõe seu dilecto filho pensando vinga-lo. Singularmente tocante são as scenas de contraste entre o furor de Merope e a resignação d'Egistho, cujo coração presago lhe revelára uma mãi n'essa mulher que tão sedenta parecia de seu sangue. A anciedade do espectador vai crescendo de scena em scena; infelizmente porem esse interesse é antes motivado pela multiplicidade de inverosimeis aventuras do que resultante do natural andamento da acção. A peça,

[1] Sismonde de Sismondi — *De la Littérature du Midi de l'Europe.*

escripta em verso solto, é sempre nobre, simples, e harmoniosa.

Maffei fica a perder de vista de seus predecessores: tem mais vivacidade que Trissino, mais naturalidade que Ruccelai, mais habilidade que Tasso nas descripções, e maior conhecimento da linguagem scenica.

Goldoni (*Carlos*): — Nascido em Veneza em 1707 era filho de um medico de Peruggia, e destinado ao fôro, á medecina, e á igreja, nenhuma d'essas profissões conveio á sua organisação phantasiosa que impellia-o para o theatro. Na tenra idade de oito annos compoz uma peça romanesca, muito apreciada pela sua originalidade. A primeira comedia que levou ao palco foi a intitulada o *Gondoleiro de Veneza* seguida da tragedia *Belisario*, que obteve grandes applausos. Fez representar em diversos theatros d'Italia mais de cento e cincoenta peças; e escrevia-as por inteiro, ao invez dos outros autores que apenas esboçavão o esqueleto deixando aos actores o cuidado de improvisar em scena o desenvolvimento das situações. Desgostoso pela preferencia dada a Gozzi, que lhe era infinitamente inferior, retirou-se para a França, onde exerceu o cargo de professor de italiano das princezas, filhas de Luiz XV e para a distracção da côrte escreveu algumas espirituosas peças, entre as quaes se distingue a intitulada *Il Burbero Benefico*. (O Rabujento Bemfazejo). Outorgou-lhe o rei uma pensão de 3.600 libras que lhe forão pagas até á epocha da revolução que a supprimiu; constando porem que o velho dramaturgo chegára a um estado visinho da mendicidade restituiu-lhe a referida pensão a assembléa constituinte por proposta de José Chenier. Infelizmente tarde chegou o remedio, porque falleceu no dia seguinte ao d'essa generosa reparação (1793).

Os italianos considerão Goldoni como tendo levado a comedia ao supremo grão de perfeição. Descontando-se o que vai nisso de patriotica exageração não se lhe pode recusar merito nada vulgar, grande fertilidade de invenção que lhe permittia encontrar assumptos sempre novos para suas peças: e mais que tudo a extrema facilidade de composição que fazia com que escrevesse em cinco dias uma comedia de cinco actos e em verso: facilidade esta que fascinou-o a ponto de descuidar-se das peripecias. Seus dialogos

recommendão-se por grande vivacidade, e os caracteres desenha-os com mestria de quem cabalmente conhecia os usos e costumes nacionaes; realçando ainda os predicados que acabamos de mencionar uma jovialidade de finissimo gosto e propria da mais delicada sociedade italiana.

Alfieri (*Victor*): — Nascido em Asti (Piemonte) no anno de 1749 pertencia a uma familia nobre e abastada. Tendo tido o infortunio de ficar orphão em tenra idade, entrou para o collegio de Turim, onde, como elle proprio o confessa, nada apprendeu. Tocando á maioridade, senhor de avultados cabedaes, considerado na sociedade por seu titulo nobiliario (o de conde) entregou-se desenfreadamente aos prazeres, e cançado de percorrer a Europa, *mais como correio*, são expressões suas, *do que como viajante* dictou-lhe a indignação os primeiros versos. Contava vinte e seis annos quando o desejo de ser agradavel á condessa d'Albany, mulher do ultimo dos Stuarts, levou-o a recomeçar os seus estudos no que consummiu doze annos. Suas tragedias, a principio representadas nos theatros particulares, forão depois recebidas pelo publico com grande enthusiasmo contra toda a expectativa. Tendo ficado viuva a condessa de Albany casou-se com ella, e foi fixar a residencia em Paris d'onde depois transferiu-se para Florença, aterrado pelo vendaval revolucionario. Excessos de trabalho e infracções do regimen hygienico, que lhe havião prescripto os medicos, occasionarã-lhe a morte no anno de 1803.

Metastasio fôra o poeta do amor e Alfieri o da liberdade. Todas as suas peças tem um fim politico; devem á eloquencia, calor e vivacidade ao sentimento que constantemente o domina, e fa-lo escrever sob sua observação.

Faltava-lhe a ductilidade do talento tragico, não recebia emoções do coração, e sim da phantasia. Não sabia conformar-se com o caracter dos seus heroes deixando-se impressionar por variadas sensações: sempre identico a si proprio, cahia por isso em monotonia. Antes d'examinar si suas composições merecem o titulo de bellas tragedias, dizia a senhora de Stael, cumpre admira-las como bellas acções.

Si essa uniformidade de fins torna monotono o theatro de Alfieri

acha compensação na simplicidade da acção e da linguagem, que até parece miraculosa, attento ao depravado gosto do tempo. Despreza os pormenores historicos, e só conserva as circumstancias principaes, sempre solicito em coordena-las por combinações claras firmes e progressivas, exaltando-as por pensamentos sublimes substituindo a ausencia do colorido pela firmeza do dezenho.

A fama de Alfieri pouco tem soffrido da successão dos annos: a posteridade ainda não reformou o veredicto dos comtemporaneos relativo ao litterato, posto que o politico tenha sido julgado conforme o vento da opinião dominante. Schlegel persegue n'elle o defensor da independencia italiana; e aos francezes custa o serem justos para com o autor do *Misogallo*, poemeto satyrico contra seu dominio: a verdade porem que não conhece partido bem alto proclama a sinceridade de sua alma e a elevação do seu engenho.

## QUARTO PERIODO (Seculo XIX)

Bem adiantado vai já o seculo XIX para que deixe elle de ser mencionado n'um estudo, bem que summario, da litteratura italiana. Segundo a opinião d' Amadeu Roux [1] pode-se dividir este periodo em quatro epochas, correspondentes ás phases da sua vida politica; isto é: dominio francez, restabelecimento das velhas dynastias, reinado de Carlos Alberto e o de Victor Manuel. Até 1815 o novo seculo não se differençava radicalmente do precedente parecendo antes continua-lo; a queda do primeiro imperio napoleonico e os graves acontecimentos que se lhe seguirão obrigarão o genio italiano a concentrar-se, encontrando na sua proverbial sagacidade recursos para illudir a suspeitosa vigilancia dos reaccionarios.

A revolução de Julho em França mostrou-lhe que só lhes restavão dois caminhos para realisarem seus planos unitarios: o da republica, ou o da monarchia, sob os principes da casa de Saboia. O mallogro das tentativas de Carlos Alberto serviu-lhes apenas para

[1] *Histoire de la Littérature Italienne Contemporaine*. Paris 1870.

robustece-los nessa fé que tão solemne consagração recebeu nos campos de Magenta e Solferino.

## POESIA LYRICA

Pindemonte *(Hypolito)* : — Nascido em Verona em 1757 e fallecido em 1828. Oriundo d'uma familia patricia e educado no seio da opulencia poude satisfazer amplamente os seus gostos litterarios, encontrando no estudo refrigerio contra o tedio produzido por perenne estado veletudinario. Suas *Poesias Campestres*, publicadas em 1788, receberão affectuoso acolhimento de um publico affeito á leitura do *Cemiterio* de Gray, do *Werther* de Goëthe e das *Noites* de Young. Nas *Epistolas* e *Sermoni* foi que ostentou talento verdadeiramente poetico, sabendo admiravelmente conciliar a imitação com a originalidade. Discipulo de Horacio excede-o muitas vezes na delicadesa e até diremos na pudicicia da expressão. Tem a arte de interessar-nos por tudo o que lhe diz respeito, e quando falla dos seus amigos é com uma affeição tão doce e sincera que ficamos querendo bem ao poeta, e ainda aos que lhe souberão inspirar tão ternos sentimentos.

Monti *(Vicente)* :— Nascido em 1754 nos arredores de Ferrara, entrou em verdes annos para o seminario de Faenza, onde aprendeu a lingua latina com tal perfeição, que nella poetava com exito. Passando a frequentar a universidade de Ferrara applicou-se aos estudos de jurisprudencia para comprazer a seu pai consagrando todos os seus ocios á poesia. Levado a Roma pelo cardeal Borghese grangeou nessa cidade a protecção do Duque Braschi, sobrinho de Pio VI, que tomou-o para secretario. Aconselhado pelos medicos a procurar algures allivio ás suas enfermidades, dirigiu-se a Florença d'onde passou-se a Ferrara e á Bolonha. Chamado a Milão pelos francezes exerceu o cargo de secretario geral do ministerio dos negocios extrangeiros ; mas tornando-se suspeito aos republicanos, em consequencia das ideias expendidas em algumas poesias, obteve, á força de bajulações, o esquecimento do seu passado sendo nomeado commissario da provincia do Rubicon. Reconhecida porem sua incapacidade administrativa derão-lhe a sobrevivencia da cadeira

de bellas-letras, occupada pelo illustre Parini. A derrota dos exercitos francezes levou-o a Paris onde foi incumbido pelo primeiro consul de escrever um hymno e uma cantata em louvor da victoria de Marengo. Restaurada a republica Cisalpina regressou á Italia, indo professar litteratura na universidade de Pavia. Não tardou em trocar esse emprego pelo de assessor do ministerio do interior, na parte relativa ás letras e artes, recebendo como recompensa o titulo de *poeta imperial* e nessa qualidade cantor obrigado das victorias de Napoleão I, que galardoou-o com pingues pensões, e as insignias das ordens da *Coróa de Ferro* e *Legião de Honra*. O restabelecimento do governo austriaco não lhe foi totalmente adverso; porquanto conservarão-lhe a pensão de professor jubilado e conhecida sua versatilidade teve a incumbencia de escrever duas cantatas para solemnisar as visitas que nessa epocha fizérão á capital da Lombardia o imperador e imperatriz d'Austria: tambem foi este seu ultimo acto de fraqueza; porque em 1828 succumbiu victima d'um ataque apopletico.

Eis como o já citado Roux explica tão descommunal versatilidade:

« Esse Protheo que se fez successivamente chamar *padre*, *cidadão e cavalleiro*, Monti, foi como homem particular quasi irreprehensivel; e si, com toda a justiça, se lhe exprobra o ter celebrado todos os governos não se lhe pode lançar a coima de poeta venal, mas de pertencer á numerosa classe dos que, conservando o culto da patria, são inaccessiveis ao elevado sentimento que se denomina convicção politica. Forão-lhe dictadas pela gratidão os versos que compoz em honra da familia Braschi; cantou a democracia italiana n'um accesso de febril enthusiasmo que occasionou as grandes commoções sociaes; louvou a Napoleão I, porque admirava-o, e nelle via o futuro restaurador da patria; e si mais tarde escreveu algumas cantatas louvando os oppressores allemães foi, máo grado seu, e amaldiçoando em segredo a áquelles que em publico fingia adorar. »

A mais notavel de suas obras é a que tem por titulo *Cantica Basviliana*, admiravel parodia da *Divina Comedia* onde a pouca originalidade de concepção é remida pela pompa do estylo e riqueza de ornatos. Infelicissimo, senão immoral, é o thema escolhido por

Monti, que consiste em celebrar a morte de Basseville, secretario da legação franceza em Napoles, immolado ao furor cannibal da populaça romana. Figura o poeta que no momento supremo subito arrependimento subtrahira o peccador ao eterno castigo e que a justiça divina em lugar de envia-lo ao purgatorio o condemnára a percorrer varias provincias da França contemplando as desgraças e revezes que lhe acarretarão a revolução. Um anjo condu-lo a Paris, onde assiste á execução de Luiz XVI, e vê approximar-se os exercitos alliados, vingadores da magestade ultrajada. Suppõe em pathetico dialogo entre o desventurado principe e o diplomata republicano, já convertido aos principios monarchicos, e colloca ás portas de Paris os monstros que Virgilio collocára á entrada do Averno. O natural desfecho da acção devéra ser a entrada de Basseville no Paraiso, mas os triumpho dos exercitos francezes em Italia fizerão cahir a penna das mãos de Monti, que, como já dissemos, transformou-se em ardente democrata.

Esta singularissima composição teve caloroso acolhimento; aquelles proprios que lhe estranhavão a acrimonia da linguagem e exageração de principios nenhum defeito lhe achavão pelo lado litterario. Como facil era de prever semelhante alvidramento não recebeu a sancção postera; e só lhe descobrem hoje senões que então passarão desapercebidos.

Foscolo *(Hugo)*:—Nascido na ilha de Zante, em 1776, de um pai veneziano e d'uma mãi grega, conservou toda vida o cunho d'essa dupla origem. Fez seus estudos em Padua, sob a direcção de Cesarotti, que communicou-lhe grande paixão pela antiguidade classica. Depois da cessão da Venecia á Austria, em virtude do tratado de Campo Formio, buscou refugio em Florença, onde a amizade que contrahiu com Alfieri determinou a direcção de sua vida e o curso do suas ideias. Affeiçoou-se á causa franceza, servindo successivamente á republica e ao imperio, assistiu, no posto de capitão, á heroica defeza de Genova por Massena: mais tarde trocando a carreira militar pela civil foi professor de litteratura em Pavia, emprego que conservou até 1815 em cujo anno sendo accusado de haver tomado parte numa conspiração contra o regimen austriaco

teve de procurar asylo na Suissa passando-se depois á Inglaterra onde terminou sua existencia em 1827.

Foscolo escreveu diversas obras, tanto em prosa como em verso. Na primeira cathegoria distinguem-se as *Ultimas Cartas de Jacopo Ortis* delineadas antes da apparição do famoso romance *Werther* de Goethe, publicadas porem posteriormente, com grave detrimento da originalidade do escriptor italiano.

Entre as suas composições poeticas avulta a bellissima elegia que tem por titulo *I Sepolcri* (Os tumulos). Um pensamento eminentemente christão e philosophico inspirou esse canto, que pode considerar-se simultaneamente elegiaco, lyrico e satyrico. Visitando um cemiterio deparou com o humilde e obscuro lugar em que repousavão os restos mortaes de seu mestre, o poeta Parini; e, contrastando esse humilde jazigo com os pomposos mausoléos dos ricos e poderosos cuja vida fôra uma serie não interrompida de vicios e de crimes, enche-se de sublime indignação e reclama que nas barreiras da morte se esmague a humana vaidade. A tocante simplicidade e concisão, que caracterisão essa melancolica poesia, attrahirão-lhe grande numero d'admiradores, dispostos a relevar algumas maculas que nellas se descobrem, como, por exemplo, o excesso de erudicção historica e mythologica e a quasi absoluta falta de originalidade.

Leopardi *(Jacome)*: — Nascido em Ricanati (Marca d'Ancona) em 1798, e fallecido em Napoles em 1837 fez-se conhecer desde a juventude por trabalhos de longo folego sobre assumptos philologicos. Havendo-se alistado entre os adversarios da religião catholica incorreu no desagrado paterno o que augmentou a melancolia que lhe causava a sua diformidade physica (era corcunda) aggravada por constantes molestias. D'esse estado anormal resentirão-se suas poesias em que predominão o desanimo e a descrença, fazendo-o digno emulo de Byron, Shelley e Oberman.

Nos intervallos deixados pelos trabalhos philologicos, que sobre todas presava, escrevia bellissimas canções sobre a Italia e á cerca do monumento que então projectava-se erigir a Dante; mas de todas a que melhores titulos offerece á gloria posthuma é por sem duvida a que denominou *Amor e Morte*. A uniformidade na tristeza,

que ahi se observa, é talvez seu unico defeito, que parece inherente á especie elegiaca. De subido quilate são as gemmas d'essa mimosa grinalda onde a ingenuidade e elegancia pedem meças ao que de mais selecto possue a litteratura grega.

MANZONI *(Alexandre)*: — Nascido em Milão em 1785 estreou-se pela publicação, em 1813, de cinco hymnos religiosos, seguidos d'um poemeto intitulado *Uromia*. A ode a morte de Napoleão I, (*Il Cinque Maggio*) cuja prioridade sobre todas as outras producções similares lhe assegura Roux com mui bons fundamentos, sendo este o grande pregão de um nome illustre, immortalisado no drama pelo *Conde de Carmagnola* e os *Adelchi* bem como no romance historico pelos Desposados (*I Promessi Sposi*.)

Fez parte do gremio poetico que na revista denominada *Antologia* sustentou durante os annos de 1819—1823 os direitos do progresso contra os da tradicção. Arcando braço a braço com homens a quem uma piedosa veneração tornava quasi invulneraveis, taes como Monti, Foscolo e Leopardi; conseguiu sobre elles mais d'uma victoria, conquistando d'ess'arte o bastão de generalissimo da escola romantica italiana. Essa escola que gloriava-se de seguir os dictames de Goëthe e de Schiller n' Allemanha, Byron e Walter Scott em Inglaterra, e Chauteaubriand e Stael em França, renovava a eterna questão entre antigos e modernos, sustentava a necessidade do contraste e da antithese, antepondo a pintura fiel da natureza aos recamos d'arte.

Por mais de uma vez teremos occasião de fallar da influencia que exerceu essa escola sobre a litteratura hodierna; por agora bastar-nos-ha dizer que o venerando ancião, cuja placida existencia se escoa na capital da Lombardia, *tem mantido* com dignidade o posto ganho em juvenil quadra, e sem jamais contribuir para o discredito d'uma reforma iniciada sob seus auspicios. A nova geração sauda-o hoje como um dos primeiros lyricos de Italia.

## POESIA DRAMATICA

Manzoni, o illustre poeta do *Cinque Maggio*, foi tambem o restaurador do theatro italiano. A tragedia chamada *classica*, a que Alfieri tinha dado uma vida artificial, ia ceder o passo aos timidos

ensaios da *escola romantica*. Alma terna e apaixonada, coração patriotico, o sympathico milanez julgava realisar duplo fim provocando uma reforma reclamada pelo senso commum e o interesse d'arte, ao passo que esforçava-se para conciliar a igreja com o theatro.

*O Conde de Carmagnola* é o ideal do genero imaginado pelo eximio escriptor: é uma peça sem amor, em que só momentaneamente apparecem mulheres, e onde todavia o interesse e a emoção sustentão-se e vão crescendo de acto em acto. O assumpto admiravelmente escolhido; o *condottiere* Carmagnola é um desses sublimes aventureiros cujo tragico e inexplicavel destino se presta maravilhosamente ás combinações dramaticas de que Manzoni soube tirar optimo partido.

*I Adelchi*, outra tragedia do mesmo autor, publicada quatro annos depois (1824) offerece ainda maior attractivo sem que para isso haja despendido melhor somma de talento. Não se trata ahi d'um mesquinho debate entre um *condottiere* e um pequeno principe, que assoldadou-lhe os serviços; mas sim do acontecimento capital da idade media, isto é da queda da monarchia lombarda, sobre cujas ruinas ergueu-se o gigantesco poder dos romanos pontifices, que por cinco seculos assombrou a Europa.

Niccolini *(João Baptista)*: — Nascido em Florença em 1782 e fallecido nessa mesma cidade em 1861 entregou-se desde a juventude aos trabalhos de alta erudicção de que deixou honrosos testemunhos: foi porem na poesia dramatica que mais assignalou-se e onde mais conhecido tornou seu nome. Inspirou-se na primeira parte de sua carreira no theatro grego e tomou Alfieri por mentor: sua tragedia *Polyxena*, publicada em 1810, pertence a essa escola; e na intitulada *Nabuco* cedeu ao gosto dominante de fazer ferinas allusões ao decahido poder de Napoleão I.

Depois d'uma tentativa de conciliação entre as duas escolas rivaes — a classica e a romantica — passou-se rasgadamente para o partido revolucionario fazendo suas primeiras armas com a representação (em 1827) do drama *Foscarini*. O thema, tirado da tenebrosa historia de Veneza, prestava-se aos mais ricos desenvolvimentos patheticos, de que soube o poeta habilmente utilisar-se.

Não obstante as imperfeições d'essa peça obteve ella immenso successo, e incommodou sensivelmente aos austriacos, que, como sabemos, dominavão nessa epocha em quasi toda a Italia; e grande foi o seu pasmo quando souberão que esse drama revolucionario fôra vertido em allemão pelo principe Luiz Napoleão Bonaparte, futuro imperador dos francezes. *Giovanne da Procida* que seguiu se immediatamente é uma tragedia inteiramente romantica dictada por um sentimento de patriotica indignação contra os injustos ataques de Casimiro Delavigne em suas *Vesperas Sicilianas*. O fervoroso acolhimento d'essa peça só poude ser detido pela intervenção da policia florentina, acobardada pelas vehementes reclamações dos ministros da França e da Austria. No pensar de alguns criticos marca esta tragedia o apogêo da gloria de Niccolini.

*Lodovico Sforza*, que appareceu em 1834, é escripto em tom mais moderado sem que todavia se desvie de seu plano nem perca de objectivo: — a educação litteraria dos italianos. — O sombrio assumpto que escolhéra deixava-lhe margem para as explosões satyricas de que tanto gostava: o caracter fraco e vacillante de Carlos VIII contrasta com a fina astucia e a refalsada indole de Sforza, que vê triumphar suas negras machinações. Os inauditos esforços empregados por Niccolini para impedir que a suspeitosa policia deixasse de mutilar as melhores passagens de sua peça desgostárão-no por tal modo que por alguns annos viveu arredado dos trabalhos scenicos.

Nesses forçados ocios meditou e escreveu os seus dous melhores dramas (*Filipo Strozzi e Arnaldo di Brescia*). Este ultimo é antes um poema dramatico de colossaes proporções em que o poeta, evocando recordações da idade media, com suas fortes paixões, erros, vagas e poderosas aspirações, traçou com dantesco pincel, o secular duello entre a liberdade e o despotismo, a civilisação e a barbaria, o sacerdocio e o imperio. Este drama, cuja representação seria hoje impossivel, causou profunda sensação em seu apparecimento; não só por causa das viris bellezas de que está repleto, como muito principalmente por fallar a linguagem das paixões, então sobreexcitadas pelos escriptos de Gioberti, Balbo, Montanelli e outros.

## ROMANCE

O romance, que ha cerca de dous seculos, occupa tão distincto lugar na historia litteraria de França e Inglaterra, teve muita difficuldade de aclimar-se em Italia, onde o gosto das composições fastosas e da poesia epica mantem-se ainda hoje. Coube ao patriarcha do romantismo o introduzir nesse paiz um genero, em que Walter-Scott adquirira tão grande e merecido renome. Os Desposados (*I Promessi Sposi*) dados ao prelo em 1827, tornou-se desde logo a mais popular das suas obras. E' a historia de dous noivos aldeões, contemporaneos do conde-duque de Olivares, cujos amores, da maior simplicidade, não offerecem lances patheticos nem fazem crispações de nervos. Renzo e Lucia estão á ponto de se casarem, e vão-se dirigir á igreja afim de serem abençoados pelo seu cura D. Abbandio, quando intervem para mallograr-lhes o intento um certo D. Rodrigo, tyrannete da especie dos que então flagellavão a Lombardia, o qual revela culposas intenções ácerca de Lucia. Graças á protecção de um virtuoso franciscano conseguem os noivos escapar a perseguição, aguardando em seguro abrigo o dia da justiça divina, em que D. Rodrigo e seus asseclas expião os crimes commettidos, permittindo aos noivos o regresso aos lares, e o preenchimento dos seus votos. Objecto em si tão pequeno, quasi diriamos insignificante, recebeu do talento de Manzoni particularissimo interesse, pela arte com que soube desenhar o caracter das personagens, e encadear os episodios, compondo d'ess'arte um romance intimo, onde sobresahem peregrinos e inimitaveis typos.

*O Marco Visconti* de Thomaz Grossi não passa d'uma imitação, arremedo, ou como os italianos chamão *pasticcio* do monumental romance de Manzoni. A acção se passa em Milão no anno de 1329 e os personagens historicos são: Marco, Lucchino e Giovanni Visconti, tios de Arzone, vigario imperial, que não cessão de intrigar ás caladas para subtrahirem tão cubiçada auctoridade. O elemento feminino, de que a historia não faz menção, deu-lhe a phantasia na pessoa de Beatriz, noiva de Ottorino, companheiro d'armas de Marco Visconti, que lh'a arrebata empregando a dupla armadura

da fraude e da violencia. Alguns episodios graciosos e a bellissima canção *La Rondinella*, tão popular em Italia, contrastão com os quadros tetricos e pavorosos que parecem aprazer á fertil imaginação de Grossi. Incorre tambem no grave defeito de serem mais primorosamente dezenhadas as figuras secundarias do que as principaes: Ottorino é uma sombra, Beatriz só tocante nos ultimos capitulos, e o protagonista (Marco) descorado perfil do *Innominato* do romance de Manzoni.

*La Battaglia di Benevento*, romance historico de Guerrazzi, veio a lume em 1827 sendo saudado como uma das mais felizes composições do romantismo triumphante. O auctor tinha então vinte annos e era ardente admirador de Byron, o que explica a escolha para heroe do seu romance d'esse odioso Manfredo, tão maltratado pelos historiadores, mas que parece ter possuido algumas qualidades brilhantes e seductoras. Ha nesse romance alguns excellentes capitulos, abundantes de factos e considerações philosophicas, e um vigoroso retrato de Manfredo de côres byronianas: quanto aos outros personagens não passão de verdadeiros heroes de melodramas. As nodoas que se descobrem nessa, aliás mimosa tela, não impedirão que vinte successivas edições lhe consagrassem o merito, sendo ainda hoje considerado superior ao *Assedio de Florença*, *Isabel Orsini*, *Beatriz Cenci*, romances do mesmo auctor, publicados em annos mais provectos.

O marquez Maximo d'Azeglio, genro de Manzoni, ambicionou-lhe os louros, ganhos no romance historico, e consagrou honrosos lazeres á composição d'um, extrahido dos annaes da Italia medievista. *Ettore Fieramosca*, ou *La Disfida de Barletta* tal é o duplo titulo com que apresentou-se esse romance. Logo nas primeiras paginas lemos os motejos dos cavalleiros francezes dirigidos aos italianos a quem acoimão de cobardes: como facil é de suppôr semelhante ultrage não ficou sem resposta que attrahiu um desafio, determinando Prospero Colonna que um troço de cavalleiros, escolhidos em todas as provincias da peninsula, lutassem com igual numero de francezes. O combate finalisa pela derrota dos audazes provocadores. Esta serie de duellos, magistralmente descriptos, é a mais primorosa parte do romance cujas scenas amorosas são languidas e

destituidas de interesse. Attendendo aos sentimentos patrioticos do autor, á casticidade de linguagem e colorido de estylo o publico prestou-lhe adhesão cordial e sympathica que animou Azeglio a novos emprehendimentos, fraudados de identico successo.

## HISTORIA

Botta *(Carlos)*:—Nascido em S. Jorge, no Piemonte, em 1766 e fallecido em 1837, tomou activa parte nos acontecimentos politicos do seculo passado e abraçando a causa republicana acompanhou como cirurgião o exercito francez em sua expedicção as Ilhas Jonicas. Fez parte do governo provisorio instituido por Joubert em Turim, e foi eleito membro do corpo legislativo quando effeituou-se a anexação do Piemonte á França. Depois da queda do imperio recusou voltar á patria occupando o importante lugar de reitor das academias de Rouen e Nancy. Demittido em 1822 por um ministro reaccionario passou seus derradeiros dias em grande penuria.

Em 1808 publicou sua *Historia da Guerra da Independencia dos Estados-Unidos* estimavel pela rectidão de que deu provas, belleza d'estylo, e consciencia na consulta dos documentos. Esta obra, hoje quasi esquecida, recebeu nos Estados-Unidos o cordial acolhimento, de que mais tarde gozou Tocqueville, e Roux considera-a como o melhor trabalho do autor, antepondo-a a *Historia de Italia*, continuada da de Guicciardini. « Si a *Historia da Guerra da Independencia*, pondera o mencionado critico, é uma obra seria e impregnada do espirito moderno, através do seu disfarce archaico, a *Historia de Italia*, escripta num estylo muito mais simples, posto que um tanto amaneirado, deixa muito que desejar no ponto de vista d'exactidão, e não pode, apezar de volumosa, ser considerada como difinitiva [1]. »

Naturalmente inoffensivo e respeitador das convenções sociaes aconselhava Botta a seus compatriotas, escarmentados pela violenta reacção de 1820 1821, paciencia e resignação; assim pois foi sua

[1] *Histoire de la Littérature Italienne Contemporaine.*

obra benignamente acolhida por liberaes e absolutistas; os primeiros em attenção ás suas velleidades patrioticas, e os segundos pela moderação de que deu provas escrevendo sem azedume fóra da alçada dos governos obnoxios que nesse tempo opprimião a Italia.

Cantú *(Cesar)*: — Nascido em Brivio (Lombardia) no anno de 1805 recebeu a primeira educação litteraria em Sondrio. Aos dezoito annos foi nomeado professor de litteratura na sua cidade natal, d'onde mais tarde se transferiu para Como e d'ahi para Milão, em cuja cidade tem passado quasi toda sua vida. As tendencias liberaes manifestadas no opusculo intitulado *Reflexões sobre a Historia da Lombardia no XVII Seculo* attrahirão-lhe um anno de prisão, a pretexto de conspirar contra a Austria. Privado da liberdade do corpo utilisou-se da do espirito compondo um romance (*Margarida de Pusterla*) que teve favoravel acceitação, apezar de bem numerosos defeitos. Sua *Historia de Como* valeu-lhe elogios de Manzoni e anathemas de certo grupo, que julgou-se offendido pelas reflexões do autor. A obra porem de maior tomo devida a tão brilhante penna é por certo a *Historia Universal*, concebida num plano inteiramente diverso da de todos os seus predecessores. Pretendeu associar a philosophia á historia, como unico meio de subtrahir essa sciencia ás puras especulações metaphysicas e considerou a humanidade um ente unico cujos progressos seguiu através dos seculos. Caracterisa-a a imparcial verificação dos factos e os juizos desapaixonados ácerca dos homens e das cousas d'outras eras. A concisão e pureza de linguagem forão partes para seu bom recebimento, fazendo com que, ainda não terminada, fosse traduzida em seis linguas da Europa extrahindo-se d'ella annualmente crescido numero d'exemplares. Não era porem possivel que tão colossal commettimento ficasse immune de defeitos; assim pode-se-lhe exprobrar o demasiado luxo de citações, por vezes contradictorias, bem como certa precipitação nos julgamentos dos factos e personagens contenporaneos.

# LIVRO QUINTO

## LITTERATURA FRANCEZA

Assignala-se o fim do seculo XI por uma crise geral cujos effeitos se fazem sentir em todas as partes da sociedade européa: sob Gregorio VII consegue a Igreja proclamar a sua soberania e estabelecer o seu dominio; o feudalismo acha-se em plena organisação, manifestada pelo grande feito das cruzadas; apparecem as communas; nova arte começa, novos idiomas se produzem; é uma transformação geral, ou talvez melhor, um renascimento universal, d'onde surge a litteratura franceza. Investiguemo-lhe as origens, percorrendo em seguida a gamma dos seus periodos, que podem se reduzir a cinco a saber: 1.º *formação* (seculos XII-XV); 2.º *desenvolvimento* (seculo XVI); 3.º *aureo* (seculo XVII); 4.º *philosophico* (seculo XVIII); 5.º *romantico* (seculo XIX).

### ORIGENS

« Para bem comprehender a historia da nação franceza, diz Heeren, é essencial considera-la como oriunda da raça celtica; só assim é que se poderá explicar a radical diversidade do seu caracter do dos allemães, diversidade que se tem mantido a despeito dos varios cruzamentos, sendo hoje os francezes quasi os mesmos homens descriptos por Cesar [1]. »

Diódoro de Secilia nos pinta os Celtas como raça sympathica e sociavel, unidos em grandes hordas e acampando em vastas planicies. Gostavão tanto de combater como de *discursar*, sendo

[1] *Manuel de l'Histoire Ancienne.*

naturalmente propensos a dar credito aos contos maravilhosos, que lhes referião os viandantes. Ligavão-se á grande familia indo-européa, e forão os progenitores da raça gauleza que Amadeu Thierry subdivide em duas familias, fallando dous idiomas analogos, porem distinctos.

No solo da Gallia estanciára outro povo de origem commum, conhecido pelo nome de *Iberos*, cujos representantes crê-se serem hoje os *Bascos*, ou *Vascos*. Parece que collocados na vanguarda da migração aryanna, que das regiões centraes d'Asia invadira todo o occidente da Europa, povoando com suas tribus o sul da Gallia até o Garonna e quiçá até o Loire. Sua lingua denominada *escdra*, ou *euskára*, é hoje objecto de curiosas pesquizas.

A cultura intellectual da raça celtica era confiada á classe sacerdotal, bipartida em *druidas* e *bardos*. Os primeiros erão ministros do culto, arbitros supremos da justiça, depositarios da autoridade moral e das tradições scientificas; e os segundos musicos e poetas, cantavão nos sacrificios hymnos religiosos, reanimavão a coragem dos combatentes e celebravão suas façanhas nos publicos festins.

A Grecia, emula da Phenicia no commercio e navegação, não tardou em estabelecr colonias nas Gallias, circumscrevendo porem sua acção á limitadissimo espaço. De algumas poucas colonias fallão os historiadores, sendo de todas a mais celebre Marseille, que chegou a possuir uma academia em que florecião as artes e letras hellenicas, e fôra a patria do famoso geographo Pithéas.

Attrahidos por motivos que não nos compete averiguar plantarão os romanos nas Gallias o seu dominio com esse caracter d'estabilidade e assimilação que tanto nos maravilhão. Subjugado por Julio Cesar viu-se esse paiz associado aos destinos do imperio: sua actividade turbulenta voltou-se então para as letras, e crescido numero de philosophos, grammaticos e advogados, que brilharão na sociedade romana, tinhão visto a luz alem dos Alpes. A Gallia romana produzio poetas de merito, como Ausoio, Petronio, Terencio, Varo e outros; alheia porem ao sentimento inspirador, que produz a originalidade, substituiu por artificios de linguagem a grave simplicidade da poesia e da eloquencia.

A' medida que a gangrena da corrupção penetrava no gigantesco

corpo do imperio resentião-se d'ella a litteratura e a lingua. Ao latim da idade argentea succedeu o da idade de ferro, e o mundo pagão desabou arrastando comsigo a obra de Augusto. Vierão depois os germanos, semelhantes a uma torrente devastadora a que só a igreja poude fazer face, curvando ás suas leis vencedores e vencidos, e conservando da antiga civilisação tudo o que não lhe era abertamente hostil.

Dir-se-hia que as sciencias e letras havião perecido no grande naufragio da invasão dos barbaros; espessas trevas cobrião o horisonte da Europa e só começou a bruxolear a luz quando Carlos Magno, ambicionando restaurar o antigo imperio do occidente, oppoz energica, posto que ineficaz barreira, ás ondas da barbaria, e chamou á vida os restos entanguidos da prisca civilisação. Descendo ao tumulo levava o imperador o doloroso presentimento que immaturo e artificial fôra o renascimento, que com tanto afan procurára operar.

Em verdade seus filhos apressando-se em retalhar a toga inconsutil do imperio, não poderão impedir a formação de pequenas soberanias, sempre rivaes, sempre inimigas, que nenhum lazer tinhão para attender aos trabalhos do espirito. O culto das letras classicas foi totalmente deleixado; e a bella e magestosa lingua de Virgilio, Cicero e Tacito, deturpada por barbarismos, tornou-se indigna de denominar-se latina.

No entanto em meio d'essa geral decadencia duas cousas ha que insensivelmente se desenvolvem para mais tarde inaugurarem nova era, fazerem jorrar a luz no meio das trevas, e firmarem a independencia no amago da servidão. Renasce a liberdade no gremio da oppressão, e a lingua desprendendo-se das faixas infantis, ensaia vacilantes passos do limiar das cabanas ao solar dos nobres, e espalha as agrestes flores dos seus soláos por essas tenebrosas mansões. Aqui começa a idade media, periodo de transição, pasmosa mescla do sublime com o grotesco; mas a que se não pode com justiça recusar o epitheto de *tempos heroicos do christianismo.*

# PRIMEIRO PERIODO (Seculos XII-XV)

## PRIMEIRA EPOCHA (Seculos XII-XIII)

A idade media, propriamente dita, começa no seculo XII, isto é, no momento em que damos principio á litteratura franceza. Abrange um periodo de quasi quatro seculos de verdadeira elaboração da moderna sociedade.

A *lingua romana*, isto é, a lingua nacional, já era bastante poderosa no seculo IX para que Carlos o Calvo, e Luiz o Germanico, no momento de chegarem á vias de facto com seu irmão Lothario se vissem obrigados a recorrer a ella para firmarem o famoso juramento, que é como a solemne consagração do romance vulgar. Não só o homem do povo, mas ainda os grandes senhores, empregavão-no em actos publicos de magna transcendencia.

Apenas nascido subdivide-se logo em dois dialectos, ou linguas: a *d'oc* (ou provençal) e a *d'oil* (ou wallona).

O bello e romantico Loire divide a França, tanto pelo clima e producções como pela raça e caracter, em duas regiões bem differentes uma da outra. Ao norte ceo melancolico, clima humido e frio imprime na população certa aspereza no caracter e natural misantropia. Ao sul as ondas do Mediterraneo, os laranjaes da Provença, um ceo quasi sempre limpido tornão o povo alegre, vivaz e apaixonado, como os seus visinhos italianos e hespanhóes. Foi nessa terra dilecta que teve o berço a lingua *d'oc*[1], esse idioma musical e poetico dos trovadores, que, depois de haver brilhado com vivo esplendor e attingido em annos juvenis ao pinaculo da perfeição, afundou-se num pelago de sangue, e foi perder-se nesse meandro de dialectos (*patois*) fallados no sul da França.

Mais rudes, mais grosseiros e mais barbaros erão os cantos na lingua de *oil*; verdade é que a falta de delicadeza de sentimentos e de pompa de linguagem compensavão maior valentia de expressão

[1] Distinguião-se essas duas linguas pela palavra que em cada uma d'ellas exprimia a affirmativa sim (*oui*). *Oc* deriva-se de *hoc*; e *oil* de *hoc illud*.

e mais rude franqueza. A primeira d'essas linguas era por natureza lyrica, e a segunda essencialmente epica : aquella propria para canções de amor, tensões, e serventes; e esta para fabulaes *(fabliaux) canções de gesta*, contos, e romances maliciosos, ou satyricos.

Ao sul da França denominava-se a poesia — *gaia sciencia* — e os que cultivavão-na erão chamados trovadores (*trobadours*) e ao norte troveiros (*trouvères*). Os trovadores cantavão, ou fazião cantar, os versos de propria lavra acompanhando-os de instrumentos de musica. Os tocadores de viola intitulavão-se *violors*, os de flauta *juglars* e os de qualquer outro instrumento *musars*.

Os condes de Provença instituirão uma especie de justas, ou torneios poeticos, appellidados côrtes de amor, (*cours d'amour*) que se tornarão celebres nos seculos medios até pela circunstancia caracteristica de serem muitas vezes presididas por senhoras. Sua jurisdicção, reconhecida pela galanteria, estendia-se a todas as questões de amor, incluidas n'um codigo constante de trinta e um artigos.

Cultivavão os trovadores particularmente o *chanzó*, ou canção, a *sirvente*, canto de guerra, politica, ou satyra, o *tenson*, dialogo sobre pontos de galanteria submettidos ás *côrtes d'amor ;* o *soulas* canção jocunda ; a *ballada*, velha tradicção posta em verso e em musica; a *complainte*, elegia, ou nenia : a *aubade*, canto d'alvorada ; a *sérénade*, canto vespertino, a *sextina*, a *epistola*, o *canto* e a *novella*.

Os *troveiros*, poetas da França septentrional, forão successores, ou contemporaneos dos *jograes*, herdeiros legitimos dos *bardos* celtas, ou gaulezes. Certo é porem que estes ultimos, esquecidos da sua augusta missão, começarão a degenerar pelo meiado do seculo IX, e não tardarão em converterem-se em *truões*.

As obras dos *jograes* primitivos dividião-se em *canções de gesta*, peças de theatro, e peças ligeiras.

Cultivavão os *troveiros* quasi todos o mesmo genero de poesia dos *jograes*, com quem algumas vezes se confundem. Merecião-lhe preferencia as seguintes especies : o *lai* (solão) poemeto lyrico ordinariamente malancolico, composto d'estancias irregulares tendo no fim de cada estancia um ritornello, ou estribilho; e os

romances, ou epopéas informes, d'assumptos legendarios, como as pretensas proezas de Carlos Magno, ou Arthur, Ulysses, Alexandre e outros. Esses romances forão pelos criticos destribuidos em cyclos; o *carolingio*, o *do rei Arthur*, *ou da tavola redonda*, e o *greco-romano*, ou *classico*.

Depois das narrativas de longo folego cumpre mencionar as *fabulaes*, pequenos contos metrificados cuja influencia foi dobradamente maior. Esses contos são de origem oriental, e em sua transplantação passarão por ligeiras mudanças ganhando em côr local; assim os sultões, sultanas e muphtis se converterão em barões, damas e monges.

Os principaes trovadores do XII seculo forão: Bernardo de Ventadour, Beltrão de Born, Arnaldo de Marveil, e Pedro Vidal: e do seculo XIII Pedro Cardinal, Geraldo Requier, Sordello e os poetas tolesanos que primeiros concorrerão para os *jogos floraes* [1].

Dos *troveiros* adquirirão maior nomeada Roberto Wace, auctor de grande numero de romances, entre outros os de Arthur de Bretanha, Guilherme d'Inglaterra, o de Rou, ou Rollon: Christiano Troyes que escreveu quasi todos os do cyclo bretão, conhecidos pelos da *Tavola redonda* [2].

Uron de Villeneuve foi para o cyclo carolingio o que Christiano de Troyes fôra para o da *Tavola redonda* e a elle devem-se grande numero de romances heroicos, hoje quasi que inteiramente esquecidos.

O elemento satyrico, inherente ao espirito francez, foi representado nessa epocha pelo *Romance da Raposa* que teve por auctor Perrot de S. Cloud. O enredo consiste nas peças que a raposa prega a seu compadre lobo; e as numerosas addições feitas por varios poetas á fabula primitiva elevarão-na ao prodigioso algarismo de vinte e seis mil versos.

O theatro moderno nasceu no regaço da Igreja assim como o

[1] Assim chamados por que os premios concedidos aos vencedores constavão d'um amaranto d'ouro, uma violeta, uma rosa e um cravo de prata.

[2] Ordem de cavallaria instituida pelo rei Arthur com o fim de procurar o *sagrado gral*, ou vaso no qual José d'Arimathéa recebêra o sangue do Salvador.

antigo procedéra das festas de Baccho. Os dramas religiosos, conhecidos pela denominação de *mysterios* e *milagres*, conforme o assumpto sobre que versavão, erão ordinariamente representados dentro das igrejas pelo tempo do natal, paschoa e outras grandes festividades christãs, acommodando-se a acção ás circunstancias. Os *milagres* referião-se quasi sempre ás aventuras tiradas das legendas dos santos, ou dos martyres. Representavão-se habitualmente por occasião das festas dos padroeiros das igrejas. O mais antigo *mysterio* que conhece a litteratura franceza é o intitulado *Virgens levianas* e *Virgens discretas*, composto parte em latim e parte na lingua *d'oc*. O *milagre de Theophilo* é o que melhor pode dar ideia d'essa especie de composição dramatica.

Depois do indispensavel preludio da chronica, nascida, nos claustros, faz a historia a sua primeira apparição nas obras de Villehardouin e Joinville. O primeiro escreveu a historia da quarta cruzada dirigida contra Constantinopla, e recommenda-se por sua ingenuidade e franqueza. Quasi sempre pictoresco o estylo reveste-se por vezes da magestade epica. Joinville, companheiro de Luiz IX na sua mal fadada expedição do Egypto, e gozando da privança do monarcha, escreveu a narrativa dos successos que presenciára com nobre simplicidade e num estylo tão candido, e despretencioso que acarea nossas sympathias e quasi nos faz jurar em suas palavras.

## SEGUNDA EPOCHA ( Seculos XIV–XV)

Profunda decadencia moral fazia-se já sentir no fim da primeira epocha que nos separa do *renascimento;* finava-se a cavallaria e com ella os fortes, nobres e generosos pensamentos que suportavel tornavão o feudalismo. Infelicissimas guerras abysmavão a França na miseria e na anarchia e parecia que tudo ia desapparecer no naufragio do espirito nacional

Dois poetas, de natureza e condicção bem diversas, conseguem fazer-se ouvir no bulicio das paixões, e no meio do estrepito das armas: forão elles Carlos de Orléans, principe da familia real, e

Francisco Corbueil (mais conhecido por *Villon*) plebeu de Pariz. Radical differença distingue esses dois auctores: o principe, espirito engenhoso porem muitas vezes sem sabor, esforça-se por attingir á perfeição da forma e á elegancia da dicção, e o plebeu, infinitamente mais profundo, sabe encontrar nos incidentes da sua vida desregrada pensamentos sublimes que o constituem um dos mais originaes poetas de que se honra a França.

O *Romance da Rosa* começado por Guilherme de Lorris e terminado por João de Meung, encerra bellezas de finissimo quilate, podendo considerar-se como uma encyclopedia no qual a metaphysica, a cavallaria, a escolastica, a erudicção, a galanteria e a alchimia são atiradas a granel.

A poesia dramatica, cujos obscuros ensaios tivemos occasião de mencionar na epocha anterior, data sua regular existencia do XV seculo. Foi em 1402 que Carlos VI concedeu aos *Confrades da Paixão* o privilegio da representação de peças sacras, isto é, *milagres* e *mysterios*

Formou-se no reinado d'esse principe outra associação (a dos *Enfans sans souci*) cujo chefe tomava o titulo de principe dos sandeus (*prince des sots*) d'onde proveio ás suas peças a denominação de sandices (*sottises*).

Outras peças, sob o nome de *moralidades* e *farças*, erão representadas pelos escreventes dos procuradores e advogados (*clercs de la basoche*); as primeiras erão especies de dramas allegoricos, personnificando os vicios e as virtudes, e as segundas tinhão por mira ridicularisar os vicios que desdouravão todas profissões.

## SEGUNDO PERIODO (Seculo XVI)

Não foi o *renascimento*, como muitos pensão, servil imitação da antiguidade; porem harmoniosa fusão dos elementos da civilisação christã com as tradições do gosto e saber antigo. Serviu a Italia de confluente em que se juntarão as duas correntezas: ahi nenhum obstaculo impediu a fusão; os principes e os papas se puzerão á frente do movimento.

Não aconteceu porem o mesmo em França, que, por sua posição central na Europa, era obrigada a combinar e lementos mais variados. A ideia e a forma, a vida e a belleza, deb alde buscão unir-se. « Em nossa linguagem (dizia Montaigne) ach o muita fazenda porem pouco feitio » querendo com isso exprimir que aquelles que pensavão conhecião pouco a arte de escrever, e os q u e escrevião pouco pensavão. Este divorcio entre o pensamento inspirador e a forma litteraria constitue o caracteristico do seculo XVI.

Seguiremos neste estudo a divisão que a natureza pareceu traçar: examinaremos o pensamento e de alguma sorte a vida d'essa sociedade, quando manifestada em monumentos escriptos, cunhados de certa espontaneidade, passando depois a apreciar a natureza da reforma litteraria, vasada nos moldes classicos.

## POESIA DIDACTICA

Marot *(Clemente)* : — Nascido em Cahors em 1495, foi por seu pai (o poeta João Marot) destinado ao fôro, que não tardou em deixar, entrando, como pagem para o serviço de Margarida de Valois, irmã de Francisco I. Acompanhando esse monarcha á Italia foi ferido e feito prisioneiro na batalha de Pavia, e de volta á França teve de responder á grave accusação de lutheranismo, sendo por isso lançado nos carceres do Chatelet, que tão espirituosamente descreveu na satyra intitulada o *Inferno*. Graças á protecção do rei recuperou a liberdade para logo perde-la em consequencia de um conflicto travado com a justiça, á qual pretendeu arrebatar um prezo. Graciosa epistola, endereçada a Francisco I, attrahiu-lhe a poderosa intervenção d'esse principe, que mandou cancellar o processo. Suas intimas relações com os protestantes provocarão novas perseguições obrigando-o a buscar refugio em Ferrara, Veneza, Genebra e Turim, onde falleceu no anno de 1544.

Marot é o mais genuino representante da escola chamada *gaulleza*. Era dotado d'espirito fino e agudo ; e Geruzez diz que tinha tudo da abelha : mel, ferrão e até azas. Primou na epistola familiar, na redondilha, na ballada, no madrigal e sobretudo no epigramma. Tinha todo o sal e graça do espirito francez, faltou-lhe porem

elevação, mallogrando sempre que tentou imitar a Ovidio, Virgilio ou David. Cita-se particularmente deste poeta uma epistola a Francisco I na qual conta o roubo que lhe fizéra um criado estimulando d'ess'arte a liberalidade do rei. O poemeto denominado *Templo de Cupido*, dedicado ao mesmo principe, por occasião de sua exaltação ao throno, é um mimo de candura e graciosidade.

Passerat *(João)* :— Nascido em Troyes em 1534 e fallecido em Paris em 1602. Destinguiu-se em verdes annos pelo gosto dos auctores latinos e para bem comprehender o sentido dos jurisconsultos sujeitou-se a seguir por espaço de tres annos o curso de direito professado em Valence pelo celebre Cujas. Foi successor de Pedro Ramus na cadeira de eloquencia do Collegio de França. Compoz algumas graciosas poesias, entre outras a *Metamorphose do homem em passaro*, modelo do finissimo gracejo. Foi um dos colloboradores da *Satyra Menippéa* [1].

Aubigné *(Agrippa)* :— Nascido em 1550 em S. Mauricio, (*Saintonge*) foi ardente calvinista, e desde a juventude intimo amigo de Henrique de Bourbon, mais tarde Henrique IV, a quem muito ajudou no designio de cingir a corôa de França. Parece porem não haver recebido condigno galardão, talvez porque seu genio satyrico não poupasse nem ao proprio rei. Depois da morte de Henrique IV viveu retirado em Genebra onde morreu em 1630.

Compoz diversas obras, tanto em prosa como em verso, sendo d'estas a mais notavel a que intitulou *Tragicas*, satyra religiosa e politica, incoherente amalgama de mythologia grega, theologia christã e allegorias moraes, nas quaes todavia descobre-se infinitas bellezas e relampagos d'imaginação, que supprem o genio. Sainte Beuve o appellidava de Juvenal do XVI seculo, e considerava-o tão illustre poeta como benemerito cidadão.

## POESIA LYRICA

Ronsard *(Pedro de)* : — Nascido nos arredores de Vendôme em 1524 foi pagem do duque d'Orleans, filho de Francisco I, e

[1] Libello politico, escripto em prosa e verso, destinado a combater a liga pelo ridiculo.

confiarão-lhe varias missões diplomaticas á Irlanda, Zelandia, Escossia, Piemonte e Spira. Coroado nos jogos floraes proclamarão-no o *poeta francez por excellencia*. Carlos IX testemunhava-lhe extrema affeição e queria te-lo junto a si em todas as suas viagens não se olvidando de acumula-lo de beneficios. Chegando á velhice abrigou-se á sombra dos altares, e recebendo a ordem presbyterial foi gosar das pingues rendas de um dos priorados que possuia perto de Tours, onde falleceu em 1585.

Ronsard é o verdadeiro patriarcha da escola classica da qual Du Bellay fôra o precursor. Enthusiasta pela antiguidade queria passar uma esponja pelos usos, crenças e sentimentos modernos; e pretendeu restaurar as letras gregas e latinas, condemnando como espurias e barbaras todas as tentativas do genio moderno.

Esse *rei dos poetas*, ou talvez melhor, esse *poeta dos reis*, como tambem o chamarão, escreveu cinco livros de odes e os quatro primeiros cantos d'uma epopêa que devera denominar-se *A Franciada*, notando-se em todos esses trabalhos imitação servil das formas antigas combinadas com grande vigor d'expressões e imagens, recommendando-se outrosim em muitos lugares por certa alteza de sentimentos que falta aos precedentes poetas. Infelizmente deixou-se seduzir pela mania de *grecisar* e *latinisar* a lingua franceza, e incorreu na justa censura de Boileau :

« ... *sa muse en français parlant grec et latin*
*Vit dans l'âge suivant, par un retour grotesque,*
*Tomber de ses grands mots le faste pédantesque.* »

## POESIA DRAMATICA

*Os mysterios*, já em extremo desacreditados, succumbirão aos certeiros golpes que lhes desfechou Ronsard; o ultimo representante do antigo theatro foi Pedro Gringoire que, por insinuação de Luiz XII, escreveu contra o papa Julio II uma peça grotesca (*Le Jeu du Prince des Sots et de Mère Sotte*) a qual grangeou-lhe generosa recompensa. Os tentames da reforma litteraria no theatro forão porem devidos á

Jodelle (*Estevão*) : — Nascido em Paris em 1532 e fallecido em 1573, foi o primeiro que em França compoz tragedias, imitadas das

dos gregos, com prologos e córos. Começou por algumas traducções de Sophocles, Euripedes e Terencio, e só em 1552 foi que levou á scena uma tragedia original, posto que moldada pelas antigas: referimo-nos a *Cleopatra*, representada perante o rei Henrique II com grande applauso da côrte. O proprio auctor fazia o papel da protagonista, auxiliado por varios fidalgos que se havião incumbido dos papeis secundarios.

Garnier (*Roberto*): — Nascido em La Ferlé-Bernard (Sarthe) em 1545 e fallecido em 1601, estudou direito em Tolosa onde recebeu a rosa d'ouro nos jogos floraes. Successivamente advogado, intendente geral do baliado de Mans, e conselheiro regio, nenhum desses cargos obstou-lhe o exercicio de sua vocação para a poesia dramatica.

Garnier sem alterar em nada o systema de Jodelle, sem mesmo revelar grandes conhecimentos scenicos, soube dar ao estylo mais elevação aproximando-se da luminosa concisão de Seneca. Levou á scena em varios collegios oito tragedias com córos lyricos e entre estas a *Troda*, *Porcia*, *Sedecias*, e as *Judias* consideradas as melhores.

A comedia nova separou-se menos ruidosamente da farça medieista que pareceu antes regularisar do que supplantar. Tomou por modelo as comedias italianas e João de la Taille em seus *Corrivaux*, primeira comedia em prosa, verdadeiramente regular, seguiu as pégadas d'Ariosto, Machiavelli e Bibbiena.

Tambem exerceu a Hespanha grande influencia sobre o theatro francez, e contribuiu para a formação d'uma escola de que Alexandre Hardy, foi fundador e por espaço de vinte annos principal sustentaculo.

« As comedias d'essa epocha, diz Sainte Beuve, descontada a grosseria e immoralidade de certas situações, não são destituidas de merito e pela fluidez de metrificação, vivacidade de dialogos, facecias, e malicias, fazem esquecer a uniformidade de planos, confusão de scenas, trivialidade de personnagens tornando-se d'essa'arte infinitamente superiores a todas as outras contemporaneas ».

## HISTORIA

THOU (*Jacome Augusto de*): — Nascido em Paris em 1553 e fallecido em 1617. Fez seus estudos juridicos sob a direcção do celebre jurisconsulto Cujas [1]. Acompanhou Paulo de Foix em sua embaixada á Italia, e aos desanove annos concebeu o projecto de escrever a historia do XVI seculo. Foi incumbido de varias e importantes commissões por Henrique III, e teve grande parte na redacção do famoso edicto de Nantes, promulgado por Henrique IV. Desgostoso por lhe haver a regente Maria de Medicis recusado o lugar de primeiro presidente do parlamento de Paris retirou-se da scena politica e pouco depois do mundo.

A obra que serviu para recommenda-lo á posteridade é a *Historia do meu tempo*, escripta em lingua latina e dividida em cento e trinta e oito livros. Esta vasta narração que abrange os annaes do mundo civilisado, durante a segunda metade do seculo XVI, reproduz o movimento, a agitação, e tambem toda a desordem da epocha. Com indiscreta profusão multiplica minudencias e não poucas vezes olvida-se da importancia relativa dos acontecimentos para perder-se no dedalo de circumstancias subalternas e pinturas de caracteres do segundo plano. Estava muito perto dos successos occorridos, e muita parte nelles tomára para poder manter-se em restricta neutralidade.

Não obstão os ligeiros senões, supra-apontados, que seja esta obra o mais bello padrão da historiographia franceza no XVI seculo, pelo escrupulo empregado na averiguação dos factos, e immenso trabalho a que se deu por espaço de quinze annos afim de inteirar-se das causas e dos seus naturaes effeitos. Grande obstaculo á sua popularidade foi o idioma de que se serviu (o latino) pensando com isso imprimir maior magestade á obra e torna-la accessivel a todos os sabios que nessas eras despresavão os romances vulgares.

[1] Mais conhecido por *Cujacio*, nome alatinado, conforme o gosto do tempo.

### ROMANCE

Rabelais (*Francisco*): — Nascido em Chinon em 1483 era filho d'um boticario, e em sua juventude entrou para o claustro; mas acomodando-se pouco com esse genero de vida secularisou-se e foi estudar medicina em Montpellier onde graduou-se nessa faculdade. Fez parte da embaixada com que foi a Roma o cardeal du Bellay e regressando á França obteve uma prebenda na abbadia de S. Mauro sendo mais tarde nomeado cura de Meudon. Na avançada idade de setenta annos renunciou ao curato retirando-se a Paris, ahi falleceu em 1553.

Compoz um romance satyrico com o titulo de *Feitos e Ditos do Gigante Gargantua e de seu Filho Pantagruel*. E' uma critica dos principaes classes da sociedade, pungente sarcasmo contra a litteratura dos seculos medios, condimentada de motejos e allusões contra os homens de seu tempo.

« *A vida de Gargantua e de Pantagruel* (diz De mogeot) é o sonho da epopéa delirante, é a orgia da rasão, e por vezes do genio. Mesclando Erasmo com Boccacio, juntando as recordações das nossas fabulas a inspiração da poesia italiana bernesca, Rabelais fez nascer de todos esses sentimentos, confundidos e vivificados no cadinho d'um genio original, uma obra inaudita, mixto de sciencia, obscuridade, sal comico, eloquencia, e phantasia, lembrando tudo e sem ser comparavel a nada; que vos domina, embaraça, embriaga, desgosta e que depois de haverdes muito lido, muito admirado ficais em duvida de te-la bem comprehendido [1] ».

## TERCEIRO PERIODO (Seculo XVII)

Os dois grandes acontecimentos que dominarão o XVII seculo (a reforma e o renascimento das letras) terminarão por uma conciliação de principios oppostos. Na ordem politica Henrique IV poz termo ás facções e conseguiu reinar com applausos sobre protestantes e catholicos; na litteraria Malherbe impoz-se como

[1] *Histoire de la Littérature Française.*

verdadeiro dictador, e logrou ser obedecido e admirado pelos mais altivos e independentes caracteres. Fez para a lingua o que seu soberano fizera para a França: um formou dos francezes um só povo, e o outro constituiu dos dialectos um unico idioma.

De parceria com Vaugelas, Racan, e Balzac, instituiu um tribunal de bom gosto e pureza de linguagem que funcionava no palacio (HOTEL) *Rambouillet;* por espaço de meio seculo submetteu á sua jurisdicção privada todos os homens de letras. «Este gremio selecto (diz Geruzez) foi em sua origem um centro de opposição elegante e moderada, destinado a combater indirectamente os barbarismos e orgias da côrte, oppondo-lhes o atticismo de linguagem e pureza de costumes. Era ambicionada a honra de ser nelle recebido, por isso que tal admissão conferia patente de cultura d'espirito e decencia moral [1]».

Apezar das excellentes intenções moraes e litterarias d'esse douto gremio, do atilado discernimento da marqueza de Rambouillet e de sua filha, a espirituosa Julia d'Angennes (depois duqueza de Montausier), não poude escapar ao fado que preside a todas essas associações que insensivelmente degenerão em conciliabulos, creando para seu uso ideias e linguagem proprias. O desejo que manisfestarão os reformadores de se destinguirem fe-los cahir na enfatuação; e as mulheres, que havião tomado o titulo de *precieuses*, na mais honrosa accepção do vocabulo, desacreditarão-no, com o lapso do tempo, por tal forma que chegou a ser elle injurioso, maxime depois que Molière expo-lo ao ridiculo em uma sua inimitavel comedia [2]. Grave injustiça porem seria se recusassemos o testemunho dos reaes serviços por ellas prestados ás letras e aos costumes, visto como tornou mais castas as palavras e os litteratos, que acolhia e patrocinava.

Nos modestos aposentos de Malherbe póde-se dizer que nasceu a academia franceza, ou melhor o seu espirito. Passava-se ahi em revista tudo o que pertencia ao dominio do entendimento humano; as ideias erão sopesadas e as palavras submettidas á acção

[1] *Histoire de la Littérature Française*
[2] *Les Précieuses Ridicules*

do esmeril. Morto o dictador, seus discipulos e fervorosos adeptos continuarão a se reunir em casa de Conrart e constituirão o nucleo d'uma pequena sociedade. Chegou aos ouvidos do cardeal de Richelieu a existencia d'esse cenobio; e, prevendo os grandes resultados que poderia tirar d'esse por então humilde emprehendimento, convidou seus fautores a transforma-lo em academia da lingua e litteratura francezas, o que sendo aceito, não sem alguma repugnancia, baixou a carta patente, firmada por Luiz XIII (1635) que lhe deu existencia legal e privilegiada.

Inventariando os elementos que concorrerão para o esplendor das letras francezas no *aureo seculo* não devemos deixar em olvido os *Solitarios do Porto Real*, que sob a direcção do abbade de *Saint-Cyran*, dividião o tempo entre os exercicios de piedade, os trabalhos manuaes, e a fructuosa cultura das lettras. Os mais celebres d'esses cenobitas forão os dois irmãos Arnauld, Nicole, Lancelot, e Tillemont, e suas principaes obras a *Logica*, o *Methodo Grego*, o *Methodo Latino*, as *Raizes Gregas*, e a *Biblia*, conhecida pela de Sacy. Pascal, que muito os frequentara, escreveu a pedido seu, as mui conhecidas *Provinciaes;* e Racine passou os annos da juventude nesse piedoso asylo do qual sempre guardou bem gratas recordações. Conhecidos os mananciaes d'onde se derivou a agua procuremos estudar os diversos canaes que a destribuião e levavão aos confins da republica das letras.

## POESIA LYRICA

Malherbe *(Francisco de)*:—Nascido em Caen em 1555 e fallecido em Pariz em 1628. Serviu no exercito da *Liga* o que não impediu que, feita a paz, lhe concedesse Henrique IV uma pensão. Continuarão a trata-lo com benignidade Maria de Medicis e Luiz XIII, e este ultimo conferiu-lhe o titulo de gentilhomem da real camara. Viveu e morreu pobremente, havendo consagrado mais tempo aos versos do que ás previsões de futuro, por meio de bem entendida economia.

Foi Malherbe o fundador da escola denominada *franceza* em opposição á *gauleza*, cujo patriarcha fôra Ronsard. Suas obras

constão de odes, sonetos, paraphrases, psalmos, estancias, epigrammas etc. Chamado *pai da poesia franceza*, d'elle disse Boileau :

« ... *Enfin Malherbe vint, et le premier en France*
*Fit sentir dans ses vers une juste cadence...* »

A gloria d'esse illustre poeta foi a de ter feito conhecer o sentimento e a theoria do estylo ; e si procedeu por negação foi porque seu genio e as tendencias da epoca para ahi levavão-no. Havia em suas obras muita exuberancia, muito luxo de versificação, sentindo-se porem falta d'ordem e de methodo. Pensava reunir os materiaes esparsos, e construir por meio da escolha e exclusão de partes novo e elegante artefacto. Foi sua religião o culto da lingua, por isso chamarão-no *tyranno das palavras e das syllabas*.

Racan *(Honorato de Bueil, marquez de)*: — Nascido em 1589 em Roche-Racan (Touraine) e fallecido em 1670. Começando sua carreira como pagem d'Henrique IV entrou mais tarde para o serviço militar chegando ao posto de marechal de campo. Foi intimo amigo e discipulo de Malherbe, que fe-lo admittir na academia franceza apezar de sua ignorancia da lingua latina, impedimento que para qualquer outro seria dirimente.

Sob o titulo de Pastoraes (*Bergeries*) compoz uma collecção de idyllios que tiverão muita voga, e algumas *odes sagradas*, imitação dos Psalmos de David. Na primeira d'essas obras encontrão-se passagens de summa belleza, não assim na segunda; fructo de velhos annos e fatigada musa.

« Racan, diz Géruzez, é poeta, porem negligente ; de quem Malherbe jamais poude alcançar que se submettesse ao rigor do trabalho, nem empregasse a lima para polir seus escriptos. Era um sonhador incapaz d'attenção firme e forte contensão d'espirito: nunca soube observar, inventar, nem combinar. Quando quiz dedicar-se á pastoral dramatica não poude descobrir um caracter, nem uma situação interessante para pintar, nem pôr na boca dos seus personagens conveniente e digna linguagem [1] ».

[1] *Histoire de la Littérature Française*

Rousseau (*João Baptista*): — Nascido em Paris em 1671 era filho d'um sapateiro que mandou dar-lhe excellente educação litteraria, de modo que já aos vinte annos dava provas de grande engenho poetico e merecia elogios e animações do severissimo Boileau. Acompanhou na qualidade de secretario o marechal de Tallard em sua missão diplomatica a Londres; e mais tarde, sendo accusado de haver composto alguns epigrammas e versos diffamantes, foi condemnado á perpetua expatriação. Na Suissa, onde buscou asylo, deparou com a generosa protecção do conde de Luc, embaixador francez, e em Vienna d'Austria teve por Mecenas o principe Eugenio. Depois de longa peregrinação por varias côrtes d'Allemanha dirigiu-se a Bruxellas, onde falleceu em 1747.

Rousseau foi considerado pelos coetaneos como primeiro lyrico francez; e ainda que o seu credito haja bastante decahido reconhece-se todavia nelle a feliz combinação da magnificencia dos pensamentos com a pompa e melodia de dicção. Em algumas das suas odes, compostas no exilio, nota-se vestigios de particular emoção e singular personalidade. As cantatas, felizes ensaios d'um genero então novo em França, são verdadeiros primores de delicadesa; as allegorias não passão de obscuras divagações; e os epigrammas serião excellentes si o fel da calumnia os não envenenasse.

Foi Rousseau habilissimo versificador e dotado de peregrino talento; resentião-se porem suas ideias de muita falta de nobreza e elevação de vista. Parece que os infortunios, que o acabrunharão, contribuirão para abastardar-lhe o engenho e priva-lo da dignidade de homem e d'escriptor.

## POESIA DIDACTICA

Lafontaine (*João de*): — Nascido em 1621 em Chateau-Tiherry, era filho de um inspector das aguas, fontes e florestas. Nenhum signal percursor de seu pasmoso engenho assignou-lhe a puericia; e só aos vinte e dous annos de idade é que pela primeira vez sentiu em si estro poetico ao ler uma ode de Malherbe. Succedendo a seu pai no emprego que occupára casou-se muito moço; mas desde logo

conheceu que nenhuma aptidão tinha para chefe de familia; e, deixando seus lares foi solicitar a hospitalidade da duqueza de Bouillon que levou-o para Paris, onde logrou a ventura d'encontrar poderosos protectores, entre elles o celebre intendente Fouquet, a quem não desamparou em horas de provação e de infortunio. Inexplicavel é como este poeta, que recebia pensões e favores do duque de Borgonha e do grande Condé, nada tivesse obtido da generosidade do *grande-rei*.

Duas illustres damas, as senhoras de la Sablière e d'Hervard, forão as providencias domesticas de Lafontaine: em casa da primeira escoarão-se-lhe vinte annos de placida existencia, e quando a morte lh'a arrebatou, foi-lhe a segunda arrimo e amparo dos velhos dias, e ahi chegou ao termo da existencia em 1695.

Estreou-se Lafontaine dando á estampa seus *Contos* e *Novellas*, pequenas composições poeticas, imitadas de Ariosto, Boccacio e Machiavelli, nas quaes a moral e a decencia são por vezes sacrificadas. Para comprazer a primeira das suas protectoras, a duqueza de Bouillon, escreveu esses contos, que tanto tem de lindos, como de licenciosos. Foi só em 1668 que deu principio á publicação das suas *Fabulas*, que tão grande e justa nomeada lhe grangearão. Denominou-as o poeta *um drama em cem actos diversos*; para compo-lo forçoso era que possuisse genio inventivo, e ninguem poderá contestar que em summo grão o possuisse elle, revelando-se exuberantemente na originalidade da concepção e na imaginosa destribuição das partes. « Elle não compõe, dizia La Harpe, conversa; si conta alguma cousa parece que fôra testemunha occular do facto. E' sempre sua alma quem falla, quem se expande, quem se trahe: parece sempre que vai confiar-vos seu segredo, e que disso tem urgente necessidade: ideias, reflexões, sentimentos, tudo lhe escapa, tudo nasce de momento [1]. »

Boileau (*Nicolão* — cognominado — *Despréaux*): — Nascido em Paris em 1636 foi destinado á judicatura fazendo para isso os neces-

[1] *Cours de Littérature Ancienne et Moderne.*

sarios estudos, mas conhecendo que lhe faltava vocação dedicou-se exclusivamente á poesia.

As *Satyras*, impressas em 1660, obtiverão extraordinario exito as *Epistolas*, publicadas pouco depois, contribuirão para augmentar-lhe a reputação, solidamente firmada com a apparição *d'Arte Poetica*, e do poema heroi-comico — *Le Lutrin* — (A Estante do Côro). Gozou da privança de Luiz XIV que nomeou-o (juntamente com Racine) seu historiographo pelo que auferia pingues vencimentos. A academia franceza admitti-o em seu gremio em 1684, nessa douta associação foi sempre ouvido seu voto com grande acatamento. Nos derradeiros annos, desgostoso e fatigado, retirou-se á sua casa de campo d'Auteuil onde succumbiu á uma hydropesia em 1711.

Pode-se dividir em tres epochas a carreira poetica de Boileau: na primeira atacou os maos poetas com juvenil impetuosidade e combateu esforçadamente o mao gosto, importado d'Italia; na segunda deixou descançar o latego da critica e tratou de reconstruir o que havia derribado; na terceira deu a ultima mão a seu espirituoso *Lutrin* e applicou-se á ode, especie esta em que lhe devera sossobrar o estro. A que dedicou ao rei, por occasião da tomada de Nemur, é das mais campanudas de palavras e indigente de ideias que existem na poesia franceza. Via-se claramente que faltava-lhe a inspiração e que exprimia o que não sentia.

Boileau foi denominado — *legislador do Parnaso* — e aspirou aos fóros de preceptor do seu seculo. Grande foi por certo a influencia que exerceu sobre quasi todos os escriptores contemporaneos, que muito deverão lucrar com seus doutos conselhos apprendendo a ficarem descontentes comsigo e a *fazerem difficilmente versos faceis*. Sua critica franca, simples e sincera, era accessivel a todos os entendimentos: antes negativa do que inspiradora, modelando os principios d'arte pelos do senso commum. Picante, ferina, algumas vezes pessoal, partia de principios anteriormente pactuados e fugia cuidadosamente das syrtes da declamação e dos lugares communs. Si não teve a vehemente indignação de Juvenal, nem a graça de Horacio, excedeu-lhes na pureza da moral, no comedimento, e quasi diriamos, na castidade da phrase.

## POESIA DRAMATICA

Corneille *(Pedro)* : — Nascido em Rouen em 1606 e fallecido em Paris em 1684, exerceu por algum tempo as funcções de advogado, as quaes renunciou para entregar-se á irresistivel vocação theatral. Começou pela composição de comedias, que obtiverão um mediocre successo, buscando depois na tragedia a applicação do seu genio dramatico: effectivamente a *Medéa*, publicada em 1635, teve favoravel acolhimento servindo-lhe de incentivo para composição do *Cid*, tragedia imitada de Guilhen de Castro, e recebida com extraordinario enthusiasmo. Despertou esta peça o ciume do cardeal de Richelieu, que tinha aspirações a dramaturgo, e que em seu odio pretendeu faze-la condemnar pela academia franceza. A despeito do juizo d'essa corporação obstinou-se o publico em contemplar na obra de Corneille trabalho de rara perfeição acoroçoando d'ess'arte o auctor para dar á estampa e fazer representar *Horacio*, *Cinna*, e *Polyeucto*, escala ascendente de sublimidade e correcção que obrigarão o cardeal ministro e a academia a reconsiderarem seus anteriores juizos; concedendo o primeiro uma pensão ao auctor, e a segunda admittindo-o ao seu gremio. Com o decurso dos annos entrou Corneille no periodo de declinação; e a *Rodeguna* foi sua ultima tragedia celebre, assim como o *Mentiroso* marcára o zenith de sua gloria comica. O mallogro da tragedia *Pertharite* arredou-o por algum tempo do theatro occupando-se em traduzir em versos a *Imitação de Christo* que chegou a ter quarenta edições em poucos annos. Accedendo ás vivas e reiteradas instancias de amigos volveu ao campo de suas antigas glorias, onde ainda colheu alguns resequidos louros.

Dissemos que a tragedia *Cid* era imitada de Guilhen de Castro, cumpre-nos ampliar o nosso pensamento e commenta-lo. Foi em verdade no repertorio d'esse poeta que Corneille procurou o assumpto da sua monumental obra, mas quem se der a pena de cotejar *Las Mocedades del Cid* com a tragedia de que estamos tratando verificará que a copia excedeu incommensuravelmente ao

original, e que o poeta francez apossou-se do assumpto hespanhol como mais tarde d'outros d'antiguidade classica, ou das tradições christãs, e que seus personnagens tem caracter mais typico do que nacional. A belleza ideial d'esta tragedia passou em proverbio e ainda hoje costuma-se a dizer — *bello como o Cid.* — *Horacio* é por certo producção mais original e vigorosa do que o *Cid*; o auctor encontrou-a nas paginas de Tito-Livio, e d'um episodio historico fez um dos mais bellos padrões da scena franceza. Em acanhado plano traça o viver puro e tranquillo da familia romana, a gravidade de seu caracter, e essa austera virtude que lhe preparava o sceptro do mundo. A diversidade das physionomias de Sabina e Camilla, querendo a primeira morrrer por seu marido e a segunda impellindo ao homicidio a indole feroz do irmão, os caracteres de Horacio e de Curiacio, ambos heroes, porem um sem entranhas, e outro cheio de ternura e sensibilidade, são toques primorosos que realção a tela enobrecendo o artista. *Cinna* é a apotheose da realeza divinisada pela clemencia. A unidade da acção liga os interesses; o primeiro acto é rasgadamente republicano, o auctor dá largas aos seus sentimentos manifestando todas as suas sympathias pelos conspiradores e o seu odio pelo tyranno. Segue-se a calma e a reflexão; a magnanimidade de Octavio, seus pungentes remorsos, commovem-no; e do segundo acto em diante vemo-lo convertido ao *cesarismo*, e contemplando-o como uma expiação exclama:

« *Tous les crimes d'Etat qu'on fait pour la couronne*
*Le ciel nous en absout alors qu'il nous la donne.* »

Em *Polyeucto* a concepção é mais ousada e mais perfeita a execução: todas as paixões, ainda as mais nobres, são desterradas para o plano inferior occupando o primeiro o amor de Paulina, casta, dedicada e submissa ao dever, e de Severo amante apaixonado, heroico soldado e generoso rival. Numa mais elevada região, e como que pairando em diversa atmosphera, divisa-se um sentimento inteiramente novo: o enthusiasmo religioso, e a sede do martyrio. O *Cid* triumphára dos pedantes e *Polyeucto* triumphou dos espiritos fortes, graças ao sublime christão.

« Os personnagens de Corneille, diz Sainte Beuve, são grandes, generosos, e valentes: tão elevados de cabeça como de coração,

educados numa austera disciplina tem sempre nos labios maximas reguladoras de suas acções, e das quaes nunca se arredão, ao inver dos personnagens de Shakspeare cujos caracteres mais se conformão com a natureza humana. Seus heroes como pais, amantes, amigos, ou inimigos, são tão admiraveis como honraveis; e nos lugares patheticos tem accentos sublimes que arrancão lagrimas. Os homens de Corneille são d'espirito formalista e rixoso e preoccupão-se de questiunculas. As heroinas, essas *adoraveis furias*, assemelhão-se todas umas ás outras; seu amor é subtil, composto, alambicado, parecendo sahir antes da cabeça do que do coração; vê-se bem que o poeta conhecia pouco as mulheres [1]. »

Racine (*João*): — Nascido em 1639 em Ferté Milon foi educado em Porto Real, onde adquiriu o gosto pela litteratura classica. Aos vinte annos fez-se conhecido como poeta e attrahiu as boas graças da côrte por uma ode intitulada *a Nympha do Sena*, composta em honra do consorcio de Luiz XIV. A prestante amizade de Boileau e Molière aplanou-lhe a carreira que pretendia seguir dirigindo-o com seus conselhos e animações. Depois de alguns mallogrados ensaios colheu os almejados applausos com a representação *d'Andrómaca*, e para prova de seu merito passou pelo cadinho da inveja da qual despicou-se levando á scena a espirituosa comedia. — Os Demandistas (*Les Plaideurs*). Uma longa serie de tragedias forão outros tantos degráos por onde subiu Racine ao pinaculo da gloria dramatica acompanhada de vantagens pecuniarias; por isso que Luiz XIV não cessou de dar-lhe provas de munificiencia e estima nomeando-o gentilhomem da sua camara e historiagrapho, para, de combinação com Boileau, escreverem a historia do seu reinado. Esta obra que ainda não havia chegado a sua conclusão pereceu n'um incendio com excepção d'um pequeno fragmento, abrangendo um periodo de seis annos. A candura e a ingenuidade de Racine impedirão-lhe de tirar todo o proveito de sua posição official e a franqueza que o caracterisava foi parte para que incorresse no desagrado do rei que havendo-lhe dirigido algumas expressões acerbas, por occasião d'uma memoria relativa á miseria do povo redigida

[1] *Critique et Portraits Littéraires*, tom I.

a solicitações da marqueza de Maintenon, causou-lhe isso tanto abalo, que, agravando-se-lhe a enfermidade do figado de que padecia, veio á fallecer aos sessenta annos de idade (1699).

As tragedias de Racine podem-se dividir em tres classes: as imitadas do theatro grego, as historicas, e as biblicas.

Deixando respeitosamente de parte Eschylo e Sophocles, impossiveis de imitar, modelou-se por Euripedes, menos perfeito na generalidade da concepção, porem mais tocante na pintura dos accessorios e que maior conformidade offerecia com o seu talento. Aos assumptos gregos imprime o cunho christão e moderno; assim Andromaca não é mais a escrava vulgar, passando successivamente aos voluptuosos braços de seus senhores, porem a nobre e fiel esposa do grande Heitor, a mãe do esperançoso Astyanax; Iphigenia é a virgem real, altiva, e resignada na desgraça; Achilles, generoso cavalheiro, que tudo arrisca para salva-la, porque estremecidamente a ama. Toda a pujança de sua imitação creadora revelou-a na *Phedra* conseguindo deslocar o centro da acção e do interesse, que na tragedia grega concentra-se no innocente filho de Theseu, e na franceza transfere-se á culpada esposa. Identico processo, com ligeiras modificações, applicou ás tragedias historicas: *Britanico* é um bellissimo estudo do coração humano; retrato d'um principe collocado no terrivel momento em que vai tornar-se um monstro, espectaculo sempre verdadeiro do primeiro degrão do crime. *Bérenice* um prodigio de talento, que prolonga o interesse por cinco actos, e fez derramar lagrimas sobre o thema d'uma suave elegia. *Methridates* primor do genero; magestosa e esplendida pintura do amor, que curva a fronte d'um nobre rei encanecido pela victoria, e venerando pela inabalavel obstinação com que afrontou a derrota. Serve de zimborio ao templo das tragedias historicas, bem como a *Phedra* aos das tragedias gregas.

Após doze annos de silencio, consummidos na meditação e aturado estudo dos livros sanctos, iniciou Racine a terceira serie de suas tragedias que infelizmente não passarão de duas: *Esther* mimoso idyllio escripto em linguagem pura e harmoniosa, exprimindo ideias as mais castas e sentimentos os mais elevados. *Athalia*, superior á precedente, que pode ser qualificada de maravilha de

espirito humano como a denominou Voltaire, que queria que se escrevesse debaixo de cada pagina — *bello ! sublime ! harmonioso !*

Posto que menos sublime do que Corneille nem por isso deixou de possuir um ideal. Seus caracteres, enobrecidos pelo desenvolvimento espontaneo da natureza, attingem ao supremo grão de perfeição. A acção, menos poeticamente transformada por habeis gradações e felizes peripecias, sabe manter inalteravel interesse e prender constantemente a attenção. Foi no estylo que fez consistir o segredo da sua popularidade, e por isso goza do singular previlegio de ser sempre novo e sempre inimitavel.

Tratando do ponto de contacto, que existião entre a *grande poeta* e o *grande rei* esboçou o Demogeot o seguinte e elegante quadro:

« Luiz XIV teria podido chamar Racine como Tiberio a um de seus cortezãos *amicus omnium horarum ;* porque foi-lhe o *poeta de todas as horas:* parece que uma harmonia preestabelecida fazia viver a mesma vida o poeta e o rei. Cantor do amor na parte juvenil e brilhante do reinado, Racine convertido offereceu á velhice devota do monarcha o mais magnifico echo da divina palavra. Triste lhe foi o fim : *Athalia*, sua obra prima, passou desappercebida e a sua piedade para com o povo atrahiu-lhe o desagrado do rei. Morreu de desgosto e pagando por esse preço a sensibilidade que fizera seu genio e sua gloria [1].

Moliére *(João Baptista Poquelin)* : — Nascido em Paris em 1622 foi filho d'um tapeceiro da casa real, que destinava-o para seu successor, cedendo porem, ás vivas solicitações d'alguns parentes e amigos mandou-o estudar no collegio Clermont, onde teve por condiscipulo o principe de Conti, Chapelle, e Bernier, que lhe foram affeiçoados. Nesse mesmo estabelecimento ouviu as lições de Gassendi, que professava a philosophia epicurista ; e havendo feito em Orleans um curso de direito, exerceu por algum tempo a profissão de advogado que mais tarde renunciou para seguir os impulsos d'ardente vocação que o arrastava para a scena. Começou por dar algumas representações em theatrinhos particulares e tornando-se cada vez mais apaixonado fez-se comediante e tomou o nome de

[1] *Histoire de la Littérature Française.*

*Molière*, para não deshonrar o nome dos *Poquelins*, honestos criados d'el-rei de França. De 1646 a 1658 percorreu varias provincias, como emprezario d'uma companhia dramatica, levando ao palco peças quasi todas de lavra propria, que eram muito applaudidas. Nessa ultima data (1658) regressou a Paris e estabeleceu a sua companhia a principio na sala *Petit Bourbon* e depois no *Palais Royal* onde attrahiu grande concurrencia, representando elle proprio as suas peças que d'ess'arte eram maravilhosamente interpetradas. *O Tartufo*, virulenta satyra contra a hypocrisia, grangeou-lhe grande numero de perseguições, das quaes livrou-o a especialissima protecção de Luiz XIV. As honras e favores regios não foram sufficientes para fazerem a felicidade do poeta a quem a indole caprichosa de sua mulher Armanda Bejart roubava a paz domestica. Enfermo e saciado de contrariedades compoz a comedia intitulada o *Doente Imaginario*, que levava a sua quarta representação, quando, atacado em scena d'um espasmo, foi levado em braços para a casa, onde expirou nessa mesma noite (17 de Fevereiro de 1673) na idade de cincoenta e um annos. Sua viuva luctou com graves difficuldades para fazel-o sepultar em sagrado.

Molière foi para a especie comica o que Corneille e Racine haviam sido para a tragica; suas imitações são assimilações, em que o elemento creador e original domina e aperfeiçoa o que toma d'emprestimo. A satyra politica de Aristophanes forneceu-lhe o desenho dos caracteres e a vivacidade do dialogo: Plauto e Terencio, apezar de distanciados pelas ideias e costumes, offerecem-lhe ainda typos vivazes e situações complicadas; ao primeiro toma o *Avaro* e os *Amphytriões*, e ao segundo as intrigas e tramoias dos criados nos *Adelphos*. Descobre no theatro italiano o typo do *Doutor* de Bolonha, cuja educação irá terminar-se na escola dos *Vedius* e *Pancracios*. Dispõe com a mesma liberdade do theatro hespanhol; nunca copia, transforma sempre. Encontravam-no algumas vezes taciturno e meditador; quando todos fallavam e se divertião é que estudava os homens e as mulheres; por isso Boileau chamava-o de *contemplador*. Apoderou-se da sociedade *por direito de conquista*, percorreu-a em todas as direcções; nenhuma posição elevada o intimidou e nenhuma por obscura mereceu-lhe desdens. Como Racine passou

successivamente em revista a antiguidade classica, a côrte ministrou-lhe preciosos typos, principalmente de mulheres. O grande tragico divinisara suas paixões, e o eximio comico combateu-lhes os defeitos, e atou-lhes os guizos do escarneo. Nas *Preciosas* e nas *Sabichonas* (les Femmes Savantes) fez cahir a mascara pedantesca que desfigurava-lhes as graças naturaes do espirito. Defendeu porem sua dignidade ultrajada na *Escola dos Maridos* e na *Escola das Mulheres;* combateu as maximas romanas e judaicas, relativas á inferioridade do sexo fragil, e collocou-se á frente da reação contra os preconceitos ante-femininos, exagerados pelo falso espirito cavalheiresco, tornando impossivel a tyrannia masculina pelo estigma do ridiculo. Ninguem melhor do que Molière comprehendeu e exprimiu as delicadezas do amor e nesse ponto emulou com Racine, o mais esmerado photographo do sentimentalismo.

Supremo esforço do engenho comico foi por certo o *Tartufo*: por uma especie de prophetica intuição vislumbrára no meio dos esplendores da aurea idade de Luiz XIV o terrivel cancro que lhe devera correr a decrepitude; e ao mais hediondo dos vicios — o fanatismo — infligiu o mais tremendo dos castigos — a zombaria.

## ELOQUENCIA

BOSSUET *(Jacome Benigno)*: — Nascido em Dijon no anno de 1627 foi filho de um magistrado e recebeu a primeira educação no collegio dos jesuitas de sua cidade natal, tendo por mestre o celebre padre Cornet, que cedo suspeitou-lhe a vocação. Concluidos os estudos recebeu ordens sacras, indo fixar-se em Metz, onde obteve um canonicato.

Em suas repetidas viagens a Paris offereceu-se-lhe occasião de revelar notavel talento oratorio, pregando por diversas vezes diante do rei menor e da rainha regente. Adquiriu como cathechista assignaladas vantagens convertendo a Dangeau, Turenne e outros illustres protestantes. Em 1669 foi eleito bispo de Condon, diocese que apenas regeu dous annos, renunciando a mitra para ir incumbir-se da educação do principe-real (*Delphim*), e compondo para seu ensino varias obras de subida valia, entre ellas o justamente

famoso *discurso sobre a historia universal*, em que, depois de haver feito rapida resenha dos acontecimentos vai prescrutar os designios de Deus sobre a sua Igreja. Admittido ao gremio da academia franceza (1671), e considerado como um dos maiores theologos contemporaneos, foi vivamente instado para acceitar a mitra de Meaux (1681). Por occasião de serios conflictos entre o poder real e o pontificio redigiu a mui conhecida declaração da igreja gallicana (1682). Trabalhou de concerto com Leibnitz no projecto de conciliação entre o catholicismo e as seitas protestantes, conciliação infelizmente mallograda. Tambem tomou activa parte no debate suscitado por causa do livro da senhora de Guyon, intitulado — *Maximas dos Santos*—, no qual mostrou demasiada acrimonia contra o douto e pio Fénélon. Conservou por todo o tempo de sua existencia grande vigor de espirito; e assim chegou ao anno de 1704, em que succumbio, victima de calculos na bexiga.

Orador, theologo e historiador foi sempre Bossuet o mais esforçado paladino do catholicismo: linguagem, imagens, pensamentos, tudo lhe é proprio, tudo recebe o cunho do genio realçado pelo estudo e meditação das sagradas letras. Seus *sermões*, quasi todos improvisados sobre simples esboços, tem alguma cousa de original, e as *orações funebres*, reputadas primores de eloquencia, constituem um dos mais immorredouros padrões da litteratura franceza. As da *rainha de Inglaterra* e do *grande Condé* apresentão uma sublimidade de concepção de que não ha exemplo, e a da *duqueza d'Orléans* distinguiu-se pela profusão de sentimentos patheticos, ao passo que a do *chanceller Le Tellier* resplandece pela tocante magestade de Tacito.

Desdobrão-se essas *orações* aos olhos da posteridade como paginas de uma impotente historia: cada discurso parece fazer parte de um immenso todo, em que os grandes successos e os mais conspicuos personagens da epocha se mostrão ao lugubre clarão das solemnidades da morte.

« Bossuet, diz H. Martin, forma por si só um mundo a parte no grande mundo litterario do XVII seculo. Outros são filhos de Roma e da Grecia, elle tambem passou por ahi, porem veio de mais longe, transportou o oriente para o occidente por alliança de

palavras de um atrevimento e novidade extraordinarios, por figuras gigantescas que não lhe teria suggerido o gosto europeu, mas que elle sabe submetter ás leis da proporção. Foi esse o fructo de trato intimo e continuo com a Biblia, unico alimento assaz substancial para seu genio. Os theologos estudavam os livros santos com frieza, e como fonte de sciencia abstracta, Bossuet vio nelles a sciencia viva a palavra sempre vibrante e inflamada, e apropriou-se do seu espirito e forma quanto lh'o permitão a differença de tempo e da lingua [1]. »

FÉNÉLON (*Francisco de Salignac de Lamothe*): — Nascido em 1651 no castello de Fénélon em Quercy, de uma antiga e nobre familia, foi destinado desde a puericia para o estado ecclesiastico. Fez seus estudos em Paris no seminario de S. Sulpicio, e apenas ordenado teve a nobre incumbencia de ensinar o cathecismo ás reconvertidas, o que lhe deu azo para escrever uma obrinha justamente estimada com o titulo de *Tratado de educação das meninas*. Por solicitação de Bossuet confiou-lhe Luiz XIV uma missão no Poitou onde deu exuberantes provas do seu espirito eminentemente evangelico. Por insinuações da marqueza de Maintenon foi encarregado da educação do duque de Borgonha, neto do rei, sabendo inspirar ao seu discipulo os mais nobres sentimentos e uma affeição que só teve termo com a morte do real mancebo. Galardoado com a mitra archiepiscopal de Cambraia (em 1694) não partiu logo para a sua diocese, entretido como se achava na seria polemica do *quietismo*, provocada pelo livro da senhora de Guyon, de que já fallamos. A dissenção entre os dois maiores prelados francezes terminou-se com a bulla do summo pontifice Innocencio XII, á qual submetteu-se o arcebispo de Cambraia, com uma doçura e humildade dignas de admiração. Luiz XIV, que nesse debate tomára a parte de Bossuet, começou a dar mostras do seu desagrado a Fénélon; e a prematura publicação do *Telemaco*, devida á infidelidade de um copista, irritou o altivo monarcha, que obstinou-se a ver nas allegorias do romancista ferinas allusões á sua pessoa e pungentes satyras ao seu reinado.

[1] *Histoire de France*, tom. XV.

Desgostoso da Côrte retirou-se á sua diocese, votando-se todo ao bem espiritual do seu rebanho: chamou a si a educação religiosa do povo, principalmente a dos meninos, e fez-se universalmente amar pela sua inexhaurivel caridade. A fama de suas virtudes chamava de longe os visitantes, e alguns dissidentes, como Ransay arrebatados pela sua unctuosa palavra deixáram-se convencer e abjuráram as doutrinas da sua seita. Placida e serena se lhe escoou a existencia até á idade de sessenta e quatro annos em que falleceu (1715).

Fénélon deu ao prelo seus discursos sob o titulo de *Collecção de Sermões escolhidos sobre varios assumptos*. Será pois nesse repertorio que iremos buscar as bases do nosso juizo a tal respeito. Menos esplendido do que seu rival, e menos sublime nas concepções, leva-lhe decidida vantagem na particular doçura e ingenuidade a que da-se o nome de *uncção*: convence mais do que persuade, seduz-nos antes do que arrebata-nos.

O Cardeal Maury considerava como mais perfeitos e admiraveis o sermão pronunciado na igreja collegial de Lille por occasião da sagração do arcebispo eleitor da Colonia e o recitado no dia da Epiphania do anno de 1685 na igreja das missões estrangeiras de Paris. O primeiro é um modelo d'eloquencia, em que o sublime e o pathetico se disputão a palma, e o segundo magnifico quadro da propagação do Evangelho. Percorre o orador a Europa e o mundo, guiado pela fé, e modera a impetuosidade para melhor celebrar as conquistas da cruz nas missões do Oriente. Sua fecunda imaginação não cessa de desenhar-se nos quadros que se succedem sem jamais assemelharem.

E' por certo lastimavel que não ficassem vestigios dos formosissimos improvisos, que tanto commovião os habitantes de Cambraia; a semelhança porem dos oradores da primitiva igreja mirava mais a utilidade do que a gloria, a correcção dos costumes, a edificação das almas e a conversão dos hereges erão para elle recompensas mais apeteciveis do que os applausos dos cortesãos, que nunca souberão assás comprehende-lo e aprecia-lo.

Muitos pontos d'antagonismo existião entre o bispo de Meaux e o arcebispo de Cambraia: Bossuet era o homem da tradição e da

magestosa immobilidade das doutrinas; Fénélon, o apostolo da inspiração interna: Bossuet cavára um abysmo insondavel entre Deus e a creação, e sobre os pincaros inaccessiveis do infinito descobrira o sublime com que fulminára as grandezas humanas; Fénélon não menos grandioso solda os dous élos da cadeia da eterna communhão: a sensibilidade de Bossuet desapparece em sua grandeza, ao passo que o amor illumina a grande alma de Fénélon, é principio de sua vida, fóco do seu genio.

Bourdaloue (*Luiz*): — Nascido em Bourges no anno de 1632 pertencia a uma familia distincta. Aos dezeseis annos entrou para o collegio dos jesuitas na sua cidade natal, onde fez solidos estudos, findo os quaes vestiu a roupeta de S. Ignacio e começou a grangear a reputação de eximio prégador. Depois de haver pregado por alguns annos nas provincias foi chamado a Paris em 1670 onde mereceu os elogios de Boussuet que então dominava os pulpitos da capital. Foi por dez vezes encarregado de pregar o advento e a quaresma perante Luiz XIV e a sua côrte, e por occasião da revogação do edicto de Nantes mandarão-no seus superiores ao Languedoc afim d'esclarecer os protestantes nas verdades da fé catholica obtendo por essa occasião brilhante resultado. Bemquisto e respeitado na sua ordem, tranquillo viu aproximar-se a derradeira hora e falleceu da vida presente no anno de 1704.

Bourdaloue foi cognominado de *Corneille do pulpito*, seus sermões relativos ao advento e á quaresma, e sobre alguns mysterios, bem como seus panegyricos, recommendão-se pela força da logica e pela energia d'expressão.

Luiz XIV costumava dizer que *preferia as repetições do jesuita ás novidades dos outros pregadores*; mas não se pense que semelhante e lisongeiro conceito fosse comprado á custa de condescendencias e omissões do seu augusto ministerio. Longe d'isso; exprimiu-se sempre com apostolica liberdade; estygmatisou o adulterio diante dos adulteros, e atacou a hereditariedade dos empregos, em presença d'uma côrte inquinada de odiosos privilegios.

No discurso da abertura do seu curso d'eloquencia franceza em 1822 Villemain servia-se d'estas palavras, a propósito do eximio prégador:

« Bourdaloue fez da eloquencia evangelica uma arte profunda e regular; foi o athleta da razão combatendo pela fé. Na coordenação das provas, escolha dos desemvolvimentos inexgotaveis de sua logica encontrou esse genio inventivo que forma a faculdade dominante do orador politico, ou judiciario, faculdade talvez mais rara do que esse estylo imaginoso que algumas vezes se harmonisa com a ausencia de comprehensão e o encadeamento das partes d'um todo ».

Massillon (*João Baptista*) : — Nascido em 1663 em Hyères (Provença) entrou muito moço para a congregação do Oratorio onde fez solidos estudos. Foi chamado a Paris para incumbir-se da direcção do seminario de Sainte Magloire recebendo mais tarde do proprio rei uma missão em Montpellier, onde começou sua reputação de orador. Prégou a quaresma na igreja do Oratorio e o advento em Versailles, com grande applauso dos circumstantes. Luiz XIV, que o apreciava, nada fez para o seu adiantamento, devendo ao regente a nomeação de bispo de Clermont, onde passou o resto de sua existencia na pratica da caridade e de todas as outras virtudes christãs. Morreu em 1742, legando á posteridade uma collecção de cem sermões, entre os quaes sobresahe os denominados. —*Pequena Quaresma* — que forão recitados perante o rei Luiz XV (ainda menor) e versão sobre os deveres dos grandes do mundo.

Massillon não improvisava; conhecia-se baldo d'essa impertubabilidade de memoria, que muitas vezes suppre a falta de talento, e por isso costumava dizer que o *seu melhor sermão era aquelle que melhor tinha decorado.* Possuia todos os dotes externos do orador: figura nobre, voz argentina, e magestade simples no porte. Sua acção, no começo modesta, quasi timida, animava-se progressivamente conformando-se com o rapto das paixões manifestadas numa linguagem colorida e melodiosa. Nunca orador algum soube melhor vibrar as fibras do sentimento; e aquelles que tiverão a dita de ouvir o sermão *sobre o pequeno numero dos escolhidos* conservarão d'elle viva impressão por todo o tempo da sua vida. Recorrendo ás mais atrevidas prosopopeas ousou fazer intervir o Juiz Supremo para interrogar a consciencia do auditorio; e perguntou com verdadeira angustia si Deus acharia ahi uma alma, uma unica, em estado de se apresentar com segurança perante o seu tribunal. O movimento

de involuntario terror que percorreu a assistencia não foi esteril; muitos dos corações endurecidos se emendarão desviando assim a terrivel sentença que, semelhante á espada de Damocles, pendia-lhes sobre as cabeças.

Incomparavel foi tambem o celebre oratoriano na pintura do coração humano : e por essa sagacissima penetração, assim como pela elegancia do estylo, mereceu dos contemporaneos a antonomasia de *Racine do pulpito*.

## HISTORIA

Mezeray (*Francisco Eudes de*): — Nascido em Ry (perto d'Argentan) em 1610 e fallecido em 1683. Era filho d'um cirurgião d'aldeia e exerceu por algum tempo o cargo de commissario militar, acompanhando nessa qualidade o exercito á Flandres. Estreou sua carreira litteraria publicando algumas brochuras politicas que insensivelmente despertarão-lhe o gosto pelos estudos historicos. Concebeu então o projecto d'escrever a historia do seu paiz, encerrando-se para isso no collegio de S. Barbara onde trabalhou com tanto afan que lhe ia custando a vida. Após muitos annos de laboriosas pesquizas deu á estampa a *Historia deFrança* em tres volumes *in-folio*, abrangendo o periodo decorrido desde a fundação da monarchia até ao reinado de Luiz XIII. Esta obra adquiriu-lhe grande nomeada servindo-lhe de titulo á nomeação d'historiographo do rei com a pensão de quatro mil libras, que só deixou de receber quando Colbert entendeu dever vingar-se da liberdade com que censurára a imposição de certos tributos, por demais onerosos ao povo. Em 1648 foi eleito membro da academia franceza e mais tarde seu secretario perpetuo, por morte de Conrart.

Sua *Historia*, defeituosa na parte relativa as origens do povo francez, é sobremodo estimavel a partir do reinado de Luiz IX : ha nella bastante animação e possue muitos dos predicados que admiramos nos antigos escriptores. O estylo é claro, facil, e terso.

Saint-Simon (*Luiz de Rouvroy — duque de*) : — Nascido em 1675 pertencia a uma familia da antiga nobreza e em verdes annos seguira a carreira das armas distinguindo-se nas batalhas de Fleurus

e Nerwinde e havendo chegado ao posto de mestre de campo pediu reforma. Succedeu á seu pai no governo de Blaye, e herdou-lhe os titulos de duque e par. Figurou na côrte de Luiz XIV nos ultimos annos do seu longo reinado, e tendo travado estreitas relações com o duque d'Orleans foi por este chamado ao conselho da regencia, na menoridade de Luiz XV, sendo enviado a Madrid como negociador do casamento do moço rei com uma infanta de Hespanha e d'uma filha do regente com um principe d'essa mesma nação. Por morte do duque d'Orleans decahiu de credito na côrte, pelo que retirou-se ás suas terras, occupando-se em redigir memorias que tão preciosos dados encerrão sobre os governos de Luiz XIV, o regente, e Luiz XV. Terminada a tarefa que a si proprio se impuzera falleceu em 1755.

O duque de Saint-Simon é um juiz d'extrema severidade; quando conta o que viu irrecusavel é o seu testemunho; visto como não pode ser posta em duvida a sua sinceridade; quando porem refere-se aos outros, quando transmitte alheias informações nem sempre fica immune da inverdade, e muitas vezes acolhe a versão que mais se coaduna com a paixão de que se acha eivado. Era todavia esse grande fidalgo eximio pintor das scenas cortezãs: dotado de infatigavel curiosidade e indizivel prespicacia ignorando a arte d'escrever mas convertendo a penna em buril lançava nocturnamente no papel toda a indignação que lhe trasvasava do peito. Com o menospreço d'um nobre e a impetuosidade d'um cavalheiro desenhava, á largos traços, quadros illuminados pelo sol da verdade e esboçava essas caricatas figuras cujos secretos pensamentos prescrutára em clandestinos olhares. Villemain compara-o com Tacito; e de facto si não tem a sobriedade e delicadeza do illustre analysta romano possue identico vigor de pincel, o mesmo esplendor de colorido e a mesma convicção á cerca da perversidade dos que despreza, ou detesta.

## EPISTOLOGRAPHIA

Sevigné (*Maria de Rabutin Chantal — marqueza de*): — Nascida em Paris em 1626 perdeu seu pai em verdes annos sendo

educada por um tio materno. Recebeu lições de Chapelain e Menage e casou-se aos dezoito annos com o marquez de Sevigné, marechal de campo, homem fastoso e dissipador que morreu num duello deixando a viuva com vinte e cinco annos, mãi de dois filhos, um menino e uma menina. Consagrando-se inteiramente á educação da prole recusou a marqueza os mais vantajosos partidos grangeando d'est'arte a estima e a veneração de quantos a conhecerão. Proporcionou á sua filha enlace matrimonial com o conde de Grignan, fidalgo adicto ao serviço do paço, e que pouco depois foi nomeado governador da Provença. Para suavisar a dôr causada pela separação d'essa querida filha estabeleceu uma correspondencia epistolar que tornou-se modelo do genero, e por meio da qual a punha ao facto das menores occurrencias da côrte com uma graça e naturalidade excepcionaes. Morreu em 1696 em companhia da referida filha, a quem por seus extremos e carinhos acabava de salvar de perigosa enfermidade.

As cartas da senhora de Sevigné devem ser consultadas para cabal conhecimento do seu seculo; abundão em preciosissimas informações ácerca de muitos successos politicos não sendo menos interessantes para a historia litteraria. Parece que escrevia com a mesma fluencia com que conversava: sabia tomar todos os tons, desde o intimo e familiar até o grave e sublime. Difficil seria fazer selecção d'essas cartas; bastando dizer que fallando da morte de Turenne igualou a grandeza do assumpto pela força e nobreza do estylo. Foi dotada de tão feliz natureza que poude ser doutrinada por Chapelain e Menage sem ficar pedante; conservar illeso o espirito sahindo das palestras do palacio Rambouillet; manter a amizade do Porto-Real e ser indulgente; receber as ervadas setas de Bussy sem nada soffrer em sua illibada reputação.

Maintenon (*Francisca d'Aubigné — marqueza de*): — Neta de Agrippa d'Aubigné, nasceu em 1635 na prisão de Niort, onde seus pais estavão encerrados, sendo ahi mesmo baptisada. Orphã em tenra idade passou alternativamente do catholicismo para o protestantismo, e d'este para aquelle, segundo a crença de seus protectores. Vivendo em grande penuria aceitou a mão d'esposo que lhe offerecera o poeta Scarron, feio, velho e doente, e apezar do gremio

seductor em que vivia soube conservar immune a sua honestidade; e quando viuva não desmereceu do honroso conceito que d'ella se formava, não obstante a miseria com que teve novamente de luctar. Uma pensão de duas mil libras, devida á munificiencia da rainha mãi, permittiu-lhe recolher-se ao convento das Urselinas d'onde sahiu, á convite da marqueza de Montespan, afim de incumbir-se da educação de seus filhos. Nesse exercicio, que com todo o zelo e intelligencia desempenhava, travou conhecimento com Luiz XIV, o qual apaixonando-se pelo seu discernimento e gravidade de maneiras casou-se com ella secretamente, no anno seguinte ao da morte da rainha. A senhora de Maintenon fundou em S. Cyro uma casa religiosa para a educação das donzellas nobres e destituidas dos bens da fortuna. Para essa casa e por solicitações da marqueza escreveu Racine as duas celebres tragedias biblicas *Esther* e *Athalia*. Teve grande ingerencia nos publicos negocios; e pelo longo periodo de trinta annos dominou exclusivamente o animo do rei. Voltando ao estado de viuvez por morte de Luiz XIV retirou-se a S. Cyro, onde entregou-se aos exercicios da mais austera devoção até a epocha do seu fallecimento, occorrido em 1719, na avançada idade de oitenta e quatro annos. Os escriptos da senhora de Maintenon forão coleccionados por Lavallée em dez volumes contendo *Cartas sobre a educação das meninas; Praticas sobre a educação; Conselhos ás donzellas; Cartas edificantes; Correspondencia geral; Memorias, Conversas*, e *Escriptos diversos*.

Como se vê prevalece nessa collecção a parte epistolographica na qual sobresahe seu atilamento, sensatez, e juizo prudencial. Distingue-se-lhe o estylo pela simplicidade, elegancia, justeza, e força, alliadas a inalteravel placidez. Ninguem soube de modo mais lucido e penetrante exprimir seus pensamentos. *Seus conselhos e cartas* são typos d'urbanidade, sasonados fructos da experiencia e da razão. Mais graves e austeras do que as de Sevigné resentem-se de certa sequidão que lhe privão da popularidade alcançada por sua illustre émula.

## ROMANCE

URFÉ (*Honorato de*): — Nascido em Marselha em 1568 e fallecido em 1625. Assignalou-se pelo seu valor nas guerras da *Liga* e desempenhou com honra varias missões diplomaticas em Saboia e Veneza. Casou-se com Diana de Chateau-Morand da qual separou-se por falta de conformidade de indole, indo residir nos arredores de Nice, onde compoz um romance denominado *Astréa*, entremeado de prosa e verso, que valeu-lhe grande reputação entre os contemporaneos.

Os pastores de Lignon substituem os heroes da cavallaria; e bastou essa simples mudança para agradar aos que já começavão a se enfastiar das proezas dos Rogerios e Rolandos. N'um tempo de commoções e desordens folgarão os espiritos de achar uma descripção, bem que um tanto artificial e amaneirada dos prazeres calmos e simples do campo. Sob o veu de transparentes allegorias, contem a *Astréa* primorosos quadros da sociedade contemporanea sendo essa a causa do affectuoso acolhimento com que foi recebida.

LA FAYETTE (*Maria Magdalena Pioche de la Vergne — condessa de*): — Nascida no Havre em 1633 e fallecida em 1693. Casou-se em 1655 com o conde de *La Fayette*, cujo nome illustrou por seus escriptos. Dotada de imaginação graciosa, gosto puro e natural sensibilidade, operou verdadeira revolução no romance fazendo com que as aventuras chimericas e os falsos sentimentos cedessem o passo aos successos da vida pratica e á verdadeira linguagem das paixões. O seu romance *Zaida*, publicada em 1670, e a *Princeza de Cleves* em 1678, forão considerados faustos acontecimentos para as letras contemporaneas.

Eis como apreciava Geruzez este ultimo romance:

« Como obra litteraria a *Princeza de Cleves* era mais do que uma novidade — era uma revolução. — Cessava o romance de ser a mentira da historia e da paixão; entrava alfim na verdade, humanisava-se em suas pinturas e proporções. A historia não é mais do que um scenario em que a paixão se desenvolve, os acontecimentos

reaes, entrelaçados com a ficção, não são alterados, nem desnaturados em seus principios. Neste bello livro, que pode servir de modelo, começa a acção nos ultimos annos do reinado de Henrique II e prolonga-se pelo de Francisco II. A intriga prende-se aos factos principaes da historia, sem prejudicar-lhe o encadeamento. É já o processo de Walter Scott[1]. »

## QUARTO PERIODO (Seculo XVIII)

Este periodo denominado *philosophico*, ou *seculo de Voltaire*, caracterisa-se pela influencia manifesta da litteratura ingleza: assim como o do renascimento o foi pelo da italiana e o aureo pelo da hespanhola. A faculdade de tudo examinar e tudo dizer veio de Inglaterra; bem assim a applicação da litteratura aos interesses politicos economicos da nação, tendencia positiva e materialista que imprimia as producções do espirito certo prosaismo, fazendo-as sahir do terreno indefinido das idealidades. Mas o que entre os inglezes era vago e andava esparso por obras mui pouco conhecidas, foi admiravelmente condensado pelos escriptores francezes, graças ao instincto de unidade, inherente ao caracter d'esse espirituoso povo. A incredulidade metaphysica de Collin, Tendal e Bolinbroke converteu-se no sarcasmo mordaz de Voltaire, e no deismo ardente e apaixonado de Rousseau.

Crê-se geralmente que a litteratura franceza no seculo XVIII fora unicamente subversiva, que só se occupára em abalar crenças e derrubar instituições, que aliás definhavão carcomidas pelos vermes da corrupção e do indefferentismo: quem porem reflectir maduramente ácerca da natureza das coisas convencer-se-ha que o seu espirito era antes philosophico do que revolucionario, na odiosa accepção da palavra; pela primeira vez pozerão seus escriptores em pratica o luminoso principio de Descartes relativo a duvida methodica.

[1] *Histoire de la Littérature Française.*

Quando despontou o novo periodo cahia em ruinas o despotismo de Luiz XIV, o *rei-sol*, que em seu desmedido orgulho exclamára. *L'Etat c'est moi* (o Estado sou eu). Na decrepitude de todos os poderes um só ganhára forças e prosperara: — a opinião publica. As letras até essa data consideradas como ornato da sociedade passarão a ser sua alma; e pela primeira vez viu-se escriptores abrirem arga discussão sobre a origem e natureza dos governos, e investigarem as bases do edificio da publica felicidade.

A importancia adquirida pela litteratura contribuiu poderosamente para multiplicar o numero d'auctores, e ampliar-lhe a esphera da influencia: os litteratos já não pertencião a uma classe isolada, gozando na obscuridade d'alguns mesquinhos favores liberalisados pelos magnatas: todos os gremios lhe forão accessiveis, e ahi dominarão pelo mais legitimo de todos os direitos — o da intelligencia. Rasgou-se o veo, e ondas de luz innundarão os áditos do templo da razão e illuminarão as multidões.

## POESIA LYRICA

Lebrun (*Poncio Dionysio Echouchard*):— Nascido em Paris em 1729 e fallecido em 1809, era filho de um criado do principe de Conti, que encantado da vivacidade e natural engenho do menino mandou-o educar e fe-lo seu secretario particular. Por morte do principe soffreu as agruras da indigencia, da qual salvou-o o ministro Colonne concedendo-lhe uma pensão de duas mil libras. Dotado de grande versatilidade cantou successivamente Luiz XVI, a republica e o imperio; e recebeu indistinctamente favores de todos os governos. Propenso á satyra aguçou epigrammas contra todos os contemporaneos, com o que grangeou crescido numero de inimigos. Nenhuma amenidade existia no seu trato familiar, e aquelles mesmo que lhe erão mais conjunctos tiverão de renunciar a sua convivencia, como por exemplo a propria mulher que apos quatorze annos de matrimonio, requereu e obteve judicialmente a separação *quoad torum*.

Lebrun gozou em vida de grande reputação como poeta lyrico, e chegou a ser appelidado de *Pindaro Francez*; hoje porem é mais

preconisado do que lido, e a collecção de suas *odes*, em numero de cem, versando sobre varios assumptos raramente apparece nas bibliothecas dos amadores da poesia. Não era porem destituido de merito; e Sainte Beuve diz que « o seu talento era grande e algumas vezes extraordinario, posto que incompleto que o seu estylo tinha alguma coisa de forte e nobre bem que rude e desordenado, pendendo constantemente para a declamação. »

Gilbert *(Nicolão José Lourenço)*:— Nascido em Fontenoy-le-Château no anno de 1751. Oriundo de uma familia obscura, apenas terminado seus estudos dirigiu-se a Paris em cata de fortuna; mas não havendo encontrado o acolhimento que esperava para as suas producções lyricas arrojou-se ás satyras atacando com extrema virulencia os philosophos, então summamente influentes. Esses ataques lhe proporcionarão inimigos, e aggravarão a situação angustiosa em que vivia. Tendo tido a infelicidade de enlouquecer, em consequencia de uma queda de cavallo, foi recolhido ao hospital de caridade (*Hôtel-Dieu*) de Paris onde suicidou-se engolindo uma chavinha quando apenas contava vinte e nove annos de idade.

Gilbert deixou valioso testemunho do seu estro lyrico em algumas das suas *odes*, nomeadamente na que compoz oito dias antes de sua morte, e que começa por estas palavras: « *Au banquet de la vie, infortuné convive*, etc. » é porem como satyrico que occupa distincto lugar no Parnaso francez, a ponto de ser denominado de *Juvenal de seu seculo*. Suas mais famosas satyras são as que tem por titulo: *O Decimo-Oitavo Seculo* e a *Minha Apologia*.

Chenier *(Maria André de)*:—Nascido em 1762 em Constantinopla, onde seu pai exercia as funcções de consul geral de França. Passou uma parte de sua juventude no Languedoc, onde começou seus estudos, terminando-os em Paris. Muito joven abraçou a profissão das armas que deixou poucos mezes depois. Contrahiu intimas relações com Lavoisier, Lebrun e David, e entregou-se com ardor ao estudo da litteratura grega, cujos primores esforçou-se por transplantar, regenerando a lingua e a poesia nacionaes. Acolheu com enthusiasmo os principios da revolução de 1789; mas não lhe permittindo a inteireza do seu caracter conformar-se com alguns excessos que deshonrarão a revolução censurou-os acremente por

palavras e escriptos, sendo victima d'essa franqueza. Prezo em 1793 foi julgado no anno seguinte, e executado dois dias antes da revolução do 9 thermidor, que te-lo-hia salvo.

André Chenier é talvez o maior poeta lyrico d'este periodo: seus idyllios, odes, elegias e poemas, encerrão bellezas de finissimo quilate, porquanto bebendo inspirações nas fontes antigas a apropriava-as com summa graça e delicadeza ao espirito francez. Entre os seus *idyllios* são justamente celebres os intitulados *o Cego, a Liberdade*, e *o Mendigo*. A elegia denominada *a Joven Captiva* e a que compoz poucos momentos antes de subir ao cadafalso são das mais mimosas e sentimentaes da poesia franceza.

## POESIA DRAMATICA

Crébillon (*Prospero Jolyot de*):—Nascido em Dijon em 1674 e fallecido em 1762. Concluidos seus estudos preparatorios, sob a direcção dos jesuitas, entrou para o cartorio de um procurador de causas, afim d'ahi fazer o seu tirocinio forense. Aborrecendo-se porem da sequidão juridica deu livre curso á sua paixão pelo theatro, levando successivamente á scena muitas de suas peças, como o *Idumeneu*, *Atreu e Thyeste*, *Elecira* etc.

Possuia Crebillon o genio tragico, e si quizesse se dar a pena de conformar-se com os modelos classicos muito maior ser-lhe-hia o merecimento. Infelizmente faltava-lhe gosto e comedimento; estragou energicas inspirações pelo immoderado uso da declamação e do falso pathetico. Peccou tambem no estylo, quasi sempre duro e incorreto. Os defeitos das suas obras procedião em grande parte do seu caracter; sobremodo altaneiro para solicitar qualquer conselho, ou direcção, e por demais orgulhoso para implorar auxilio. Assim não consta que recebesse pensão alguma, alem do que lhe concedia a marqueza de Pompadour. Retirado da scena em consequencia dos triumphos alcançados por Voltaire voltou a ella depois de um silencio de vinte e dous annos para levar ao palco *Catilina* e o *Triumvirato*, applaudidas pelos contemporaneos, mas que não tardarão em ser esquecidas e eclipsadas por outras de identico assumpto do seu feliz rival.

VOLTAIRE (*Francisco Maria Arouet de*): — Nascido em Paris no anno de 1694, fez brilhantes estudos no *collegio de Luiz-o-Grande*, então dirigido pelos jesuitas. Destinado por seu pai á magistratura não lhe permittiu o ardente coração poetico conformar-se com essa disposição; mas antes introduzido por seu padrinho, o padre Chateauneuf, na sociedade mais elegante da epocha, fez-se ahi notar pela vivacidade e agudeza d'espirito. Contava vinte annos quando foi pela primeira vez recolhido a Bastilha, sob a falsa accusação de haver composto uma poesia satyrica contra Luiz XIV. Na prisão, onde esteve por espaço de um anno, deu começo ao poema epico, denominado *A liga* e depois *Henriqueida* (Henriade) e compoz sua primeira tragedia *Œdipo*, representada em 1718 com grandes applausos. Animado pelo bom exito escreveu mais outras tragedias, e terminou a sua epopéa; e quando tudo parecia sorrir-lhe foi victima da brutal violencia do cavalleiro de Rohan, que, depois de te-lo mandado espancar, alcançou contra o poeta uma ordem de prisão em virtude da qual volveu a Bastilha. Recuperando a liberdade resolveu deixar a França, e transferindo-se á Inglaterra ahi permaneceu pelo tempo de dois annos, dando-se esmeradamente ao estudo da lingua e litteratura inglezas. Foi sobretudo a philosophia materialista de Collins e Bolingbroke que mereceu-lhe particular sympathias, constituindo-se desde então seu ardente propagador. As *Cartas Inglezas*, escriptas em inglez e publicadas em Londres, forão queimadas em França pela mão do algoz, obrigando o auctor a buscar asylo no castello de Cirey, do qual fazia as honras a erudita e espirituosa marqueza Du Chatelet, cujo tracto dispertou-lhe o gosto pelas sciencias naturaes. Em 1740 emprehendeu uma curta viagem a Berlim, cedendo ás vivas solicitações de Frederico II, junto do qual desempenhou com felicidade uma missão diplomatica, summamente delicada. Por intermedio da marqueza de Pompadour entrou nas bôas graças de Luiz XV, que nomeou-o historiographo da França e gentil-homem da sua camara. A liberdade porem com que soía exprimir-se desagradou a côrte, e convenceu-o da necessidade de ausentar-se de Versailles, onde accintosamente preferião-se as peças de Crebillon, posto que muito inferiores ás suas. Depois de residir temporariamente em Sceaux e em Nancy, deliciando succes-

sivamente a duqueza de Maine e ao velho e desthronado monarcha Stanislão, foi pedir hospitalidade ao rei da Prussia, que aposentou-o fastosamente no seu esplendido palacio de Postdam, arbitrou-lhe uma pensão de vinte mil libras, e conferiu-lhe as honras de seu camarista. O espirito sarcastico de Voltaire não lhe consentiu que por muito tempo se aproveitasse de tão vantajosa posição; porquanto, havendo-se indisposto com seu compatriota Maupertuis, presidente d'academia de Berlim, deu azo á intrigas que tornarão impossivel sua permanencia nessa côrte. Deixando a Prussia, percorreu grande parte d'Allemanha demorando-se algum tempo na côrte de Weimar, onde, á pedido da duqueza, escreveu uma obra bem mediocre que appellidou *Annaes do Imperio*. Cansado de perigrinar fixou sua residencia em Ferney, onde se deslisarão os ultimos e serenos dias d'existencia. N'avançada idade de 84 annos teve a velleidade de gozar de uma ovação popular, e, dirigindo-se a Paris, fez ahi representar a ultima das suas tragedias *(Irène)* enthusiasticamente applaudida. Succumbindo ao excesso d'emoções teve um deliquio em scena a que tinha sido chamado; e recolhendo-se a casa de seu amigo o marquez de Villete, ahi falleceu tres mezes depois (30 de maio de 1778). Recusarão as autoridades ecclesiasticas de Paris que o seu cadaver fosse sepultado em sagrado, á vista do que forçoso foi transporta-lo para Scellières, d'onde era commendatario o abbade Mignot, seu sobrinho. Em 1791 forão solemnemente traslados seus ossos para a igreja de Sancta Genoveva, convertida em Pantheon Nacional..

Demos demasiado desenvolvimento a vida de Voltaire, porque foi elle o personagem mais proeminente de seu seculo, e tambem porque nas peripecias da sua agitada existencia achamos a explicação d'essa especie de *motu-continuo*, que parecia ser o seu ambiente, e da versatilidade que é uma das feições mais salientes do seu caracter.

Considerado como dramaturgo incontestavel é que pertence-lhe distincto lugar, logo depois de Corneille e Racine. A imparciliadade da critica exige que se confesse que introduziu na tragedia mais de uma util innovação, como fossem mais simplicidade d'acção, mais vigor no dialogo, mais conhecimento das scenas locaes, mais escrupulo na pintura dos usos e costumes dos personagens, mais

copia de pensamentos philosophicos e allusões á actualidade, que todavia degenerão muitas vezes no grave defeito de converter o theatro em tribuna politica.

As variações do seu caracter, de que ha pouco fallamos, revellão-se nas suas tragedias: assim por exemplo no *Œdipo*, ainda todo imbuido das ideias recebidas no collegio, pretendeu substituir a simplicidade de Sophocles por um falso verniz de convencionada elegancia; e no *Bruto* e na *Morte de Cesar* descobrem-se os vestigios da sua recente estada em Inglaterra e dos emprestimos que lhe fazia a musa de Addison. Inimigo encarniçado do christianismo deveu á sua inspiração as melhores tragedias do seu vasto repertorio.

Domina no theatro de Voltaire a influencia da philosophia contemporanea: suas longas tiradas declamatorias, muito applaudidas no XVIII seculo, produzem hoje o effeito de volcões extinctos: a abstracção é o vicio dominante, e os personagens são antes caracteres e situações do que homens, ou mulheres.

Lesage (*Alano Renato*): — Nascido em Sarzeau (Morbihan) em 1668 e fallecido em 1747. Fez seus estudos de preparatorios no collegio dos jesuitas de Vannes, occupou um modesto emprego nas granjas regias, e veiu a Paris em 1692 disposto a viver da penna. Suas primeiras producções foram uma traducção das *Cartas de Aristenetes*, outra das *Novas Aventuras de D. Quixote* por Avellana e muitas comedias do hespanhol. Uma comedia em um acto intitulada *Chrispin rival de seu amo*, e um romance *O Diabo Cóxo* tornarão bem patente a vêa comica do autor e o seu profundo conhecimento do coração humano.

Os verdadeiros titulos litterarios de Lesage consistem porem no romance de costumes que denominou *Gil Braz* e na comedia appellidada *Turcaret*. Nesta ultima composição tornou-se emulo de Molière na fiel pintura de vicios e ridiculos da sociedade do seu tempo, tomou para principal assumpto de suas satyras uma classe então poderosissima, qual a dos contractadores de impostos, e tão certeiros forão os golpes que lhes desfechou que esses potentados mandarão-lhe offerecer cem mil francos para não levar á scena a mencionada comedia, offerta desdenhosamente regeitada

pelo illustre comico, que preferiu a pobreza honesta á riqueza villependida. Derrotadas em seus planos de seducção lançarão os contractadores mãos da intriga fazendo com que o *Theatro Francez* fechasse suas portas ao auctor do *Turcaret*, que viu-se obrigado para viver a compor espirituosas farças, adudabadas de sal aristophanesco, para os theatrinhos de feiras.

Beaumarchais (*Pedro Agostinho Caron de*):—Nascido em Paris em 1732 e fallecido em 1799. Filho de um relojoeiro adquiriu em verdes annos raros conhecimentos e fez importantes descobertas em mechanica. Seu talento musical deu-lhe accesso na côrte, onde leccionou harpa ás filhas de Luiz XV. Relacionando-se com o ricaço Duverney ganhou em pouco tempo grossos cabedaes, fornecendo armas e abastecimentos aos americanos, então em guerra com a sua metropole. Não era porem a posse da riqueza o que mais ambicionava Beaumarchais, quiz ser homem de letras, e estreou-se publicando dois dramas mediocres *Eugenia* e *os dois Amigos*. O processo que intentou com os herdeiros de seu antigo socio Duverney proporcionou-lhe ensejo de revelar-se sob novo aspecto e as *Memorias judiciarias contra os senhores Goëzman, Lablache e Marin Arnaud* lhe valeram celebridade pelo singular talento com que soube converter uma reclamação pecuniaria n'uma questão de liberdade publica e de interesse geral.

Animado pelo suffragio dos doutos emprehendeu nova especie comica — a politico-social, — e fez successivamente representar o *Barbeiro de Sevilha* e o *Casamento de Figaro*, imagens febris da sociedade franceza nas vesperas da revolução. Essa revolução, cujos primeiros symptomas presentia, foi adversa á serenidade de seus ultimos dias: perdeu com ella grande parte da sua fortuna, e experimentou as durezas do carcere da *Abbadia*, a que foi recolhido nas proximidades das matanças de setembro.

Fallando da influencia predominante no theatro no periodo a que nos vamos referindo, assim se exprime o senhor Saint-Marc-Girardin:

« Durante a ultima metade do seculo passado o espirito philosophico reinava no theatro, bem como no resto da litteratura. Na tragedia tiradas contra o fanatismo, nas comedias e dramas maximas

de igualdade; nas operas-comicas lições de moral, dadas em coplas; por toda a parte isso que se convencionou chamar *ousado* por falta de outro nome que melhor lhe conviesse. »

Nenhum escriptor levou mais longe do que Beaumarchais essa tendencia de que nos falla o distincto critico: pode-se com verdade dizer que o *Casamento de Figaro* foi a senha, quasi que o programma da revolução de 1789.

Figaro pertence a familia de Panurgio e como seu predecessor representa a superioridade da intelligencia e a inferioridade social; o eterno contraste entre o talento e a condição. Beaumarchais costumava dizer:— ha alguma coisa de mais frivolo do que a minha peça; é o exito que ella teve: — em verdade custa a crer que numa epocha em que as menores expansões do pensamento erão severamente cohibidas, essa comedia fosse tolerada e protegida, pela aristocracia da qual era a mais pungente satyra, representada, por expressa ordem de Luiz XVI na casa de campo do conde de Vaudreuil, perante toda a côrte, e sete mezes depois no *Theatro Francez* — no meio de geraes applausos!!

## POESIA EPICA

Voltaire escreveu tambem uma epopéa denominada *Henriqueida* (Henriade), cujo assumpto é o triumpho de Henrique IV sobre a *Liga*. A acção, propriamente dita, limita-se ao cerco de Paris: é verdadeiramente grande e interessante, observando-se nellas todas as regras aristotelicas. Notão-se porem dois defeitos capitaes, que tanto prejudicarão a *Pharsalia* de Lucano: scenas de desolação e implacaveis rancores, proprios das guerras civis, e demasiada proximidade dos factos, subordinados por isso ás severas leis da historia. Verdade é que o poeta tratou de compensar esses inconvenientes misturando a verdade com a ficção, como por exemplo na narrativa da viagem do protagonista a Inglaterra, e na sua entrevista com a rainha Izabel. Soube outrosim entremeiar bellissimos episodios, nos quaes realça-se sempre a figura nobre e magestosa da religião catholica.

Infelicissimo foi no emprego do maravilhoso recorrendo aos seres allegoricos, que não produzem nenhum effeito, nem entretem a menor illusão. As divindades mythologicas, os anjos e demonios forão e são objectos de crenças populares, não assim a Discordia, a Politica, o Amor, que não tem existencia real, e não passão de representação de paixões humanas.

Fallando do maravilhoso da *Henriqueida* não podemos passar em silencio a delicadissima ficção de S. Luiz, apparecendo em sonhos a Henrique IV e transportando-o ao céo e ao inferno. Nem menos bella é a pintura do palacio do Destino, onde o heroe vê o retrato dos reis de sua dynastia.

Obra da juventude resente-se o poema de algumas incorrecções de forma: o estylo é por vezes deleixado e frouxo e a versificação não raro prosaica e pouco numerosa.

Voltaire confiava demasiado no merito da sua epopéa: acreditava que lhe serviria ella de titulo á immortalidade, e com bem pouca modestia dizia:—*Foi para ser immortal que eu escrevi a Henriqueida*—A posteridade recusou porem sancionar as aspirações do poeta: reconhece na immensa influencia sobre os destinos litterarios da epoca em que viveu, o valor intrinseco e absoluto de muitas das suas obras, mas não encontra nesta eminentes qualidades epicas, nem lhe permitte hombrear com Homero, Virgilio, Tasso, Camões e Milton.

## HISTORIA

Rollin *(Carlos)*:—Nascido em Pariz em 1661 e fallecido em 1741; era filho de um pobre cutileiro, e admittido por caridade no collegio de Plessis, ahi fez seus estudos elementares, distinguindo-se sempre pela sua applicação e bom comportamento. Seguiu mais tarde o curso de theologia sem resolver-se a tomar ordens. Aos 29 annos foi escolhido para substituir o professor Hersan, sendo provido em 1687 na cadeira de rhetorica, e em 1694 eleito reitor da universidade de Paris. Por espaço de quinze annos exerceu esse honroso cargo, com summo proveito dos alumnos, aos quaes soube dar a melhor direcção nos estudos, introduzindo uteis reformas

Accusado porem de jamsenismo viu-se forçado á recolher-se ao lar domestico, empregando os derradeiros dias de vida na composição de obras muito estimadas pelos contemporaneos, e muitas das quaes ainda não desmerecerão do primitivo conceito; d'entre essas faremos apenas menção de seu *Tratado dos Estudos*, da *Historia Antiga* e da *Historia Romana*, e que não poude terminar em vida, sendo continuada por Crevier.

O *Tratado dos Estudos*, monumento de razão e do gosto, na phrase de Villemain, é um dos melhores livros escriptos em lingua franceza. Com extrema clareza e excellente methodo expõe o seu plano d'ensino, e traça os preceitos para escrever-se com correcção e elegancia a lingua nacional cujo completo conhecimento preconisa, sendo um dos seus mais fervorosos panegeristas. Profundo conhecedor d'antiguidade greco-latina recommenda a juventude a lição dos grandes modelos. Quanto á nós a obra pedagogica de Rollin póde com proveito ser consultada, ainda depois dos importantes trabalhos de Pestalozzi, Lancaster, Frœbel, Girard, etc.

As *Historias Antiga* e *Romana* obtiverão favoravel acolhimento, tanto em França como no resto da Europa: dão ellas verdadeira ideia d'antiguidade, ainda que não seja sua critica da melhor tempera, nem houvesse todo o discernimento nas citações. Chateaubriand disse: «Rollin é o Fénélon da historia; e como seu émulo embellesou o Egypto e a Grecia.»

Voltaire aspirou tambem os fóros de historiador, e pelo singular privilegio do genio conseguiu legar a posteridade um primor no genero que parecia ser-lhe mais adverso, attenta a immensa volubilidade de seu espirito, incapaz de aturadas investigações. Sua *Historia de Carlos XII*, começada na Inglaterra, e fructo das praticas intimas que tivera com a cavalleiro Dessaleury, que por muito tempo estivera ao serviço do desditoso monarcha sueco, é de uma elegancia perfeita e de rara simplicidade. Nas descripções de lugares, pinturas de costumes, narrativa de batalhas e combates approxima-se antes a Cesar do que a Quinto-Curco, a quem aliás se propuzera imitar. Não se nota ahi nenhuma circunstancia ociosa, nenhuma declamação, nenhuma pompa de ornato: tudo é claro, intelligente, preciso de principio á fim. Parece verem-se os

personnagens em acção, e os acontecimentos explicão-se pela simples narrativa dos factos.

Montesquieu *(Carlos Secondat, barão de Brède e de)*: — Nascido no, castello de Brède nas visinhanças de Bordeaux em 1689 e fallecidoem Paris em 1775. Pertencente á uma familia de magistrados foi desde a infancia destinado a essa carreira. Feitos os seus estudos sentou-se, como conselheiro, no parlamento de Guienne, e aos vinte e sete annos subia a cadeira da presidencia, vaga por morte de um tio seu que, alem da herança do honroso cargo, legava-lhe grandes cabedaes. Nem as honras, nem a fortuna o desviarão da cultura das letras; assim, depois de algumas modestas tentativas apresentadas á academia de Bordeaux, deu á luz a obra que devera apresenta-lo ao mundo litterario. Referimo-nos as *Cartas Persas*, publicadas sob o véo do anonymo, nas quaes figurava um natural d'essa nação visitando a França e transmittindo epistolarmente a um amigo as impressões que sobre seu animo causavão as instituições, leis e costumes do povo, mais civilisado do occidente. Este livro, cujo espirito sceptico e tom sarcastico, que tanto se coadunavão com a sociedade contemporanea, alcançou pasmosa nomeada, foi lido e commentado com enthusiasmo, e hoje que a paixão de momento se acha extincta ninguem deixará de confirmar o asserto de Villemain quando o classifica do «mais profundo dos livros frivolos.» Animado pelo fervoroso acolhimento d'essa obra renunciou Montesquieu as funcções judiciarias e dedicou-se exclusivamente nos estudos philosophicos e litterarios para que tinha tão particular propensão. Regressando as suas terras de Brede deu-se a composição de uma obra, em que consummiu dois annos, tendo por titulo *Considerações sobre as causas da grandeza e decadencia dos romanos*.

Com o bom senso de Polybio e superioridade de claresa e penetração patentea-nos as mólas secretas do poderio romano, os principios d'essa força sempre crescente e quando a virtude allumiou-lhe os passos. Mostra-nos Roma invencivel em quanto teve no senado uma cabeça esclarecida para dirigi-la e no povo patrioticos braços, sempre promptos a realisarem heroicos commettimentos. Prova-nos que a decadencia dos romanos começou

pela opulencia dos particulares que poderão comprar seides entre os pobres que já se desdouravão do seu estado.

Mostesquieu revela-se nessa obra um patricio amigo da liberdade, que teria occupado distincto lugar no senado de Roma nos bellos dias da republica.

As *Considerações sobre as causas da grandeza e decadencia dos romanos* forão o preludio d'outra obra de mais vastas proporções denominada *Espirito das leis* recebida com tanto applauso que no curto periodo de dezoito mezes teve vinte e duas edições. Semelhante a Hebe da mythologia grega goza esta obra de perpetua juventude.

## ELOQUENCIA

No periodo que estudamos declina a eloquencia ecclesiastica, que tanto brilho lançára antecedentemente, e apparecem dois generos novos, a eloquencia academica e a politica.

Fiel representante da primeira foi Thomas, e a mais elevada expressão da segunda Mirabeau.

Thomas (*Antonio Leonardo*): — Nascido em Clermont Ferrand e fallecido em 1785. Fez seus estudos preparatorios em Paris com summa vantagem e dedicou-se aos de jurisprudencia, chegando a trabalhar por algum tempo no escriptorio de um procurador. Desgostando-se d'esse mister entrou como professor para o collegio de Beauveais, consagrando seus lazeres a composição de varias obras que fizerão-no conhecido e estimado do publico. Concorreu para o premio da eloquencia, estabelecido pela academia franceza, e foi por ella laureado varias vezes, nomeadamente nos elogios do *marechal de Saxonia*, e de *Duguay-Trouin*. Sua *ode sobre o tempo* valeu-lhe o premio da poesia; mas o excesso de trabalho havendo-lhe arruinado a saude teve de dar de mão ao exercicio do magisterio e acceitar o emprego de secretario particular do duque de Praslin. Enthusiasta do talento e erudição do seu secretario pretendeu faze-lo admittir na academia franceza com preterição de Marmontel, ao que recusou-se Thomas; alienando-lhe este acto de abnegação o patrocinio do vaidoso fidalgo.

Em 1767 substituiu Hardion n'academia onde fez a leitura do *Elogio de Marco-Aurelio*, o melhor de quantos escreveu; e deu á estampa varias obras onde de todas a mais estimada é o *Ensaio sobre os elogios*, ou a *Historia da litteratura e da eloquencia applicadas á esse genero de composição*.

Thomas cultivou com proveito um genero d'eloquencia que Fontenelle iniciára, e aperfeiçoou-o nos estreitos limites que lhe erão traçados. Dotado de muito talento e facundia empregou-os quasi sempre em insignificantes, ou estereis assumptos, que buscava realçar pela magestade e esplendor do estylo. Exprobrão-lhe os criticos emphase, obscuridade e monotonia; defeitos estes mui communs no seu seculo, e pouco sensiveis no *Elogio de Marco-Aurelio* e no *Ensaio sobre os elogios*, trabalhos de folego, e mais esmeradamente limados.

Mirabeau *(Honorato Gabriel Riquetti* conde de*)*: — Nascido em Bignon, perto de Nevers, em 1749, anignalou-se na mocidade por uma vida tão escandalosa que, por pedido de seu pai, foi recluso na fortaleza de Vincennes passando d'ahi á varias outras prisões d'estado. De posse da liberdade visitou Londres, e foi encarregado pelo ministro Colonne de uma missão secreta na Prussia. Publicou varios escriptos que o tornarão vantajosamente conhecido, e contribuirão para que a cidade de Aix o escolhesse para seu representante junto aós estados-geraes, convocados em 1789. Nessa assemblea foi que Mirabeau patenteou toda a força da sua eloquencia, e mereceu o titulo de *Demosthenes francez*. Depois de se ter distinguido pela audacia de seus projectos reformadores temeu-se dos excessos da revolução e aproximando-se á auctoridade regia, da qual parecia no começo radicalmente afastado, empregou vãos esforços para conciliar o antigo com o novo regimen. Pesão sobre a memoria do eximio orador graves accusações, e parece que as suas relações com a côrte não erão immunes de suspeitas de venalidade; mas, como já ponderamos á respeito de Demosthenes, o tribuno francez, á guisa de seu emulo, recebia o oiro dos antigos adversarios, convertidos agora em fieis alliados, e não está provado que renegasse o boa causa, nem deixasse de seguir os dictames da consciencia. O certo é que essas accusações e suspeitas prejudi-

carão-lhe a popularidade; e si a morte se não tivesse apressado em vir busca-lo quando ainda subia ao capitolio (a 2 de abril de 1792), teria talvez de ser despenhado da rocha Tarpeia. Seu despojo mortal levado com grande pompa ao Panthéon foi mais tarde exhumado e dispersos os ossos pela população, que freneticamente o victoriára.

Mirabeau foi um colosso d'eloquencia, ninguem o excedia na impetuosidade do ataque, nem na calma com que repellia as aggresões dos contrarios. Sua enorme cabeça, avolumada por basta cabelleira, sua voz aspera e seca, que arrastava-se antes de fazer explosão, sua recitação tardia e como que embaraçada, seus gestos, a principio graves e compassados, depois energicos e violentos, tudo, qualidades e defeitos, subjugava e impunha respeito.

Ninguem, depois de Demosthenes, conheceu melhor os segredos da eloquencia popular; ninguem soube melhor dominar pela palavra uma assembléa deliberante; assim foi elle o incontestado chefe da maioria da constituinte, posto que algumas vezes se houvesse apartado d'ella e prestado á minoria o poderoso auxilio de sua palavra.

Não tomou parte alguma nos decretos da noite de 4 de agosto, que supprimirão os privilegios, direitos senhoriaes, requereu o adiamento da declaração dos direitos do homem, combateu corajosamente pela causa da sancção regia e do *veto*, e, á despeito dos jornaes e dos *clubs*, defendeu as perogativas reaes, que o proprio monarcha havia desamparado. Uma das suas mais brilhantes victorias foi, quando, pondo-se ao lado de Necker, que constantemente hostilisara, sustentou, e fez adoptar o projecto da *contribuição do quarto*, porque o ministro d'ella fazia depender a salvação da fortuna publica. É este discurso conhecido pela denominação de —*discurso contra a banca-rota*. É tambem celebre a famosa apostrophe dirigida a Dreux-Brézé, a qual Lacretelle denominava de *golpe fatal do Terceiro-Estado* [1].

[1] *Allez dire à votre maître que nous sommes ici par la volonté du peuple, et qu'on ne nous en arrachera que par la puissance des bayonnettes!*

## CRITICA LITTERARIA

O espirito philosophico que caracterisava este periodo devêra leva-lo naturalmente á analyse das obras litterarias; e posto que na volumosa correspondencia de Voltaire se encontrem muitas apreciações ácerca do merito dos escriptores antigos e modernos, assim como no *Anno Litterario* de Fréron é mais especialmente no *Lyceu*, ou *Curso de Litteratura Antiga e Moderna* que se encontra a explanação das ideias litterarias do seculo XVIII.

Laharpe (*João Francisco de*):— Nascido em Paris em 1739 e fallecido em 1803 Orphão na idade de nove annos deveu á caridade a sua educação sendo admittido como alumno gratuito no collegio de Harcourt, onde fez brilhantes estudos. Estreou-se na carreira litteraria com a publicação d'algumas *Heroides*, seguidas de uma tragedia a que intitulou *O Conde de Warwick* que o favor publico accolheu e bafejou. Taes auspicios fizerão-no acreditar-se fadado para o theatro; não tardou porem em convence-lo do contrario uma serie de desastres que assignalarão a representação de varias peças successivamente levadas ao palco. No *Mercurio de França*, cuja redacção lhe fôra confiada, revelou sua verdadeira vocação, e pela primeira vez fez ouvir a voz da critica litteraria.

Tinha gosto fino e delicado, e possuia o condão de conhecer as bellezas e defeitos de toda a especie de escriptos. Por espaço de quarenta annos foi o orgão mais auctorisado da critica franceza, e seus juizos passavão por irreformaveis. Laharpe abraçou os principios da revolução de 1789, e defendeu-os com ardor; mas tendo sido preso durante o regimen do terror, abjurou d'esses principios e convertendo-se ás ideias religiosas combateu com encarniçamento os encyclopedistas, seus antigos alliados. Recuperada a liberdade, logo depois do 9 thermidor, volveu ao magisterio que exercia n'um estabelecimento então denominado *Lyceu*, e por doze annos professou ahi litteratura. Do complexo de suas lições organisou a obra, de que já fallamos, e que constitue seu mais duradouro padrão de gloria.

Em verdade é o trabalho de maior vulto que a critica franceza até então produzira; e posto que superficial e insufficiente na parte consagrada á litteratura antiga, parciaes e muitas vezes injustas as apreciações concernentes aos contemporaneos, nem por isso deixa de ser uma obra magistral, pela segurança e pureza das doutrinas, sagacidade e prespicacia das analyses, clareza e methodo d'exposição, e fluencia e atticismo de linguagem.

## VIAGENS

Nunca forão notaveis os francezes como viajantes, e suas narrativas peccão quasi todas pela tendencia ao maravilhoso de que tanto parecem gostar. A propria obra que tomamos para thema pertence antes á erudicção, e apenas a comprehendemos na rubrica de *viagens* porque assim o denominou seu auctor.

Barthélemy (*João Jacques*): — Nascido em Cassis (Provença) em 1716 fez seus estudos preliminares no seminario da sua diocese, mas não se sentindo chamado para o ministerio ecclesiastico interrompeu a ordenação começada d'onde procede ser tambem tratado de padre (*abbé*) por alguns biographos. Encaminhando-se a Paris travou estreitas relações com Gros de Boze, guarda do gabinete de medalhas, que proporcionou-lhe o lugar de adjuncto, succedendo-lhe por sua morte. Viajou muito pela Italia, visitou as antiguidades de Roma e Napoles, e d'essas sabias peregrinações trouxe uma collecção de mais de sessenta mil medalhas preciosas com que enriqueceu o gabinete de numismatica de Paris. Foi membro d'academia das inscripções e da franceza, e por muitos annos viveu n'abastança, rodeado de consideração e estima. A revolução fe-lo perder seu emprego, sendo de mais a mais perseguido como aristocrata. Opprimido d'enfermidades e baldo de recursos succumbiu a 30 de Abril de 1795.

Amigo dedicado, philosopho tolerante e amavel deixou numerosos testemunhos de rara erudicção, sendo de todos o mais assignalavel o que intitulou *Viagens do moço Anacharsis pela Grecia*.

O protagonista d'esta obra é um scytha que partindo do seu paiz no anno 363 antes de Christo, regressou a elle no de 337 da mesma

era. Como philosopho observador tudo viu, estudou e descreveu. Voltando pelo Egypto e Persia recebeu de seu amigo Philotas cartas sobre os negocios geraes da Grecia que acabava de deixar. A variedade dos quadros e o encanto das ficções afastão o tedio que poderia gerar as minuciosidades a que algumas vezes desce. Sob a forma romanesca desdobra o panorama da esplendida civilisação grega na epocha mais florescente da sua historia. Passa em resenha philosophia, letras, sciencias, artes, instituições, sempre em tom ameno, e quasi diriamos superficial, muito de proposito empregado para ser lido pelos contemporaneos, junto aos quaes os estudos graves e as serias cogitações não achavão favor.

O maior defeito que se pode notar na obra de Barthélemy é a de ter se deixado arrastar pelo falso gosto da epocha, adulterando os personagens, usos e costumes, e até as instituições gregas para amolda-las ao typo francez, e parecendo por demais occupado do receio d'expor os seus caros gregos á satyra gauleza.

## ROMANCE

D'entre os numerosos romances de todas as especies que constituirão o espolio litterario da França no seculo passado, apenas faremos menção de um que afastando-se do trilha geral, inaugurou uma escola notavel pela suavidade de sentimentos e pureza de moral: queremos fallar de *Paulo e Virginia* que, no dizer d'um critico, « *lê-se com o coração e applaude-se com lagrimas.* » Seu auctor foi:

Bernardim de Saint Pierre *(Jácome Henrique)*: — Nascido no Havre em 1737 e fallecido em 1814. Dotado de ardente imaginação sonhava desde a infancia com viagens: aos doze annos abalou-se em companhia de um tio para Martinica, e aos dezoito entrava para o collegio dos jesuitas de Caen com desejos de ser missionario e martyr. Renunciando pouco depois esse projecto matriculou-se na escola de pontes e calçadas, e partiu para Dusseldorf (na Prussia), na qualidade d'engenheiro militar. A falta de subordinação ás ordens de seus superiores que qualificava de ignorantes e mal intencionados, motivarão-lhe a demissão, obrigando-o a perigrinar por varios paizes da Europa, em cata de uma posição social que jamais encon-

trava. Em S. Petersburgo foi benignamente acolhido por Catharina II que fe-lo capitão de artilheria, e incumbiu-o de reconhecer e determinar as posições estrategicas da Finlandia. Não se sentia porem Saint-Pierre apropriado para a vida militar, e havendo concebido o plano de uma colonia platonica nas margens do lago Aral apressou-se em expor seus projectos á imperatriz, que, por influencia de Orlof, recusou-lhe seu concurso. Despeitado pelo mallogro deixou o serviço da Russia, e foi na Polonia pelejar pela causa da liberdade e independencia d'esse malfadado paiz. Depois de varias outras peregrinações voltou á França, onde se conservou alguns annos, os mais calmos e felizes que até então passára, gisando ahi suas principaes obras. A *Narrativa da Viagem á ilha de França* que primeiro confiou á imprensa, começou a fazer conhecido seu nome, e grangear-lhe reputação litteraria que deverião firmar os *Estudos da Natureza*, e principalmente o romance *Paulo e Virginia*. Enthusiasta pela liberdade saudou com fervor a aurora da revolução escrevendo por essa occasião um livro de bastante merito, denominado — *Votos de um Solitario* — cujo movel era estabelecer a alliança entre a velha e a nova França. Favorecido por Luiz XVI recebeu a nomeação de intendente dos Jardim das Plantas; e em 1794, no meio da proc ella demogogica, foi escolhido para lecionar na Escola Normal a cadeira de moral. Mereceu as boas graças de Napoleão I, e os ultimos dias de sua agitada existencia escoarão-se tranquillos em Essonne, rodeado das mais puras affeições domesticas.

*Paulo e Virginia* é um romance d'especie inteiramente nova, a mais candida e original concepção da epocha, egloga admiravel, sublime elegia, repassada de uncção religiosa, e escripta, ou meditada sob os esplendores da natureza tropical.

« Esta pastoral de forma tão nova, diz Villemain, fôra-lhe inspirada pelas impressões de suas viagens e por uma anedocta popular na ilha de França. Não offerecia porem essa anedocta o encanto que o auctor lhe soube communicar: foi elle quem creou essas duas figuras ideiaes, que não puderão jamais ser esquecidas; foi elle quem imaginou essa vida tão simples e tão pura; foi elle quem realisando os sonhos de sua juventude, pintou a felicidade da virtude

e da innocencia nessa pobre familia, arrojada pelo infortunio, ou pelos preconceitos, a climas tão arredados da Europa[1]. »

## QUINTO PERIODO (Seculo XIX)

O reinado do primeiro Napoleão no qual se estreou este periodo nada teve de favoravel ás letras, nem ás artes: dir-se-hia que os homens preoccupados com as grandes coisas que tinham de praticar desdenhavam os meios plasticos da manifestação do pensamento; alem de que a censura, que um poder suspeitoso estabelecera, tolhia toda a liberdade d'expressão, e manietava o entendimento. A escola descriptiva era a unica possivel; assim achou ella seu representante em Delille, que, por seu espirito elegante e garridice de locução, conseguiu celebrar em versos os assumptos mais anti-poeticos, merecendo dos contemporaneos a antonomasia de *Virgilio Francez*.

Assignalou-se a restauração pela dupla tendencia de restabelecer sobre novas bases os principios abalados pelo cataclysmo revolucionario, e a d'emancipar a litteratura do jugo das regras, que sós haviam ficado de pé em meio do geral descalabro. Essas duas tendencias, tão contrarias á primeira vista, ligarão-se todavia por uma inflexivel logica: d'um mesmo manancial deverião brotar a poesia e a philosophia religiosa: o culto do verdadeiro livremente reconhecido e interpretado pela razão na medida de suas forças.

Essa tendencia para a verdade absoluta manifestou-se, de modo mais ou menos positivo, em toda a serie de phenomenos da sociedade, cujos productos intellectuaes vamos estudar. Produziu em politica a *escola doutrinaria*, que proclamou a soberania da razão e o direito da capacidade, em litteratura a *escola romantica* que proferia o culto universal do bello, sem a minima contemplação com os usos e modelos antigos; em philosophia a *escola eclectica* votada á investigação imparcial da verdade no dedalo das doutrinas e systemas.

Mal comprehendida e mal executada deu essa mesma tendencia

[1] *Cours de Littérature Française—Tableau de la Littérature au XVIII siècle*

nascimento aos erros de que fomos testemunhas; produziu em politica o dogma da soberania arbitraria de numero; em litteratura o culto grosseiro da realidade, em detrimento do ideial; em philosophia o pantheismo da materia, em vez d'ador ação d'um Deus infinito.

Passando em resenha as principaes obras d'esse periodo forneceremos aos leitores as peças do processo, e habilita-lo-hemos para por si proprios, julgarem a causa, confirmando, ou reformando a sentença, que acabamos de proferir.

## POESIA LYRICA

Lamartine (*Affonso Maria Luiz Prat de*): — Nascido em Macon a 21 d'Outubro de 1790 e fallecido em Paris no dia 1º. de Março de 1869. Pertencia a uma familia nobre e passou os primeiros annos da sua meninice no modesto retiro de Milly, onde foi educado nos principios da mais pura orthodoxia. Fez seus estudos elementares no collegio dos *Padres da Fé* em Lyão, findo os quaes partiu para a Italia. Os principios catholicos e legitimistas que professava inspirarão-lhe os primeiros versos, que publicou em 1820 sob o titulo de *Meditações*. Esta obra, acolhida com enthusiasmo, abriu-lhe a carreira diplomatica na qual estreou-se como d'addido da legação franceza em Napoles. Ahi casou-se com uma dama ingleza de muito espirito e esmerada educação, a qual era alem d'isso senhora d'avultados cabedaes. Rico e laureado por seu talento e prendas pessoaes percorreu Lamartine as escalas da carreira diplomatica sendo successivamente nomeado secretario das legações de Napoles e Londres, encarregado de negocios na Toscana, e acabava de ser escolhido para representar a França em Athenas, como seu ministro plenipotenciario, quando a revolução de julho de 1830 veio interromper-lhe tão bem fadada carreira.

Consagrava Lamartine os lazeres diplomaticos ao cultivo da poesia dando á estampa em 1823 as *Novas Meditações*, em 1825 o *Cantico da Sagração*, em 1829 as *Harmonias Poeticas e Religiosas*. Esta ultima obra valeu-lhe o titulo de membro d'academia franceza para a qual foi eleito em substituição ao conde Daru.

Repugnando ás suas convicções politicas servir a nova dynastia

afastou-se temporariamente da França, e emprehendeu uma fastosa viagem ao Oriente, de cujas impressões fez confidente o publico, em quatro bellos volumes que sahirão dos prelos em 1835, sob o titulo — *Viagem ao Oriente. — Lembranças, Impressões, Pensamentos e Paisagens.*

Durante a sua ausencia fôra eleito deputado, e tomou assento na respectiva camara como representante do districto de Dunkerque. Revelou-se ahi o poeta debaixo de novo aspecto, cingindo a já laureada fronte com a grinalda d'orador parlamentar.

Era porem a poesia a verdadeira vocação de Lamartine; assim adquiriu novas palmas com a publicação do *Jocelyn*, em 1835, e a da *Queda d'um Anjo*, em 1838.

Não contente com os triumphos anteriormente obtidos aspirou os fôros de historiadôr dando a lume a *Historia dos Girondinos* (1847), que tanto contribuiu para a exaltação dos espiritos, sendo considerada como prenuncio da revolução de 1848.

Havendo tomado activa parte nessa revolução foi eleito membro do governo provisorio, e encarregou-se do ministerio dos negocios estrangeiros, onde deixou impresso o cunho do seu engenho poetico na mui celebre circular notificando a cessação dos tratados de 1815.

De novo afastado da scena politica pelos acontecimentos que se seguirão a essa revolução viu Lamartine eclipsar-se a sua gloria, e as urgencias pecuniarias que o atormentarão nos derradeiros annos d'existencia obrigando-o a um trabalho assiduo e quasi que mechanico, contribuirão ainda para o decrescimento do favor publico com que fôra recebido e que por alguns annos circumdou-lhe a fronte.

Considerado como poeta lyrico examinemos perfunctoriamente algumas de suas melhores obras, e sejão ellas as seguintes:

*As Meditações*, cujo maior merito consistia no accento de verdade que nellas denominava, no profundo e sincero sentimento religioso que por toda a parte proclama a existencia de Deus e a immortalidade d'alma, dogmas que, com serem rudimentaes, nem por isso escapavão aos certeiros golpes do scepticismo. Ninguem melhor do que Lamartine observára o conselho da baroneza de Staël de procurar Deos na natureza e o infinito no amor. D'esta collecção

onde brilhão tão finas perolas destaca-se a primorosa elegia do *Iago*, que num mimoso e brevissimo quadro encerra o complexo das mais elevadas ideias e dos mais ternos sentimentos. Pasmoso foi o exito d'este livro; recebeu-o o publico com o mesmo açodamento com que vinte annos antes acolhera o *Genio do Christianismo* de Chateaubriand, e tal foi o interesse com que buscou le-lo que em menos de quatro annos se consummirão quarenta e cinco mil exemplares.

*As Novas Meditações Poeticas* e as *Harmonias Poeticas* e *Religiosas*, productos d'uma intelligencia mais cultivada, e nascidas d'uma inspiração menos ardente, revestirão-se de novo caracter. O auctor attendeu menos as bellezas secundarias e prestou maior attenção ao pensamento primordial: vê-se que está seguro de si, e que sabe haver conquistado o favor publico. As *Harmonias Religiosas* são verdadeiros hymnos, resplandecentes d'enthusiasmo e grandeza; descobre-se ahi alguma coisa de mais intimo, de mais mystico do que nas ulteriores composições. No pensar dos criticos assignalão estas poesias o ponto culminante do talento de nosso auctor.

O *Jocelyn* e o *Queda d'um Anjo* não revelão a acquisição de novos dotes, notando-se nestas, aliás apreciaveis producções, menos originalidade, menos inspiração e uma certa tendencia vaga e indefinida que fazem suspeitar falta de plano anteriormente concebido e meditado. Parece que o poeta devanea numa atmosphera vaporosa, acumula bellissimas scenas, graciosas imagens, sem que se possa descobrir a meta a que se dirige, a ideia capital que pretende fazer triumphar. A ultima d'estas composições (*a Queda d'um Anjo*), episodio antedeluviano d'um poema cyclico, foi recebido com singular frieza, parecendo notar-se n'elle os primeiros symptomas d'esse enfraquecimento intellectual, que como já, dissemos mareou a reputação litteraria d'um dos maiores poetas do nosso seculo.

Victor Hugo: — Nascido em Besançon a 26 de fevereiro de 1802 é filho d'um general que serviu ao imperio do primeiro Napoleão com bastante zelo e dedicação, e d'uma dama pertencente á antiga nobreza e cuja familia se distinguira nas guerras da Vendéa. Esta dupla origem determinou a vocação do illustre poeta, e serve de commentario ás oscillações de sua vida politica. Percor-

reu em verdes annos varias cidades de Italia e Hespanha, e voltando á França em 1809 fez seus primeiros estudos, sob a direcção do general Lahorie, uma das victimas do despotismo imperial.

Parece que deixou este lamentavel acontecimento viva impressão no animo generoso do menino, e dispertou-lhe sentimentos que não tardarão em se revelar em suas obras. Chamado a Hespanha por seu pai passou ahi um anno n'um seminario de nobres achando alimento de seus instinctos poeticos no grandioso espectaculo d'essa natureza meridional e nas reminiscencias historicas d'esse heroico povo. Volvendo á patria entrou para a escola polytechnica onde estudou mathematicas, como preparatorios para a profissão militar a que seu pai o destinava.

Não o desviou porem esse estudo do frequente e assiduo tracto com as musas, aos quatorze annos compoz uma tragedia aristotelica (*Irtamenes*), e duas peças lyricas, (*o Rico e o Pobre, e a Canadãense*). De 1819 a 1823 obteve tres vezes o premio dos jogos floraes, deferidos pela academia de Tolosa em recompensa de suas bellissimas poesias, d'entre as quaes releva fazer expressa menção do *Moysés no Egypto*, trecho lyrico d'admiravel expressão.

A popularidade de que então gozavão as *Meditações* de Lamartine determinou a escola a que devera filiar-se o novel poeta. Relacionado com as principaes personagens da *Restauração*, especificadamente com Chateaubriand, que o qualificava de — *menino sublime* —, declarou-se — *romantico* — nas suas *Odes e Balladas* que virão a luz em 1826.

Natureza ardente não limitou-se ás simples violações das regras classicas, que havião-lhe attrahido o epitheto de *heresiarcha litterario*, aspirou pôr-se á frente do movimento revolucionario, e, de sociedade com alguns outros mancebos esperançosos, fundou uma revista com o titulo de *Musa Franceza*. No anno seguinte (1827) rompia desabridamente com Aristoteles e Racine no prologo do drama *Cromwell*, onde dictou os aphorismos da nova escola dramatica proclamando solemnemente « *que tudo o que está na natureza está n'arte*, e *que o drama moderno consta da combinação do sublime com o grotesco.* »

Arrojando-se ao theatro travou V. Hugo encarniçada guerra com

os usos e tradições obedecidas e acatadas alcançando na representação do *Hernani* o mais esplendido triumpho que poderia ambicionar. Muitas outras victoriadas peças deferirão-lhe a coroa de poeta dramatico, que juntou a de romancista, conquistada pelo enthusiastico acolhimento com que havião sido recebidos *Han de Islandia*, *Bug Jargal* e *Nossa Senhora de Paris*.

Como seu preclaro émulo (Lamartine) quiz tambem Victor Hugo descer á arena politica; e depois d'algumas indecisões sobre o partido a que devéria prestar o concurso de seu genio, decidiu-se pelo do governo constituido e acceitou em 1846 a carta regia que o nomeava par de França. Serviu com lealdade á monarchia de julho, e quando a revolução de 1848 o derribou manteve-se por algum tempo na espectativa até que a cidade de Paris o enviasse a constituinte. Ahi votou com o partido moderado, e deixando-se mais tarde seduzir pelos paradoxos d'Emilio de Giarardin alistou-se nas cohortes socialistas combatendo acirradamente Montalembert exemio campeão do partido contrario. Nesse memoravel pleito ostentou raros dotes oratorios, sendo porem certo de que mais vezes fascinava pelo colorido das imagens do que convencia pelo vigor dos argumentos. A *violencia politica* de 2 de dezembro de 1852 impondo silencio a tribuna levou Victor Hugo para a terra do exilio, onde se conservou até a desastrosa queda do segundo imperio.

Nesse exilio escreveu o poeta numerosas obras, quasi todas empregnadas d'um travo d'amargura, e resentimente pessoal. Enebriado pelos elogios de indiscretos amigos apartou-se da senda onde em verdes annos colhera tão virentes louros, escreveu sob a inspiração do odio dois libellos (*Napoleão o Pequeno* e *Os Castigos*) onde a satyra de Juvenal apparece enfeitada com os guizos do Aretino; e favoneando as más paixões offereceu-lhe succulento pabulo nos *Miseraveis*, gigantesco romance social publicado no mesmo dia em oito capitaes da Europa e d'America, e vertido simultaneamente em nove linguas. Semelhante ao Sansão biblico adormeceu Victor Hugo no regaço da fementida popularidade, e dois novos ramances (*Os Trabalhadores do Mar* e *o Homem que ri*) servem de desenvolvimento aos seus paradoxos sociaes.

Como lyrico occupa Victor Hugo a primeira plana d'entre os

poetas francezes contemporaneos; o deslumbrante brilho de uma imaginação, a pompa e a magnificencia de suas imagens, o arrebatador enthusiasmo de seu estro, dão-lhe incontestaveis vantagens. Umas vezes assemelha-se a Pindaro no atrevimento das peripecias, e outras a David na sublimidade da concepção. É um vulcão de poesia, cuja lava não queima, calcina.

Contemplemos agora a medalha em seu reverso: o poeta, como acabamos de ver, deixa-se frequentemente agrilhoar pelas paixões, e, como o Phaetonte da mythologia grega, despenha-se não raro das alturas do empyreo. A antithese é a sereia que constantemente lhe segreda falso brilhantismo, presta-lhe ornamentação de stalactites, que o proprio Gongora lhe invejara.

Desculpaveis esses defeitos nas obras da juventude não podem hoje achar venia no tribunal da critica, que em cada nova producção do illustre poeta, descobre as reincidencias d'antigos peccados com aggravação d'uma impenitencia invencivel. Ainda modernamente na *Legenda dos Seculos*, pagina destacada d'uma colossal trilogia, vimos com dor a reproducção dos mesmos defeitos, tanto mais funestos quanto mais perigoso é o contagio do exemplo, partindo de tão grande mestre.

Beranger *(João Pedro de)*:—Nascido em Paris a 19 de Agosto de 1780 e fallecido nessa mesma cidade a 16 de Julho de 1857. De origem obscura não póde receber na infancia disvellada educação nem iniciar-se em estudos classicos. Suas primeiras leituras forão as *tragedias* de Racine e a *correspondencia* de Voltaire; e admittido n'uma officina typographica em Peronne ahi recebeu noções d'orthographia e apprendeu a medição dos versos. Sentindo pulsar-lhe o sentimento patriotico planejou uma epopéa com o titulo de *Clovis* em que pretendia celebrar a fundação do reino da França pelos Francos. Não passou porem o poema d'esboços guardados na pasta de joven poeta, que vendo-se sem arrimo recorreu ao patrocinio de Luciano Bonaparte a quem dedicou suas poesias, ainda ineditas. Accolheu-o benignamente e ex-presidente do conselho dos quinhentos, que fez-lhe cessão dos vencimentos que percebia como membro do Instituto. Empregado como escripturario na secretaria da universidade consagrou seus ocios a

composição de canções, genero que parecia esgotado, e incompativel com o gosto da moderna sociedade. Os desastres da França inspirarão a Beranger cantos repassados de patriotismo, e durante os cem dias recusou o honroso emprego de censor que se lhe queria dar, não desejando enfeudar-se em partido algum. Destituido das suas modestas funções d'empregado subalterno da universidade em virtude d'accusação de ultrages á moral e a religião, que lhe havião grangeado algumas das suas canções, foi ainda condemnado a multa e a prisão, á despeito da brilhante defesa que lhe consagrou Dupin. Serviu essa comdemnação para augmentar-lhe a popularidade, e de feito a multa foi immediatamente paga por uma subscripção nacional, e da sua prisão, convertida em Capitolio, enviou o poeta á imprensa energicas e virulentas objurgatorias, sob a forma de novas canções. Para não deixar a vida livre que tinha recusou lucrativo emprego que em seu escriptorio lhe proporcionara Lafitte, e em 1825 deu a lume novo volume de patrioticos versos.

Triumpharão em 1830 as ideias de Beranger, mas nem esta circumstancia, que elevava ao poder seus principaes amigos, poude decidi-lo á acceitar lugar algum na publica administração. Em 1833 publicou outra colleção de poesias, nas quaes se incluirão as que lhe inspirara a revolução de julho.

Vivia no retiro quando estalou a revolução de 1848, e sendo nomeado membro da commissão de recompensas nacionaes e enviado á assembléa constituinte pelos suffragios dos eleitores de Paris recusou ambos os mandatos, e volveu ao seu modesto asylo.

Consoante a estes principios foi a sua recusa de uma cadeira na academia franceza, que esta sabia corporação por varias vezes lhe offerecera, allegando sempre sua obscuridade e insufficiencia.

Quando o grande cancioneiro desceu ao tumulo quiz o imperador Napoleão III que seus funeraes fossem feitos as expensas do Estado, dando assim publico testemunho do grande apreço em que o tinha, e do respeito que lhe inspiravão seus eminentes serviços. Poeta como Lafontaine teve o bom senso de Franklin; cantou o vinho e o amor, sem ser epicurista; deu a canção a dignidade que nunca tivera, e sob essa forma ligeira, concisa, e adaptavel á todos os tons, legou-nos verdadeiros poemas, repletos de graça, sensibi-

lidade e espirito « Beranger, dizia Benjamin Constant, faz odes sublimes pensando fazer canções. »

Eis como o apreciava o mais severo critico das letras francezas:

« A patria foi para Beranger a mais generosa musa ao amor da patria deve elle suas mais felizes e populares inspirações. Si na expressão do amor é incompleto, si voluntaria, ou fatalmente desdenhou tudo o que dá ao amor verdadeira importancia poetica, si omittiu a pintura das paixões antepondo-as a do prazer, encontrou sempre na patria assumpto para numerosas odes que alteão o pensamento as mais elevadas regiões. É nos canticos patrioticos de Beranger que deve-se ir procurar a razão do seu poder: e é só a elles, que deve sua auctoridade é só por elles que dominou a multidão [1]. »

Manifestarão-se as tendencias da nova escola sob a forma lyrica, na qual grangearão bem merecida reputação Delavigne, Musset, de Vigny, e alguns outros.

Delavigne tornou-se celebre pela publicação d'um volume de poesias com o titulo de — *Messenias* — nas quaes inspirando-se nas reminiscencia da historia grega tratou d'assumptos comtemporaneos, e buscou dispertar o sentimento patriotico abatido pelos revezes das armas francezas. A elegia intitulada — *A Batalha de Waterloo* — é repassada de doce e christã melancolia.

Alfredo de Musset foi um dos mais ardentes apostolos do romantismo. Admirador de Byron seguiu-lhe as pégadas no seu poema iutitulado *Namouna*, onde, á par de certas cruezas, brilhão sublimes pensamentos expressos em admiraveis scenas.

Alfredo de Vigny foi auctor d'uma serie de poemetos acolhidos pelo publico com demasiado favor, avultando entre elles o intitulado *Eloá* em que sua fogosa imaginação attingiu as raias do sublime, assignalando-lhe distincto lugar entre os chefes da nova escola.

Hegesippo Moreau, que escreveu um mimoso volume de poesias sob o titulo de *Myosotis*, Reboul o poeta-padeiro de Nimes,

[1] Gustavo Planche. *Nouveaux Portraits Littéraires* tom. I.

auctor d'inspiradas poesias conhecidas pelas denominações do *Anjo e o Menino, a Esmola a Christo, a Lampada, a Noite de inverno*; Victor Laprade, a quem se devem os *Perfumes de Magdalena, a Colera de Jesus* e os *Poemas Evangelicos* caminharão na vanguarda dos reformadores e obtiverão esplendidos triumphos, antes que a modernissima *escola realista*, viesse dissecar a fonte da inspiração. Essa escola fez sua primeira apparição em França entre os annos de 1852 a 1857 tendo por principaes arautos Theodoro Barrière, Enesto Campedu, Gustavo Flaubert, Alexandre Dumas Filho, e Carlos Beaudelaire. As *Flores do Mal* d'este ultimo assignalão-se por uma certa audacia na representação do vicio.

Houve da parte dos dramaturgos, romancistas e poetas, supra mencionados, manifesta intenção de reagirem contra os delirios e estravagancias dos ultra-romanticos; mas é certo que perpassarão o alvo: inconscientemente firmarão o dominio d'uma litteratura mephitica, que inculcando-se fiel interprete da natureza e das paixões humanas, e converteu a penna em escapello, e offerecendo-nos para deleite as cruezas d'um amphitheatro anatomico.

## POESIA DRAMATICA

O prefacio do drama *Cromwell*, de que já fallamos, serviu de manifesto da escola romantica: o *Cenaculo* e seu chefe (*Victor Hugo*) rompião com o passado e mandavão cartel de dasafio aos discipulos d'Aristoteles e de Horacio. A humanidade, no seu pensar, dividia-se em tres epochas: tempos primitivos, antigos e modernos, e á cada uma d'essas epochas correspondia uma das tres formas poeticas, a ode, a epopea, e o drama. A idade christã, ou moderna, era essencialmente dramatica; e o drama, forma mais complexa e comprehensiva do que as duas outras, abraçava todos os elementos da vida; o corpo e o espirito, o grotesco e o bello, consistindo no *caracter* o supremo ideal da moderna poesia. Como Goethe apenas reconhecião a *unidade da acção* e zombavão da ficticia elegancia dos classicos.

O principal defeito d'esse manifesto estava no tom pretencioso e dogmatico que assumia, nas exagerações de que se fizera echo, de

modo que hoje, lendo-o na calma de nossos gabinetes, parece-nos ridiculo a força de querer ser sublime.

Cumpre porém confessar que o *synchretismo*, quiçá um tanto confuso, dos romanticos alongou o horisonte da arte, e provocou um estudo mais aprofundado do coração humano substituindo a analyse psychologica ás puras abstrações da antiga escola.

Estabelecidos estes principios vejamos sua confirmação nas obras dos principaes auctores.

Occupa entre elles o lugar de honra Victor Hugo, de quem já tratamos como poeta dramatico, devendo ora acrescentar que os seus dramas forão verdadeiros acontecimentos: tiverão muitos d'elles, subido alcance politico e desafiarão a intervenção d'auctoridade. *Hernani*, representado pela primeira vez a 26 de Fevereiro de 1830, deu lugar a uma verdadeira lucta entre os enthusiastas e os adversarios do poeta, na qual os primeiros levarão a melhor. *Marion Delorme*, apezar d'accusação de immoralidade que lhe foi irrogada, teve um exito mais calmo do que o do *Rei se diverte*, levado a scena a 22 de Novembro de 1832 e suspenso no dia seguinte por deliberação ministerial. *Lucrecia Borgia*, *Maria Tudor*, *Angelo*, *Ruy Blas*, e os *Burgraves* em que o auctor usou e abusou do mechanismo dos contrastes, apresentão a perpetua lucta das paixões e sentimentos oppostos, e singular combinação dos elementos tragico e comico.

O maior triumpho dramatico de Victor Hugo e que mais devera lisongear-lhe o amor proprio consistiu na representação do seu drama *Hernani*, durante a exposição universal de 1867. As ovações d'um publico cosmopolita, dirigidas a uma peça que havia emvelhecido trinta e sete annos, erão o mais brilhante testemunho do seu merito intrinseco, e a mais elevada homenagem ao genio do exilado vate.

Delavigne (*Casimiro*):—Nascido no Havre em 1793 d'uma familia de honrados negociantes e fallecido em Lyão em 1843. Fez seus estudos no Lyceo Napoleão, onde adquiriu solida e honrosa reputação merecendo attrahir a attenção dos doutos por um dithyrambo, composto por occasião do nascimento do rei de Roma. Nos concursos poeticos d'academia franceza obteve varias menções

honrosas. Os successos politicos que assignalarão o anno de 1815 dispertarão-lhe o estro e inspirarão-lhe as poesias com o titulo de —*Messenias*.— O applauso com que forão recebidos, e o bom acolhimento que tiverão da parte do proprio rei, determinarão o ministro Pasquier a crear para elle o emprego de bibliothecario da chancellaria, que deixava-lhe bastantes folgas para consagrar-se á litteratura dramatica de sua particular predilecção.

Pode-se dividir em duas partes a carreira dramatica de Delavigne, a primeira, iniciada com a representação das *Vesperas Sicilianas*, o maior successo litterario do anno de 1819; e a segunda com a de *Marino Faliero*, levada a scena no theatro da Porta de S. Martinho em Maio de 1829. Neste decennio o auctor havia assistido a lucta entre classicos e romanticos; e, aferrado aos principios em que fôra educado, consagrou sua musa á felizes imitações de Corneille, Racine e Molière; cedendo porém ao vigoroso impulso da opinião filiou-se á nova escola, e illustrou-a por uma serie de peças que ainda hoje podem com successo ser levadas ao palco. *Luiz XI* passa pela melhor e mais erudita das suas tragedias romanticas. *D. João d'Austria*, comedia historica representada em 1835 revelou novos predicados de seu estylo flacido, ameno e gracioso manifestando-se na prosa como se manifestára no verso. Era porém o que mais se coadunava com o gosto do dramaturgo, que melhor lhe traduzia a inspiração; assim pois vemo-lo volver a elle na *Popularidade*, modelo d'alta comedia politica, especie até então desconhecida, e que muitos e sinceros gabos grangeou-lhe. Em verdade esta comedia, apesar d'alguns senões que se lhe descobrem, como sejão a lentidão d'acção e a obscuridade dos pormenores, é recommendavel pela firmesa com que soube traçar os caracteres todos de photographica exactidão.

Exhaustas as forças por um incessante trabalho e torturado por enfermidades, que de dia em dia se aggravavão, decidiu-se a buscar em clima mais benigno lenitivo aos seus males quando foi surprehendido pela morte. Sua perda considerou-se um luto publico, e as homenagens que, á beira do tumulo, lhe renderão todos os corpos do Estado forão como um brado d'alta estima em que era tido, e serodio galardão dos seus relevantes serviços. Delavigne

deve ser considerado como o ultimo representante da poesia classica em França; e sua passagem para o acampamento romantico, longe de ser considerada como *apostasia* é uma prova do respeito que votava a opinião publica, que requer da parte de seus directores bastante docilidade para guia-la segundo as ideias e necessidades da epocha.

Dumas *(Alexandre)*:—Nascido em Villers-Cotteret, em 1803 e fallecido em 1870. Era filho legitimo d'um general republicano do mesmo nome e appellido e d'uma negra africana chamada Tiennette Dumas. Orphão em tenra idade foi educado pelos cuidados de sua mãi, e ainda bem moço dirigiu-se a Paris, afim de grangear meios de subsistencia. Graças á protecção do general Foy, que fôra intimo amigo de seu pai, conseguiu ser admittido como amanuense supranumerario da secretaria da casa d'Orléans, com o exiguo vencimento de 1,200 francos annuaes.

No anno de 1826 estreou a sua carreira litteraria dando á estampa uma collecção de *novellas*, que forão friamente acolhidas pelo publico. Voltou-se então para o theatro, e, depois de varios ensaios, levou a scena em 1829 um drama historico intitulado *Henrique III e sua Côrte*. A apparição d'esse drama correspondeu a uma revolução litteraria, porque chegava exactamente no momento em que o romantismo triumphante na poesia arcava braço a braço com o classicismo, entrincheirado nas tradições da tragedia raciniana. A representação d'esta peça, coberta d'applausos pelos enthusiastas da nova escola, foi seguida d'outras, sendo o mais celebre o *Antony*, que em virtude de suas parecenças com a *Marion Delorme* de Victor Hugo, foi festejado como uma declaração de principios da escola romantica, e suscitou não menos vivas reclamações quanto á moralidade.

O repertorio de Dumas é um dos mais fecundos que se conhece na litteratura contemporanea; e muitas das suas composições dramaticas tiverão o merito occasional e grangearão calorosas adhesões motivadas por circumstancias especiaes. Hoje que a posteridade é chamada a pronunciar o seu veredicto sobe o merito de taes obras reconhece-lhes muitos defeitos e omissões, não podendo todavia deixar de confessar que no brilhante dramaturgo havia

robusto talento inventivo e muita arte na distribuição dos factos e caracteres dos personnagens.

Tempo houve em que Dumas empunhou o sceptro da litteratura dramatica em França, e não bastando para satisfazer as necessidades da sua febril imaginação os theatros existentes em Paris lembrou-se de fundar um especialmente consagrado á sua musa com o titulo de *Theatro Historico*, que foi extremamente concorrido, e onde ganhou fabulosas sommas. A revolução de 1848 a cuja causa poderosamente servira, não temendo a coima de ingrato para com a dynastia decahida, foi causa da completa ruina d'esse theatro.

As suas proverbiaes prodigalidades deveu a perda da colossal fortuna adquirida pela penna, vindo a terminar seus dias num estado visinho ao da indigencia.

Dumas filho (*Alexandre*): — Nascido em Paris em 1824 teve por progenitor o celebre poeta e romancista supramencionado. Fez seus estudos no collegio Goubeau e mais tarde no de Bourbon, onde cedo adquiriu brilhante reputação. Deixando os bancos escolares apresentou-se ao publico como auctor d'um volume de poesias intitulado *Peccados da Juventude*. Havendo acompanhado seu pai a Hespanha e a Africa publicou *As aventuras de quatro mulheres e um papagaio*, romance que attrahiu a attenção pela singularidade do titulo e phantasia da concepção.

Não tardou porem Dumas Filho a reconhecer que não era a imaginação o seu primeiro dote, e aspirando distinguir-se em novas sendas filiou-se na *escola realista*, e buscou o exito na verdade da observação e na exactidão das pinturas. Estudou de perto a sociedade do seu tempo, e sobretudo a sociedade equivoca, onde o vicio fastoso oculta por vezes bem cruciantes miserias. *A Dama das Camelias*, representada em 1852, serviu-lhe de ensaio e assegurou-lhe o primeiro triumpho. Desde então as mulheres perdidas tornarão-se heroinas de seus dramas e romances, esforçando-se por enternecer o publico, por sua mesquinha sorte, e angariar-lhe sympathias dos corações sensiveis. A rehabilitação da cortezã foi causa que não cessou de advogar n'uma serie de romances e n'uma sequencia de dramas, dentre os quaes se destacão pela belleza das formas os denominados *Diana de Lys*, ou *Dama das Perolas* e o *Mundo*

*Equivoco*. Na *Questão de dinheiro* e no *Filho Natural* poz o dedo sobre outra chaga da moderna sociedade, e estudou com profundeza uma das mais importantes lacunas da legislação franceza. Todas estas peças contendo veridicos quadros de costumes, fiel pintura dos caracteres, e sendo alem d'isso magistralmente interpretadas por uma habilissima companhia que nessa epocha representava no theatro do Gymnasio, dispertarão na platéa um enthusiasmo caloroso manifestado em mais de cem representações successivas, provocarão na imprensa inflammados debates, que, como soe acontecer, degenerarão logo n'um diluvio de elogios e recriminações. O drama *Amigo das Mulheres*, levado ao mesmo palco a 4 de março de 1864 exacerbando a bilis dos adversarios do auctor e levando-os a ruidosas e offensivas demonstrações contra suas tendencias cada vez mais subversivas da boa moral, deu azo para que o auctor se afastasse temporariamente da scena. Não foi porém longa essa ausencia; porquanto no *Supplicio de uma Mulher*, que escreveu de collaboração com E. de Girardin, e nas *Ideias da Sra. Aubray* proseguiu na predilecta these da rehabilitação da mulher decahida.

Ponsard *(Francisco)*:—Nascido em Vienna (departamento de Isère) no anno de 1814, e fallecido em Paris em 1867. Filho d'um advogado fez seus primeiros estudos nos collegios de sua patria sendo d'ahi mandado para Lyão, onde recebeu o complemento classico indispensavel a toda boa educação. Destinado ao fôro fez seu curso de direito em Paris com bastante distincção consagrando os curtos lazeres a traducção em verso do *Manfredo* de Byron, que deixou de publicar por falta d'edictor.

Regressando aos patrios lares entregou-se todo ás funcções da advocacia, e pareceu haver descurado o tracto das musas. Não lhe permittia porem sua indole semelhante abstenção; assim pois, constando-lhe que o talento de Rachel operara uma certa reacção contra o movimento romantico que cordialmente condemnava, escreveu um drama classico intitulado *Lucrecia*, que modestamente apresentado á eximia actriz, foi por ella menospresado. Mais tarde porem (a 22 de abril de 1843) recebeu enthusiasticas acclamações em scena sendo de mais a mais coroado pela academia.

Semelhante triumpho animou o poeta que em 1850 exhibiu no *Theatro francez* um grande drama historico sob o titulo de *Carlota Corday*. Este drama, dizia Sainte Beuve, inspirado pelos *Girondinos* de Lamartine, volvia pela tradição corneliana á verdade revolucionaria.

Mas não era só na tragedia e no drama que primava o talento de Ponsard, distincto nome obteve na comedia onde rivalisou com Scribe na exacta pintura dos caracteres da epocha A intitulada *Honra e dinheiro*, ao principio recusada pelo theatro francez, foi depois ahi representada com felicissimo exito, assim como outra denominada *a Bolsa*, dirigida contra o mercantilismo que ameaçava invadir tudo em França e assaltar o recesso das consciencias. *O Leão Namorado*, drama em cinco actos, cujo assumpto foi-lhe fornecido por um episodio do periodo revolucionario que serviu de transição do seculo XVIII ao XIX, teve benigna aceitação do publico, e attrahiu ao seu autor a distincção de commendador da Legião de Honra. Era porem uma das mais fracas das suas obras, e estava muito longe da inspiração patriotica que dictára *Carlota Corday*, sendo mais uma confirmação de que quasi nunca as melhores obras são as mais bem remuneradas.

Ponsard foi qualificado de *chefe da escola do bom senso*: cremos porem que ha exageração nesse titulo; bem como no de successor de Racine e Corneille, que seus admiradores quizerão lhe conferir. Temos para nós que é elle simplesmente um poeta consciencioso e independente, tendo sincera e ardente fé em si e na sua arte, concentrando a força do seu estro na honestidade e nobreza de caracter. Falta ás suas composições vida e movimento na concepção, e mais vigor no estylo.

Muitos outros dramaturgos se avantajarão na arena onde acabamos de contemplar alguns athletas e entre elles releva fazer expressa menção de Scribe, autor de mais de tresentas e cincoenta peças, cujos titulos tornarão-se populares, e que merecerão geraes applausos pela veracidade de suas situações e caracteristico. Augier, que tem escripto muitas e applaudidas comedias, obtendo a ultima *O Filho de Giboyer*, prodigioso successo devido em grande parte ás circumstancias. Sardou, que tornou-se notavel pela arte com que

sabe urdir as suas peças, algumas das quaes forão enthusiasticamente acolhidas; v. g. *os Nossos Intimos* e a *Familia Benoiton*, que levados ultimamente ao palco ceifarão-lhe basta seara de louros. Feuillet, tem composto varias comedias-proverbios, geralmente bem recebidas; sendo igualmente auctor d'um drama bem ideiado sob o nome de *Dalila*, a que o publico fez justo e favoravel acolhimento. Leão Gozlan, vantajosamente conhecido como romancista, escreveu tambem para o theatro, e muitas de suas peças, como sejão: — *a Mão Direita e a Mão Esquerda*, — *Uma Tempestade n'um Copo d'Agua*, — e *O Leão Empalhado*, revelão muito espirito e perfeito conhecimento dos recursos scenicos.

## ROMANCE

O sabio bispo d'Avranches, Huet, definia o romance — ficção d'uma aventura amorosa escripta com arte em prosa para instrucção e recreio dos leitores. — Parece-nos defectiva semelhante definição, maxime no sentido em que hoje o comprehendemos. Nascido da necessidade de distracção e do gosto que sentem todos os povos pelas fabulas elevou-se á categoria d'uma narração epica, guardadas as proporções entre a poesia e a prosa, entre a narração familiar e facil e a composição regular e seria, entre a vida burgueza e o ideial dos sentimentos heroicos. Conseguirão os romancistas pintar os costumes, os sentimentos e as paixões da sua epocha; e, quando dotados de superior talento, remontarão-se ao estudo dos caracteres e á expressão da verdade geral e universal. « Tudo pode ser comprehendido nesse genero, dizia Salvandy, que simultaneamente abrange o *Emilio* e a *Cyropedia*; *Gulliver* e *Tom-Jones*; *Corina* e o *Romance comico...*; as creações de Rabelais e a maravilha de Cervantes; pertence ao mesmo tempo á pastoral pelo *Paulo e Virginia* e á politica pelo *Belisario* e *Lascaris*; á historia pelo *Ivanhoé* e os *Puritanos da Escossia*; á epopéa pelo *Telemaco* e os *Martyres*. Vasto como a imaginação, vacillante como a sociedade, escapa o romance a qualquer definição e a qualquer estorvo. Penetra com Fontenelle no sanctuario das sciencias, e interroga a antiguidade, seguindo as pégadas de Barthélemy. Tendo por limites os de

pensamento reconhece o universo como dominio seu. Calculando sua marcha pelos progressos da civilisação, e enriquecido por tudo que a desenvolve, empobrecido por tudo que a altera, reflete a viva imagem d'essa rainha do mundo, é este seu verdadeiro titulo, sua unica gloria. »

No periodo da litteratura franceza, que ora estudamos, tem tido o romance singular importancia, e tornou-se a leitura dilecta de todas as classes: vemo-lo no bufete do sabio bem como no toucador da delicada dama. Desde 1830 que agita e revolve a seu bel prazer as delicadas questões, e os mais complicados problemas da humanidade. Constituiu-se uma potencia com que desde então deveu-se contar.

Seguindo a ordem das datas vejamos quaes os auctores que mais contribuirão para popularisar esse genero de litteratura, e que maior influencia tiverão em seu desenvolvimento, levando-o ao apogêo a que subitamente sublimou-se.

Stael-Holstein (*Anna Luisa Germana Necker* — baroneza de): — filha do celebre Necker, ministro de Luiz XVI. Nasceu em Paris em 1766 e falleceu nessa mesma cidade em 1817. Assistindo em verdes annos as doutas praticas de Buffon, Thomas, Marmontel, Chanfort, Grimm, Raynal e outros philosophos, que frequentavão a casa paterna, solidificou-se-lhe o entendimento de tal forma que aos quinze annos commentava o *Espirito das Leis*. Estreou-se na imprensa publicando uma serie de *Cartas sobre J. J. Rousseau*, em que a paixão encomiastica levava as lampas á critica. Em 1785 contrahiu matrimonio com o barão de Stael-Holstein, do qual teve de separar-se pela absoluta incompatibilidade de caracteres. Quando rebentou a revolução decidiu-se pelas novas ideias conservando todavia suas affeições monarchicas, e depois do 9 thermidor entrou na politica escrevendo as *Reflexões sobre a paz dirigidas ao Sr. Pitt e aos francezes*, e outras *Reflexões sobre a paz interna e externa*. A primeira d'estas brochuras mereceu a honra de ser citada por Fox no parlamento inglez, e ambas são notaveis pela energia e profundidade de pensamentos e eloquencia d'expressão. Sob o directorio foi ella a alma do circulo constitucional e contribuiu com sua influencia para que Talleyrand fosse nomeado ministro dos negocios estrangeiros.

Em 1796 publicou um livro com este titulo *Da influencia das paixões sobre a felicidade dos individuos e das nações*, onde as paixões são anlysadas com rara finura, mas sob a influencia da escola sensualista. Cinco annos depois deu ao publico *a Litteratura considerada em suas relações com as instituições sociaes*, obra notavel ainda que um tanto paradoxal.

A importancia politica da baroneza de Stael attrahiu a attenção suspeitosa do homem extraordinario que então dirigia os destinos da França, e a cujo alvedrio entendia deverem se curvar todas as vontades. Perseguida pela policia teve de refugiar-se em casa da senhora Recamier; e sendo descoberto este asylo viu-se forçada a deixar a patria e procurar na Allemanha mais seguro abrigo. Em Weimar estreitou suas relações litterarias com Goethe, Schiller e Wieland, e ahi publicou seu primeiro romance *Delphina*. A morte de seu pai chamou-a á Suissa, e para disfarçar a dor que a opprimia emprehendeu uma viagem á Italia. Essa viagem inspirou-lhe outro romance, (*Corina*), superior ao precedente na substancia e na forma. Sendo-lhe permittido o regresso á França apressou-se em gozar do indulto: mas suas relações politicas e a liberdade com que analysava os actos do governo acarretarão-lhe novo desterro, fixando d'esta vez residencia em Coppet na Suissa. D'ahi fez algumas digressões á Allemanha, e em 1810 deu á luz uma obra com este titulo, *D'Allemanha*, que passa ainda hoje pelo melhor estudo sobre a sua historia litteraria. Suscitarão os rancores de Napoleão as malignas allusões de que estava repleta a obra, e por isso forão sequestrados todos os exemplares que havião entrado em França; com grave prejuizo para a auctora que só em 1814 poude dar nova edicção. Desanimada de poder voltar ao seu modesto domicilio da rua du Bac, que preferia a todos os palacios estrangeiros, resolveu-se a peregrinar por varios paizes da Europa levando por toda a parte seu entranhado odio ao regimen imperial. A restauração dos Bourbons facilitou-lhe a realisação de seus mais ardentes anhelos, e o rei Luiz XVIII fez-lhe donativo de dous milhões de francos, a titulo de indemnisação pelas sommas devidas a seu pai. As *Considerações sobre a revolução franceza*, em tres volumes, que apparecerão um anno depois de sua morte forão a ultima obra, notando-se a

extrema indulgencia da illustre escriptora para com as doutrinas e até para com os erros d'essa revolução.

Tendo perfunctoriamente bosquejado a vida e escriptos da baroneza de Stael detenhamo-nos um pouco sobre os seus dous romances: *Delphina*, defeituoso sob o ponto de vista artistico, avantaja-se pela delicadeza de sentimentos moraes e suave eloquencia da elocução; *Corina*, original e tocante, partecipa da natureza do romance do poema, e do tratado philosophico. Poucos ha que o igualem na pintura dos caracteres, e na descripção pictoresca da natureza e da arte. É visivel que as reminiscencias de Italia guiavão a penna d'auctora no recesso em Coppett, e que no tão mimoso retrato da heroina deixou sua photographia. Pelo menos assim o entendeu Napoleão I, que, irritado pelos unanimes, e quiçá inesperados elogios feitos a este romance, escrevera do proprio punho uma virulenta critica estampada no *Monitor*.

Nesta anedocta, referida por Vilemain, reconhece-se todo o ascendente que já ia tomando o romance, e a colossal reputação de que gozava essa senhora, cujo genio equilibrava o do dominador da Europa.

Chateaubriand (*Francisco Renato*, —visconde de): —Nascido em S. Malo a 4 de setembro de 1768 de uma antiga e nobre familia bretã, passou sua infancia no paterno solar da Combourg, e fez seus primeiros estudos nos collegios de Dol, Rennes e Dinan. Destinado a marinha e depois ao estado ecclesiastico, decidiu-se pelo exercito, entrando como tenente para o regimento em Navarra, o que lhe deu azo de travar relações com a gente da côrte e com os primeiros litteratos da epoca, como André Chenier, Guinguené, Lebrun, La Harpe, etc. *O Amor do Campo* idyllio publicado no *Almanak das Musas de* 1790, foi a sua primeira producção confiada aos prélos. Desgostoso pela direcção que tomavam os negocios publicos abandonou a carreira militar, e em 1791 embarcou-se para a America no proposito de descobrir por terra uma passagem para a India, seguindo o rumo de N. O. Havendo-se demorado um anno nessa região, durante o qual visitou suas principaes cidades e admirou os esplendores da sua virgem natureza, volveu a França; e depois de curta estada em Paris foi juntar-se ao exercito

dos principes, estacionado em Coblentz. Ferido no cerco de Thionville refugiou-se em Jersey, onde residia um seu tio materno, donde passou-se para Londres. Nessa cidade sentio os amargores do exilio, sendo obrigado a dar lições, e a escrever para livreiros, que lhe retribuião com a habitual parcimonia. Roubando ao repouso as poucas horas que lhe sobravão compoz e publicou um *Ensaio historico, politico e moral sobre as revoluções antigas e modernas, consideradas em suas relações com a revolução franceza*. Escripto com azedume, extravagante na forma, impregnado de scepticismo e melancolia, e apenas notavel pelo brilhantismo do estylo, e vivacidade de imaginação, este livro em nada concorreu para a sua gloria e não seria capaz de tira-lo da obscuridade em que jazia.

Acontecimentos domesticos, como fossem a morte de sua mãi e de uma de suas irmãs, modificarão profundamente as ideias de Chateaubriand dando origem a obra que maior nomeada lhe grangeou: queremos fallar do *Genio do Christianismo* que começou a escrever em Londres com o primitivo titulo de *Bellezas poeticas e moraes da religião christã*.

Abrirão-lhe as portas da patria os successos de 18 brumario; e deparando em Fontanes um decidido protector foi incorporado á redacção do *Mercurio de França*, onde fez a primeira publicação do romance denominado *Atala, ou os amores de dois selvagens no deserto*, episodio destacado do *Genio do Christianismo* que veio a lume no anno seguinte (1802). O benigno acolhimento d'esta ultima obra em todas as cathegorias sociaes, mereceu-lhes as boas graças do primeiro consul que nomeou-o secretario da embaixada de Roma, e pouco depois encarregado dos negocios da Suissa. Aceitando taes empregos não abjurara as suas convicções politicas; por isso a execução do duque d'Enghien, despertando-lhe os sentimentos que sempre professara para com a dynastia dos Bourbons, foi causa de demittir-se do cargo de confiança para que fôra nomeado, rompendo toda a especie de relação e solidariedade com o novo governo da França.

Volvendo á vida privada dedicou-se com dobrado zelo ás letras, dando successivamente á estampa *Renato*, romance sentimental em que traçou o quadro de sua juventude tormentosa, e os *Martyres*,

outro romance historico e religioso, que aspirou a fóros d'epopéa em prosa. Dois annos mais tarde publicou o *Itenerario de Paris a Jerusalem*, que ainda é hoje considerado como uma das mais interessantes e veridicas obras que se hajão escripto sobre o Oriente.

Eleito em 1811 membro d'academia franceza, em substituição a Chenier, quiz em seu discurso de recepção alludir a certos factos da revolução; o que contrariando as vistas do imperador, não poude realisar-se a admissão. Em 1812 fixou sua residencia em Paris, e manteve-se n'attitude de surda opposição até que os acontecimentos de 1814 chamarão-no á arena politica, onde appareceu dando á estampa uma brochura intitulada *Bonaparte e os Bourbons*. Escripta n'uma linguagem odienta e levando a injustiça até as raias da calumnia, foi mui festejada essa brochura, a qual Luiz XVIII confessava ter-lhe valido tanto como um exercito. Nomeado embaixador da Suecia achava-se ainda em Paris quando voltou Napoleão da ilha d'Elba; e acompanhando o rei á Belgica foi feito ministro dos negocios do interior, e nessa qualidade redigiu o famoso *Relatorio ao rei sobre o estado da França*. Elevado ao pariato, depois dos cem dias, não tardou que seu demasiado zelo realista desagradasse ao ministerio de conciliação, presidido pelo duque de Richelieu. Um folheto que por esse tempo publicou com o titulo *Da Monarchia segundo a Carta*, no qual se atacavão algumas prerogativas reaes attrahiu-lhe o desar d'um sequestro, e a perda do titulo de ministro d'estado honorario, bem como da respectiva pensão. Lançado na opposição ultra-realista fundou com Lamennais e de Bonald o jornal denominado *O Conservador* que tinha por fito hostilisar o ministerio de Decazes. Com a queda d'este estadista e elevação de Villele, seu intimo amigo, recebeu as nomeações de embaixador em Berlim, e mais tarde em Londres. Achava-se em seu posto quando teve o mandato de representar a França no congresso de Verona, onde fez dicidir, a despeito da Inglaterra, a intervenção do seu paiz nos negocios da Hespanha. Regressando d'esse congresso assumiu a direcção dos negocios estrangeiros, tomando sobre si toda a responsabilidade da desastrada guerra de Hespanha, que tanto contribuiu para despopularisar o governo de Luiz XVIII. Apoiando, ou combatendo os ministerios, segundo os interesses

partidarios de que se fizera orgão, chegou Chateaubriand ao anno de 1828 no qual recebeu das mãos de Martignac a embaixada de Roma; ultimo cargo que exerceu durante o regimen da restauração. Na qualidade de membro da camara dos pares pronunciou um energico discurso contra o governo que a França escolhera em julho de 1830, e dando em seguida a sua dimissão recolheu-se á vida privada. Não soube porem resignar-se a ella; porquanto em 1832 vemo-lo comparecer perante o jury como indiciado nas mesquinhas e obscuras intrigas do partido legitimista. Absolvido, em attenção aos seus serviços e idade, foi novamente expor-se á vindicta da lei, dirigindo-se duas vezes a Praga para pleitear os pretendidos direitos da duqueza de Berry. O mallogro d'essa tentativa serviu-lhe de proficua lição: abrigou-se d'uma vez no lar domestico, consagrando seus lazeres á litteratura, de que sempre fôra esmerado cultor. Em 1838 publicou o *Congresso de Verona*, e em 1844 a *Vida de Rancé* sua ultima obra. Suas *Memorias*, começadas em 1811, e continuadas em diversas epochas tinhão chegado ao anno de 1833, sendo constante objecto de correcções e additamentos. Escrevera-as no intuito de publica-las posthumas, para que mais livres fossem seus juizos, e tencionava deixa-las em plena propriedade aos seus herdeiros. Necessidades porem financeiras compellirão-no a mudar em parte de plano; vendendo-as a uma sociedade de livreiros pela somma de 250,000 francos, e uma pensão vitalicia de 12,000. Recebeu em vida o custo do seu trabalho impondo só a obrigação de da-lo á luz depois de sua morte com o titulo de *Memorias d'Além-Tumulo*.

Garantiu-lhe esse contrato folgada subsistencia até o fim de seus dias que se escoarão tranquillos em Paris, soando-lhe a ultima hora no dia 4 de Julho de 1848. Fizerão-se-lhe esplendidos funeraes, e conforme seus ultimos desejos foi inhumado n'uma ilhota do porto de S. Mâlo no meio de immenso concurso da população bretã, admiradora do brilhante talento de seu illustre compatriota.

Chateaubriand foi um escriptor polygrapho; considerado porem como romancista é fóra de duvida que exerceu immensa influencia sobre os contemporaneos, e modificou profundamente esse genero de composição. *Atala*, destinada a representar a harmonia do chris-

tianismo com as paixões, recommenda-se pelo interesse do assumpto e merito do estylo, excitou um sentimento quasi universal de admiração. O christianismo, que se julgava morto, resuscitava glorioso, e despertava ao redor de si os mais vivos sentimentos d'alma. Essa mistura da magestade do deserto com a d'uma austera crença; essa acção tão simples e ao mesmo tempo tão apaixonada, essa linguagem pomposa e oriental, elevarão esse romance ao zenith d'um acontecimento, e fizerão-no traduzir em todas as linguas da Europa. *Renato* era um novo typo. Um mancebo devorado de paixão ardente e oculta, fatigado da vida, foge para as solidões do novo mundo e vai buscar a paz d'alma entre os selvagens. Era *Werther*, menos o suicidio, era *Byron*, menos seu indomavel e irreligioso orgulho. *Os Martyres* foram a applicação das theorias expendidas no *Genio do Christianismo*. Pretendeu o erudito escriptor collocar uma narração epica no mundo christão em face do paganismo e provar a superioridade do primeiro sobre o segundo. Quiz oppor a palavra do *Genesis* a da *Odysssea*, Jehovah á Jupiter. Nenhum poeta antigo, ou moderno excede a Chateaubriand nas descripções: reune duas qualidades precisas e quasi sempre separadas: a mais fiel exactidão e a mais brilhante imaginação. Ha nada de mais bello do que o quadro d'uma familia grega contraposta a uma christã? nada de mais caracterisco do que a pintura dos francos e da sua victoria sobre os gaulezes e romanos? de mais terrivel do que a tempestade do XVIII livro? de mais gracioso do que Cymodicéa? de mais apaixonado do que o episodio de Velleda? de mais pitoresco do que as descripções d'Athenas, Roma, Jerusalem? Seria uma epopéa em prosa, si as leis da poetica o não vedassem.

Contemplando o progressivo depreciamento d'uma das maiores glorias litteraria do nosso seculo somos tentados a achar razão no que diz Scherer, judicioso critico contemporaneo.

« Estou persuadido que a lei segundo a qual a reacção é igual a acção applica-se ao mundo moral tão bem como ao mundo physico: entretanto não sei como satisfactoriamente explicar a rapidez com que fere esta lei os nossos grandes nomes modernos, e aniquilla no dia seguinte ao da sua morte a gloria menos contestada.

Os auctores eminentes do seculo passado conservão-se na ordem que haviam chegado, á força de trabalho e de genio: não acontece hoje o mesmo. Ou porque as nossas admirações procedão do capricho e da phantasia, ou porque os escriptores destruão por obras prematuras a reputação adquirida por incontestavel talento; ou finalmente porque em nossos dias, em que os meios de communicação, e por consequencia a troca de pensamentos, adquiriu extraordinaria rapidez, e por isso mais moveis sejão as impressões, certo é que os homens a quem rendermos fervorosas hamenagens, e quiçá enthusiastico culto, são exactamente aquelles cujas estatuas mais depressa lançamos abaixo logo que sua morte nos isenta das attenções pessoaes que lhe votamos. Felizes aquelles cujo nome excita ainda algum rumor á beira do seu tumulo [1]. »

Na senda estreada pela baroneza de Stael e o visconde de Chateaubriand arrojarão-se esforçados paladinos, e desde o grave e systematico *Cinc-Mars* d'Alfredo de Vigny, até os futeis heroes de Dumas foi a historia revolvida em todos os sentidos e falseada, á pretexto de tornal-a mais pictoresca. Nessa profusão de livros, d'agradavel mas improficua leitura, como os *Tres Mosqueteiros* e o *Conde de Monte Christo* ostenta-se garbosa *Nossa Senhora de Paris* em que Victor Hugo combinou temerarias antitheses, os maiores contrasensos archeologicos, com as mais perigosas e seductoras doutrinas. Era porem ainda um ensaio d'outro mais gigantesco romance. Os *Miseraveis*, augurados e applaudidos como a melhor obra do engenho humano, ostentão a singular phantasia de resolver todos os problemas sociaes. Quiz o auctor reunir nesse romance, drama, pintura de costumes, historia contemporanea, theorias philosophicas, sociaes, economicas e administrativas, mas usou e abusou de tudo, deu estranho desenvolvimento á ideias repugnantes, fatigou o leitor com digressões sem termo, e com uma pretenciosa e incommoda erudição exhibidos n'um estylo alambicado e apocalyptico.

Eugenio sue foi auctor de varios romances maritimos, nomeadamente da *Salamandra*, e no *Judeu Errante*, discutiu com talento

[1] *Études Critiques sur la Littérature Contemporaine.*

algumas graves questões sociaes, e soube prender a attenção dos leitores pelo vivo colorido de seus quadros.

Frederico Soulié escreveu *os Dous Cadaveres, o Magnetisador, o Homem de Lettras, Memorias do Diabo* em que a imaginação corre desenfreada pelos dominios do chimerico e do monstruoso.

Balzac foi um dos mais fecundos e brilhantes romancistas comtemporaneos. Sua melhor obra e a que com maior cuidado compoz intitula-se *Comedia Humana*, dividida em tres partes: *Estudos de Costumes, Estudos Philosophicos* e *Estudos Analyticos*.

George Sand (*pseudonymo da senhora Dudevant*) é conhecida na historia da litteratura comtemporanea como uma das assiduas operarias da intelligencia. O theatro e o romance lhe tem merecido particulares attenções; e seu nome honra grande numero d'escriptos, que opulentão a bibliographia franceza. No numero dos romances por ella firmados distinguem-se: *Indiana, Valentina, Lelia, Speridião, Leone Lioni, Mauprat*, etc.

Finalisaremos esta resenha do romance contemporaneo em França citando o juizo que a tal respeito fazia Gustavo Planche: « Si pergunto a mim proprio qual é a physionomia geral do romance seria forçado a confessar que falta ás obras mais applaudidas dois generos de merito, cuja importancia não pode ser desconhecida: a analyse das paixões e o respeito da composição. Desenvolver apressadamente uma ideia, apenas entrevista, e que, incubada pela meditação, poderia aperfeiçoar-se, nunca será fazer uma obra d'arte. Os applausos e louvaminhas não podem mudar a natureza das cousas. Sem a analyse profunda das paixões, sem uma composição ordenada com previdencia, o romance, não é, para servir-me d'uma expressão vulgar, senão um *passa-tempo*. Sae do dominio litterario e toma assento entre os jogos de cartas e do *dominó* [1]. »

## ELOQUENCIA

A livre manifestação do pensamento, assegurada pela forma politica que adoptou a França em fins do seculo passado, deu larga

[1] *Études Littéraires.*

margem á eloquencia até então circumscripta ao pulpito e ás arengas forenses, conhecidas por *mercuriaes*. Obriga-nos a abundancia de materia e a brevidade do nosso plano a percorrer ligeiramente os tres estadios, em que ella mais se tem avantajado.

## ELOQUENCIA POLITICA

Deixando de parte os oradores do periodo revolucionario epilogguemos os que na senda constitucional maior nomeada conquistarão.

Benjamim Constant: — Nascido em Lausanna em 1767 e fallecido em 1830, foi um orador e publicista da escola ingleza. Infatigavel soldado da imprensa e da tribuna, armado d'uma espada de dois gumes, não desamparou por um instante a brecha durante o longo periodo de quinze annos. Quando não fallava escrevia, e apenas cessava d'escrever tomava a palavra. Seus artigos, cartas, brochuras e discursos, compõem mais de doze volumes. Ninguem melhor do que elle empregava a linguagem politica, por isso tambem podem ainda ser lidos com prazer seus discursos, apesar da diversidade dos tempos e dos costumes.

Manuel *(Jacome Antonio)*: — Nascido em Barcelonneta em 1775 e fallecido em 1827, fez sua apparição na tribuna parlamentar durante os cem dias e nas camaras da restauração ganhou renome d'eximio orador. Foi o mais notavel improvisador da opposição; seu estylo era verdadeiramente parlamentar, ás vezes um pouco diffuso sem deixar de ser claro, voltando atrás, repetindo-se como fazem todos os discorredores d'extrema facilidade. Foi homem de intrepidez calma, maneiras affaveis, costumes amenos, honestidade de principios a toda a prova e d'uma abnegação e modestia singulares.

Foy *(Maximilianno Sebastião*, conde de): — Mais conhecido pelo nome de *general Foy* nasceu em Ham em 1775 e falleceu em Paris em 1825. Foi um dos mais celebres oradores da camara dos deputados durante as duas legislaturas a que pertenceu. Sua eloquencia viva, calorosa e patriotica, tinha alguma cousa de franca e generosa que raramente se encontra nas parcialidades politicas. Valeu-lhe este dote immensa popularidade, que summamente presava, sem que todavia lhe sacrificasse os sentimentos de dignidade. Nunca

tomava parte nos debates antes de haver seriamente estudado o assumpto, e este excesso de trabalho abreviou-lhe a existencia quando attingira ao apogéo da gloria.

Royer Collard *(Pedro Paulo)*: — Nascido em 1763 e fallecido em 1845, foi o patriarcha dos realistas constitucionaes da restauração. No *Livro dos Oradores*, Carmenin, sob o pseudonymo de *Timon*, assim apreciava seu talento oratorio: « Tem Royer Collard estylo vasto e magnifico, toque firme, artificios de linguagem primorosamente trabalhados, expressões felizes que se gravão com facilidade na memoria e fazem a fortuna do orador. Ha virilidade em seus discursos, á guisa dos de Mirabeau, alguns movimentos oratorios tão depressa lançados como retirados, como si se receasse de sua vehemencia, alta razão nos assumptos religiosos e moraes, e constantemente methodico, amplo, dogmatico e severo. »

Guizot *(Francisco Pedro Guilherme)*: — Nascido em Nimes a 4 d'outubro de 1787, é um orador parlamentar da escola ingleza. Trata as questões politicas no ponto de vista sempre mais elevado, seguindo o methodo de seu mestre Royer Collard. Escolhe uma ideia, formula-a em axioma e em torno d'ella semêa seus raciocinios. Volta sem cessar ao ponto da partida, attrae e fixa sobre elle a attenção do ouvinte: seu discurso não é mais do que o desenvolvimento d'esse thema. Si é verdadeira a ideia principal, verdadeiro é todo o discurso; si falsa, falso o discurso. Seu gesto é simples e nobre, a dicção antes firme do que colorida, a aspereza de sua pessoa parece emanar d'um sentimento d'infallibilidade. Partecipa sua eloquencia da prolixidade dos professores e da sequidão escolastica dos theologos.

Thiers *(Luiz Adolpho)*: — Nascido em Marseille em 1797, adquiriu grande reputação como escriptor, e tambem como orador, desde que a revolução de 1830 lhe abriu as portas do parlamento. Segue um processo diametralmeute opposto ao de Guizot, não ora, conversa; mas de modo vivo, brilhante, ligeiro, voluvel, animado, semeando factos historicos, anedoctas, reflexões finissimas e tudo cita n'uma linguagem tersa e pictoresca.

Difficil é encontra-lo em falta: tão fecundo é no ataque como vivo na defeza, tão feliz na replica como na exposição. Verdade é que

nem sempre seus raciocinios se recommendão como modelos de logica e de coherencia. Seu discurso (de 3 de maio de 1866) á respeito da politica prussiana produziu pasmoso effeito sobre a camara dos deputados e attrahiu-lhe uma resposta do proprio imperador Napoleão III. A gravidade das circumstancias imprimirão aos seus ultimos discursos uma solemnidade com que não nos tinha habituado, e a sua energica opposição ás tendencias bellicosas da França estão assás justificadas pelo lastimoso exito da campanha de 1870-1871. Está na memoria de todos o brilhante papel desempenhado por Thiers n'assembléa de Bordéos, depois transferida para Versalhes, e os eminentes serviços que lhe valeram a escolha para primeiro presidente da terceira republica franceza.

## ELOQUENCIA DO FORO

Berryer (*Pedro Antonio*):—Nascido em Pariz em 1790 e fallecido em Augerville em 1868, foi o ornamento da tribuna judiciaria franceza por espaço de meio seculo. Sincero e convicto legitimista por seu bello talento á mercê de todas as causas que lhe pareceram justas; assim defendeu a Ney, e a Cambronne, ao principe Luiz Napoleão; e pleiteou em pról dos direitos da familia Patterson á herança do ex-rei Jeronymo Napoleão. Seus discursos em favor de Seguin, Castaing, e Dehors, são considerados modelos do genero.

Destinguiu-se a sua eloquencia pela elevação da ideia, nobreza de linguagem, e subita impetuosidade dos movimentos; tendo alem disto a fortuna de ser servido por um orgão sonoro e sympatico. « A natureza (diz *Timon*) tratou a Berryer como seu predilecto: deu-lhe uma estatura esvelta e expressiva que pinta e reflecte todas as emoções d'alma. Fascina com o olhar penetrante e gesto tão singularmente bello como suas palavras. É eloquente em toda a sua pessoa [1]. »

Favre (*Julio Claudio Gabriel*):—Nascido em Lyon em 1809 tem

[1] *Livre des Orateurs*, tom. I.

sido até hoje um dos mais firmes e eloquentes chefes do partido republicano. Sua reputação na tribuna parlamentar foi-lhe facilitada pela que já adquirira na forense onde desde 1834 appareceu com esplendor defendendo os operarios mutualistas accusados de fazerem parte de uma associação illicita. Ninguem ha da actual geração que deixasse d'ouvir fallar da brilhante parte que tomou no celebre processo do regicida Orsini, no qual arcou vantajosamente com o procurador imperial Chaix d'Est-Ange, afamado pela sua eloquencia e vigorosa logica juridica. Combinando os deveres de homem politico com os d'advogado Julio Favre tem pleiteado numerosas causas, tanto na capital como nas provincias; e depois da morte de Berryer é geralmente considerado como o primeiro orador forense que conta a França contemporanea. Aos subidos e raros dotes oratorios junta uma integridade de caracter que tornou-se proverbial, realisando na sua pessoa o ideal de Cicero: *vir bonus bene dicendi peritus*.

Crémieux (*Isaac Adolpho*):—Nascido em Nimes em 1796 de uma familia israelita revelou desde a juventude grande propensão para o fôro. Apenas formado tornou-se celebre accusando Trestaillon, chefe dos assassinos do meio dia, com perigo da propria existencia. Bem que conhecido por suas opiniões ultra-liberaes não duvidou defender perante a camara dos pares a Guernon-Ranville, um dos ministros de Carlos X. Extrenuo campeão da liberdade da imprensa ergueu eloquente voz em favor do *Nacional*, da *Gazeta de França* e do *Constitucional*. Em 1840 emprehendeu uma viagem ao Oriente afim de pugnar pelos direitos d'alguns co-religionarios seus, iujustamente accusados de haverem tomado parte nos crueis assassinatos dos christãos de Damasco. Como seu amigo e collega Julio Favre passa alternativamente da tribuna judiciaria para a politica, levando a ambas linguagem franca, abundante e robusta dialectica nas suas instantaneas e sempre felizes replicas.

Muitos outros oradores honrarão, ou ainda honrão, a tribuna judiciaria franceza, como sejão: *Odillon Barrot*, *Ledru Rollin*, *Chaix-d'-Est-Ange*, *Emilio-Ollivier*, *Rouher*, *Gambeta*, etc.

## ELOQUENCIA DO PULPITO

Frayssinous (*Dionysio de*):—Nascido em Curière no anno de 1765 e fallecido em 1842 foi o maior orador sagrado que contou a França no principio deste seculo. Depois de haver saudado Napoleão I como enviado de Deus e incumbido d'erguer os altares, viu igualmente na volta dos Bourbons a obra da Providencia e prestou a sua causa o poderoso auxilio da sua palavra. Brilhante elocução, logica engenhosa e opportunidade de circumstancias proporcionarão-lhe grande nomeada oratoria e certa influencia politica devida aos sermões que proferiu nas igrejas dos Carmelitas e de S. Sulpicio, sob o titulo de *Conferencias*.

Suas orações funebres do principe de Condé, do cardeal de Talleyrand, arcebispo de Paris, e de Luiz XVIII ainda não desmerecerão do conceito de que gozarão e podem ser consultadas com summo proveito.

Lacordaire (*Henrique Domingos de*):—Nascido em Recey-sur-Orse a 12 de maio de 1802 e fallecido n'abbadia de Soreze a 22 de novembro de 1861, excedeu a quant os compartilhavão com elle o ministerio do pulpito. Trilhando a senda aberta por Frayssenous deu aos seus sermões a fórma de *conferencias*, que parecia mais apropriada ao gosto da epocha; e as conhecidas sob a denominação de *Conferencias de Nossa Senhora* occupão distincto lugar na eloquencia sagrada. Montalembert, que de perto o conhecia, assim o julgava pouco, tempo depois de sua lamentavel morte.

« Esse orador, esse religioso, esse liberal, que foi entre nós o descendente e continuador de S. Domingos, de Bossuet e d'O'Connell, pertence a todas as grandes familias do pensamento humano. Pertence sobretudo a essa raça de homens raros e fortes, que, vinda dos confins dos dois seculos, apesar de mais d'um erro, e d'uma miseria remiu a França de seus crimes e humilhações; honrou, serviu, e exaltou o espirito francez; substituiu aos triumphos do espirito de usurpação e de conquista uma epocha de luzes, de liberdade, de vida publica e intellectual e de renasci-

mento catholico. Diante de nenhum dos grandes nomes que presidirão a esse dispertar politico e religioso póde empallidecer o de Lacordaire.

« Nascido com o seculo conheceu todas as suas dores e grandezas. Nascido democrata, e alimentado ideias republicanas, cedo comprimiu sem nunca extinguir, essa lava revolucionaria que, a espaços, fazia explosão em sua palavra, não mais para semear a ruina e o terror mas para illuminar a noite que o circumdava [1]. »

Ravignan (*Gustavo Xavier de Lacroix de*): — Illustre prégador jesuita, nasceu em Bayonna em 1795 e morreu em Vaugirard em 1858. Oriundo d'uma familia nobre d'Armagnac revelou elevados dotes como advogado e adquiriu em pouco tempo brilhante reputação d'orador forense. Chamava-o porem viva vocação para outra e bem diversa tribuna: assim que, deixando as seducções do mundo, entrou para a companhia de Jesus, quando contava vinte e sete annos d'idade. Destinado pelos seus superiores ao ministerio do pulpito prégou successivamente por espaço de dez annos, occupando o mesmo pulpito que servira a Lacordaire de « carro de triumpho; » e desde o primeiro dia subjugou um auditorio, composto da nata da população parisiense. O padre Ravignan era d'elevada estatura, nobre e agradavel physionomia; possuia voz sonora, primorosa elocução, naturalidade de gestos, e fallava com tal accento d'autoridade, tão profundo sentimento do dever, tão intima convicção da doutrina que prégava, que arrastava os espiritos, e dominava as consciencias.

Á estes grandes prégadores podem-se ainda addicionar outros que, em inferior escala, sustentão o brilho do pulpito francez: taes como Dupanloup, bispo d'Orleans, o padre Felix, cujas conferencias forão publicadas sob o titulo de *Progressos do Christianismo*, os padres Gratry, Jacintho, etc., etc.

[1] Le Père Lacordaire *par le comte de Montalembert* — Paris — 1862.

## HISTORIA

THIERRY (*Jácome Nicolao Agostinho*):—Nascido em Blois em 1795 e fallecido em 1856 elevou a sciencia historica a um ponto a que jámais chegára em França. Repudiando as tradições dos Millots e Anquetils restituiu aos acontecimentos sua verdadeira côr. Propôz-se, como elle proprio no-lo diz, a fazer uma narração completa, manuseando textos, collegindo esparsos documentos, recolhendo em seus menores indicios factos e caracteres, e formando de tudo um corpo, communicou-lhe vida pelo sopro da sciencia e d'arte. Sua *Historia da Conquista da Inglaterra pelos Normandos*, que tem sido muitas vezes reimpressa, offerece magestoso quadro da influencia das raças durante o desenvolvimento d'um longo periodo historico. As *Cartas sobre a Historia de França* e os *Dez Annos d'Estudos Historicos* derramão abundante luz sobre successos pouco conhecidos e por isso mal avaliados. *As Narrativas dos Tempos Merovingios* merecerão-lhe d'academia franceza o premio Gobert, destinado ao mais profundo e consciencioso trabalho historico. Á despeito dos seus progressivos soffrimentos physicos incumbiu-se d'editorar uma vasta collecção de documentos historicos, que fez apparecer em dois volumes precedidos d'uma erudita introducção com o titulo de *Ensaio sobre a historia da formação e progresso do terceiro Estado*.

GUIZOT, que já apreciamos como orador parlamentar, é igualmente um dos primeiros historiadores da epocha que estamos estudando. Depois de se haver preparado por trabalhos de subida importancia metteu hombros a um grande commettimento publicando successivamente a *Historia Geral da Civilisação na Europa* e a *Historia Geral da Civilisação em França*. Estas duas obras assegurarão-lhe conspicuo lugar na plana dos Thucydides e Tacitos, e revelarão no eminente escriptor um espirito philosophico que julga o passado com reflexão e serenidade, deduzindo da enumeração dos factos as theorias. Inspirando-se na lição de Gibbon, cujo monumental livro commentára em sua mocidade, sofrea os vôos da ima-

ginação, desdenha o ouropel rhetorico, trocando sem o pensar o pincel pelo buril.

THIERS começou a ser notado como historiador antes que a tribuna parlamentar lhe cingisse a fronte com os louros da oratoria. Sua *Historia da Revolução Franceza*, publicada de 1823 - 1827, excitou vivas sympathias do partido liberal, contribuindo ainda para sua popularidade os acontecimentos do mez de Julho de 1830. Com uma tiragem de 150,000 exemplares teve em pouco tempo quinze edições autorisadas, e poucos livros exercerão nos tempos modernos maior predominio. No meio dos hosannas com que foi recebido houve quem lhe exprobasse, e com justiça, alguns defeitos, como, por exemplo, uma especie de fatalismo historico, que reduz os personagens a puras machinas, e uma pronunciada parcialidade em prol de todos os vencedores; Mirabeau, Danton e Robespièrre merecerão-lhe louvores, ou vituperios, regulados pelo triumpho, ou derrota de seus principios; mas ninguem ainda contestou ao eloquente historiador o cabal conhecimento das questões de que tratou, a clareza admiravel, resultante da simplicidade do estylo. Estas mesmas qualidades, aperfeiçoadas pelo estudo e sasonadas pela experiencia, se descobrem n'outra notavel obra que serviu de continuação á primeira, referimo-nos a *Historia do Consulado e do Imperio* vinda á luz de 1845 - 1862. Meditada e escripta com moderação e liberdade d'espirito é menos dramatica do que a precedente levando-lhe ás lampas no sagacissimo estudo das circumstancias. Domina a scena, sem comtudo absorver os actores, a homerica figura de Napoleão I. O estylo, sempre claro e simples, resente-se algumas vezes de certa precipitação que frisa o improviso, releva porem não esquecer que nas obras de longo folego falta por vezes aos autores a paciencia correctiva dos Mabillons e Calmets.

O gosto dos estudos historicos manifestado pelo publico acoroçoou a apparição de varias obras de incontestavel merito, e crescido numero de litteratos consagrarão a este ramos suas laureadas pennas. BARANTE tornou-se notavel pela *Historia dos Duques de Bourgogne pertencentes a casa de Valois;* VAULABELLE escreveu a *Historia das duas Restaurações;* MICHELET a *Historia Romana* e a

*Historia da Revolução Franceza* : Amadeu Thierry a *Historia dos Gaulezes* e a *Historia da França sob o dominio romano:* Mignet um *Resumo* (mui apreciado) *da Restauração Franceza;* alem de diversas monographias assás conceituadas.

## CRITICA LITTERARIA

Esta especialidade, timidamente ensaiada por Voltaire e La Harpe, recebeu neste seculo grande aperfeiçoamento, e constituiu-se um poder com que desd'então tiverão de contar os escriptores. Passemos em resenha os seus principaes vultos.

Villemain (*Abel Francisco*):—Nasceu em Paris a 11 de Junho de 1790 e falleceu em Castres a 30 de Março de 1867. Foi uma das glorias do magisterio francez, fez parte d'essa celebre triade que tantou illustrou a Sorbonna [1]. Uma serie de trabalhos historicos e litterarios predispozerão-no para obra que lhe devera servir de maior titulo de gloria, e onde firmou sua brilhante reputação: queremos fallar do *Curso de Literatura Franceza;* precioso archivo de suas eruditas lições recitadas na Sorbonna no anno lectivo de 1828-1829.

Era a primeira vez que se via a critica erigir seu tribunal no silencio das paixões, interrogar testemunhas, compulsar documentos, e proferir veredictos com a calma do juiz e o discernimento do sabio. Depois d'um erudito preludio sobre a litteratura da idade media passou em revista os mais celebres escriptores do ultimo seculo; e, si uma, ou outra vez, equivocou-se em suas apreciações, jamais deixou-se seduzir por ocas theorias, nem abrazar-se pelo fogo de falso enthusiasmo.

Planche (*Gustavo*).—Nascido em Paris em 1808 e fallecido nessa mesma cidade em 1857, foi o mais severo critico que contou a litteratura franceza contemporanea. Ensaiando sua penna na composição de varios estudos esthetico, nos quaes encarou a arte sob

[1] Os dois outros erão Cousin e Guizot.

ponto de vista inteiramente desconhecido, remontou-se á analyse das questões litterarias, e fez passar pelo crysol de sua atiladissima critica as obras litterarias que de maior conceito gozavão em seu tempo.

Caracter rispido, vasado no molde estoico, *dizia a verdade sem rebuço*, mas aquelles proprios cuja vaidade se via offendida pelo estylete do critico, reconhecião mais tarde a exactidão de suas censuras, dictadas sempre pela imparcialidade e por um profundo conhecimento dos homens e das coisas. Seus *Estudos e Retratos Litterarios* são de incalculavel proveito aos que desejão iniciar-se nos segredos da composição e d'analyse.

Sainte-Beuve (*Carlos Agostinho*) : — Nascido em Boulogne-sur-mer em 1804 e fallecido em 1869 fez-se celebre como critico inserindo no *Constitucional* uma serie d'artigos d'analyse litteraria sob o titulo de *Practicas do Segunda-Feira* (Causeries du Lundi). O caracterisco d'este escriptor consiste na maneira tão habil, como interessante, com que sóe misturar a biographia anedoctica com a critica, e principalmente no processo de dissecção por elle inventado e practicado com pasmosa delicadeza. Seu estylo picante torna-se por vezes amaneirado, talvez pelo desejo de imitar os escriptores do XVI seculo a quem amiudo conversava.

Pela vereda d'esses grandes criticos trilharão, ou continuão a trilhar, bellas intelligencias e esperançosos talentos com os quaes espera a França opulentar seus fastos litterarios.

# LIVRO SEXTO

## LITTERATURA INGLEZA

Fallava-se na Gran-Bretanha, assim como nas Gallias, a lingua celtica, quando J. Cesar, cerca de cincoenta annos antes da era christã, levou suas armas victoriosas a esses paizes. Nunca porem foi completa a submissão dos bretões, porquanto entre as duas raças, a do norte e a do sul, existia profundo e radical antagonismo. Não podia convir o caracter unitario da organisação romana a um povo dividido em pequenos bandos; por isso tão mirrado fructo colherão os bretões de seu momentaneo contacto com a civilisação romana.

Chamados os saxonios em auxilio dos bretões para ajuda-los a repellir a invasão caledonia fixarão-se no paiz, onde encontrarão cabal adhesão, e caldearão seu sangue com os naturaes que lhes adoptarão usos e instituições, e o que mais admira a propria lingua, ligeiramente modificada.

Os anglos, que havião acompanhado os saxonios em sua expedição, tambem se domiciliarão no solo da Gran-Bretanha, e com elles entrou o elemento germanico na lingua primitivamente celtica.

Nem a conquista dinamarqueza, realisada no VIII seculo, alterou sensivelmente a linguagem: visto como grandes analogias se davão entre os dois idiomas, garfos de primitivo tronco. A communhão de lingua prova-se pela circumstancia caracteristica de serem os editos dos reis dinamarquezes escriptos em puro saxonio.

Pelas rapidas considerações que acabamos de fazer intuitivo é que a lingua e a litteratura inglezas são de procedencia germanica; seu estudo porem se torna d'absoluta necessidade, ainda para os

povos da raça latina, attento o maravilhoso progresso do seu commercio e industria, pelo qual divulgou-se essa lingua por todos os portos do globo habitado, e os nomes dos seus grandes escriptores chegarão ao conhecimento de todos

Depois de termos indagado das origens d'essa litteratura dividi-la-hemos em quatro periodos, na ordem seguinte: 1° (*normando*) desde a conquista d'esse povo até o fim do seculo XV; 2.° (*renascimento*) comprehendendo os seculos XII e XIII; 3.° (*classico*) abrangendo o seculo XVIII; 4° (*romantico*) referindo-se aos tempos contemporaneos.

## ORIGENS

Nenhuns monumentos nos restão da lingua que fallavão os primitivos habitadores de Inglaterra: os druidas, ou sacerdotes, que sós nessa epocha cultivavão as letras, não podião, segundo as prescripções do seu instituto, confiar a escripta os successos occorridos, ou os cantos que havião composto; assim pois, entregando tudo á memoria, tudo com elles pereceu. Para termos um vislumbre d'essa epocha força é recorrermos as analogias subsistentes entre esses druidas e os que se conservarão n'Armorica até o XIII seculo, e suspeitamos que suas poesias deverão consistir em canticos guerreiros, ou genealogicos, tradições patrioticas, ou domesticas, cantadas ao som da harpa.

Succedeu o christianismo a religião dos druidas, que fazendo sua entrada em Inglaterra, produziu ahi, como em toda a parte, uma litteratura formada de tratados theologicos, sermões e chronicas. Nada porem de notavel apresentou essa litteratura, nada que lhe desse particular physionomia na grande litteratura ecclesiastica da idade media. Apenas se póde citar entre os escriptores d'essa era um certo Gildas, auctor da primeira historia de Inglaterra. Nennio, outro chronista sobre cuja vida nada se sabe ao certo; e São Columbano, monge irlandez, que cedo deixou o patrio torrão para alguns levar o archote da fé. Attribue-se-lhe uma regra da vida monastica (*Codex Regularum*) que participou da gloria da de S. Bento entre

monges do Occidente. Todas essas obras erão escriptas em lingua latina, a unica em que se podia tratar de assumptos elevados.

Como specimens anglo-saxonios cita-se a ode sobre a victoria d'Athelstan, conservada por Hickey no seu *Thesouro* e vertida por Warton em inglez moderno. Occupa segundo lugar o *Poema da Creação* de Coedmon, em cujos versos não existem nem a quantidade das linguas antigas, nem a rima da moderna verificação; differençando-se da prosa pelo processo denominado — *alliteração*.

Cento e cincoenta annos depois da conquista anglo-saxonia, a introducção do christianismo e o começo da pacificação da sociedade, assentada sobre novas bases, fizerão germinar uma especie de litteratura, e viu-se então apparecer Beda, o Veneravel, auctor de varias obras, e entre ellas uma *Historia Ecclesiastica dos anglo-saxonios*. Vierão mais tarde Alucuino, João Erigenes, e alguns outros commentadores e traductores, que buscavão extractar da grande encyclopedia greco-latina aquillo que podesse mais convir aos homens de seu tempo. Não tardou porem que as guerras provenientes da invasão dinamarqueza fizessem definhar essa humilde planta, que talvez por si propria se esterilisasse no solo sáfaro da barbaria.

## PRIMEIRO PERIODO (Seculo XI-XV)

Neste periodo durante o qual formou-se e constituiu-se a lingua ingleza poucas obras apparecerão dignas de menção, apenas se descobrem algumas balladas, longas chronicas postas em verso, á guisa das dos francezes, e diffusos tratados de moral que já fazem presentir as calorosas discussões que precederão a reforma.

Profunda modificação operou no idioma nacional a conquista de Guilherme; a introducção do dialecto franco-normando foi ao principio prejudicial ao anglo-saxonio, que começava a pulir-se, e adquirir certa consistencia. Teve este ultimo dialecto a sorte dos vencidos, o desprezo e o esquecimento: não se escreveu mais senão em francez e latim, na lingua dos vencedores ou na da igreja.

Em latim forão compostas as chronicas de Dudon, de Guilherme de Jumièges, d'Ordonico Vital e de Ingulpho, secretario de Guilherme, que escreveu a *Historia d'Abbadia de Croyland*.

Semelhante a uma tempestade destruiu a invasão normanda tudo em sua passagem, deixando porem no solo um limo fecundante. Na comittiva dos cavalleiros tinhão vindo os *troveiros* (trouvères) e com elles os *fabulaes* (fabliaux) e os romances de cavallaria; por isso è que os autores d'esse periodo são tão francezes, como inglezes. Forão elles o *menestrel* Taillefer, que na batalha de Hastings precipitou-se sobre os esquadrões saxonios entoando a canção de Rolando: Berdic, que por premio de seus versos recebeu tres feudos no condado de Glocester; e Philippe de Than, auctor do poema *o Bestiario* e do *Liber de creaturis*.

Roberto Wace, natural de Jersey, foi auctor d'um romance, (*Brut de Inglaterra*) cujo protogonista é um pretendido neto d'Eneas, que, após longas peregrinações, fôra se estabelecer em Inglaterra. Faz-se ahi menção da *Tavola Redonda* e do magico Merlim, tão afamado nas lendas da idade media. O assumpto d'esse romance foi extrahido d'uma chronica do monge Godofredo de Monmouth, que ideara uma chronologia de reis phantasticos desde esse Brut até Cadwallader, que pretende-se ter existido cerca de 689 annos antes de Christo.

O mesmo Monmouth, já elevado a categoria de bispo de S. Asaph, escrevera um poema tomando por principal these a esse mesmo Merlin.

Attribue-se ao supra-mencionado Wace o *Romance de Rou*, em versos alexandrinos, e uma *Chronica ascendente dos duques de Normandia*.

Entre os cultores d'essa litteratura amphibia podem-se citar Maria de França, descente de Carlos Magno, e cuja vida escoou-se na côrte de Inglaterra. Fez-se conhecida pelos seus saláos (LAYS) e pela traducção das fabulas d'Esopo. Ricardo cognominado *Coração de Leão*, poeta-guerreiro dedilhou á harpa dos trovadores e cantou a gaia sciencia (*gay savoir*) na lingua d'*oc*. Sansão de Nantenil traduziu os *Proverbios de Salomão*. Godofredo de Gaimar, tornou-se conhecido por uma *Historia* (em verso) *dos reis inglezes*

até *Guilherme, o Ruivo*; Bento de S. Mauro, auctor da *Historia das Guerras de Troya*; e Guernes, escreveu (em verso) a *Vida de Thomaz Becket*.

Pertencião quasi todos esses poetas a classe *dos menestreis* que andavão pelas côrte e castellos recitando versos, ou de propria lavra, ou extrahidos dos romances mais em voga.

Da leitura de todas essas obras deprehende-se claramente que o saxonio, humilhado, e opprimido pelos conquistadores, nem por isso deixava de guardar autonomia, refugiando-se nos mosteiros e occultando-se nas camadas infimas da população, quando expulso da corte, ou dos castellos.

Caracterisando o final d'esse periodo da historia ingleza serve-se H. Taine d'estas energicas expressões:

« Que espectaculo nos offerece o XV seculo? Julgar-se-ha que com a liberdade d'acção vai apparecer a do espirito? que as communas vão pensar e fallar; e que, sob a litteratura official, imitada da de França, nova litteratura vai mostrar-se; e que a Inglaterra, a verdadeira Inglaterra, vai emfim recuperar sua voz?

« Nada d'isso — O rei e os pares allião-se a igreja estabelecem terriveis estatutos, destroem os livros, queimão vivos os hereges, muitas vezes com requintes de malvadeza. Obscuramente, em silencio, em quanto se dilacerão os nobres nessa tremenda guerra das *Duas Rosas* continuão as communas a se desligarem da dependencia official, a delatarem sua franquezas e accumularem grandes cabedaes.

« Nenhuma obra poetica, ou religiosa, vem a lume. Ha quem cante, mas as canções ignoradas, ou transformadas, chegão-nos quasi desconheciveis. Facil é de ver pelo assumpto d'esses cantos que serião seus actores capazes da mais subida inspirações, mas a harpa cahira em mãos dos jograes, e a poesia se rebaixára. Vê-se pela precocidade e energia de suas reclamações religiosas que serião capazes de crenças mais apaixonadas, ou mais severas, porem sua fé estava entregue a obscuras sectarios. Assim pois nem a poesia, nem a religião podião attingir a seu alvo. O renascimento e a reforma, duas manifestações nacionaes, estão ainda bem longe,

e a litteratura da epocha bem como a sociedade de que é espelho deverá guardar por muito tempo o cunho de sua origem franceza e dos seus modelos peregrinos [1]. »

O maior poeta porem que honrou a litteratura ingleza no seculo XIV foi *Godofredo Chaucer*, nascido em Londres em 1328 e fallecido em 1400. Foi appellidado *pai da poesia ingleza*, e a sua apparição assemelha-se a de uma bella manhã da primavera que dissipa os densos nevoeiros do inverno. Em sua juventude servira a Eduardo III na qualidade de pagem, e mais tarde desempenhou diversas e importantes missões diplomaticas que lhe permittirão entrar em ralação com os mais celebres escriptores da epocha, principalmente italianos. Perseguido por Ricardo II, por haver abraçado as opiniões de Wiclef, viu-se constrangido a exilar-se, regressando á patria quando seu bemfeitor, o duque de Lancaster, subiu ao throno com o nome de Henrique IV. Seu consorcio com Catharina Swynford, parenta d'esse monarcha, alliou-o á familia real, e grangeou-lhe elevada posição.

Chaucer imitou em suas primeiras obras a forma allegorica do *Romance da Rosa*, e depois de suas viagens á Italia inspirou-se nos poetas d'esse paiz com especialidade em Bocacio. Seus contos de Cantorbery (*Canterbury Tales*) feliz imitação do *Decaméron*, contem quadros de costumes contemporaneos vigorosamente traçados. Possuia singular talento de observação, viva e ridente imaginação, que fazem com que suas poesias, apesar d'obsoletas, sejão hoje em dia lidas com interesse. Foi tambem auctor de algumas obras em prosa, nomeadamente do *Testamento do Amor*, tratado dos bens e males da vida, imitado de Bocacio, no qual buscou justificar-se de certas imputações de improbidade politica.

Depois de Chaucer cita-se o nome de seu contemporaneo e amigo Gower, nascido em 1320 e fallecido em 1402, que gozou da privança do duque de Glocester. Adquiriu reputação de polyglota pela facilidade com que escrevia nas tres linguas latina, franceza e ingleza. Suas primeiras producções forão balladas francezas, e em

[1] *Histoire de la Littérature Anglaise.* t. I.

idade mais provecta compoz tres poemas: o *Espelho do Pensador* em versos francezes, a *Voz do Clamante*, collecção de sete livros d'elegias latinas, e uma historia rimada da revolta dos communs no tempo de Ricardo II. Os poemas supra citados nunca forão dados á estampa e ainda se conservão manuscriptos, havendo escapado á triste sorte de outro que escrevera sob os auspicios de Ricardo II com o titulo de *Confissão do Amante*. O assumpto parecendo escabroso foi por elle tratado com summa decencia, merecendo que Chaucer o qualificasse de *moralissimo Gower*. Este poema, como a mór parte dos compostos nessa epocha, assemelha-se a uma vasta encyclopedia em que estão confusamente depositados todos os conhecimentos até então adquiridos.

Entre os prosadores releva mencionar *Caxton* (Guilherme) nascido em 1410 no condado de Kent e fallecido em 1491. Sua maior celebridade provêm de haver introduzido a imprensa em Inglaterra. A instancias de Margarida de Yorck traduziu para a lingua vernacula a *Collecção das Historias de Troya*, compostas em francez por Raúl de Lefebvre, capellão do duque de Borgonha. Na typographia, que primeiro estabeleceu em Westminster, fez imprimir uma obra de lavra propria com o titulo de *Jogo do Xadrez Moralisado* pouco depois seguido de varias outras obras, especificadamente a *Legenda Aurea*.

Fortescue. Nascido em Wear-Gifford no começo do seculo XV abraçou durante a guerra das *Duas Rosas* o partido da casa de Lancaster, e em premio da sua dedicação foi nomeado por Henrique VI, chanceller-mór do reino. Escreveu muitos tratados em latim dos quaes um (*De laudibus legum Angliæ*) é ainda com louvor citado. Na sua obra (escripta em inglez) com o titulo *Differença de uma monarchia absoluta e uma monarchia limitada* estabelece principios politicos notaveis pelo seu liberalismo mostrando-se todavia demasiado parcial no parallelo entre as instituições inglezas e as francezas, pondo todas as vantagens do lado de seus compatriotas.

Podemos ainda citar entre os historiadores, ou antes chronistas, d'este periodo a um certo Roberto Fabian, que compoz uma obra

denominada *Concordancias Historicas*, indigesta collecção de patranhas e ninharias, como v. g. a narração das festividades celebradas por occasião de collocar-se um novo gallo na torre de S. Paulo, reinando Henrique V. A obra de Hall, *Relação das duas casas de Yorck e Lancaster*, é muito superior á antecedente, e fornece á historia muito mais succulentos subsidios.

## SEGUNDO PERIODO

### PRIMEIRA EPOCHA (SECULO XVI)

Transplantado para climas e raças diversas recebe o paganismo de cada uma dellas o cunho caracteristico: e torna-se inglez na Inglaterra: porque o renascimento inglez é o do genio saxonio. Recomeça então a invenção, e a manifestação d'esse genio; ora, assim como uma raça latina não póde inventar senão exprimindo ideias latinas, uma raça saxonia não póde proceder senão de um modo analogo.

Nesse espirito que imita, as vezes de modo tão imperfeito, que tactêa, deixando penetrar nas estancias polidas e elegantes locuções archaicas, allegorias usadas pelos bardos e trovadores, descobre-se a melancolia do Norte, e a sua intima e dolorosa emoção.

É elle que no periodo da eflorescencia, no auge da expansão natural, espargira uma côr melancolica sobre as poesias de Sidney, Spenser, Shakspeare, e que desde o primeiro até o ultimo poeta separa esse mundo pagão e germanico desse outro mundo voluptuoso que na Italia se ostenta pelo triumpho das artes e do finissimo gosto.

Traduzem os escriptores inglezes não só os primores da litteratura grega e latina, como ainda os dos italianos e francezes. Derrama-se por todas as classes da sociedade a leitura da Biblia vertida em vulgar; contribuindo grandemente para o desenvolvimento litterario. O concurso que para esse mesmo desenvolvimento prestarão alguns monarchas foi-lhe summamente vantajoso, e como d'entre todos se distinguisse Isabel, mereceu que seu nome fosse associado ao do seculo.

Começando pelos poetas vejamos quaes foram os que melhor interpretarão e recomeçarão o renascimento litterario em Inglaterra.

## POESIA LYRICA

SPENCER (*Edmundo*): — Nascido em Londres em 1550 e fallecido em 1599. Fez se conhecer, sendo ainda estudante, pela traducção d'alguns sonetos de Petrarcha. Mais tarde, quando já mestre em artes pela universidade de Cambridge, publicou um poema bucolico com o titulo de *Calendario do Pastor*. Seus talentos e habilitações litterarias valeram-lhe a protecção de lord Grey, que o tomou para secretario, quando vice-rei de Irlanda, e alcançou-lhe a concessão d'umas terras no condado de Cork, onde viveu tranquillo e feliz por alguns annos, e onde consta escrevera o seu poema intitulado *A Rainha das Fadas*, dedicado a Isabel, que lh'o remunerou com uma pensão. De volta a Irlanda foi victima da revolta de Tyrone na qual perdeu sua propriedade, devorada pelas chammas, vendo-se obrigado a fugir para Londres com sua mulher e dois filhos. Taes revezes lhe abalarão a saúde e levarão-no ao tumulo.

*O Calendario do Pastor*, escripto em versos de differentes metros, figura uma pastoral para cada mez do anno: fiel porém ao gosto da epocha dêixa larga margem a polemica religiosa; seus pastores são os parochos, e suas ovelhas os fieis. Não se lhe póde, porém recusar o merito de prestar aos seus personagens linguagem simples, vulgar, e até algumas vezes rude, ao invez de Tasso com sua *Aminta*.

*A Rainha das Fadas* é um romance em verso. O protagonista, principe Arthur, vê em sonhos a rainha das Fadas e de tal modo apaixona-se por ella, que, dispertando toma a resolução de procura-la no paiz das Fadas; d'onde resulta uma serie d'aventuras que põe em relevo o caracter moral dos cavalleiros; porque para o poeta a cavallaria é uma coisa santa, e o poema foi escripto no proposito de realçar sua instituição. Divide-se a obra em doze livros, dos quaes apenas nos restão seis, crendo uns que se perdera o restante por descuido d'um criado; pensando outros, talvez com melhor fundamento, que o auctor não terminára a obra. Cada livro é consagrado ás aventuras d'um cavalleiro, personificação d'uma virtude;

assim, por exemplo, no primeiro livro o cavalleiro Bedeross representa a sanctidade; no segundo, sir Guyon a temperança; no terceiro Britomantes a cavallaria, a castidade, etc. Todos os demais personagens são allegoricos, a rainha Gloriana e a caçadora Belphœbe figurão Isabel. Recommendão a esta obra sua originalidade e a opulencia de imaginação que só acha rival no *Orlando* d'Ariosto.

Sidney *(Philippe)*: — Nascido em 1554 e fallecido em 1586, precedido de brilhante e precoce reputação, percorreu a Europa, assistiu a matança de S. Bartholomeu, visitou a Tasso em Padua, e regressando a seu paiz grangeou o valimento da rainha Isabel, que mandou-o por embaixador a Carlos V quando contava apenas vinte e dois annos de idade. Arredado da côrte em consequencia d'uma desintelligencia com o duque d'Oxford, utilisou-se do seu retiro para compor uma pastoral imitada da de Sannazaro servindo-se até do mesmo titulo (*Arcadia*). Enviado ao parlamento pelo condado de Kent, achou ainda tempo para escrever uma *Defesa da Poesia*, muito apreciada pelos contemporaneos. Novos desgostos sugirirão-lhe a ideia d'embarcar-se para a America em companhia de Drake, o que esteve a ponto de realisar, quando impediu-lhe a terminante prohibição de Isabel, que não queria, diz Candem, privar-se da mais bella joia de seu reino. Com a mesma razão, ou antes pretexto, justificou ella a recusa de seu beneplacito para que Sidney acceitasse a corôa da Polonia, que lhe era offerecida. Este brilhante cavalheiro encontrou a morte em Flandres, em consequencia do grave ferimento recebido na batalha de Zutphen.

A reputação de Sidney foi tão grande, que seus contemporaneos collocarão-no a par de Spencer e Shakspeare, juiso que a posteridade deixou de confirmar. Todavia seus sonetos e canções, conhecidas pelo titulo de *Astrophel* e *Stella* merecem honrosa e particular menção.

## POESIA DESCRITIVA

Drayton (*Miguel*): — Nascido no condado de Warwick em 1563 e fallecido em 1631, foi o introductor da poesia descriptiva fazendo d'ella assumpto d'um poema com o titulo de *Polyalbion*, ou descripção topographica da Inglaterra. Nesse poema revelou uma

sciencia admiravel para a epocha; abrangeu historia, geographia e antiguidades, sobre-douradas por um estylo elegante e uniforme. Si lhe faltão os raptos de imaginação e as inspirações do genio, supprem-lhes a graça e delicadeza dos quadros. Deve-se tambem a este auctor algumas *pastoraes* e uma chronica rimada appellidada *Mortemyriados*, ou *Guerra dos Barões*, que comprehende desde os ultimos annos d'Eduardo II até a execução de Mortimer, sob Eduardo III.

Fletcher (*Phinéas*): — Seguio os passos do precedente poeta e na sua *Ilha Purpurea* ou *Ilha do Homem*, e cultivou com proveito a poesia descriptiva. Não passa esse poema d'uma elegante e scientifica descripção do corpo e do espirito humano em forma allegorica; assim a intelligencia é a rainha da ilha, que tem oito conselheiros correspondentes ás principaes faculdades, como imaginação, memoria, attenção, etc. Reina em toda esta obra uma doçura e amenidade que encantão.

## POESIA DRAMATICA

Na Inglaterra, como em todos os paizes da Europa, procedeu o theatro da religião; seus primeiros themas forneceu-os a historia sagrada. Os principaes successos do Antigo e Novo Testamento ministrarão assumpto para os *Mysterios* em França, e os *Milagres* em Inglaterra; o clero que mais tarde devera hostilisar o genio dramatico, quando extraviado, applaudiu-o em seus começos e tomou activa parte na representação das peças, reservando-se sempre a suprema inspecção.

A primeira peça de que se tenha conhecimento, foi o *Milagre de Sancta Catharina*, representado em Dunstable em 1119, referindo-nos o veridico chronista Matheus Paris, que as capas de que se revestião os actores vierão da visinha abbadia de S. Albano. De 1200 a 1500 derramou-se o gosto das represntações dramaticas pelas grandes cidades de Inglaterra e Escossia. A partir porem do reinado de Henrique VI começou-se a introduzir nos *Milagres* certos personagens representantes das ideias abstractas, chegando mesmo a compor-se peças nesse genero que forão denominadas *Moralidades*. Ainda mais populares do que os *Milagres* não erão mais do que

satyras burlescas dos costumes da epocha, ou grosseiros ataques contra a religião. Personagem constante de todas essas burlas era o *Diabo*, sempre enganado por um dos seus servos — o *Vicio* — com grande satisfação e calorosos applausos dos assistentes. Essas — *Moralidades* — aproximando-se cada vez mais da comedia acabarão por confundir-se com ella; sendo a primeira, digna d'esse nome, que subiu ao palco com o titulo de *Ralph Royster Doyster*, escripta por Udall, no reinado de Henrique VIII (1550). A primeira tragedia foi a *Gordobue* ou *Ferrex e Porrex*, escripta em 1562 por Sakville e Morton. Bastante regular e imitada do theatro grego, foi representada diante de Isabel, que mostrou-se summamente satisfeita do assumpto, extrahido da historia ingleza. Essa rainha deu grande impulso á poesia dramatica; por isso que em Inglaterra a reforma não foi adversa ao theatro como n'Allemanha, a côrte e o povo erão demasiadamente amigos dos espectaculos, embora grosseiros, e forçoso foi pactuar com o gosto publico. A propria austeridade dos puritanos que, condemnavão todos os generos litterarios, maxime o dramatico, foi motivo para que maiores animações lhe desse a côrte; assim, de 1568 a 1680 contão-se nada menos de 55 peças representadas na côrte sob a direcção do mestre das festas, (*master of the revely*). Em 1574 uma companhia, patrocinada pelo conde de Leicester, obteve o privilegio especial de dar representações dramaticas em toda a Inglaterra. Carlos Marlowe, que morreu mancebo, foi o mais celebre dramaturgo d'essa primeira epocha de tentativas e ensaios, e as oito peças que lhe somos devedores revelão um talento de grande esphera, frustrado quando apenas desabrochava. O verdadeiro creador porem da scena ingleza foi:

Shakspeare *(Guilherme)*: — Nascido em Stratford sobre-o-Avon em 1564 e fallecido em 1616, experimentou em sua juventude os rigores da sorte. Casado aos desoito annos com uma mulher mais velha do que elle oito annos, não gozou da paz domestica, e por sua indole inquieta viu-se na necessidade d'expatriar-se, procurando em Londres meios de subsistencia. Para não succumbir á mingua teve de sujeitar-se a guardar os cavallos dos que ião ao espectaculo, passando depois a exercer as funcções de — *ponto*, — e mais tarde as de comparsa em algumas peças d'apparato. A assidua frequencia

no theatro dispertou-lhe gosto pela scena; e ei-lo feito escriptor dramatico, sem que para isso houvesse recebido o menor preparativo classico. Verdade seja que adestrara sua musa compondo algumas poesias no gosto italiano, então dominante, e esses ensaios valerão-lhe o epitheto de *poeta de lingua melliflua*. De 1589 a 1614 escreveu trinta e seis peças, chegando a fazer representar uma, ou duas por anno. Contou poderosos protectores, a cuja frente cumpre collocar a rainha Isabel, que de tal modo presava esse grande engenho que não se escandalisava com a liberdade de linguagem com que apreciava os actos de Henrique VIII, e em presença da filha d'Anna de Boleyn ousava fazer valer os direitos de Catharina d'Aragão. *Ao genio deve ser tudo permittido*, dizia Isabel, e nessa conformidade consentia que a historia dramatisada de seu pai, fosse exposta ao publico. Jayme I confiou a Shakspeare a direcção do theatro de *Back-Friards*, que conservou até que, sentindo-se velho e cansado, retirou-se para seu paiz natal, onde pouco depois succumbiu aos ataques de graves enfermidades. Seu corpo, inhumado na igreja de Straford, foi transferido para a abbadia de Westminster, e a casa em que residira tornou-se por muito tempo ponto de patrioticas romagens. Até os objectos que com elle tinhão relação, receberão caloroso culto, como v. g. uma amoreira por elle plantada, de que se fizerão numerosos artefactos piamente disputados pelos seus admiradores.

Mais feliz do que Dante não precisou Shakspeare crear uma lingua para traduzir seus pensamentos; Marlowe, Ben-Johnson, Spencer e alguns outros havião mostrado que o idioma inglez podia exprimir desde as mais graciosas ideias até as mais sublimes concepções. A originalidade de Shakspeare está toda no seu systema dramatico, diverso do d'antiguidade. Para elle a tragedia é a representação d'acontecimentos terriveis, ou singulares, em cujo ambito se cruzam o serio e o comico, o pathetico e o burlesco. Ninguem melhor do que elle soube excitar a commoção e o terror. A morte com o seu pavoroso cortejo, a miseria andrajosa, a fome, a loucura foram meios de que lançou mão, sempre com o mais favoravel successo. *Macbeth*, *Ricardo II*, *o Rei Lear*, e *Hamleto* passão pelas mais tetrica expressão do seu pensamento dramatico: Catharina d'Aragão, Ophelia,

Julieta, Desdémona, são admiraveis typos de mulher levados a sua perfeição ideal. Á esses personagens terriveis, ou graciosos, misturam-se caracteres grosseiros e burlescos, como o dos coveiros divertindo-se com os craneos dos mortos. Procedia o eximio dramaturgo com descommunal liberdade; não admittia que as regras podessem limitar as inspirações do genio; assim pois fazia com que as scenas se succedessem sem nexo apparente; levava a viajar seus personagens por diversos paizes, pouco se lhe dando d'observar a unidade de tempo. Nem mais escrupuloso era na pintura dos usos e costumes antigos, nem guardava se quer a verossimilhança, visto como levando a scena gregos e romanos fazia-os fallar e proceder como se tivessem nascido em Inglaterra.

Na especie comica inferior é o talento de Shakspeare, e, com quanto os criticos inglezes o queiram fazer rival de Molière, grande é a distancia que os separa, cabendo toda a superioridade ao comico francez.

Goza dos fóros de sua primeira comédia a conhecida pelo titulo das *Comadres de Windsor*, onde ha scenas espirituosas e caracteres primorosamente desenhados.

As peças historicas de Shakspeare tiverão grande parte na immensa popularidade de que gozou, e ainda goza o celebre dramaturgo; porquanto identificarão-no com os corações e sentimentos inglezes: d'ahi o profundo enthusiasmo da nação por aquelle, cujo principal titulo de gloria consistiu em ter abandonado a mythologia e a historia antiga para levar ao palco a historia e as tradições da Inglaterra.

Possuiu todos os predicados do verdadeiro genio, pintou com energia os caracteres: seus quadros, ora medonhos, ora graciosos, elevarão-no ao pinaculo do sublime; primou em excitar o terror ou a piedade. Á par d'esses raros dotes notão-se-lhe tambem algumas senões como sejam contrastes repugnantes, gracejos grosseiros, ou triviaes, e expressões exageradas, ou grotescas. A mór parte d'esses defeitos podem e devem ser lançados por conta da epocha em que vivia, a qual todos, mais ou menos, pagão tributo.

Shakspeare foi saudado como um dos antepassados do romantismo; porque, como já vimos, se libertára do jugo das unidades aristo-

telicas, admittindo apenas a da acção pela necessidade absoluta que d'ella tinha. Tão robusto talento foi por muito tempo desconhecido no continente; e na propria Inglaterra longo eclipse obumbrou-lhe a gloria até que Garrick o arrancou de injusto olvido, e de novo attrahiu-lhe as ovações populares.

« Shakspeare (diz H. Taine) imagina com superabundancia; derrama metaphoras com profusão; a cada instante as ideias abstractas se convertem em imagens; e uma serie de pinturas que se desdobra a seus olhos. Não as procura, antes por si proprias se apresentão: se condensão nelle; cobrem-lhe os raciocinios, e offuscão com seu brilho a pura luz da logica. Não se fatiga em explicar, ou provar: quadro sobre quadro, imagem sobre imagem, copia sem usar as estranhas e esplendidas visões que se gerão em sua esclarecida phantasia. O estylo compõe-se d'expressões furibundas; e parece que jamais, em lingua alguma, houve homem que submettesse os vocabulos a tão cruciantes torturas [1]. »

Johnson (*Benjamin* e por abreviatura *Ben*): — Nascido em 1574 e fallecido em 1637, foi successivamente pedreiro, soldado, estudante, e actor. Preso por duellista abraçou na cadeia o catholicismo para abjura-lo logo que se viu em liberdade. Sob a protecção de Shakspeare começou a escrever para o theatro, e logrou as honras de *poeta laureado* que o não preservarão de morrer a mingua. O estudo acurado dos auctores classicos, o finissimo gosto que possuia e sobretudo sua veia satyrica chamão ainda hoje leitores ás suas peças. D'entre as tragedias distinguem-se as intituladas *A Queda de Sejano* e *Catilina*; e d'entre as comedias a *Volpone*: que tem algumas parecenças com o *Tartufo;* a *Mulher Calada*, quadro fidelissimo dos costumes d'alta sociedade ingleza d'esse tempo; o *Alchimista* e *Cada qual com sua indole*, que passão por obras primas, recommendando-se outrosim pela circumstancia de ser uma das primeiras comedias de costumes domesticos. *Ben-Johnson* revelou em suas composições dramaticas muito espirito, abundancia de jovialidade e graça caustica.

[1] *Hist. de la Lit. Angl.* tome II.

Neste rapido estudo do theatro inglez da renascença cumpre não deixar em olvido um genero de composição, muito em voga nos reinados de Jayme I e Carlos II: referimo-nos ás peças denominadas *mascaras*, semelhantes as *comedias-bailetes* do tempo de Luiz XIV. Os assumptos erão d'ordinario fornecidos pela mythologia grega e romana, destituidos de interesse real, e que apenas servião de pretexto a exhibição de custosos vestuarios, e apparatosas decorações. Tomavão parte nessas *mascaradas* os fidalgos e damas da côrte, mais diligentes em se mostrarem do que em fazerem progredir a arte dramatica. O primor do genero foi o *Comus* de Milton e os *Divertimentos de Cynthia* de Ben-Johnson.

## SEGUNDA ÉPOCHA (Seculo XVII)

### GENERO EPICO

Milton (*João*):—Nascido em Londres em 1608 e fallecido nessa mesma cidade em 1674. Filho d'um notario recebeu disvellada educação e teve por primeiro preceptor o austero puritano Thomaz Young. Cursou por espaço de sete annos as aulas do collegio de Christo, annexo a universidade de Cambridge, e alcançou a laurea doutoral; dotado porém d'animo muito altivo e independente para impetrar honras e encargos da igreja anglicana, e demasiadamente livre para submetter-se aos onus d'advocacia, resolveu viajar e aprender no grande livro do mundo. Por tempo de cinco annos percorreu grande parte da Europa; em Paris conviveu com o sabio Groot (mais conhecido por *Grotius*); foi consultado em Milão pela academia *della Crusca*; frequentou os circulos mais eruditos de Florença; visitou a Gallileo em Arcetri, e em Roma abriu-lhe Lucas Holstein as portas do Vaticano. Ia de Napoles partir para a Grecia quando dissuadirão-no do intento as commoções politicas que agitavão sua patria.

Os primeiros trabalhos litterarios de Milton concebidos, ou executados no periodo que acabamos d'esboçar, consistirão em odes latinas e gregas, algumas poesias em lingua vernacula, dois poeme-

tos intitulados *Allegro e Penseroso*, e o drama burlesco de que já fallamos conhecido por *Comus*.

Arrojado n'arena politica deu treguas ás musas; seus escriptos apreciados pelos coetaneos, e hoje pouco lidos, abundavão em discussões theologicas, adubadas com ferinas allusões aos successos da epocha. Foi extrenuo defensor da liberdade religiosa, e nos seus escriptos sobre a *educação e a liberdade da imprensa* profligou o monopolio universitario e as severidades da censura. Constituiu-se advogado da liberdade domestica, a ponto de sustentar o divorcio em algumas de suas obras, ouriçadas de distincções escolasticas. Bem que houvesse desapprovado a condemnação de Carlos I, e nada tivesse escripto contra a realesa, abraçou calorosamente a causa da revolução, e sustentou seus principios, inclusos os do regicidio. Popularisando-se por seus folhetos foi convidado para exercer o cargo de secretario latino do novo conselho d'estado, onde prestou relevantes serviços, moderando os impetos de Cromwell, a quem por mais d'uma vez deteve no plano inclinado da reacção. Consummirão-lhe a vista os immensos trabalhos a que se entregára; mas ainda cego mostrou-se eximio polemista, arcando braço a braço com Saumaise. Prevendo a proxima restauração monarchica procurou preveni-la propondo a formação d'uma republica aristocratica. Esse escripto attrahiu-lhe insultos e desprezos da parte dos cortezãos de Carlos II, o que advertiu-o da necessidade de recolher-se a seus lares, onde dictou a suas filhas as derradeiras obras. Entre essas importa fazer particular menção da tragedia *Sansão* e d'uma *Historia da Inglaterra antes da conquista normanda*; e sobretudo d'um poema em doze cantos com o titulo de *Paraiso Perdido*. Mais tarde querendo completar o pensamento dessa original composição, escreveu outro poema denominado *Paraiso Reconquistado*, que, á semelhança da *Jerusalem Reconquistada* de Tasso, foi condemnado a um justo esquecimento.

Perfeito é o plano do *Paraiso Perdido*: encadeão-se e ligão-se todos os seus cantos de modo natural e simples; os caracteres são bem traçados, e o de Satan sobretudo é um primor que parece sobrepujar a todo humano esforço. Esse esplendor decahido, esse archanjo reprobro, conserva ainda ineffaveis vestigios do seu primi-

tivo poder. Soube Milton revesti-lo d'um caracter magestoso, d'um orgulho e audacia invenciveis, que em elevado gráu constituem o sublime poetico. Quanto ao caracter de Adão e d'Eva eis como os apreciava o doutissimo Villemain: «Adão e Eva, com sua fragil e quasi divina natureza, com seu amor, parte integrante da sua innocencia, com a inexprimivel novidade de seus sentimentos e linguagem, é tudo creação do poeta inglez. Nada de semelhante jamais inventára a musa epica: apesar do genio de Virgilio não conseguiu no quadro da sua Dido moribunda aproximar-se a essa tão casta como apaixonada pintura; o amor conjugal, magistralmente figurado por Homero, está longe d'essa sublime pureza, ahi a paixão é a propria virtude, e o deleite parece um dos bens celestes perdidos pelo homem [1]. »

Os cinco primeiros cantos do poema, e especialmente os dois primeiros são em extremo bellos; e é certo que si o auctor pudesse manter esse tom durante todo o curso da obra nada teria jamais produzido a imaginação humana de igual ao *Paraiso Perdido*. Prende e captiva a exposição o animo do leitor, que, á despeito seu, vê-se subjugado desde o primeiro canto, contemplando as profundidades do abysmo, e atravéz das *trevas visiveis*, póde ainda vislumbrar a immensa figura de Lucifer. «Esse enthusiasmo que anima o primeiro canto (continua o citado Villemain) sustenta-se no seguinte pela eloquencia, e variedade dos discursos; torna-se mais maravilhoso na narrativa da viagem de Satan por entre o chaos, uma das mais prodigiosas invenções do engenho poetico. Eleva-se a inspiração e sóbe ao apogêo a medida que se avisinha do Eden, onde o estro de Milton apura-se sem debilitar-se, espargindo suave e serena luz. »

No brilhante disco desta epopea descobrem-se algumas manchas; como, por exemplo, a artilharia infernal; a allegoria do Peccado e da Morte; os fastidiosos pormenores mythologicos e geographicos, as subtilesas de controversia, os insulsos gracejos, e o demasiado emprego d'expressões technicas. Á guisa de todos os grandes escrip-

[1] *Études de Littérature Ancienne et Étrangère.*

tores possue Milton uma linguagem propria, submettida as inspirações do genio: o estylo é variado e sublime, e até os archaismos e hellenismos communicão a sua poesia certo ar de simplicidade antiga, que convém perfeitamente ao assumpto.

## POESIA HEROI-COMICA

Butler (*Samuel*): — Nascido em 1612 em Stren-Strenshan e fallecido em 1680. Apenas se sabe que fora discipulo do collegio de Cambridge e que entrára como professor para a casa da condessa de Kent, onde deu provas d'exaltado puritanismo. Seu poema *Hudibras*, que deixou incompleto, adquiriu-lhe grande reputação, e diz-se que Carlos II muito folgava com a sua leitura. Parece porem que a satisfação d'esse monarcha não se traduziu por acto algum de munificencia, porque consta que o espirituoso poeta envelhecera e morrera na miseria.

O *Hudibras*, foi essencialmente obra de circumstancia, que, todavia, graças á vivacidade de suas satyras, sobreviveu ás paixões e ao ridiculo que lhe havião dado origem. Publicado no reinado de Carlos II, em 1663, acabou de desconsiderar os puritanos, já politicamente vencidos pela restauração. « Este poema, diz Hallan, foi muito mais popular do que o *Paraizo Perdido* e obteve uma nomeada que prolongou-se por quasi um seculo. Johnson lhe prodigalisou enthusiasticos louvores, mas a imparcialidade pede que se diga que sua reputação não é hoje a mesma que foi em outros tempos; visto como as questões religiosas, sendo sem interesse para a geração moderna; as mais picantes e transparentes allusões tornão-se para nós obscuras, prejudicando a obra no seu maior encanto e espirito [1]. »

O poema de *Hudibras* é uma visivel imitação do *Don Quixote*, assemelhando-se um tanto com a *Satyra Menippéa*; mas, ainda que seja um livro jocoso, está longe do primor de Cervantes que pertence a todos os paizes e a todas as idades. Em vez dos proverbios do bom Sancho, deparamos com os argumentos escolasticos e theo-

[1] *Introduction to the Litterature of Europe.* Vol. IV.

logicos de Ralph, um d'esses *rufadores ecclesiasticos*, como o proprio Butler donomina aos fanaticos pregadores do *Covenant*.

## POESIA LYRICA

Dryden *(João)* : — Nascido em 1631 em Aldwincle falleceu em 1701. Educado nos principios da seita anabaptista cursou a escola de Westminster, d'onde transferiu-se mais tarde para a universidade de Cambridge. Tendo por unico patrimonio o seu talento, abusou d'elle pondo-se á soldo dos fidalgos e dos livreiros. Dedicou, logo ao sahir da universidade, suas *Estancias Heroicas* a Cromwell, e pouco depois celebrou a restauração dos Stuarts em dois poemetos intitulados *Artiaa Redux* e *Annus Mirabilis*. Essas louvaminhas valerão-lhe a nomeação de *poeta laureado* a que andava annexa uma exigua pensão. Ensaiando-se no genero dramatico logrou nelle boa reputação ; e suas peças, quasi todas imitadas do theatro francez, forão muito applaudidas pelos contemporaneos. Recommendão-se as comedias pela complicação da intriga e as tragedias destinguem-se mais pela imaginação do que pelo sentimento. Escreveu muito, e em varios generos; traduziu Virgilio, Persio e Juvenal; compoz satyras, fabulas e odes, nas quaes (como por exemplo na de *Sancta Cicilia*) remontou-se ao sublime. Introduziu em Inglaterra a versificação regular e classica, adoptada pelos francezes, e foi fundador d'uma nova escola em que dominou a elegancia á custa da força e originalidade, que caracterisava os antigos escriptores.

## POESA DRAMATICA

O theatro, fechado pelos Puritanos, foi aberto por Carlos II, com a repetição d'um limitado numero de peças representadas antes da republica, submettidas ainda assim a completas transformações. O rei e os cortezões que voltavão da França pozerão em voga, em vez dos dramas de Shakspeare, tragedias heroicas em versos rimados, á guisa das dos francezes, mas escriptas com uma soltura de linguagem adequada aos costumes depravados da corte ingleza. A licença da comedia, parodiada da scena hespanhola, não

conheceu barreiras; e ninguem poderá ler sem asco as peças que Dryden compoz para recreio do filho de Carlos I. As primeiras peças representadas depois da restauração da monarchia forão os de Davinaut, frias e pretenciosas, inferiores a tudo o que havia de mais imperfeito nos successores de Shakspeare. Sepultar-se-hia em completo olvido esse periodo da litteratura dramatica ingleza si não fossem duas peças das mais patheticas que tem sido levadas ao palco: queremos fallar da *Orphã* e da *Veneza Salva* de Otway, que, no dizer d'um critico, fizerão derramar mais lagrimas do que *Romeu e Julieta* e o *Othello*.

## PROSA [1]

No periodo antecedente elevára-se a prosa a subido gráu d'aperfeiçoamento: Sydney, Spencer, Raleigh e Burton, provarão que em suas pennas a lingua ingleza éra capaz d'exprimir os mais subtis e delicados affectos e os mais elevados pensamentos; mas no XVII seculo foi que apparecerão os escriptores que mais se destinguirão pela clareza, elegancia, e pureza d'estylo.

Bacon (*Francisco*):—Nascido em Londres e 1560 e fallecido em 1626. Fez seus estudos no collegio da Trindade em Cambridge, havendo-os terminado honrosamente acompanhou a sir Paulet em sua embaixada a França. De volta a Londres obteve o cargo d'advogado no conselho extraordinario da rainha Isabel; e, graças a protecção do conde d'Essex, foi nomeado procurador geral. Não tardou muito que Bacon postergasse os deveres da gratidão pleiteando contra seu protector no processo d'alta traição que custou-lhe a vida. Semelhante infamia não lhe valeu o adiantamento que esperava; porquanto Isabel nada mais fez em beneficio seu. No seguinte reinado (o de Jayme I) gozou de singulares favores, como fossem a elevação a hierarchia de chanceller-mór do reino, com o titulo de barão de Verulan, conde de Sancto-Albano, e uma pensão de sessenta mil libras sterlinas. Nesse elevadissimo posto degradou

[1] Os principaes prosadores d'este periodo sendo philosophos menciona-los-hemos neste livro, bem que destinado especialmente á litteratura.

ainda seu caracter, justificando a accusação que se lhe fez perante á camara dos lords de vender os empregos dependentes de sua jurisdicção. Condemnado a uma multa de quarenta mil libras, e a prisão na torre de Londres com a declaração de indignidade para de futuro occupar qualquer emprego publico foi agraciado pelo rei que consentiu que se recolhesse aos lares, onde findou os dias em pobreza e vergonha.

Seu *Methodo Experimental* operou verdadeira revolução na philosophia. Duas obras intituladas *De dignitate et augmentis scientiarum* e *Novum Organum* dão ideia do que concebera e que ficou incompleto: denominava-o elle de *Grande instauração das sciencias*. Podem-se dividir em duas categorias as obras de Bacon: as philosophicas, escriptas em lingua latina, e as litterarias no idioma inglez. A esta ultima classe pertencem os *Discursos no parlamento*, as *Cartas*, etc.

Hobbes *(Thomaz)*: — Nascido em Malmerbury em 1568 e fallecido em 1679. Estudou na universidade de Oxford e fez muitas viagens ao continente, que o puzerão em relação com os homens mais notaveis do epocha. Tomou activissima parte nos acontecimentos politicos de seu paiz, abraçando calorosamente a causa da realeza. Incumbido d'ensinar philosophia ao principe de Galles utilisou-se do ensejo para compor varias obras, nomeadamente o *Leviathan*. A philosophia de Hobbes é o materialismo em theoria, o egoismo em moral e o despotismo em politica. O merito principal de suas obras consiste na extrema clareza, rigorosa logica e na concatenação de todas as partes do seu systema. Hobbes estabelece uma equação perfeita entre a lei e a vontade arbitraria, a *força* e o *direito*. Todo o poder é legitimo, por isso que é forte, ou antes porque existe; assim pois não recua diante das ultimas consequencias dos seus principios.

Locke *(João)*: — Nascido em Wrington no anno de 1632 e fallecido em 1704. Filho d'um escrivão, abraçou a causa da revolução e combateu nas fileiras do exercito parlamentar. Terminada a guerra proseguiu em seus estudos, graduou-se na universidade d'Oxford e obteve o emprego de professor aggregado *(fellow)*. A particular amizade que lhe consagrou Astely Cooper, conde de Shaftesbury,

franqueou-lhe a senda politica, mas a desgraça de seu Mecenas fe-lo perder o emprego universatario e mendigar asylo na Hollanda. Chamou-o á patria a revolução de 1688, e Guilherme III nomeou-o membro do tribunal d'appellação e depois do do commercio. O máu estado de sua saude constrangeu-o a renunciar a vida publica terminando sua placida existencia em casa de lady Mashan, filha do celebre philosopho Cudworth.

Acerrimo partidario das liberdades politicas e religiosas, dedicou-lhes varios escriptos, como fossem a *Carta sobre a tolerancia* endereçada a Leinborck, ministro protestante d'Amsterdam, o *Tratado sobre o governo civil* em que sustenta a doutrina da soberania nacional contra os sectarios do direito divino; e o *Christianismo racionavel*. Compoz outrosim uma obrinha intitulada *Pensamentos sobre a educação dos meninos*, e um *Tratado sobre o commercio*. Sua obra porem capital, a que lhe deu maior renome entre os philosophos e litteratos, foi a intitulada *Ensaio sobre o entendimento humano*.

Neste livro propoz-se Locke prescrustar a origem, valor e extenção dos nossos conhecimentos: derribou a hypothese das ideias innatas, considerou a alma no momento de sua formação como uma especie de *taboa rasa*, explicou todas as nossas ideias pela experiencia, derivada de dous canaes: a *sensação* e a *reflexão*, e não admittiu senão os conhecimentos adquiridos por essas fontes. Considerado como litterato é um bom escriptor, sua phrase de maxima simplicidade, agrada pela natural disposição das palavras, mas pode-se censura-lo por certo desalinho de linguagem, que talvez tomasse por ingenuidade e candura.

Harrington *(Jayme)*: — Nascido em Upton em 1611 e fallecido em 1677, declarou-se pelo Parlamento contra Carlos I e foi escolhido para vigia-lo durante a sua prisão. Depois da execução do rei retirou-se á vida privada, occupando-se na composição d'um romance philosophico, que denominou *Oceana*, utopia politica, no gosto da *Republica* de Platão. Sob o nome d'*Oceana*, designa Harrington a Inglaterra, cuja historia narra em forma allegorica. Seu ideal seria uma aristocracia moderada, apoiando-se n'uma boa lei agraria. Esse

sonho d'um visionario contem todavia algumas ideias justas e uteis, o estylo porem é pesado, prolixo e pedantesco.

## HISTORIA

Notavel é a epocha que esboçamos, pelo crescido numero de historiadores; quanto a nós é isto devido á circumstancia de haver a revolução chamado á vida publica grande numero d'escriptores, que sob outro regimen, viverião no silencio de seus gabinetes. Simultaneamente auctores e actores inaugurarão a moderna escola historica, que se aproxima mais da Thucydides e Tacito do que a de Xenephonte e Tito Livio.

May (*Thomas*): — Nascido em 1595, fallecido em 1650, foi ao principio partidista de Carlos I e mais tarde declarou-se pelo Parlamento, ao qual serviu de secretario. Escreveu a *Historia do Longo Parlamento*, desde 1640 até 1643, com o fim de demonstrar os beneficios que tinha feito essa assembléa e a viva gratidão que lhe deviam os inglezes. Encerra poucos trechos brilhantes, ma. recommenda-se pela simplicidade e vigor com que é escriptas Devem-se-lhe outrosim um *Resumo da Historia do Parlamento* e uma traducção da *Pharsalia* de Lucano, com uma continuação até a morte de Cesar, escripta em latim e em inglez.

Hyde (*Eduardo*, conde de *Clarendon*): — Nascido em 1608 e fallecido em 1674, fez parte do *Longo Parlamento*, e seguiu a parcialidade do rei, a quem acompanhou durante toda a guerra civil. Escreveu varios opusculos em resposta aos manifestos dos revolucionarios, e em recompensa d'esses serviços foi feito membro de conselho privado. Depois da execução do desventurado monarcha passou-se a França, servindo ao pretendente, depois Carlos II, em varias missões diplomaticas junto ás côrtes de Paris e de Madrid. A restauração dos Stuarts abriu-lhe novamente accesso a vida publica, sendo nomeado chanceller-mór de Inglaterra, conde e par. O casamento d'uma filha com o duque de York, que subiu mais tarde ao throno com o nome de Jayme II, adquiriu-lhe immensa importancia; mas sua intolerancia religiosa, e sobretudo a grave imputação de haver vendido Dunkerque a Luiz XIV, lhe alienarão as sympathias do

proprio monarcha. Despido de todas as honras e dignidades emigrou para a França onde morreu. Durante o seu ultimo exilio compôz a *Historia da Rebellião*, que só foi publicada no tempo da rainha Anna. Esta obra faz-se notavel pelo estylo fluente e facil, como o de uma conversação, avantajando-se outrosim pela pintura dos caracteres, desenhados com arte e primor, e pelo singular talento com que soube descer ás minuciosidades sem gerar tedio ou desgosto. Notão-lhe, porem, os criticos alguns descuidos d'estylo, e até incorrecção de linguagem.

Burnet (*Gilberto*): — Nascido em Edimburgo em 1643 e fallecido em 1715. Por suas opiniões politicas e religiosas incorreu no desagrado dos Stuarts, sendo obrigado a deixar a patria para ir em Hollanda procurar seguro asylo. Relacionando-se ahi com o principe d'Orange contribuiu com seus escriptos para o triumpho da revolução de 1688, que lhe proporcionou assento na camara dos lords na qualidade de bispo de Salisbury. Foi auctor de duas obras muito estimadas, a saber: a *Historia da Reforma em Inglaterra*, e a *Historia de meu tempo*, publicada posthumamente. Burnet é um escriptor sincero, justo e cheio da sagacidade; sem paixão, nem fanatismo, pregando antes a tolerancia e o perdão das offensas. Sua *Historia da Reforma* é summamente erudita, sendo elle o primeiro que deu o exemplo d'apoiar a narração com numerosos e raros documentos.

Temple (*Guilherme*): — Nasceu em Londres em 1628 e falleceu em 1698. Viajou muito pela França, Hollanda e Allemanha, e tornou-se perito nos idiomas d'esses paizes. Entrou para a camara dos communs em 1661, e foi escolhido para negociador d'alliança de Carlos II e do bispo de Munster contra a Hollanda. Foi tambem elle quem estipulou as bases do tratado da triplice alliança entre a Inglaterra, a Hollanda e a Suecia contra Luiz XIV. Concorreu igualmente para a paz d'Aix-la-Chapelle e para as negociações de Nimegue. Em seu regresso entrou para o ministerio onde distinguiu-se pela encarniçada lucta que teve de sustentar contra Shaftesbury. Retirado dos negocios presenciou impassivel os successos da revolução de 1688, todo absorvido na composição de suas obras. D'entre ellas destacam-se as *Observações sobre as Provincias Unidas*, uma

*Introducção a Historia de Inglaterra*, e *Memorias, Miscellaneas e Cartas*. Encerrão estas ultimas sua activissima correspondencia diplomatica, de subido alcance e incalculavel interesse. Versão as *Miscelaneas* sobre assumptos moraes, philosophicos e criticos, e recommendão-se pela exactidão dos pensamentos, rectidão nos juizos, delicadesa, elegancia e correcção d'estylo.

## TERCEIRO PERIODO (Seculo XVIII)

O esplendor litterario do seculo de Luiz XIV attrahira sobre França as vistas da Europa inteira: e a Inglaterra, collocada em circumstancias muito especiaes, foi das nações que mais participarão da influencia franceza. Os successos politicos que arremeçarão as plagas continentaes a brilhante juventude que abraçára a causa dos Stuarts determinarão o ascendente do espirito francez sobre a litteratura da restauração. Essa epocha é caracterisada por uma singular depravação de costumes, encoberta pelo verniz da plastica imitação. Modificando-se gradualmente com o lapso do tempo deu accesso ao periodo brilhante da litteratura ingleza, denominado — *seculo da rainha Anna*.

Favorecidos pela liberdade da imprensa e da tribuna os auctores inglezes poderão ventilar todas as questões que, no dizer de La Bruyère, erão *vedadas a todo o homem nascido christão e francez*. Os poetas imitarão a Boileau e Racine; e soffrerão as consequencias da imitação numa perfeição apparente, adquirida á custa do vigor, quiçá incorrecto, da originalidade e da inspiração: a lingua porém lucrou em graça e elegancia até então desconhecidas; e na falta de genio suppriu-o o bom gosto, sufficiente para salvar da obscuridade as obras mediocres. Nota-se nos prosadores d'então tacto finissimo, delicadesa d'estylo e espirito arguto, combinados com absoluta ausencia de imaginação e sensibilidade.

### POESIA DIDACTICA

Pope *(Alexandre)*: — Nascido em Londres em 1688 e fallecido em 1744, pertencia a uma familia muito addicta aos Stuarts. Seu

pai que fôra banqueiro não querendo conformar-se com a ordem de coisas estabelecida pela revolução retirou-se para Benfield, desvelando-se na educação de seu filho, cuja intelligencia precoce contrastava com a debilidade da constituição physica. Iniciado no conhecimento das linguas, chamadas sabias, completou seus estudos por assiduas e suculentas leituras, estreando-se na carreira poetica por uma *Ode á Solidão*, endereçada a Dryden, seguida pouco depois d'uma poesia descripta com o titulo — *A Floresta de Windsor*. — Aos dezeseis annos escreveu traducções d'auctores classicos e imitações de velhos poetas inglezes preparando-se d'ess'arte para o primoroso *Ensaio sobre a Critica*, moldado pelas Artes Poeticas de Horacio e Boileau. Compoz, sendo ainda muito moço, a famosa *Epistola de Heloisa a Abailard*, que distingue-se pela singela pintura das paixões e a melancolia mystica que ahi dominão. Escreveu tambem uma poema heroi-comico imitado do latim, com o titulo de *Madeixa Roubada*, especie de gracejo poetico destinado a celebrar a aventura amorosa de lord Petre que cortara uma madeixa de cabellos d'uma donzella designada no poema com o nome de Belinda. Emprehendeu dotar o seu paiz d'um primor de versificação; e, após cinco annos de incessante labor, deu a estampa a sua traducção da *Iliada*, seguida pouco depois da da *Odyssea*. O erudicto e imparcial Villemain as apreciava do seguinte modo: « O Homero de Pope passa por admiravel, mas não é de modo algum homerico. Essa dicção primitiva de brilhantes imagens, sem periphrases nem antitheses, desapparece na versificação habil e symetrica do traductor. Os costumes, accidentes, e pensamentos, são por certo os mesmos ; porém a linguagem, essa vida externa, essa physionomia d'alma, é inteiramente outra. É o unico defeito da obra, mas que repete-se a cada pagina. » Foi ainda menos feliz na versão do *Odysséa*, que confiou em grande parte a seus amigos Fenton e Broome, poetas mediocres. Rico e estimado teria podido viver feliz em sua bella quinta de Twickenham si seu máu genio não lhe houvesse attrahido numerosos inimigos, que não lhe poupavão apódos. Para desforçar-se dos seus sarcasmos escreveu a *Dunciada*, ou a *Guerra dos Tolos*, poema em quatro cantos, notavel pela acrimonia de linguagem.

A obra capital de Pope, a que mais do que todas as outras contribuiu para a gloria de seu nome, foi o *Ensaio sobre o Homem*, collecção de quatro epistolas philosophicas, fructo de suas repetidas practicas com Bolingbroke. A feliz e nova applicação da poesia á metaphysica communicão-lhe subido valor.

Publicou ainda nos ultimos annos da sua vida varias satyras e epistolas, imitadas de Horacio e Boileau, que forão sempre seus mestres e seguras guias.

Manteve Pope durante o curso de sua vida elevadissima posição na litteratura ingleza, como poeta de fino gosto e proverbial correcção; e, com quanto a nimia sensibilidade de caracter o tornasse em extremo irascivel, reconhecião-lhes os contemporaneos os dotes d'uma alma nobre e delicada.

Foi principalmente na poesia didactica que revelou se o seu talento; as melhores obras são dissertações postas em verso, o *Ensaio sobre a Critica* rivalisou com Boileau, e em certos lugares levou-lhe vantagem. Taine diz que não crê que haja no mundo uma prosa versificada igual á sua. No *Ensaio sobre o Homem* reproduziu a theodicéa de Leibnitz, e compoz um livro no gosto do *Vigario Saboyardo* de Rousseau, com menos originalidade. Reconhecia elle proprio suas tendencias prosaicas quando confessava que empregava o verso porque suppunha que com elle poderia exprimir suas ideias com maior concisão. Em verdade, ninguem jamais escreveu em estylo mais terso, e masculo; cada conceito é uma sentença que o tempo tem convertido em auxiomas.

Young *(Eduardo)*: — Nascido em 1681 em Upham, perto de Winchester era filho d'um capellão do rei Guilherme I e falleceu em 1765. Formou-se em direito, mas nunca quiz advogar, nem seguir a carreira da magistratura, para entregar-se de todo á poesia que cultivou com bastante honra e proveito; porquanto das suas *Epistolas*, dedicadas aos poderosos da côrte, provierão-lhe não pequenos proventos. Compoz um *Panegyrico de Jorge I* e um poema intitulado *O Juizo Final*, onde achou lugar para introduzir algumas lisonjas aos seus Mecenas. Escreveu tambem duas tragedias, denominadas *Busiris* e a *Vingança*; as quaes forão acolhidas com

frieza. A obra de maior vulto d'este poeta, e que mais do que qualquer outra concorreu para a sua celebridade, foi uma serie de meditações em verso, inspiradas pela prematura morte de sua mulher, seguido da d'uma enteada, que extremosamente amava. Nessas poesias, a que deu o titulo de *Meditações da Noite* porque era nas horas do silencio que dava livre curso a sua dor, descobrem-se sublimes pensamentos d'envolta com circumstancias triviaes, sendo para lamentar que a monotonia da metrificação destrua o doce e suave encanto dos sentimentos elegiacos, que presidirão a composição da obra. Young abraçou o estado ecclesiastico e chegou a ser capellão de Jorge II.

Thompson (*Jayme*): — Natural d'Edman e filho d'um ministro protestante, nasceu em 1700. Frequentou, como alumno gratuito, a escola de Jedburg, e mais tarde matriculou-se na universidade d'Edimburgo, onde começou a revelar grande talento poetico. Privando-lhe a morte de seu pai de todos os recursos viu-se constrangido a abandonar os estudos, e a transportar-se á Londres em companhia de sua mãi buscando viver dos tenues recursos da penna. Fe-lo conhecido o poema *O Estio*, dado a lume em 1726, e comprado por um livreiro pela exigua somma de tres guineos. No anno seguinte publicou um bello poema *sobre a morte de Newton* e uma invectiva patriotica contra o ministerio. A *Primavera* e o *Outono*, successivamente dados a estampa, augmentaram a reputação do auctor, que aspirou juntar as palmas didacticas ás dramaticas, compondo uma serie de peças theatraes, de mediocre merito, sendo d'entre ellas a melhor a tragedia intitulada: *Tancredo e Sigismundo*, assumpto fornecido pelo *Gil-Braz* de Le Sage. *As Estações*, poema didactico de que fazem parte os tres poemetos supra indicados, e na qual consummiu o melhor tempo da vida é incontestavelmente sua obra prima, objecto de perennes correcções, additamentos, uns inspirados por propria observação, suggeridos outros pelos conselhos de Pope. « Presava o campo, diz Taine, e interessava-se pelas menores circumstancias; não por affectação como Saint-Lambert, seu imitador, mas porque constituia-lhe alegria, divertimento e predilecta occupação: jardineiro de

coração extasiava-se com a volta da primavera, contente por addicionar mais um canteiro a seu jardim [1]. »

Thompson acompanhou o filho do chanceller Talbot á França, Suissa e Italia, e em seu regresso foi nomeado official da chancellaria, emprego que occupou até o fallecimento de seu protector. Conseguindo angariar as boas graças do principe de Galles obteve uma pequena pensão e uma sinecura nas funcções de intendente das ilhas de Leeward, que lhe proporcionou meios de parca subsistencia. Falleceu em 1748. — Esqueciamos de dizer que foi elle auctor do famoso hymno *Rule Britania* que Arne poz em musica.

Gay (*João*): — Nascido em Barnstaple (Devonshire) no anno de 1688 e fallecido no de 1732 foi a principio destinado ao commercio, cuja profissão deixou d'abraçar para ser secretario da duqueza de Monmouth. Suas maneiras insinuantes e o agudo espirito que mesclava na conversação fizeram-no bem quisto da alta sociedade, onde encontrou protectores e amigos. Grangearão-lhe estes o emprego de secretario de embaixada com que lord Clarendon passou-se ao Hanover; e quando regressou d'essa agradavel e util digressão offereceu-lhe o duque de Queensbury esplendida hospitalidade. N'esse remanso compoz varias obras; d'entre as quaes se destacão a *Semana do Pastor*, composição notavel pela naturalidade das pinturas, e as *Fabulas*, escriptas para a instrucção de jovem duque de Cumberland, estimaveis pela sabedoria de suas maximas e ingenuidade do estylo. — « Gay, diz o já citado Taine, foi uma especie de La Fontaine; e tão visinho d'este quanto um inglez o pode ser: bom e amavel conviva; sincero e candido; singularmente irreflectido, parecendo haver nascido para ser enganado, e menino até o fim de sua vida. Vivia como La Fontaine á soldo dos grandes, viajava, quando lhe era possivel, á sua custa, perdia dinheiro em especulações no mar do sul, aspirava um emprego na côrte, escrevia fabulas humanitarias para formar o coração do duque de Cumberland, e acabava por constituir-se parasita estimado e poeta domestico do duque e duqueza de Queemsbury. »

[1] *Histoire de la Littérature Anglaise*, tom. III.

## POESIA LYRICA

Gray (*Thomas*): — Nascido em Londres em 1716 e fallecido em 1771. Frequentou com decidido proveito o celebre collegio d'Eton, onde relacionou-se com o famoso Horacio Walpole, a quem acompanhou em sua viagem a Italia. Uma desavença sobrevinda com esse fidalgo durante a referida viagem e os desgostos domesticos, oriundos d'uma separação entre seus progenitores, occasiarão-lhe profunda melancolia, reflectida em todas as suas obras poeticas. Assim pois suas melhores composições são elegiacas, v. g.: a *Elegia a um Cemiterio d'Aldeia*, traduzida em francez por M. J. Chenier e imitada por Fontanes no seu *Dia de Finados*. Compôz outrosim algumas odes de verdadeiro merecimento, como fossem as denominadas *Progressos da Poesia*, a *Primavera* e um *Hymno á adversidade*. Não se recommenda Gray pela originalidade dos pensamentos, mas pela graça, pureza e opulencia de dicção, que o devão á categoria d'um dos maiores poetas inglezes.

Collins (*Guilherme*): — Nascido em Chichester no anno de 1720 e fallecido em 1756. Viveu pobre e obscuro em Londres até que a morte d'um tio fe-lo possuidor de pequena fortuna. Suas *odes* e *eclogas orientaes*, que até então havião passado desappercebidas forão proclamadas modelos de genero lyrico: acto de justiça confirmado pela posteridade. A paixão que animava as lendas e contos de fadas descobre-se na ode que escreveu sobre as superstições escossesas, que lhe valerão tantos e tão justos encomios. Parece que a má administração dos seus pequenos cabedaes levarão-no de novo a miseria, que não sabendo, ou não podendo arrostar, foi causa de varrer-se-lhe a razão, indo terminar sua gloriosa e mal fadada existencia n'um hospital de loucos. Collins é considerado como o principal representante do lyrismo da sua epoca.

## POESIA DRAMATICA

Com a exaltação de Carlos II abrirão-se em Londres dous theatros: um denominado dos *Comediantes do duque de York* e outro dos

*Comediantes do rei*. Foi esta renovação assignalada por dous importantes melhoramentos: a da introducção de mulheres em scena, e a das decorações e vestuarios adequados aos tempos. Não corresponderam, porem, os progressos litterarios a esses melhoramentos materiaes: fracos imitadores tomavão o lugar dos grandes mestres. Shakspeare, posto á ilharga, ou levado ao palco peco e contrafeito nas parodias de Davenant, de modo que a sombria tragedia de *Macbeth* transformou-se n'uma *opera* acommodada ao gosto do tempo.

Nem menos completa foi a decadencia da comedia. Imitando as peças hespanholas a comedia ingleza converteu-se n'uma especie d'*embroglio*, tecido de inverosimilhanças e complicados enredos, nos quaes a licenciosidade franqueára todas as barreiras. —O descomedimento da linguagem e a immoralidade das situações eram natural consequencia d'austeridade puritana: operava-se a esperada reacção.

As primeiras peças que subirão a scena, logo após a restauração, forão as operas e comedias de Davenant, de quem nos restão vinte e cinco, sendo de todas a mais celebre a *Alteração* (sic) ou *Tempestade de Shakspeare* feita de collaboração com Dryden.

Este ultimo foi auctor de varias peças de insignificante valor, porque sua vocação chamava-o a outros generos, e só a necessidade levava-o a escrever para o theatro. Como Diderot, era mais feliz quando preceituava, do que quando punha em execução. Era habilissimo versejador, mas inteiramente destituido da força imaginativa que crea personagens, ressuscita-os segundo a historia. Seus heroes usão d'uma linguagem repleta de metaphoras e sentenças, faltando-lhes porem essas palavras sublimes que se gravão na memoria e nas physionomias, carecem d'essa forte accentuação que faz do Ricardo III de Shakspeare, não um tyranno ordinario, porem uma poderosa individualidade, uma das incarnações do genio do mal.

D'entre os discipulos de Shakspeare, contou-se um que lhe poderia seguir as pisadas, si prematura morte o não arrebatasse d'arena de seus triumphos; queremos fallar d'Otway, auctor de dez peças de grande nomeada, especificadamente as que tem por titulo *A Orphã* e *Venesa Salva*,

Nathaniel Lee, simultaneamente auctor e actor, possuio singular talento para mover as paixões, prejudicavão-lhe porem excessiva emphase e descommedidas methaphoras.

O mais robusto e laureado talento d'essa epocha, foi Guilherme Congreve, denominado de *Terencio inglez*, que aos vinte e dous annos de idade fazia representar com bastante successo o seu *Velho Solteirão*, seguido d'uma tragedia com o titulo *a Esposa de Luto* e das comedias *o Finorio, Amor por Amor* e *a Vida Mundana*.

Eis como Voltaire apreciava este notavel dramaturgo: « É de todos os inglezes quem mais sublimou a gloria de scena comica; compoz poucas peças, todas porem excellentes no seu genero. Respeitou e escrupulosamente seguiu as regras dramaticas, traçou os caracteres com summa delicadesa; empregou linguagem decente descrevendo actos de refinada velhacaria, provando com isso que perfeitamente conhecia a sociedade contemporanea. Suas peças destinguem-se pelo espirito e exactidão, posto que as de Wickerley sejão mais energicas e as de Vambrug mais joviaes. »

No numero dos dramaturgos d'esta epocha, occupou distincto logar uma senhora por nome Susana Centlivre, auctora das seguintes comedias: *O Negocio, A Maravilha* ou *Mulher que guarda um segredo, Feito ousado d'uma mulher*. Conhecia perfeitamente os recursos scenicos, porque exercera as funcções d'actriz, antes de ser auctora; assim pois suas peças continuão a ser estimadas.

## MORAL E CRITICA LITTERARIA

Addison *(José)*: — Nasceu em Milston no anno de 1672 e falleceu em 1719. Destinguiu-se na universidade d'Oxford pela pureza de suas poesias latinas, que lhe adquirirão protectores, cujas liberalidades lhe permittirão viajar. Sua residencia em França foi interrompida pela guerra da successão de Hespanha. Proseguindo em suas peregrinações, percorreu successivamente a Italia, Suissa e Allemanha; e a bellissima ode que escreveu sobre a batalha de Blenhein, valeu-lhe o patrocinio de lord Godolphin que proporcionou-lhe um emprego de que muito carecia. Feito sub-secretario d'estado no gabinete de lord Halifax, acompanhou este ministro a Hanover e no seu regresso foi mandado ao parlamento não tardando a entrar

para os conselhos da corôa na qualidade de secretario da Irlanda. Por morte da rainha Anna exerceu as funcções de secretario d... regente, e entrou para o ministerio, a despeito de toda a sua repug... nancia. Alliviou-o d'esse onus a enfermidade que cada vez mais s... aggravava, e que em breve poz termo aos seus dias. Sepultarão-s... em Westminster entre os varões benemeritos de Inglaterra.

Como escriptor cabe a Addison o lugar immediato ao de Pope. Suas obras em verso e prosa recommendão-se menos pelos arro... jos de imaginação do que pela pureza e elegancia da phrase. Foi ... creador da critica litteraria e ninguem mais do que elle concorreu... para honrar a memoria de Milton e chamar a attenção sobre su... obras. *O Espectador*, de que foi principal redactor, serviu de model... a um genero litterario muito apreciado pelos inglezes sob o nom... d'*Ensaios*. —Essa publicação, apesar de diaria, jámais perdeu d... interesse, a prova da sua popularidade manifesta-se no facto de se... a tiragem de vinte mil exemplares. Abrangia varios assumptos; com... fossem noticias do dia, discussões politicas, theatraes, e sobretud... moraes e criticas. O principal, ou antes «o unico fim d'estas cons... derações (diz Addison num dos numeros do *Espectador*) é o d... banir o vicio e a ignorancia do sólo britanico.» E cumpriu a pala... vra; porque foi sempre de grave moralidade, dando conselhos a... familias, censurando a leviandade das mulheres, traçando o retra... dos homens honestos, e abundando em considerações relativas a... Deus, á religião e á vida futura.

Pequena não foi sua gloria fazendo da moral objecto de mod... antes d'elle os homens de bem não erão delicados, a piedad... era fanatica, e a obscenidade crapulosa: nos costumes, assim com... nas letras, só se encontravão puritanos, ou libertinos. Addis... reconciliou a virtude com a elegancia; ensinou o dever com est... culto, e poz o deleite ao serviço da razão.

Resente-se sua critica do demasiado aferro aos preceitos class... cos: nunca elevava-se ás fontes do bello, como os verdadeir... artistas; pela violencia e lucidez da inspiração natural detem-... nas regiões medias, no meandro das regras, sob a tutela do gost... do senso commum: por isso é que tanto tem de polida como ... mediocre. O celebre *Commentario do Paraiso Perdido* não vale ma...

do que as dissertações de Batteux e de Bossu. Para louvar Milton estabelece que, segundo a regra, a acção do *Paraiso Perdido* é completa e grande, que os caracteres são variados e de universal interesse; os sentimentos naturaes, apropriados e grandes; o estylo claro e sublime, verificado o que pode-se sem escrupulo admirar o poema a que não falta o certificado d'Aristoteles. Tal é a critica do Addison, semelhante a sua arte; nascida como ella da urbanidade classica e apropriada á vida mundana, tendo a mesma solidez e os mesmos limites, porque tem identica origem. Cumpre ainda advertir que sua elegancia e delicadeza devem ser encaradas no ponto de vista inglez: por isso que si Tilletson diz que é elle o mais amavel dos homens, Montesquieu apenas lhe concede uma meia polidez. « Si o primeiro cuidado do francez em sociedade é o de ser amavel (pondera com toda a razão Taine) o do inglez é de ficar digno: seu temperamento o leva a inmobilidade, assim como o de seus espirituosos visinhos manifesta-se num eloquente e expressivo accionado: o gracejo do primeiro é grave, e do segundo ruidoso e expansivo. »

Swift *(Jonathas)*: — Nascido em Carhel em 1667 e fallecido em 1745, fez seus primeiros estudos no collegio e depois na universidade de Dublin. Terminado o seu curso dirigiu-se a Londres, onde, graças á protecção de sir William Temple, parente remoto de sua mãe, foi apresentado ao rei Guilherme III, a quem, tendo a fortuna de agradar pela originalidade do seu espirito, deveu a prebenda de Kibroot, e mais tarde a decania de S. Patricio, na Irlanda, com uma renda de mil libras sterlinas annuaes.

Escreveu brochuras em favor dos torys e teria subido ao episcopado si a sua tibiesa religiosa não houvesse fornecido á rainha Anna justos motivos para não adiantal-o na carreira ecclesiastica. As relações de Swift com a côrte, sua intimidade com alguns ministros forão causas da perda da popularidade que todavia soube reconquistar com a publicação das *Cartas d'um mercador de pannos*, brochura politica que teve immensa aceitação. Conviveu na maior familiaridade com o poeta Pope, por cujo chamado deixou frequentemente a sua igreja; mas desgostoso da politica e saturado de desgostos domesticos, cahiu em invencivel melancolia, cedo seguida

d'uma especie de idiotismo, que prolongou-se até o fim de seus dias.

Duas são as principaes obras de Swift, o *Conto do Tonnel*, ou o *Conto da Velha*, e as *Viagens de Gulliver a Lilliput*. O *Conto do Tonnel* é uma satyra allegorica em que, sob os nomes de Pedro, Martinho e João, ataca successivamente ao Papa, a Luthero e a Calvino. Começa por introducções, prefacios, dedicatorias e outros appendices proprios para fazer avolumar a obra, e passa depois a esboçar uma serie de caricaturas violentas, dirigidas contra a vaidade e tagarelice dos auctores. Swift possuia o genio da ironia assim como Shakspeare o do drama. Flagella a razão com o auxilio da sciencia, e com todo o apparato medico demonstra que dos corpos se exhalão vapores, que chegando ao cerebro o deixão em bom estado si são pouco abundantes, e o exaltão, si são em grande quantidade; que no primeiro caso fazem os cidadãos pacificos, e no segundo os grandes politicos, os fundadores de religiões e os profundos philosophos, isto é os *loucos*: de modo que a loucura é a origem de todo o genio humano e de todas as suas instituições.

As *Viagens de Gulliver* são finissimas satyras, em que debaixo da forma d'um jornal de bordo, descreve com admiravel sangue frio e bom senso os successos que acaba de presenciar, sem nenhum sentimento do bello, nenhuma apparencia de paixão, nenhum accento d'admiração. Vê-se que Swift, só mira á verosimilhança, a que amplamente attinge; sua arte consiste em deduzir consequencias serias e graves d'uma hypothese absurda. Todas as suas ficções de gigantes, pygmeus, ilhas fluctuantes, são meios de que se serve para despojar a natureza humana dos veos com que sóem cubri-la o habito e a imaginação, querendo manifesta-la em toda a sua belleza e fealdade.

Pela originalidade e poderosa força de invenção Swift é considerado pelos criticos como digno émulo de Shakspeare e de Milton, que no mais subido gráo revelou e poz em relevo o caracter e o espirito de sua nação. A sensibilidade, o positivismo e o orgulho forjarão-lhe um estylo *sui generis*, de vehemencia terrivel, de sangue frio esmagador, d'efficacia pratica, temperado de desprezo, verdade e odio. Dilacera seus adversarios pela ironia, ou por sentenças, e resume simultaneamente as funcções de soberano, juiz e

algoz. Foi o inventor do gracejo atroz, do riso funebre e da alegria convulsiva.

## ROMANCE

Saudemos a apparição d'uma nova especie de romance, bem diverso do que até então se usára; bem differente d'essas ficções cavalheirescas de que a Hespanha tanto se aprazia, e d'essas chronicas de salão e camarins com que a França do XVII seculo habituara a Europa. Foi por certo estranha apparição, semelhante á voz de um povo sepultado nas profundidades da terra, quando d'entre a concepção esplendida da sociedade ingleza, viu-se surgir o severo narrador burguez pintando a vida real, descrevendo os caracteres, suggerindo procedimentos e apreciando o movel das acções. Contemplemos os mais esforçados paladinos d'essa cruzada.

Foe *(Daniel de)*: — Nascido em Londres em 1663 e fallecido em 1731, era filho d'um carniceiro que disvellou-se em dar-lhe brilhante educação; faltando-lhe porém os recursos pecuniarios viu-se forçado a entrar como aprendiz para a officina d'um fabricante de barretes. Consagrava os poucos lazeres que lhe deixava o officio ao cultivo da intelligencia, e na idade de vinte e um annos deu a estampa uma brochura com o titulo *Tratado contra os Turcos* Compromettido na tentativa sediciosa do duque de Monmouth deveu a salvação a obscuridade em que vivia. Arrastava-o porém irresistivel vocação para a politica; assim pois tomou activa parte na revolução de 1688 e escreveu um poema intitulado *o Verdadeiro Inglez* em defesa dos direitos de Guilherme d'Orange. Apresentou ao parlamento a famosa *Petição da Legião*, que valeu-lhe ser chamado para junto do rei, desejoso d'utilisar-se das suas luzes, e no reinado da rainha Anna publicou uma brochura com o titulo *o Caminho mais certo que convem tomar com os dissidentes*, que attrahiu-lhe as perseguições do clero superior. Na prisão de Newegate, onde foi encerrado, começou a publicação d'uma *Revista*, primeira obra nesse genero que sahiu dos prelos inglezes, na qual defendeu a liberdade da imprensa e da consciencia, a propriedade litteraria e a independencia da corôa. Restituido á liberdade, após quatro annos de injusta detencção, publicou um livro denominado

*De Juru Divino*, dedicado a *S. M. o Bom Senso*. Encarregado pela rainha de varias commissões secretas de summa gravidade houve-se com extrema habilidade, principalmente na negociação relativa á união da Inglaterra com a Escossia. Ao valioso patrocinio da soberana deveu subtrahir-se a uma segunda condemnação que lhe preparavão seus inimigos. A exaltação ao throno de Jorge I fe-lo desgostar-se da vida politica; e, julgando ter motivos de resentimento contra o proprio monarcha, entendeu ser mais acertado afastar-se d'arena publica; retrahindo-se ao lar domestico, onde consagrou os derradeiros quinze annos d'existencia á composição de varias obras litterarias. Morreu em extrema miseria acabrunhado pela ingratidão de seu filho, por quem fôra roubado.

D'entre as obras de Foe a que mais contribuiu para immortalisar-lhe o nome foi por certo o romance intitulado *Aventuras de Robinson Crusoé*, vendido a um livreiro por dez libras sterlinas, e do qual se tem tirado numerosas edições em quasi todas as linguas cultas, sendo ainda hoje um dos livros mais populares em Inglaterra. Impossivel é encontrar uma ficção melhor sustentada, interesse mais vivo, lições mais proveitosas, personnagens mais verosimeis, fazendo acreditar o complexo d'estas circumstancias que o auctor não phantasiára um romance, mas escrevera uma veridica historia. Parece porém hoje averiguado que si o facto pertencia ao dominio da realidade os acessorios forão todos ministrados pelo talento inventivo de Foe.

Recommenda-se esta obra pela simplicidade e fidelidade com que pinta o penoso estado da solidão, e sobre tudo pelo sentimento profundamente moral e religioso que a anima. Nada ha de menos romanesco do que este romance, cujos episodios em escasso numero são muito agradaveis e o salvão do tedio gerado por suas enfadonha uniformidade. Robinson pela intelligente applicação dos principios dos usos da vida pertence ao numero dos poucos livros que Rousseau recommendava ao seu Emilio. É além d'isto uma obra eminentemente ingleza; e d'ahi o segredo da sua geral e inalteravel acceitação nesse paiz. Preconisa essa força de vontade, esse fogo intimo, essas surdas fermentações d'um animo viril que

outr'ora fazião dos filhos d'Albion reis do mar e hoje convertem-nos em intrepidos emigrantes.

Não se deve procurar nesta obra, como na de Cervantes, a pintura de caracteres: é antes uma narrativa d'aventuras inspiradas pelo cabal conhecimento dos recessos d'alma e do tracto da vida. É o primeiro élo d'essa cadeia de romances, filhos da observação e oriundos d'uma intenção moral. Semelhantes romances erão os que mais convinhão aos homens d'esse tempo, decahidos das alturas da imaginação e arremeçados á vida practica, desejosos de tirar dos livros instrucção solida, documentos exactos, emoções eficazes, uteis admirações, e seguros motivos de suas acções.

Richardson (*Samuel*): — Nascido em 1689 no condado de Derby e fallecido em 1761, era filho d'um marcineiro, que desejando proporcionar-lhe melhor estado mandou-o aprender a arte typographica. Casando-se com a filha do seu patrão tornou-se socio, e pouco depois montou um estabelecimento por sua conta em maior escala no qual fez vantajosos negocios. Desvellado cultor das letras aspirou os fôros d'autor, e aos 52 annos d'idade publicou um romance denominado *Palmela* que teve ao principio extraordinaria voga sendo seguida de acerbas criticas. Para dar satisfação aos censores escreveu outro romance intitulado *Palmela casada* que não teve melhor exito. Sua mais celebre producção foi por certo o romance denominado — *Clarissa Hor lowe* — recommendavel pela frescura de imaginação e variedade de estylo; posto que as interminaveis digressões façáo-no hoje pouco lido, ainda na propria Inglaterra. Richardson revelou em suas obras grande arte na disposição das cartas, e no modo de fazer passar o leitor do temor a esperança, e vice versa Seu estylo, ainda que ordinariamente frouxo, adquire em certas occasiões, e quando a paixão o arrasta, movimentos vivos, eloquentes, imagens ousadas e coloridas, que lhe communicão certo cunho d'originalidade.

Fielding (*Henrique*): — Nascido em 1707 em Sharpham-Park e fallecido em 1754. — Era filho d'um general que destinando-o ao fôro fe-lo estudar no afamado collegio d'Eton, d'onde transferiu-se para o de Leyde. Interrompendo seus estudos por falta de meios encaminhou-se a Londres na verde idade de 20 annos, e ahi entre-

gou-se desenvoltamente aos prazeres e distracções d'uma grande capital. Para viver viu-se constrangido a recorrer a penna, e escreveu uma comedia intitulada: *Amor sob diversas mascaras*, acolhida com summo favor. Seu casamento com uma senhora que lhe levava alguma fortuna, e a herança paterna que contemporaneamente recebera, livrarão-no da penuria com que luctava; mas o excessivo amor do luxo e ostentação reduzirão-no ao primitivo estado, sendo ainda forçado a appellar para os productos de sua culta intelligencia. Uma serie d'obras, nem todas notaveis, assignalarão esta nova phase da existencia de Fielding. D'entre ellas cumpre fazer expressa menção das seguintes: *Aventuras de José Andrews*, *Tom Jones* ou o *Engeitado*, e *Amelia Booth*. A morte de sua mulher, que extremamente amava, lançou-o em profundo abatimento, que acabou d'arruinar sua saude, já bastante prejudicada pelos excessos d'uma incontinente mocidade. Em Lisboa, onde fôra procurar allivio aos seus males, encontrou a morte, pouco tempo depois de sua chegada a essa cidade.

Fielding pode ser collocado entre Cervantes e Lesage; e ainda que considerem-no os inglezes como um dos seus melhores auctores é elle muito mais apreciado pelos estrangeiros, porque quebrou lanças contra as exagerações puritanas, que tão grande parte tem nos costumes nacionaes. Talvez que fosse um pouco alem da moderação nos seus, alias louvaveis esforços, contra a hypocrisia do seculo; o que porem não se lhe poderá negar, é a verdade dos seus quadros, a habilidade com que dirigiu as intrigas, e a jovialidade, as vezes demasiado livre, de sua linguagem. Walter Scott considerava-o como *creador do romance inglez*, e acrescentava que a nobreza do seu nascimento, facultando-lhe o accesso da sociedade aristocratica, e a miseria em que viveu fazendo-o conhecer as classes infimas, constituirão-no o homem mais azado para pintar com fidelidade a sociedade ingleza.

Goldsmith (*Oliveiro*): —Nascido em Pallismore na Irlanda em 1728 e fallecido em 1774. Filho d'um ministro protestante seguiu os estudos da universidade de Dublin, onde encontrou mestres grosseiros e alguns generosos protectores. Ensaiou successivamente diversas profissões: foi preceptor, negociante, advogado e medico,

sempre com pouca fortuna; e o peior é que o pouco que ganhava esbanjava nas mesas de jogo. Visitou a Italia, como aio d'um moço fidalgo, e em Padua recebeu o grão de doutor em medicina. De volta á Londres empregou-se n'um laboratorio chimico procurando tambem na clinica o equilibrio entre a receita e a despeza; mas sendo ainda assim insufficientes os seus redditos, decidiu-se a trabalhar para os livreiros, escrevendo varias obras, muitas das quaes não passão de mediocres compilações. Compoz diversos poemas e peças theatraes que tiverão pouco exito, devendo toda a sua celebridade a um romance a que deu o titulo de *Vigario de Wakefield*.

Este romance, que tantos pontos de semelhança apresenta com os *Contos Moraes* de Marmontel, é uma obra que se pode chamar classica, na restricta e rigorosa accepção do vocabulo. Causa sua leitura summo encanto, pela pureza aos sentimentos e extrema benevolencia que n'ella predominão, seus episodios bem que simples, são interessantes, e apresentão essas scenas de vida intima, que tanto agradão a quem tem gostos simples. Perfeitamente desenhados são os caracteres, e delicadamente urdida a teia, revelando profundo conhecimento do coração humano. Posto que se lhe possão esprobrar algumas inverosimilhanças, e outros ligeiros senões este livro é, como muito bem pondera Walter Scott, uma das mais apraziveis ficções que haja ideiado o engenho humano: e, pedimos venia para acrescentar, uma das mais proveitosas leituras que se possão offerecer a juventude.

Sterne (*Lourenço*): — Nascido em Clonmel (Irlanda) em 1713 e fallecido em 1768, pertencia a uma familia honesta porem pouco favorecida dos bens da fortuna. Orphão aos dezesete annos deveu a educação a um tio que fe-lo entrar para a universidade de Cambridge, onde estudou theologia, e terminado o seu curso ordenou-se, e succedeu ao mencionado tio no curato de Sutton, cabendo-lhe mais tarde a prebenda de York. Casou-se e passou uma vida tranquilla e feliz; dividindo o tempo entre as occupações do seu ministerio e o tracto das letras. Escreveu dous volumes de sermões, que não passarão a posteridade, devendo sua gloria a dous romances que successivamente compoz. O primeiro denominado: *Vida e*

*Opiniões de Tristão Shandy* em que as situações comicas andão d'envolta com as patheticas, teve immensa acceitação; posto que tambem lhe procurasse pungentes criticas, havendo quem a qualificasse d'*escandaloso*, e reclamasse para o auctor um asylo na casa dos doudos. Tendo feito por conselho dos medicos uma viagem á Italia e á França publicou um volume que intitulou *Viagem Sentimental*, que passa pela mais primorosa das suas obras.

Sterne é um moralista da escola de Rabelais: conta, mas não doutrina; pinta o homem em geral parecendo unicamente preocupado com a sua individualidade, e assumindo rasgadamente o papel de truão, zomba do leitor e da humanidade. Impossivel é analysar as suas obras *digressivas*, como elle proprio as denominava, onde não ha ordem nem plano, constando d'uma collecção d'anedoctas, reflexões, retratos e citações, tudo adubado de sal comico e resplandecente de arabescos graciosos, entrelaçados de circumstancias umas vezes licenciosas, e outras sentimentaes. Destingue-se sobretudo pelo talento com que sabe traçar os caracteres, v. g. o do capitão Tobias, do cabo Prin, da senhora Shandez, da loureira viuva Wadman e do cura Yorik. Não lhe perdoa a critica a falta de interesse e de nexo em algumas das suas narrativas, e os pormenores licenciosos a que recorre com o proposito de provocar a hilaridade. Seu estylo é simples e pictoresco, mas nem sempre igual.

Eis como o considera um dos mais estimaveis e atilados criticos contemporaneos.

« Sterne é um doente phantastico e caprichoso, ecclesiastico e libertino, tocador de violão e philosopho, egoista de facto e sensivel em theoria. Seu livro é semelhante a um grande armazem de ferros velhos, em que as curiosidades de todos os seculos, de todas as especies, se achão confundidas. Arrastado pelos devaneios da imaginação deixa a penna corrrer ao acaso; não procura a ordem, e quando accidentalmente a encontra, desfa-la de proposito. Diverte-se em ludibriar o leitor, obrigando-o a perder o fio da narrativa por constantes interrupções [1].

[1] H. Taine: *Hist. de la Lit. Anglaise* tom. III

## HISTORIA

Hume *(David)*: — Nasceu em Edimburgo no anno de 1711 e falleceu em 1776. Feitos os estudos preliminares, matriculou-se na universidade patria e ahi consagrou-se á sciencia d'Ulpiano. Errára porem a vocação, que imperiosamente reclamava-o para as investigações philosophicas, politicas e historicas, a que consagrou toda a sua existencia. Residiu por alguns annos em França, onde escreveu um *Tratado sobre a natureza humana*, que não teve acceitação alguma. Durante a primeira parte da sua vida, vemo-lo solicitando debalde uma cadeira na universidade e depois desempenhando successivamente as funcções de secretario d'embaixada, bibliothecario d'Edimburgo e sub-secretario d'estado, tudo isto entremeado com repetidas viagens á França e á Italia. Deveu sua popularidade como escriptor a uma' *Historia das Revoluções de Inglaterra*, que, sendo ao principio acolhida com frieza, acabou por obter grandes applausos, tanto no seu paiz como ainda no resto da Europa.

Hume foi um dos mais illustres representantes da escola philosophica do XVIII seculo: rivalisou com Montesquieu e Voltaire na elevação da intelligencia e delicadeza d'espirito. Escreveu com elegancia e pureza; posto que naufragasse algumas vezes nas syrtes da monotonia, e não respeitasse sempre as severas leis da verdade historica. Fluente em sua narrativa, nota-se-lhe porem falta de plano, e por consequencia d'unidade.

Gibbon *(Eduardo)*: — Nascido em Putney em 1737 e fallecido em 1794, estudou na universidade d'Oxford, e na idade de quinze annos emprehendeu escrever uma *Historia Critica do reinado de Sesostris*, que não chegou a concluir. Cheio d'admiração pela *Historia das Variações das Igrejas Protestantes* de Bossuet abraçou o catholicismo, que pouco depois abjurou em Lausania para onde fora mandado por seu pai. De volta a Inglaterra publicou em lingua franceza um *Ensaio sobre o estudo da litteratura* recommendavel pelas ideias e estylo, mas que foi mediocremente acolhido. Visitando a França em 1763 tornou-se objecto de calorosa sympathia dos principaes mentores da opinião publica, o que

sobre modo lisongeou-lhe o amor proprio. Na Italia, que no anno seguinte percorreu, teve a primeira ideia da sua monumental *Historia da Decadencia e da Queda do Imperio Romano* em cuja composição despendeu vinte annos de incessantes estudos. Nomeado commissario do commercio passou-se de novo a França gozando sempre dos maiores favores, e sendo recebido no gremio da mais brilhante sociedade parisiense. A queda do ministerio de lord North occasionou a sua retirada da vida politica, determinando-o a ir buscar em Lausania a paz d'espirito de que tanto carecia. Nesse modesto asylo conservou-se até que, sentindo avisinhar-se a morte, volveu a patria para confiar-lhe os mortaes despojos.

A *Historia da Decadencia e Queda do Imperio Romano* é uma obra de vastissima erudicção e Gibbon manifestou compondo-a uma paciencia e penetração d'espirito maiores de todo o louvor. Guizot reconhece que ninguem havia ainda emprehendido trabalho semelhante, e duvida que haja quem o possa fazer, depois d'elle. Pede porém a justiça que se diga que o eminente historiador, levado pelo implacavel odio que votava ao christianismo, a quem accusa de haver principalmente contribuido para a decadencia e queda do colosso romano, conculcou os dictames da imparcialidade, e preteriu quiçá a gravidade, que lhe é habitual, para dar-se ao maligno prazer d'acerar epigrammas. Um illustre conterraneo seu (lord Byron) num livro para sempre celebre (*Childe Harold*) reconhece-lhe esse defeito, e lamenta que semelhante macula viesse nodoar esse prodigioso monumento de saber humano.

Robertson (*Guilherme*): — Nascido em Borthwick (na Escossia) em 1721 e fallecido em 1793, era filho d'um ministro presbyteriano, que destinou-lhe a mesma profissão. Ao sahir da universidade entregou-se ao ministerio do pulpito com tão pouca fortuna que o seu estado aproximava-se ao da miseria. Havendo obtido o provimento d'uma pequena parochia achou ahi exiguos recursos, que generosamente compartilhou com um irmão e seis irmãs, precipitados na orphandade pela prematura morte de seus pais. Cultivando as letras com paixão tinha particular gosto pela historia e pela critica; e para dar expansão a esse gosto contribuiu podero-

samente para a fundacção da *Revista d'Edimburgo*, que desde o começo gozou dos fóros d'um dos mais acreditados orgãos da publicidade. Da sua predilecção pelos estudos historicos deu testemunho com a publicação da *Historia d'Escossia durante os reinados de Maria Stuart e Jayme VI*. A grande acceitação d'esta obra foi origem da fortuna de Robertson, seccessivamente elevado aos cargos de capellão regio, reitor da universidade d'*Edimburgo*, e historiographo da Escossia. Dez annos depois deu elle a estampa a sua mui conhecida e estimada *Historia do reinado de Carlos V* em que traça os grandes eventos occorridos no tempo d'esse imperador. A *Introducção*, que só de per si constitue a quarta parte da obra, é um bellissimo quadro da situacção da Europa desde a queda do imperio romano até o seculo XVI. De 1777 a 1780 publicou a *Historia d'America*, narração concisa e imparcial d'esse importantissimo acontecimento. É para lastimar que detivesse sua brilhante penna no momento em que o Mexico e o Perú, conquistados por Cortez e Pizarro, curvavão-se ao jugo da Hespanha. A ultima de suas obras é um trabalho de longo folego com o modesto titulo de *Pesquisas Historicas sobre a India*, que veio a lume em 1790.

Robertson foi um historiador erudicto, elegante e imparcial; que, quando escrevia julgava-se transportado a um tribunal de justiça, onde seus depoimentos erão registrados para servirem de regra ás acções dos juizes. Reveste-se o seu estylo da conveniente gravidade; a narração é clara e precisa, judiciosa a critica; podendo apenas desejar-se mais energia nos pensamentos, e colorido nas imagens.

## ELOQUENCIA

Burke (*Edmundo*): — Nascido em Dublin em 1728 e fallecido em 1797. Exerceu em Londres a profissão d'advogado e fez-se conhecido pela sua *Reclamação em favor da sociedade natural*, parodia dos escriptos anti religiosos de Bolingbroke e critica do seu scepticismo. O *Ensaio sobre o sublime e o bello*, que deu ao prelo em 1757, collocou-o na primeira plana dos escriptores inglezes. No anno seguinte principiou a publicação d'uma revista com o titulo de

*Annual Register*, que foi causa da sua fortuna politica. Acompanhou lord Halifax na sua vice-realeza de Irlanda, e em seu regresso entrou para o gabinete do ministro Rockingham na qualidade de secretario particular. Por protecção d'este estadista, alcançou uma cadeira no parlamento como representante do burgo de Windover. Desejando influir na camara, tomou lições de declamação com o celebre actor Garrick. Na defesa dos direitos dos americanos, revelou poderosa força de dialectica e mostrou-se conhecedor de todos os recursos da oratoria, a ponto de ser denominado de *Cicero Inglez*. Desfechou rudes golpes sobre o ministerio de lord North dando á estampa as suas *Reflexões sobre as causas dos descontentamentos actuaes*. Eleito representante de Bristol reclamou a liberdade de commercio para os irlandezes, e leis mais suaves em favor dos catholicos. Em 1782 foi nomeado pagador geral do exercito e membro do conselho privado. A violencia das suas accusações contra Warren Hastings, que tantos despotismos exercera como governador das Indias Orientaes, forma uma das mais brilhantes paginas da sua vida parlamentar. Algumas expressões, um tanto livres, contra a auctoridade real de que se servira na discussão da lei da regencia, prejudicarão-lhe a popularidade, que readquiriu com o seu livro intitulado *Reflexões sobre a Revolução Franceza*, da qual declarou-se implacavel adversario. Contribuiu grandemente este livro para assanhar os odios dos inglezes contra seus visinhos d'alem-Mancha. Os *Pensamentos da paz regicida*, forão a derradeiro expressão d'esse odio, que pode-se chamar *platonico*; porquanto o celebre orador o contrariava na practica abrindo, a expensas suas, uma escola para os filhos dos francezes expatriados, quaesquer que fossem suas opiniões politicas.

Em seu estimadissimo *Curso de Litteratura Franceza* apreciava Villemain a importancia oratoria de Burke nestes termos :

« O que Cicero chama *asianum genus*, por opposição ao atticismo, esse *genus opimæ atque adipatæ dictionis*, essa eloquencia pomposa que florescia nas cidades gregas d'Asia-Menor, parece ter-se reproduzido nos modernos oradores de Irlanda, até o momento em que a grandeza d'uma recente lucta juntou tanta energia ao fasto habitual de sua linguagem; Burke levando ao parlamento britanico uma

especie de imaginação enthusiastica, e um estylo brilhante e fluido, uma abundancia semi-poetica de metaphoras e imagens, fixou sobre si todas as attenções. Não se limitava sua influencia ao talento da palavra, pretendia esclarecr ao poder a quem servia; e as primeiras queixas d'America forão acolhidas mediante sua generosa intervenção. Era um homem cheio de talento e d'espirito, e possuia no maior gráo o dom inapreciavel da impassibilidade. Os mais virulentos ataques não o perturbavão nem dispertavão-lhe colera; e a unica vez em que perdeu essa calma habitual, foi numa occasião solemne, summamente honrosa para a memoria. »

Fox (*Carlos*): — Nascido em Londres em 1749 e fallecido em 1806, foi o terceiro filho de lord Holland. Entrando para a camara dos communs quando apenas contava desenove annos deveu á influencia paterna a revalidação d'uma eleição feita a despeito das mais terminantes disposições legaes. Sustentou no parlamento o ministerio de lord North de quem successivamente recebeu as nomeações de pagador da caixa das viuvas, e de membro dos conselhos naval e da fazenda. Relacionando-se com Burke collocou-se á frente da opposição, pelo que foi demittido dos seus empregos. Constituido pelo seu talento oratorio chefe do partido *whig* defendeu calorosamente a causa das colonias americanas e oppoz-se a todas as medidas de caracter violento. Depois da queda do ministerio North fez parte do gabinete Rockingham, onde incumbiu-se da direcção das relações exteriores, firmando o tratado de paz com a America e com as potencias que havião adherido á sua causa. Havendo apresentado uma proposta, tendente a investir o governo de poderes discricionarios nos negocios da India, soffreu derrota na camara alta, o que obrigou-o a retirar-se do gabinete indo capitanear a opposição. O discurso que por essa occasião pronunciou passa por sua obra capital. Enthusiasta pelos principios proclamados pela revolução franceza foi constante antagonista de Pitt, não cessando d'aconselhar a paz com a republica. Indo a Paris, logo depois da paz d'Amiens recebeu distincto acolhimento do primeiro consul, e quando a morte de Pitt levou-o novamente ao ministerio, apressou-se em entabolar negociações com a França, infelizmente mallogradas pela sua prematura morte. No decurso de sua carreira politica defendeu

quasi sempre a causa da humanidade: apoiou o projecto de Wilberforce para a suppressão do trafico dos negros e poz a sua grande eloquencia ao serviço da causa dos opprimidos irlandezes.

Fox foi um dos maiores oradores do seu tempo e fez parte da *grande pleiade britanica*, como se denominava a cohorte dos grandes lidadores da tribuna ingleza. Pena é que a mór parte dos seus discursos não fossem dados á estampa, contentando-se em arrebatar o auditorio com a magia da sua eloquencia. O notavel critico francez cujas lições nos servem de guia, lastimava essa falta nas seguintes palavras:

« A maioria d'esses homens, preocupados do effeito politico de suas palavras, inquietavão-se pouco com a sua gloria posthuma. O engenhoso Plinio, fallando da eloquencia, diz com razão que está ella sobretudo na *voz viva*, no discurso improvisado, *multo magis afficit viva vox*. Quasi todos os oradores do parlamento britanico, satisfeitos d'essa acção immediata sobre os ouvintes, contentes por haver triumphado no lugar e occasião em que fallarão, deixavão suas palavras imperfeitamente colhidas, tomar o rumo que podessem. Nunca escreverão, e raramente revirão o que tinha dito: a propria forma do discurso não foi conservada nos debates impressos do parlamento; e temos razões para crer que ahi apenas se encontra a summa das ideias, tendo desapparecido as palavras originaes [1]. »

Ainda que se não tenhão conservado as proprias palavras descobrem-se nessas suas copias, pallidas e incompletas, alguma cousa de *demosthenico*. O genio da discussão, a estrategia parlamentar, e a arte de defeza e ataque, revelão-se em summo grão em Fox e constituem-lhe singular talento e felicidade quasi que continua.

Pitt (*Guilherme*): — Filho d'outro Pitt, mais conhecido pelo seu titulo nobiliario de *lord Chatan*, nasceu em Hayes em 1759 e falleceu em 1806. Educado até a idade de quatorze annos na casa paterna proseguiu seus estudos na universidade de Cambridge, onde recebeu a laurea doutoral em 1760. No anno seguinte foi en-

[1] Villemain — *Cours de Litterature Française*, tom. IV.

viado ao parlamento pelo districto d'Appleby e combateu com vigor os gabinetes presididos por North e Rockingham por occasião da discussão de algumas reformas economicas. Depois da queda do ministerio North offerecerão-lhe o logar de vice-thesoureiro da Irlanda, que recusou. Iniciou em 1782 a reforma parlamentar, que não poude levar a effeito. Nesse mesmo anno fez parte do gabinete de lord Shelburne, desempenhando as funções de chanceller do thesouro, e querendo o primeiro ministro addicionar Fox ao numero de seus collegas debalde luctou com a repugnancia de Pitt, datando d'essa epocha o antagonismo entre esses dois famosos oradores. Cedendo aos esforços da liga parlamentar, dirigida por lord North e Fox, deixou o poder, e consagrou seus curtos lazeres a uma viagem á França, cujas instituições de perto observou. De volta a Inglaterra combateu na camara dos communs a proposta de Fox, de que já fallamos, e, derrubando o ministerio denominado da *colligação*, achou-se presidente do conselho de ministros na verde idade de 24 annos. Tinha contra si na camara electiva uma formidavel opposição de que fazião parte os maiores talentos da tribuna; julgando-se porém apoiado pela opinião publica dissolveu a camara, depois de uma lucta de tres mezes.

A nação confirmou a supposição do moço ministro escolhendo por seus mandatarios homens, que, adherindo á sua politica, derão o beneplacito á uma serie de medidas economicas proprias para restabelecer o equilibrio do oberado thesouro britanico. A attenção do primeiro ministro, nimiamente occupada com os negocios internos, foi distrahida pela ameaça d'uma intervenção franceza na Hollanda obrigando-o a fazer preparativos bellicos com que intimidou o gabinete de Versalhes, e concluindo por essa mesma occasião o tratado da triplice alliança entre a Inglaterra, a Prussia e as Provincias-Unidas. Nesse mesmo anno (de 1788) sustentou Pitt um grande pleito contra a opposição que queria investir o principe de Galles das attribuições magestaticas durante a loucura do rei Jorge III; e, fazendo valer os direitos do parlamento manteve o seu posto, apesar da viva guerra que se lhe fazia. Adversario declarado da revolução franceza suscitou-lhe todo o genero de contrariedades, e assoldadou contra a republica, o consulado e o imperio as tropas

mercenarias dos principes allemães, que nos campos de batalha da Europa pelejárão com os aguerridos batalhões francezes, commandados pelo maior capitão dos tempos modernos. O descalabro da fazenda publica obrigava a orgulhosa Albion a implorar a paz; mas não querendo Pitt prestar sua assignatura a um acto que cria humilhante deu sua demissão e retirou-se á vida privada. Momentaneo foi-lhe, porém o ocio; porquanto dois annos depois volvia ao poder para conserva-lo até o fim de seus dias, apressado pela pungente dor que sentiu com a noticia da victoria d'Austerlitz, que frustava a quarta liga organisada por esse implacavel inimigo do nome francez.

Pitt possuia o sentimento do poder em tão elevado grão que d'elle se disse que *nascera ministro*. Juntava ás raras qualidades de eximio administrador os dotes da elocução: fallava com facillidade e lucidez; e felicissimo na escolha das expressões mostrava-se dialectico arguto e algumas vezes espirituoso e sarcastico repentista. Habitualmente calmo nas discussões, deixava-se uma, ou outra vez. arrastar pela paixão e nesses momentos aziagos sacrificava a dignidade da sua posição pelo maligno prazer de desforçar-se arremeçando aos seus contrarios epigrammas e doestos de pessimo gosto.

Sheridan (*Ricardo Brenoley*): — Filho do celebre director do theatro de Dublin Thomaz Sheridan, nasceu em 1751 na capital da Irlanda e falleceu em Londres em 1816. Tendo feito estudos pouco regulares casou-se aos vinte e dous annos com a afamada cantora Isabel Linley, e para grangear a subsistencia começou a escrever para o theatro com prospero successo. A prestimosa amisade de Garrick alcançou-lhe a lucrativa direcção do theatro de Drury-Lane em Londres, onde fez representar em 1777 a *Escola da Maledicencia*, a mais jovial comedia do repertorio inglez, que conquistou-lhe immensa popularidade e deu-lhe entrada na camara dos communs. Alistou-se ahi nas fileiras da opposição, e jamais possuiu o partido liberal (*whig*) campeão que lhe fosse igual. Guerreou corajosamente a administração de lord North, e com a retirada d'esse poderoso ministro entrou para o gabinete que succedeu-lhe na qualidade de sub-secretario d'estado dos negocios da guerra. Deixando pouco depois o governo voltou aos bancos opposicionistas, onde teve ensejo

de illustrar-se propondo a accusação de Warren Hasting, conhecido pelo nome de *Verres da India*. Esse celebre processo collocou Sheridan na primeira plana dos oradores parlamentares e fe-lo digno emulo de Burke, Fox e Pitt. De concerto com seu amigo Fox, tomou a defeza da França contra seus implacaveis adversarios, e denunciou na tribuna as tramas da Russia contra o imperio ottomano e toda a Europa occidental. Em quanto triumphava no parlamento mal corrião os negocios domesticos: a morte de sua mulher coincidia com a imminente ruina da empreza de Drury-Lane, a quem não conseguia salvar nem o feliz e momentaneo exito d'uma peça imitada de Kotzebue, com o titulo de *Pizarro*. O incendio d'esse theatro em 1809, veio augmentar a afflicção ao afflicto, e reduziu-o a tão grande penuria que não teve mais dinheiro para fazer-se reeleger. Cancellada a vida politica começou para elle a luta pela existencia, disputando palmo a palmo o pouco que lhe restava, contra a insaciavel avidez dos credores. Levado á prisão por insolvavel, deveu a liberdade á generosidade d'alguns amigos, que não foi todavia sufficiente para de todo subtrahi-lo á miseria que enlutou-lhe a derradeira phase da existencia. Como sóe acontecer reservarão-se-lhe as honras para depois de morto, quando já não fazia sombra a ninguem lembrarão-se que constituia elle uma das glorias de Inglaterra e erigirão-lhe um tumulo em Westminster entre o de seu amigo Garrick e o do seu adversario Cumberland.

Dando conta do memoravel discurso de Sheridan accusando Hasting, assim se exprime uma testemunha contemporanea: « Por tempo de cinco horas e meia o senhor Sheridan num improviso de belleza sem igual, dominou a attenção e admiração da camara. Uniu a força da argumentação á mais convincente, a mais luminosa precisão de linguagem e a mais pasmosa conbinação de novos e variados talentos. Os ouvintes ficarão de tal modo fascinados pela eloquencia, que no momento em que o senhor Sheridan sentou-se o parlamento em pezo, deputados e pares, nacionaes e estrangeiros, prorromperão num tumulto d'applausos, e servindo-se d'um signal d'approvação desusada na camara, derão estrondosas e repetidas palmas. »

Nesse dia Sheridan tornou se rival de Demosthenes e Cicero; e o parlamento inglez assemelhava-se ao *ágora* e ao *forum*.

## QUARTO PERIODO (Seculo XIX)

O movimento dos espiritos que na Allemanha excitou a critica e as obras de Herder e de Goethe communicou se a Inglaterra no momento em que a *Historia da Poesia* de Warton, e as velhas balladas colleccionadas pelo bispo Percy attestavão a pujança e a nativa liberdade da poesia ingleza. O resultado d'esse retrocesso á inspiração espontanea da idade media foi o de subordinar a arte aos arroubos da imaginação, e desenvolver nos escriptores o gosto pela phantasia, com prejuizo do methodo e da harmonia que havião caracterisado o precedente periodo.

O poeta que deu o signal d'essa transformação foi Cowper, cuja existencia deslisou-se quasi ignorada, e cujos versos trazem o cunho da melancolia religiosa que constitue a feição mais caracteristica do seu engenho. Creou elle d'alguma sorte em Inglaterra a poesia lyrica em que a alma espande-se inteiramente, e pôz-se em immediata communicação com a natureza. Darwin, escriptor ingenhoso e fecundo, abusou da forma descriptiva e adquiriu ephemera popularidade. Bloomfield consagrou-se a pintura de quadros rusticos e avantajou-se pela sua simplicidade. Gifford, guardando as tradicções classicas do Pope, ridicularisou os poetas de seu tempo. Crabbe primou como poeta paisagista e pela naturalidade e expressão das maneiras mais ternas. Rogger fez-se notar pelo seu poema *Prazeres da Memoria*, em que procurou estudar as operações miraculosas d'essa faculdade. Todos esses poetas cedem o passo a Wordsworth, chefe da escola denominada *lakista*, e o mais celebre predecessor de Byron.

Os *lakistas*, assim denominados porque quasi todos os poetas d'essa escola descreverão de preferencia os lagos de Westmoreland e de Cumberland ganhando nomeada como pintores da natureza, predicado muito apreciado n'uma epocha em que a litteratura,

preocupada com a reproducção dos modelos classicos, parecia haver descurado a realidade trocando-a pela ficção.

Além do citado Wordsworth, cujas principaes producções poeticas forão: *Um Passeio de noite*, *Esboços descriptivos*, *Balladas Lyricas e outros poemas*, adquiriu justa reputação n'essa escola Coleridge, que soube alliar a candura e a simplicidade á uma melodia e elegancia jamais desmentidas, como pode-se verificar manuseando suas principaes producções, taes como *Poesias sobre varios assumptos*, *Odes e Balladas Lyricas*.

O ultimo élo da brilhante cadeia de predecessores do romantismo foi Roberto Southey, nome tão caro aos brazileiros [1], e cujas obras poeticas gozárão de particularissimo favor dos contemporaneos que lhe admiravão a insolita erudicção superior ao talento inventivo.

## POESIA LYRICA

Byron (*Jorge Gordon*, mais conhecido pelo nome de *lord*): — Nascido em Dowures em 1788 e fallecido em 1824, descendia por sua mãe da casa real dos Stuarts, e por seu pai dos conquistadores normandos. Herdeiro aos dez annos de idade dos titulos e riquezas d'um tio começou seus estudos na escola de Harrow onde fez-se notar pela altivez e independencia de caracter. Na universidade de Cambridge deixou triste recordação pelas extravagancias d'uma vida licenciosa; assignalando-se outrosim pelos rapidos progressos que fazia nos estudos. Aos dezoito annos deu a lume uma collecção de poesias com o titulo *Horas de Ocio*, nas quaes se descobrem os primeiros symptomas d'essa incuravel mysantropia que devera formar a base do seu caracter. Acerbamente criticado pela *Revista d'Edimburgo* respondeu com azedume confiando aos prelos a *Satyra dos Poetas Inglezes e dos Criticos Escossezes*, que dir-se-hia inspirada pela musa de Pope. Tocando a maioridade tomou assento na camara alta entre os membros da opposição; mas sendo infeliz em suas primeiras tentativas oratorias empre-

[1] Por haver escripto uma estimadissima *Historia do Brazil* desde o descobrimento até o fim da epocha colonial.

hendeu longas peregrinações, percorrendo successivamente Portugal, Hespanha, Albania, Grecia e Turquia. D'essas excursões resultarão as melhores producções de sua penna, nomeadamente um poema lyrico, intitulado *Childe Harold* (Filho de Harold) cujos dois primeiros cantos publicados em 1813 grangearão-lhe extraordinaria popularidade, augmentada ainda pelas successivas apparições do *Giaour* e *Lara*, tocantes episodios da vida intima do auctor: e a *Noiva de Abydos* e o *Corsario*, perfumadas paginas da poesia hellenica contemporanea. A aureola que n'essa epocha rodeava o nome de Byron dispertou na senhora Milbank ardente desejo de unir sua sorte a do illustre poeta pelos vinculos do hymineu. Parece porem que havia entre os conjuges insuperavel incompatibilidade de caracter: porquanto, após uma união de pouco mais d'um anno, separarão-se elles para todo o sempre. Dando largas ao seu humor erradio poz-se de novo a viajar, e passando pela Belgica inspirou-lhe o campo da batalha de Waterloo uma das suas mais primorosas odes. Na Suissa a amizade contrahida com Shelley mergulhou-o no mais fundo sceptecismo, e nas circumvisinhanças da melancolica Clarens reatou interrompido fio do seu *Childe Harold*. Inspirarão-lhe as geleiras de Oberland o tetrico drama *Manfredo*; e as *lagunas* e canaes de Veneza o drama lyrico-descriptivo *Marino Faliero*.

Na volupia veneziana foi concebido e architectado *D. João*, poema cynico e sublime ao mesmo tempo, em que o real se confunde com o ideal, e onde o protagonista (que alguns crêem ser o proprio poeta) mostra-se alternativamente apaixonado, motejador, leviano e meditativo. Retido por um escandaloso amor na cidade dos doges passou-se depois para as margens do Arno (Florença), sempre sob o mesmo fatal influxo, até que a impetuosidade de seu caracter, protestando contra a existencia de nababo que vergonhosamente adoptára, fe-lo *carbonaro* e activo propulsor da emancipação italiana. O mallogro d'essa prematura ideia e os desastres da Romanha (1819) levarão-no a fazer hollocausto de sua vida e fortuna á independencia grega, que então arcava contra o poderio ottomono, no meio da indifferença geral da Europa. Desembarcando em 1823 nessa região, consagrada por tantos actos de

heroismo, contemplou com dor o quadro da discordia e da miseria campeando sobre as ruinas do patriotismo. A sublime dedicação do fidalgo inglez foi de summo proveito aos defensores da liberdade, que retemperando-se em sua coragem, animando-se com seu exemplo, derão treguas a pueris dissidencias; e pela primeira vez confraternisarão e sforços e sacrificios. Infelizmente o legendario heroe, que lhes vinha communicar essa mirifica força, foi-lhes arrebatado por cruel enfermidade quando sobre os derrocados muros de Missolonghi hasteava o pendão da regenerada nacionalidade grega. Seu retrato, que temos á vista, fa-lo representar na figura d'um mancebo gentil, de jovial aspecto, estatura mais que ordinaria, deformada porem por um defeito physico que desde a infancia o tornára côxo.

Byron foi tão extraordinario em sua maneira de compôr como de viver: havia n'elle tempestades internas, furacões de ideias, que não achavão sahida senão no papel. Escrevia sempre arrastado por uma paixão inimitavel, nunca por calculo e fazia-o com pasmosa rapidez: o *Corsario* foi composto em dez dias e a *Noiva d'Abydos* em quatro. Durante a impressão a crescentava, corrigia, nunca porem refundia. « Eu já vos disse (exprime-se elle numa carta) que não posso refundir; sou semelhante ao tigre, si falha-me o primeiro salto entro rugindo em minha jaula. » Jámais existiu poeta cuja imaginação tivesse menores limites: era-lhe impossivel metamorphosear-se. Seus desgostos, impaciencias, viagens, ligeiramente modificados, formão o thema imperativo de seus versos. Não inventa, observa, não crêa, transcreve. « Eu não posso (diz elle algures) escrever sobre o que quer que seja sem alguma experiencia pessoal, sem algum fundamento verdadeiro. » *Childe Harold*, *Lara*, o *Giaour*, o *Corsario*, *Manfredo*, e *Sardanapalo*, são sempre o mesmo homem representado sob diversos trajos, em varias passagens, á guisa d'esses pintores que tirão d'um mesmo modelo cincoenta retratos.

Singularissimo por sem duvida é que esse poeta revolucionario fosse eminentemente classsico. Os livros de sua maior predilecção erão os mais vehementes e os mais regulares. Antepunha o Antigo ao Novo Testamento, aprazendo-lhe o agreste lyrismo dos hebreus

ao doce mysticismo do Evangelho. Manuseava com delicias as obras de Pope, que qualificava do mais correcto e methodico de todos os homens. Em duas virulentas epistolas tomou a defeza d'esse auctor vindincando-o dos immerecidos desdens de alguns escriptores contemporaneos.

O *Childe-Harold*, considerado sua obra prima, tem bellezas, e defeitos inherentes ao caracter do auctor :tudo ahi é esplendido; a estrophe deslisa n'um leito de ideias vehementes, a declamação é pomposa e quiça artificial; Wordsworth e Walter Scott parecem pallidos a vista d'essa prodigalidade de magnificencia; nunca desde Eschylo se tinha visto pompa tão tragica, e tão numeroso cortejo de figuras gigantescas.

Procurando d'entre os acontecimentos os mais poderosos, e d'entre as acções as mais fortes deu successivamente á estampa a *Noiva d'Abydos*, o *Giaour* o *Corsario*, *Sara*, *Parisina*, o *Cerco de Corintho*, *Mazeppa* e o *Prisioneiro de Chillon*. Quasi todas estas obras perderão com o lapso do tempo o vivo interesse que inspirarão a outra geração : no colar d'essas pedras orientaes descobriu a critica alguns vidrilhos, e até as passagens que o poeta mais particularmente prezava, são hoje reputadas de somenos quilate.

Moore *(Thomaz)* : — Nascido em Dublin em 1780 e fallecido em 1852, fez seus estudos juridicos na universidade patria, e votou-se á carreira d'advocacia com honra e proveito. Estreou-se nas letras publicando uma traducção em verso das odes d'Anacreonte, e receiando-se do acolhimento que lhe farião, assignou a com o pseudonymo de Thomaz Little *(Minimo)*. Infundadas erão os seus temores por isso que o livro foi recebido com applausos que animarão o auctor a novos emprehendimentos. Nomeado secretario do almirantado nas ilhas Bermudas utilisou-se do ensejo para visitar a America do Norte ; e em seu regresso confiou aos prelos um livro sobre os costumes americanos. Occupou-se no decurso de alguns annos em escrever opusculos e poemas satyricos nos quaes motejava das extravagancias de seu tempo, com bastante espirito e verdade. Suas *Melodias Irlandezas*, acommodadas a arias populares, fizerão-no conhecer como poeta patriotico e animado de fina sensibilidade. Acabou Moore de firmar sua reputação publicando dois poemas

romanticos resplendentes de cores orientaes: referimo-nos á *Lalla Rookh* e os *Amores dos Aryos*. Empenhado na polemica religiosa escreveu as *Viagens d'um fidalgo irlandez em procura d'uma religião*. Devem-se-lhe outrosim importantes trabalhos historicos, e a publicação das *Memorias de lord Byron*, que consentiu em mutilar por condescendencia com as partes interessadas.

Posto que conhecido pela sua traducção de Anacreonte, pode se com verdade dizer que Moore começou a sèr considerado poeta de primeira plana, quando deu á luz as suas *Melodias Irlandezas*, que tanto agradarão pela doçura e ingenuidade d'expressão. A melhor joia porem do seu cofre poetico é por certo o poema, de que já fallamos, intitulado *Lalla Rookh*, que, pela opulencia das imagens, aproxima-se mais aos poetas orientaes do que a calculada imaginação dos discipulos d'Addison e de Pope; parecendo antes obra de Hafiz, Saadi, ou qualquer outro poeta persa, do que da lavra d'um bardo irlandez.

Destinguem-se as poesias de Moore pela riqueza de imaginação, viveza de imagens, doçura, espirito e melodia; fallecem-lhe porem aquellas qualidades superiores que sóem imprimir o cunho da immortalidade aos lavores do engenho humano. Sheridan costumava dizer d'elle que nunca conhecera homem que melhor tivesse sabido pôr seu coração na phantasia.

Tennyson (*Alfredo*): — Nascido em 1810 numa parochia do condado de Lincoln de que seu pai era pastor. Fez seus estudos na universidade de Cambridge, onde alcançou um dos premios de poesia. Possuidor d'avultada fortuna entregou-se exclusivamente aos trabalhos litterarios, dotando seu paiz d'obras conscienciosas, e de longo folego. Seu casamento arredou-o cada vez mais da sociedade, encerrando-se com seus livros numa agradavel casa de campo que possuia nos arrebaldes de Londres. De colloboração com seu irmão Carlos, publicou dois volumes com o titulo de *Poesias Lyricas*, (de 1830-1832). Mais tarde (em 1847) deu á luz uma especie de poema dramatico denominado *A Princeza*. Causarão profunda e favoravel impressão as bellissimas elegias compostas pelo prematuro passamento de seu amigo d'infancia Arthur Hallam, conhecidas na bibliographia ingleza pelo nome de *In Memoriam*. Succedendo a

Wordsworth no honroso titulo de *poeta laureado* escreveu nessa qualidade a celebre *Ode sobre os funeraes de Wellington*. Foi porem no poema intitulado *Maud* que revelou todos os predicados que recommendão a sua musa, fazendo-o considerar como o feliz continuador da *escola lakista*, e o mais classico dos poetas romanticos.

É Tennyson actualmente o mais popular dos poetas inglezes: suas obras se achão em todas as estantes e a ultima das suas publicações é sempre a escolhida para companheira de viagem da gentil dama, ou do elegante cavalheiro. Sabe ser moral sem resvalar no pedantismo; pode sem receio ser lido nos serões familiares; não se revolta contra a sociedade, falla de Deus com nobreza e ternura; foge dos sentimentos escandalosos; não perverte o coração de pessoa alguma. Prezão-no sobretudo seus compatriotas pela circumstancia, para elles muito attendivel, que, acabando a leitura de qualquer de suas poesias, o chefe de familia póde sem grande contraste ajoelhar-se entre sua mulher, filhos e famulos, e dirigir ao Omnipotente a oração da noite. « Sua poesia (diz Taine) assemelha-se a uma dessas jardineiras doiradas e pintadas em que as flores nacionaes se entremeão com as plantas exoticas numa harmonia preestabelecida. Parece feita para esses burguezes opulentos, cultos, livres, herdeiros da antiga nobreza e chefes da nova Inglaterra. Faz parte do seu luxo, assim como da sua moral, é uma eloquente confirmação dos seus principios, movel preciso dos seus salões [1]. »

## POESIA DRAMATICA

Acelerados passos deu o theatro inglez para a sua decadencia e ruina na primeira epocha do periodo de que ora nos occupamos. Declinára o gosto pelas peças regulares (tragedias ou comedias); e em seu lugar ostentou-se um genero menos correcto e harmonico em que a representação das paixões humanas approximava-se mais a realidade da vida. A apparição de dois grandes actores (Garrick e Kean) contribuiu para modificar profundamente a scena; por isso que o publico dava preferencia áquellas peças que tinhão maior

[1] *Histoire de la Litterature Anglaise*, tom. IV.

desenvolvimento, e que ao mesmo tempo proporcionavão-lhe ensejo para ouvir e applaudir seus dilectos actores, embora á custa de mil inverosimilhanças e prolixidades, damnosas á acção.

Em vista d'essa tendencia afastavão-se os dramaturgos de verdadeiro merito, e cedião lugar a essa chusma de degenerados continuadores de Shakspeare, falsificadores da sublime poesia do palco.

Do desconceito em que cahira ergueu-se o theatro naturalizando algumas peças allemãs. Thompson e Sheridan forão os promotores dessa restauração, vertendo o *Estrangeiro* e o *Pizarro* de Kotzebue com as modificações reclamadas pela differença de costumes e ideias de seus compatriotas. Coleridge trasladou o *Wallenstein* de Schiller, que foi applaudido como um prospero acontecimento. Joanna Baillie, que seus admiradores denominaram de Shakspeare feminino, e qualificárão de primeiro dramaturgo da epocha, ganhou celebridade por uma serie de *Peças sobre as Paixões*, colleccionada em tres volumes, versando sobre o amor, a ambição, a vingança, etc. Seu estylo é suave e regular, seus planos originaes, e cuidadosamente dispostos; faltão-lhe porém grandes lances, ainda que não se descuidasse de ensaguentar a scena. O *Remorso* de Coleridge foi favoravelmente acolhido, mas não poude manter-se em scena por falta de verosimilhança e clareza. Walter Scott, antes de consagrar-se ao romance, estreára-se no theatro, e algumas das suas peças gozárão de momentaneo favor. D'entre os dramas de Byron *Marino Faliero* é o unico que revela algum talento na concepção, e no desenho dos caracteres: as demais peças d'esse eminente escriptor não são de modo algum adaptaveis as necessidades scenicas.

Isabel Inchbald, actriz e auctora, escreveu numerosas peças theatraes, de que formou vinte e cinco volumes, enriquecidos de notas biographicas e litterarias. Seu merito, porém, roça pela mediocridade.

## ROMANCE

Scott (*Walter*):—Nascido em Edimburgo em 1771 e fallecido em 1832, pertencia a uma familia nobre e fez seus primeiros estudos com pouco successo; desejando mais tarde abraçar a profissão das armas foi disso desviado em razão do defeito physico (era còxo) que desde os

primeiros annos o affligira. Dedicando-se a jurisprudencia graduou-se na patria universidade e começou a exercer a advocacia em 1792. Nomeado corregedor (*sheriff*) do condado de Silkirk, trocou esse emprego pelo de escrivão do jury d'Edimburgo, que era mais lucrativo e menos oneroso. A assidua leitura dos romances cavalheirescos, peças de theatro, narrativas de viagens, contos, e legendas dispertarão a viva imaginação de que era dotado; acrescendo ainda a influencia exercida por frequentes perigrinações ás montanhas da Escossia e a admiração que consagrava ás obras de Goethe e de Bürger. Foi como poeta que fez sua apparição na republica das letras, publicando uma collecção de solãos, balladas, elegias e cantos lyricos; e força é confessar que, sem ser dotado de grande estro, recommenda-se pela fluencia e graça da metrificação. Diz-se que renunciára poetar quando conheceu que Byron viera empunhar o sceptro do Parnaso. Voltou-se então para as ficções em prosa e creou um genero novo conhecido pela denominação de *romance historico*. Extraordinaria foi a voga d'esses romances, manifestada na estima publica e nos crescidos lucros que auferiu, os quaes servirão para dar expansão aos seus gostos aristocraticos e edificar um castello, modelado pelos da idade media, campeando entre as ruinas da velha abbadia de Abbotsford. N'esse castello dava o nosso autor fastosa hospitalidade a quantos ião visita-lo; e os gastos que isso acarretava, combinados com as infelizes negociações do livreiro com quem se associára, acarretárão a ruina de tão grande fortuna. Com nobre altivez recusou qualquer combinação commiserativa, e votando-se a um trabalho improbo ia saldar seu debito quando desampararão-no as forças physicas e cruel enfermidade assaltou sua velhice. Debalde procurou allivio em uma digressão a Italia, feita com todas as commodidades em navio do Estado; após seis mezes de ausencia, desejou regressar a seus lares para nelles exhalar o ultimo suspiro. Pranteada foi sua morte por todas as classes da sociedade, principalmente pela aristocracia, em virtude do titulo de *baronete* que lhe conferira George IV.

É como romancista que especialmente se distingue Walter Scott: em sua penna converteu-se o romance n'uma epopéa familiar; soube combinar com extrema e dramatica variedade de incidentes as cir-

cumstancias da vida normal com o heroismo sem exaltação. Possuia em subido grão a arte de rejusvenescer e idealisar os costumes antigos, bem como a de pintar as paixões e os caracteres. Resuscitava os tempos passados emprestando-lhes cor local travando entre os personagens dialogos vivos e animados; por isso d'elle se disse (talvez com certa exageração) que seus romances erão mais verdadeiros do que a historia.

Nem todas as obras d'este eminente escriptor são dignas de igual estima, algumas forão compostas precipitadamente e para acudir aos reclamos do impaciente publico, ou para occorrer ás urgencias pecuniarias; e outras (como a *Historia de Napoleão I*) para satisfazer a pedidos inconsiderados, e tambem dar largas á *gallophobia* de que sempre padeceu.

Tinha por habito dictar e quasi nunca lia o que dictáva; assim pois é seu estylo a miudo incorrecto e abundante em repetições. Interminaveis parecem suas descripções, dando azo a que dissessem seus emulos que adrede as prolongava com o proposito de avolumar obras, cujo preço anteriormente estabelecera. Incontestavel é porem que deu á Escossia direito de cidade na litteratura, fazendo geralmente conhecidos seus monumentos e paisagens; e bem assim os personagens de todas as idades e condições, desde o altivo barão até o humilde pescador, desde a soberba castellã até a pobre peixeira. Seus romances, em numero de vinte e sete, publicados no espaço de desesete annos, forão traduzidos em quasi todas as linguas cultas, e ainda fazem as delicias dos amadores da boa litteratura.

Dickens *(Carlos)*: — Nascido em Portsmouth no anno de 1812, e filho d'um pagador da marinha, recebeu no collegio de Chatham sua primeira educação litteraria, passando-se depois para outro nos arredores de Rochester onde se avantajou por uma perspicaz intelligencia, felicissima memoria, e decidido gosto pela leitura. Terminados os estudos entrou para o escriptorio de um sollicitador, amigo de seu pai, e com bastante repugnancia dispoz-se ao cumprimento dos deveres forenses. Dois annos inteiros consumiu em tão arduos misteres; mas sentindo-se fadado a diversa missão começou a escrever para uma folha radical denominada o Verdadeiro Sol (*The true Sun*). Collaborou depois para o *Espelho*

*do Parlamento*, jornal politico que publicava por extenso os debates d'ambas as camaras; e mais tarde tomou activa parte na redacção do Chronista da Manhã, (*The Morning Chronicle*). Nesse jornal ensaiou a publicação d'alguns artigos litterarios, sob o pseudonymo de *Bor*, os quaes sendo illustrados pelo celebre caricaturista Cruikshank, formarão uma collecção d'esbocetos com o titulo de *Scenas da vida ingleza*. Na revista hebdomadaria appellidada *Club Pickwick* adquiriu pasmosa nomeada, que faz lembrar os bellos tempos em que o publico inglez tanto applaudira a apparição do *Waverley* e do *Childe-Harold*. Collocado por seu casamento numa posição independente logrou a satisfação de seus mais ardentes anhelos, e poude consagrar-se á vida litteraria, que abrindo-lhe a vereda da gloria assegurava-lhe ao mesmo tempo tentadores proventos. Ao invez de muitos ricaços, que dispendem parvamente seus cabedaes, ou acumulão-nos para serem dissipados por avidos herdeiros, Dickens soube conciliar as funcções de litterato com as de homem de boa sociedade, instituindo em sua casa representações dramaticas, que muito servirão para aperfeiçoar e pulir o gosto de seus compatriotas. Não contente com esse resultado emprehendeu longas viagens, estabelecendo por toda a parte conferencias, em que fez a leitura de suas obras, conseguindo d'est'arte vulgarisa-las. Reunindo as impressões deixada em seu espirito por duas excursões á America publicou um livro, acolhido com bastante favor, e onde fez justiça as nobres qualidades dos antigos colonos de Inglaterra. *As Scenas de Italia* formão tambem um livro de reconhecido valor, mas onde revelou todo o ardente desejo de ser util aos seus conterraneos foi compondo um resumo da *Historia da Inglaterra para o uso dos meninos*, no qual, á semelhança de Fenelon, soube descer das alturas do genio as minudencias pedagogicas. Acaba a Inglaterra de perder este grande romancista, um dos maiores luzeiros da sua litteratura contemporanea.

Dickens, em quasi todos os seus romances, e especificadamente em *David Copperfield* parece gozar da faculdade d'evocar as vagas riminiscencias do passado fazendo desfillar, como numa phantasmagorica procissão, as figuras e acontecimentos que encherão a existencia do seu protagonista. É isso talvez mais facil a Dickens

do que a qualquer outro romancista; porque tem por habito tomar seus heroes desde o berço, e conduzi-los pela mão através dos páramos da vida insistindo as peripecias do lar domestico que sempre occupão a primeira plana nos romancistas inglezes.

Grande é a mestria com que combina os elementos destinados a produzir o terror, e o miraculoso poder de que parece revestido de traçar os devanios, e as hallucinações dos cerebros enfermos. Sabe provocar alternativamente as lagrimas, ou o riso do leitor, com a circumstancia particular de que o seu comico distingue-se por uma certa mistura de melancolia que constitue o *humour* dos inglezes, tão diverso do espirito francez.

THACKERAY (*Guilherme*):—Nascido em Calcultá em 1812 e fallecido em 1863, foi digno emulo do precedente, sendo porém mui diversa a tendencia do seu espirito. Dickens era, na phrase de Taine, um prosador lyrico, poderosissimo em provocar risos e lagrimas: pela sublimidade de suas emoções, e pela grotesca familiaridade de suas caricaturas, deu o espectaculo de todas as forças e fraquezas d'um artista. Thackeray, mais instruido e mais solido, amigo de dissertações moraes, conselheiro do publico, e especie de pregador leigo, pôz ao serviço da satyra cabal conhecimento do coração e consummada habilidade n'arte do raciocinio. Nenhum contemporaneo conheceu melhor as leis da satyra: juiz severo e ao mesmo tempo justo, nunca punia sem ter em suas mãos as provas e documentos do crime, dir-se-hia que prevenia todas as objecções e refutava antecipadamente todos os argumentos contrarios. «Quando se acaba de ler um romance de Balzac (continúa o citado Taine) experimenta-se o prazer do naturalista visitando um museu repleto de specimens, e de monstros: e quando se lê um romance de Thackeray sente-se a desagradavel impressão causada pela vista d'um amphitheatro anatomico em dia d'amputações.»

Abra-se ao acaso qualquer dos seus principaes romances *Pendennis*, a *Feira das Vaidades* e os *Newcomes*, e ver-se-ha que cada scena representa o vestigio d'uma verdade moral descobrindo-se no auctor o pronunciado desejo de que formemos um juizo acerca do merito, ou demerito dos successos ahi mencionados. Os dialogos e retratos são outros tantos meios de que se serve para alcan-

çar a nossa approvação ou desapprovação. São lições que nos dá; e, nos sentimentos que enuncia, nos factos que relata entrevem-se o plano fixo e as intenções do reformador dos costumes.

Cumpre todavia confessar que esse proposito deliberado de moralisar *semper et ubique* prejudica o movimento dramatico dos romances de Thackeray: faz-lhes perder muito do interesse, nascido da variedade dos quadros, e justifica até certo ponto as qualificações que lhe derão alguns desafectos — de *continuador do conego Schmidit.* —

## HISTORIA

Macaulay (*Thomaz Babington*, barão de) Filho d'um rico mercador de Bothler-Temple (condado de Leicester) nasceu no primeiro anno d'este seculo e falleceu em 1859. Preparado por solidos estudos matriculou-se no curso de direito da universidade de Cambridge, e na idade de vinte e seis annos entrou para a redacção da *Revista d'Edimburgo*, onde fez-se conhecido por um luminoso artigo sobre Milton. Tomando assento na camara dos communs mostrou-se estrenuo campeão das ideias liberaes, e com a exaltação do seu partido recebeu a incumbencia de ir á India examinar o estado d'essa importantissima possessão. De volta a Europa entrou para o conselho privado da corôa; e por dois annos (de 1839-1841) desempenhou com proficiencia as delicadas funcções de ministro da guerra. Constantemente reeleito não deixou a camara dos communs senão em 1852 em que foi elevado ao pariato com o titulo de barão de Maccaulay. Como orador parlamentar destinguiu-se na discussão da lei da reforma eleitoral, e na da emancipação dos catholicos: sua eloquencia pertencia ao genero de que tanto aprecião os inglezes, isto é nervosa e succulenta. Além de crescido numero d'ensaios, insertos nas principaes revistas, ou publicados separadamente, adquiriu justa nomeada pelos seus trabalhos historicos reputados os melhores da moderna litteratura ingleza. A *Historia de Inglaterra desde o reinado de Jayme II* é um modelo do genero, e merece os louvores que tem recebido dos mais competentes e imparciaes juizes.

Teve Macaulay o bom senso d'escolher a epocha que mais se coadunava com suas opiniões politicas. Narrou o estabelecimento do regimen liberal: assumpto nimiamente popular, o mais bello e digno aos olhos de todo inglez. Teve outrosim a felicidade d'escolher um estylo vivo e pictoresco, adoptando um methodo novo e de rara simplicidade. Foi portanto incalculavel o exito d'essa obra, que, á apparição do seu segundo volume, contava mais de trinta mil assignaturas.

É ainda recommendavel pela magestosa unidade: trata de tudo o que proxima, ou remotamente se refere ao periodo escolhido. « Eu desempenharia imperfeitamente a minha tarefa, diz elle, si só fallasse de batalhas, assedios, subida e queda de ministerios, intrigas de palacio e debates do parlamento. Tenderão sempre meus esforços a traçar a historia da nação, descrever os progressos das bellas artes, a formação das seitas religiosas, a variação dos gostos litterarios, pintar os costumes das gerações que se succederão, não desdenhando as revoluções operadas nos trajos, mobilia, refeições e divertimentos publicos. Arrostarei de bom grado a censura de haver sacrificado a dignidade da historia si tiver a ventura de conseguir apresentar aos olhos dos inglezes do decimo nono seculo o veridico painel da vida dos seus antepassados [1].

Conserva Macaulay em religião os preconceitos protestantes mas si defende, e até glorifica os puritannos, sabe fazer justiça aos catholicos. Em politica mostra-se acerrimo adversario dos Stuarts; seu heróe è Guilherme III. No decurso de toda a obra as descripções, os quadros de costumes, os retratos dos personagens, e a exposição dos factos concorrem para um unico fim e tendem a innocular no animo dos leitores as ardentes e fundas convicções que animão o historiador. Não descae o estylo da unidade, clareza e interesse perpassando por um dedalo de pormenores e incidentes habilmente entretecidos.

Carlyle (*Thomaz*): — Nascido em 1795, n'uma pequena aldeia do condado de Dumfries, (Escossia), descendente de lavradores abastados, destinou-se a carreira ecclesiastica e foi mandado á univer-

[1] *History of England. tom. I*

sidade de Edimburgo onde estudou jurisprudencia, theologia e linguas modernas, entre ellas a allemã, pela qual mostrou particular predilecção. Taciturno por caracter fugia a conveniencia dos mancebos de sua idade, e preferia-lhes excursões solitarias pelas montanhas de seu paiz. Depois de haver por dois annos exercido o emprego de professor de mathematicas n'um collegio do condado de Fife, declarou a seu pai que não se sentindo com vocação para a igreja desejava antes consagrar-se á imprensa, e á litteratura. Havendo-se casado em 1822 retirou-se para uma quinta que possuia no districto de Dumfries, e ahi escreveu seus primeiros artigos para a *Encyclopedia* de Brewster, que o fizerão conhecido na republica das letras. Do avultado numero de volumes sahidos da fecunda penna de Carlyle podem-se destacar tres, conhecidos pelos titulos — *Sartor resartus*, *Historia da Revolução Franceza*, e *Dos Heróes. — Culto dos heróes, e sentimento heroico na historia.*

A primeira destas obras, primitivamente publicada nas columnas do *Frazer's Magazine*, é uma visivel imitação de Richter, pungente critica da sociedade ingleza, feita n'uma linguagem ouriçada de germanismos, causa certa sensação, devida a originalidade da forma, conquistando para o autor a antonomasia de — *censor do seculo.*

A *Historia da Revolução Franceza* é uma obra systematica e accintosa em que se apresenta este magno acontecimento como a victoria da anarchia desencadeada contra a auctoridade corrupta e artificiosa. A popularidade de semelhante obra explica-se mais pela novidade da forma e audacia dos paradoxos do que pelos dotes intrinsecos que a recommendão.

Passa pela mais celebre das suas obras a famosa theoria relativa a missão dos heróes no desenvolvimento da historia humana, e para que se não pense que a desnaturamos demos a palavra ao proprio autor e seja elle que no-la explique.

« A historia universal, a historia de tudo quanto o homem tem feito neste mundo, é na essencia a historia dos grandes homens que tem existido. Forão elles os conductores dos povos; formadores, modelos, n'uma palavra creadores de tudo o que o commum dos homens executárão, segundo seus planos. Todas as coisas, que vemos no mundo, são o resultado material e externo, o cumpri-

mento practico, a incarnação dos pensamentos que habitavão nos grandes homens, por Deus enviados ao mundo. A alma da historia seria sua propria historia [1]. »

Pouco adiante accrescenta:

« O heróe é um mensageiro, enviado do fundo do mysterioso infinito com noticias para nós. Vem da substancia interna das coisas; vive, e deve viver em quotidiana communhão com ella. Vem do coração do mundo, da realidade primordial das coisas; a inspiração do Omnipotente dá-lhe intelligencia, e em verdade o que pronuncia é uma especie de revelação. »

A serem exactos os principios de Carlyle só aos heróes devera pertencer o governo das sociedades, e o papel d'estas se reduziria a investigar quem era esse ente providencial, a cujos dictames cumpria-lhes reverentemente submetterem-se. Teria desapparecido a liberdade humana.

Intuitivo é que semelhantes ideias são de procedencia germanica, mal comprehendidas, e exageradamente interpretadas. Condensou em sua theoria do heroismo os fragmentos esparsos da lei hegeliana; e derivou d'um sentimento commum. Em resumo: a theoria de Carlyle, relativa a missão providencial dos heróes, é genericamente allemã, transformada e condensada á ingleza.

[1] *On Heroes*, tom. I.

# APPENDICE

## LITTERATURA ANGLO-AMERICANA

É um paiz relativamente moderno o dos Estados-Unidos da America do Norte: practico e material o seu genio, esteando sua força no bom senso, e na pasmosa actividade que favorece-lhe a industria. Falta-lhe a imaginação por que esta, no dizer de um philosopho, é o producto da memoria; e uma especie de evocação do passado: falta-lhe uma gloriosa historia, ou se quer poeticas legendas, que inspirassem o estro d'um Byron ou d'um Walter Scott. Nem producção nativa do sólo é a lingua que fallão: para conservar-lhe a pureza são forçados seus escriptores a se regularem pelos da antiga metropole, que lhes servem de typo, e quiçá de modelo. Difficil é por sem duvida tal empenho; porquanto se innovão receião-se do barbarismo, ou pelo menos da emphase; se reproduzem os classicos exemplares estacionão a lingua sem satisfazer as multiplices necessidades do pensamento. Forão porém em grande parte superados esses obices: e os defeitos denominados *americanismos* vão se tornando raros; começão a apparecer philologos que se dão a profundos e conscienciosos estudos e os criticos inglezes confessão que possue a America escriptores como Washington Irving, que se servem do idioma de Milton, e de Pope com esmerada e incontestavel correcção.

Os primeiros poetas anglo-americanos forão Crabbe e Burns, imitadores de Goldsmith e Gray. O primeiro espectaculo que inspirou os cantores d'aquem do Atlantico foi o da colossal lucta entre o homem e a natureza: por isso forão amaveis e humanos, á força de quererem ser populares. Escreverão para todos, dirigirão-se ás

intelligencias vulgares, como Shakspeare, Montaigne e Cervantes se havião dirigido a parte selecta da sociedade de seu tempo.

Não achou a guerra da independencia o seu Tyrteu; porque n'esse paiz, todo preoccupado de interesses materiaes, não era pelo enthusiasmo lyrico, nem vibrando as cordas do sentimentalismo, que se levaria o paiz a grandes commettimentos. Só mais tarde é que deverião apparecer os verdadeiros poetas; ao principio, timidos imitadores de Wordoworth, de Southey e de Wilson, depois mais originaes em suas copias, até que finalmente chegou a epocha em que Poe e Longfellow fizerão sua solemne entrada no scenario da poesia nacional. Este ultimo, sobretudo, é considerado como rival de Goethe; e a sua *Evangelina*, vasada no molde de *Hermano e Dorothea*, é um poema-idyllio, notavel pela composição dramatica e pictoresca do estylo; onde porém a nobreza do sentimento suppre a mobilidez da ideia.

Num povo que recebera em seu berço as instituições democraticas cedo manifestou-se a eloquencia. Nos tempos coloniaes possuia cada provincia sua assemblea legislativa, onde em pró dos direitos, solemnemente consagrados em cartas patentes que lhe servião de foraes, erguia-se a voz dos oradores, cujos nomes se perdem na mesquinhez relativa das questões. A era da independencia foi a idade d'oiro da palavra e da espada: Washington voava da tribuna ao campo da batalha; Franklin, o modesto e sabio diplomata, não desdenhava as lides parlamentares, onde Jefferson brilhava pelo seu admiravel bom senso. Nos dias que immediatamente se seguirão a essa memoranda epocha, a divergencia entre unitarios e federalistas, abriu margem a importantes e vivas discussões, em que se assignalarão Adams, Clay, Webster, Calhoun e tantos outros que mantiverão a gloriosa tradição a que hoje honrão eximios oradores. O pulpito protestante, que, como é sabido, poucas ensanchas offerece á eloquencia, deparou com um notabilissimo representante na pessoa de Channing, cuja unctuosa palavra dulcifica e commove os corações.

No quadro do movimento intellectual da joven America, occupa a historia distincto lugar: Bancroft celebra a origem e formação dos Estados Unidos e conduz os annaes patrios até o anno de 1835; Marshall escreve a vida de Washington; Irwing busca o genesis d'America, e de passagem lança perspicazes vistas sobre a Europa

e especialmente sobre a Hespanha; Stiler traz de Vienna uma excellente obra relativa aos movimentos revolucionarios que agitavão a Hungria, a Bohemia, a Lombardia e a propria Austria nos fatidicos annos de 1848-1849; finalmente Prescott perde a vista pesquisando os reinados de Fernando e Isabel e burilando os fastos da conquistas do Mexico e do Perú.

O romance, essa epopéa do povo como lhe chama Lamartine, achou nos Estados-Unidos habilissimos interpretes: Irwing e Cooper, emularão com Scott e Dickens, e suas obras ganharão uma nomeada que o tempo vai consagrando em vez de mingoar. Quem ha ahi que não lesse os *Contos d'Alhambra*, resplandescentes de luz e emphase oriental? Quem não deve deliciosos momentos á leitura do *Prado*, contemplando pela imaginação a sublime cascata do Niagara, os lagos de Champlain e Erié, as ribas encantadoras do Ohio e o magestoso curso do Mississipi?

É porem Finimore Cooper o maior e mais afamado romancista americano. Excitarão suas primeiras obras a attenção dos criticos europeus: admirarão-lhe a originalidade das descripções, das ideias e dos personagens; e em vista de tanta opulencia, de tanta frescura de imaginação, perdoarão-lhe a extrema e escrupulosa fidelidade dos quadros, a minucia dos accidentes entorpecendo a marcha d'acção. Lançarão taes defeitos por conta da rigidez calvinista do auctor e do demasiado amor que mostrão seus compatriotas pela exactidão historica. Ha um romance onde se condensão todas as bellezas e senões do illustre romancista: referimo-nos ao *Ultimo dos Mohicanos*, obra sem rival em litteratura alguma, onde não se descobrem os vestigios da eterna familia dos heroes; onde tudo é grande e original, onde finalmente nos vemos collocados num mundo novo, e a largos pulmões respiramos a fragrancia do deserto e nos absorvemos na magestosa contemplação do genio nativo da raça humana. Faz-nos esse romance viver a vida das solidões primevas e associa-nos á existencia atribulada do filho do deserto.

Facto notavel é que tambem as senhoras pugnão com vantagem na liça dos romancistas, e dentre muitos e laureados nomes, que com louvor poderiamos citar, basta-nos o da senhora Beecher Stowe, auctora da *Cabana do Pai Thomaz*, que tantos brados deu

no mundo litterario e tanto facilitou a immortal obra d'Abrahão Lincoln. Goza esta dama entre seus conterraneos d'uma reputação em nada inferior á das senhoras Stael e Sand.

Imperiosas e quasi diriamos locaes circumstuncias tem retardado a apparição da litteratura dramatica n'America do Norte. A principio era a intolererancia puritana, implacavel inimiga das distracções e passatempos, a que veio depois junctar-se a concurrencia estrangeira, favoneada pela ganancia d'avidos emprezarios, sempre promptos a sacrificar a gloria litteraria ás combinações financeiras. O caracter industrial, que a especulação imprimiu nas representações theatraes, tem obstado que os auctores dramaticos observem os principios da verdadeira e legitima arte.

A critica litteraria, esse serodio fructo da erudicção, achou ardentes e zelosos cultores na patria de Washington: e, tomando dentre muitos, um unico exemplo citaremos o nome de Ticknor, conceituado auctor da *Historia da Litteratura Hespanhola* reputada classica por abalisados juizes. Na cadeira de litteratura, que nobre e fructuosamente occupa na nova universidade de Haward, arrebatou seus numerosos ouvintes submettendo á severa e espirituosa analyse as obras dos principaes escriptores francezes e italianos, e dizendo acerca de Dante e Goethe cousas tão novas e judiciosas, que o eminente historiador Prescott apressou-se em proclamar que o erudito professor estava exercendo notavel e benefica influencia sobre a litteratura patria. Deus o illumine, e abundante seja a seara a uberrimo torrão confiado.

# LIVRO SETIMO

## LITTERATURA ALLEMÃ

Refere-nos Tacito que os bellicosos germanios entoavão canticos de guerra no começo das batalhas. Erão arias grosseiras e sem harmonia; porque os guerreiros que as cantavão collocavão os escudos diante da boca, esperando com isso aterrar o inimigo; e estavão tanto mais seguros da victoria quanto mais roucos fossem os sons que exhalassem.

Ha quem pretenda que os germanos possuissem cantores, ou *bardos*, assim como os scandinavos tinhão seus *scaldas*, que cantavão e tocavão harpa quando o exercito se punha em marcha: outros porém pensão (e com melhores fundamentos) que os hymnos e canticos guerreiros erão entoados por todo o povo; porque desde as mais remotas epochas notou-se na raça germanica pronunciado gosto musical.

Incontestavel é que a poesia revela a primeira manifestação litteraria de qualquer povo; ora, sendo ella antiquissima entre os allemães segue-se que a sua litteratura é uma das primeiras da Europa. Antes porém que desabrochasse chegando ao estado florescente em que hoje vemo-la passou por diversas phases que perfunctoriamente vamos assignalar.

Daremos a denominação de *Origens* ao periodo embryonario como havemos procedido anteriormente, e fixaremos em quatro os periodos litterarios: 1º (*idade media*) do seculo XII ao XIV; 2º (*renascimento*) seculos XV a XVI; 3º (*classico*) seculos XVII a XVIII; 4º (*romantico*) seculo XIX.

## ORIGENS

Viu-se surgir durante as emigrações germanicas, operadas nos seculos quarto, quinto e sexto, uma multidão de legendas de fundo historico bordadas pelos arabescos da imaginação. Como sóe acontecer as circumstancias de tempo e lugar estavão confundidas, e quiçá baralhadas. As legendas de Dietrich e Siegfried, e o hymno de Hildebrando, pertencião a essa numerosa familia de cantos populares accintosamente perseguida por Carlos Magno e seus preceptores ecclesiasticos, que ahi descobrião vestigios do paganismo, votado ao exterminio. Reconhecendo porém n'esses cantos a alma do povo, que lhes cumpria respeitar, esforçarão-se por altera-los substituindo a essencia quando não podia mudar a forma: assim nota-se mais de uma strophe do cyclo legendario figurando nos hymnos da igreja, e applicados aos santos do christianismo qualificações outr'ora destinadas aos heróes pagãos. Quem se der ao trabalho de manusear as laudas da *Historia dos Godos* de Jormandes, e a *Narrativa dos feitos heroicos dos reis lombardos*, de Paulo Warmefried (mais conhecido por *Paulo Diacono*) terá occasião de observar que esses auctores tirarão das tradições populares o mesmo partido que tirou Tito Livio das legendas romanas.

Pouco favoraveis podião ser as cruzadas ao desenvolvimento litterario; todavia não desdenhavão os cavalleiros de Christo tudo o que proxima, ou remotamente, podia-se referir ao Divino Mestre, e como a legenda de Carlos Magno offerecia a semelhança dos doze pares com os apostolos, além de ser esse principe decidido defensor dos direitos da igreja explica-se assim o benigno acolhimento que d'elles recebeu o canto de Roland (*Rolandslied*), o mais antigo poema do cyclo carolingio. Seu autor foi o monge Conrado capellão do imperador Henrique (*o Leão*) a quem muito aprazia semelhante genero de poesia.

D'entre os povos germanicos parece terem sido os godos os que mais apreço davão a poesia. Sabemos que na tenda de Attila, e mais tarde na côrte de Theodorico, cantavão-se arias guerreiras. A gloria da familia real dos Amalungen e a dos heróes da sua raça crê-se

ter sido particularmente celebrada nesses cantos, em que vierão depois fulgurar os nomes de Attila e Theodorico. A traducção da Biblia por Ulfilas, o mais antigo e sobreexistente monumento da lingua gothica, foi composta para o uso das populações ribeirinhas do Danubio. De documentos authenticos consta que os godos de Italia fallavão um só dialecto, e resão as chronicas contemporaneas que Theodorico favorecera as boas letras promovendo o simultaneo ensino dos idiomas gothico e latino.

A lingua gothica e todos os monumentos da sua litteratura perecerão com esse heroico povo; e apenas se conservou na Hespanha por mais tempo, porque os nobres d'esse paiz gloriavão-se de sua ascendencia germanica, ao passo que na Italia destruirão-se os documentos antigos, porque continhão a prova da origem gothica e lombarda d'essa fidalguia que, á todo o transe, pretendia proceder dos romanos [1].

[1] A litteratura scandinava procede da mesma origem. Os *Éddas*, recopilação de antigos cantos poeticos dos povos do Norte e de tratados em prosa concernentes á historia e á moral são a fonte mais pura da mythologia germanica e os seus principaes monumentos litterarios anteriores á introducção do christianismo. N'elles se encontrão muitas das legendas exaradas nos *Niebelungen*, escriptas na lingua *saxa*, commum a todos os povos scandinavos, e da qual, á partir do seculo X, procedem os modernos idiomas da Noruega, Suecia e Dinamarca.

Na mais remota antiguidade a que remontão-se ás tradições scandinavas se encontra um alphabeto, designado pelo nome de *runico*, e cujos caracteres, conhecidos pela denominação de *runas* (secretos) só erão conhecidos por poucos eruditos, olhados como magicos ou feiticeiros. Este alphabeto, que algumas analogias offerece com o hebraico e o grego, não é todavia derivado de nenhum d'elles, e sim uma mescla de caracteres symbolicos usados para escrever a lingua gothica, fonte commum dos dialectos do Norte. Vêm-se ainda hoje na Noruega inscripções em caracteres runicos que são objecto de porfiosas discussões entre os antiquarios.

As tradições primitivas da Scandinavia, e principalmente da Dinamarca, achão-se registadas n'uma notavel chronica latina, devida a um sabio ecclesiastico conhecido por *Saxo Grammatico*.

# PRIMEIRO PERIODO (Seculo XII-XIV)

## POESIA LYRICA

Os costumes dos germanos e o christianismo fizerão sahir a mulher da posição infima e subalterna em que a collocára a antiga sociedade para eleva-la á categoria de soberana da vida intima e guarda dos costumes e do decóro. A primeira virtude da cavallaria foi o respeito e a protecção ao sexo fragil: assim pois logo que os cavalleiros fizerão-se poetas constituiu-se o amor base primordial de seus cantos. Releva confessar que sem esse nobre sentimento impossivel seria toda cultura intellectual, e que as ideias terião necessariamente de succumbir aos rudes golpes da força bruta.

Pelo que respeita a forma dividirão-se os cantos de amor (*minnesange*) em *soldos* compostos de rimas parelhadas e sem strophes, notaveis pelos versos melodiosos, acompanhados quasi sempre de instrumentos de corda.

Caracterisavão-se os primeiros cantos dos trovadores pela physionomia popular; mas quando pelo decurso dos annos forão tirados da classe nobre passou essa poesia das mãos dos cégos e mendigos para a dos reis e senhores, sendo admittida então nas côrtes e nos palacios dos grandes. Como facil é de conjecturar sensivel alteração soffreu com essa mudança de sorte. No começo peregrinavão cantores ambulantes pelos castellos e entretinhão-lhes os folgares com suas canções urdidas de velhas legendas. Principes illustres favoneavão esse genero de litteratura, e a historia faz honrosa menção dos Hohenstaufen, dos duques d'Austria, e dos condes de Thuringia; principalmente d'um certo Hermano, que residia em Wartbourg, que no XIII seculo representou um papel semelhante ao de Weimar nos fins do seculo XVIII e principio de XIX. A *guerra dos cantores de Wartbourg*, de legendaria recordação, attesta a a rivalidade entre os poetas d'essa escola e os do Sul da Allemanha.

Destinguem-se os poetas thuringios por uma certa pureza, finura

e profundidade de sentimentos; notando-se-lhes porém ausencia de ideias e monotonia na expressão. Avantajão-se os suabios pela variedade e ousadia de pensamentos, bem como pela novidade das formas. Considera-se como representante d'essa escola Walter von der Vogelreid, cujos carmes revelão larga experiencia dos homens e das coisas. Nos arroubos da imaginação jamais deixou de tributar preito e homenagem á justiça e á verdade: e em seus versos nunca apparece mulher que não seja typo de graça e honestidade.

A superioridade incontestavel dos poetas meridionaes contribuiu poderosamente para que o dialecto suabio fosse a lingua ordinaria da poesia; e como esse dialecto excedia ao saxonio em suavidade e riqueza foi elle preferido pelos bardos westphalios e os cantores de *Meiszen*.

O culto da mulher, que, como acabamos de ver, derramára tão suave perfume sobre os cantos dos primeiros trovadores degenerou e descahiu nas maiores vulgaridades. Póde-se datar essa decadencia da queda da dynastia dos Hohenstaufen e a ascenção da casa de Hapsburgo. A falta d'uma côrte que servisse de gremio aos poetas fez com que a nobreza se descurasse das musas, que desde então forão servidas por poetas de muito secundario merito, e de mais secundario apreço.

Debalde esforça-se Reinmar de Zweter, poeta do XIII seculo, de suster a poesia em seu despenhadeiro, debalde estygmatisa a corrupção da cavallaria e o seu menospreço pelas letras: — cessára a epocha do enthusiasmo, e a chusma de poetas mediocres estava longe de dispertar interesse em suas insulsas obras. Rudger de Moresse (de Zurich) collecionou em principios do XIV seculo as canções de cento e cincoenta trovadores, e nesse codice, hoje rarissimo, descobrem os criticos allemães novos fundamentos da decadencia que temos assignalado.

## POESIA EPICA

No periodo que estudamos, caracterisado pelo desenvolvimento da poesia erotica, viu-se apparecer a epopéa dos *Niebelungen*, composição d'outras eras, em que os sentimentos heroicos predo-

minavão sobre os ternos e amorosos. Pecca este poema pela forma: sua construcção é insignificante e pobre a linguagem; deferindo essencialmente dos outros poemas cavalheirescos contemporaneos.

Apesar dos seus defeitos merece esta obra detida leitura, pela arte com que seu desconhecido auctor soube empregar o maravilhoso, e pelo modo porque traçou os caracteres dos principaes personnagens. « Nos *Niebelungen* (diz um celebre critico allemão) achamo-nos num mundo povoado de homens em cujo animo não impera o amor, mas sim a força das coisas: não luctão taes homens contra chimeras, mas contra factos; não se arrojão cegamente em aventuras, mas são impellidos por uma força invisivel para grandiosas empresas [1]. »

Sobre o mesmo poema eis como tambem se exprime outro não menos celebre critico [2].

« Não só é esta obra a mais notavel da sua epocha em relação á lingua, como ainda pela regularidade do plano. Termina por um modo quasi dramatico; divide-se em seis livros que se subdividem em fragmentos, e pequenas secções, ou rhapsodias, conforme as necessidades do canto. Parece que o poeta adstringiu-se as fontes a que recorria, porque, a excepção d'algumas palavras isoladas, não se encontra nesse poema, ao menos em seu espirito e genero de invenção nenhum vestigio das cruzadas, que aliás abundão em todos as outras obras contemporaneas [3]. »

[1] Hegel

[2] Schelegel.

[3] Depois de escripto este capitulo chegou-nos as mãos a importantissima *Historia da Litteratura Allemã* — de Heinrich na qual lemos o seguinte juizo acerca dos *Niebelungen:*

« Os *Niebelungen* tiverão immensa reputação na idade-media. Com o declinio da poesia cavalheiresca cahiu em olvido o primor do XII seculo; o povo porém teve mais feliz memoria do que os eruditos; a fabula tornou-se vulgar, e as narrativas de Siegfredo continuarão a deliciar as vigilias do inverno, a tal ponto que no XVII seculo a cidade de Worms conferiu um premio annual ao repentista que melhor celebrasse as proesas de — Siegfredo, vencedor do dragão. Durante o periodo do renascimento apenas se encontra uma menção dos *Niebelungen* na

Pelos fins do XIII seculo perdem as legendas allemães seu primitivo interesse, e a epopea nacional declina como já declinára a poesia lyrica. Reduzidos a singelos cantos (*lieder*) derramão-se pelo povo, graças a intervenção de poetas ambulantes.

A profunda separação que existia no XIV seculo entre as nações, e até entre as diversas classes da sociedade, a ambição e sede de dominio dos imperadores da Allemanha, as depredações dos nobres, desviarão os espiritos da poesia e das idealidades para attrahi-los á vida positiva. O ardor bellicoso, que ainda animava os homens, não mais produzia gloriosos feitos, antes excitava-os a guerras civis e privadas. Abafavão as doces emoções do amor os grosseiros appetites e sensuaes prazeres com que perdia a nobreza o fino gosto e o genio poetico. Debalde buscarão alguns principes deter a poesia em seu despenhar: o espirito do tempo e a crescente influencia burgueza mallograrão seus louvaveis empenhos. Si precisassemos d'exemplos para corroborar nossa asserção fornecer-nos-hia a vida de Miguel Behein, conhecido pelo — *tecelão de Weinsberg*. Vil servo e adulador dos grandes corria de côrte em côrte, sem que em parte alguma podesse crear meios de subsistencia duraveis. Expulso de Vienna, onde passára algum tempo fazendo versos relativas ao memoravel cerco d'essa cidade pelos turcos, foi mendigar asylo em Heidelberg, onde se dispoz a cantar as façanhas de Frederico, *o Victorioso*.

Descambava para o acaso o espirito cavalheiresco quando o imperador Maximiliano tentou salva-lo da voragem. Quiz ser o Augusto d'um novo Virgilio; e por sua encommenda Melchior

obra historica d'um sabio austriaco, Wolfgang Lazius. Seguiu-se completo silencio e quando no XVIII seculo Bodmer de Zurich chamou a attenção de seus compatriotas sobre os *Niebelungen* quando Müller deu em Berlim a primeira edição completa, escreveu-lhe Frederico II exprobando-lhe que desse demasiada importancia a esses poemas *que não valião uma carga de polvora*. Esse ultrage foi sobremente reparado pela moderna Allemanha; e os *Niebelungen* são hoje uma obra classica; por toda a parte estudada e commentada procurando até as bellas artes realçar-lhes as mais primorosas scenas. Chamão-nos com razão os historiadores allemães a perola da litteratura da idade media, e emquanto a lingua allemã for fallada nas margens do Rheno seus cantos serão repetidos por valles e quebradas. » (Tomo I — pag. 151-152).

Pfinzig, de Nuremberg, compoz uma epopea a que denominou — *Theuerdank*. — Os desposorios de Maria de Borgonha e de Maximiliano, os esforços d'este principe para alcançar a mão da princeza, formão o argumento do poema. Conforme o gosto do tempo cada personnagem reveste-se de uma forma allegorica; o imperador que sempre mostrára decidida propensão para as aventuras toma o nome de *Theuerdank*, Maria o *d'Ehrenrich*, Carlos o de *Romreich*. Historico é o corpo d'este poema, e didaticos os episodios e digressões: sempre fatigante e monotono apenas se faz credor de menção pela summa perfeição artistica com que foi impresso.

## POESIA DIDACTICA

As situações immoraes de certos poemas cavalheirescos provocavão a indignação d'alguns escriptores honestos que desejando reagir contra essa tendencia engenharão obras destinadas a educação moral do povo. Entre esses escriptores releva mencionar expressamente Walter von der Vogelweide, espirito recto e sisudo, Thomasin Tirker, adversario declarado dos contos voluptuosos, e que em seu livro intitulado *O Hospede Italiano* reproduz a philosophia d'antiga Grecia, sasonada pelo bom senso germanico.

A *Modestia* de Freidank é uma obra semelhante posto que diversa na forma. Consta d'uma colleção de preceitos, pensamentos, proverbios, enigmas e fabulas, cujo fim principal é o de censura a vaidade da nobreza, os vicios do clero, e a devassidão dominante em todas as classes da sociedade. Notão-se ahi sentimentos vivos e puros que germinavão no sólo allemão, revelando o verdadeiro espirito popular, ora sob um aspecto grave e imponente, ora sob a forma faceta e graciosa.

O *Catão*, de natureza identica, era ao principio uma colleção de maximas latinas, mais tarde vertidas em lingua allemã, com variantes e applicações locaes.

O *Mundo* de Strecker, poeta austriaco encerra toda a especie de fabulas, allegoricas, em que se transparece o espirito burguez. Cumpre advertir que os proverbios allemães abundão principalmente em conselhos e maximas parecendo ter por alvo o solido

conhecimento do coração humano, assim como os adagios, gregos erão destinados ao estudo do *eu*, e os romanos ao ensino da moral.

Diz-nos a historia que no XIV seculo a burguezia das cidades recuperou suas antigas fraquezas erguendo-se triumphante em presença d'uma cavallaria degenerada, só entregue as scenas de dissolução e latrocinio: por isso vemos os poemas cavalheirescos serem substituidos pelos didacticos: o *Renner* de Hugo de Trimberg, e a *Perola* de Ulrico Boner forão compostos para a instrucção do povo. Como os mysticos contemporaneos declama Trimberg contra a corrupção do mundo, e como o severo censor estygmatisa o vicio, não poupando nenhuma classe ou condição social. A *Pedra Preciosa* de Boner é uma colleção de fabulas, adagios e contos encerrando verdadeiro thesouro de santas maximas e sabios conselhos: goza da particularidade de ser a primeira obra allemã que utilisou-se do maravilhoso invento de Guttemberg.

Durou por espaço de dois seculos a poesia didactica; e occupou-se de todos os assumptos populares; applicando os preceitos moraes as condições da vida pratica. Assim, Conrado d'Ammenhausen escreveu o tratado do jogo do xaderz (*Schachzabelbuch*) Conselho d'um pai a seu filho (*Winsbeke*) e a—Conversação d'uma mãi com sua filha—(*Winsbekin*). As obras de Hans Sachs, sapateiro de Nuremberg, tiverão grande voga; porquanto buscou elle pôr a antiguidade ao alcance das classes populares, exactamente na epocha em que os esforços dos sabios tendião a dar novo lustre as elucubrações litterarias.

## ROMANCES E LIVROS POPULARES

Havião deixado os poemas cavalheirescos um vacuo no espirito do povo; reconhecendo-o pretenderão alguns auctores preenche-lo com ficções em prosa imitadas dos romances francezes, inglezes, e até das legendas antigas. Tal foi a origem d'uma serie de composições romanescas que apparecerão n'Allemanha na ultima phase da idade media. As fabulas carolingias intercalada no grosseiro romance de Raynaldo, formarão o nucleo do de Hugo Schapler em que se celebrou a exaltação ao throno de Hugo Capeto. O *Lancelote*

e o *Tristão* das traduções inglezas, o conto provençal de Flora e Branca-flora, as phantasiadas historias d'Alexandre e da guerra de Troya forão refundidas e amplificadas com todo o genero de incrustações.

Mais tarde reunidos e compillados esses romances metamorphosearão-se em *livros populares*, forma que ainda hoje conservão. Os mais conhecidos são os *Quatro Filhos de Haimon*, o *Conde Fortunato*, o *Imperador Octaviano*, *Sancta Genoveva*, e a *Bella Magalona*. Acha-se na obra intulada *Gesta Romanorum*, repositorio de contos e historias coetaneas ao imperio romano, o elencho dos romances—*Conde Fortunato* e os *Sete Mestres*.

Os romances (em prosa) de cavallaria mantiverão-se até XVI seculo, e ainda no seguinte vemos apreciado por Opitz o *Amadis de Gaula*, combinação indigesta de fabulas hespanholas e francezas. Os contos italianos de Boccacio, Poggio e outros, exercerão magna influencia sobre a poesia allemã d'essas eras. O *Eneas Sylvio* imitado dos italianos que por sua vez havião parap hraseado o *Euryalo* de Lucrecio, expõe de modo vivo e gracioso os amores do cavalleiro Sahlich com uma dama, e esforça-se por seus epigrammas e satyras de desvendar da ignorancia e indolencia as classes aristocraticas d'Allemanha, excitando-as a tomar activa parte nos trabalhos intellectuaes. Lograrão esses escriptores fazer veridicas pinturas da vida publica e particular dos seus concidadãos; por isso interessão-nos muito mais suas obras do que os romances cavalheirescos a que substituirão.

Não tardou a que viesse a arte italiana dominar a inspiração indigena; e a introdução da brilhante litteratura dos Medicis abriu os cofres d'antiguidade classica que por todos os angulos irrompeu na terra allemã.

# SEGUNDO PERIODO (Seculo XV — XVI)

## POESIA LYRICA

### O CANTO POPULAR

No tempo das grandes emigrações, quando deu a Allemanha o signal da invasão do imperio romano, consistia a poesia popular em cantos que corrião de boca em boca: o mesmo phenomeno reproduziu-se no XVI seculo quando essa mesma Allemanha arrojou o guante á igreja romana. O commercio e a industria, florescendo em todas as cidades e villas, dispertavão a alegria em todas as classes da sociedade, que revelava-se pelo canto a que os povos germanicos são muito dados.

Oriundo era esse canto (*volsklied*) dos trovadores: em vez porem de celebrar a primavera e o outono; as flores e os fructos; os rios e os prados, procurarão objectos da vida real. Havião sido as canções amorosas a *poesia das mulheres* cumpria que o canto popular fosse a *poesia dos homens*.

Singular attractivo offerecerão esses cantos aos homens eminentes de todas as epochas; e ainda proximamente Herder e Goethe, compillarão-nos cuidadosamente e nelles inspirarão-se. Como não offerecesse a Allemanha, *ad instar* de Inglaterra e Hespanha, lances dramaticos em sua historia, procurarão os poetas lyricos nas scenas da vida domestica o alimento que algures não encontravão.

As poeticas legendas, circumdadas de tocante melancolia, diversificavão entre si; por isso é que são ellas tão variadas como monotonas erão as endechas amorosas dos trovadores. Canções bachicas, hymnos guerreiros, estribilhos d'estudantes, cantigas de camponios, balladas infantis, respirão uma graça nativa e uma naturalidade que encantão. Releva accrescentar que todos esses cantos tinhão o necessario acompanhamento de musica que lhes realçava o merito.

## OS MESTRES CANTORES (MEISTERSAENGER)

— Banida dos salões aristocraticos e dos paços reaes, refugiou-se a poesia nacional nas modestas habitações burguezas: desd'então começou a apparecer uma classe de poetas conhecidos por *mestres cantores* (*meistersaenger*), que escolhião para assumpto de seus cantos as legendas, vidas de santos, milagres, etc., e á proporção que mais geral tornava-se a leitura da Biblia timbravão em procurar seus themas no Evangelho [1].

Floresceu a arte dos *mestres cantores* nas cidades livres de Nuremberg, Francfort, Strasburgo, Ulm, Mayença e outras; e ainda que geralmente se faça acanhado conceito d'essa poesia, repleta d'expressões toscas e prosaicas, cumpre render homenagem á intenção louvavel e aos nobres esforços d'esses honrados burguezes pouco afeitos a tal genero d'exercicio.

Artesãos em que geralmente domina o espirito de classe, o que equivale a invenciveis repugnancias e inveterados odios, associavão-se entre os cantores, estabelecendo d'ess'arte o vinculo burguez. Semelhante facto prova exuberantemente que animavão nos vigorosos e energicos sentimentos; e em extremo abona a morigeração d'essa boa gente, que renunciava os folgares da taberna para consagrar seus ocios ás elucubrações do espirito.

Essas associações, que por sua propria natureza excluião todo o egoismo e baixeza de sentimentos, fornecem excellente demonstração da sociabilidade da burguezia do tempo. Dedicavão os corypheus d'essas escolas todo o esmero em aperfeiçoar uma arte, que, ainda informe, contribuiu grandemente para polir os costumes e a linguagem da classe operaria: ao passo que arrancavão a poesia do desprezo em que a deixava cahir as classes mais favorecidas da fortuna.

[1] Um canto completo com todas as suas estrophes era designado pelo nome de bar: a estrophe subdividia-se em duas partes symetricas, ou *stollen*, terminadas por uma especie d'epodo que se denominava *abgesang*. Os rythmos e as arias, erão como na antiga Grecia, designados pelos nomes dos seus inventores.

D'entre os *mestres cantores* que mais se avantajarão, ou que mais felizes, puderão subtrahir seus nomes ao olvido, devem-se citar Hans Rosemblut e Hans Sachs. Sempre que estes, ou outros poetas, sentião descer-lhe a inspiração abrião a Biblia lutherana afim de se assegurarem si nos arroubos do estro não se intercalára alguma expressão mal assente ás suas crenças.

### FARÇAS POPULARES

Durante o periodo, tão profundamente agitado, da reforma religiosa em que as classes infimas da sociedade arcarão com as classes elevadas, em que as corporações de artes e officios luctarão com a nobreza, e os frades mendicantes se erguerão contra os opulentos prelados, deu-se o aperfeiçoamento da poesia popular satyrica. Ninguem ignora o papel que representavão na côrte os truões, cujos sarcasmos desfecharão derradeiro golpe na cavallaria, e em muitos livros populares lemos as chacotas dos estudantes e aldeões aos costumes desbragados da fidalguia.

Conhecedor de suas forças e guiado sempre por admiravel bom senso, procurou o povo simplificar o que os seculos medios lhe havião transmittido de confuso e ennovelado. Os mais antigos livros satyricos forão o *Padre Amis*, do poeta austriaco Stricker, e o *Salomão e Marculfo*, poema, cuja origem remonta-se ao XVI seculo, e que parece haurido num antiquissimo conto oriental. É tambem bastante conhecido o *Curato de Kalemberg*, collecção de facecias d'um estudante que pelo seu espirito chocarreiro conseguiu do duque d'Austria ser provido num beneficio ecclesiastico. Na pleiade de farças e sainetes d'essa epocha, fulgura o livro intitulado *Till Eulenspiegel* de que se tirarão repetidas edições e foi traduzido em varias linguas da Europa. O protagonista d'essa farça percorre o mundo como medico, artista, soldado e criado de servir, desempenha todos os officios, illude todas as ordens, abusando do duplo sentido das palavras, parodiando maximas e proverbios, e fazendo sempre rir pela inexgotavel fertilidade do seu espirito.

## POESIA DIDACTICA

Na ordem dos tempos occupa o primeiro lugar entre os poemas didaticos o *Narrenschiff* (navio dos loucos) de Sebastião Brandt. Apesar do prosaismo que nelle predomina teve esse livro grande acceitação, provada pelas suas numerosas edições, commentarios e imitações.

Brandt castiga os vicios e as culpas de todas as classes, servindo-se para isso da poesia popular, cujos excessos aliás censura. Declama contra a *polymathia*, ou mania d'escrever sobre todos os assumptos; e aconselha o conhecimento de si proprio como base de toda a sabedoria. Não poupa o orgulho e vaidade das classes infimas que as leva a quererem erguer-se acima de sua condicção, verberando outrosim o luxo e a sede desenfreada de gozos, promotores immediatos da immoralidade.

O *Reinecke Vos* de Nicolão Baumann, ou de Henrique d'Alkmar, impresso pela primeira vez em Lubeck em 1498, é de todos os livros d'essa epocha o que melhor conservou a tradição popular. É visivelmente uma imitação da fabula latina *Reinardus Vulpes* e tambem do conto francez intitulado *le Roman du Renard*.

Denota esta obra cabal conhecimento do coração humano e dá exata ideia d'esse systema politico conhecido por *machiavelismo*. Flagella os grandes da terra que sobredourão a indignidade e baixeza com os pomposos nomes de finura e delicadesa; e através das allusões descobre-se que suas ervadas setas, miravão a côrte dos duques de Lorena.

João Fischard, natural de Mayença, e que por largos annos residiu em Strasburgo, foi um dos mais fecundos e espirituosos satyricos. Conhecia a litteratura antiga e moderna de todos os povos civilisados, e possuia a pasmosa faculdade d'acommodar a todos os assumptos expressões e phrases atrevidas, quiçá extravagantes. Deixando-se arrastar pelos devaneios da imaginação postergou por mais d'uma vez as leis da linguagem; em quanto sua profunda e variada erudicção impellia-o a allusões obscuras para os contemporaneos e para nós imcomprehensiveis.

Suas principaes obras forão o *Barco Afortunado* narrativa poetica da felicissima viagem que fizerão os burguezes de Zurich que tinhão ido a Strasburgo assistir a uma festa denominada *do tiro*. O *Gargantua*, poema heroi-comico é uma parodia de Rabelais, em que Fischard oppõe o bom senso e a naturalidade aos desvarios dos romances cavalheirescos. Reprehende a licensiosidade dos costumes e, emprestando á loucura a lingu agem da razão, mostra o valor da instrucção e da religião philosophica.

O *Livro Caseiro*, caricatura satyrica e didactica, contem um acervo de ditos comicos e graciosos intercalados num tratado completo d'educação domestica. Com delicado pincel traça o poeta as scenas da vida intima, e realça a felicidade do lar e a placida existencia da mãi de familia. Esse livrinho, justamente apreciado, encerra sublimes lições de moral.

Tiverão grande voga na Allemanha no tempo da Reforma, as fabulas e apologos; e nesse genero levou ás lampas Burkhard Waldes, mui versado nas letras antigas e modernas, e rico d'experiencia adquirida em longas viagens. Serviu-se elle da fabula para combater o egoismo que considerava como causador de todos os males; não se olvidando tambem de fazer o panegyrico da pobreza e modestia.

O *Forchmaeusler* de Rollenhagen, é um poema satyrico imitado da *Batrochomiomachia*, attribuido a Homero, em que se notão as tendencias mundanas e politicas do auctor. O argumento é da maior singeleza: o filho do rei dos ratos vai á côrte do rei das rãs, em que é affectuosamente acolhido, conta o que se passa em seu paiz e recebe iguaes confidencias da parte das rãs, que havendo convidado o principe para um passeio maritimo acontece que nesse passeio morra o referido principe, d'onde originou-se encarniçada guerra entre os ratos e rãs. Na segunda parte d'esse poema, examinão-se os prós e contras da republica, aristocracia e monarchia, e demonstra-se a conveniencia de manter em respeitosa distancia tanto o imperador como o papa. Sob a forma d'epopéa é na essencia uma verdadeira satyra.

As *Colleções de Proverbios Allemães* de João Agricola, e os *Epigrammas* de Zinkgref fazem parte da litteratura popular d'essa epocha, e muitos gabos merecerão do distincto poeta Opitz.

## POESIA DRAMATICA

É na liturgia da Igreja que se deve ir procurar a origem do theatro allemão. Todos os annos, por occasião da solemnidade da Paschoa, fazião diversos personagens uma narrativa da Paixão de Christo entremeada de cantos. Vierão depois os dialogos e as ornamentações scenicas. Franqueado o passo seguirão-se outras representações, denominadas *mysterios*; porque a Biblia e o Evangelho, forneciãolhes argumentos. Parallelamente a essas representações existia a das farças carnavalescas, que constituião uma como variante.

Não tardou que os *mysterios* sahissem da igreja, indo se confundir com as scenas jogralescas que havião invadido a praça publica, ostentando esgares e momices proprias para deleitar as multidões, avidas d'espectaculos. A despeito das expressas e reiteradas prohibições da curia romana tomavão os ecclesiasticos parte nesses divertimentos. No domingo de Ramos, o bispo de Halberstad, representando o papel de Jesus, encaminhava-se a Quedlimburgo, acompanhado de oito homens, que distribuião ramos, seguindo-se depois clerigos, monges e povo.

No decimo quinto seculo, como se separasse a parte graciosa dos mysterios da grave e solemne, começarão a reunirem-se pelo tempo do carnaval alguns comparsas em casa d'algum burguez abastado, e á força de tregeitos e bobagens obtinhão ser regalados com excellente vinho e cerveja, com que fazião copiosas libações.

Servião de scenario algumas taboas dispostas sobre bancos; e ahi principiarão a representarem-se as primeiras obras dramaticas conhecidas e executadas com certo plano e divididas em actos e scenas dialogados. As occurrencias do mercado e as desavenças familiares erão a materia prima d'essas peças, abundamente providas de insulsos gracejos e grosseiras allusões. Os mestres cantores Hans Folz e Rosenblut forão auctores de muitas d'ellas, das quaes a *Confissão d'um moribundo* é uma das mais condimentadas de ironias e sarcasmos contra o clero.

Sob a influencia do theatro classico é que no decimo sexto seculo começou n'Allemanha a purificar-se a scena. Para que se familia-

risassem os discipulos das universidades com a lingua latina tomarão o costume de levarem ao palco as comedias de Plauto e Terencio, ajuntando-lhes introducções e prefacios em allemão. Pouco a pouco forão dando de mão a linguagem estranha, e a chrysalida dramatica rompendo o envolucro escolastico pousou entre o povo qual iriante borboleta.

Hans Sachs, cujo nome hemos tantas vezes repetido, pôz em moda a comedia popular, e alargando a esphera dos assumptos communmente adoptados, recorreu indifferentemente a historia, á mythologia e até ás legendas medievicas.

Si se houvesse trilhado as pégadas de Hans Sachs e de seu coetaneo Ayrer possuiria a Allemanha já no decimo setimo seculo um theatro nacional, como a Inglaterra, a Hespanha d'esse tempo, a falta porem de cultura no povo, a ausencia de centro intellectual, e a deficiencia de poetas de vulto, impedirão a continuação da obra estreada, e a litteratura dramatica manteve sua natural rudeza.

A guerra dos trinta annos deu cabo de todo o rigosijo publico, e sepultou o theatro nas trevas do esquecimento. Opitz, regenerador da poesia, esforçou-se por dar lustre a litteratura dramatica, traduzindo, alem da Antigone de Sophocles, varias tragedias de Seneca e algumas peças italianas, antes destinadas á leitura do que á representação. Gryphius, Lohenstein e Weise proseguirão na mesma vereda, e os poetas de Pegnitz aperfeiçoarão os cantos dramaticos e as pastoraes.

Operou a paz de Westphalia sensivel mudança nos costumes; apossou-se dos populares e dos nobres a paixão pelos espectaculos, e o gosto da opera substituiu ao das representações dramaticas. Veio esse gosto de Italia e introduziu-se primeiramente na Saxonia; e, communicando-se a todas as outras cidades allemães, desenvolveu-se á ponto de supplantar o drama.

## PROSA

A versão da Biblia de Martinho Luthero operou grande revolução linguistica, a ponto de muitos criticos qualificarem-no de *creador da prosa allemã*. A energia d'expressão, a vehemencia de imagens

davão-lhe certa affinidade com os auctores que traduzia, assim pois foi essa obra reputada em grande parte d'Allemanha como modelo de linguagem [1].

Alem d'essa versão compoz Luthero obras didacticas, sermões e cathecismos, recommendaveis pelos mesmos dotes philologicos, e repassados de certa rudeza que aprazia aos contemporaneos, porque formava a base essencial do seu caracter.

Os *Quatro Livros sobre o verdadeiro Catholicismo* de João Arnd e os trabalhos de Spener forão escriptos no estylo de Luthero, igualmente imitado em algumas obras historicas e scientificas.

Afóra esses livros escreverão-se historias em linguagem popular, sem merito litterario recheados de fabulas e erros grosseiros, onde a critica só tem d'apreciar a energia do estylo. Releva mencionar entre essas obras a *Chronica Suissa* de Tschudi; as *Chronicas Bávara* e a da *Velha Allemanha* de Turnmeyer d'Abensberg; a *Chronica* e a *Biblia Historica* de Sebastião Franck e a *Biographia do cavalheiro Goetz de Berlichingen*, escripta por elle proprio.

O mencionado Sebastião Franck escreveu tambem uma collecção de *Proverbios Allemães*. Alberto Durer e Jacob Boehme publicarão alguns trabalhos scientificos em allemão, protestando assim contra o uso então dominante de só empregar-se a lingua latina para esse genero de composições.

## TERCEIRO PERIODO (Seculos XVII-XVIII)

### PRIMEIRA EPOCHA (Seculo XVII)

Suprema influencia exerceu a guerra dos trinta annos sobre a litteratura e a lingua allemães. Esta ultima perdeu o caracter viril

[1] O illustre Bossuet na sua *Historia das Variações* (Liv. I. cap. VI), caracterisava Luthero e sua influencia litteraria n'estas vigorosas palavras:

« Luthero teve força no genio, vehemencia nos discursos, eloquencia viva e impetuosa que arrastava e electrisava os povos, pasmosa ousadia quando se via sustentado e aplaudido com certo ar d'auctoridade que fazia tremer diante d'elle os discipulos a ponto tal que não ousavão contraria-lo, não só nas grandes como ainda nas pequenas coisas. »

que lhe imprimira Luthero e impregnou-se de vocabulos tirados das linguas estranhas, antigas e modernas. Com identifico fim ao das academias italianas e francezas estabelecerão-se nessa época sociedades scientificas e litterarias. Em Weimar e em Koethen funccionava a *Sociedade Frugifera*, ou a *Ordem da Palma*, modelada pela *Academia della Crusca* cujos socios, pertencentes a nobreza, ao clero e a burguezia, usavão de pseudonymos fornecidos pelo reino vegetal. Zesen, fundou a *Sociedade das Ideias Allemães*, que por excesso de purismo pretendeu germanisar os vocabulos estrangeiros. Harsdoeffer e Klaj, poetas de Nuremberg, constituirão a *Ordem das Flores*, phantasiando-se seus membros com nomes pastoris.

Tomarão os poetas allemães por modelo a Marini, imitando-lhe o estylo empollado e resplendente de lentejoulas; e naturalisarão o *verso alexandrino* dos francezes — copiando-lhes plasticamente a poetica — Notou-se desd'então que a litteratura franceza serviu de norma á allemã, suffocando-se na imitação a seiva e originalidade nativas.

Não pouco outrosim prejudicou-lhes o fanatico culto dos classicos gregos e latinos; porquanto adstringindo-se as fórmas não poderão assimilar o genio e a subtileza que constituem o valor intrinseco d'esses auctores. Cumpre ainda addicionar a essas causas a falta d'energia dos poetas allemães e a absoluta ausencia de dignidade que levava-os a se prosternarem aos pés dos grandes, prodigalisando-lhes nausebundas louvaminhas.

Como fosse a Silesia um dos paizes que menos soffreu durante a guerra dos trinta annos manifestarão-se tambem ahi os primeiros symptomas da regeneração poetica, assignalados nos esforços das duas *escolas* denominadas *silesianas*.

## PRIMEIRA ESCOLA SILESIANA

Opitz *(Martinho)*: — Nascido em Bunzlau (Silesia) em 1597 e fallecido em Dantzick em 1639, viajou por quasi toda a Allemanha e foi professor de humanidades em Weissenhurgo (Transylvania). Indo a Paris em 1630 relacionou-se ahi com o sabio Groot (*Grotius*)

que lhe proporcionou o emprego de secretario e historiographo do rei da Polonia.

Considerão-no os allemães como o *patriarcha* e *restaurador* de sua poesia: e de facto exerceu elle grande influencia não só sobre este ramo como sobre outros, inclusivamente a lingua a que lhe deve notaveis melhoramentos. Foi chefe da escola que succedeu a dos *meistersenger*, corrigiu-lhes a rudeza e fixou novas leis a prosodia.

Sem por fórma alguma desconhecer os revelantes serviços que Opitz prestou ás letras patrias importa confessar que faltavão-lhe os dotes imaginativos, prestava demasiada importancia as exterioridades da forma, a pureza da locução e aos torneios metricos. Jamais ensaiou-se na epopéa nem no drama, contentando-se com aperfeiçoar a poesia lyrica e mostrando particular predilecção pelos poemas didaticos, e descriptivos. Occupou-se d'assumptos religiosos em linguagem desconhecida, e creou um novo genero mais tarde aprimorado nos immortaes poemas de Milton e Klopstock.

Flemming *(Paulo)*:—Nascido em 1609 em Harstenstein (Saxonia) e fallecido em 1640. Suas longas peregrinações pela Russia e Prussia, em companhia d'um embaixador, arruinarão-lhe a saude e occasionarão-lhe prematura morte. Pertenceu a escola d'Opitz, a quem excedia em talento e erudição, não logrando todavia igual-a-lo em reputação litteraria.

Constão quasi todas as suas obras de cantos sagrados e versos occasionaes. No numero dos melhores citão-se o soneto *An Sich*—(á si proprio) e o epitaphio que compoz tres dias antes de morrer.

Dach *(Simão)*:—Nascido em Memel em 1605 e fallecido em 1659 foi vice reitor e professor de poetica na universidade de Kœnigsberg, fez parte da *Sociedade Frugifera* e tornou-se corypheo d'um grupo de mancebos enthusiastas que adoptarão nomes bucolicos, constuindo uma especie de secção da primeira escola silesiana. Para elles era a vida um valle de lagrimas, que ambicionavão deixar, trocando-a pela paz do tumulo e as doces esperanças da eternidade. Escreverão grande numero de canticos religiosos e outros poemas secundarios d'entre os quaes se destaca o intitulado —*Anna de Tharaa*— de Dach, ainda hoje popular.

Rist (*João*): — Nascido em 1607 e fallecido em 1667, foi pastor de Wedel e o mais fecundo e superficial dos discipulos d'Opitz. Exerceu grande predominio sobre os contemporaneos, foi supremo juiz (*Pfalzgraf*) da *Sociedade Frugifera* e fundador da *Ordem do Cysne*. Destrissimo n'arte d'agradar e tendo sabido dilatar o circulo de suas relações poude attrahir os elogios d'alguns poetas, constituidos pregoeiros da sua gloria.

Contribuirão os poetas da *Ordem do Cysne* para diffundir o gosto pelas *pastoraes*, muito em voga na Italia; cultivando outrosim com esmero os romances, allegorias, parabolas, fabulas e outras especies em que a arte substituia a natureza.

Scheffler (*João*): — Nascido em 1624 e fallecido em 1677 foi denominado *Angelus Silesius* pela doçura de caracter e tendencias mysticas do espirito. Sua apparição no meio das discussões theologicas, ardentes e apaixonadas, e do esteril pedantismo dos poetas silesianos é semelhante a d'um oasis nos desertos d'Arabia. Sua humilde e melodiosa voz, exhalando-se do obscuro recesso em que vivia, era como um protesto do bom senso popular, testemunho eloquente de que ainda pulsava o coração d'Allemanha.

## SEGUNDA ESCOLA SILESIANA

Greif (*André*) mais conhecido pelo nome alatinado de Griphius: — Nasceu em Gross-Glogau no anno de 1616 e falleceu em 1664. Começou a sua vida como preceptor, e arrastado pelo amor das viagens percorreu sucessivamente Hollanda, França e Italia, e de volta a seu paiz foi eleito syndico provincial da senhoria de Glogau. Dotado de brilhante imaginação empregou-a em reerguer a poesia nacional do abatimento em que cahira. Especialisou-se no genero lyrico, e buscou aperfeiçoar o dramatico, no qual adquiriu verdadeiro e incontestavel renome. Compôz avultado numero de tragedias e comedias, sobresahindo principalmente na força com que verberava os vicios e ridiculos da sociedade contemporanea, contrapondo-a a virtuosa simplicidade dos antigos tempos.

Possuia Griphius os necessarios dotes para regenerar o theatro; a falta porém d'um publico illustrado era-lhe obstaculo quasi insu-

peravel. Vendo-se entregue á propria inspiração commetteu o gravissimo erro de modelar-se pelos auctores classicos, principalmente Seneca, cuja linguagem sentenciosa e declamatoria melhor quadrava o seu engenho. Desdenhou o estudo dos caracteres, a viva pintura dos peripecias para empregar exclusivamente a emphase pensando attingir a meta do sublime pela acumulação de sesquipedaes palavras. Tentou dispertar interesse pelo horror dos quadros, e ensaiou introduzir na scena allemã os córos da tragedia grega. No *Peter Squenz* flagellou os poetas ignorantes e pretenciosos e no *Horribiliscribrifax* achincalhou o soldado fanfarrão, typo mui commum nesse tempo.

Lohenstein *(Gaspar)*: — Nascido em Breslau em 1635 e fallecido em 1683, foi notavel lyrico e herdou de Griphius o sceptro da tragedia. Exagerando o sentimento do horrivel aterrou a scena com os sanguinolentos quadros da historia de Roma e Bysancio, ao passo que repassava o estylo nas doçuras da escola italiana.

Hoffmannh deoffmannswaldau *(Cristiano)*: — Nascido em 1618 e fallecido em 1669, foi conselheiro do tribunal de Breslau e intimo amigo de Griphius. Suas poesias, nas quaes nem sempre guardou as leis do decóro, são penhores da philosophia sensualista que professava. Notão-se-lhe os defeitos communs á escola a que pertencia; extremo gosto pela forma, immoderação no uso dos tropos e figuras, e servil imitação dos escriptores italianos e francezes, em cujas obras pensava estarem contidos todos os segredos d'arte d'escrever.

Logáu *(Frederico)*: — Nascido em 1604 e fallecido em 1655, é quiçá o mais esmerado poeta d'essa epocha. Rutilão espirito seus versos, onde as ideias sãs e elevados pensamentos são expressos com summa liberdade. Considerando a satyra como modificação do epigramma cultivou-a assiduamente e conseguiu dar-lhe grande perfeição.

*Lauremberg* e *Rachel* assignalarão-se na especie satyrica: o primeiro como autor dos — *Poemas Jocundos* — em estylo popular e no dialecto baixo-allemão; e o segundo pela finura da critica e prespicacia d'observação.

## ROMANCE

Operou a guerra dos trinta annos sensiveis modificações na sociedade allemã: reduziu a pobreza, e quiçá a penuria, muitos e opulentos fidalgos; e deu a abastança, senão riqueza, a grande numero de plebeos. Essas transformações sociaes originarão um genero novo em litteratura, que, d'um vocabulo hespanhol, denominou-se *romance picaresco*. Pertencião os heroes d'esses romances á classe, infelizmente mui numerosa, dos que se elevão á força d'astucias e estragemas pouco confessaveis, e que tendo por ponto de mira a fortuna desdenhão escrupulisar os meios d'obte-la.

As *Memorias de Hans von Schweinichen* fornecem o primeiro typo d'esse genero, cujo melhor modelo é o romance de Christovão de Grimmelshausen intitulado — *Simplicius Simplicissimus*. — Refere o protagonista (*Simplicissimus*) sua propria historia e diz-nos ser filho d'um camponez de Spessart, arrancado do lar paterno pelas horrores da guerra, e devendo a educação a um pobre eremita. Passando depois ao serviço d'um commandante deu mostras de grande vivacidade e adquiriu tal notoriedade pelos seus felizes repentes que dispertou no amo a ideia de faze-lo truão de palacio. Suspeitando a sorte que se lhe deparava conseguiu evadir-se; e atravessando uma serie de galantes aventuras foi cahir na carreira militar, que de coração abraçou e, onde de tal sorte distinguiu-se que mereceu ser galardoado com o titulo de barão. Por pouco tempo lhe sorriu a felicidade, desamparando-o logo depois do seu consorcio, seguido da perda de dinheiro e gentilesa, em consequencia dos crueis vestigios que lhe deixarão as bexigas. Abraçando de novo a profissão das armas foi feito prisioneiro pelos soldados de Bernardo de Weimar; recuperada a liberdade proseguiu no curso de suas aventuras, até que vendo-se entrado em annos, sem belleza, sem fortuna, e perdida irrremessivelmente *a sua innocencia* tomou a suprema resolução de romper com o mundo e fazer-se ermitão.

Acolhido com singular favor serviu esse romance d'estimulo a muitos outros, engenhados por talentos subalternos, mas sobre

modo desejosos de ostentarem conhecimentos historicos e geographicos fazendo ainda narrativa de factos e occurrencias pouco vulgares e descrevendo reinos, cidades, villas e lugares longinquos.

*Octavia*, romance da lavra do duque de Brunswich (Antonio Ulrico) imitado do *Artamenes* da senhorita Scudéry, teve bastante acceitação dos contemporaneos, que apreciavão-lhe os ditos espirituosos, epigrammas e anedoctas chistosas, colhidas nos salões da côrte e nos da nobreza.

Pelos fins da epocha que estudamos começou a apparecer uma especie de romances, que talvez com propriedade se podesse appellidar de *satyra em prosa*. O mais justamente celebre d'esses romances intitulava-se — *Visões maravilhosas e veridicas de Philander de Settewald*. — Seu auctor, Moscheroch, inspirou-se na litteratura hespanhola, e sob a forma de visões e sonhos traçou fidelissimo quadro dos costumes contemporaneos. Na visão do — *exercito dos mortos*, — ridicularisou a falsa e pretenciosa sciencia dos juristas e sua inexgotavel logomachia; não poupando outrosim os astrologos, ainda mui poderosos nesse tempo. Desfechou acerados epigrammas contra os romances que ensinavão a postergação dos principios moraes: e mui conhecido e repetidas vezes citado é o capitulo concernente a *vida militar*, em que fez a pintura da barbaria d'essa era, assignavel por tantos e tão hediondos crimes.

Empana o brilho da obra o pouco cuidado que prestou-lhe o auctor, quanto ao estylo e pureza de dicção. Abundão ahi locuções francezas, italianas e hespanholas, amalgamadas com outras de timbre e cunho perfeitamente allemão.

D'entre os romances *picarescos e satyricos* alguns houve, compostos por ecclesiasticos catholicos e protestantes, cuja leitura é por certo pouco edificante, sendo por isso nada invejavel á reputação que grangearão seus auctores.

## VIAGENS

Ælschlœger (*Adão*) mais conhecido por Olearius, nascido em Aschersleben no anno de 1600 e fallecido em 1671, fez seus estudos em Leipzig e mereceu a confiança do duque de Holstein-

Gottorp que nomeou-o seu bibliothecario e mais tarde encarregou-o de missões diplomaticas junto ao Czar de Mascovia e o Schah da Persia. Do que ouviu e observou compoz um volume d'excellente prosa com o titulo de *Viagens a Mascovia, Tartaria e Persia*, dado á estampa em 1647 e que ainda hoje póde ser manuseado com grande proveito. Devem-se-lhe outrosim apreciadas versões de Gulistan e das fabulas de Lokman. No pensar dos criticos é elle um dos mais elegantes prosadores do XVII seculo.

## SEGUNDA EPOCHA (SECULO XVIII)

Foi só pelos fins do XVII seculo, quando já quasi todas as nações da Europa havião chegado ao termo de seu desenvolvimento politico e litterario, que a Allemanha cogitou em crear uma litteratura verdadeiramente nacional. Temos por vezes alludido ao deploravel estado em que a deixára a guerra dos trinta annos: destruida a prosperidade, mutilada em microscopicos e hostis principados, e opprimida por tyrannetes, que, no despotismo interno, achavão compensação das ignominias externas a que se vião condemnados. Á essa sociedade assim dividida e rivalisada apenas prendia o fraco vinculo da communhão de lingua.

Fascinados pelo esplendor da côrte de Luiz XIV principes e nobres, com os olhos fitos em Versalhes, procuravão-lhe imitar a pomposa etiqueta, arremedavão-lhe a elegancia de maneiras e o que peior era copiavão lhe tambem escandalos e vicios. Adoptada como propria a lingua franceza desdenhavão o idioma vernaculo e parece que até tinhão pejo de se dizerem allemães.

Pedantesca erudição e exagerado culto da classica antiguidade isolava os sabios e litteratos do resto da nação: vivião com os gregos e romanos e apropriavão-se, senão do seu espirito, ao menos de sua lingua, com especialidade da latina. Era no idioma de Cicero que escrevião, ensinavão e propagavão a fé religiosa.

Havia pois n'Allemanha duas sociedades distinctas, que só tinhão de commum o desprezo pelo idioma nacional, que reduzido ao trafego vulgar perdera os viris e primitivos dotes. A propria poesia,

tão original nos seculos medios, nenhum vestigio deixára na lembrança do povo, que só nas legendas, contos e farças percebia o longinquo echo da potente voz de seus antepassados.

Nem mesmo intelligente fóra essa imitação: não se buscou nos classicos antigos, nem nos escriptores francezes, aquillo que propriamente se pode chamar — espirito —, e unicamente a forma do estylo e o arredondado dos periodos. Opitz e a sua escola esforçarão-se por inocular na lingua allemã locuções estranhas nem sempre de primeiro quilate.

A regeneração litteraria, a emancipação intellectual do genio allemão, e a creação d'uma litteratura verdadeiramente patriotica, simultaneamente inspirando-se do sentimento nacional e dos grandes modelos antigos e modernos, acceita com toda a espontaneidade, foi a monumental obra de Lessing, levada ao cabo através de mil contrariedades e por toda a sorte de dissabores.

« O caracteristico da litteratura allemã nessa epocha, diz Grucker, consiste n'alliançade duas faculdades que de ordinario se excluem, ou pelo menos se prejudicão, — o poder d'abstracção philosophica, e o dom da creação poetica; — ora, essas faculdades são exactamente as que predominão nos escriptos de Lessing. Graças a essa dupla aptidão, vimos, coisa até então rarissima na historia litteraria, a sciencia, a philosophia, a critica e a poesia desenvolverem-se parallelamente, com igual poder e exito. Natureza, historia, artes, monumentos, linguas, religiões, todos os factos do mundo physico e do moral, tudo o que no tempo e no espaço póde abraçar o pensamento foi estudado, analysado, commentado, reduzido a principios e leis. Com paciencia e penetração sem exemplos, e pelo mais surprehendente esforço d'abstração, superior ás mais arrojadas especulações d'antiguidade, a philosophia allemã, numa evolução de systema, cujos resultados podem ser contestados, mas cuja elevação e profundidade ninguem desconhecerá, procurou deduzir pelo unico poder da razão pura, a ordem, o encadeamento e as relações necessarias das coisas. »

## POESIA DRAMATICA

Lessing (*Gottholdo Ephraim*): — Nascido em Kamenz (Saxonia) em 1729 e fallecido em 1781, era filho d'um pobre ministro lutherano que o mandou estudar preparatorios em Meissen, d'onde trasladou-se depois para Leipzick. Destinado á vida ecclesiastica sentiu faltar-lhe vocação que irresistivelmente arrastava-o para o theatro: e na idade de vinte e dous annos fez representar em Leipzick uma peça intitulada o *Moço Discreto*. Em 1750 emprehendou, de collaboração com Mylius, a publicação das *Memorias para servirem a historia e aos progressos do theatro*, que vierão a lume em Berlim. N'esse mesmo anno traduziu a obra de João Huarte conhecida pelo titulo: *Examen de ingenios para las sciencias*. Em Witemberg, onde por pouco tempo residiu, obteve o grão de *mestre em artes* e sustentou brilhante e victoriosa polemica com Lange relativamente a uma versão que esse erudito professor fizera de Horacio. Em 1755 levou ao palco *Miss Sara Sampson*, primeiro drama representado n'Allemanha, *Philotas*, tragedia em um acto e em prosa, subiu á scena em Berlim em 1759, e n'esse mesmo anno deu a estampa suas *Cartas sobre a litteratura hodierna*, as *Fabulas* em prosa, e as *Dissertações sobre as Fabulas*, em que pretendeu demonstrar a superioridade d'Esopo n'esse genero de composição, cingindo-se na practica, quanto lhe foi possivel, á esse admiravel modelo. Forçou-o a penuria em que vivia a acceitar o emprego de secretario do general Fauenden, mas não podendo resignar-se ás obrigações d'esse cargo e lamentando por outro lado a perda de independencia, desistiu d'elle, e encaminhou se novamente a Berlim, onde publicou com grandes applausos o drama denominado: *Minna de Barnhelm* e o estudo esthetico conhecido por *Laocoonte*. Valeu-lhe a drama *Minna* o lugar de director do theatro de Hamburgo; e no desempenho de suas delicadas funcções escreveu uma serie d'artigos criticos sobre as peças levadas á scena,

colleccionadas sob o titulo de *Dramaturgia* [1]. Como se devera esperar attrahiu-lhe essa critica consideravel numero de inimigos cujos ataques obrigarão-no a renunciar o emprego de director de theatro. Muitos e importantes escriptos polemicos sahirão da sua erudita penna; as duas obras porém que mais contribuirão para celebrisar-lhe o nome forão as dramas *Emilia Galoti*, que tantos gabos mereceu a Goethe e *Nathan, o Prudente* extrahido d'um conto de Boccacio.

Eis como, ácerca d'este abalisado escriptor, se expressava Schlegel no seu estimabilissimo *Curso de Litteratura Dramatica*:

« Em suas primeiras composições dramaticas pagou Lessing tributo a epocha em que vivia. Insignificantes são as comedias do tempo de mancebo, e nada se presente nellas d'esse genio superior que mais tarde tanto nos devera assombrar. Esboçou tragedias pelos modelos francezes, timidamente ensaiando o verso alexandrino para o qual aliás sentia-se pouco disposto. *Sara Sampson* é uma tragedia burgueza bastante enfadonha, indubitavelmente composta pelo molde do *Mercador de Londres*. Suas relações com uma companhia de comediantes de Leipzick, e o jornal hebdomadario sobre a arte dramatica que desde 1767 redigiu fornecerão-lhe ensejo de occupar-se de assumptos theatraes, revelando demasiado espirito e sagacidade. Com vigor, quiçá temerario, profligou opiniões até então geralmente acceitas, e victorioso sahiu-se sempre dos combates que feriu com a auctoridade do gosto francez em pontos de tragedia. Taes forão os successos de Lessing que em breve viu-se desapparecer de nossos theatros as traduções de tragedias francezas e as peças allemães que lhes imitavão. Foi elle o primeiro que, com admiração, fallou de Shakspeare, e d'ess'arte preparou o triumpho da scena nacional. Acreditava porém na infalibillidade

[1] A grande revolução operada por Lessing na scena allemã consistiu principalmente na substituição da tragedia pelo drama. Inspirando-se nas paginas de Shakspeare soube ficar mais original do que Klopstock seguindo as pégadas de Milton. Releva ainda observar que levava vantagem á todos os contemporaneos pelo profundo conhecimento d'esse mesmo theatro francez que affectava desprezar, invidando todos os esforços para arruinar-lhe a influencia.

de Aristoteles, preconceito este, que, addicionado á influencia que sobre seu espirito exercera Diderot, originou singular ecclectismo em sua theoria. »

GOETHE (*João Wolfgang*): — Nascido em 1749 em Francfort-sobre-o-Meno e fallecido em Weimar em 1832, era filho de um magistrado opulento que mandou-o estudar nas universidades de Leipzick e Strasburgo. A publicação da *Historia d'Arte* de Winckelmann e a do *Laocoonte* de Lessing exercerão suprema influencia sobre os destinos litterarios d'este mancebo. Findos os seus estudos regressou a Francfort que não tardou a deixar para dirigir-se a Weimar, onde chamava-o a amizade do duque reinante (Carl s Augusto).

Sua primeira obra foi *Gœtz de Berlichingen*, drama shaksperiano, accolhido com summo favor, devido não tanto ao merito intrinseco como a circumstancia de ser haurido nos fastos nacionaes e referir-se a um nobre caracter e uma austera virtude destacando-se do cahos da corrupção e d'anarchia. Seguiu-se a esse drama um pequeno e sentimenta romance intitulado *Soffrimentos de Werther*, em que buscou descrever com finissimas tintas as tendencias melancholicas, senão scepticas, da juventude d'essa epocha. A tragedia *d'Egmont*, publicada em 1788, é certamente uma das mais pathe-ticas creações do drama moderno, que tambem na historia foi buscar fundamento. O *Tasso*, começado em 1790, é antes uma serie de dialogos, compostos com maravilhosa expressão [1], assim como a *Iphigenia* um primor de gentileza, e uma mimosa inspiração do genio grego. [2] A viagem que fez á Italia no periodo decorrido de

[1] O celebre pintor Tischbein desconcertado pela ausencia quasi que completa de paixão comparou esta tragedia com um sacrificio cujo fumo, agitado por uma branda pressão do ar, rasteja em quanto a chamma força por elevar-se ao céo.

[2] *Torquato Tasso* começado (em prosa) em Weimar foi continuado (em verso), na Italia, findo em seu regresso (1789) e dado á estampa no anno seguinte. Os personagens d'este drama (diz um critico contemporaneo) assemelhão-se a bellas estatuas animadas, porem immobilisadas pelo temor d'alterar a pureza das linhas, e amarrotar as ondulosas pregas do seu manto. Decerrão-se-lhe os labios somente para exprimir os sentimentos que a imaginação, ou o devaneio suscitão em seu peito. Faltão ao protagonista, e aos demais auctores todos os caracteres exclusivos dos povos meridionaes: Affonso e Leonor d'Este não são typos italianos, e a côrte de Ferrara tem demasiadas parecenças com a de Weimar.

1786 a 1790 ministrou-lhe opportunidade d'aperfeiçoar o nativo gosto e aprofundar os conhecimentos que já possuia d'antiguidade classica. Em Roma, onde por algum tempo estanciou, escreveu uma collecção d'elegias, vasadas nos moldes de Tibullo e Propercio. Nenhum enthusiasmo despertou-lhe a revolução franceza, e com quanto acompanhasse o exercito do duque de Brunswick que invadira a Champagne teve sempre aversão pela profissão das armas e utilisou-se dos lazeres do acampamento para escrever o espirituoso *Romance da Raposa*.

Marca o anno de 1794 indelevel data na vida de Goethe : a intima e cordial amizade que então travou com Schiller modificou lhe profundamente o genio e imprimiu-lhe nova e singular direcção. Nessa epocha publicou elle *Hermano e Dorotheá*, gracioso idyllio em que deplora os males da guerra; e as *Xenias*, satyras bellicosas, nasquaes, de collaboração com Schiller, estygmatisava as mediocridades pretenciosas, que movidas pela inveja ousavão molestar os dois maiores genios d'Allemanha. Em 1798 principiou o drama philosophico e religioso denominado *Fausto*, que preocupou-o por quasi toda a vida, dando-lhe a ultima mão quando proximo se lhe antolhava o tumulo. A velhice do illustre poeta foi calma e veneranda. Encontrou na sciencia derradeiras consolações, e poude, já no inverno da existencia, grangear fóros d'eximio botanico. Morreu, cheio de vigor e opulento de gloria, sendo sepultado na capella gran-ducal de Weimar, entre seu protector, Carlos Augusto, e seu melhor amigo, Schiller. Attribue-se a Napoleão I uma phrase que com extrema concisão e verdade caracterisa Goethe. Quando em 1808 encontrou-se com elle em Erfurth, depois de havel-o condecorado com suas victoriosas mãos, pregando-lhe ao peito a cruz da legião de honra, exclamou — *Vós sois um homem* ! — E de facto que o era, na mais elevada accepção da palavra, assim como tambem era o mais genuino representante das letras modernas, o patriarcha intellectual do XIX seculo.

A obra prima de Goethe, aquella que, como acabamos de dizer, consagrou a melhor parte da sua afadigosa existencia é o drama, tragedia, ou como lhe queirão denominar, conhecida pelo nome de — *Fausto*. — Diversamente julgada tem sido essa obra, não crem

porém que ninguem o tenha melhor feito do que a baroneza de Stael, que n'um livro, justamente celebre (*de l'Allemagne*), exprime-se d'este modo:

« ..... Não se deve por certo ahi procurar o gosto, medida e arte que escolhe e finalisa; porém si a imaginação podesse se figurar um cahos intellectual, semelhante ao, tantas vezes descripto, cahos material, devera ser composto n'essa época o *Fausto* de Goethe. Impossivel será ultrapassa-lo n'audacia do pensamento, e sua recordação conserva-se no espirito como uma especie de vertigem. O heroe da peça é o diabo; não representado sob a fórma hedionda com que sóe figurar-se ás crianças; porém mão por excellencia, levando as lampas a todos outros, inclusive o de Gresset, que apenas poderá ser aprendiz e servo de Mephistopheles. Quiz Goethe mostrar n'esse personagem, real e phantastico ao mesmo tempo, o mais pungente gracejo que o despeito possa inpirar, e uma exuberancia d'alegria que fatiga. Nas fallas de Mephistopheles, descobre-se uma ironia infernal que julga a creação inteira como um máo livro de que o diabo se fizesse *censor*.

« Milton fez Satan maior que o homem: Dante e Miguel Angelo derão-lhe os hediondos contornos do animal combinados com a figura humana; o Mephistopheles de Goethe é o diabo civilisado. Maneja com finura esse motejo leviano n'apparencia que tão bem pode-se alliar com profunda perversidade, trata de bagatella e com supremo desdem tudo o que é sensivel: baixa, má e femenida a sua figura, estouvado sem timidez; amavel e até dulcisono com as mulheres, por que precisa engana-las e seduzi-las; e a seducção para elle consiste em servir ás alheias paixões; porquanto nem mesmo fingir amar lhe é licito, unica dissimulação que lhe seja impossivel ».

Schiller (*João Christovão Frederico*): — Nascido em 1759 em Marbach (Wurtemberg) e fallecido em 1805, era filho d'um capitão commandante d'um castello. Destinado primeiramente á carreira ecclesiastica para satisfazer aos votos de sua mãi, senhora summamente piedosa, entrou mais tarde para a escola militar de Stuttgard, onde distinguiu-se nos estudos, apezar da manifesta repugnancia pela profissão das armas. Da escola militar passou-se

para a de direito, d'esta para a de medecina, onde conseguiu formar-se. Decidiu da sua vocação litteraria uma leitura de Shakspeare: e o *Estudante de Nassau* e *Cosme de Medicis* forão os primeiros fructos do seu estro dramatico. Por essa mesma epocha escreveu, ás occultas, o drama denominado — *Os Salteadores*, — violenta diatribe contra a sociedade — « Este drama selvagem (diz Weber) de paixões monstruosas, que pelos caracteres e factos sae dos limites naturaes exerceu poderosa impressão sobre a impetuosa juventude da epocha, e deu nascimento a uma serie de romances de salteadores, da mesma maneira que o *Goetz* de Goethe produzira uma serie de romances cavalheirescos [1] ». *A Conjuração de Fiesque*, glorificação das ideias republicanas, foi mal recebida n'Allemanha mas provocou grande enthusiasmo além do Rheno valendo a seu auctor o diploma de cidadão francez. As estreitezas de sua precaria existencia levarão-no a fundar um jornal de critica dramatica, que só serviu para augmentar-lhe o numero de detractores, vendo-se constrangido a buscar refugio em Leipzick, onde o duque de Weimar conferiu-lhe o titulo de seu conselheiro. Nessa cidade começou a tragedia *Dom Carlos*, primeira de suas composições dramaticas escriptas em verso [2]. Suggerirão-lhe os estudos a que se entregára para a feitura d'essa peça a ideia d'escrever a *Historia das Revoluções dos Paizes Baixos*, e as relações que mais tarde travou com Herder e Wieland dispertarão o desejo de compor a *Historia da Guerra dos Trinta Annos*, que conquistou-lhe uma cadeira de professor na universidade de Iena. Utilisando-se do remanso em que então vivia emprehendeu a publicação d'uma revista litteraria, na qual deu a lume varios trabalhos seus de subido valor e nomeadamente os tratados *sobre a graça e digni-*

[1] *Histoire de la Litterature Allemande.*

[2] *Dom Carlos* é o mais romanesco dos dramas historicos de Schiller, onde si ha de real o nome dos personnagens. O auctor quiz ahi representar a alliança do bello, do feio, e do verdadeiro; o bello na pessôa do cavalheiresco marquez de Poza, philosopho extraviado na côrte d'Hespanha, o feio na de Phelippe II e do seu sinistro sequito, e o verdadeiro nas almas de Dom Carlos e de Isabel, naturalmente inclinados ao bem o mas detidos nessa vereda pelos preconceitos d'educação, empecilhos da etiqueta, e servidões inherentes á grandeza.

*dade, sobre o bello e o sublime, sobre a educação esthetica e sobre a poesia singela e sentimental.* De collaboração com Goethe redigiu (de 1795-1801) o *Almanach das Musas*, onde inseriu sob o titulo de *Xenias* poesias epigrammaticas. Fructo de laboriosas pesquisas, e assiduas meditações foi a bellissima trilogia denominada *Wallenstein*, que no pensar dos criticos é a melhor obra dramatica sahida de sua brilhante e laboriosa penna. Fixando, no ultimo anno do seculo XVIII, residencia em Weimar deu-se inteiramente aos trabalhos scenicos publicando successivamente *Joanna d'Arc*, moldada pelo *Iphigenia* e as *Phenicias* d'Euripides, cuja representação produziu excessivo enthusiasmo: a *Noiva de Messina* composição frouxa, que apenas se recommenda pelos seus formosos côros; e *Guilherme Tell*, considerado o *supra summum* da moderna tragedia. Foi tambem esta a sua derradeira obra: porquanto debilitada a saude pelo excesso d'estudos e trabalhos succumbiu á um accesso de febre catarrhal quando apenas contava quarenta e seis annos d'idade.

Foi indubitavelmente Schiller um dos chefes da escola romantica allemã: seu systema dramatico, por elle proprio algumas vezes modificado, considerou-se desde logo como solemne protesto contra a escola franceza. Em suas obras nota-se a attitude caprichosa d'um genio independente; d'ahi certa falta de realidade nas situações e nos personagens, e um como ambiente vago e vaporoso. Vivem seus personagens, e completa é a creação; mas dir-se-hia que vivem num mundo imaginario e ideal; e até a linguagem é mais poetica do que o permitte o drama resvalando por vezes na declamação. Releva porem observar que tal é a seducção d'essa poesia, em que a harmonia do estylo pede meças a lindeza das imagens, tal é o prestigio d'essa declamação, que parece a natural impressão dos sentimentos elevados. Poeta idealista, primeiro que tudo, não se receia Schiller d'alterar a historia curvando-a ás exigencias da ideia precomcebida: ninguem ainda o excedeu na pintura das paixões; ninguem jamais pensou com maior nobreza, nem se exprimiu com mais vehemencia. Inferior a Shakspeare na valentia dos traços e originalidade das concepções iguala-o, senão excedeu-o

em mais d'um ponto; e merece ser justamente collocado á frente do theatro allemão

## POESIA EPICA

Klopstock (*Frederico Theophilo*): — Natural de Quedlimburgo (Saxonia), nascido em 1724 e fallecido em 1803. Deveu a sua mãi sentimentos de summa piedade e a seu pai grande energia de caracter e uma jovialidade que parecia inalteravel. Na estimavel escola de Schulpforte, adquiriu extraordinario amor pela litteratura antiga, a que deveu a virilidade d'expressão e os segredos de harmonia com que deliciava os contemporaneos. Attribue-se ainda a tão salutar influencia a paixão que sempre testemunhou pela solitaria natureza e as suas disposições elegiacas. Em verdes annos alistou-se nas fileiras dos adversarios de Gottsched, acerrimo campeão das traducções e imitações, e juntando as acções ás palavras dispoz-se a escrever para provar que os allemães erão capazes de produzir obras originaes. No *Bresmer Breitag* (Folhas de Bremen) publicou os tres primeiros cantos de uma epopéa intitulada *Messiada* que tal enthusiasmo dispertou na Allemanha que seu auctor foi saudado como fundador d'uma nova epocha litteraria. A ardente paixão que concebera pela irmã d'um amigo seu, causou-lhe algumas contrariedades, as quaes, todavia não tiverão poder de debilitar-lhe a energia de caracter, de que deu exuberantes provas durante a sua estada em Zurich. Favorecido por uma pensão outorgada pelo rei da Dinamarca Frederico V, poude levar ao cabo a *Messiada*, e serenos se lhe escoarão os dias, ora em Copenhague, junto ao seu real protector, ora em Hamburgo, onde casou-se com a sua querida Meta, celebrisada na *Messiada* sob o nome he *Cidli*. Amigo estremecido da liberdade saudou com effusão em suas odes os primeiros pródromos da revolução franceza, apartando-se porem d'ella quando viu cahir no cadafalso a cabeça Luiz XVI; e, arrependendo-se dos seus primeiros arroubos, declarou que estivera em lastimoso erro.

A *Messiada*, obra capital de Klopstock, é um poema em dez cantos, consagrado á resurreição de J. Christo e aos prodigios que a acompanharão; o que Milton achára no Antigo Testamento, deparou o epico allemão no Novo: como seu predecessor manteve-se

fiel ás tradições, permittindo-se unicamente alterar os nomes, factos e dactas que mais convinhão ao seu plano poetico. Recommenda-se pela elevação do pensamento, boa coordenação dos episodios, e pelas narrativas sempre feitas com singular talento. Prolixos e por demais pomposos, são os discursos e caracteres dos personagens, maxime do do protagonista, muito acima do nivel humano. Excellente é a parte lyrica, e d'admiravel effeito os canticos, principalmente os que se seguem á morte de Christo. No consenso quasi unanime, dos criticos, é a *Messiada* a primeira epopéa allemã, e uma das melhores de todas as litteraturas antigas e modernas [1].

## POESIA LYRICA

Burger (*Godofredo Augusto*) : — Nascido em 1748, nas visinhanças de Halberstadt e fallecido em 1794, teve uma vida romanesca rematando-a por ensinar philosophia em Goettingue. Foi por muitos annos edictor e principal redactor do *Almanach das Musas*, onde publicou canções, odes, romances, balladas e epigrammas, de finissimo quilate.

Foi sobretudo na ballada que Burger remiu seu nome do olvido, e ninguem poderá contestar a gloria do ser um dos restauradores da litteratura allemã, erguendo vigoroso brado contra a servil imitação franceza. Com notavel talento explorou a mina das legendas

[1] Um judicioso critico, já por nós citado, avalia nestes termos o merito de Klopstock e da sua epopea :

« A fé profunda que professava pelos dogmas christãos supprimiu nelle toda a hesitação ; conheceu que grande numero d'almas participavão de suas crenças para lhe constituir um publico. Menos dogmatico do que Milton, não dissertou sobre a queda e a redempção ; fez porem apparecer, cercada de suave luz, a figura do Redemptor, e convidou todas as almas a adora-lo com elle. A epopéa de Milton é essencialmente protestante, a de Klosptock, simplesmente christã; dirige-se a todas as almas que tem fé em Christo. Foi essa uma das causas do seu exito. A graça e a melancolica dos versos, a feliz ousadia da substituição da rima pelo hexametro antigo fizerão o resto. A velha forma de Homero e Virgilio, pareceu revestir-se de segunda juventude ; e descubriu-se com admiração que o allemão não era inferior ás linguas antigas, em flexibilidade e harmonia, e o jubilo d'essa descoberta exaltou o legitimo orgulho do sentimento nacional. »

(*Histoire de la Littérature Allemande* par Heinrich — Paris — 1870 — tom. I.)

e das superstições populares, e conseguiu realça-las com o brilhante colorido da imaginação e as graças do estylo. Muitas das suas canções e balladas forão postas em musica por Schulz, Reichardt e outros eximios compositores, e são ainda hoje extremamente populares n'Allemanha.

Gesner (*Salomão*): — Nascido em Zurich em 1730 e fallecido na mesma cidade em 1788. Desde os primeiros annos mostrou decidida vocação pela poesia, exercendo sobre o seu espirito grande influencia as obras de Klopstock. Nem menos ardente era o amor que consagrava ás artes conseguindo n'ellas distincto lugar como pintor e gravador. Enviado por seu pai a Berlim afim d'arredal-o do fôco poetico em' que vivia volveu á patria após dois annos d'ausencia, ainda mais entranhado em sua paixão: do que deu testemunho publicando um poema intitulado *A Noite*, que fel-o conhecido na republica das letras. Seguiu-se-lhe pouco depois outro denominado: *Daphnis*, pastoral no gosto da de Longus, poeta grego do V seculo. *A Morte d'Abel*, poema em quatro cantos, é um pallido reflexo da monumental obra de Milton, e o *Primeiro Navegante*, acolhido com effusão, a mais fraca das suas obras, incluindo o *Diluvio* vasta e tediosa narrativa do tremendo cataclysmo. Em suas *Cartas sobre a paysagem* revelou os profundos conhecimentos theoricos que possuia na materia, emquanto que as laminas e gravuras em agua forte lhe asseguravão honroso lugar entre os artistas practicos. Summamente apreciadas forão em França as suas poesias pastoris, dando causa de ser elle instantemente rogado para transferir-se a esse paiz, o que recusou; contente com a existencia folgada e tranquilla que levava em sua cidade natal, onde occupou os primeiros cargos d'eleição popular, sem jamais renunciar a modesta posição de livreiro, que de seu pai herdára.

O titulo que principalmente recommenda Gesner ao respeito e gratidão da posteridade é o de poeta bucolico, genero em que especialmente avantajou-se elevando o idyllio á subido gráo de perfeição. Confessando a relevancia do serviço prestado pelo illustre poeta de Zurich, dirige-lhe Weber a seguinte critica que nos parece firmada em plena justiça: « Apezar d'algumas bellezas existentes em Gesner tem os seus idyllios falta de interesse: sua linguagem

dulcifica e sentimental impede que se note a ausencia de ideias, acções e naturalidade. Seus pastores são cidadãos que o poeta veste de saial para leval-os aos campos [1]. »

HISTORIA

HERDER (*João Godofredo*): — Nascido em Mohrungen (Prusia) na anno de 1744 e fallecido em 1803. Era filho d'um pobre mestre d'escola que o mandou frequentar os estudos cirurgicos em Kœnigsberg, mais tarde substituidos pelos de theologia, que abrirão-lhe a estrada do pulpito, na qual adquiriu avantajado renome. Occupou a cadeira de professor de theologia na universidade de Goettingue, e foi successivamente escolhido para os cargos de inspector das escolas, presidente do consistorio, e prégador da côrte de Weimar. Litterato, philosopho, theologo, e critico, exerceu magna influencia sobre os contemporaneos, e juntamente com Lessing, Schiller e Goethe, teve grande parte no movimento litterario que assignalou o fim do seculo XVIII e o começo do XIX. Sua obra denominada: *Ideias sobre a Philosophia da Humanidade* póde quinhoar com a de Vico (*La Scienza Nuova*) a gloria da fundação da philosophia da historia. Um dos seus mais brilhantes escriptos é por certo o estudo que em 1783 deu á estampa com o titulo: *Espirito da Poesia Hebraica*. As obras completas d'este laborioso polygrapho, colligidas em Tubingen de 1806-1810 formão 45 volumes in 8°.

Nas *Ideias sobre a Philosophia da Historia da Humanidade* procurou Herder a composição da terra, a formação e o desenvolvimento progressivo dos seres. Esforçou-se por descobrir na propria organisação do homem o germen das suas faculdades intellectuaes, apresentando-o como o intermediario entre os dous mundos, (o real e o sobrenatural, ou metaphysico). Levado pelos arroubos d'uma imaginação quasi oriental, ergueu o edificio das tradições d'onde emanão as sciencias, artes e governo. É para elle a religião a mais antiga e sancta das tradições, e com louvavel empenho pro-

[1] *Histoire de la Littérature Allemande.*

procura conciliar a cosmogonia mosaica com os theoremas da sciencia moderna.

Esta obra ungida pelo enthusiasmo, e escripta com esplendido e imaginoso estylo causou viva sensação; e os espiritos orthodoxos fatigados do scepticismo dogmatico dos innovadores voltarão-se jubilósos para o livro que os acoroçoava em suas pias crenças [1].

Muller (*João* de): — Nascido em Schaffhusa (Suissa) em 1752 e fallecido em 1812. Fez seus estudos em Goettingue, e quando concluidos volveu a cidade natal onde leccionou grego, e depois historia em Genebra e Berne. Mais tarde entrou para o serviço do eleitor de Mayença e do Langrave de Hesse, retirando-se por ultimo a Vienna d'Austria, onde o imperador Leopoldo II conferiu-lhe a dignidade de conselheiro da chancellaria d'Estado. Por occasião das victorias de Napoleão I sobre a Prussia acceitou d'esse monarcha o lugar de secretario do reino deWestphalia e director geral da instrucção publica. Recebeu dos coetaneos a antonomasia de *Thucydides da Helvecia*, de que se tornou digno pela composição de numerosas obras e nomeadamente a *Historia da Confederação Suissa* cuja primeira parte appareceu em Berne em 1780 e a segunda em Leipzick em 1786.

Esta obra composta em lingua alemã remonta-se dos primordios da Suissa ao seculo XV, e abunda em curiosas investigações: não só ácerca da origem das cidades, villas e aldeas, como ainda das tradições e lendas populares. Ampla e magestosa é a narração; e

[1] Herder era naturalmente propenso a melancolia como se comprehende do seguinte trecho da *Introducção* á sua monumental obra:

« Tudo é transitorio na historia, em cujo templo lêm-se as fatidicas palavras:— decadencia e nada. — Conculcamos as cinzas de nossos pais e vagamos entre ruinas mudas e devastadas dos imperios e instituições humanas. Como sombras fogem diante de nós — Egypto, Grecia, Persia e Roma, — como espectros erguem-se de seus sepulchros e apparecem-nos no valle do passado...

Por toda a parte deparamos ruinas sem podermos dizer si o que se eleva em seu lugar vale mais do que o que foi derrubado. Florescem e morrem as nações ainda em flôr; mas um povo corrompido perde logo o perfume e não produz novos fructos. Perpetua-se sem aperfeiçoar-se a cultura intellectual: novos laços prendem o homem á novas faculdades. Forão porventura os romanos mais felizes, ou mais cautos do que os gregos? E seremos nós melhor aquinhoado do que qualquer d'elles?...

si algumas vezes se lhe nota certa frieza sobeja-lhe profundo sentimento de patriotismo e amor á liberdade.

### ROMANCE

Ganhou o romance grande desenvolvimento no periodo em que nos achamos por lhe haverem alguns notaveis escriptores consagrado suas pennas, e tambem pelo concurso dos talentos secundarios attrahidos pela facil extracção das suas obras, devida ao gosto da leitura derramada por todas as classes da sociedade.

Erão esses romances, em grande parte, imitados dos de maior tomo que haviam logrado o favor publico e podião se dividir em tres secções: *historicos*, *didacticos* e *humoristicos*. Aspiravão seus auctores a uma completa transformação da sociedade, e pintando a vida do espirito e do coração querião eliminar a parte real e positiva. D'essa escola, eminentemente contemplativa, é dignissimo representante o *Werther* de Goethe, e os romances de Klinger onde se percebe a perpetua scisão entre o mundo imaginario e as miserias da existencia terrena.

O romance humoristico foi o producto da continua leitura das obras de Sterne, Fielding, e Goldsmith, e tambem do *Dom Quixote* e do *Gil Braz*. Como porém a vida publica faltasse nessa epocha aos allemães voltarão-se os romancistas para a sciencia, erudição, e theologia, e ideiarão uma serie de obras, notaveis pela sequidão os themas, e aborrecivel prolixidade dos pormenores. O mais celebre d'elles é o que tem por titulo *Viagem de Sophia de Memel á Saxonia* em que se faz uma mui erudita pintura dos usos e costumes dos primitivos habitadores d'essa região

D'entre tantas mediocridades destaca-se o nome do verdadeiro creador do romance humoristico na Allemanha.

Richter (*João Paulo*):—Nascido em 1763 em Wiensiedel (Franconia) e fallecido em 1825. Filho de um modesto pastor protestante, começou por estudar theologia em Leipzick; mas conhecendo-se pouco apto para o ministerio a que se destinou deu-se todo ao estudo das sciencias naturaes. Nomeado conselheiro aulico do duque de Saxonia-Hildburghausen casou-se em Berlim e foi fixar residencia em Weimar, usufruindo da pingue pensão que lhe asse-

gurára o principe-primaz de Dalberg. Escoarão-se-lhe os ultimos annos de vida em Baireuth, n'essa *aurea mediocritas* que Horacio desejava aos sabios.

As obras de Richter offerecem admiravel contraste entre o mundo ideal e o real: são *humoristicas*, porque derramão, á mãos cheias, o ridiculo sobre a sociedade, e *ideaes* porque seus personagens são typos de pureza e perfeição. Ha pouca acção nesses romances, baseando-se no sentimento seu intrinseco valor.

Communicão-lhes encanto as descripções, e minuciosas pinturas; como sejão a da existencia dos parochos d'aldeia, da dos mestres de escola, e outros funccionarios de menor graduação. Fugindo da imitação dos auctores classicos cahiu em mais de uma excentricidade, e sossobrou seu notavel talento nos baixios da vulgaridade.

Forão seus romances muito lidos pelas mulheres que aprecião-lhe a vivacidade dos sentimentos, e admiravão-lhe o modo seductor de desenhar as paixões, e a prespicacia com que sabia sondar os recursos do coração humano. Sempre que lhe acontecia pintar o amor dava largas ao sentimentalismo que dominava-o; e pospunha a verdade á ficção. Póde-se dizer, com Weber que Richter era um admiravel composto do grave com o jovial, do sublime com o ridiculo, do phantastico com o positivo.

Hoffmann (*Ernesto Theodoro*): — Nascido em 1776 em Koenigsberg e fallecido em 1822. Foi creado por uma senhora (sua mãi) doente e muito impressionavel e por um tio, completo typo da extravagancia, que mais tarde retratou num dos seus romances. Votado desde a infancia á magistratura, sentiu-se sempre propenso ás artes, revelando desde a idade de doze annos pasmoso talento musical. No anno de 1800 exercia o cargo de juiz assessor em Posen quando foi desterrado em virtude de algumas satyras, escriptas contra os poderosos membros da aristocracia da terra. Reintegrado pouco depois em suas funcções judiciarias viu-se absolutamente sem emprego quando depois da batalha de Jena perdeu a Prussia esse ducado, que outr'ora pertencia á Polonia. Devendo grangear o pão quotidiano recorreu á musica dando lições d'essa arte e dirigindo a orchestra do theatro de Bamberg. Os acontecimentos de

1815 fizerão-no voltar ao exercicio da magistratura sendo nomeado conselheiro do tribunal de appellação de Berlim. Pouco tempo porém fruiu das vantagens que lhe asseguravam essa elevada posição; porquanto os excessos de todo o genero, a que infelizmente se entregava, arruinarão-lhe a saude e abreviarão-lhe a existencia.

Todos os romances da fecunda penna de Hoffmann caracterisão-se pelo cunho da originalidade, ninguem levou mais longe o genero phantastico, e causa admiração que sendo tão profundo pensador se deixasse arrastar pelos devaneios d'uma imaginação fogosa e desenfreada.

## QUARTO PERIODO (Seculo XIX)

Pelos fins do XVIII seculo tornára-se Weimar metropole litteraria d'Allemanha; em torno do velho Goethe grupavão-se todas as notabilidades, e quando as occurrencias politicas d'essa epocha espalharão por toda a Europa os membros do cenaculo conheceu-se que os allemães havião feito espantosos progressos. Francezes, inglezes e italianos que lhes havião servido de mestres confirmarão publicamente sua superioridade; e sabido é que a autora d'um livro celebre [1] foi expulsa de França por Napoleão I pelas encomiasticas expressões de que se servira para com os homens eminentes d'além-Rheno. O elegante classicismo parisiense cedeu o passo á escola romantica, capitaneada pelos representantes da nova geração. O genio mais portentoso de Inglaterra nos tempos modernos, Byron, ao passo que despedaçava os grilhões da orthodoxia d'Addison e Pope, erguia altares a Goethe e a Schiller. Na patria de Dante, Manzoni e Foscolo adherião com fervos ás novas ideias; e até na Scandinavia, Polonia e Hungria fazia a nova litteratura allemã enthusiasticos proselitos.

Tornava-se, portanto, esse paiz centro do movimento litterario: infelizmente porém os corypheus da reforma, longe de deduzirem

[1] *L'Allemagne* pela baroneza de Stael.

naturaes e legitimas consequencias das theorias de Goethe e Shiller prefirirão dar-lhe bem diversa direcção.

A intuitiva aversão que votavão aos principios que em 1789 havião triumphado em França arrojou-os nas lendas medievicas e no mysticismo: assim pois desconhecendo o espirito do tempo e as tendencias nacionaes quizerão fazer das antigas superstições infranqueavel barreira contra os livres pensadores. Tieck procurou na idade media *essa noite magica que atravessão ao clarão da lua enchames de contos e legendas*. Schlegel achou nas brilhantes producções d'essa idade *veredas seguras para conduzir os impios adoradores da razão ao templo dos ficis*. Refugiando-se nas regiões aerias no dominio das chimeras e dos sonhos, alongando-se pelos seculos passados e paizes remotos renegou o romantismo allemão o presente, e deu costas á realidade.

Não se descuidarão outrosim de colligir as legendas, cantos e tradições populares das diversas partes d'Allemanha em quanto por outro lado se esforçavão para fazer passar ao patrio idioma os primores das litteraturas italiana e hespanhola, devidos ao alaúde dos trovadores e combinando-os com os mythos orientaes e *sagas* escandinavas.

D'ess'arte não só opulentou o romantismo os thesouros litterarios da nação, mas tambem elevou e aperfeiçoou a forma poetica, ministrando-lhe novas locuções, enobrecendo-lhe o estylo, e melhorando a estructura e harmonia da versificação. Realçarão a poesia e a litteratura em geral; fizerão-na mais nobre e digna, disputarão o gosto e o amor das bellas artes, e firmarão relações exactas entre a idealidade e a vida real.

Erão porém censuraveis os seus principios, considerados no ponto de vista moral; e a vida errante e desregrada de muitos d'esses chefes alienava as sympathias de gente honesta. O empenho que mostravão em atacar os sentimentos de honra e de virtude, e em propagar ideias libertinas em tom zombeteiro e sarcastico foi em extremo prejudicial a nova escola, cujo cunho caracteristico pareceu ser o de uma monstruosa combinação de sonhos vaporosos e gozos materiaes.

Não poude a litteratura, e com especialidade a poesia, subtra-

hir-se á influencia das ideias dominantes numa epocha; por isso foi que a poesia da idade media versou toda sobre a cavallaria e o amor. Assim tambem quando no começo d'este seculo o despotismo napoleonico pesou sobre toda a Europa a poesia allemã perdeu a doce serenidade em que se embalava e embocou a tuba guerreira. A liberdade pratica e a dignidade humana, que com tanta eloquencia Schiller defendera em suas obras, fortalecerão a alma do povo, que via com indifferença a glorificação d'uma sociedade extincta e d'uma cavallaria amortalhada no sudario do passado. A politica occupou o primeiro plano quando depois da guerra estrangeira seguirão-se as luctas internas. A *Santa-Alliança* querendo dar paz a Europa, e restabelecendo todas as coisas no seu antigo pé, não conseguiu iniciar um periodo de calma e reconciliação para a litteratura allemã onde se dividirão as opiniões e onde tambem houve aristocratas e conservadores, liberaes e progressistas. Em geral pactuarão os romanticos com os governos aristocraticos, virão na litteratura o apanagio exclusivo das classes superiores, e capricharão em combater o espirito democratico oriundo da revolução franceza. Derão a poesia brazão fidalgo que lhe foi de grande vantagem, porque assim obstou que resvallasse nas trivialidades, que ameaçavão invadi-la: mas tambem por outro lado perderão as sympathias nacionaes. Voltou-se o povo para os poetas que participavão das suas tendencias, comprehendião-lhes os interesses, e estribavão se sobre factos da vida practica.

Grande repercursão causou a revolução de Julho em França: conseguirão os governos allemães deter a onda invasora mas em litteratura incontestavel foi o influxo da ideia liberal. A poesia romantica não foi mais do que uma reminiscencia do passado; desappareceu, semelhante ao pollen que o vento leva nada deixando após si. A modernissima litteratura democratica revelou desde principio sua vigorosa compleição; e posto que se estreasse com certa modestia e reserva não tardou em descambar no *radicalismo*, que, não satisfeito com a opposição politica, profligava desapiedadamente a Igreja e o Estado, ameaçando derribar a ordem social estabelecida. Dois mancebos d'origem israelita (Boerne e Heine) forão os campeões d'essa escola que se chamou *realista*,

porque fazia guerra aberta ao *ideal*, e erigia em dogmas todas as doutrinas dissolventes que tão sinistro clarão lançarão sobre as maravilhas d'arte de que se ufanava a capital de França.

Radiando d'esse pernicioso fóco constituiu-se outra escola denominada *Joven Allemanha*, formada de mancebos de talento e pouco estudo, que pretenderão tirar unicamente das letras recursos de subsistencia. Redactores, ou collaboradores de jornaes politicos e litterarios lograrão attrahir a attenção publica, exercendo immensa influencia sobre leitores superficiaes, aos quaes sobremodo aprazia os periodos guindados de sua prosa, ou os ferinos epigrammas de seus versos. Desejosos de fornecer raros e apetitosos manjares, acommodados a todos os paladares, exercerão-se em diversos generos, e com um á prumo incomparavel, emittião juizos irreformaveis sobre os graves assumptos. As necessidades da vida quotidiana absorvia-os mais do que as da sciencia; e occupavão-se de preferencia com o estado social, politico e religioso da epocha. Debalde tentarão alguns governos oppôrem-se á diffusão de taes escriptos: a influencia da *Joven Allemanha* tornou-se de dia em dia mais crescente. Ninguem ignora a nefasta influencia que teve essa escola nos acontecimentos do anno de 1848, cujas consequencias poderião ser ainda mais lamentaveis, sem o bom senso allemão.

Terminando este rapido esboço da litteratura allemã contemporanea, diremos que outr'ora possuia ella varias metropoles, parecendo que d'ellas recebia certo cunho caracteristico, quasi diriamos, certa *côr local*. Desde que a ideia da unidade da patria allemã penetrou em todos os animos, ideia que acaba de receber tão esplendida quão sanguinolenta consagração, tornou-se a litteratura nacional, e perdeu o particularismo que a distinguia. Debalde se buscarião hoje centros litterarios, como a Saxonia, a Thuringia; as letras e sciencias residem em todas as cidades, e si Berlim é a séde da philosophia e sciencias especulativas, Munich é o muzeu das bellas-artes; Leipzick e Dresde capitaes da critica e d'arte dramatica. Desenvolve-se por toda a parte a vida intellectual e eximios escriptores surgem de todos os angulos d'Allemanha.

## POESIA LYRICA

Novalis (*Frederico Luiz de Hardemberg*, mais conhecido por...): — Nascido em 1772 no condado de Mansfeld (Saxonia) e fallecido em 1801. É considerado como um dos chefes da escola romantica, e fez-se celebre por suas poesias melancolicas e idealistas. Severa educação, profundos estudos, dotes physicos e moraes, nomeadamente a prematura morte de sua desposada, inspirarão-lhe sentimentos sombrios e certo mysticismo que formão a base de seus cantos.

Schlegel (*Carlos Frederico*): — Nascido no Hanover em 1772 e fallecido em 1829, foi simultaneamente poeta, philologo e critico. Como lyrico adquiriu o cognome de *Tyrteu d'Allemanha*, em virtude dos seus canticos patrioticos, e das excitações que dirigiu contra os francezes. Deveu ao principe de Metternich o emprego de secretario aulico, que mais tarde trocou pelo de primeiro secretario d'embaixada em Franckfort, que exerceu até o anno de 1819 em que retirou-se da vida publica para consagrar-se unicamente ao intimo tracto das musas.

Koerner (*Theodoro*): — Nascido em Dresde em 1791 e fallecido em 1813 no batalha de Leipzig. Começou a fazer-se conhecido como dramaturgo, publicando varia peças de merito com especialidade o *Zring*, onde manifesta a influencia das ideias de Schiller. Seu ardor patriotico levou-o a alistar-se como voluntario, perdendo a vida na memoranda acção supra-mencionada. Como lyrico, legou á veneração de seus compatriotas uma bellissima collecção de poesias a que denominou *Lyra* e *Espada*.

Uhland (*Luiz*): — Nascido em Tubingen em 1805 onde fez seus estudos graduando-se em direito. Apartando-se da vereda que trilhavão os romanticos cultivou com esmero a litteratura classica. Publicou em 1815 uma collecção de versos patrioticos, que tiverão immensa nomeada e lhe assegurarão conspicuo papel nos negocios politicos. Membro da camara dos deputados de Wurtemberg, alistou-se nas fileiras da opposição constitucional. Seus poe-

mas lyricos, balladas e romances, recommendão-se pelo estremecido amor que consagrava á patria; bem como pela elevação dos pensamentos e doçura de versificação.

## POESIA DRAMATICA

Tieck (*Luiz*): — Nascido em Berlim em 1773 e fallecido em 1853, frequentou successivamente as universidades de Halle, Gœttingue e Erlangen e na verde idade de vinte e dous annos deu a luz a seu primeiro romance intitulado: *Abdallah*. Depois d'alguns ensaios n'esse genero hasteou nas *Viagens de Sternbold* o pavilhão de romantismo, e entranhando-se no estudo dos seculos medios dramatisou os contos populares do *Barba Azul* e dos *Quatro Filhos d'Aymont*. Considera-se geralmente como o primor do seu theatro *Genoveca de Brabante*, apezar da emphase e superfluidade d'episodios que ahi se notão. Algumas peças satyricas sahidas de sua erudita penna tiverão favoravel acolhimento, assim como os seus *Minnelieder*, ou *Cantos d'amor do tempo dos imperadores da casa de Suabia*. Entregando-se ao indefesso trabalho d'exhumações litterarias deu a estampa o *Velho Theatro Allemão*, seguido do *Velho Theatro Inglez*. Continuou a traducção de Shakspeare, começada por Schlegel. Em 1779 confiou aos prelos uma esmerada traducção de *D. Quichote*, e deixando o genero phantastico deu-se particularmente a observação da realidade da vida, exhibindo uma galeria de quadros, sob o forma de romance, que lhe realçarão a avantajada reputação. A *Revolta de Cevennes*, e a *Morte do Poeta*, (Camões) o *Sabbado das Feiticeiras* e o *Joven Marinheiro* são as mais celebres producções de Tieck na ultima phase da sua gloriosa carreira. Fixando residencia em Dresde (em 1819) tomou activa parte na redacção do *Abendzeitung* (jornal da tarde) onde estampou interessantes artigos de critica theatral, reunidos depois n'um livro (*Dramaturgische Blaeter*). Nomeado (em 1842) conselheiro aulico da Prussia transferiu sua residencia para Berlim, onde occupou-se em fazer representar no theatro de Potsdam a *Antigone* e outras peças que vertera de Sophocles.

Munch-Bellinghausen (*Elgidio Francisco José*, barão de), conhecido pelo pseudonymo — de *Frederico Halm*: — Nasceu em

Cracovia em 1806. Filho d'um magistrado ao serviço d'Austria foi destinado desde a infancia para a carreira politica: venceu porém a vocação litteraria, e em 1834 fez representar no theatro imperial de Vienna o seu primeiro drama, *Griseldes*, que obteve enthusiasticos applausos. Seguirão-se-lhe depois com varia fortuna *Camões* (1838); *Imelde Lambertazzi* (1839); *Uma Doce Sentença* (1840) o *Filho do Deserto* que foi traduzido em quasi todas as linguas da Europa; *Maria de Molina* (1847); e o *Gladiador de Ravenna* (1856) cujo estupendo successo acabou por descobrir o auctor, que até então caprichára em conservar-se occulto. Além de diversas traducções de Lopez da Vega e Shakspeare ensaiou-se com feliz exito na tragedia classica e colheu merecidos elogios na representação de *Sampiero* (1844). Escreveu tambem algumas comedias, d'entre as quaes occupa a *Defesa e Ordem* (1848) distincta plana. Nomeado conselheiro do governo em 1840 é um dos mais influentes membros d'academia imperial, estando particularmente encarregado da grande bibliotheca de Vienna. Fructuosamente occupa seus ocios em importantissimas elucubrações, como as que se entregou em referencia as velhas collecções dos dramas hespanhoes. Reconhecem-lhe os criticos allemães como uma das suas primeiras qualidades o conhecimento do segredo dos effeitos e combinações dramaticas.

## POESIA SATYRICA

Heine (*Henrique*):—Nascido em Dusseldorf em 1800 e fallecido em Paris em 1856; era filho de pais israelitas e estudou direito nas universidades de Bonn, Berlim e Gœttingue e havendo recebido a laurea doutoral não quiz seguir nenhuma das carreiras para que lhe dava ella accesso antepondo a tudo a poesia. Seus primeiros poemas virão a luz em Berlim no anno de 1822, e pouco depois publicou duas tragedias *Almanzor* e *Radcliff* e um intermedio lyrico. Inexplicavel é o motivo porque trocou de religião convertendo-se ao protestantismo quando sempre fez alarde de incredulidade. Da publicação das suas *Impressões de Viagem* (Reisebilder) datou a grande nomeada de Heine, constituido uma especie d'oraculo da mocidade ardente e apaixonada d'Allemanha. Seus *Lieders* (Cantos) forão acolhidos com extraordinario favor, e na vereda em

que tão bem se estreara promettia grandes adiantamentos quando os successos de Julho (de 1830) em França vierão fazer convergir seu notavel talento para assumptos politicos de que desde então exclusivamente preocuparão-no. Mudou sua habitação para Paris, fez-se jornalista, e calorosamente advogou os principios democraticos opprimindo de pungentes epigrammas os prussianos seus compatriotas. De 1836-1848 recebeu uma pensão do governo francez, e manteve assidua correspondencia com a *Gazeta d'Augsburgo*, em cujas columnas estampou uma serie de cartas humoristicas, de que se fizerão depois dous livros com os titulos — *Allemanha* e *Lutecia*. — Consummindo a vida em incessantes e pouco lucrativos trabalhos cahiu n'uma grande prostração de corpo e espirito. Cego e paralytico esperou oito annos que se finasse tão afadigosa existencia, e morreu, ostentando até derradeiros instantes, o scepticismo que lhe corroera a alma.

Foi H. Heine um dos homens mais espirituosos de seu tempo e dotado d'uma causticidade inexgotavel. Sua originalidade fundamenta-se na dupla qualidade de lyrico e humorista, da intima união da impiedade do espirito com as graças da imaginação.

Boerne (*Luiz*) pseudonymo de *Loeb Baruch*: — Nascido em Francfort em 1754 e fallecido êm Paris em 1837. Era, como o precedente, d'origem israelita, e exercera em sua juventude as funcções d'escrivão da policia, que deixou para votar-se de coração á litteratura. Uma injusta prisão provocada pelas suas opiniões liberaes irritarão-no contra a sociedade. Como seu compatriota e coreligionario H. Heine, escolheu Paris para sua morada, logo depois da revolução de Julho, e ahi ostentou-se como um dos chefes da seita appellidada *Joven Allemanha*. Suas *Cartas Parisienses* são estimaveis pelo espirito e *humorismo* que nellas predominão, e sobretudo pelo esforço que empregou em conciliar o genio tudesco com o latino. Sua ultima obra *Menzel*, ou o *Tragador de Francezes* é uma ironia pungente contra as declamações que não cessavão d'echoar além do Rheno contra as tendencias bellicosas da França, e as ameaças de prompta e completa vingança dos attentados commettidos pela primeira republica e pelo primeiro imperio. Todos

hoje sabem quaes forão os tremendos resultados d'essa propaganda anti-gauleza, que tanto combaterão e ridicularisarão Heine e Boerne.

## ROMANCE

Auerbach *(Bertholdo)*: — Nascido em 1812 em Nordstetten (Wurtemberg) de pais israelitas estudou nas universidades de Tubingue, Munich e Heidelberg, applicando-se á theologia rabbinica, á philosophia e á historia. Consagrou á litteratura seu bello talento; distinguindo-se por uma serie de romances que gozão de geral reputação n'Allemanha. Deve porem principalmente essa reputação ás *Historias Aldeãs da Floresta Negra*, notaveis pela exactidão e propriedade dos quadros e singeleza com que são expostos. Destacão-se graciosamente d'esse grupo, alguns contos repassados de sã philosophia e tendentes a demonstrar que a civilisação penetra pouco a pouco até o interior das aldêas e muda insensivelmente os costumes e espirito dos habitantes

Freytag *(Gustavo)*: — Nascido em 1816 em Kreusburg (Silesia), fez solidos estudos no collegio d'Oels d'onde passou-se para as universidades de Breslau e Berlim, obtendo em 1838 o diploma de doutor em philosophia. Aggregado no anno seguinte á faculdade de letras d'essa ultima universidade, ahi conservou-se até o anno de 1847 em que preferiu habitar Dresde, onde, de collaboração com Schimidt, fundou um jornal intitulado *Mensageiro da Fronteira*. Havendo-se estreado com a publicação d'algumas poesias e peças de theatro deveu sua verdadeira e justa nomeada a um romance com este singular titulo *Deve e Haver*, o qual foi traduzido em varias linguas. Nesse romance buscou desenhar, não as paixões dos ociosos, como geralmente se faz, mas as provas substanciaes da vida activa, e a grandeza moral dos que trabalhão. Como era d'esperar foi coroado de feliz successo e saudado com effusão pelo bom senso de seus compatriotas.

Gotthelf *(Alberto Bitzius Jeremias)*: — Nascido em Morat (Suissa), em 1797 e fallecido em 1854. Tornou-se notavel como romancista e legou á posteridade uma apreciavel collecção de contos singelos e tocantes em que deixou retratados os rudes costumes d'Oberland, a candura e simplicidade de seus habitantes, não se

descuidando de combater as tendencias hegelianas que ião se inoculando na patria de Gesner. Escriptos em purissimo allemão são taes contos muito estimados pelos criticos d'esse paiz.

Reuter (*Frederico*): — É talvez o mais popular de todos os romancistas allemães contemporaneos. A pintura da vida do Mecklemburgo, tal como a conhecera em seus tenros annos, acha-se photographada nas *Historias do tempo antigo*. Vivendo nos arredores d'Eisenach (Thuringia) num invejavel conchego consagrou seus lazeres á grande obra da educação do povo por meio do romance no gosto dos de Dickens.

## HISTORIA

Niebuhr (*Bertholdo Jorge*): — Nascido em Copenhague (Dinamarca) em 1776 e fallecido em 1831. Começou seus estudos em Meldorf, indo depois para Hamburgo onde travou estreitas relações com Klopstock e Wors, entrando mais tarde para a carreira administrativa, sem descuidar-se do cultivo das letras, nas quaes grangeou estima e renome, quando apenas contava vinte annos de idade. Exerceu successivamente os cargos de secretario do ministro da fazenda da Dinamarca, sub-bibliotecario e director do banco, onde distinguiu-se como mui perito nas sciencias financeiras. Por occasião da invasão franceza n'Allemanha, trasladou-se á Prussia, sendo nomeado director do commercio do Baltico, e mais tarde conselheiro d'estado. Dessentimentos que sobrevierão entre elle e o principe de Hardenberg, obrigarão-no a dar sua demissão acceitando uma cadeira de historia na universidade de Berlim, o que forneceu-lhe azado ensejo para redigir uma serie de prelecções sobre os antigos povos italiotas, baze primordial da sua *Historia Romana*, cujo primeiro volume veio a lume em 1811, assegurando-lhe desde logo immensa reputação. Collaborou activamente para o jornal *Correspondente Prussiano* que tinha por alvo o animar as populações germanicas contra os francezes, e nessa santa cruzada bem mereceu de sua adoptiva patria. Encarregado em 1816 d'uma missão junto ao governo pontificio, teve a felicidade de descobrir em Verona as *Institutas* de Gaius. Habitou Roma até o anno de 1823 em que deixou-a para ir visitar Napoles, d'onde recolheu-se á Allemanha

fixando residencia em Bonn até os derradeiros dias de vida. Em 1826 deu começo á grande obra da reimpressão dos auctores da collecção byzantina, e fundou uma revista scientifica e litteraria conhecida por *Museu do Rheno*.

A *Historia Romana* de Niebuhr, vertida nos principaes idiomas da Europa, é uma das mais monumentaes obras historicas do nosso seculo, que aliás de tantas se tem enrequecido. Os priscos annaes de Roma são ahi esmerilhados com rara sagacidade, buscando reedificar pela sciencia um passado que as fabulas tanto se aprouverão em desfigurar. Si nesse insano labor deslumbra por vezes o leitor com os relampagos do genio, perde-se muitas outras em hypotheses e conjecturas, que dogmaticamente pretende substituir ás narrativas dos antigos escriptores. Deteve-se na segunda guerra punica, impedindo-lhe a morte de levar suas elucubrações ao seculo d'Augusto, onde por certo acharia basta seára de philosophicos estudos.

Curtius *(Ernesto)* : — Nascido em Lubeck em 1814 estudou no collegio de sua cidade natal, e depois nas universidades de Bonn, Goettingue e Berlim. Em 1837 acompanhou o professor Brandis a Athenas para estudar nas localidades os monumentos d'antiguidade hellenica. Visitou com Otfredo Muller o Pelaponeso, e quando a morte privou-o d'esse sabio amigo encaminhou-se á Italia, d'onde regressou á patria, afim de graduar-se na universidade de Halle. Lecionou por alguns annos em collegios e lyceus de Berlim; e sendo admittido á universidade como professor adjuncto foi chamado para mestre do principe Frederico Guilherme, filho do rei da Prussia, e actual imperador d'Allemanha. Nesse honroso mister manteve-se até o anno de 1856 em que mandarão-lhe reger uma cadeira na universidade de Goettingue em substituição ao erudito Hermann.

Os principaes trabalhos de Curtius versão sobre a historia, philologia e archeologia gregas, sendo justamente celebre a obra que deu á estampa em Gotha de 1851-1852 com o nome de *Peloponesus*, abrangendo a descripção da Grecia, seus mythos, historia e monumentos, obra indispensavel aos que d'or'avante tiverem de se occupar de taes assumptos.

Munch (*Ernesto Hermes José* de) : — Nascido em Rheinfelden

(Suissa) em 1798, fez estudos preparatorios no lyceu de Soleure, e frequentou o curso de direito na universidade de Friburgo, onde filiou-se ás celebres associações d'estudantes conhecidas por *Burschenschaften*. Começando sua carreira publica por secretario do tribunal de sua patria, deixou esse emprego para ir exercer o professorado em algumas cidades da Suissa e d'Allemanha, onde não tardou em fazer-se conhecido pelos seus profundos e suculentos trabalhos historicos. Chamado a Liege (Belgica) para incumbir-se do ensino da historia ecclesiastica e de direito canonico teve de deixar essa cidade, victima da virulenta hostilidade que lhe havião attrahido suas ideias e tendencias anti-catholicas. Buscou então refugio na Hollanda, onde sua reconhecida illustração assegurou-lhe o honroso posto de bibliothecario. Por solicitações do rei de Wurtemberg voltou á Allemanha e reside actualmente em Sttutgard desempenhando as funcções de conselheiro intimo e bibliothecario regio.

D'entre as suas numerosissimas obras historicas, faremos menção das seguintes, que maiores gabos lhe attrahirão: As *Expedições da Europa christã contra os Ottomanos e as tentativas dos Gregos para recuperarem sua liberdade*; — a *Historia das antigas e modernas Côrtes de Hespanha;* — a *Historia do Systema Representativo em Portugal;* — a *Historia Geral dos tempos modernos;* — as *Lembranças das mulheres illustres da Italia*; — *Paolo Sarpi e sua luta contra a Chancellaria romana e os Jesuitas;* —e as *Memorias sobre a historia politica, moral e religiosa dos tres ultimos seculos.*

Mommsen (*Theodoro*): — Nascido em 1817 em Garding (Schleswig) foi educado por seu pai, pastor protestante, que mandou-o frequentar as universidades d'Altona e Kiel, afim d'aperfeiçoar-se nos estudos de philologia, direito e historia. Lecionou por algum tempo em Altona em cursos particulares, emprehendendo depois fructuosas viagens pela França e Italia á expensas d'Academia de Berlim. Nessas viagens adquiriu vastissimos conhecimentos relativos ás inscripções romanas, e leu sapientissimas memorias no Instituto Archeologico de Roma, e n'Academia de Herculanum em Napoles. Em seu regresso á patria publicou importantes trabalhos no *Jornal de Schleswig-Holstein*, cuja direcção não tardou em assumir.

Nomeado professor de direito na universidade de Leipzig perdeu esse emprego por causa de suas opiniões politicas, indo depois successivamente lecionar nas universidades de Zurich e Breslau, d'onde em 1858 passou-se para a de Berlim, em que se conserva.

Relevantes são os serviços prestados á epigraphia romana por esse erudito professor, que nella descubriu a chave d'enigmas historicos e philologicos, que nenhum outro sequer suspeitára: mas inquestionavelmente o seu primeiro titulo de gloria é a *Historia Romana*, padrão de saber profundo e trabalho insano, em que continuou e completou os curiosos estudos de Niebuhr, com ainda maior erudicção e menos devaneios. Vertido nas linguas mais cultas da Europa tem recebido esta obra unanimes applausos, sendo para sentir que não occorresse a algum de nossos mais esmerados escriptores trasladá-la para o idioma de Barros e Herculano.

Gervinus (*Jorge-Godofredo*): — Nascido em Darmstadt (Hesse-Eleitoral) em 1805, foi por seus pais destinado ao commercio recebendo para isso educação profissional. Depois de ter sido por alguns annos caixeiro numa das principaes casas da sua cidade natal, conheceu que a vocação chamava-o a mui diversa carreira, e começou por si proprio estudos elementares, que bem cedo verificou serem incompletos. Matriculou-se então na universidade de Heidelberg, seguindo com particular attenção o curso do famigerado professor Schlosser, habilitou-se para reger uma cadeira de historia no collegio de Francfort, d'onde sahiu para ir receber o grão de doutor na universidade de Heidelberg. Partiu então para a Italia, onde demorou-se alguns annos a colher nas bibliothecas e archivos os materiaes de que necessitava para os gigantescos trabalhos que ideára. Começou por dar ao prelo o *Lanço d'olhos sobre a historia dos anglo-saxões*, e um volume d'*Escriptos Historicos* que patentearão-lhe dotes d'aprimorado escriptor. Regressando de Italia em 1835 foi nomeado professor adjuncto e pouco depois titular, de historia e litteratura da universidade de Gœttingue. Intimamente relacionado com Dahlmann redigio em 1837 com elle e outros professores o celebre protesto que valeu-lhe, e a seus collegas, a perda das respectivas cadeiras. Depois d'uma curta estada em Darmstadt e Heidelberg resolveu visitar novamente a Italia, onde con-

servou-se até o anno de 1844 em que volveu a Heidelberg, cuja universidade lhe offerecera o titulo de professor honorario, encarregando-o d'um curso de historia que produzio descommunal enthusiasmo. No remanso d'um bem retribuido professorado, proseguiu Gervinus a interrompida serie de seus trabalhos, dando á estampa varias obras de conceituado merito, nomeadamente a *Historia da Litteratura Poetica dos Allemães*, em que esforçou-se por demonstrar que as phases do desenvolvimento poetico d'um povo coincidem com os progressos de sua civilisação. A actividade intellectual do illustrado professor tem-se tambem ostentado no dominio da politica, avantajando-se igualmente como publicista e orador parlamentar. Envolvido no turbilhão dos acontecimentos do anno de 1848 foi um dos redactores da constituição federal, e como representante das cidades hanseaticas tomou activa parte nas discussões da Dieta, até que, antevendo o proximo e funesto exito da revolução, buscou numa viagem pretexto para não assistir-lhe as consequencias. Em 1850 defendeu calorosamente os interesses dos ducados do Elba, vendo com dor mallograr-se a missão de que fôra incumbido em Londres. Desilludido da politica, cujas fascinantes miragens o havião distrahido de seus profundos e conscienciosos labores litterarios, volveu á querida Heidelberg, reatou o fio de suas luminosas prelecções e deu a ultima mão no immorredouro padrão de sua gloria, a *Historia do Decimo Nono Seculo desde o Congresso de Vienna*, cuja elevação de vistas pede meças com a minuciosidade e exactidão dos factos.

# LIVRO OITAVO

## LITTERATURA HESPANHOLA

### ORIGENS

Não se constituiu o povo hespanhol, á semelhança do francez, d'uma raça predominante que paulatinamente absorvesse as outras. Diversas migrações, partidas do Oriente, depozerão sucessivamente seus sedimentos nesse sólo fecundo, e formarão tribus, tão diversas na origem, como varias nos usos e costumes. Crê o sabio Guilherme de Humboldt que os iberos forão os primitivos habitadores da Hesperia; mas a essa auctorisada opinião oppõe-se a permanencia d'algumas denominações geographicas que não achão explicação na lingua basca, representante da antiga ibera.

Si não autochtones, são pelo menos antiquissimos advenas esses iberos, que ahi precederão muitos seculos aos celtas, cuja chegada pensa-se ter-se realisado cerca de onze seculos antes da era vulgar. Erão os celtas tão barbaros como os iberos, com os quaes mais tarde se fusionarão, dando origem a uma poderosa raça denominada — *celtibera* — que se achava de posse do paiz quando ahi aportarão os phenicios, povo intelligente e dado á navegação e ao commercio, e cujo benigno influxo modificou profundamente as relações sociaes das tribus indigenas.

As prodigiosas riquezas que da Hespanha tiravão os phenicios, attrahirão-lhe a presença dos gregos e carthaginezes, que juncarão de colonias o immenso litoral banhado pelas aguas do Mediterraneo e do Atlantico, ou dos principaes rios navegaveis. Mais audaciosos do que seus progenitores, pensavão os carthaginezes em prolongar as raizes do seu dominio; e, alliando-se com umas tribus contra

outras, levarão suas fronteiras ás ribas do Ebro, cuidando d'ess'arte compensar as perdas que lhe havião os romanos feito experimentar na Sicilia e Sardenha. Todos sabem que ateada a segunda guerra punica pela injusta expugnação de Sagunto, forão os compatriotas de Annibal expulsos da Hespanha, que reconheceu, depois d'alguma relutancia, o poderio da rainha do Tibre.

Como nas Gallias imprimiu Roma na Hespanha indelevel cunho, ainda hoje visivel na magnificencia dos seus derrocados monumentos. Religião, governo, lingua e usanças nacionaes desapparecerão, ou antes fundirão-se n'ampla unidade romana. De tal modo consubstanciou-se o genio hespanhol no de seus dominadores que no periodo da decadencia da litteratura latina forão os dois Senecas, Lucano, Marcial, Floro e Quintiliano os que modularão com cadencia e pureza o bello idioma que havião fallado Ovidio, Virgilio, Horacio, Cesar e Cicero.

Quando no V seculo destacou-se das florestas do norte a alluvião de barbaros que esmagou o imperio dos Cesares soffreu tambem a Hespanha seus funestos effeitos: suevos, vandalos, alanos e wisigodos, estanciarão alternativamente em suas plagas; e, cedendo aos seus fataes instinctos, alastrarão-nas de ruinas. Ultimos chegados forão os wisigodos os menos barbaros, e a seu respeito faz Fauriel as seguintes mui discretas considerações: « Os wisigodos erão os menos barbaros que os bandos selvagens a quem substituirão, faltando-lhes o feroz instincto de destruição que caracterisava os outros conquistadores; como por exemplo os suevos. Não pretenderão mais do que a superioridade politica sobre o paiz conquistado ao qual deixarão o liberrimo uso da lingua e costumes, mostrando-se antes dispostos a tomar-lh'os do que a impor-lhes os seus proprios; e si a civilisação romana pereceu durante o seu dominio não foi porque assim o quizessem elles, mas unicamente pelo ascendente natural e involuntario da barbaria [1]. »

Durante os seculos, chamados medios, deveu-se ao clero hespanhol o relevantissimo serviço d'addir á herança das boas letras e sciencias romanas. Ecclesiasticos forão os primeiros chronistas e

[1] *Cours de Littérature Espagnole*. tom. I

historiadores, como Juliano, bispo de Toledo, Oroso, discipulo e amigo de S. Agostinho; os primeiros poetas, como Juvencio e Prudencio; e os primeiros philologos, como Isidoro de Sevilha.

Curta foi porém a duração do imperio wisigodo, afogado na volupia, e succumbindo ao peso da propria corrupção muito mais do que aos rudes golpes da cimitarra musulmana; e nas leis de Receswintho, principe esclarecido e reformador, acha-se decifrado o enigma da rapida e miraculosa conquista de Muzza, derribando com um punhado de guerreiros o throno de Roderico e submettendo a Hespanha ao dominio do Crescente. Um distincto escriptor, rememora essas causas nas seguintes judiciosas palavras: « Todos os descontentes, todos os opprimidos, facilitarão a obra da invasão: os servos quedarão-se receosos de salvarem seus senhores: os judeus insurgirão-se e alliarão-se aos musulmanos para vingar nos christãos injurias outr'ora recebidas. Eis porque um exercito de doze mil homens bastou para aniquilar o imperio dos wisigodos, e como o que apenas devera ser uma *razzia* acabou por ser uma conquista [1]. »

Pareceu haverem os arabes encontrado na Hespanha segunda patria: o aspecto do paiz, a feracidade do sólo, a grandeza imponente dos monumentos romanos, que consideravão obras d'algum genio, contribuiu tudo para diliciar os conquistadores, cuja indole imaginosa lançou raizes e desenvolveu-se como em patrio torrão. Cordova fez-se rival de Bagdad, e por toda a parte se erguerão padrões do poderio, gosto e intelligencia dos mahometanos, que ainda maravilhão os viajantes, depois de tantos seculos d'apathia e negligencia.

Vê-se pois que a conquista arabe e as consequencias que d'ella emanarão marcão a feição predominante do caracter hespanhol. O estabelecimento do kalifado de Cordova, a assistencia por oito seculos d'um povo, que pela sua visinhança com os gregos herdara-lhes as tradições e luzes d'antiguidade, communicou a essa raça neo-latina certa physionomia oriental.

Bem certo é que os christãos refugiados nas montanhas das

[1] Dozy — *Histoire des Musulmans d'Espag.* tom. I

Asturias, sob o mando dos principes wisigodos, guardarão piedosamente culto, tradições e lingua; mas não é menos certo que o restante da nação confundiu-se com os arabes tanto quanto lh'o permittiu a radical differença das respectivas religiões.

Tão completa era a fusão das duas raças, que já no decimo seculo para conservar a verdadeira tradição da Igreja, viu-se obrigado o bispo de Sevilha, João, a mandar traduzir e commentar a Biblia em arabe; visto como a mór parte dos fieis não comprehendia o latim.

Repetidas vezes encontra-se nos historiadores a expressão — *mosarabes* — designando os christãos que hvião adoptado a lingua e o traje dos musulmanos: constituião elles as classes media e infima da população, que forão pouco a pouco cedendo o passo á aristocracia formada pelos guerreiros vencedores dos arabes. Entre estes mesmos alguns houve, como Servando, Samuel e Hortegesis, que deslumbrados pelas graças da civilisação oriental, filiarão-se em sua litteratura, e acceitarão governos e postos importantes da côrte de Cordova; em quanto que os plebeus, estreitamente vinculados ao clero, mantinhão o uso do latim, degenerado e convertido em idioma vulgar.

Estudemos a formação da moderna lingua hespanhola e os primordios da sua litteratura, que pode dividir-se nos seguintes periodos; 1.º *desenvolvimento* (seculos XIII-XV); 2.º *grandeza* (seculos XVI-XVII); 3.º *decadencia* (seculos XVII-XVIII); 4.º *restauração* (seculo XVIII); 5.º *reforma* (seculo XIX).

## PRIMEIRO PERIODO (Seculo XIII-XV)

Denominava-se *romance* a lingua fallada na Hespanha na época anterior a conquista arabe, por ser derivada da *romana*: mais tarde tomou o nome de *hespanhola*, e ainda mais tarde a de *castelhana*, quando o dialecto d'essa provincia predominou sobre os seus emulos, o galliziano, o catalão, o valenciano, etc. Deixou o idioma dos conquistadores indeleveis vestigios, como no-lo testificão as aspirações guturaes; menos sensiveis nos districtos do noroeste, mais

de prompto evacuados pelos musulmanos, taes como a Galliza e Portugal.

Contribuiu poderosamente para a unidade de linguistica a circumstancia de se haverem colligado todas as classes da sociedade para a restauração do sólo patrio: e essa mesma circumstancia deveu a Hespanha a ausencia do antagonismo de raças, que tanto affligiu a outros paizes. « Encerrados n'um recanto de terra, diz Agostinho Thierry, que para elles era toda a patria, godos e romanos, vencedores e vencidos, estranhos e indigenas, senhores e escravos, unidos pelos laços de infortunio, olvidarão antigos odios, querelas e distincções não houve mais do que um nome, uma lei, um estado, uma lingua; e o desterro os fez a todos completamente iguaes [1]. »

Do concurso de todos esses elementos resultou um idioma forte e nobre, abundante e singelo; como sóe acontecer sempre que o povo toma parte immediata e activa em sua formação.

O pequeno nucleo de refugiados, apropriadamente caracterisado sob a dominação de *montanhezes*, conseguiu amoldar a sua imagem toda a familia hespanhola; e bem que essencialmente catholico e latino não deixou por isso de conservar o cunho do genio oriental, impresso pela prolongada occupação arabe, combinado com os residuos hebraicos, posto que em minimas proporções.

Quando as victorias dos principes descendentes de Pelagio, assegurarão o dominio exclusivo dos christãos nem por isso deixou de manter-se em Hespanha o genio arabe. As moedas do tempo de Affonso VIII (seculo XIII) tem ainda inscripções n'essa lingua, e o privilegio concedido aos religiosos de S. Clemente de Toledo por Fernando IV (seculo XIV) é escripto em latim mas em caracteres arabes.

No proseguimento d'este estudo teremos mais d'uma occasião d'assignalar nas obras de litteratura hespanhola o brilhantismo de linguagem, exuberancia de imagens, e essa combinação d'exaltação e subtileza que tanto aprazem as raças orientaes.

[1] *Dix Années d'Études Historiques.*

O mais antigo monumento da poesia hespanhola é o intitulado: *Poema do Cid*, constante d'uns tres mil versos, e cuja composição crê-se poder datar do anno 1200. Relata elle os *altos feitos* do Cid, heroe popular da Hespanha cavalheiresca. Não distão o seu espirito e estylo da época da lucta renhida e vivaz travada entre as raças, e religiões que disputavão a posse d'antiga Hesperia. A imaginação peninsular aprouve rodear a nobre figura de Ruy Dias d'uma aureola de gloria, meio historica, meio legendaria, que nos recordão as romanescas façanhas dos Amadises e Arthuro.

Na sua mui estimada *Historia da Litteratura Hespanhola* avalia Ticknor o *Poema do Cid* do seguinte modo:

« Não é a historia do poema o que mais prende a attenção, porque seguramente ninguem o lê para instruir-se nos feitos referidos com as formulas d'uma chronica monastica: o que n'elle encanta é a pintura viva e singular do seculo que representa, a verdade com que retracta costumes e interesses, tão remotos e differentes dos nossos, que se fizessem objecto d'uma historia especial nos parecerião frios e insipidos como fabulas mythologicas. Ao le-lo parece-nos ter ante os olhos o espectaculo contemporaneo e animado dos tempos cavalheirescos da Hespanha, traçados com homerica singeleza; não é só a historia das façanhas semi-fabulosas do heróe mais romantico da tradição hespanhola mas tambem uma galeria de quadros guerreiros illuminados de pormenores pessoaes e domesticos que representão com toda a verdade o caracter do Cid e excitão nosso interesse e sympathias em seu favor. Até a lingua em que está escripto é a mesma que elle fallava, informe e rude, despedaçando com arrojo os liames do idioma latino, de construcções indecisas, imperfeita nas formas, nua de particulas que tanta graça e vigor dão aos modernos idiomas: respirando o espirito audaz, nobre e original d'aquelles tempos, e desmonstrando que luctava seguro do seu triumpho para adquirir posição distincta entre os robustos elementos que havião de constituir o genio hespanhol. Finalmente o metro e o rythmo do poema a imagem da rudeza e desalinho; o verso que deve constar de quatorze syllabas, dividido por uma cesura violenta depois da oitava, extende-se a dezeseis e a vinte, ou encolhe-se a dez, e a doze; sempre porém

com um sello de liberdade e ousadia que harmonisa admiravelmente com a lingua do poeta, com o assumpto do que tracta, com a idade em que escreve, animando a historia e dando-lhe tal colorido que, á despeito do grandissimo lapso dos seculos, contemplamos suas animadas scenas com o mesmo interesse d'um drama [1]. »

O incognito e obscuro jogral, auctor d'este poema, toma o seu heróe no momento em que o vê banido de Castella em punição do juramento que o sobranceiro vassallo fizera prestar ao seu rei na Sancta-Gadéa de Burgos; segue-o em suas varias aventuras até a época em que, feito senhor de Valença que acaba de conquistar aos mouros, chama para junto de si Chimenes e suas duas filhas, as quaes, ao partir para o exilio, deixára no convento de S. Pedro de Cardenhas, sob a guarda e vigilancia do bom abbade Sancho. Refere depois a reconciliação do Cid com o rei; o casamento de suas filhas (D. Elvira e D. Sol) com os infantes de Carrion (Diogo e Fernão Gonzales); o desprezo d'esses infantes para com os cavalleiros do *Campeador*; a indigna vingança exercida sobre as filhas do heroe, a quem seus proprios maridos deixão semi mortas no carvalhal de Corpes; a vinda do Cid ás côrtes de Toledo para reclamar justiça; e finalmente o combate judiciario em que os infantes recebem dos campeões do pai ultrajado o castigo de seus crimes.

Mui provavel é que o poema, ou antes canção do Cid, fosse *trovada* em castelhano; e porque si o enthusiasmo do auctor manifesta-se por tudo o que é hespanhol excede a toda a expressão quando trata de Castella e do seu heroe Ruy Dias de Bivar, mais conhecido pelo nome de *Cid — o Campeador*. Sobremodo attento a voz dos cantos populares, não cogita na gloria litteraria, bem differente n'esse ponto do auctor da *Canção de Rolland*, que não se esquece de fazer alarde de sua erudicção virgiliana. Descontado a diversidade das situações nota-se mais d'uma coincidencia entre o *Poema do Cid* e a *Canção de Rolland*.

Á semelhança de todas as poesias originaes começou a hespanhola por celebrar a gloria dos heroes e os milagres christãos. O pequeno

[1] Tom. I. Capit. II.

numero de *trovas* que possuimos d'essa epocha, interessão mais a philologia do que a litteratura propriamente dita; v. g. a *Vida do rei Appollonio*, a de *Santa Maria Egypciaca* e a *Adoração dos reis magos*. Era exclusivamente destinada ás cerimonias do culto a ode sagrada, escripta em latim; mas o enthusiasmo e a fé ardente dos contemporaneos de S. Fernando revelava-se nesses poemas epico-lyricos, colligidos nos vastos repositorios denominados *Romanceiros*.

Seguindo a ordem das datas é o primeiro poeta Gonçalo, conhecido por *Berceo* do lugar do seu nascimento. Julga-se haver vivido pelos annos de 1246, e ter sido clerigo secular, aggregado ao convento de S. Millan, na diocese de Calahorra. Formão suas obras um volume d'uns treze mil versos, versando sobre assumptos puramente religiosos, como por exemplo as *Vidas de S. Domingos de Silos, S. Millan de la Cogula*, a de *Sancta Iria*, o *Sacrificio da Missa*, o *Martyrio de S. Lourenço*, os *Louvores de N. Senhora*, etc.

No ponto de vista poetico não offerecem taes assumptos o mesmo interesse que inspira o *Poema do Cid*; ninguem porem poderá contestar a Bercêo os predicados de verdadeiro poeta, de imaginação facil, alma candida e a quem só faltou para crear esplendidos primores, a posse de mais perfeito idioma. É em verdade sua rima desprovida de harmonia e flexibilidade; culpados d'isso são porem os versos *alexandrino*, sem hemistichios e de forma desigual, e a quadra *monorima*, de fatigante monotonia, de que usava a metrificação hespanhola até a seculo XV. Deve-se-lhe outrosim a invenção do *verso d'arte maior*, empregado n'alta poesia, e complementar das *redondilhas*, ou pequenos versos destinados aos romances, ou canções.

Um monge d'Astorga, por nome João Lourenço Ségura, concebeu a ideia d'um poema, cujo protagonista era nada menos do que o famoso Alexandre, rei da Macedonia. Inspirou-se nas paginas de Quinto Curcio, e ainda mais nas de Gualterio de Chantillon, cujo poema — *Alexandre* — foi tão estimado no XIII seculo que nas escolas era anteposta sua lição á de Seneca e Lucano. Na imaginação do "bom clerigo" converte-se Alexandre num barão, que

marcha á conquista da Persia, acompanhado de doze pares, sem que anteriormente se tivesse armado cavalleiro e cinge uma espada, fundida por Vulcano, e recebe das mãos de dona Philosophia um cinto e uma cota, fabricados por duas fadas marinas. Á sua entrada em Jerusalem ouve uma missa cantada pelo bispo, e dá audiencia a Aristoteles, que lhe recorda os conselhos dados em outros tempos para torna-lo um soberano completo, reconhecido como um clerigo leal, cavalleiro victorioso e christão. Uma vez entrado na senda dos anachronismos e inverosimilhanças, não conhece o poeta paradeiro. Dando redeas á phantasia transporta seu heroe ao alto dos ceos d'onde avista o universo semelhante a um corpo immenso: cujos pés formão a Europa e a Africa, o tronco a Asia, os braços a verdadeira cruz, e o sol e a lua os olhos.

Compõe-se o *Poema d'Alexandre* do mesmo rythmo que empregára Bercêo, e abunda em discripções de infantil ingenuidade, ao lado d'outras de cunho epico, como a das armas de Dario, que dir-se-hia destacada da *Iliada*, ou da *Eneida*. Na pintura de Babylonia descobre-se um pincel embebido nas côres orientaes; e as scenas desenhadas na tela que cobre a tenda do rei, onde vê-se figurado o ceo mythologico e o christão, recommendão-se pela delicadesa e morbidez dos traços.

Mais pura do que a de Bercêo é a linguagem de Ségura; porque Castella em que este habitava poude melhor subtrair-se á mescla dos dialectos da Provença e Biscaia, a que estava exposta a Navarra, residencia d'aquelle.

Na segunda metade do XIII seculo subiu ao throno de Castella um erudicto poeta; Affonso, filho e successor de S. Fernando, que por sua vasta sciencia mereceu o sobrenome de *Sabio*. Foi um principe civilisador, porem desditoso; o qual depois de se ver proclamado imperador d'Allemanha, de ter redigido o *Codigo de las Siete partidas* (das sete Partes), o mais bello monumento legislativo dos tempos medios, de haver outorgado ao dialecto castelhano os foros de lingua nacional, achou-se rodeado de facciosos e traidores, ameaçado por seus irmãos, e despojado da corôa pelo proprio filho!!

Apeado do throno foi pedir as musas consolação e conforto: escreveu tocantes elegias, sob o titulo *Libro de las Querelas* (Livro

das Endechas); e as *Cantigas* ou *Canticos a Virgem* em dialecto galiziano, visivelmente imitado dos trovadores. Sabido é que nessas eras frequentavão a côrte de Toledo os mais afamados trovadores de Provença, como fossem Bernardo de Ventadour, Peyrals, Guiraud Requier e outros; e a sua convivencia devem por certo Affonso a mestria com que manejava o verso d'*arte maior*, e as melodiosas oitavas esparsas pelas suas obras poeticas, nomeadamente nas *Endechas*.

Attribue-se-lhe geralmente uma obra meio romanesca, meio historica, appellidada — *La Gran Conquista de Ultramar* — contendo a historia das cruzadas desde o seu começo até o anno de 1183; pensa porem o illustrado critico Gayangos que não passa ella d'uma tradução livre do original francez — *La conquête d'outre mer* — redigida de 1295-1312.

No numero de escriptos do sabio monarcha figura em boa plana a *Chronica Geral da Hespanha*, justamente comparada a obra de Herodoto, a quem buscou imitar na candura e espirito investigativo, tolhido a cada instante pelas legendas e tradições populares. Forma a transição da epopea para a historia critica, da poesia para a realidade. Registando as riminiscencias heroicas, embellesadas e engrandecidas pelos seculos, deixa-se algumas vezes deslumbrar pelos fogos fatuos do patriotismo; logo porem que a critica recupera seus direitos aprecia os successos com todo o discernimento.

O Infante D. João Manoel: — Nascido em Escalona em 1282 era neto de S. Fernando e sobrinho d'Affonso, o Sabio, que em verdes annos lhe servira de disvellado mentor. Nomeado regente de Castella na menoridade de seu sobrinho Affonso deu mostra de grande tino governativo, que todavia desagradarão ao moço monarcha, o qual com a ingratidão buscou solver a divida contrahida. Tornando-se rebelde por não poder supportar o acumulo de injurias e affrontas hasteou o pendão da guerra civil applacada pela reconciliação de que forão penhor os esponsaes do rei com sua prima D. Constança, filha do referido infante. Investida do cargo de governador de Murcia ganhou sobre os mouros a assignalada batalha de Guadalhorra e proseguia em novas victorias quando foi informado do assassinato de seu tio, o principe D. João, ordenado por

Affonso XI, que recusava outrosim receber D. Constança por mulher. Apanhando o guante que lhe era arremessado terçou lanças com as do fementido rei, de quem foi perigoso inimigo até que outra reconciliação se operou em 1325. Viveu até o anno de 1387 em que falleceu na sua cidade de Penafiel.

Das obras attribuidas ao infante tem a primazia a denominada *O Conde de Lucanor*, collecção de contos, ou antes d'apologos, á moda oriental, em que um principe consulta, para boa direcção da sua vida, a um sabio, por nome Patronio, que numa serie d'anedoctas, apropriada ás circumstacias, exhibe proveitosas lições de moral

O que faz do *Conde de Lucanor* uma obra unica em seu genero, é a pureza moral dos contos, bem diversos de Boccacio, Chaucer e dos trovadores francezes, que nessa epocha saciavão pelo escandalo a curiosidade dos leitores. É uma especie de manual de politica practica em que o auctor registrou o resultado da propria experiencia e das provações porque havia passado. O tom sentencioso que ahi domina, parece ter-lhe vindo do Oriente; porquanto era D. João Manuel grande sabedor da litteratura arabe, como no-lo provão varias passagens da mencionada obra. Realção-lhe o estylo certa candura e ingenuidade, e a sua prosa é d'uma simplicidade que contrasta com a empollação e emphase, tornadas caracteristicas quando Gongora mudou com seu funesto exemplo a indole do genio nacional.

O Archiprestre de Hita: — Este é o nome pelo qual mais conhecido se fez na republica das letras João Ruiz, que julga-se ter nascido em Alcalá de Henáres no meado do seculo XIV e passado grande parte da existencia em Guadalajára e Hita. Sabe-se que por ordem do arcebispo de Toledo soffrera uma reclusão de trese annos, quiçá por intemperança de lingua; e que percorrendo depois toda a Italia se demorára em Roma, onde, arrostando as severidades da censura, escrevera alguns mordentes epigrammas contra o clero. Foi contemporaneo e amigo do infante D. João Manuel, ignorando-se a data do seu passamento.

Constão suas poesias d'uns sete mil versos, repartidos em coplas, á guisa de Bercêo, apresentando todavia maior variedade no tom,

indole e medida, até então desconhecida na poesia castelhana. Descobrem-lhe os eruditos hespanhoes grandes analogias com Petronio: opinião que nos parece de todo o ponto infundada, sendo para nós muito mais caracteristicas as semelhanças que apresenta com Rabelais: visto como, ambos superiores ao seu seculo, forão obrigados a occultar, sob apparencias folgazãs, a mira de seus ataques; com a differença que o arcipreste de Hita não se deleita nas obscenidades do cura de Meudon, a quem aliás fica muito inferior em erudicção e imaginativa.

Inquestionalmente foi João Ruiz dos maiores poetas da Hespanha na idade media: distincto por singular amabilidade, era um verdadeiro Proteo; ora grave, ora burlesco; umas vezes energico, outras engraçado e ingenuo; agora moralista e grave, logo satyrico e burlesco; sempre porem cheio d'originalidade, vida e jovialidade resplandecendo-lhe no estylo a mais brilhante imagem. Encontrão-se na collecção de seus versos contos, apologos, dialogos dramaticos, canções de serranas, *ad instar* das pastoraes de Provença, canções de dança para as donzelas judias e mouriscas, envoltos com canticos á Virgem. Facil é de conhecer que bebera inspirações nas laudas de Ovidio; compulsára os contos e apologos orientaes; seguira as pégadas dos trovadores, e pertencera á familia de Rutebœuf, João de Meung, Regnier e outros. Os costumes que pinta são os de seu paiz, cuja physionomia com vera fidelidade soube reproduzir, nada exagerando mas tambem nada omittindo.

Lopez d'Ayala (*D. Pedro*): — Nascido em 1332 no reino de Murcia e fallecido em Calahorra em 1407, serviu desde a idade de dezoito annos a D. Pedro, rei de Castella, cognominado por uns de *Cruel* e por outros de *Justiceiro*. Quando seu protector viu-se obrigado a procurar refugio na Guienna julgou-se desligado do juramento de fidelidade que lhe prestára e foi offerecer sua espada a Henrique de Transtamara, debaixo de cujas ordens combateu na batalha de Najera, onde ficou prisioneiro dos inglezes. Mais tarde, reinando D. João I, assistiu a celebre batalha d'Aljubarrota, cahindo tambem em poder dos portuguezes. Das vicissitudes de sua longa vida colheu copiosa provisão d'experiencia de que muito se utilisarão os principes a quem serviu.

Deve-se considerar Ayala no duplo caracter de poeta e chronista: no primeiro legou-nos uma obra denominada *Rimado de Palacio*; e no segundo avantajou-se como auctor da *Chronica dos Reis de Castella*.

O *Rimado de Palacio* é um poema didactico, ainda mais original pela candida expressão do pensamento do que pela excentricidade do plano. É um tratado dos deveres do principe e dos seus ministros na governança do estado, entremeado de satyras relativas aos costumes da côrte e das diversas classes da sociedade, adubadas de reflexões moraes e theologicas sobre o decalogo, os sete peccados capitaes, as obras de misericordia, etc. Consta o prologo da confissão geral do auctor, e o epilogo de hymnos em honra da Virgem. Á guisa do arcipreste de Hita, Ayala é satyrico e moralista; sendo a sua moral mais irreprehensivel do que a do auctor do *Conde de Lucanor*. Intuitivo é que escripto em diversas epochas, e soffrera varias interrupções motivadas pelos accidentes da vida do auctor; parecendo porêm que a maior parte a compuzera elle em Inglaterra e a restante em Portugal.

Julgando este monumento da litteratura primitiva da Hespanha, assim se expressa Ticknor: « Observa-se naturalmente no *Rimado* certa placidez e seriedade que nos recordão o homem politico muito mais do que o poeta, sobretudo nos pontos relativos a guerras e aos usos palacianos; porem todo o poema é grave, medido e didatico, juncado por vezes de versos em que reina a singeleza a par do sentimento poetico, tão proprios do auctor como da sua epocha [1]. »

Traductor de Tito Livio, e talvez de Valerio Maximo, na hypothese de Sarmiento, preparou-se Ayala por solidas leituras para a composição da sua *Chronica dos Reis de Castella*; e, imitando os classicos modelos, prestou aos personagens arengas e cartas destinadas a pôrem em relevo seus proprios sentimentos e opiniões. Resente-se esta obra de certa sequidão que contrasta com a linguagem poetica e imaginosa dos chronistas contemporaneos. Menos pictoresco do que Froissard, maiores analogias offerece com o historiador Com-

[1] *Historia de la Literatura Espanola*. tom. I.

mines até na ausencia de todo o sentimento moral. « A impassibilidade do chronista, diz Villemain, em presença dos mais atrozes crimes, exprime com maxima eloquencia a ferocidade dos seculos medios, e talvez que em parte alguma se reproduza com maior fidelidade a sombria dureza do genio d'essa epocha [1]. »

Carrion (*Dom Santob* de) : — Era o nome d'um famoso *rabbino* que nasceu nos ultimos annos do XIII seculo em Carrion de los Condes, na Castella Velha. Gozou da privança do rei D. Pedro, cujos primeiros annos de governo promettião a renovação dos bellos dias d'Affonso, o Sabio. Por motivo da exaltação d'esse principe, escreveu Santob um livro de poesias com o titulo de — *Consejos y Documentos* — (Conselhos e advertencias) : o qual não era mais do que uma collecção de maximas moraes, politicas e religiosas, expressas em estancias de quatro versos, e inspirada pelas obras de Salomão e d'outros auctores hebreus e arabes. Apesar da elegante fluidez de versificação, torna-se algumas vezes tediosa pela prolixidade com que repete as mesmas ideias.

A maior notoriedade do *rabbino D. Santob*, lhe provém d'um poemeto que escrevera intitulado — *La Dansa General* ou *la Dansa de la Muerte*, — constante de oitenta e cinco coplas d'arte maior e precedidas d'uma introducção que não parece da mesma lavra. Funda-se na vulgarissima lenda, tantas vezes illustrada pela poesia e pintura, na qual a morte cita aos homens de todas as classes e condições para uma especie de mascarada, em que dansão os esqueletos de pontifices, reis, ministros, cortezãos, soldados, lavradores, camponios, etc. Pictoresca e singular é esta obra na qual o caracter sombrio e tetrico do pensamento se contrapõe a harmonia e volubilidade dos versos vivificados pela musa jovial do auctor.

Considerão os criticos hespanhóes a *Dansa de la Muerte* como viva e veridica pintura dos costumes do XIV seculo, e tem-na em conta d'um dos mais valiosos padrões da historia da sua civilisação. Admirão-lhe a inspiração moral e satyrica e reconhecem que leva ás lampas á gravidade sentenciosa do *Rimado de Palacio* e ás pin-

[1] *Tableau de la Littérature au moyen âge*. tom. I.

turas jocosas do arcipreste de Hita. Louvão finalmente no sabio *rabbino* o assisado emprego do verso d'*arte maior* em substituição do informe alexandrino de Bercêo e Ségura.

O POEMA DE JOSÉ: — Na bibliotheca nacional de Madrid guarda-se cuidadosamente um codice de mil duzentos e vinte versos com o titulo de — *Poema de José*. — Escripto em lingua castelhana porem em caracteres arabes, pensa-se ter sido obra d'algum mourisco, que olvidado do seu idioma, adoptára o dos vencedores. Incerta é a data; havendo porem razões para suspeitar que pertence ao XIV seculo, até porque serviu-se do quarteto manorinno cujos vestigios desapparecerão no seculo seguinte.

O caracter eminentemente poetico de José, o amor que inspirava a seu pai, o ciume dos irmãos, o quadro dos seus infortunios, a escravidão, as seducções de que foi alvo, sua prisão, a interpretação dos sonhos, sua subita elevação na côrte de Pharaó, etc., constituem o argumento d'este poema, para cuja composição póz o auctor em contribuição, ora a Biblia, ora o Koran, e ainda varios outros poemas orientaes por nós desconhecidos.

MARQUEZ DE VILHENA (*D. Henrique d'Aragão*): — Nascido em 1384 e fallecido em 1434 era filho de D. Fernando I, rei d'Aragão e neto de D. João I, rei de Castella. Foi conde de Cangas e Teneo, e mais tarde marquez de Vilhena. Exerceu as importantes funcções de grão-mestre da ordem de Calatrava, e estabeleceu em Barcelona uma *academia de gaia sciencia*, á imitação da dos *jogos florues* de Tolosa.

Restão-nos d'este benemerito varão pucos escriptos originaes mostrando mais pendor para as traduções. Entre os primeiros citão-se um tratado, escripto á solicitação de D. Sancho de Jurava, trinchante-mór da côrte de Castella, sob o titulo d'*Arte Cisoria* (Arte de Cortar); e uma allegoria intitulada: *Trabalhos de Hercules*, dividida em doze capitulos correspondentes aos trabalhos do semideus, ainda hoje popular na Hespanha. Despida dos recitos mythologicos esta obra offerece solidas reflexões ácerca dos diversos estados da vida humana, figurados nos trabalhos de Hercules; possuimos ainda do mesmo auctor outra allegoria dramatica, repre-

sentada na côrte de D. Fernando I d'Aragão, e varias traduções de Cicero, Virgilio, Lucano e Dante.

Cultivava o marquez de Vilhena a sciencia com o mesmo zelo com que se entregava ás letras, philosophia, historia, mathematicas, astrologia, e linguistica, tudo abraçava seu vasto engenho; e facil é de presumir que em épochas d'obscurantismo semelhante homem devera passar por *magico*; de feito a riquissima bibliotheca, que com tanto afan colligira, e onde se encontravão preciosos manuscriptos, foi entregue as chammas pelo dominicano Lopez de Barriento, auctorisado pelo rei de Castella D. João II.

Marquez de santilhana (*D. Inigo Lopez de Mendoza*):—Nascido em 1398 em Carrion de los Condes e fallecido em Guadalajara em 1458, descendia da nobilissima familia dos Mendozas, que tirava sua origem dos paladinos wisigodos, que, depois da derrota de Roderico, se refugiarão nas montanhas das Asturias. Pelo lado materno entroncava-se na casa de Vega, solar de guerreiros e poetas, a que se associão as mais pictorescas legendas da lucta contra os mouros. Orphão em tenra idade deveu a coragem varonil de sua avó, D. Maria de Cisneros, e de sua mãi, D. Leonor de a Vega, o poder subtrahir seu patrimonio a rapacidade dos collateraes; convenientemente apresentando-se na côrte de D. João II, onde tomou activa parte no resistencia opposta pelos fidalgos de primeira linhagem ás pretenções do condestavel D Alvaro de Luna. Por occasião das grandes festas celebradas em Saragossa pela exaltação do infante D. Fernando ao solio d'Aragão travou conhecimento, sendo ainda mancebo de dezoito annos, com o celebre marquez de Vilhena, cujas practicas tão decisiva direcção imprimirão-lhe no seu animo, já de si essencialmente romanesco.

Foi o marquez de Santilhana auctor de varia obras, vasadas nos moldes dos provençaes, sendo porem a mais caracteristica d'entre todas a conhecida pelo nome de *Centiloquio*, ou collecção de proverbios, escriptos para a instrucção do herdeiro presumptivo da corôa de Castella. Descobre-se n'esse escripto o mesmo genio oriental que inspirou o *Conde Lucanor* e as obras de Rabbi D. Santob; onde os arabescos da imaginação poetica servem de moldura ás graves cogitações do moralista.

De incontroversa reputação gozou em vida esse celebre marquez, a quem deve a historia litteraria relevantissimo serviço na mui celebre carta mandada ao condestavel de Portugal, D. Pedro, na qual passava em resenha os poetas hespanhóes, provençaes e italianos que o haviam precedido. É este o mais antigo e seguro documento que nos serve de guia nas espessas trevas que obscurecião o horisonte litterario da época.

Escriptor polido e elegante, valente guerreiro, estadista esclarecido, só lhe faltou para sua completa gloria o ter vindo ao mundo em melhores dias, e em que melhor se podesse discernir o gosto desentranhando-o das paixões d'uma falsa e pedentesca erudição.

Mena (*João de*):—Nasceu em Cordova em 1411 de pais honrados, posto que de mediana condição. Feitos os primeiros estudos na sua patria encaminhou-se a Salamanca, em cuja acreditada universidade adquiriu solida instrucção. Desejando porem completa-la viajou pela Italia e frequentou por algum tempo as universidades de Florença e de Roma, onde assistiu as licções que sobre a *Divina Comedia* era de costume fazer-se nas igrejas. Regressando a Hespanha foi nomeado cavalleiro da casa dos vinte e quatro da sua cidade natal; e pouco depois vemo-lo na côrte logrando de grande intimidade com os mais influentes fidalgos, desempenhando o cargo de secretario das letras latinas, e mais tarde chronista-mór em cuja categoria parece ter começado a *Chronica de D. João II* continuada por Perez de Gusman. Foi uma especie de *poeta laureado*, que compunha versos á proposito de qualquer acontecimento que fosse lisongeiro ao monarcha a quem servia.

As obras de João de Mena forão extremamente apreciadas pelos coetaneos; que lhe gabavão a pasmosa erudição e frequentes allegorias que tão indigesta e descorada hoje nos parecem. Seu poema intitulado: *Os Sete Peccados*, constante d'uns oitocentos versos curtos, divididos em redondilhas duplas, não passa d'uma fabula repleta de pedantarias e subtilezas, á proposito d'uma guerra entre a *razão* e a *vontade*.

A *Coroação* tem por thema a imaginaria viagem do poeta ao monte Parnaso onde fôra assistir a coroação do marquez de Santilhana como poeta e como heroe, coroação feita pelas musas e

virtudes. Visivelmente inspirada pela *Divina Comedia* distancia se d'esse immortal poema pela pedantaria que o caracterisa, tornando-o arido e fastidioso, á despeito da fluidez da sua metrificação e d'alguns bellos trechos que o esmaltão.

Acoroçoado por suspeitos e incompetentes contrastes abalançou-se Mena a seguir n'outro mais extenso poema os passos do exilado florentino, e ideou o seu *Labyrintho*, tambem denominado *Trezentas* por ser este o numero de coplas de que pretendia constasse elle. Toma por escopo provar, por meio de visões e allegorias, qual é destino do homem, cingindo-se escrupulosamente as regras formuladas por Dante no seu tratado *De Vulgari Eloquentia*.

Figura-se arrebatado no carro de Bellona a uma planicie escurissima povoada por innumeraveis creaturas, onde a Providencia, sob a forma d'uma mulher de perigrina belleza, o toma pela mão e condu-lo a uma altura da qual avista tres circulos: o *passado*, o *presente* e o *futuro*, submettidos á influencia dos sete planetas, que presidem a cada uma das divisões do poema, bem como aos destinos humanos. D'esses tres circulos, dois (o *passado* e o *futuro*) se conservão immoveis, e só o *presente* põe-se em acção. Tal é o argumento do poema de João de Mena, extravagante complexo de mythologia e superstições astrologicas, com as quaes pretendeu imitar a *Divina Comedia*, não chegando se quer a parodia-la.

Como se vê nada tinha de modesto o chronista de D. João II; assim sabemos ter-lhe sobrevindo a ideia de abreviar a *Iliada* de Homero, o que levou avante em uma rapsodia apenas notavel no ponto de vista philologico pela abundante copia de latinismos, prenuncios da revolução linguistica que ia se operar em Hespanha.

Na idade apenas de quarenta e cinco annos finou-se em Torrelaguna, das consequencias d'uma queda da mula em que montava; mandando-lhe o marquez de Santilhana erigir sumptuoso tumulo na igreja principal d'essa cidade.

## ROMANCES LYRICOS

Deu-se em Hespanha o nome de *romance* ao genero de composição que na França denominava-se — *roman* — com a differença

que este era um poema, e aquelle um canto d'ordinario mui curto consistindo em pôr em scena os personagens fazendo-os fallar e praticar conforme o caracter e a situação, que se desenlaça quasi sempre por uma catastrophe.

Á cerca da origem d'esses romances disputão largamente os criticos: pretendem uns que sejão planta indigena e anterior a formação da lingua que hoje se falla, e sustentão outros serem imitações da poesia narrativa e lyrica dos arabes, apresentando grandes analogias em sua forma e estructura. No meio de tão desencontradas opiniões proferiu Ticknor o seguinte laudo.

« Não parece verdadeiramente justo e razoavel ir buscar ao Oriente, ou entre outros povos a origem dos romances hespanhóes: é tão singela a sua estructura metrica, que logo que a poesia tornou-se uma necessidade para o povo devera apresentar-se naturalmente. Consiste em versos octosyllabos, que se compõe com summa facilidade, não só em castelhano como nas outras linguas, sendo ainda mais faceis nos romances antigos, porque os poetas pouco cuidavão do numero exacto das syllabas. Algumas vezes, ainda que poucas, estão divididas em coplas de quatro versos, rimando o primeiro com o quarto e o segundo com o terceiro, em cuja hypothese se chamão *redondilhas*; seu caracter porem (que conseguiu tomar-se extensivo a grande parte da poesia castelhana) é tal que póde considerar-se como original, circumstancia importantissima para a historia da litteratura poetica da Peninsula [1]. »

Explicando depois a prodigiosa expansão d'esses romances accrescenta o referido douto historiador:

« Comprehenderá qualquer que por muito tempo esses romances primitivos existirão só na memoria da gente entre a qual nascerão, e que forão transmittindo-se e conservando-se nos seculos seguintes por meio da tradição, corroborada e sustentada por sentimentos e interesses analogos aos que lhes havião dado nascimento. Mui difficil, para não dizer impossivel, é representa-los debaixo da forma em que se escreverão, ou cantarão; assim como poucos

[1] *Historia de la Literatura Espanóla por G. Ticknor, traduzido al castellano con adiciones y notas criticas* por P. de Gayangos e H. Vedia, tomo I.

haverá cuja data possa fixar-se com exactidão. Verdade é que alguns d'elles pela singeleza dos pensamentos e melodia d'expressão parecem ser os primeiros echos d'aquelle enthusiasmo popular e guerreiro que desde o seculo XII até o XV arrastava os christãos hespanhóes para a defensão da patria e dos lares; romances cantados nas gargantas da Serra Morena e nas veigas do Turia e do Guadalquivir, com os primeiros accentos da lingua que mais tarde difundiu-se por toda a Peninsula. O cantor porem vagabundo e indolente, que n'aquelles tempos revoltos buscava de choça em choça precaria subsistencia, o soldado indifferente e distrahido que concluida a batalha cantava suas aventuras e façanhas a porta de sua tenda acompanhando-se com o alaúde, só podião pensar no que tinhão á vista; e si seus versos, rudes e sem artificio, chegarão a posteridade foi porque ouvintes attentos os decorarão para repetilos, mudadas a entoação e linguagem, conforme mudavão os tempos, opiniões e até os successos que recordavão. Por isso tudo o que é relativo á essa epocha primitiva e que pertence á vida domestica e ao caracter do povo, pode considerar-se como pintura fiel e exacta de sentimentos e costumes que debalde investigariamos nas chronicas, sendo de suppor que muitos dos romances asssim compostos tinhão sobrevivido ao lapso dos seculos, e que muitos outros jazão olvidados com a memoria dos trovadores que os compuzerão. »

Podem se dividir em quatro classes os romances colligidos nesses vastos repositorios denominadas — *cancioneiros*; — a saber: *cavalheirescos*, *historicos*, *mouriscos*, e de *costumes*.

Romances Cavalheirescos: — O que principalmente distingue esses romances é o cunho nacional que os caracterisa. Uma unica excepção offerece esta regra; e refere-se ella a Carlos Magno e aos seus doze pares, cumpre porem que nos recordemos que esse vulto homerico, que surgiu d'entre as trevas do VIII seculo, passou os Pyreneos a chamado de seus alliados musulmanos, e assolou a Hespanha até as ribeiras do Ebro, apossando-se de Pamplona e Saragossa. Releva ainda observar que, d'envolta com os paladinos francezes se encontrão alguns hespanhóes, como Montesino

e Durandarte, e que as proesas do nobre mouro Calainos figurão igualmente nos antigos romances castelhanos.

Algumas parecenças tem essas phantasticas composições com as antigas novellas metricas francezas e inglezas, nomeadamente a do *Conde de Irlos*, que consta de mil e tresentos versos. Considerados no seu todo recommendão-se pelo estylo grave que não exclue certa alacridade, bem diversa todavia da de Boiardo e Ariosto.

Romances Historicos :—Á esta classe pertence a maior e melhor parte da litteratura romanesca de Hespanha, o que facilmente se explica attendendo a que os antigos heroes de tal guisa se identificavão com o caracter nacional, que seus feitos deverão naturalmente servirem de thema á poesia, expressão plastica dos sentimentos e paixões populares.

Seguindo a ordem dos tempos foi o primeiro d'esses heroes Benardo del Carpio, cujas legendarias emprezas fornecerão assumptos a mais de quarenta romances, afóra muitos dramas, novellas, e tres poemas epicos. Crê-se que florescera pelos annos de 800 e fôra fructo dos clandestinos amores do conde de Saldanha com a irmã do rei Affonso, o Casto ; que em vingança da irrogada offensa mandára encerrar o conde em uma torre e a infanta num mosteiro, educando a Bernardo, como se seu proprio filho fôra, fizera-o sempre ignorar o seu nascimento. As façanhas de Bernardo, realçadas na batalha de Roncesvalles, seus esforços em pról da libertação de seu pai, apenas soube quem era ; a dobrez do rei faltando repetidas vezes a palavra dada; a desesperação de Bernardo quando constou-lhe que seu pai fôra executado, constituem os lugares mais brilhantes do romance.

As gloriosas acções de Simão Gonzalez, o valente caudilho que reconquistou Castella aos mouros em meiados do seculo X, sendo o primeiro dos seus condes soberanos, servirão de materia a vinte romances, mais, ou menos poeticos, conforme a maior, ou menor parte que nelles tomou a imaginação popular. A dupla intervenção da condessa, resgatando seu marido do poder dos mouros, as altercações do poderoso vassallo com el-rei D. Sancho, caracteristicas do espirito turbulento dos fidalgos d'essas eras, são lugares que se assignalão á admiração dos amadores das bellezas nativas.

Costituem as *Aventuras dos Sete Infantes de Lara* uma das mais pictorescas lendas hespanholas. Em consequencia de divergencias domesticas forão esses principes alleivosamente entregues por seu tio aos mouros, que os condemnarão ao ultimo supplicio; ao passo que seu pai, tambem victima de negra traição, via-se encerrado numa prisão mourisca, onde uma dama d'essa nação fe-lo pai do famoso Mudatra que com o andar dos tempos veio a ser o vingador da familia. Mais de trinta romances bordarão-se sobre esta bellissima téla com as vivas côres que lhes emprestou a poesia meridional.

Romances Mouriscos: — Cousa singular é, como observão os criticos, que nenhum d'esses romances remonta-se a epocha anterior á conquista de Granada, revelando todos elles recente origem e procedencia christã. Parece certo que depois da queda do poderio musulmano achando-se os conquistadores de posse dos opimos despojos da sua civilisação tiverão o pensamento de homologa-los nas formas e feições da poesia popular. Assim pois, a contar d'esse tempo, surgem romances de nova especie versando sobre os amores de Gazul e de Albindarraes, as sangrentas discordias dos Zagriès e Abencerrages, descrevendo as festas e torneios de Vivarrambla, as perfumadas noites de Generalife, numa palavra o que das usanças e tradições arabes podia caldear-se com a poesia nacional. A tal excesso chegou a imitação d'esses modelos que forão alguns auctores accusados de renegarem religião e patria.

Romances de Costumes: — Não se circumscreveu a imaginação popular aos pontos supra indicados; effundiu-se numa grande diversidade d'assumptos; uns pastoris, outros burlescos, satyricos e picarescos: marcados todos com um mesmo cunho, todos de genuina representação da vida hespanhola. Grande copia d'esses romances encontra-se na sexta parte do *Romanceiro* de Pedro de Flores, que, como no-lo diz no prologo, os colhera cuidadosamente das riminiscencias populares. Constituem elles avantajada porção dos primitivos *cancioneiros*, e destinguem-se pela ingenui-

dade e singelesa, em que aliás se vislumbrão certos laivos de malicia.

## POESIA DRAMATICA

Como em todos os paizes, submettidos ao jugo romano, continuou na Hespanha a arte dramatica, nascida do paganismo, a propagar-se no meio da sociedade christã. De principio condemnou a Igreja semelhante tendencia, empenhando contra as usanças populares tenaz lucta cujos vestigios se descobrem nos anathemas dos concilios e especialmente no de Toledo celebrado em 589.

Sem embargo d'essa prohibição manteve-se o gosto pelos espectaculos profanos; e o clero, receoso de perder sua influencia, teve de capitular contentando-se de dar lhe bem diversa direcção. Buscou sanctifica-lo applicando-o ás festas do christianismo; e desde então as representações scenicas fizerão parte das ceremonias religiosas, forão executadas nas igrejas, perante nobres e prelados, com a cooperação d'ecclesiasticos que nellas tomavão activa e immediata parte. Vião-se nos officios do natal chegarem os tres reis magos, conduzidos pela mysteriosa estrella, e prostarem-se perante o presepe em que nascera o Salvador. Pela semana sancta suspendia-se a cruz um homem desempenhando o papel de Christo, e mil outras extravagancias se practicavão.

O que parecerá por certo mais singular é que julgou-se essas representações tão acommodadas ao espirito da epocha que varios prelados chegarão a conceder indulgencias aos que á ellas assistissem, sendo celebradas não como meras diversões e innocentes passatempos, porém como estimulos de devoção e exemplos offerecidos ás multidões ignaras.

Proficua foi a intervenção do clero nesses folgares do povo; porquanto sendo elle o depositario dos conhecimentos que havião sobrenadado no naufragio da civilisação, logrou dar-lhes mais esplendor e dignidade despertando a arte dramatica de seu profundo lethargo.

Escriptos em latim vulgar forão as primeiras representações, conhecidas por — *mysterios*; — a concurrencia porém dos fieis tornou necessario o emprego do — *romance*, — no qual já se canta-

vão os hymnos e recitavão orações. D'essas representações, subsistentes desde o meiado do seculo XIII, dá testemunho o *Codigo das Sete Partes*, devido, como já dissemos, a Affonso, o Sabio, que vedando aos clerigos varias distracções grosseiras, acrescenta: «Nin deben ser facedores de juegos per escarnio que los vengan a ver las gentes como los facem, et si los otros homes los facieren, non deben los clerigos hi venir, porque se hacen muchas villanias e desaposturas; nin deben otrosi estas cosas facer en las eglesias, ante decimos que los deben endeechar deshonradamente sin pena ninguma á los que le facieren; ca la eglesia de Dios fue fecha para orar, et non para facer escarnios en ella [1]. »

Ainda que seja mui provavel que as representações dramaticas, quer pantomimicas, quer dialogadas, em que tomavão parte clerigos e seculares, continuassem nos seculos seguintes — nenhum fragmento, ou noticia clara d'ellas existe anteriormente ao seculo XV. Verdade é que na já citada carta do marquez de Santilhana ao condestavel de Portugal se menciona uma comedia allegorica, escripta pelo marquez de Vilhena e representada em presença d'el-rei D. Fernando d'Aragão, bem assim algumas imitações de Plauto e Terencio, com intermedios rusticos, compostas por D. Pedro Gonzalez de Mendoza, avô do referido marquez.

As *Coplas de Mingo Revulgo*, escriptas na lingua desabrida e energica da plebe, fiel transumpto da situação politica e social nos ultimos annos do debil reinado de Henrique IV de Castella, dão ideia do caracter e formas theatraes usadas na Hespanha d'esse tempo. É porém a *Celestina* o mais solido cimento da arte dramatica no periodo da sua formação. É uma composição em prosa dividida em vinte e um actos, ou secções, e originariamente denominada — *Tragi-comedia de Calixto e Melibéa* — : e posto que por sua desmesurada extensão creia-se nunca ter sido levada ao palco, incontestavel é a influencia que exerceu sobre os costumes.

« A *Celestina*, diz um abalisado critico de cuja opinião procuramos sempre apropriar-nos, é mais uma novella dramatica do que

[1] *Partida I — titul. VI — cap. 34.*

um verdadeiro drama, ou pelo menos uma tentativa para produzir effeitos estrictamente dramaticos; porem tal qual é não póde a Europa apresentar nesse tempo nada que em merito litterario lhe seja comparavel. Toda ella está cheia de movimento e de vida, seus caracteres, começando pelo de Celestina e acabando pelo dos seus insolentes rufiões, achão-se desenhados com verdade e mestria que raras vezes se encontra nos melhores tempos do theatro hespanhol. O estylo é puro, facil e limpido, por vezes brilhante, e sempre castiço, ostentando todas as galas e recursos do bom castelhano antigo, a que nunca antes chegára a prosa hespanhola, e a que poucas vezes depois remontou-se. Occasiões ha em que se resente de certa erudicção fria e inopportuna; mas este defeito era o do tempo [1]. »

As composições dramaticas de que temos feito resenha, servirão de pródromos do theatro hespanhol cujo fundador incontestavelmente foi:

Encina (*João del*): — Natural d'aldeia de seu nome viu a luz do dia pelos annos de 1468-1469 e fez seus estudos preleminares na celebre universidade de Salamanca que passava então por uma das primeiras da Europa. Tendo a ventura d'angariar o valimento da poderosa familia d'Alba, entrou para o serviço de D. Fadrique de Toledo, a cuja esposa dedicou suas primeiras poesias, sendo por isso bem recebido na côrte, á qual soube sempre agradar. Passando a Roma ahi abraçou o estado ecclesiastico, merecendo, pelo seu talento musical, que o Papa Leão X lhe confiasse a direcção da sua capella. Em 1519 foi em perigrinação de Roma a Jerusalem, em companhia do marquez de Tarifa, e em seu regresso publicou uma narrativa d'essa viagem dedicada ao referido fidalgo. Apesar das honras e commodidades de que gozava na cidade Eterna mostrou desejos de volver á patria e seus protectores lhe proporcionarão um priorado em Léon, para onde se trasladou já em avançada idade, finando-se-lhe a existencia no anno de 1534.

Prescindindo de suas poesias lyricas, nas quaes todavia resumbrão bastante amenidade e candura, para só considerarmo-lo como dra-

[1] Ticknor *Hist. de la Lit. Esp.* tom. I

maturgo, diremos que as suas *representaciones*, como elle proprio as denomina, constão d'*eglogas* ou *autos pastoris*, e compõem-se de scenas lyricas mescladas de cantos e de danças, que subirão á scena primeiramente na capella dos duques d'Alba, e depois em publico, desempenhados os papeis por actores de profissão.

Não se persuada porem o leitor que tivessem essas *representações* grande interesse dramatico: nenhum critico deixou ainda d'assignala-las como rudes na forma, e ainda mais rudes nos traços. Não contão algumas mais de tres interlocutores, e as que mais tem carecem d'enredo e os demais accidentes do drama. Demonstremos este assumpto analysando de leve uma, composta para ser representada na noite de Natal, em que figurão de pastores os quatro evangelistas, encobrindo-se o auctor no personagem de S. João, que primeiro falla vangloriando-se de suas obras poeticas, exaltando seu patrono o duque d'Alba, e qualificando-o de homem temido em França e Portugal. Segue-se S. Matheus que lhe exprobra sua excessiva vaidade, e diz-lhe que suas obras *não valem dois caracões*; a que replica S. João allegando que o genero bucolico, é de todos o mais elevado, e para prova-lo chama a terreiro todos os competidores, emprazando-os para o proximo mez de maio em que se propõe tractar de taes assumptos numa obra que o ha de collocar na plana dos mais illustres poetas fazendo emudecer os seus detractores. No meio das suas divergencias ha um ponto em que ambos os evangelistas se achão d'accordo; isto é, nos elogios que fazem ao duque e á duqueza d'Alba, para cujo serviço confessa S. Matheus andar desejoso d'entrar. Neste comenos descem a scena S. Lucas e S. Marcos e annuncião ao auditorio o nascimento do Salvador; e depois de conferenciarem entre si, tomão o expediente de se dirigirem a Belém cantando em caminho um villancico que nada tem de devoto. Consta toda a egloga de quarenta coplas rimadas, incluso o villancico, terminado por uma especie de côro, ou estribilho.

Da collecção das eglogas del Encina, destacão-se duas que sobremodo agradarão aos contemporaneos: referimo-nos ás intituladas o — *Escudeiro feito pastor* — e — *os Pastores feitos palacianos* — notaveis pela naturalidade com que exprimem os sentimentos dos

camponezes e pela graça e delicadeza com que soube travar o dialogo.

### NOVELLAS CAVALHEIRESCAS

As canções populares, conhecidas pelo nome de *romances*, deliciavão as classes somenos da sociedade, em quanto as *chronicas* fornecião o pasto intellectual dos magnatas, que ahi procuravão estimulos e proveitosas lições. Não tardou porem que o progresso das luzes trouxesse a necessidade de novo genero de litteratura; e as *historias*, ou *novellas cavalheirescas* forão introduzidas em Hespanha.

Dissemos *introduzidas*, porquanto é hoje facto inconcuso que a primeira d'essas novellas, o *Amadis de Gaula*, fazia parte do cyclo da *Tavola Redonda* que de França se passara á Inglaterra e d'ahi a Portugal, onde Vasco de Lobeira o fabricára d'um antigo romance denominado *Amadas et Ydoine*.

Reconhece Ticknor que anteriormente ao seculo XIV não existião em Hespanha taes ficções: Arthur era absolutamente desconhecido e o proprio Carlos Magno apenas commemorado no seu caracter de imaginario invasor duramente punido pela sangrenta derrota que lhe infligira em Roncesvalles o legendario paladino Bernardo del Carpio. Confessa outrosim que da extraordinaria familia dos livros de cavallaria, cujos descendentes, na expressão de Cervantes, erão innumeraveis, occupa a cabeça do rol o *Amadis de Gaula*, vertido em castelhano por Garcia Ordonez de Montalvo e dado á estampa entre os annos de 1492-1504.

Calorosa discussão agitou-se sobre a originalidade d'esta obra, em que tomarão parte abalisados criticos, nacionaes e estrangeiros. Chamádo á auctoria comparece Vasco de Lobeira que pelo seu illustre advogado o senhor Theophilo Braga articulou o seguinte arrazoado:

« A novella *Amadis de Gaula* é uma transformação natural d'um romance dos troveiros do norte da França, do mesmo modo que muitos *fabliaux* em verso se transformarão na prosa decameronica de Boccacio. A maior parte dos criticos, que tem impugnado a origem portugueza d'esta novella, desconhecem a transformação

fatal, que se continua dos seculos XVI e XVII até chegar ás novellas pastoraes; os que tem confrontado, sempre superficialmente, o *Amadis de Gaula* com os versos *Amadas et Ydoine*, reconhecem algumas analogias, concluindo pela disparidade, sem notarem que sete mil novecentos e trinta e seis versos de redondilha, não podião dissolver-se em quatro grossos livros de prosa, composta sem se ampliar largamente o quadro da ficção. Contra a prioridade da redacção portugueza do *Amadis* levantou-se Ga yangos dizendo que já em 1359 o citava o chanceller Lopez d'Ayala no *Rimaldo de Palacio* bem como Pedro Ferus, Migir, capellão de Segovia, Juan de Tordesillas e Francisco Imperial; e que sendo Ayala captivo na batalha d'Aljubarrota em 1385 nesse tempo Vasco de Lobeira tinha vinte annos, por isso que fôra armado cavalleiro depois da batalha, contando apenas quatorze annos ao tempo que Ayala citára o *Amadis*. Todos estes argumentos são chronologicamente verdadeiros, mas não philologicamente. Nenhuma das auctoridades do seculo XIV que citarão o *Amadis*, declara que conhecem a versão em prosa; pelo contrario Ayala citando-o a par de *Lançarote*, dá a entender que conhecera a versão poetica. Demais, sendo o chanceller Ayala desterrado para a Inglaterra em 1367, alli escreveu parte do seu *Rimaldo de Palacio*, e é mais natural de crer que alli conhecesse a versão ingleza do *Amadace*, a qual já se acha citada no livro de Gower (a *Confissão do Amante*) escripto á pedido de Ricardo II.

« A transformação do nome de *Amadas*, do traveiro francez em *Amadis*, é devida á pronuncia ingleza de *Amadace*. Na citação de Pedro Ferus o *Amadis* vem junto como o *Rei Arthur* e *D. Galaaz*, *Lançarote*, *Tristan*, *Carlos Magno* e *Roland*, todos escriptos em verso, o que leva a crer que o romance do *Amadis* andava ainda na forma poetica. As allusões constantes que se encontrão na novella do *Amadis* aos romances do cyclo da *Tavola Redonda*, e as imitações de muitos outros romances francezes, mostravão claramente que essa novella não era invenção pura do genio portuguez, mas filha legitima da grande poesia da idade media.

« A Portugal cabe a gloria indisputavel de ter sido o primeiro paiz aonde as ficções epicas receberão a linguagem vernacula da burguezia — a prosa. — Assim cremos que a questão do *Amadis* já não

pôde versar sobre a genuina invenção portugueza, mas unicamente sobre a primeira transformação em prosa. A origem poetica do *Amadis* é franceza, vindo para Portugal a ficção por intermedio da forma ingleza de *Amadace*. Na livraria d'elrei D. Duarte, que fôra de seu pai D. João I, existia o livro de Gower, intitulado — o *Amante* — onde se falla do *Amadis*; a grande influencia e as relações litterarias que tivemos com a Inglaterra no seculo XIV torna admissivel esta asserção. Foi pela Inglaterra que entrou em Portugal a poesia do grande cyclo da *Tavola Redonda* [1]. »

Constituiu-se o *Amadis* tronco da numerosa familia das novellas cavalheirescas que innundarão a Hespanha e a Europa, entre as quaes citão-se a *Historia de Florisando*, a de *Lisuarte de Grecia*, *filho d'Espladian*, a de *D. Florisel de Niquéa*, e a dos *Grandes feitos d'armas do cavalleiro D. Silves de la Selva*.

Menos famigerada do que a do *Amadis*, foi a dynastia dos *Palmeirins*, cujo fundador, *Palmeirim de Oliva*, era um personagem conspicuo pelo grande sequito de que se rodeava. Veio em seguida o *Segundo livro de Palmeirim*, ou narrativa das estupendas aventuras de seus dois filhos Primaleon e Prolendos, ambos d'auctores desconhecidos.

Immediato na ordem de successão está o *Palmeirim de Inglaterra*, cuja paternidade é disputada com bons fundamentos entre o portuguez Francisco de Moraes e o hespanhol Luiz Hurtado. Com grande bizarria tomou parte nesse litigio o nosso erudito compatriota M. Odorico Mendes em pró de Moraes, sahindo-lhe ao encontro o atilado critico contemporaneo Paschoal Gayangos que terçou lanças pelo escriptor toledano, achando porem um digno contradictor em seu conterraneo D. Nicolão de Berjumera, que num erudito trabalho, endereçado á academia real das sciencias de Lisboa, esforçou-se por debellar as objecções que contra a autoría de Francisco de Moraes suscitára seu distincto collega. É o caso de dizer-se com Horacio:

*Grammatici certant, et adhuc subjudice lis est* [2].

[1] *Historia da Litteratura Portugueza.* — Introducção, tom. I

[2] *Epistola ad Pisones* verso 78

O cyclo da *Tavola Redonda* cedeu o passo ao *carolingio*, cujo genuino representante encontra-se na fabulosa historia d'esse imperador, falsamente attribuida ao arcebispo Turpin. O apparecimento dos poemas, exhumados das ruinas da Grecia e Roma, deu origem ao terceiro cyclo de novellas cavalheirescas, que recebeu a denominação de *greco-romano*, e a que pertencem a *Historia de Troya* d'*Alexandre*, de *Vespasiano* e um poema com o singular titulo d'*Ovidio da Velha* [1].

Fechou-se a epocha das novellas cavalheirescas com a apparição d'outra serie que assumiu o pretencioso nome de — *cavallaria celestial* e que nunca passou d'um acervo d'extravagancias, e diriamos até de heresias, si a intenção piedosa dos auctores não lhes salvasse a orthodoxia.

Para concluir diremos que causa-nos pasmo que os absurdos e dislates d'essas novellas fossem cridas, e gravemente citadas por illustrados varões que d'ess'arte parecião estar desafiando os motejos de Cervantes.

## CHRONICAS

Como por toda a parte precedeu em Hespanha a apparição da historia a das chronicas, redigidas pelos proprios reis, ou por ordem sua, as quaes registavão os successos capitaes occorridos desde os tempos fabulosos até a epocha em que o paiz, saccudindo o jugo arabe, readquiriu a primitiva e suspirada unidade. D'essas chronicas, apenas recommendaveis pela singela exposição dos factos, mencionaremos unicamente as que maior luz derramão e melhores subsidios prestão á historia.

Existem duas chronicas narrando as occurrencias do reinado de D. João II, ambas notaveis pela indole e estylo, e apreciaveis como veridicos quadros de costumes. A primeira denominou-se *Paso Hermoso* (Passo Formoso) e consiste na relação minuciosa d'um passo d'armas sustentado contra todos os cavalleiros quando se apresentavão na ponte de Orbigo, proximo á Léon no anno de

[1] Este poema, cujo verdadeiro titulo é *Ovidio de Vetula*, passou muito tempo por anonymo; hoje porém está averiguado ser da lavra de Richard de Fournival.

1434, o qual durou por espaço de trinta dias. A segunda intitulou-se *Seguro de Tordesillas* e refere-se á uma serie de conferencias e capitulações, celebradas nessa cidade no anno de 1439, entre D. João II e uma parte da nobreza castelhana. Poucos documentos historicos podem gloriar-se d'origem tão authentica, destinguindo-se outrosim pela candura e clareza d'estylo e até por uma certa elegancia estranha aos homens o as cousas d'essas eras.

Si das chronicas chamadas *geraes* passarmos as *particulares*, ou concernentes á personnagens celebres, encontramos na primeira linha, seguindo a ordem das datas, a intitulada — *Chronica de D. Pedro Nino*, conde de Buelna, que floresceu entre os annos de 1379-1453 e desempenhou as funcções d'almirante durante os reinados de D. Henrique III e de D. João II. Foi obra e estudo de Gutierrez Diez de Gamez, que desde a idade de vinte e tres annos acompanhou o almirante assistindo a todas as suas batalhas e combates. Impossivel será d'achar mais exacto e escrupuloso biographo, que na lhaneza da sua exposição revela a lealdade com que relata as aventuras e façanhas do seu heroe.

A *Chronica do condestavel D. Alvaro de Luna*, d'auctor anonymo, assignala-se pela sua magestosa gravidade tendo aliás todas os visos de fidedigna. Considera-se geralmente como das mais ricas em pormenores; devendo por isso ser manuseada por quantos desejarem possuir exactas noções d'esse seculo, em que os *bandos*, ou partidos armados, conduzidos por audaciosos caudilhos, fazião a guerra por sua conta e risco sem o minimo respeito para com a auctoridade real.

Pertence a mesma categoria a *Chronica de Gonçalo de Cordova* por antonomasia *O Grão Capitão*, que floresceu no reinado dos reis catholicos (Fernando e Isabel). Deve-se esta obra a um dos seus companheiros, por nome Herman Perez del Pulgar, que por ordem do imperador Carlos V a compoz de modo engenhoso sem preterir as severas leis da historia. Releva não confundi-la com outra de identico titulo, escripta por um certo Hermando de Pulgar, e publicada em 1580.

Sob o titulo de *Chroni as de Viagens*, encontra-se na litteratura hespanhola d'essa epocha algumas relações de descobrimentos e

viagens. A mais antiga, e quiçá mais interessante d'essas relações, é a d'uma embaixada mandada a Tamerlão no tempo de D. Henrique III. D'essa missão diplomatica, como hoje diriamos, fazia parte Ruy Gonzales de Clavijo, que escreveu uma curiosa narrativa dos successos nella occorridos, dos que casualmente fora testemunha, acompanhada de descripções tão exactas como pictorescas dos sitios que percorrera e das maravilhas que visitára. Assim, por exemplo, pinta com vigoroso e delicado pincel a cidade de Constantinopla em vesperas de cahir sob o jugo mahometano; a de Trebizonda com suas innumeraveis e sumptuosas igrejas do rito grego, a de Teheran, hoje capital da Persia, e a de Samarcanda, onde os embaixadores forão apresentados ao grande conquistador que acolheiu-os com summa benevolencia, ordenando por essa occasião sumptuosos festejos.

Menos importantes do que as de Marco Polo e Mandeville no ponto de vista scientifico leva-lhes a palma como obra litteraria, sendo para lamentar que a extrema credulidade que caracterisava o auctor faça com que duvidemos de muitas de suas asseverações. Fallando d'esse celebre viajante expremia-se o P. Marianna nestes termos: «Deve-se pôr em quarentena muito do que Clavijo refere; porém assim como aos outros viajantes antigos cujas rlações forão postas em duvida por extranhas e maravilhosas succedeu ao embaixador castelhano, e recentes investigações, feitas com todo o esmero e cuidado, vierão confirmar tudo o que elle tenha dito. Podemos pois fiar-nos em sua fidelidade, e no espirito sagaz que constantemente revela [1]. »

Resta-nos tractar d'outro genero de chronicas o que podem ser qualificadas de —*fabulosas*— dentre as quaes tomaremos para *specimen* a appellidada —*Chronica d'el-rei D. Rodrigo e da Destruição de Hespanha*— Ignora-se quem fosse o auctor d'esse livro, dado a estampa em 1511, tendo tido seis edições successivas no periodo de setenta e seis annos. A mór parte dos personagens ahi mencionados são imaginarios, assim como de pura invenção os dialogos com que á espaços interrompe as circumstanciadas e fastidiosas

[1] *Historia de Espana* l. 19

narrativas. É antes um romance de cavallaria do que uma obra historica, e as materiaes que entrarão para sua composição são os mesmos da *Chronica Geral*. Alli viajão os reis, á semelhança de cavalleiros andantes, as damas correm terras em busca d'um protector, do mesmo modo que no *Palmeirim de Inglaterra*.

É esta *Chronica* a ultima do cyclo que perfunctoriamente estudamos; e marca a lastimavel transição para os livros de cavallaria de que a Hespanha ia ser innundada, e dos quaes já fizemos rapida resenha.

## SEGUNDO PERIODO (Seculo XVI—XVII)

### PRIMEIRA EPOCHA (SECULO XVI)

« Em todos os paizes (diz Ticknor) que mais se distinguirão na civilisação e cultura intellectual o periodo em que a litteratura fixou-se de maneira permanente foi tambem seu periodo de maior gloria como estados. A razão é obvia: reina então entre os varios elementos que compõe o caracter nacional certa animação e actividade capazes de produzir uma poesia robusta e uma oratoria sublime; que sendo, como são, o resultado natural do fervor e enthusiasmo do povo, e estando marcadas fortemente com o sello do caracter nacional, servindo de typo e norma as gerações vindouras, e não podem ser imitadas senão quando a nacionalidade se acha outra vez movida e estimulada pelas mesmas cousas. Assim pois na Grecia o seculo de Pericles seguiu de perto a memoravel campanha contra os persas; o de Augusto foi consequencia natural da paz e tranquilidade, causada pela conquista do mundo inteiro; em França o seculo de Molière e de Lafontaine foi o seculo em que Luiz XIV estendia as fronteiras do seu vasto imperio até a Allemanha; ao passo que os reinados de Isabel e de Anna de Inglaterra coincidirão com a derrota da invencivel armada e as victorias de Malborough. [1] »

[1] *Historia de la Literatura Espanola*, tom. II.

O mesmo phenomeno realisou-se na Hespanha, que desde o reinado de Fernando e Isabel progressivamente se elevára a tal esplendor que Carlos V pensou poder realisar esse sonho da monarchia universal que antes d'elle concebera Carlos Magno. Communicára-lhe o sentimento da sua força a união das duas corôas (a de Aragão e a de Castella) dera-lhe unidade politica a *Santa Hermandad*; e a religiosa a *Inquisição* cimentando-a no sangue dos mouriscos e judeos. Gonçalo de Cordova derribara em Granada o ultimo baluarte do poderio musulmano, em quanto Christovão Colombo, descobrindo o Novo Mundo, encontrára inexgotavel manancial de riquezas e abrira vastos horizontes ao pensamento e a actividade nacionaes.

Uma circumstancia que não tem escapado á observação dos criticos é que em Hespanha a litteratura e a arte são assencialmente aristocraticas. Em quanto na idade media vemos por toda a parte erudicção, sciencia e arte nas mãos do clero alardeando os nobres sua ignorancia, a fidalguia castelhana julga-se indigna da honra dos brazões quando não sabe com igual mestria manejar a espada e a penna. No seculo XVI e XVII todos os que se illustrarão pela intelligencia, coragem e virtudes pertencião ás classes aristocraticas. Até ao claustro tornava-se estensiva essa tendencia: Luiz de Leon, Thereza de Cépeda, Lope de Vega, e Calderon de la Barca erão grandes pelo nascimento como pelo genio, e os que não se gloriavão da nobreza de sangue erão nella filiadas pelos regios pergaminhos que lhes conferião honras e proeminencias: de sorte que pode-se com verdade dizer que o periodo aureo da litteratura hespanhola foi a genuina expressão das ideias e indole da nobreza.

Em semelhantes condições não podia deixar a arte de ser igualmente grande; pois que é ella a expressão dos costumes mais elegantes, delicados e distinctos.

Eventos politicos vierão profundamente modificar-lhe a sombranceria. Senhores de Italia quizerão os hespanhóes enriquecerem-se á custa dos despojos d'essa região, *alma mater* da moderna civilisação; mas não attenderão a que a nação vencida os tinha por sua vez subjugado: *Græs capta ferum victorum cepit*. O proprio imperador mais propenso á Italia do que á Hespanha, menos por amor

das letras e das artes do que por finura machiavelica, não poupou animação e favores aos que, seguindo a trilha de Boscan e Garcilaso, implantavão o *petrarchismo* sobre as ruinas da velha poesia nacional.

Percorrendo as diversas provincias da litteratura examinemos qual a influencia que sobre ellas exerceu a escola cuja invasão acabamos d'assignalar.

## POESIA LYRICA

Boscan (*João — Almogaver*):—Nascido em Barcelona no anno de 1500, e fallecido nessa mesma cidade no de 1543 mostrou desde a infancia decidida vocação para a poesia, principalmente pela castelhana, em cujo dialecto escreveu sempre de preferencia ao vernaculo. Viajou muito pela Italia e de volta a patria foi incumbido da educação do duque d'Alba, d'execranda memoria.

Em estylo antigo forão as suas primeiras composições poeticas, mais tarde porem relacionando-se com André Navagiero, embaixador de Veneza, deixou-se influenciar por esse douto personagem, a ponto d'acceitar o papel d'apostolo da escola italiana, quebrando lanças com os partidarios de João de Mena.

Anteviu Boscan o alcance da sua reforma; mas nenhum esforço fez para propaga-la como se collige do seguinte passo d'uma carta escripta a duqueza de Soma: « No que tenho até hoje produzido propuz me menos ao officio d'auctor do que ao prazer de recrear-me com o meu espirito, si algum tenho, alliviando d'ess'arte o peso de certas horas da vida. »

Deve-se-lhe a traducção d'uma tragedia d'Euripides e uma fabula intitulada *Hero e Leandro*, em verso solto a maneira dos italianos, que ainda hoje acha leitores pela harmonia de metrificação e delicadeza de imagens.

Emprehendeu igualmente a versão do *Cortigiano* de Castiglione, com quem comviveu durante a sua residencia em Hespanha como embaixador de Clemente VII. Não tem essa versão o merito da fidelidade, recommendando-se aliás pela fluidez do estylo, que fazia dizer a Garcilaso que a sua leitura era tão aprazivel como d'uma obra original.

Honrado pelos seus concidadãos pouco apparecia na côrte, onde todavia contava bons e poderosos amigos, e não se sabe ao certo porque deixára em vida de publicar a melhor parte de suas poesias só dadas á estampa por sua viuva. Dividem-se ellas em quatro livros dos quaes o primeiro contem pequeno numero de *Coplas, feitas á castelhana*, e no antigo metro.

Os segundo e terceiro livro compõem-se de poesias no gosto italiano, avantajando-se entre ellas a já citada fabula de *Hero e Leandro*, a elegia denominada *Capitolo e Allegoria* em que se acha uma magnifica descripção da *côrte do amor* e outra *do ciume*. Observão-se em quasi todas as suas composições certa viveza e altivez caracteristicos do engenho hespanhol; assim como mais brilho no colorido do que no dos modelos classicos por onde se regulava.

Quasquer que fossem as aberrações da musa de Boscan incontestavel é que prestou revelantes serviços á poesia nacional, erguendo-a do abatimento em que jazia e temperando-a nos moldes italianos. Introduziu o verso d'onze syllabas, o soneto e a canção, como o aperfeiçoara Petrarcha, a tercia-rima de Dante e as sonoras oitavas de Ariosto. Si não lhe foi dado ver o completo triumpho da sua obra coube-lhe ao menos a satisfação de conhecer e intimamente praticar com o illustre continuador d'essa mesma obra que devera alça-la ao pinaculo da grandeza e da gloria. Queremos fallar de:

Garcilaso (*de la Vega*): — Viu a luz em Toledo no anno de 1503 e no seio d'uma familia a que se ligavão as mais honrosas tradições da historia patria. Chegando a idade em que a fidalguia costumava empunhar armas foi mandado a côrte e empregado em diversos misteres proprios de sua hierarchia. Na idade de vinte e sete annos casou-se com uma dama do sequito de D. Leonor, rainha viuva de Portugal, e que foi depois mulher de Francisco I, rei de França. Como cavalleiro da ordem de Calatrava assistiu ao cerco de Vienna d'Austria onde distinguiu-se pela sua heroica bravura. Pelo arrojo de favorecer os amores d'um sobrinho com uma dama da imperatriz, contra a expressa vontade d'esta, foi encerrado num castello, sito numa ilha do Dunubio, d'onde escreveu formosas e sentidissimas elegias. Reintregado nas boas graças do imperador acompanhou-o ao cerco de Tunis fazendo-se ainda ahi admirar pelo denodo com que com-

batia. Coberto de graves ferimentos dirigiu-se a Napoles em cuja cidade residiu por algum tempo ralado de saudades, como se deprehende d'uma elegia composta junto ao monte Etna. Lucrou todavia, como elle proprio comfessava, com a estada em Italia que lhe proporcionou ensejo de pessoalmente conhecer a Bemboe Tausillo, luminares de sua litteratura. Bem que molesto seguiu a Carlos V n'essa infeliz campanha de Provença, e afrontando perigos de toda a ordem no sitio de Marselha, foi encontrar a morte, com sós trinta e tres annos, nos arredores de Fréjus, oppugnando um castello defendido por alguns camponezes.

« Não é pasmoso ( dizia Quintana ) que um homem que morreu tão moço, seguindo a carreira das armas, tenha podido sem estudo classicos, e unicamente ajudado pelo talento e gosto tirar subitamente nossa poesia da infancia, faze-la caminhar pela trilha dos mais afamados escriptores antigos e modernos com quem rivalisa, ornando a musa de graça e sentimentos de propria lavra, adaptando-lhes uma linguagem doce, pura, elegante e harmoniosa? »

Constão as poesias de Garcilaso de trinta e sete sonetos, cinco canções, duas elegias, uma epistola em versos soltos, e tres glosas, que juntas contem maior numero de versos do que todas as demais obras. Nesta ultima especie de composição manifestou-se decidido imitador de Petrarcha, Bembo, Ariosto e principalmente de Sanazaro, sem contudo desprezar a Horacio e Virgilio, cujo merito proclama superior ao dos modernos.

Extraordinaria foi a aceitação que tiverão as poesias de Garcilaso, superiores em graça e maviosidade as de Boscan, e de quem aliás se comfessava discipulo e admirador. Successivas edições testemunhão o apreço d'essas obras, commentadas por Sanchez, e preconisadas por Herrera, Lope da Vega e Cervantes.

Ha quem pense que maior seria a empreza de Garcilaso si em vez de imitar os grandes poetas italianos houvesse consultado a indole d'antiga poesia nacional, que não faltaria de ministrar-lhe larga margem ao seu engenho; somos de diverso parecer, acreditando que semelhante empreza não poderia ser levada ao cabo pelo eximio bardo toledano, que cedia ao impulso da sua epocha, e que da convivencia de Boscan e da dos litteratos italianos só devera colher ideias

de reforma, unicamente consistentes na introducção da escola *petrarchista* considerada como supremo esforço do engenho humano. Facto é bem conhecido e demonstrado pelos modernos philosophos que vivendo o homem no tempo e no espaço obedece imperiosa e quasi que fatalmente a acção d'esses dois *meios*, chegando muitas vezes a ser inconsciente executor d'alheias ideias.

Ponce de Leon (*Luiz*): — mais conhecido por *Frei Luiz de Leon*. Nasceu em 1527 em Granada, em cuja cidade fez seus primeiros estudos, tomando aos dezeseis annos o habito de religioso agostiniano no convento de Salamanca. Não tardou em adquirir a reputação d'eximio theologo; e nos calorosos debates que travou com os dominicanos nas publicas conferencias celebradas na universidade, onde com grandes applausos professava, levou de vencida os adversarios. Em desforra accusarão-no este de herege por haver vertido para o idioma castelhano o *Livro dos Cantares de Salomão*, considerando-o como producção bucolica. Intimado a comparecer perante o tribunal do *Santo Officio* confessou ingenuamente que fizera essa traducção para o uso particular d'uma religiosa que lh'a pedira devendo-se a sua divulgação a um leigo que o furtivamente lh'a subtrahira antes que elle tivesse tempo de commenta-la no sentido fixado pela Igreja com cuja intelligeneia se conformava. Tão franca e leal declaração não desarmou o odio de seus inimigos, que, sob mil pretextos e subterfugios, o deliverão nos carceres inquisitoriaes de Valladolid por espaço de cinco annos; restituindo-lhe a liberdade um accordão do Supremo Tribunal de Madrid.

No meio de seus infortunios teve Frei Luiz de Leon a consolação de ver que a universidade se lhe conservava fiel, mantendo vagas as cadeiras que regia (de Theologia e Escriptura Sagrada). Quando depois de tão longa ausencia apresentou-se para proseguir em suas lições, numeroso era o auditorio que pendia-lhe dos labios esperando a tocante narrativa das dores que havia soffrido e das angustias por que passára; illudida porem foi tal expectativa; porquanto o douto religioso começou por estas palavras: — *Como diziamo-hontem...* — continuando com a maior naturalidade, e dando d'ess'arte a entender que os cinco annos d'acerbo e injusto captiveiro erão um parentheses de sua existencia de que perdera a memoria.

Escrevera na prisão uma extensa obra em prosa com o titulo de *Nomes de Jesus*, padrão de sciencia theologica e pureza de linguagem, sobremodo apreciada pelos contemporaneos. Crê-se que tambem compuzera nesses amargurados dias, uma mui estimada — *Vida de S. Thereza* —: e a *Perfeita Casada*, ou commentarios a alguns *Proverbios de Salomão*.

Amargurarão-lhe a existencia os desgostos e dissabores porque passára, e, mergulhado em profunda melancolia evitava a convivencia dos proprios amigos e confrades, até que falleceu da vida presente no anno de 1591.

Como poeta a obra de maior tomo que lhe devem as letras hespanholas, é a *Prophecia do Tejo* na qual a divindade protectora d'esse rio prediz a D. Rodrigo a conquista de Hespanha pelos mouros em castigo da violencia exercida por esse monarcha na pessoa de Cava, filha do conde Juliano. É uma imitação da ode de Horacio em que Nerêo annuncia a Páris a ruina de Troia; o metro nella empregado é o das antigas quintilhas, que o poeta monastico preferia ao endecasyllabo italiano. Na ode intitulada a *Ascenção* revelou os eminentes dotes lyricos que o caracterisavão, pintando com inexcedivel singeleza, a admiração dos apostolos ao contemplarem a elevação aos ceos do Divino Mestre.

Eugenio Baret [1] considera Frei Luiz de Leon como o mais elevado typo da poesia lyrica castelhana, reunindo em si o genio varonil, religioso e patriotico dos hespanhoes, a inspiração da lyra romana e a da harpa hebraica, em proporções igualmente afastadas da molleza, affectação e pedantismo.

Herrera (*Fernando de*): — Apenas se sabe d'este poeta, digno emulo do precedente, que nascera em Sevilha pelo meiado do seculo XVI, e ahi fallecera em 1597. Davão-lhe os contemporaneos o epitheto de *divino*, maravilhados da sublimidade de seus pensamentos e da grandeza de suas imagens. Valiosissimos forão os serviços por elle prestados á lingua castelhana, que ainda em seu tempo pouco convinhavel se mostrava a poesia. Versado na lição dos clas-

[1] *Histoire de la Littérature Espagnole* — Deuxième Periode.

sicos, manuseando com proveito as obras de Malherbe e Vaugelas, puliu as asperezas do patrio idioma, elidindo todas as expressões que amesquinhavão a ideia.

Alistando-se nas bandeiras petrarchistas exhalou Herrera em melancolicos sonetos sua paixão (a custo soffreada) pela bella condessa de Gelves, D. Leonor de Milan. Ostentou a pujança de seu estro na *Ode a D. João d'Austria*, felicitando-o pela esplendida victoria de Lepanto; e na *Elegia, dedicada a el-rei D. Sebastião*, prantea o mallogro d'essa aventurosa jornada d'Africa, ultimo arrojo do espirito das cruzadas. Na *Canção do Somno*, revela-se sob novo aspecto, descendo das alturas da ode, ao fundo valle do silencio em que repousa o somno, irmão da morte: *consanguineus lethi sopor* [1].

« O estylo de Herrera, diz Puibusque, é o dos prophetas e sua inspiração desce em linha recta das alturas do Sinai. Profunda e variada é a sua arte; soube assimilar-se aos poetas hebraicos, e imitar a Petrarcha e aos demais classicos italianos sem prejuizo da sua independencia [2]. »

Thereza de cépeda (mais conhecida por *S. Thereza de Jesus*):— Nasceu em Avila (Castella Velha) em 1515 e falleceu em 1582. Oriunda d'uma familia nobre, foi educada nos principios da mais austera devoção; mas por morte de sua mãi entrando no gozo da liberdade usou d'ella para entregar-se ás distrações e passatempos mundanos; de que foi arredada pela providencial leitura que fizera das *Confissões de S. Agostinho*. Consagrando-se com ardor á obra da regeneração propria e alheia, fundou no lugar do seu nascimento um convento da regra dos carmelitas, e ajudada pelo seu confessor (S. João da Cruz) reformou a dita regra, fazendo-a adoptar em dezeseis conventos por ella fundados em varios lugares de Hespanha. Canonisada trinta e nove annos depois de morta é sua festa solemnisada a 15 d'Outubro.

No espolio litterario da heroina d'Avila, encontra-se uma *Collecção de Poesias Espirituaes*, onde, entre muitas bellezas de finissimo quilate, avultão um *cantico* e *tres glosas* do celebre mote *Que muero*

[1] Virgilius — *Æneid.* lib. VI

[2] *Histoire Comparée des Littératures Espagnole et Française.* tom I

*porque no muero*. Ha tambem uma lindissima poesia intitulada — *Exclamações d'alma a seu Deus* — inspiradas pela leitura do terceiro livro da *Imitação de Christo*.

« O genio de Thereza, pondera Loise, encerrava-se em seu coração a exaltação de sua alma apaixonada era uma poesia e a mais sublime das poesias. A imaginação porém propriamente dita era estranha ao *estado sobrenatural* da sancta. Parecerá isto paradoxo para quem não reflectir que Thereza nascera com uma imaginação poderosa; porém não infallivel, e que o bom senso pratico não consentia-lhe que se extraviasse na região dos sonhos [1]. »

Commemorando sua doçura e placidez d'alma, acrescentou o referido auctor: « S. Thereza não entrou em controversias, praticou a caridade como Deus a inspirou; e foi assim que sahiu victoriosa dos enganos do mundo, salvando a Hespanha das ensanguentadas luctas do protestantismo. Não reinou pelo terror, e nunca fallou do inferno senão para lastimar os condemnados. *Desgraçado*, diz ella, fallando de Satanaz, *desgraçado que não sabe amar*!... »

Monte-mór, ou Montemayor *(Jorge de)* : — Nascido na villa d'esse nome (districto de Coimbra) em 1520, alistou-se bem moço nos exercitos hespanhóes para adquirir meios de subsistencia, que principalmente deveu ao grande talento musical de que era dotado. Admittido na *capella ambulante* do principe, que devera ser depois D. Philipe II, acompanhou-o em suas viagens pela Italia, Allemanha e Paizes-Baixos. Em Hespanha apaixonou-se por uma dama, a quem dá o nome poetico de *Marfida*, a qual durante as suas peregrinações casou-se com outro. Procurou então consolar-se escrevendo um romance em que representa sua bella infiel sob o nome de *Diana* e a si proprio com o de pastor *Sireno*. Essa longa pastoral, que apenas chegou ao septimo canto, é a fidelissima expressão do sentimento de que se achava possuido, servindo ao mesmo tempo de motivo para a exhibição de suas poesias amorosas. Escripta em lingua castelhana nenhuma outra obra, depois do *Amadis*, teve maior numero d'edições, nem mais fervorosos imitadores. Em 1552 voltou a Portugal na comitiva da princeza

[1] *Histoire de la Poésie en rapport avec la civilisation. — La Poésie Espagnole.*

D. Joanna, que casou-se com o principe D. João filho de D. João III; parece porem que desgostoso de sua patria nella pouco demorou-se, porquanto vemo-lo passar-se á Inglaterra em 1555 na companhia de Philippe II. Exaltado pela gloria que lhe conquistára a publicação da sua *Diana* resolveu visitar de novo a Italia onde acabou seus dias num duello (1561).

Podem se reduzir a duas as causas da grande celebridade d'esse livro: a primeira por ter Monte-mayor incluido nelle suas proprias aventuras amorosas e as de seus amigos, processo muito ao gosto da epocha, e que fez a fortuna dos mui conhecidos romances francezes *Astrea* e *Clelia*: e a segunda pela admiravel pureza de estylo, moldado pelos de Sannazaro e Garcilaso, e d'onde em precioso recamo se destacão lindissimos versos, inspirados pela paixão desgraçada que lhe amargurou a existencia.

« A prosa de Monte-mayor, diz Sismondi, é muito mais numerosa, elegante e simples do que a dos escriptores que o precederão. Seu unico escolho são as discussões philosophicas ácerca do amor, onde todas as vezes que quer ser profundo, ou subtil, torna-se pedantesco: a graça porem de seus versos, sua harmonia e delicadeza collocão-no na primeira plana dos escriptores hespanhóes [1]. »

## POESIA DIDACTICA

Era conhecida em Hespanha a poesia didactica desde o tempo de João de Mena, sob a forma de *perguntas* e *respostas*; que não passavão d'enigmas com os seus competentes conceitos; no seculo XVI assumiu porem ella caracter mais grave e solemne, constituindo-se um genero separado, em que se esmerarão acreditados escriptores. A primeira é a que tem por titulo — *Quatrocentas respostas a outras tantas perguntas que o illustrissimo senhor dom Fadrique Henriques, almirante de Castella, e outras pessoas dirigirão ao auctor.* — Constante de vinte mil versos teve pasmosa acceitação, o que parece indicar que satisfazia elle cabalmente as ideias da classe a que principalmente se destinava. Vario é o seu assumpto; versando sobre religião, moral, historia, medicina, magia,

[1] *De la Littérature du Midi de l'Europe*, tom. II — Chap. XXVI.

numa palavra sobre tudo quanto podia fornecer a imaginação d'um homem desocupado e curioso d'investigar a razão das cousas. Quebrão a monotonia d'essas abstrusas prelecções, uma ou outra poesia de differente especie, como por exemplo a endereçada ao almirante dando-lhe conselhos de bom proceder, de que elle talvez muito precisasse, e uma longa lamentação dos seus padecimentos physicos, relatando o minucioso emprego que fazia do seu tempo.

Posto que publicado sob o anonymo crê-se que o auctor fôra um certo Luiz d'Escobar, religioso observante.

Na ordem chronologica segue-se outro poema didactico denominado — *Trezentas questões naturaes com suas respostas* — escriptas por Alonso Lopes de Corelas, medico de grande erudição, mas que em graça e jovialidade é muito somenos ao precedente.

A imitação de Cicero e Seneca, importadas das obras de Bembo e Castiglione, suscitou um infatigavel didactico na pessoa de Francisco de Villa-lobos, de quem apenas se sabe que fôra medico de Fernando, o Catholico, e de Carlos V, e que já em 1498 publicára um tractado de medicina em versos, baseando-se nos aphorismos de Avicenna; que até o anno de 1543 em que falleceu dera á estampa diversas obras relativas á sua profissão. D'essas obras a mais notavel é o *Livro dos Problemas*, dividido em dois tractados, dos quaes o primeiro occupa-se com o sol, a lua, os planetas, os quatro elementos e o paraiso terreal: e o segundo discorre largamente ácerca do homem e dos seus costumes, começando por uma declaração da malicia do diabo, e terminando com outra concernente á lisonja cortezã, a qual é especialmente dedicada ao herdeiro presumptivo da corôa. A cada um dos capitulos em que se subdivide a referida obra precede uma copla de oito versos no antigo metro hespanhol, que serve de problema, sendo o discurso em prosa a glosa ou explanação.

Tanto este livro, como as *Miscellaneas* do mesmo auctor, possuem o merito da clareza e precisão de linguagem e a espaços encontrão-se nelles franqueza e naturalidade que encantão, indemnisando-nos de não poucos tedios.

O *Exemplar Poetico* de João de la Cueva que veio a lume em 1605 sob a forma epistolar e em *tercetos* apresentou-o como

reformador da poesia sem attender que elle proprio era réo de máo gosto e pessima critica. Deficiente em muitos pontos v. g. no que concerne á poesia epica está muito longe da seu modelo (a Epistola de Horacio aos Pisões) que fôra anteriormente vertida (em 1591) para o idioma castelhano por Vicente Espinel.

Paulo de Cespedes, pintor, esculptor e archeologo, nascido em Cordova em 1538 deixo-nos na sua *Arte de Pintura* alguns formosissimos episodios e delicadissimas descripções, entre outras a do cavallo que pode rivalisar com o que de melhor se encontra nas *Georgicas* de Virgilio, ou nas do poema *da Natureza das Cousas* de Lucrecio.

## POESIA DRAMATICA

Rueda (*Lope de*): — Natural de Sevilha, onde exercia o officio de batedor d'ouro, floresceu pelos annos de 1544-1567. Parece que á frente d'uma companhia de comicos ambulantes fizera representar suas peças successivamente em Sevilha, Cordova, Valença, e Segovia, ignorando-se o motivo que o induzira a deixar o antigo mister para exercer outro e bem diverso. Ignaro das tradições do theatro classico e das do renascimento seguiu suas proprias inspirações, estudando cuidadosamente a indole do povo e seus costumes.

Pódem-se dividir em tres classes as composições dramaticas de Rueda; dialogos pastoris, á guisa dos d'Encina; curtas scenas, denominadas *passos*, entre lacaios, rufiões, espadachins e outros personagens da mesma igualha; finalmente com edias de motivos vulgares.

Crescendo cada vez mais o gosto pelos espectaculos julgava-se já insufficiente a representação d'uma só peça, por isso Rueda ideou curtos intermedios (*passos*, *colloquios*) com que satisfizesse a impaciencia do publico, escolhendo para assumpto situações e caracteres que sabia mais aprazem-lhe.

Na comedia foi discipulo de Torres Naharro e do auctor de *Celestina*, aos quaes buscou imitar misturando o serio com o jocoso, levando-lhes porém ás lampas na vivacidade e delicadeza do dialogo, *que encantão sem se saber porque*, na phrase d'um

judicioso critico [1]. A naturalidade dos pensamentos, a casticidade de linguagem, o completo conhecimento dos lances ridiculos, e a felecissima reproducção dos habitos populares adq uirirão-lhe a autonomasia de *pai do theatro hespanhol*, que lhe conferirão Cervantes e Lope de Vega.

Timoneda (*João de*): — Livreiro valenciano que floresceu pelo meiado do seculo XVI foi o mais feliz imitador de Rueda. Consta que chegára a uma avançada idade fallecendo em 1597.

Restão-nos d'este auctor quatorze peças, conhecidas por diversos titulos, e nos quaes ensaiou-se em todas as especies dramaticas, então cultivadas. Assim escreveu quatro *passos* e outras tantas *farças*, duas comedias (*Aurelia* e *Cornelia*); uma tragi-comedia, um *auto sacramental*, e finalmente a traducção da comedia de Plauto intitulada — *Menechmos* — Em todas essas composições revelou Timoneda cabal conhecimento n'arte de travar o dialogo, seguindo as pisadas de Rueda no chiste acommodado ao paladar do povo, para quem especialmente escrevia.

Virués (*Christovão*): — Natural de Valença pode ser reputado chefe da escola dramatica que prosperou nessa cidade na segunda metade do seculo XVI. Das cinco comedias de que foi auctor occupa a primeira plana a denominada — *Elisa Dido*, dividida em cinco actos e com escrupulosa observancia das unidades classicas. Nenhum nexo existe entre o seu enredo e a fabula de que tão grande proveito tirou Virgilio. Não conhece separação de scenas, terminando os actos por córos, á maneira do theatro grego. Os trechos lyricos são de grande effeito e testemunhão singular talento e illustração do auctor, muito acima do que se devera esperar nessa epocha. Bem traçados são os caracteres, e a acção cheia de vida e calor.

Bermudez (*Jeronymo*): — Natural da Galiza nasceu em 1530 e falleceu em 1590. Professou na ordem dominicana e chegou a ser lente de theologia na universidade de Salamanca. Sob o titulo de *Primeiras Tragedias Hespanholas* — publicou em Madrid (em

[1] Puibusque — *Histoire Comparée des Littératures Espagnole et Française* — tom. I.

1577) com o pseudonymo de Antonio da Silva uma traducção, da *Castro* do poeta portuguez Ferreira, metamorphoseada em *Nise Lastimosa*, fazendo-a acompanhar d'outra imitação da mesma peça, que denominou — *Nise Laureada* — tomando por thema a coroação d'essa desventurada dama, vinte annos depois de seu passamento.

Reservando para mais tarde a tão debatida questão da litigiosa originalidade d'essa tragedia citaremos, por agora, proprio, o que a tal respeito escreveu o illustrado critico americano, de cujas luzes tanto nos havemos soccorrido.

« Nenhuma dessas peças influiu sensivelmente no theatro hespanhol; cumpre porém reconhecer que a *Nise Lastimosa* tem trechos poeticos de subido merito, como o formosissimo côro do final do primeiro acto, o sonho de D. Ignez no terceiro, o dialogo entre esta princeza e as mulheres de Coimbra, respirão a simplicidade grega; *ainda que se deva confessar que Bermudez tomou essas passagens do drama de Ferreira* [1]. »

Argensola *(Lupercio Leonardo)*:— Natural de Barbastro (Aragão) nasceu em 1565, serviu de secretario á imperatriz Maria d'Austria, viuva do imperador Maximiliano; foi camarista de seu filho o archiduque Alberto, e na qualidade de secretario d'estado muito auxiliou ao conde de Lemos no seu vice-reinado de Napoles, em cuja capital morreu no anno de 1613.

Compoz varias poesias lyricas e didacticas de subido quilate, uma *Historia da Conquista das Molucas*, e a continuação dos *Annaes* de Zurita. Cervantes prodigalisa-lhe os maiores encomios e encarece os serviços por elle prestados á scena hespanhola, cremos porem que demasiado indulgente foi o juizo do illustre auctor do *D. Quichote*; porquanto das tres tragedias que se lhe attribuem apenas pode merecer a *Isabel* as honras da critica. O entrecho é frio e commum os incidentes, posto que algumas vezes bem imaginados, conduzidos sem o minimo conhecimento dos recursos d'arte, a linguagem pouco natural e impropria para inspirar interesse ao audictorio. A peça, repleta de horrores, repugna pela circumstancia de quasi todos os personagens morrerem de morte violenta, sendo seus cadaveres,

[1] Ticknor: *Historia de la Literatura Espanola*, tom. II.

ou pelo menos suas cabeças, apresentadas aos espectadores. Começa por um prologo, recitado pela Fama, queixosa do estado lastimoso em que se achava a arte dramatica, e finalisa por um tedioso epilogo em que a sombra da recem-morta Isabel moralisa o publico.

As tragedias d'Argensola fechão a epocha de transição que devera servir de portico ao brilhante periodo illustrado pelos genios de Lope de Vega e Calderon de la Barca.

## HISTORIA

Zurita (*Jeronymo*): — Nascido em Saragossa em 1512 e fallecido nessa mesma cidade em 1580, era filho d'um medico valido de Fernando, o Catholico. Revelou desde os primeiros annos propensão para as letras, que com grandes applausos cultivou na universidade d'Alcalá, onde teve a ventura d'ouvir as prelecções do celebre hellenista Fernão Nunez. Usufruindo dos favores da côrte, occupou brilhante posição e desempenhou altos cargos, sendo de todos o mais consideravel o de chronista de Aragão, emprego que as côrtes d'esse reino acabavão de crear. Munido d'amplas auctorisações visitou todos os archivos, inclusivamente o de Simancas, afamado pelas preciosidades historicas que encerrava.

D'esse insano labor resultarão os *Annaes do Aragão* que virão a luz de 1562-1580, abrangendo a historia d'esse paiz desde a sua origem até o reinado de Fernando, o Catholico. É inquestionavelmente superior a tudo que até então se havia publicado: avantaja-se pelo espirito d'independencia e acrysolado patriotismo que ahi dominão, qualidades tão raras como apreciaveis num escriptor que sabia dever sua obra passar pela meticulosa censura de invejosos emulos, avidos de encontrarem thema para suspeitas e infundadas accusações. Triumphou porem o seu reconhecido merito, tendo por um unico defeito a prolixidade e desalinho de phrase, que aos olhos dos contemporaneos passavão por bellezas.

Morales (*Ambrosio*): — Nascido em Cordova em 1513 e fallecido em 1591, fez seus estudos na universidade de Salamanca, e havendo adquirido grande reputação de humanista e theologo occupou uma cadeira na então mui conceituada universidade de Alcalá, d'onde foi distrahido pela nomeação de chronista de Castella com o

encargo de terminar a historia geral de Hespanha começada por Floriano de Ocampo.

Sem embargo d'avançada idade (sessenta e sete annos) em que começou essa obra chegou a dar á estampa tres tomos in-folio proseguindo na têa dos acontecimentos até a união das coróas de Leão e Castella operada por D. Fernando Magno. Bem que somenos a de Zurita não é destituida de valor intrinseco pela madureza dos juizos, illustração e gosto. É porém incorrecto o estylo, sendo isto bastante estranhavel da parte de quem, como Morales, tanto se gloriava de ter sido discipulo de Fernão Perez de Oliva, esmerado prosador castelhano.

Mariana (*João*): — Nascido em Talavera de la Reina (Castella Nova) em 1526 e fallecido em 1624, sem nenhuma protecção de familia deveu ao seu pasmoso e precoce talento o generoso acolhimento que lhe derão os jesuitas de quem recebeu educação litteraria, e a cuja ordem mais tarde filiou-se. Apenas findos os estudos na universidade em Alcalá foi mandado a Roma a fim de reger uma cadeira de theologia no collegio dessa cidade. Ao cabo d'um tyrocinio de cinco annos passou-se a Sicilia para tractar da consolidação do dominio da sua ordem. Tão bem succedido foi nessa missão que seus superiores acharam-no digno de ser trasladado para o collegio de Pariz, onde explicou perante luzidissimo auditorio a *Summa* de S. Thomaz d'Aquino. Era-lhe porém adverso o clima da capital da França; e por isso pediu para regressar a Hespanha, escolhendo para residencia a cidade de Toledo, na qual permaneceu os ultimos quarenta annos da sua vida.

Muitas forão as obras sahidas da laboriosa penna do erudito jesuita, assaz conhecido pelas suas opiniões casuisticas: não é do nosso proposito entrar n'analyse dessas obras, mas unicamente fallar da monumental historia, que attrahiu-lhe o titulo de *Tito-Livio Hespanhol*.

Cerca de quarenta annos consummiu o P. Mariana em colligir os elementos da sua *Historia de Hespanha*, a datar de Tubal, filho de Japheto até a morte de Fernando, o Catholico, e a exaltação de Carlos V; ao que mais tarde addicionou um bosquejo comprehen-

sivo dos successos posteriores até o anno de 1620, em que reinava Philippe IV.

Observando em suas viagens o pouco que no resto da Europa se sabia das cousas de Hespanha resolveu divulga-las compondo sua obra em lingua latina, que então era a dos doutos; e n'esta conformidade deu ao prelo (em 1592) vinte volumes. Mudou porém de plano quando compunha os ultimos, (diz-se que por suggestões do cardeal Bembo) e escreveu-os em castelhano, vertendo para este idioma a primeira parte com importantes modificações.

Traz impressa esta obra o cunho do seculo: falta-lhe o *criterium veritatis*, que tanto ennobreceu os immortaes escriptos de Thucydides e de Tacito. Dá franco accesso ás fabulas e patranhas, confessando ingenuamente que *reputava melhor e mais seguro partido acceitar as tradições recebidas em seu paiz do que submette-las a um detido e critico exame*. A estes senões oppõem-se bellezas de finissimo quilate, como sejão as narrações repletas de candura, sinceridade, boa fé, os retratos dos personagens, desenhados com cabal mestria, e apresentados n'um estylo castiço, harmonioso, rico e abundante. Pelo que acabamos de dizer póde-se concluir que a *Historia de Hespanha* de P. Mariana sinão é um modelo do genero offerece pelo menos o melhor typo da especie intermedia entre a antiga chronica e a historia, como considerão-na os modernos criticos.

## ROMANCE PHILOSOPHICO

Guevára (*Antonio de*): — Nascido em 1470 em Alava e fallecido em 1544. Educado na côrte dos reis catholicos, para onde levou-o seu pai na tenra idade de doze annos, preferiu aos esplendores que o rodeavão o vestir o habito de S. Francisco. Não o disturbarão todavia, os graves e profundos estudos theologicos a que consagrou-se, do convivio das letras profanas; antes versando com nocturna e diurna mão os exemplares do saber antigo chegou a ser um dos mais sabios homens de seu tempo. Orador eloquente, ergueu sua poderosa voz na assembléa de Tordesillas em prol dos direitos de Carlos V, atacados pelos *communeros*, o que valeu-lhe os bispados de Cadix e de Mondonedo. Dilecto do monarcha não abdicou a liberdade apostolica, e em muitos dos seus sermões, nota Baret, a

nobreza e independencia de caracter que illustrarão Bourdaloue e Massillon. Como historiador faltavão-lhe muitos predicados, sendo certo que difficilima era a missão de chronista contemporaneo, attentas as razões já conhecidas. Sua correspondencia, ambicionada pelos principaes personagens da epocha, foi colligida em um volume com o pretencioso titulo de *Epistolas de ouro*, vertidas em quasi todas as linguas da Europa, das quaes porém, pouco caso fazia o illustre Montaigne.

A obra prima de Guévára é o seu romance philosophico denominado *Relogio dos Principes*, que lhe custou onze annos de assiduas meditações. Dedicado a Carlos V tinha este livro por escopo buscar na vida de Marco Aurelio modelo digno de ser offerecido ao novo imperador dos romanos. Resgata a infidelidade historica duramente censurada por Sebastião de Rhua, o espirito elevado, e o perfume de honestidade que se exhalão d'essa obra, onde se depura alguma cousa do genio antigo, maximas profundas, perfeito conhecimento dos homens e das cousas, alliados a uma linguagem amena e delicada, propria de quem desde a puericia frequentava os paços dos reis, fócos de urbanidade.

## SEGUNDA EPOCHA (Seculo XVII)

### POESIA LYRICA E DIDACTICA

Transitorio foi em Hespanha o dominio da escola classica enthronisada por Boscan e Garcilaso: reconhecerão em breve os poetas a necessidade de haurirem em novos mananciaes inspiração mais viva e vigorosa. Reconheceu-se que os classicos haviam produzido obras admiraveis, quanto a forma, porém inteiramente desprovidas de originalidade. Ora, sabido é que de todas as imitações a mais difficil é a dos autores nacionaes; porquanto quem n'a faz renuncia a propria individualidade para acompanhar seu modelo, semelhante a sombra ao corpo.

Os classicos subalternos que hastearão o pendão de Garcilaso deturpárão-lhe os primores, esforçarão-se por copiar-lhe o estylo,

mas não poderão attingir á graça e ao espirito, caracteristicos do eximio escriptor.

Da turba dos versejadores, votados a um perpetuo olvido, destacão-se alguns talentos, que em certas especies lyricas, nomeadamente na bucolica, lograrão merecida reputação. Francisco de Figueròa soube dar a egloga o tom plangente da elegia; Pedro de Espinoza, combinando em sua palheta as mais finas tintas, desenhou quadros idyllicos, em que a arte disputa a natureza na expressão dos sentimentos ternos; Gil Polo, habil continuador da *Diana* de Montemayor, espargiu com ingenhoso talento e delicada paixão olorosas flôres cuja fragrancia ainda hoje nos delicia; Luiz Barahona, alma lyrica, imaginação fogosa, que nas suas *Lagrimas d'Angelica*, trilhou a senda d'Ariosto de quem foi um dos mais felizes imitadores; Vicente Espinel, poeta, musico e romancista, que introduziu a *decima* ajuntou uma quinta corda a guitarra, instrumento predilecto dos hespanhóes; escreveu o romance de *Marcos Obrégon*, modelo do *Gil-Braz* de Lesage; traduziu a epistola de Horacio aos Pisões, e fez da poesia pastoril um clavario cujas gammas e tons dedilhou com tanta delicadeza como expressão.

Os irmãos, Lupercio [1] e Bartholomeu Argensola havião emprehendido fixar a arte nos limites do bom senso. Homens de profunda erudição e finissimo gosto não se contentarão em formular preceitos mas antes fornecerão exemplares de rara perfeição. Pondo ao serviço da causa de que se havião constituido patronos toda o influencia e consideração de que legitimamente gozavão não é para admirar que exercessem uma autoridade tão incontestada que perante ella se inclinavão as summidades litterarias de Hespanha, como Cervantes e Lope de Vega.

As epistolas dos dois irmãos valerão-lhes o titulo de *Horacios Hespanhóes*, cumprindo porém observar que mais o enthusiasmo contemporaneo do que o imparcial juizo da posteridade encontrou esse *simile*, por isso que o poeta latino era muito mais ameno e espirituoso do que os graves aragonezes. Esses dois irmãos inseparaveis em vida e addictos ao serviços dos mesmos personagens, posto

[1] Já por nós mencionado entre os poetas dramaticos da epocha antecedente.

que em funcções diversas, são igualmente inseparaveis na estima e gratidão dos que presão a moral e o bello litterario. Á guisa dos italianos introduziu Bartholomeu o soneto satyrico sem jamais franquear as barreiras da moderação e do decóro. Cultivou com muito louvor a ode religiosa imprimindo-lhe a nobreza e elevação que sabia communicar a todas as suas obras.

A completa ausencia de originalidade e inspiração animava a tendencia para traducções que sempre favorecera a escola classica: assim vemos que talentos que poderião adquirir renome, seguindo os impulsos da propria musa, disperdiçarem abundante seiva vertendo estranhos, posto que estimabilissimos primores. Jaréguy trasladou para o idioma vernaculo a *Aminta* de Tasso e a *Pharsalia* de Lucano; e Estevão de Villegas, que se fizera conhecido, publicando aos vinte e tres annos de idade sua bellissima collecção de poesias intitulada *Delicias*, dá de mão a gloria para constituir-se interprete d'Anacreonte, cujas *odes* naturalisou no idioma castelhano com graça e esmero inexcediveis. Inebriado pelos encomios que lhe erão prodigalisados pensou poder nacionalisar o hexametro e o pentametro da metrificação grega viu porém mallogrado o seu empenho como anteriormente succedera a Baif em França.

Alonso Ledesma: — Nascido em Segovia em 1552, fallecido em 1623, foi o chefe da escola denominada *conceptista*, que trocava a naturalidade pela affectação, andava a cata de pensamentos subtis (*conceptos*) e expressões refinadas (*agudesas*), metaphoras atrevidas, antitheses, e trocadilhos de palavras. Exemplificou suas theorias em duas obras, requintes do máo gosto mas que infelizmente tiverão prodigiosa influencia sobre a litteratura contemporanea, referimo-nos aos *Conceptos Spirituales* e o *Monstro Imaginado*, repertorio de allegorias e equivocos versando sobre varios assumptos e entre elles a morte de Philippe II que, seja dito de passagem, é tratada do modo o mais irreverente. Considera-se geralmente Ledesma como um precursor destinado a preparar os triumphos de:

Gongora (*Luiz — e Argote*): — Nascido em Cordova em 1561 fez seus primeiros estudos em Salamanca destinando-se á magistratura em que seu pai se distinguira. Era-lhe porém forte impedimento o decidido gosto que desde a puericia mostrara pela poesia empregando

os curtos luzeres escolasticos na composição de crescido numero de romances e satyras, notaveis pela naturalidade e singeleza. Posto que vantajosamente conhecido na republica das letras e havendo merecido gabos do proprio Cervantes jazeu por mais de vinte annos esquecido em sua patria até que resolveu-se a trilhar a vereda por onde, sem ser nobre, podia se ascender ás honras: queremos fallar do sacerdocio para o qual entrou, encaminhando-se logo em seguida para Valladolid, residencia da côrte. Por onze longos annos confundiu-se na turba dos pretendentes sem que podesse obter mais do que o titulo (honorifico) de capellão do rei, uma carta mui lisonjeira do conde de Lemos, e a estima (esteril) do duque de Lerma, que em muito lhe apreciava o talento. Mais feliz com o conde duque d'Olivares, poderoso ministro de Philippe IV, esteve a ponto de ver franqueados os limiares da fortuna de que não se pôde utilisar, porquanto acabrunhado de molestias, regressou á patria, onde falleceu na idade de sessenta e seis annos.

Doloroso desengano provou a Gongora que os predicados que lhe havião reconhecido e elogiado Cervantes passavão desapercebidos: pensou então em mudar de rumo, e seguir as pisadas de Ledesma, applaudido autor do *conceptismo*. Dotado porém do mais vasto engenho foi buscar em Italia seu principal modelo; forneceu-lh'o Marini, cuja reputação n'essa epocha eclipsava a de todos os poetas da *renascença* e do seculo de Leão X. A analogia dos dois caracteres e quiçá a similitude do genio dos dois povos neolatinos, fizerão com que o discipulo de tal modo se approximasse ao mestre que fica-se muitas vezes em duvida qual o original e qual a copia. Um atilado critico belga (F. Loise) exprime essas analogias nas seguintes palavras:

« A Italia na mesma epocha, e sob o imperio das mesmas circumstancias, dava o exemplo da mesma affectação d'espirito e dos mesmos refinamentos d'estylo. Os *conceptos* d'um lado e os *concetti* d'outro erão da mesma familia: accumulação de palavras, argucias d'espirito occultando a defiriencia d'inspiração poetica. Mais faceira e voluptuosa a Italia cedia á Hespanha a palma da emphase e do orgulho. É este o principal caracteristico de ambas as escolas, o distinctivo entre Marini e Gongora. Guardadas as differenças dos caracteres dos

dois povos e das duas linguas de tal forma assemelhão-se esses dois homens em seu methodo que chegou-se a perguntar si esta escola era d'origem italiana, ou hespanhola, empenhando-se a este respeito vivissimo debate. Italia e Hespanha accusarão-se mutuamente de plagio, olvidando de que as mesmas causas produzem sempre os mesmos effeitos: Marini e Gongora forão contemporaneos, e sua influencia reciproca [1]. »

Deixando muito longe de si as audaciosas innovações dos *conceptistas*, constituiu-se Gongora patriarcha d'uma nova escola que recebeu o nome de *cultista*, em contraposição á *classica*, a qual accusava de abafar a linguagem poetica no cadinho da imitação e das regras. Proclamou que a naturalidade equivalia á pobreza, bania a clareza e engenhou-se em descobrir novo vocabulario, recomendavel pela estranheza das palavras, forçadas transposições e immoderado uso dos tropos e figuras. Esse dialecto (que assim podemo-lo qualificar) chamou-se *cultismo*, e tão inintelligivel tornou-se que quatro annos antes da morte do seu fundador publicava Salcedo um commentario, que devera antes denominar-se *elucidario*.

Alem de muitas odes e sonetos, escreveu Gongora dois poemas (*Las Soledades* e *El Polifemo*) um *Panegyrico do duque de Lerma*, e a fabula *Piramo* e *Tisbe* [2].

Avultado foi o numero de proselytos da nova escola: e entre estes releva fazer menção do conde de Villemidiana, cavalheiro dotado de grande engenho, cujas obras publicadas oito annos depois da sua morte tem certo sabor da primitiva e genuina poesia castelhana, sendo ás vezes mais claro e intelligivel do que seu mestre.

Paravicino a quem coube a triste gloria de levar o *cultismo* ao

[1] *Histoire de la Poésie en rapport avec la civilisation — La Poésie Espagnole.*

[2] Tratando do caloroso acolhimento com que fôra recebido o chefe da escola *cultista* eis como se exprime o sr. D. José Amador de los Rios:

« Gongora foi designado com os mais pomposos titulos: *pai das musas* o appellidava Hortencio Paravicino, a quem os cultistas qualificavão de *Gongora dos decla-madores*. Havia quem chamasse a Gongora de *cysne, aguia, monstro de delicias*, e collocando-o acima de todos os poetas gregos e romanos comparavão-no com Homero e Virgilio. »

(*Historia Critica de la Literatura Espanola — Introduccion.*)

pulpito, foi tambem auctor d'um volume de poesias, onde apenas se encontrão alguns romances lyricos, mais notaveis pelo objecto do que pela forma, v. g. o consagrado aos amores de D. Affonso VIII com uma judia de Toledo.

A assignalada victoria, que em tão pouco tempo obteve o *cultismo* ou *culteranismo*, deveu-a ao favor da côrte e ao apoio da nobreza a cuja classe pertencião quasi todos os seus poetas. Uma circumstancia peculiar á Hespanha, onde a imprensa soffria todo o genero de vexames, concorreu ainda para maior vulgarisação das obras d'esses poetas: alludimos o andarem ellas pelas mãos de damas e cavalheiros muito antes que fossem dadas á estampa. Para mór felicidade não lhe tolherão os passos os ministros d'el-rei nem os da Inquisição; que, sem protege-la francamente, mostrarão-se tolerantes, e até certo ponto satisfeitos de que as classes mais illustradas achassem derivativo nesses innocentes exercicios.

No meio da geral corrupção litteraria, um homem houve que mostrou-se fiel ás mais puras tradições do gosto classico: foi Francisco Rioja, nascido em Sevilha em 1600 e fallecido nessa mesma cidade em 1658. Representa este illustre poeta uma das maiores anomalias do caracter hespanhol nesses priscos tempos: desempenhou Rioja as odiosas funcções de inquisidor, e talvez que ao som dos gemidos das victimas, por sua ordem encarceradas, ou soffrendo horriveis torturas, escrevesse elle a sua bellissima *ode sobre as ruinas de Italia*, a *Epistola a Fabio*, ungida de tão sã philosophia, e as suas *Silvas*, idyllios de pureza, elegancia e suavidade inefaveis !!!

## POESIA EPICA

Ercilla (*Dom Alonso - e Zuniga*): — Nascido em Madrid no anno de 1533 era filho d'um fidalgo biscainho, membro do conselho de Castella que gozava de bastante credito na côrte para faze-lo admittir na mui ambicionada classe dos pagens do principe, depois rei, D. Philippe II. Nessa qualidade acompanhou o futuro soberano em todas as viagens pelos diversos paizes da Europa; e estava de

volta de Inglaterra quando annunciando-se ruidosamente uma expedição ao Chile com o fim de submetter as tribus araucanias, alistou-se nessa expedição confiada a Aldrete, capitão distincto e de consummada experiencia, por cuja morte, occorrida durante a travessia, passou o commando ao joven marquez de Canete, D. Garcia de Mendoza. Tomou Ercilla parte em todas as batalhas feridas com esse povo bellicoso, que até então recusára curvar a cerviz ao jugo hespanhol, e em todos os recontros portou-se com singular bizarria, arrostando a morte com impavidez e serenidade, e soffrendo duras provanças em difficilimas marchas através de impervios desertos em que teve de curtir as torturas da fome e da sede. Após oito annos de inauditos padecimentos, alquebrado de corpo e d'espirito, regressou á Hespanha, onde pouco permaneceu, por não lhe consentir repouso o animo inquieto de que era dotado. Partiu para a Italia e ahi conservou-se até o anno de 1570 em que o sabemos de volta á patria para contrahir laços matrimoniaes com D. Maria de Bazan, pertencente á illustre casa dos marquezes de S. Cruz. Em 1576 foi nomeado gentil-homem da camara do imperador d'Allemanha, cargo puramente honorifico, que as suas circumstancias pecuniarias impedirão-no d'exercer por mais de quatro annos; porquanto em 1580 estava de volta em Madrid, pobre, desvallido e summamente queixoso dos monarchas a quem servira. Nenhuma menção encontramos relativa aos ultimos annos de sua existencia que findou-se em 1585, quando tinha entre mãos o fabrico d'outro poema destinado a celebrar as glorias da casa de Bazan.

A obra capital d'Ercilla, o titulo pelo qual passou á posteridade foi a ARAUCANA, poema historico com aspirações a epico, dividido em trinta e sete cantos de versos d'*arte maior*, á imitação de Tasso e Ariosto. Servirão-lhe de modelos Homero, Virgilio, Lucano e Silio Italico, e o assumpto forneceu-lh'o essa guerra do Arauco, na qual como já vimos, tão activa parte tomára. Na composição de sua obra deixou-se o poeta guiar pela serie dos acontecimentos; e nada ha de mais exacto no ponto de vista geographico, e quasi diriamos chorographico. Louva-lhe Voltaire até as minudencias, assim expressando-se: « Esse começo, que em qualquer outro poema seria insupportavel, torna-se aqui necessario, e não desagrada num

assumpto, em que a scena se passa além d'outro tropico, em que os heroes são selvagens que nos serião totalmente ignotos, se elle não os tivesse conquistado e celebrado. A novo sujeito precisas erão novas imagens. »

Circumstancia é por demais attendivel a de ter Ercilla escripto os quinze primeiros cantos do poema nos proprios lugares que havião sido theatro dos grandiosos sucessos que eternisa; muitas das suas descripções de batalhas e combates, assemelhão-se a um *diario* em que são mencionados os menores incidentes, em que se julga entrever as hesitações, temores e esperanças do auctor, em que se respira um ambiente acre, todo impregnado das exhalações das virgens florestas do novo mundo.

Não lhe assiste porem a mesma felicidade nos episodios e descripções, inspirados pelo desejo d'agradar ao filho de Carlos V. A apparição de Bellona que lhe annuncia a victoria de S. Quintino, a pintura da caverna do mago Titon d'onde assiste o poeta (em espirito) a batalha de Lepanto, são demasiadamente frias e destoantes da unidade epica.

Na terceira parte, que só veio a lume em 1590, ainda menos inspirado revelou-se o auctor. Vê-se ahi um episodio que tem merecido os severos reparos da critica: referimo-nos á disputa suscitada entre dois soldados relativamente a Dido, rainha de Carthago, cuja defesa toma um d'elles como bom cavalheiro, contra as injurias e imputações de Virgilio. Ainda ha outro mais deslocado e em extremo tedioso: aquelle em que pleiteia os direitos de D. Philippe II á corôa de Portugal. No epilogo, especie de jeremiada, prantêa o naufragio das suas esperanças e annuncia o projecto de consagrar o resto da existencia á devoção e á penitencia.

A despeito dos encomios de Voltaire, que parece haver conhecido imperfeitamente a sua têa, pensamos que a *Araucana* deve ser classificada entre as epopeas de segunda ordem. A pobreza do thema, e a pouca importancia dos actores, constrangem Ercilla a procurar seus principaes caracteres nos chefes araucanos, defeito summa-

mente grave para uma obra que se dizia destinada a exaltar as proezas hespanholas [1].

Um judicioso critico contemporaneo aprecia o poema nos seguintes termos:

« E' claro que uma obra desta especie, não é estrictamente fallando, uma epopéa, mas antes um poema historico, á guisa de Silio Italico, a quem procurou imitar nas rapidas transições, acommodando o estylo ao gosto dos italianos: é esta a parte fragil da obra, remida por bellezas de superior quilate. Brilha em varios lugares o talento descriptivo d'Ercilla, excepto nas pinturas da natureza, em que foi pouco feliz, sendo certo porém que nenhum dos seus conterraneos o excedeu na parte narrativa, quer contando batalhas, quer mencionando os costumes selvagens d'essas bellicosas tribus. São em geral excellentes as suas arengas, principalmente a de Colocólo, o mais velho dos caciques, em que entrou em competencia com a attribuida a Ulysses no primeiro canto da *Iliada*. Seus caracteres, com especialidade o dos caudilhos araucanos, estão traçados com vigor, clareza e côres que attrahem nossa sympathia, mais por elles do que pelos invasores hespanhóes. Tudo numa palavra revela em Ercilla caracter nobre e generoso, e engenho digno de melhor conforto e galardão [2]. »

## POESIA DRAMATICA

O desenvolvimento do theatro hespanhol de que havemos dado breve noticia, escapou de ser tolhido pela invasão do elemento classico importado pelo gosto da litteratura italiana. Foi moda traduzir

[1] « No las damas, amor, no gentilezas,
De caballeros canto enamorados,
Ni las muestras, regalos, ni ternezas
De amorosos afectos y cuidados;
Mas el valor, los hechos, las proezas,
De aquelles espanoles esforçados
Que a cerviz de Arauco no domada
Pusieron duro yugo perla espada. »
(ARAUCANA – *Canto I.*)

[2] TICKNOR – *Historia de la Literatura Esp.* tom. III

os auctores gregos e latinos, cuja imitação pareceu ser o requinte do saber humano. Sevilha, antigo fóco da civilisação arabe, partilhou com Valença a gloria da regeneração litteraria.

Por espaço de vinte annos (de 1560-1580) pendeu indicisa a sorte do theatro antigo, fiel representante das tradições de Lope de Rueda, e de novo trasfoliado de Sophocles, Euripides, Aristophanes, Menandro, Seneca, Plauto e Terencio.

Houve um momento de exitação entre a escola nacional, que poderiamos denominar de *romantica*, e a erudita, a que cabe bem o nome de — *classica*. — A exemplo da Italia e da França, foi a tragedia grega imitada pelos poetas que havião frequentado universidades; ao passo que o povo, que só podia consagrar a reforma, obstinava-se em mostrar predilecção pela antiga comedia, nivelando d'ess'arte o terreno onde devera Lope de Vega erigir seu sumptuoso templo.

Antes porem de chegarmos a esse digno emulo de Shakspeare, justo é que alguma cousa digamos d'um dos seus mais gloriosos predecessores.

Castro (*Guilhem de*): — Nascido em Valença em 1569 e fallecido em 1631 gozou da privança dos duques d'Ossuna e d'Olivares, e da particular estima de Lope da Vega que teceu-lhe os maiores elogios. Consta que escrevera mais de cincoenta peças, das quaes apenas deu a luz oito formando dois volumes dedicados a Marcella, dilecta filha do mencionado Lope da Vega. Versão suas peças sobre todos os motivos então em voga, sendo d'entre ellas a mais celebre a *Mocidade do Cid*, que forneceu materia a obra prima do grande Corneille.

Guilhem de Castro pertencia a escola de Valença, legitima herdeira das tradições dos trovadores barcelonezes, avoengos da grande escola dramatica de Hespanha. Nas legendas nacionaes encontrou elle assumptos para o seu primoroso drama, dividido em duas partes e seis *jornadas* [1]. A primeira parte, aproveitada por Corneille, versa sobre os amores do Cid com Chimenes e o seu consorcio; e a

[1] Cada *jornada* corresponde a um acto.

segunda refere-se ao cerco e a libertação de Zamora. É uma especie de trilogia tendo por nexo o heroe, cuja varonil presença illumina toda a scena, firmando o cuidado da acção pelo do interesse. As de tempo e lugar são obliteradas; não só porque contrariavão o gosto nacional como porque erão por demais importantes os acontecimentos occorridos no periodo historico escolhido para tortura-los no leito de Procusto das classicas unidades.

Testemunha cada uma das scenas desta curiosa peça o respeito, e quiçá o escrupulo, que consagrava o autor ás tradições poeticas do seu paiz, e o original talento com que sabia dramatiza-las. Observador exactissimo da cor local faz-nos assistir a scenas cheias de vida e interesse, como por exemplo a entrevista amorosa entre Affonso e Zayda, filha do rei mouro em cuja corte se achava exilado. Ninguem haverá, mediocremente instruido nos costumes arabes, que deixe de admirar essa fidelissima pintura da graça e galanteria que caracterisava ainda nessa epocha os sectarios do Koran.

Lope de Vega (*Felix de — Carpio*):—Nasceu em Madrid a 26 de Novembro de 1562 e foi filho d'um fidalgo asturiano ha pouco estabelecido na capital da monarchia. Dizem seus encomiasticos biographos que aos cinco annos, e antes de saber ler nem escrever, compunha versos, que trocava por confeitos: e aos onze (é elle mesmo quem no-lo refere) ideava pequenos ensaios dramaticos. A este *enfant sublime* em quem madrugára o engenho poetico podia-se applicar a graciosa legenda das abelhas dispondo nos ternos labios seus favos de mel como sonhára a Grecia para Sophocles e Platão. Mandado para o collegio imperial, regido pelos jesuitas, iniciou seus estudos, continuados na universidade d'Alcalá, sem que recebessem o necessario complemento. Serve esta circumstancia para explicar a superficialidade de sua erudição classica e a tendencia que desde o começo de sua carreira mostrou para o drama popular. Orphão aos quinze annos e privado por um credor inexoravel do seu pequeno patrimonio, Lope revelou esse instincto aventureiro que caracterisava a sua raça, e emprehendeu uma longa peregrinação em companhia de seu joven amigo Hernando Munoz. Detidos pouco além de Segovia regressarão os viajantes a Madrid onde o

nosso heroe alistou-se nos exercitos de Philippe II e tomou parte na expedição contra a ilha Terceira, onde campeava o pavilhão das quinas hasteado pelo Prior do Crato. Ao cabo de um anno deixou o serviço militar, e havendo conseguido grangear as boas graças de D. Jeronymo Manrique, bispo d'Avila, volveu a universidade de Alcalá, onde recebeu o grão de bacharel e dispunha-se a consagrar-se á igreja quando foi distrahido d'esse proposito por ardente paixão que lhe inspirou uma dama, celebrisada no gracioso romance de *Dorothéa*.

Perdida a protecção do bispo, de quem aliás sempre guardou grata lembrança, solicitou a do duque d'Alba, (de negregada memoria para os flamengos e portuguezes) e a fim de agradar a esse fidalgo de quem era secretario, escreveu um romance pastoril denominado *Arcadia*. Contrahiu matrimonio aos vinte e quatro annos com uma das mais formosas damas de Madrid, indo passar a sua lua de mel na prisão em consequencia de haver ferido n'um duello a um personagem de alta prosapia. Commutada a pena ultima na de desterro viveu por algum tempo em Valença na sociedade dos poetas e eruditos que illustravão a patria de Guilhem de Castro.

Suspirava porém pelas delicias madrilenas, e apenas obtida a regia venia apressou-se a regressar a seus lares, onde teve a desdita de perder a sua idolatrada esposa. Succumbindo a tão doloroso transe buscou a morte nos horrores da guerra alistando-se como voluntario na *invencivel armada* com que o orgulho de Philippe II pretendia castigar a soberba filha de Henrique VIII.

A bordo do galeão *S. João* em que se embarcára reconheceu um irmão, de quem ha muito não tinha noticia; e esse reconhecimento só serviu para prantear-lhe a morte causada por uma balla hollandeza. No meio dos horrores da mallograda empreza esboçou um poema epico em vinte cantos, intitulado *Hermozura d'Angelica* fundado n'um episodio do *Orlando* de Ariosto.

De volta a patria n'ella pouco demorou-se, não tardando em seguir viagem para a França e Italia, na qualidade de secretario do marquez de Sarria, mais conhecido pelo titulo de conde de Lemos.

Em Madrid, onde novamente habitava, começou a fazer-se conhecido como poeta dramatico; e um premio que alcançou em

concurso attrahiu-lhe a attenção publica. Foi tambem esta a epocha mais feliz da sua attribulada vida, porquanto aos applausos dos seus concidadãos, juntou-se a felicidade domestica assegurada pelo consorcio que em segundas nupcias celebrou com D. Joanna Guardia, senhora de grande espirito, que fe-lo pai d'um filho e uma filha.

O triumpho a que acima alludimos, alcançado no concurso aberto pela cidade de Madrid, para o panegyrico do seu padroeiro (S. Isidro) fez de Lope de Vega o idolo de Hespanha, que só faltou dedicar-lhe altares. Os meninos apontavão-no na rua; o cardeal Barberini seguia-lhe os passos; Philippe III mandava parar seu coche para contempla-lo; e o papa Urbano VIII escrevia do proprio punho um breve investindo-o da dignidade d'intendente honorario da camara apostolica.

Pareceu porem a fortuna invejar-lhe tantas glorias; e a segure da morte, redobrando seus golpes, arrebatou-lhe o que tinha de mais caro, creando o vacuo em torno de sua desolada existencia. Um após outro descerão ao tumulo esposa e filhos; e Marcella, de quem já fallamos, fructo d'illicitos amores, e que estremecidamente amava, obedecendo á voz da matriarcha d'Avila, que em seus extasis julgava ouvir foge dos braços paternos para vestir o burel das filhas do Calvario. Acabrunhado por tantos infortunios reappareceu em Lope de Vega a vocação dos primeiros annos; renunciou as pompas mundanas, distribuiu em esmolas os modestos haveres, e tomando o caminho de Toledo ordenou-se de presbytero no anno de 1609. Em Madrid, para onde pouco depois volveu, solicitou ser admittido na congregação dos sacerdotes naturaes d'essa cidade, os quaes maravilhados do zelo e piedade com que desempenhava seus sagrados deveres, elegerão-no seu capellão-mór, e no exercicio d'esse honroso cargo escoarão-se os ultimos vinte e seis annos de vida, terminada aos vinte e sete d'agosto de 1635. Profunda e sincera foi a dor dos madrilenos pelo passamento do seu querido poeta: o duque de Sesia, testamenteiro e legatario de seus preciosos manuscriptos, encarregou-se de fazer, a expensas suas, o funeral que foi um dos mais esplendidos de que rezão as chronicas contemporaneas. As ceremonias religiosas prolongarão-se por nove dias, durante os quaes funccionava sempre um bispo em habitos pontificaes, acompanhado

pela musica da real capella: e o que ha de mais caracteristico nessas exequias, é o deferimento da supplica de sua filha Marcella para que o sahimento seguisse a direcção do claustro das Trinitarias Descalças, *afim de que gozasse ella pela ultima vez da vista d'esses restos venerandos!*

Pasmosa era a fecundidade litteraria de Lope de Vega; e só no genero dramatico attesta seu biographo Montalban que deixára duas mil e duzentas peças de incontestavel authenticidade. Houve quem, tomando por base os setenta e tres annos de sua vida, calculasse que devera ter escripto diariamente oito paginas e feito vinte e um milhões de versos!!

Essa phenomenal fecundidade constitúe serio embaraço para a critica, tanto mais que as suas obras forão publicadas sem methodo, ou classificação. O nome de *comedia* parece porem quadrar a todas essas composições, divididas em tres categorias: sagradas, ou *autos sacramentaes* [1], heroicas, ou historicas, de costumes, ou de *capa e espada* [2].

« A comedia de Lope, diz Fauriel, admitte todos os matizes, corresponde a todos os generos: o tom que ahi domina é o d'um serio temperado, que não exclue certa elevação tragica nem os chistosos ditos; a gravidade e a chocarrice; o serio e o gracioso se prestão mutuo auxilio, se temperão reciprocamente e se confundem num só effeito harmonioso.

« A inesgotavel imaginação de Lope irradiou-se sobre todos os assumptos; reproduziu contos, legendas e historias; percorreu todos os paizes, viveu em todos os tempos. Na scena do seu theatro encon-

[1] *Auto* foi em sua origem, e ainda hoje é, um termo forense, derivado do latim *actus*, que significa resolução, ou sentença d'um tribunal. Applicou-se tambem a certas composições dramatica religiosas, que se chamarão – *autos sacramentaes* – ou – *autos de Corpus Christi*–, e ainda – *autos de fé* – da Inquisição, porque se consideravão como actos solemnes de religião. *(Covarrubias – Tesoro de la Ling. Castell.)*

[2] Assim se denominavão, pòrque os principaes personagens pertencião ao que hoje se chama boa sociedade, que no tempo de Lope de Vega usava do pictoresco traje nacional da *capa e espada*.

trão-se os personagens da tragedia grega e romana com os nobres cavalleiros arabes e castelhanos [1]. »

Hyperbolicamente apaixonado por aventuras só d'ellas se aprazia o hespanhol do XVI seculo. Nacionaes erão todas as suas paixões: paixão d'orgulho e grandeza, de pontos de honra, de galanteria, de vingança e de devoção pelo symbolo da cruz. Erão essas as paixões que queria ver representadas em scena, sob todas as formas, e variados acontecimentos reproduzidos pela viva imaginação do poeta. Perdia de interesse e atractivo si duas vezes seguidas era vista a mesma peça; cumpria indifinidamente atar e desatar os fios da intriga, sem attender ao modo por que isso se fasia. O desfecho era tanto mais apreciado quanto menos previsto, e menos preparado. Que faculdade inventiva não era preciso para satisfazer a taes exigencias! E no entanto Lope de Vega serviu sempre o publico na medida dos seus desejos: mais de cem peças, diz-nos elle, compuzera no curto intervallo de vinte e quatro horas! [2].

Quem analysar esses *embroglios* reconhecerá que na mór parte dos casos não sabia o auctor começando-os como deveria termina-los: deixava correr a penna a redea solta entregando á phantasia o desfecho d'uma intriga urdida accidentalmente. Era porem grande mestre n'arte de bem principiar, confiando tudo do movimento vertiginoso d'acção, que se apossava despoticamente da imaginação dos expectadores.

Destinadas antes á representação do que á leitura, não podem as obras dramaticas ser devidamente apreciadas pelos eruditos; seu verdadeiro contraste é o publico. Julgão os sabios segundo a reflexão, e tendem a converter em leis absolutas o que por sua natureza é relativo; os ignorantes pelo contrario só as suas impressões consultão, e quando encontrão o bello não inquirem dos seus fundamentos.

Como que se desculpando pelas frequentes infracções das regras

[1] *Histoire de la Poésie Provençale*, tom III

[2] *Pues mas de ciento enhoras veinte e cuatro*
*Pasaron de las musas al teatro.*

poeticas, assim se exprimia o eximio dramaturgo: « Escrevi algumas vezes segundo os preceitos d'arte; mas quando vejo o publico correr em tropel á exhibição d'obras monstruosas, cheias d'apparições magicas e quadros sobrenaturaes, apaixonando-se as senhoritas por esses absurdos, faço-me barbaro para agradar-lhes... Fecho a sete chaves todos os preceitos; arredo de mim Plauto e Terencio, temeroso d'ouvir-lhes os brados: — porque brada a verdade em livros mudos; escrevo para o publico, e como é elle quem paga, justo é que busque eu aprazer-lhe. — »

Ideou Lope de Vega um genero novo, que não póde ser appellidado de tragedia nem de comedia, aproximando-se mais á novella posta em acção, á guisa da *Celestina*, com maior regularidade, mais copia de movimentos e de assumptos, hauridos nas tradições de legendas nacionaes. Pode-se em verdade considerar o seu theatro como um curso de historia, e veridico quadro de costumes. Alliou o elemento serio ao comico, como mais tarde fez Shakspeare, porque ambos esses sublimes engenhos reproduzirão fielmente o viver do povo, em que as lagrimas e os risos combinão-se de modo tão prodigioso.

Epilogando seu voto relativamente ao alludido auctor, serve-se Ticknor d'estas eloquentes palavras:

« Nenhum illustre e distincto poeta teve como elle tanta facilidade inventiva; em nenhum brilha tanto o espirito de improviso e louçã espontaneidade. Verdade é que sempre existio este talento nos paizes da Europa meridional e principalmente na Hespanha, mas a elle deve-se com especialidade a perfeição dos antigos romances, originariamente improvisados e transmittidos depois com melhoria, pela tradição oral; devem-se-lhe outrosim as seguidilhas, boleiras e as demais formas da poesia popular que ainda hoje em dia subsistem, religiosamente guardadas pela memoria das classes infimas, acommodando-as ás cantigas nacionaes com rapidez igual á dos raios solares quando illuminão os esplendores da natureza [1]. »

Calderon de la Barca *(D. Pedro)*: — Nascido em Madrid a 17

[1] *Historia de la Lit. Espanola* tom II

de Janeiro de 1600, descendia d'uma antiga e nobre familia da Castella-Velha e seu pai exercia o cargo de secretario do conselho de fazenda. Fez seus primeiros estudos no collegio imperial, sendo depois mandado á universidade de Salamanca, onde frequentou com grande proveito os cursos de philosophia, mathematicas, theologia e direito civil e canonico. Já era conhecido como dramaturgo ao deixar os bancos universitarios; e aos vinte annos d'idade merecia os elogios de Lope de Vega pelo triumpho alcançado nas justas poeticas estabelecidas pela sua cidade natal em honra do sancto padroeiro (S. Isidro). Arrastado pelas ideias do tempo serviu dez annos como simples soldado nas guerras de Flandres; e havendo feito basta provisão d'experiencias, regressou á patria e tornou á profissão litteraria. Azado era o ensejo: Lope de Vega acabava de descer ao tumulo e vasia a scena, reclamava um successor da *fenix de los engenios*.

Philippe IV apreciava summamente a arte dramatica, e nelle encontrou Calderon decidido protector, aggregando-o á casa real como provedor dos espectaculos, condecorando-o com o habito de S. Thiago. Não era ainda essa distincção puramente honorifica, e a revolta da Catalunha, acoroçoada pela França, trouxe a necessidade d'empenhar contra ella todas as forças da monarchia; assim pois os cavalleiros das quatro ordens militares, correrão ás armas, e o nosso poeta ia novamente cingi-las quando o rei eximi-o d'esse onus, commutando-o pela composição d'uma nova comedia. Satisfeita a regia encommenda escrevendo o *Certame entre o Amor e o Ciume*, apressou-se o novo cavalleiro a ir juntar-se a seus irmãos d'armas, marchando em seguida do exercito, commandado pelo conde-duque d'Olivares, onde sempre portou-se com singular bizarria.

Terminada a campanha quiz o monarcha dar-lhe novos testemunhos do grande apreço em que o tinha, concedendo-lhe uma pensão de trinta escudos mensaes e encarregando-o das disposições para as solemnidades da recepção da nova rainha D. Maria Anna d'Austria.

A exemplo de Lope de Vega e d'outros celebres escriptores procurou abrigo á sombra dos altares, entrando para a confraria dos sacerdotes naturaes de Madrid. Continuou nesse novo estado a

receber provas da regia munificencia, sendo nomeado capellão da Real Capella de Toledo, dispensando-se-lhe a residencia para não interromper suas funcções dramaticas na côrte.

A morte de Philippe IV, occorrida em 1665, diminuiu consideravelmente sua influencia cortezã, por isso que D. Carlos II de condição diversa da de seu pai, não nutria a mesma affeição pelos dramaturgos.

Da quebra dos favores da côrte, indemnisou-o a estima e a popularidade de que gozou até os seus derradeiros dias. Disputavão as principaes cidades a honra de possuir os *autos* do eximio poeta, cujo passamento succedido a 25 de maio de 1681, dia da Paschoa de Pentecostes, coincidiu com a representação de seus *autos* em quasi todas as igrejas de Hespanha.

Parece mesmo que a morte o surprehendeu na composição d'um d'esses autos, como se pode colligir das seguintes palavras de Solis: « Morreu o nosso amigo D. Pedro Calderon, e acabou, como dizem que acaba o cysne, cantando; porque estando em gravissimo perigo fez o que poude para concluir o segundo auto do dia de *Corpus* não conseguiu porem passar do meio, terminando do melhor modo que poude D. Melchior de Léon [1]. »

Considerado como uma publica calamidade, foi o fallecimento de Calderon objecto de grandes e ruidosas demonstrações de sentimento. Sumptuosas exequias, em que se recitarão retumbantes orações, se celebrarão em Madrid, Lisboa, Milão, Napoles e Roma; e seus restos mortaes, modestamente sepultados na parochia do Salvador, segundo a disposição testamentaria, forão com toda a pompa trasladados em 1840 para a igreja de N. S. d'Atocha.

Como as de Lope de Vega, tambem podem se dividir em tres classes as comedias de Calderon: as heroicas, as de grande espectaculo, isto é, aquellas cuja representação era acompanhada de decorações, tramoias e as de *capa* e *espada*. Nas duas primeiras classes seguiu a trilha aberta por seu illustre antecessor, com um pouco mais d'elevação e regularidade; na ultima porem guiou-se por

[1] Cartas de Nicolão Antonio de Solis, citadas por Ticknor na sua Historia da Lit. Hespanhola tomo III

suas proprias inspirações, e attingiu a fiel reproducção do caracter nacional.

Reunindo em sua pessoa os multiplices caracteres de fidalgo, soldado, cortezão e padre, fixou em suas comedias o typo hespanhol com a mesma perfeição com que Velasques o figurava em suas inimitaveis telas. O culto fanatico da honra e da belleza, o ardor da fé e o sentimento elevado dos deveres impostos pelo nascimento, ostentão-se em cada uma das suas comedias.

Pena é que nas de *capa e espada*, tão notaveis pela urdidura da intriga e habilidade das peripecias, se descurasse d'aperfeiçoar os caracteres, como podia e devia-se esperar do seu descommunal talento. Mas é que deixava-se arrastar pela impetuosidade de sua imaginação, e pelo ardente anhelo de comprazer ao publico, sempre avido d'emoções. Assim vemos seus heroes sempre dispostos a baterem-se por pontos de honra, a seu bel prazer interpretados, suas heroinas timbrando de só amar a honra personificada no homem a que derão seu coração, repellindo indignadas a minima homenagem equivoca.

Á proposito d'amor nota-se nas comedias de Calderon que é elle quasi sempre uma paixão tragica; visto como, não tanto a suspeita como no *Othelo* de Shakspeare, mais ainda sua remota apparencia, como no *Medico da sua honra*, attrae implacavel vingança, banhando de sangue innocente o ferro homicida.

Em parte alguma revelou tanto o grande dramaturgo o seu pasmoso genio como nos *Autos Sacramentaes*: parece que ahi espelhou sua alma ao mesmo tempo ardente e serena. Os factos sobrenaturaes que imagina, as allegorias que concebe, as personificações que figura, só conhecem um fim — o de glorificar a Deus —

Fallando d'esses *autos* assim exprimiu um distincto critico de nossos dias: « A obra de Calderon contem tudo o que pode violentar a intelligencia franceza. É uma ode mais do que um drama, um romance mais do que uma ode, um sermão, mais do que um romance; um symbolo mais do que um sermão. Para comprehende-la transformai-vos, procurai crêr; deixai a França e o seculo XIX; as *sierras* selvagens d'Alpujarras, e as amarellentas casas de Madrid devem se ostentar aos vossos olhos; cumprindo que de vosso espirito elimineis

a lembrança de Voltaire, o mais ousado dos homens em pontos de religião [1]. »

Romanesco na comedia heroica, ou na de costumes, theologo nos dramas religiosos e sempre poeta; e si se nota em seu estylo o defeito da emphase, exuberancia de imagens, accumulação de metaphoras e certa obscuridade metaphysica, culpado é sómente o *gongorismo*, cujo funesto influxo estendia-se então a todos os ramos da litteratura.

Bem que inferior a Lope de Vega na quantidade, leva-lhe ás lampas na qualidade, é menos inventivo, porem mais correcto; seus planos melhor concebidos e mais maduramente meditados. Por isso apenas escreveu cento e onze comedias, sete *autos sacramentaes*, cem *saynetes* e duas *odes*. « Genio sublime, exclama Loise, a quem só faltou para legar-nos eternos primores, o saber moderar o estro na execução dos seus dramas, subtrahir-se ao máo gosto do tempo, e ser tão universal como foi nacional [2]. »

Tirso de Molina (pseudonymo de *Gabriel Tellez*): — Foi contemporaneo e amigo de Lope de Vega que d'elle faz honrosa menção no *Loureiro de Apollo* qualificando-o de *Terencio Hespanhol*. Nascido em Madrid no anno de 1570, fez seus primeiros estudos no collegio maior de S. Ildefonso, illustrado então por habeis professores. Crê-se que licenciosa decorrera a primeira phase da sua existencia, na qual todavia revelou os singulares dotes que possuia para o theatro. Na idade de quarenta e tres annos, desenganado dos homens e aspirando o resfolego do claustro, entrou para a ordem das Mercês, onde occupou distinctos cargos, inclusive os de lente, qualificador e chronista. Era prior do convento de Soria quando falleceu no anno de 1648.

Ainda que, como dissemos, o denominasse Lope de Vega de Terencio, parece-nos que maior conformidade apresenta o seu talento com o de Plauto, pela grosseria dos quadros, e a immoralidade das situações, frisando seus gracejos com a obscenidade. Reconhecendo-se propenso a taes pinturas, que aliás photographavão a sociedade

[1] Philarete Chasles – *Études sur l'Espagne*.

[2] *Histoire de la Poésie en rapport avec la civilisation*.

de seu tempo, tomou o louvavel expediente d'occultar seu verdadeiro nome, separando o comico do religioso; deixando a Tirso de Molina as glorias scenicas, enquanto Gabriel Tellez illustrava-se como theologo e historiador.

Sua maravilhosa uberdade litteraria, tocaria ao prodigio si não fosse eclipsada pela de Lope de Vega: diz-se que antes de contar cincoenta annos de idade, havia escripto tresentas peças theatraes, alem de novellas, contos, poesias lyricas e dissertações sobre varios assumptos, compostas como de improviso. Á collecção d'esses trabalhos, deu elle o pictoresco titulo de *Vergeis de Toledo*, publicados pela primeira vez em 1620 e seguidos (em 1635) d'outra obra congenere intitulada — *Deleitar aproveitando* —.

Na riqueza e variedade de metrificação, no cabal conhecimento dos recursos da opulenta lingua de Cervantes não conheceu rival, assim como pela propriedade dos seus ditos, continuas allusões á historia, tradições, usos e locuções familiares ao paiz e á epocha, é genuino hespanhol do XVII seculo. Modelo de graça e malicia são os seus dialogos, principalmente os esparsos nas comedias de caracter, padrão immorredouro de sua gloria.

Mofina foi a sorte d'este auctor o ter vivido numa quadra em que a Hespanha e a Europa só tinha ouvidos para Lope de Vega: assim pois, bem pouco conhecido é elle fóra do rincão patrio; posto que o seu *Convidado de Pedra* servisse de modelo ao *Festin de Pierre* [1] de Molière; e no *Seductor de Sevilha* achasse lord Byron o typo do seu *Don Juan*; Molière porem excedeu-o em graça e malicia, e Byron na pungente e cruel ironia com que flagella o vicio, e no perenne sorriso sceptico com que escarnece dos homens e das instituições.

Do vasto repertorio de Tirso de Molina fazem os hespanhóes selecção da engenhosa comedia appelidada — *Dom Gil das calças verdes* —, considerando-a como o exemplar das comedias de intriga. O nó d'esta peça é um modelo de conplicações, e seus incidentes se cruzão a ponto de deixarem perplexos os espectadores sem poderem

[1] Errou o famoso comico francez quando traduziu *convidado de piedra* por *festin de piérre*, em vez de *convive*, ou *convié de pierre*.

atinar com a solução, que aliás o auctor encontra com toda a naturalidade.

Resente-se o estylo de Molina da fatidica influencia da escola de Gongora: e unanime é o juizo dos criticos proclamando que seria elle o primeiro poeta comico de seu paiz si tivesse escripto menos e limasse mais suas obras.

Moreto *(Agostinho)*:—Foi tambem natural de Madrid, sendo baptisado na igreja parochial de S. Genesto a 9 d'abril de 1618. Era seu pai um pobre adelo da rua de S. Miguel, que, á custa de sacrificios, poude manda-lo estudar na universidade d'Alcalá, onde não se sabe se chegou a graduar-se. Consta que recebera ordens sacras em Toledo no anno em que exercera as funcções de reitor do hospicio do Refugio nessa mesma cidade, e ahi morrera a 28 de outubro de 1664. Até hoje não poude achar razoavel explicação uma singularissima clausula do seu testamento isto é, o pedido de ser sepultado no cemiterio dos suppliciados, lugar considerado infame. Felizmente para a sua memoria não foi attendida semelhante supplica considerada como excesso de humildade evangelica.

« Superior a Lope Vega (diz de Viel-Castel) na potencia inventiva, a Calderon no vigor e brilho, excede Moreto a todos os outros poetas hespanhões na regularidade de suas composições, no talento e singeleza que quasi sempre presidem a disposição de seus planos e ao desemvolvimento d'acção. Menos complicada a intriga do que em Calderon fatiga menos o espirito do espectador, ou do leitor, que nella encontrão mais verosimilhança sem quebra do interesse. Seus desfechos tem maior naturalidade levando não menor vantagem na coordenação, e ainda que menos rico seja o seu estylo é tambem menos infectado de *gongorismo*: facil e elegante a versificação, e os dialogos recommendão-se pela delicadeza, graças a certa mistura de joviliadade e nobre cortezania ».

A mais celebre das suas comedias (*El desden con el desden*) foi imitada por Molière na *Princeza d'Elide*, e quem se der a pena de cotejar ambas as obras reconhecerá o quanto ficou o comico francez somenos ao seu modelo.

Accusa-se a Moreto de plagiario, porquanto manuseando velhos alfarrabios respigava bellezas de fino quilate, como outr'ora prati-

cava Virgilio com as obras d'Ennio e de Nevio. Infundada se nos antolha esta accusação; até porque o ouro extrahido das minas dramaticas vinha eivado de cascalho e outras impurezas que desapareciõn passando pelo esmeril do seu finissimo gosto; e sendo o theatro a exacta representação das ideias, costumes tendencias d'um povo, especialmente em certa e determinada epocha, renovava Moreto os primores da scena hespanhola vestindo-os á guisa dos contemporaneos. Dotado d'engenho mais vasto do que o de Molière, posto que menos ingenuo, versou, e com exito, todas as especies desde o drama heroico até a farça, sem que jamais sacrificasse os brios da sua arte.

## ROMANCE

A situação politica da Hespanha nos reinados de Carlos V e Philipe II deu nascimento a um genero novo de ficções em prosa conhecido por *novellas picarescas*. « É elle (diz Baret) propriedade exclusiva e graciosa da imaginação hespanhola, e de tal modo particular ao clima, a raça, ao solo que não póde encontrar equivalente em qualquer outro idioma [1] ». Os personagens d'esses romances são mendigos, estudantes, espadachins, ciganos etc., e parece que seus auctores querendo fugir á monotonia das pastoraes, até então muito em voga, ou as inverosimilhança dos contos de cavallaria, resvalarão n'um realismo repulsivo e repugnante.

O Lazarillo de Tormes foi a primeira estrea nesse genero, devendo quiça o acolhimento que teve á solida reputação de seu auctor (Hurtado de Mendoza) vantajosamente conhecido pela sua *Historia da Guerra de Granada* e os *Commentarios sobre Aristoteles*. É um quadro, ou melhor, uma serie de quadros dos costumes da epocha, e seus caracteres são desenhados com perfeição emula do vigoroso pincel de Ribeira ou de Murillo. As aventuras do Lazarillo nas differente casas em que o conduziu sua famelica estrella fornecem ensejo para curiosos estudos das diversas classes em que então se dividia a sociedade.

[1] *Historie de la Litterature Espagnole*, chapitre XV.

Distinguem-se as narrativas por certa nobreza mixta de familiaridade, e por uma ironia fina e pungente que só no original pode ser devidamente apreciada.

GUSMAN DE ALFARACHE de Matheus Aleman é o desenvolvimento do thema apenas esboçado por Mendoza. Ahi contempla-se uma curiosa galeria de typos os mais heteróclitos, que tumultuavão nessa quadra de precipite decadencia que a historia denomina — reinado de Philippe III.— Todas as condições sociaes, a excepção do clero, achão nelle lugar, e passão successivamente pela acerada satyra do romancista. Desenhados ao natural a mór parte dos retratos são mui proprios para iniciar-nos nos segredos dessa fidalguia ávida de gosos sensuaes, e cuja existencia se escoava na mais aviltante ociosidade. É o estylo um dos principaes meritos d'esta obra; por isso que fallava e escrevia Aleman com summa vernaculidade sendo ainda hoje citado como classico. Vinte e seis edições successivas e a versão em quasi todas as linguas da Europa abonão o merito da obra a qual todavia exprobra a critica a falta de sobriedade nas descripções e os longos circumloquios recheiados d'inopportunas reflexões philosophicas.

A HISTORIA DO ESCUDEIRO MARCOS DE OBRÉGON de Vicente Espinel, do qual já fallamos noutro lugar, é em grande parte a narrativa de suas aventuras em Italia, França, e Flandres, podendo considerar se antes uma auto-biographia romantisada. O heroe é um mancebo que desampara os lares patrios e vai correr o mundo á cata da fortuna. Começa por estudante, faz-se depois soldado e como tal percorre a Italia, e de volta de sua odysséa cae prisioneiro dos piratas argelinos que o reduzem a escravidão. Encerra numerosas reflexões moraes, ás vezes algum tanto tediosas, posto que bem escriptas: e si na dicção é somenos aos que lhe precederão leva-lhes decidida vantagem no movimento dramatico, expondo com mais rapidez os successos e terminando-a de modo mais regular e acertado.

DOM QUICHOTE. Incontestavelmente reconhecido como o primeiro romance hespanhol merece que mais espaçadamente occupemo-nos d'elle e seu eximio auctor.

CERVANTES (*Miguel—de Saavedra*). Nascido em Alcalá de Henares em 9 de Outubro de 1547 foi filho de Rodrigo de Cervantes e de sua

mulher Leonor de Ertina. Erão os Saavedras originarios da Galiza, e contavão mais de quinhentos annos de nobreza, conquistada por importantes serviços prestados á patria. Consta que fizera seus primeiros estudos sob a direcção do sabio professor João de Hoyos, matriculando-se depois na universidade madrilena fundada com grande esplendor pelo celebre cardeal Ximenes de Cisneros. Sabemos tambem, pelo seu proprio testemunho, que em tenros annos compunha versos e assistia com summo interesse a representação das peças de Lope de Rueda.

Terminados os estudos na idade de vinte e um annos entrou para o serviço do cardeal Aquaviva, legado *á latere* de Pio V, e na qualidade de camareiro e secretario, acompanhou-o a Roma. Achava-se nessa cidade quando chegou-lhe a noticia da expedição aparelhada contra os turcos e confiada a bizarria de D. João d'Austria. Tomou-se d'emthusiasmo, e correu a alistar-se como voluntario nas tropas que a Hespanha tinha de guarnição na Italia. Como simples soldado assistiu a memoravel batalha de Lepanto, pelejada aos 7 de outubro de 1571, e na abordagem d'um galeão egypcio apossou-se do estandarte real, á custa da mão esquerda. Curado dos ferimentos recebidos nesta batalha acompanhou Marco Antonio Colona ao Levante, e em 1573 tomou parte no assalto da Goleta de Tunis.

Licenciado do serviço militar volvia á patria, amparado das poderosas recommendações do referido D. João d'Austria e do duque de Sesia, quando cahiu em poder dos piratas argelinos que o reduzirão ao captiveiro por espaço de cinco annos, servindo a trez senhores, cada qual mais deshumano. Depois de haver baldadamente procurado por diversas vezes subtrahir-se ao jugo viu chegar a tão suspirado momento do resgate, obtido por sua velha mãe com sacrificio dos exiguos recursos de que tirava parca subsistencia.

Travado de tristeza foi o ineffavel prazer de regressar aos patrios lares, onde vinha encontrar a penuria, quasi indigencia, em vez da abastança que outr'ora ahi reinava. Não desejando ser ainda mais pezado aos seus volveu de novo a milicia, e, sob as ordens do cruel duque d'Alba, fez a campanha da ilha Terceira, onde teve occasião de acabar de desgostar-se da carreira das armas.

De longe acenava-lhe a formosa Alcalá, onde tão felizes se havião

deslisado os annos da puericia, e accendendo o seu gracioso convite fugio do bulicio dos acampamentos para entrar na vida civil. Não tardou em reconhecer-lhe a vantagem, e fruindo da quietação de que ha longos estava privado abriu seu coração ao doce influxo de amor contrahindo matrimonio com D. Catharina de Salasar, cujo principal dote consistia em raras virtudes e peregrina belleza.

Restava para resolver o grande poblema dos meios de subsistencia: tentou Cervantes supera-lo escrevendo para o theatro uma serie de peças recebidas com indifferentismo, ou extremada frieza, com que o publico madrileno manifestava o seu desagrado a quantos ousavão mostrar-se n'arena em que só campeava Lope de Vega.

Ha aqui um longo eclipse na biographia do nosso auctor, funebre silencio de seus chronistas desconsolados pelas privações de que devera ser victima, vislumbradas em alguns lugares de suas obras, e claramente manifestadas n'um requerimento ultimamente descoberto nos archivos da Torre do Ouro, em que supplicava a *graça de passar a America refugio de todos os hespanhóes desditosos.*

Sabe-se que se lhe deslisarão alguns annos d'existencia em Sevilha onde exerceu o cargo d'arrecadador de impostos, emprego humilde e de grande responsabilidade, do qual todavia soube utilisar-se para adquirir completo conhecimento dos usos e costumes dos reinos d'Andaluzia e Granada em razão das frequentes peregrinações que era obrigado a fazer. A improbidade d'um amigo, em cujas mãos depositara uma pequena somma pertencente á fazenda real, trouxe-lhe compromettimentos com o fisco, em virtude dos quaes foi recolhido por tres mezes á prisão, até ser indultado por provisão regia de 1 de dezembro de 1597.

A attribulada existencia que logrou em Sevilha, foi-lhe pouco favoravel ás musas, assim apenas consta que dirigira a Saragossa uns versos premiados no concurso aberto nessa cidade por motivo da canonisação de S. Jacynthio; um soneto burlesco á occupação momentanea de Cadix pelo exercito inglez, e outro ridicularisando uma questão d'etiqueta entre a Inquisição e a Municipalidade de Sevilha. Crê-se que tambem pode-se remontar a essa epocha a composição d'uma novella intitulada — *A Hespanhola Ingleza* —

Tradição mui corrente, posto que destituida de prova, attribue a

ideia primordial do *D. Quichote* a uma viagem que Cervantes fizera á Mancha, como recebedor da ordem de S. João, e a consequente perseguição que teve de soffrer dos magistrados do povo de Argamasilla, que chegarão a lança-lo num carcere. Verdade é que no prologo do seu magistral romance diz claramente que fôra elle escripto num carcere, restando porem em duvida qual d'elles fosse porquanto o nosso auctor viu-se mais d'uma vez privado da liberdade.

No anno de 1603 encontramo-lo em Valladolid para onde se transfirira a côrte, em consequencia das intrigas do duque de Lerma, omnipotente ministro de D. Philippe III. Parece que nessa cidade desempenhava as funcções d'amanuense publico, com tão pouca fortuna que escassamente ganhava com que alimentar a si e sua familia composta então de cinco pessoas. Aproveitando-se dos seus curtos lazeres, deu ultima mão á primeira parte do seu espirituoso romance impresso em Madrid no anno de 1605. Do acolhimento favoravel d'essa obra serve de prova a circumstancia de ter tido nesse mesmo anno outra edição, cousa que raramente succedia em Hespanha: o que fazendo-o cobrar alento determinou-o a votar-se francamente á carreira das letras.

Trasladada a côrte para Madrid acompanhou-a Cervantes, e ahi passou o resto de seus dias, mais ou menos folgados. Em 1609 entrou para a Confraria do Santissimo Sacramento a que havião pertencido Quevedo e Lope de Vega, e ahi travou relações com os Argensolas e Espinel de que restão vestigios em suas obras.

Apregoado pela voz publica o merito litterario de Cervantes, determinou-se a côrte de servir-se de sua pena para solemnisar os festejos com que devera ser recebido o embaixador de Inglaterra, almirante Howard, que ia ractificar o tratado de paz de 1604. Não permittiu seu mesquinho fado que gozasse dos suspirados favores, porquanto injustamente accusado de cumplicidade no homicidio d'um cavalleiro de S. Thiago, teve novamente de sentir as angustias do encarceramento.

Debalde implorava o distincto romancista a protecção dos magnatas e os bons officios de seus irmãos de letras; uns e outros ficavão indifferentes ou ciosos, o duque de Lerma remettia-o para o conde

de Lemos, este para Lupercio Argensola que lhe retribuia finezas com finezas, elogios com elogios.

Luctando com a adversidade, poude ainda assim publicar a segunda parte do *D. Quichote* (em 1615) vingando-se d'ess'arte do imprudente escriptor que sob o pseudonymo d'Avellaneda pretendeu arrebatar-lhe a honra de terminar as aventuras do cavalleiro da Mancha.

Sentindo os primeiros acommettimentos da cruel enfermidade de que devera succumbir, (a hydropisia) deixou Madrid na primavera de 1616 e retirou-se a Esquivias onde possuia uma pequena propriedade rural, e ahi deu-se pressa em finalisar um novo romance intitulado *Pérsiles e Segismunda*, de que fez homenagem a esse conde de Lemos a quem sempre venerara e que tão avaro em favores sempre para com elle se mostrara.

Havendo como bom catholico recebido os sacramentos da Igreja falleceu Cervantes a 23 d'abril de 1616 na cidade de Madrid para onde regressára quasi pela mesma epocha em que o maior genio da scena (Shakspeare) descia ao tumulo. Bem diverso porem foi o proceder dos dois povos para com esses grandes homens: os inglezes depositarão os restos mortaes de Shakspeare na sumptuosa basilica de Westminster, e os hespanhóes deixarão-nos esquecidos no claustro da pequena igreja dos monjas trinitanias [1].

A *Historia de D. Quichote* é uma espirituosa satyra dos romances de cavallaria, servindo como que de pretexto a uma serie de pensamentos philosophicos sobre pontos estranhos ao seu argumento objectivo. Esse argumento baseou-o o auctor nas aventuras d'um cavalleiro embuido nas leituras romanescas e de tanta ingenuidade que suppondo veridicos os factos nellas mencionados despede-se de seus amigos e conhecidos de quem era muito estimado para ir correr terras levando em sua companhia, como escudeiro, um ignorante e credulo camponio, de caracter brando, mas em

[1] Até 1835 nenhum monumento existia em Hespanha commemorativo do maior engenho nascido em seu solo; nesse anno porem erigiu-se em Madrid na praça das Cortes uma estatua de bronze do tamanho natural reproduzindo os traços physionomicos do — eximio poeta e romancista.—

extremo egoista e interesseiro; tendo todavia sufficiente malicia para conhecer e apreciar as extravagancias de seu amo. Deixando ambos a aldeia natal emprehendem longa e indeterminada peregrigação: na qual descobre a cada passo *D. Quichote* occasiões de pôr em relevo o seu ardor cavalheiresco accommettendo moinhos de vento que tomava por gigantes, casebres isolados por castellos, troços de galés por cavalleiros opprimidos. Bellissimo é o contraste dos commentarios de Sancho que no seu rude bom senso dá as cousas os seus verdadeiros nomes com as tiradas enthusiasticas do fidalgo, a quem nada faz mingoar os dourados sonhos e as magas illusões. Após mil aventuras e contrariedades de que forão victimas os dois personagens dá Cervantes desfecho a obra fazendo com que ambos conhecidos por dementes sejão reconduzidos á casa onde os deixa em santa paz.

Entrelaçados com os numerosos incidentes do romance introduz o auctor juizos proprios relativos á alguns pontos de maior importancia litteraria, moral e politica; bem como sazonadas reflexões ácerca das diversas classes da sociedade que conhecera e praticára, durante uma existencia tão cheia de peripecias e na qual raros forão os dias em que cessou d'avistar com a torva catadura da desgraça.— « Os grandes poetas (diz Ticknor) Homero, Dante, Shakspeare e Milton attingirão certamente a maior elevação e puzerão-se mais em contacto com os nobres attributos da natureza humana: Cervantes porem, escrevendo debaixo da influencia natural e livre do seu genio, reconcentrando instinctivamente em sua ficção o caracter especial do povo em que nasceu, fez-se escriptor de todos os tempos e de todos os paizes, dos ignorantes como dos sabios, e esta universalidade singularissima grangeou-lhe o attributo d'admiração e sympathia da humanidade inteira: recompensa que ainda não alcançou qualquer outro escriptor [1]. »

Apezar de tantos e tão bem merecidos gabos nota-lhe a critica alguns defeitos, talvez procedentes das circumstancias da vida do auctor de que fizemos rapida resenha. Assim, por exemplo, parece

[1] *Historia de la Literatura Española*, tomo II

que mudou por diversas vezes de plano, resultando d'isso certa incoherencia, o estylo, ainda que riquissimo e repleto de locuções e phrases de cunho castelhano, é aqui e alli descuidado e incorrecto, e os successos e incidentes cheios d'anachronismos que debalde procurarão explicar seus habilissimos commentadores Rios, Pellicer, e Eximino.

HISTORIA

Hurtado de Mendoza (*D. Diogo*): — Nascido em Granada no anno de 1504 descendia de famoso marquez de Santillana por seu pai D. Inigo Lopez de Mendoza, que no seu governo d'Alhambra conseguira fazer-se amado dos vencidos por sua moderação e equidade. Teve o joven Diogo a singular fortuna de contar por mestres a homens eminentes em letras e virtudes, e entre elles o celebre Pedro Martyr. Circumstancias peculiares á sua infancia permittirão-lhe iniciar-se nos rudimentos da lingua arabe qua com summo proveito cultivou em provecta idade. Enviado a universidade de Salamanca entregou-se aos estudos de jurisprudencia e philosophia e completou seus conhecimentos nas linguas hebraica, grega e latina. Com o proposito de colligir inscripções e documentos visitou quasi todas as provincias de Hespanha; e mais tarde obedecendo ao dever imposto a todo o fidalgo empunhou armas pelejando com gloria nas campanhas d'Allemanha e Italia. Neste ultimo paiz aproveitou-se do remanso das armas para frequentar as universidades de Pavia, Padua e Bolonha, que então estavão no fastigio da fama e admirou os sabios pelo seu grande talento e prodigiosa applicação. Attrahirão-lhe esses dotes a attenção de Carlos V, que confiou-lhe importantes commissões, como a da embaixada a Veneza em que logrou dissolver a liga que essa republica estava prestes a firmar com os Turcos.

Nomeado governador de Sienne reprimiu uma formidavel revolta com perigo da propria existencia, e no concilio de Trento, onde compareceu na qualidade de representante do imperador, deu mostras de muita firmeza de caracter alliada á extrema sagacidade.

Nada era porém capaz de distrahi-lo de seus gostos litterarios; assim fez intelligente uso do seu poder e influencia para adquirir

preciosissimos manuscriptos gregos e latinos de que compoz uma das mais raras bibliothecas que existião na Europa.

A ascenção de Philippe II marcou o termo de seu valimento; e cahindo no desagrado d'esse monarcha pelo mau exito d'uma missão junto aos aragonezes viu-se forçado a deixar a côrte e recolher-se ao seu solar em Granada onde terminou a vida no anno de 1575. Nessa especie d'exilio compoz a obra que devera transmittir aos posteros seu preclaro nome; intitula-se:

*Historia da Guerra de Granada*, isto é, da lucta que os mouriscos, acastellados nas montanhas de Alpujarras, sustentarão por espaço de tres annos contra todas as forças de Philippe II, que lhes queria arrancar os foros e isenções, solemnemente pactuados no tempo de Fernando e Izabel.

Tomando por modelo Sallustio na sua *Historia da Guerra de Jugurtha* imitou-lhe o estylo sentencioso, emphatico e por vezes obscuro á força de concisão. Consoante á nobreza e sobranceria de seu caracter é o modo porque julgou os actores d'esse luctuoso drama, inclusive o duque d'Alba para com quem não se mostra mais parcial do que Sallustio para com Cicero. Gelidamente imparcial na pendencia entre christãos e mouriscos julga com severa equidade as dessidencias dos generaes, e as mesquinhas competencias de poderio entre o poder civil e o militar pondo em relevo a absoluta inepcia do governo de Madrid.

Como se vê semelhante obra não poderia agradar a Philippe II, por isso não foi ella dada á estampa antes do anno de 1610, em que já não era elle contado no numero dos vivos. As circumstancias de não lhe haver o auctor dado a ultima demão e a de correr por muitos annos manuscripta em numerosas copias attribue o conde de Portalegre as incorrecções que a enfeião e lhe desbotão o brilhantismo.

Herrera (*Antonio*): — Nascido em Cuellar, junto a Segovia, e fallecido em 1625 gozou da privança de Philippe II que fel-o secretario d'Estado e chronista de Castella e das Indias. Escreveu varias obras historicas sendo de todas a mais notavel:

*Historia Geral das Indias*, abrangendo o periodo decorrido desde o descobrimento d'America até o anno de 1554, e como era

homem eminentemente practico e facilitava-lhe sua posição official o compulsar preciosos e rarissimos documentos é seu livro de grande merecimento, e com proveito pode ser consultado pelos amadores d'esse genero d'estudos. Cumpre porém advertir que não soube Herrera collocar-se sobranceiro ás paixões e preconceitos da epocha, sacrificando a verdade historica ao insaciavel desejo d'agradar ao rei, aos nobres e ao clero. Seu estylo, mais esmerado do que em qualquer outra obra sua não é ainda assim immune d'eiva frizando com a prosa gongorica que abas tardava os melhores escriptos contemporaneos..

Solis (*Antonio de*): — Nascido, como Cervantes, na pequena cidade d'Alcalá de Henares, a 18 de outubro de 1610, fez seus estudos elementares num acreditado collegio de sua patria indo completa-los na universidade de Salamanca onde graduou-se em direito civil e canonico. Parece porém que as musas lhe merecião mais favor do que as Pandectas e as Decretaes; assim não nos consta que occupasse emprego algum de magistratura, nem se consagrasse a defesa dos opprimidos. *Ad instar* de quasi todos os litteratos hespanhóes estreou-se Solis como secretario particular do conde d'Oropesa, nomeado vice-rei de Valença e Navarra, de cujo posto foi tirado para ir desempenhar em Madrid o de secretario d'Estado acumulando as funções de chronista-mór das Indias.

Votando-se de coração ao cumprimento d'esse encargo renunciou as honras e vantagens do primeiro e para com maiores lazeres votar-se ás letras abraçou o estado ecclesiastico na idade de cincoenta e sete annos. No maior retiro e pobreza escoou-se-lhe a vida até que o relogio da eternidade apontou-lhe o fatal praso no dia 19 d'Abril de 1686. O titulo com que se apresentou ao tribunal da critica litteraria foi o da sua:

*Historia da Conquista d'America Septentrional*, magestoso monumento que participa da natureza da epopea e do drama; esplendida tela em que se desenhão os colossaes vultos de Colombo, Cortez, Pizarro e do venerando bispo de Chiapa [1].

[1] D. Fr. Bartholomeu de las Casas celebre dominicano mui conhecido pelo seu zelo apostolico em favor da liberdade dos indigenas d'America.

Esta obra publicada em 1684, e que constitúe um dos maiores padrões da historiographia hespanhola, não seria dada a lume sem o generoso auxilio de D. Antonio Carnero, vedor geral de Flandres, e amicissimo do auctor, a quem faltavão absolutamente meios pecuniarios para levar ao cabo tão glorioso cemmettimento. Escripta com summa perfeição é destinada a lisongear o amor proprio nacional; explicando d'ess'arte o favor e açodamento com que foi acolhida. Marca esta o ultimo lugar das obras d'antiga escola historica que nos seus derradeiros momentos descambou para o *cultismo* e adornou-se de lentejoulas. Faltou a Solis a mascula firmeza de Hurtado de Mendoza; releva porém que nos recordemos que lhe ensombravão o espirito os terrores, hoje quasi que incomprehensiveis, producto da monstruosa liga do despotismo com a religião [1].

## TERCEIRO PERIODO (Seculos XVII-XVIII)

Presagiavão os ultimos annos do reinado de D. Philippe IV precoce decadencia litteraria, que tornou-se bem caracterisada quando as debeis mãos de D. Carlos II empunhavão o pesado sceptro de Carlos V. Vegetavão no olvido os poucos bons escriptores que ainda existião, sendo com magoa dispensados favores e propinas aos degenerados sequazes de Gongora, que nas pompas e atavios de linguagem occultavão a pobresa e trivialidade de suas concepções. Desapparecera o genio litterario com o das artes, sciencias, armas e politica, e a Hespanha era, na phrase do cardeal d'Alberoni, um cadaver que elle reanimára e que na sua ausencia volvia ao tumulo.

A exaltação da dynastia bourbonica e a guerra que lhe serviu de preambulo galvanisarão por momentos esse cadaver; recordarão-se os hespanhóes dos seus antigos brios e vendo invadido o solo da patria

[1] Tal era a desgraça dos tempos em que veio a luz esta obra que, apezar do favor publico com que foi acolhida, não se venderão num anno mais de duzentos exemplares, como se collige d'uma carta de Solis escripta a amigo seu.

pelos exercitos estrangeiros, rodearão o valoroso mancebo que hasteava os pendões de Castella, e, perdoando-lhe a peregrina procedencia, vincularão-no no glorioso throno de Pelayo. Perante a vontade do povo, attestada nos campos de batalha, submetteu-se á politica européa; e o tratado de Utrecht (1713) confirmou o testamento de D. Carlos II.

Querendo realisar o dito attribuido a seu avô [1], modelou D. Philippe V a sua côrte d'Aranjuez pela de Versalhes, e esforçou-se por transplantar as instituições que maior brilho havião espargido sobre a França. Um concurso de circumstancias especiaes, que noutro lugar examinamos, havião concorrido para essa florescencia litteraria que se convencionou chamar-se *seculo aurêo*, ou *seculo de Luiz XIV*, e como a maior parte d'esses luminares pertencerão á academia fundada pelo cardeal de Richelieu, commetteu-se o paralogismo de tomar o effeito pela causa, acreditando-se geralmente que para reproduzir seculos litterarios bastava multiplicar academias.

Efficazmente auxiliado por D. João Fernandes Pacheco, marquez de Vilhena, cogitou o moço rei restaurar as letras em sua patria adoptiva, erguendo-as do abatimento em que jazião; e, obedecendo ao impulso a que acima alludimos, pensou logo em fundar uma academia (em 1714) cuja esphera devendo ser ao principio vastissima limitou-se á tarefa da publicação d'um diccionario, uma historia e uma grammatica da lingua, assim como a redacção d'uma arte poetica. Aos membros d'essa associação concederão-se as honras e vantagens de *criados da casa real*, sendo outrosim assegurados

[1] Acreditou-se por muito tempo que Luiz XIV ao saber da revolução de D. Carlos II de deixar o throno de Hespanha ao duque d'Anjou (depois D. Philippe V) exclamára: — *Já nao ha Pyreneos!* — Hoje porem, graças ás minuciosas pesquisas de E. Fornier, está exuberantemente provado que jamais proferira o grande rei semelhantes palavras, colligindo-se antes do *Jornal de Dangeau* que fôra o embaixador de Hespanha, que, referindo-se á circumstancia d'ir reinar em Madrid um principe francez, accrescentára que os — *Pyreneos estavão fundidos* —, Parece que a emphatica exclamação sahira da espirituosa penna de Voltaire, que primeiro a citou no seu, aliás mui estimavel livro, intitulado — *Seculo de Luis XIV* —

Vide *l'Esprit dans l'Hist. Recherches et Curiosités sur les Mots Historiques* — par E. Fornier —

premios ás melhores composições em prosa e verso. Mais tarde completou-se o pensamento regenerador com o estabelecimento da *Real Academia de Historia*, e a das *Bellas Artes*, ou de *S. Fernando*. A *Escola de Mathematicas* de Barcelona, a *Sociedade Medica* de Sevilha e a *Bibliotheca Real* de Madrid abonão os generosos esforços de D. Philippe V e de seus ministros em pró das letras, sciencias e artes.

Dissemos algures que o seculo XVIII podia-se com justiça denominar — *seculo francez* —: e si omnipotente era o seu influxo litterario em toda a Europa, muito mais fazia-se sentir além dos Pyrenêos pelas razões que havemos epilogado. Mais perto do que a italiana, supplantou a escola franceza os agonisantes restos da litteratura indigena; e em falta d'originalidade, que o secptro não podia fazer surgir como a agua do rochedo do Horeb, força foi contentarem-se com paraphrases e parodias, applaudidas como as mais felizes creações do engenho humano. Confirmado veremos este asserto no rapido bosquejo que dos diversos generos passamos a fazer.

## POESIA LYRICA E DIDACTICA

Luzan *(Dom Ignacio de)*: — Nascido em Saragossa em 1702 e fallecido em Madrid em 1756, era oriundo d'uma nobre familia aragonesa, e na Italia, onde fizera seus estudos, contrahiu intimas relações com Maffei e Metastasio. Depois d'uma ausencia de dezoito annos volveu á patria e passou algum tempo occupado com os trabalhos agricolas numa de suas herdades. O gosto porem que adquirira na juventude pelo tracto das musas, levou-o á composição de varias obras originaes e traduzidas, e entre ellas uma comedia intitulada *A Virtude Honrada*, que foi representada com grandes applausos numa casa particular de Saragossa.

Desejando transportar a mais amplo theatro as producções do seu estro, encaminhou-se á capital da monarchia, onde o seu talento e qualidades pessoaes valerão-lhe amigos e protectores, que lhe proporcionarão o honroso posto de secretario da embaixada hespanhola em Paris. Nessa cidade, onde permaneceu por espaço de tres annos, teve ensejo de relacionar-se com os engenhos de mór valia nas sciencias, letras e artes, modificando nessa convivencia suas

antigas opiniões litterarias e consagrou á escola franceza o enthusiasmo que outr'ora votára á italiana. Terminada a sua missão diplomatica regressou a Madrid, onde na estima do publico illustrado e na privança do rei, deslisarão-se-lhe os ultimos annos da vida terrena.

Admirador de Boileau procurou seguir-lhe as pégadas, já como lyrico, compondo suas *Odes á conquista de Oran*, já escrevendo uma *Arte Poetica*, que devera servir de codigo aos regeneradores.

Nesta ultima obra esforçou-se Luzan por acommodar as doutrinas dos antigos mestres ás necessidades da moderna poesia, á guisa do que outr'ora praticara Muratori. Dividiu-a em quatro livros: começando pela origem e natureza da poesia, os prazeres e vantagens que da sua practica resultão, passou depois a minudenciar os preceitos e regras relativas aos generos lyrico, satyrico, bucolico, dramatico e epico, confirmando suas opiniões com auctorisados exemplos dos melhores auctores gregos, latinos, italianos, francezes e castelhanos. Rigorosamente methodico é seu estylo adaptado aos fins a que se destina, guardando justa proporção entre a aridez didascalica e os floreios e arabescos dos *cultistas*.

Considerado efficacissimo antidoto á degenerescencia do gosto que attacára em suas fontes a litteratura hespanhola foi a *Arte Poetica* de Luzan saudada como fausto acontecimento e calorosamente abraçada pelos poucos cultores das boas letras.

Cadalso (*D. José*): — Nascido em Cadix em 1741 descendia d'uma antiga familia de Santander; em Paris recebeu os primeiros rudimentos litterarios, partindo depois á visitar a Italia, Allemanha, Inglaterra e Portugal, adquirindo nessas peregrinações amplo conhecimento das linguas e litteraturas dos respectivos paizes. De volta á patria entrou para a milicia tomando o habito de cavalleiro de S. Thiago, e em pouco tempo chegou ao posto de coronel. Nos vagares que lhe deixava sua profissão entretinha-se com as musas, e terçava com os estremados paladinos Iglesias, Iriarte, Moratin, o sabio Jovellanos e o esperançoso Melendez. Curtissima porém foi-lhe a sazão da gloria litteraria; por isso que buscando colher tambem as palmas bellicosas encontrou a morte no cerco de

Gibraltar, causada por um estilhaço de bomba, a 27 de fevereiro de 1782.

A mais justamente celebre das suas obras poeticas é uma engenhosa satyra intitulada — *Eruditos á violeta — Curso completo de todas as sciencias.* — Escripta em forma de lições sobre o modo d'aprender todos os conhecimentos humanos no brevissimo espaço d'uma semana, teve tal acceitação que dentro de um anno esgotou-se a primeira edicção, o que animou-o auctor a dá-la novamente á estampa acrescentada d'algumas cartas de suppostos discipulos queixosos do deploravel resultado da sua aprendizagem.

*Os Eruditos á violeta*, e mais um volume contendo traduções bastante esmeradas d'alguns classicos, parodias e burlas no gosto de Quevedo, odes anacreonticas no estylo de Vellegas, constituem o espolio litterario d'este mallogrado poeta.

Iriarte (*D. Thomaz de*): — Natural da ilha de Tenerife nasceu em 1750 e foi educado em Madrid, sob as vistas de seu tio D. João de Iriarte, bibliotecario do rei. Apenas sahido da puericia revelou singular talento dramatico compondo e traduzindo do francez varias comedias representadas no theatro real; e mais tarde publicou uma excellente poesia latina relativa ao nascimento do infante, que foi depois rei com o nome de D. Carlos IV. Esta e outras composições assegurarão-lhe empregos e distincções, que lhe absorvendo o tempo vedarão que mais fecundo fosse o seu applaudido estro. Algumas contrariedades interromperão a serie de suas venturas, sendo de todas a mais grave a perseguição movida pelo sancto-officio, e suscitada por alguns invejosos contemporaneos que o accusavão de sympathisar com as doutrinas de nova escola philosophica de França. Applacadas as iras do tremendo tribunal, mediante *salutar penitencia*, poude proseguir em seus trabalhos até o anno de 1791 em que falleceu em S. Lucas.

Suas obras completas, que vierão a lume depois de sua morte, formão oito volumes, e compõem-se principalmente de traduções e polemicas pessoaes. Recommendão-se as poesias originaes por certa pureza, regularidade e elegancia d'estylo. A melhor das suas epistolas é a que endereçou a um amigo remettendo-lhe a

traducção que fizera d'*Arte Poetica* de Horacio. Seu poema sobre a musica, publicado ainda em vida (1780), foi summamente apreciado não só em Hespanha como ainda em França e Italia. Escripto na especie metrica, denominada *sylvas*, é disposto com summa perfeição resentindo-se porem de falta d'energia que só poderia quebrar a monotona exposição de doutrinas e de conselhos.

A nomeada de que ainda hoje goza Iriarte entre seus conterraneos deveu-a principalmente as *Fabulas* em que quiz emular com Lafontaine, imitando-lhe a contextura e gyros de phrases. Releva todavia confessar que o fabulista hespanhol é orignal na escolha dos assumptos, quasi todos moraes e litterarios, empenhando se em combater as deturpações do gosto e da lingua de preferencia ás allusões sobre os vicios e ridiculos da côrte. Numa grande variedade de metros (cerca de quarenta) exhibiu pasmosa facilidade em adaptar os instinctos dos irracionaes os sentimentos e paixões humanas. Sobrepuja nessas *Fabulas* a parte narrativa, o que contribue em grande parte para que não se notem nellas essa vivacidade, por vezes maliciosa, que tanto caracterisão Esopo, Phedro e Lafontaine. Fugindo aos excessos do *gongorismo* degenera o estylo de Iriarte em sequidão, quiçá prosaica.

Samaniego (*Felix Maria de*) : — Cavalleiro vascongado, nascido em 1745 e fallecido em 1801, foi um dos mais pertinazes membros da sociedade litteraria denominada dos — *Amigos do paiz* — que no reinado de D. Carlos III se propuzera divulgar os conhecimentos uteis como meio de subtrahir a Hespanha da prostração em que a precipitára o dominio da casa d'Austria. Ligado pelos vinculos d'estreita amisade a Iriarte, seguiu-lhe as pégadas compondo graciosos apologos e fabulas, vasadas no molde de Lafontaine e como maior fosse o acolhimento que receberão da parte do publico, encantado da ingenuidade de seus quadros, despertou isso o ciume do velho fabulista que rompeu em hostilidade contra o moço escriptor, que viu-se obrigado a retrucar-lhe com certo azedume dando assim pasto á curiosidade e maledicencia dos que folgão com as discussões dos homens de letras.

A collecção das Fabulas de Samaniego, que sahirão do prelo em 1784, permittem que o julguemos com imparcialidade, immunes,

como nos achamos, de quaesquer sentimentos de suspeição. D'essas fabulas apenas noventa são originaes, constando as restantes de versões de fabulistas orientaes e de felizes imitações do mencionado Lafontaine e do poeta inglez Gay.

O predicado pelo qual mais se avantajão, consiste na sua singeleza e naturalidade que as preconisarão para doutrina da puericia, a cuja facil memoria confiarão-nas desvellados professores, commentando-as com suas mui judiciosas reflexões.

Melendez *(D. João — Valdés)* : — Nascido em Fresno (Extremadura) em 1754, foi mandado na idade de dezoito annos estudar em Salamanca onde passou o melhor tempo da sua vida. Teve a insigne ventura d'adquirir a amizade do estimavel poeta Cadalso que o iniciou nos segredos d'arte em que era mestre, e de tal modo esmerou-se em cultivar-lhe o estro que chegou-se a dizer que a *melhor obra de Cadalso fóra Melendez*.

Deu-se pela primeira vez a conhecer em publico por uma ode premiada pela *Real Academia Hespanhola*. No anno seguinte mereceu igual distincção por outra ode — *á gloria das artes* — a qual grangeou-lhe a honrosa amizade de Jovellanos.

Attrahia-o a Madrid a gloria que começava a circumdar-lhe o nome; teve porém o bom senso de preferir a residencia de Salamanca onde acabava d'obter um lugar de lente em sua celebre universidade. Fructuosamente utilisando-se dos lazeres do magisterio, escreveu uma comedia intitulada *As Bodas de Camacho*, a qual, apesar da benevola intervenção de Jovellanos, foi mal succedida na representação, com summo desgosto do protegido e do protector.

Convencido por este mallogro que não era sua vocação o theatro, deu-se Melendez á composição de poesias lyricas especialmente bucolicas, de que formou um mimoso ramalhete, em extremo apreciado pelos amadores da elegancia e delicadeza.

Dispertou-se-lhe em má hora o desejo de tomar activa parte na gerencia dos publicos negocios; e por meio dos poderosos amigos que tinha na côrte alcançou facilmente o emprego de juiz n'audiencia de Saragossa, d'onde foi mais tarde removido para Valladolid com o predicamento de ouvidor. No exercicio d'este ultimo cargo, teve a desdita de comprometter-se servindo (quiçá, inconsciente-

mênte) aos tenebrosos planos do famoso Godoy, assás conhecido pelo titulo nobliarchico de *Principe da Paz*.

Como outr'ora na sabia Salamanca não se esqueceu Melendez de votar seus ocios ao culto das musas, e no anno de 1797 deu á estampa nova edição de suas obras, consideravelmente augmentadas. Evidentes são os vestigios dos progressos philosophicos e litterarios que fizera o auctor no intervallo das duas edições, e sensiveis as reminiscencias deixadas pela assidua lição dos melhores exemplares das litteraturas ingleza e allemã.

Á basta seara de louros ceifados pela publicação do seu livro, vierão juntar-se proventos e distincções, manifestados em um importante emprego na côrte, que lhe proporcionarão o poderio de Godoy e a affectuosa amizade do já por vezes mencionado Jovellanos, que exercia então as funcções de ministro d'estado. Verdade incontroversa é na ordem physica e moral que as alturas estão mais expostas do que as planicies aos raios e furacões; conheceu-a praticamente Melendez no dia seguinte ao da demissão de Jovellanos, com que recebeu ordem de partir para o exilio, ao principio em Medina del Campo e depois em Zamora, onde conservou-se até o anno de 1802 em que obteve venia para recolher-se á sua tão querida Salamanca. Vendo-o entrar triste e desanimado na capital de Castella-Velha podia-se exclamar com Virgilio:

« . . . . . *Quantum mutatus ab illo*
*Hectore !* . . . . . »

Após seis annos de inacção levou-o de novo a Madrid o motim de Aranjuez; infelizmente já não encontrou D. Carlos IV que tomára o caminho de Bayona para ahi representar um dos mais tristes papeis de que a historia faça menção.

Á circumstancias especiaes de Hespanha antes do que á versatilidade de caracter deve-se attribuir o haver Melendez abraçado a causa do rei José, e arrastado no torvelinho dos acontecimentos occorridos na patria do Cid nos primeiros annos do seculo XIX, escapou de perecer numa commoção popular em Oviedo, e passou pelo dissabor de ver saqueada sua casa de Salamanca e destruida sua

preciosa bibliotheca por esses mesmos francezes por cuja causa tanto se compromettera.

Não pararão ainda aqui seus infortunios; porquanto a expulsão dos francezes e a restauração bourbonica trouxe a necessidade d'expatriar-se buscando refugio em Montpellier, onde ao cabo de quatro annos de penosa existencia desceu ao tumulo no dia 24 de maio de 1817 [1].

Cumprindo-nos emittir juizo acerca das obras d'este poeta diremos que não revelão ellas engenho de primeiro quilate nem grande e flacida variedade; mas em compensação distinguem-se pela doçura e delicadeza dos metros quando tracta d'assumptos ternos e sensiveis, assim como pela energica virilidade si porventura celebra feitos graves e memorandos.

Accusão-no os puristanos da lingua de ter introduzido grande numero de vocabulos francezes, que hoje gozão livremente dos fóros de cidade; ao passo que lhe exprobão outros o desmedido amor pelos archaismos desenterrando dos limbos philologicos palavras e locuções que o uso havia sellado no sepulchro do esquecimento. Pouco apto para apreciar essas competencias na nossa qualidade d'estrangeiro e mediocremente versado nas letras hespanholas remettemos o leitor curioso para mais competente contraste.

Descontados os elogios e vituperios de que foi alvo Melendez parece hoje concordar a critica em deferir-lhe o primeiro posto entre os lyricos hespanhóes dos derradeiros annos do seculo XVIII e os principios do XIX. Obtiverão suas obras successivas edições em Paris e Parma, sendo trasladadas para os idiomas francez, italiano e inglez muitas das suas poesias, merecendo de dois des-

[1] Sabe-se pelo testemunho do medico que lhe assistiu os derradeiros momentos, que o celebre poeta hespanhol succumbira ao excessivo uso de alimentos vegetaes, por carencia absoluta de meios com que comprasse outros mais succulentos. Tão obscura era a vida que passava que por muito tempo ignorou-se o lugar em que fôra sepultado, devendo-se ás diligencias do duque de Frias e do poeta D. João Nicasio Gallegos o deparar-se com seus restos mortaes, hoje depositados num dos principaes cemiterios da cidade e assignalados por um modesto moimento.

tinctos criticos (Sismondi e Bouterwek) tão encarecidos louvores que o proprio poeta dizia, no seu ultimo prologo, *sentir vexame em transcreve-los.*

## POESIA DRAMATICA

Impossivel era eximir o theatro da decadencia que se manifestava em todos os ramos de conhecimentos humanos; assim vemos que os successores de Calderon e Moreto emularão em extravagancias e incoherencias a ponto d'arredarem dos espectaculos a quantos presavão o pudor e a propria dignidade.

O favor de que gozou a litteratura franceza quando os principes d'essa procedencia cingirão o diadema de Carlos V corrigirão algum tanto as aberrações scenicas e abriu espaço á producções, que, em falta d'originalidade, possuião no menos correcção e delicadeza na forma. Foi a *Poetica* de Luzan o codigo cujo fiel observancia sagrava poetas e menor infracção condemnava-os as *gemonias* [1].

Foi D. Agostinho Montiano o primeiro interprete da nova escola compondo duas tragedias em versos soltos intituladas — *Ataùlfo* e *Virginia*, e apesar dos hyperbolicos elogios do padre Isla, tão fraco acolhimento receberão que ninguem se animou a leva-las ao palco.

Pela vereda em que se estreara Montiano caminharão com pouco melhor successo D. Nicolão Moratin na *Hormerinda* e o *Gusmão o bom*; Cadalso no *D. Sancho;* Jovellanos no *Delinquente honrado* e no *D. Pelayo;* e Lopes d'Ayala na *Numancia*.

Assumindo as funcções de paladino da reacção contra a escola franceza pretendeu D. Vicente de la Huerta restaurar o glorioso theatro de Lope de Vega e Calderon de la Barca, de cujas obras fez

[1] Censurando a fascinação de seus compatriotas pelos modelos estrangeiros e o olvido em que deixavão cahir os grandes auctores nacionaes escreveu Iriarte este espirituoso quarteto.

> « Español que talvez recitaria
> Quinientos versos de Boileau y del Tasso,
> Puede ser que no sepa todavia
> En que lengua los hizo Garcilaso. »

selecta edição; e juntando o exemplo á pratica escreveu varias peças vasadas nos antigos moldes. Merece d'entre ellas particularissima menção a sua *Rachel*, considerada pelos criticos como superior ao *Idumêo* de Cienfuegos, bem que composta na mesma intenção.

Nesses tentames para reerguer o theatro hespanhol distinguiu-se D. Ramon de la Cruz, nascido em 1731 e fallecido no fim do seculo passado. Conciliando habilmente o exercicio do seu emprego na côrte com a cultura das letras deu-se a elaboração de numerosas peças dramaticas no empenho de devertir e moralisar os palacios dos grandes e as choupanas do povo. Attribuem-se lhe mais de trezentas composições nesse genero, das quaes apenas um terço gozarão das honras da impressão. Bastante caracteristico são os titulos d'algumas d'essas composições, v. g. *sainetes para cantar*, *tragedias burlescas*, etc; nota-se algumas vezes completa omissão de qualquer titulo, e outras as vagas e indeterminadas designações de *loas*, *entremezes* e *zarzuelas*, etc. Observou-se porém neste escriptor certa originalidade e cunho de *nativismo*, que mereceu-lhe de Ticknor o seguinte lisongeiro testemunho.

« Seus argumentos são variados e de desigual extensão; mas no meio da sua variedade tem uma circumstancia que lhes assegurou sempre benigno acolhimento, é a de serem geralmente fundados nos costumes das classes media e infima da sociedade, que soube retratar com grande verdade e viveza, ora escolhe seus personnagens nos saráos burguezes onde almiscarados galãs se disputavão os sorrisos das damas, ora nos concorridos salões do *Prado* entre os ociosos da *Porta do Sol*, onde os enfeites e modas dos casquilhos fornecião ao populacho occasião para burlas e graciosos dicterios; ora finalmente nos *Lacapés* e *Maravilhas*, em que a classe baixa com seus vistosos e pictorescos trages, significativos de tradicionaes e invariaveis costumes, reinava livre e exclusivamente [1]. »

O vulto porém mais proeminente na especie comica foi por sem duvida: D. Antonio Leandro Fernandes Moratin, chamado o *moço*

[1] *Historia de la Lit. Espanola*. Tomo IV.

para differença-lo de seu pai, tambem auctor dramatico Obrigarão-no as estreitesas do lar domestico a procurar no officio de joalheiro o pão quotidiano que piedosamente repartia com sua extremosa mãe. Hereditaria vocação chamava-o porém a bem diversa esphera; e furtando ao repouso os poucos lazeres que lhe sobravão das manuaes fadigas entregava-se ao tracto das musas alcançando aos dezoito annos o segundo premio proposto pela Real Academia Hespanhola para o melhor poema sobre a conquista de Granada. A todos surprenhendeu semelhante triumpho; porquanto o joven Moratin guardára o maior sigillo e apresentára seu bello trabalho sob indecifravel pseudonymo. Outro assignalado triumpho, obtido dois annos depois attrahiu-lhe a protecção de Jovellanos, que nomeou-o secretario da embaixada hespanhola em Paris, para onde trasladou-se em companhia do conde de Cabarrús, encarregado de importantissima missão deplomatica. Na capital de França teve ensejo de travar relações com alguns distinctos litteratos, nomeadamente com Goldoni, de cuja influencia sempre se resentirão suas obras.

De volta a Madrid obteve as boas graças do podereso valido Godoy, que, annuindo aos seus anhelos, mandou-o aperfeiçoar seus estudos percorrendo com largos subsidios a Allemanha, Inglaterra, Italia e França, e em seu regresso destinou-lhe importantissimo lugar numa das secretarias d'estado, onde com tenue trabalho lograva pingues vencimentos.

D'essas vantagens utilisou-se Moratin até a epocha da invasão franceza, a qual privando-o de seu protector expo-lo as vicissitudes da sorte, que bem mesquinha lhe foi nos derradeiros annos de vida, terminada em Paris no anno de 1828, sendo enterrado junto a Molière, cujas obras tomára sempre por modelos.

A primeira comedia com que Moratin apresentou-se em publico foi intitulada — *O Velho e a Menina*, — dividida em tres actos, á guisa dos antigos, e escripta em verso octosyllabo, popularissimo na peninsula. A simplicidade d'acção, e a completa ausencia d'essas emaranhadas tramas tão apreciadas pelo máo gosto do tempo, suscitarão-lhe embaraços a representação, que só poudê superar após quatro annos d'indefessos esforços. Não correspondeu o aco-

lhimento publico ás esperanças do auctor, que todavia não se deu por vencido nem desamparou a carreira para a qual se sentia irresistivelmente chamado.

A *Comedia Nova*, levada á scena em 1792, é uma espirituosa critica endereçada aos máos dramaturgos que abastardavão o theatro. Reduz-se o seu argumento a expor os motivos que d'ordinario obrigão o auctor famelico a compor um d'esses extravagantes dramas com tanto applauso festejados pelo publico. É o supposto auctor quem expõe esses motivos numa roda d'amigos, reunidos num café, e o desfecho consiste na confusão do mallogrado poeta ao saber do máo exito da sua peça. Contra a expectativa de Moratin e de seus amigos foi esta comedia favoravelmente recebida; o que por certo não podia deixar de considerar-se como um progresso no gosto dos espectadores.

A *Mogigata*, imitada do *Tartufe* de Molière, recommenda-se pela perfeição dos caracteres, especialmente da protagonista que é uma donzella que para adormecer a vigilancia de seus pais aparenta falsa devoção, contrastando-se semelhante proceder com o caracter franco e sympathico d'uma prima sua. Não passou esta comedia desappercebida aos suspeitosos olhos da Inquisição, que deu-se pressa em prohibir-lhe as representações. Tolheu-lhe porem os impetos e as vinganças que meditava contra o auctor o poderio do Principe da Paz, d'esta vez ao menos bem inspirado, e o publico madrileno poude saborear livremente uma obra tanto mais applaudida quanto sabia ser desagradavel aos seus antigos oppressores.

O ultimo original trabalho do illustre escriptor foi a comedia em tres actos e em prosa denominada o *Sim das Meninas*, representada em 1806, na qual soube conciliar a simplicidade antiga com o movimento e interesse dos modernos. O maior elogio que se pode fazer d'esta comedia é dizer que foi ella levada ao palco por trinta e seis noites successivas perante um publico excessivamente apaixonado de novidades, e que á custo supportava duas recitas da mesma peça.

No repertorio dramatico de Moratin encontrão-se algumas versões dos theatros francez e inglez, inclusive a do *Hamleto* de Shaks-

peare, impresso em 1798, mas que não consta fosse jamais levado á scena.

Para terminar este perfunctorio estudo concernente a tão preclaro auctor diremos que lhe assistião todos os predicados para um grande dramaturgo faltando-lhe porem a poderosa iniciativa que só faz os chefes d'escolas, os promotores das revoluções litterarias.

## ROMANCE SATYRICO

Isla (*P. João de*) — Nascido em Segovia em 1703 e fallecido em Bolonha em 1781 seguiu a regra de S. Ignacio de Loyola e fez-se celebre desde a juventude pela jovialidade do seu espirito. Estreou-se publicando (em 1727) a *Juventude Triumphante*—ou relação das festas celebradas em Salamanca por onze dias consecutivos afim de solemnisar as canonisações de dois moços jesuitas que acabava de ser feita pelo Papa Benedicto XIII. Na enumeração das mascaradas, corridas, e touradas trasluz o gosto satyrico do auctor, posto que dissimulado com extrema destresa.

Animado pelo feliz exito d'esta primeira tentativa animou-se o P. Isla a outra de maiores dimensões dando a estampa (em 1746) sob o titulo de — *Grande Dia de Pamplona* — a narrativa das esplendidas festividades havidas nessa cidade por motivo da exaltação ao throno de D. Fernando VI. Tão fina e espirituosa é a satyra, e tão habil mostrou-se na difficilima arte de manejar a ironia que muitos dos personagens expostos á irrisão não se aperceberão do veneno occulto no perfume e colorido das flores e agradecerão ao auctor em termos affectuosos o lisongeiro conceito que d'elles formava. Como aconteceu com a notavel obra de Foe. (*O Caminho mais curto com os dissidentes*) deu lugar o opusculo do P. Isla a uma viva discussão sobre o verdadeiro sentido que importava dar ás suas allusões.

Servirão-lhe de incentivo para novo e glorioso commettimento os gabos adquiridos nas referidas composições; e em 1758 fez sahir dos prelos, sob o pseudonymo de Francisco Labon de Salasar, o primeiro volume do interessantissimo romance satyrico denominado — *Historia do famoso pregador Fr. Gerundio*, — na qual se propoz fazer a historia dos pregadores da moda personificados no

seu heroe a quem acompanha desde o berço, numa obscura aldeia, até a côrte em que brilha entre os astros mais resplandecentes do pulpito.

Escripta esta obra com singular talento distingue-se pela escrupulosa exactidão na pintura dos costumes nacionaes e das scenas pouco conhecidas da vida claustral. Collocada na media proporcional entre os immortaes trabalhos de Rabelais e Cervantes utilisa-se das vantagens de ambos e com não menor perspicacia evita-lhes os defeitos. Grave e serio ao mesmo tempo jamais se esquece o auctor do caracter de que se achava revestido, e não se aproveitando jamais da licença que alias parecia outorgar-lhe a circumstancia da pseudonymia.

Uma das partes mais justamente apreciadas neste romance são os specimens do estylo geralmente usado pelos pregadores de seu tempo de todo contrario á magestade de tão sublime ministerio. Como pregador emerito envergonhava-se de semelhantes aberrações, e desesperado de corrigi-los por meio de prelecções ou exemplos recorreu aos lategos da satyra para arreda-los da falsa e indecorosa vereda.

Este romance que vinha preencher um vacuo na litteratura hespanhola recebeu phenomenal acolhimento a ponto de se venderem num só dia oitocentos exemplares, continuando em progressiva extracção á despeito da violenta opposição que lhe moverão as classes que ahi erão mais severamente flagellados. Como já observamos n'outro lugar notou-se na divulgação d'esta obra o progresso que ia fazendo o espirito philosophico e o decrescente predominio da Inquisição, que viu-se constrangida a recuar perante a opinião publica, clara e manifestamente pronunciada em seu pró.

Mas como incontestavel é o proloquio latino — *gutta cavat lapidem* — encontrou o segundo volume serios embaraços em sua impressão, tendo de ficar por muitos annos manuscripto [1]. No dizer

[1] Este segundo volume foi pela primeira vez impresso em Inglaterra no anno de 1772 per industria d'um fulo Berrette a quem se remettera o original depois da partida do auctor para a Italia, motivada pela suppressão da sua ordem em Hespanha. Posta no Indice dos livros prohibidos só foi licito a sua leitura depois do triumpho das ideias liberaes.

dos viajantes é a *Historia de Frei Gerundio* um dos livros mais populares em Hespanha, onde raro será encontrar um individuo, mediocremente illustrado, que não a conheça a fundo, e lhe faça numerosas e acertadas applicações. Até no epitheto de *Frei Gerundio* dado pelo povo aos máos pregadores reconhece-se vestigio d'essa espirituosa satyra [1].

## HISTORIA

San Filipe (*Marquez de*): — Nascido na ilha de Sardenha nos ultimos annos do seculo XVII passou-se muito moço a Hespanha onde seguiu a parcialidade de D. Philippe V, prestando-lhe relevantes serviços que forão recompensados com varias commissões de confiança e o titulo de marquez, que bem alto o collocava na fidalguia hespanhola. Falleceu em Haya (em 1726) onde desempenhava as funcções d'embaixador junto á republica das Provincias Unidas.

Como provas do seu cultivado talento, ainda em verdes annos, temos um poema em oitavas extrahido do episodio biblico de Tobias, e uma *Historia da monarchia hebraica*, compillada da Biblia e da obra de Josepho, que só veio a lume no anno seguinte ao da sua morte. Erão porem estes preparativos para maior empreza qual foi a dos *Commentarios da guerra de Hespanha e historia de seu rei Phelippe V, o Corajoso, desde o principio do seu reinado até o anno de 1725.*

Curioso será saber-se que esta obra, escripta sob auspicios regios e visivelmente destinada a lisongear os brios do novo monarcha, encontrou suas difficuldades na impressão, sendo o primeiro volume, apenas dado ao prelo, mandado recolher *por ordem regia*!!

[1] Mereceu do distincto critico o snr. D. José Amador de los Rios o seguinte laudo:

« Mais engenhoso do que todos os escriptores do seu tempo, posto que não menos addicto ás doutrinas da nova arte gallo-classica, emprehendeu o padre Isla a reforma da oratoria sagrada, e, tomando diverso caminho do de Mayans, fez menos barulho com mais fructuoso effeito ».

(*Hist. Critica de la Litterat. Espanola* — tom. I. Introducion)

Attribue-se este anomalo proceder ao desejo de condescender com o pedido d'alguns membros influentes da nobreza cuja attitude na ultima guerra não fôra sempre inspirada pela tradicional lealdade castelhana. Só em 1729, e quando já não pertencia o auctor ao numero dos vivos, é que poude ser publicada em Genova a obra completa.

Bem que composta em termos de inequivoca parcialidade em favor dos direitos da casa de Bourbon, participando outrosim d'essa leviandade que caracterisão os trabalhos historicos dos francezes no seculo XVIII, onde o auctor foi principalmente inspirara se, é fóra de duvida que por mais d'um titulo se recommenda á estima e á consulta da posteridade. Devida a uma penna estrangeira, nem sempre está escoimada de modismos contrarios a vernaculidade, mas abstrahindo essa eiva, aliás mui desculpavel, ninguem contestará que sejão os *Commentarios* de summo proveito a quem quizer inteirar-se nos successos d'esse tão importante periodo dos annaes de Hespanha, e tanto mais seguro irá, porquanto o illustre fidalgo italiano foi actor, ou testemunha, da mór parte das occurrencias ahi mencionadas, assignalando-se outrosim pela modestia com que de si falla, e pela competente apreciação dos planos e operações militares, inexplicaveis, ou contradictorios para os que só, de longe seguião o curso dos acontecimentos.

## CRITICA LITTERARIA

Feijoó (*Fr. Bento Jeronymo*): — Nascido em 1676 d'uma familia respeitavel da Galiza, foi por seus pais destinado desde a puericia para a vida ecclesiastica; assim pois, terminados os preliminares estudos, entrou para o convento dos benedictinos de Oviedo, onde professou em 1717. Nesse, outr'ora asylo da sciencia, viveu por espaço de quarenta e sete annos todo entregue as operações do espirito fiando de tempos em tempos ao publico os sasonados fructos de suas leituras e cogitações.

Não era ainda conhecida na litteratura hespanhola essa especialidade denominada critica, ninguem ainda perpassara pelo crysol da escrupulosa analyse o merito e demerito das obras, ninguem ainda investigára as verdadeiras causas de florescimento ou dege-

nerescencia das sciencias, letras e artes. Essa sublime missão, essa suprema magistratura intellectual, destinada estava para Frei Bento Feijoó, cognominado de *Bayle hespanhol*. Intitula-se sua monumental obra — *Theatro Critico* — mais tarde seguido das — *Cartas Eruditas* —.

Sobremodo honroso é para o sabio monge, e para a sua ordem, o commettimento e animação de tão magestosa e proficua obra. Oito tomos da primeira parte sahirão successivamente a luz até o anno de 1739; e de 1742 a 1760 forão apparecendo os cinco volumes da segunda e complementar parte.

Á maneira de Addison em seu *Spectator* arcou Feijoó com as carcomidas doutrinas da velha philosophia aristotelica esforçando-se por fazer triumphar o systema inductivo de Bacon, tão fecundo para as sciencias physicas e mataphysicas [1].

Opulento de sciencia e animado do generoso proposito de faze-la converter em beneficio de seus compatriotas travou lucta com os preconceitos sanccionados pela irracional usança, apontando com extraordinaria coragem, em seu tempo tomada por temeridade, muitos erros e abusões tolerados, e até defendidos pelos que deverião profliga-los. Verdade é que muitas d'essas doutrinas que

[1] Pensamos que o leitor folgará d'achar aqui o juizo que á respeito do erudito Feijoó, formulou um dos mais esclarecidos e judiciosos criticos contemporaneos:

« ..... Levado pelo louvavel instincto do bem acommettia com denodo e lograva pulverisar muitas vezes velhas preoccupações, derribando falsos idolos, cuja adoração causava vergonha ao seculo XVIII, porém si conseguia destruir facilmente com indefessas fadigas rara vez obtinha edificar, porque não erão sufficientes seus bons desejos para triumphar dos insupperaveis obstaculos que separavão as letras hespanholas do seu legitimo tronco, desnaturalisando os nobres sentimentos que em outras eras as havião inspirado. Feijoó passava pelo immenso campo das sciencias como a chamma veloz e scintillante que abraza a superficie do monte, sem que logre consummir as raizes, occultas no fundo da terra, e quando alguma vezes se detinha a contemplar o doloroso estado das lettras, nem se levantava da esphera das formas exteriores, nem deixava de cahir em reprehensiveis contradicções, practicando aquillo mesmo que reprehendia, como ingenuamente confessa tractando da eloquencia sagrada, e o testificão todas as suas obras. »

(*Historia Critica de la Literatura Espanola* por D. José Amador de los Rios Tom. I — Madrid 1861.)

poderião passar por perigosas innovações são hoje axiomas que ninguem de boa fé se anima a contestar, e seus anhelos, ainda os mais arrojados, converterão-se em realidades, e servem de ponto de partida para novas, e quiçá mais gloriosas conquistas da civilisação.

O favor de que gozarão as obras do eminente critico, patenteado no facto de se haverem extrahido quinze edições em meio seculo, é ainda outro abono de melhoramento que ião experimentando as boas letras, patrocinadas pela dynastia franceza, especialmente por D. Carlos III, que mais do que qualquer outro principe, tomou a peito o progresso moral e intellectual do paiz, onde inesperadamente fôra chamado a reinar.

## QUARTO PERIODO (Seculo XVIII-XIX)

O estrepito causado pela queda do throno de S. Luiz, echoou na pacifica residencia d'Aranjuez onde D. Carlos IV occultava aos olhos de seus vassallos a inepcia que o caracterisava. Usava e abusava do nome do fraco monarcha esse Manuel de Godoy, de quem já tantas vezes temos fallado; e um despotismo estupido e tacanho estancava as fontes da prosperidade nacional.

Todos sabem o modo ignobil porque D. Fernando VII apeou do throno a seu pai, que sem a generosa e energica intervenção d'Escoiquiz, lhe reservava quiçá a sorte do desventurado filho de Philippe II. Sabem tambem que d'esse crime, nada aproveitando a seu auctor, datou a intervenção franceza na peninsula, a usurpação de José Bonaparte, e essa luta homerica empenhada entre *guerrilheiros* e os primeiros soldados da Europa, terminada pela expulsão d'estes para além dos Pyreneos. Ninguem ainda se esqueceu como foi recebido D. Fernando VII depois do seu captiveiro de Bayonna, e da moeda com que retribuiu a inexcedivel lealdade dos herdeiros do Cid. Custa a crer que um povo tão brioso como por certo é o hespanhol, se resignasse á estulta governação d'um principe que nos dias aziagos do exilio nada *apprendera* e de *nada se esquecera*.

Não conheceu barreiras a reacção: fanaticos, idiotas e malvados, que se dizião *columnas do throno e do altar*, povoarão os presidios e os carceres com a flor do talento, da sciencia e da virtude, e por pouco que não ateão as fogueiras da Inquisição para dar aos politicos da *sancta alliança* o edificante espectaculo d'*um auto de fé*.

Decrepito aos quarenta e oito annos desceu D Fernando VII ao sepulchro de seus maiores deixando a corôa de Hespanha suspença ao berço d'uma menina de tres annos, e de guarda a esse berço uma joven princeza napolitana, sua quarta esposa. Julgando-se prejudicado em seus direitos de successão, em virtude da lei salica já solemnemente abrogada, hasteou o infante D. Carlos o pendão da revolta que para mais d'um lustro ensanguentou o paiz (de 1833-1839).

Da regencia da rainha D. Maria Christina obrigada (máo grado seu) a lançar-se nos braços do partido liberal, começa verdadeiramente o periodo do renovamento litterario, que pela influencia das novas ideias, e como fructo da emigração e do martyrio, filiou-se á escola romantica, que então campeava em França, Inglaterra e Allemanha.

Peçamos a um eloquente escriptor que a morte acaba d'arrebatar ás letras portuguezas[1] que, a largos traços, nos desenhe essa situação.

« A revolução litteraria, mais tardia do que a revolução politica ha muito que estava gerada, mas detida pelo alvoroço das armas, só depois que ellas se calarão, é que sahiu das entranhas da sociedade. A plebe dos imitadores, prostrada no limiar do antigo templo, não admittia outros exemplos que não fossem os dos auctores do seculo de Luiz XIV e do reinado de Luiz XV, nem outros dogmas senão as regras prescriptas por Horacio e Boileau, acatados como legisladores soberanos e infalliveis. A musa classica, ou mais exacto, a pallida sombra que a substituira, dominava a poesia, acanhando e encurtando cada dia mais os horisontes d'arte.

« Gethe, Schiller, Lessing e Byron, inculcados por uns, e

[1] Quando estas linhas escrevíamos chegou-nos a infausta noticia de haver fallecido em Lisboa a 19 de Setembro de 1871 Luiz Augusto Rebello da Silva, auctor da « *Memoria acerca da Vida e Escriptos de D. Francisco Martinez de la Rosa* » cuja é a citação supra.

repellidos por outros, tinhão já principiado a demolir o pesado edificio d'antiga critica ; mas a sua voz distante ainda não alcançara a auctoridade que depois a confirmou. O nome de Shakspeare começava a ser pronunciado com menos horror apesar da excommunhão fulminada por Voltaire. Os romances de sir Walter Scott erão citados com elogio por alguns innovadores. Emfim Chateaubriand, emigrado, viajante, estadista e poeta, revelára nas paginas inspiradas de seus livros a nova poetica do sentimento christão, alçando a cruz como symbolo, e desterrando as ficções do paganismo como improprias da idealidade da philosophia melancoli ca de uma epocha que a revolução de 1789 abrira ás portas do futuro. »

O romantismo hespanhol, prenunciado nos classicos escriptos de Martinez de la Rosa, encontrou em D. Angelo de Saavedra (duque de Rivas) o lidador esforçado que devera plantar-lhe as tendas sobre as fumegantes ruinas da escola adversa. Nos principaes generos e especies estudemos esse movimento revolucionariamente pacifico.

## POESIA LYRICA E DRAMATICA

Martinez de la Rosa *(D. Francisco)* : — Nascido em Granada a 10 de março de 1787, fez na sua cidade natal todos os estudos que o elevarão bem moço á invejada posição de professor da universidade. Os acontecimentos do anno de 1808 encontrarão-no no exercicio do magisterio, que soube conciliar com o de publicista, redigindo um jornal em que se aconselhava a resistencia aos invasores e encarecia-se a gloria de sustenta-la por mais doloroso que fosse o seu preço. Os espantosos triumphos do primeiro Bonaparte prostrando-lhe aos pés toda a Hespanha obrigarão os inconciliaveis patriotas a buscarem refugio na ilha de Leão. Não lhe consentindo seus poucos annos tomar assento no congresso, reunido em Cadix, utilisou-se do forçado ocio para emprehender uma viagem á Inglaterra, cujas instituições ha muito desejava practicamente estudar. Na capital d'esse paiz publicou um poemeto intitulado — *Saragossa* — e collaborou activamente para um jornal intitulado — *El Espanol* —

Forão estes os preludios para maiores commettimentos, taes como a *Viuva de Padilla*, tragedia patriotica levada á scena em Cadix no

anno de 1812 debaixo d'uma barraca de madeira, e ao ruido do canhoneio do exercito sitiante, cujas ballas sulcavão os ares a cada momento.

Assás conhecido pelas suas convicções liberaes, foi uma das victimas da feroz reacção ordenada por D. Fernando VII; e uma ordem do proprio punho d'esse rei condemnou-o a oito annos de desterro no presidio de Gomera, entre os forçados que expiavão nas galés os seus delictos.

Abriu-lhe as portas da patria o feliz exito da sedição militar capitaneada pelo coronel (depois general) Riego, e no congresso constituinte, convocado em Madrid, tomou assento como representante da poetica Granada. Durante as sessões de 1820-1821 sustentou as opiniões d'um liberalismo moderado que descontentava as parcialidades extremadas, e ao lado do conde de Toreno susteve os impetos dos demagogos e absolutistas.

Annuindo ás reiteradas instancias dos que acreditavão possivel o regimen constitucional no reinado de D. Fernando VII, resignou-se a acceitar a presidencia do conselho de ministros com a clausula expressa que durante o exercicio das suas funcções não receberia a menor graça, ou remuneração pecuniaria.

Cedo capacitou-se Martinez de la Rosa d'absoluta incompatibilidade entre o seu caracter, nobre e leal, e o do monarcha, dominado por uma camarilha inepta e intrigante. O motim de 30 de junho de 1822, occasionado pela guarda real, lançou por terra o edificio constitucional e reergueu o pavoroso alcáçar do despotismo.

Conhecendo que sua presença em Hespanha de nenhum proveito seria para o seu partido tomou o caminho da emigração e percorreu successivamente Italia e França, onde travou conhecimento com as maiores notabilidades da restauração.

Durante sua residencia em Paris concebeu o designio de compor um drama em lingua franceza tirado das chronicas hespanholas. Foi elle o *Ben-Humeia* representado no theatro da Porta de S. Martinho. O publico laureou a peça e cobriu d'applausos o auctor.

Nos vagares que lhe deixava a politica poude limar as poesias, escriptas em verdes annos, de que fez um formoso volume, assim

como elaborou um esplendido trecho de prosa com o titulo de — *Vida de Herman Perez de Pulgar* conhecido pelo epitheto de — *El-de las hazanas.* —

A morte de Fernando VII e a elevação ao throno de D. Izabel II com a regencia da rainha D. Maria Christina inaugurou nova era nos fastos de Hespanha. Tornada inevitavel a ascenção do partido liberal foi lembrado o nome de Martinez de la Rosa para organisador do novo gabinete destinado a debellar a resistencia dos partidarios do infante D. Carlos e assentar sobre as largas bases constitucionaes o vacillante solio da rainha.

Ao ministerio presidido pelo illustre litterato deveu-se a promulgação do *Estatuto Real* (de 10 de Abril de 1834), que continha a maior somma de liberdades e franquezas que nesse tempo julgava-se convirem aos hespanhóes.

Por dois annos (de 1834-1835) conservou-se a frente dos negocios mostrando nos conselhos acrysolada prudencia e nos debates parlamentares eloquencia esmaltada pelas galas do estylo e singular concisão d'argumentos.

Restituido á vida privada nenhum galardão quiz acceitar pelos seus assignalados serviços, e na cadeira de deputado continuou a advogar as doutrinas que como ministro sustentára.

O codigo, redigido pelos melhores politicos de Hespanha, foi dilacerado pelas baionetas num motim condecorado com o pomposo titulo da *revolução da Granja*. Nessa situação de que se aproveitarão os exaltados não existia espaço para Martinez; assim fecharão-lhe o accesso da tribuna parlamentar lançando-o para outra de maiores dimensões, onde pleiteou dia a dia pela causa da ordem e da verdadeira liberdade. A constituição de 1837 pretendeu achar a media proporcional entre o codigo democratico de Cadix e o *Estatuto Real*, accusado de nimio auctoritario.

Mandado a camara dos representantes pelo voto dos seus concidadãos fez opposição regrada, mas consistente, ás theorias que julgava prematuras, ou perniciosas; e os annaes do parlamento d'essa epoca registarão os virentes louros colhidos pelo distincto doutrinario nas acaloradas discussões empenhadas com seus contrarios.

Espartero, conde de Luchana e pouco depois duque da Victoria [1], não satisfeito da gloria que lhe resultava por haver terminado a guerra civil quiz influir indebitamente na direcção dos negocios publicos e constituindo-se chefe do partido, denominado *progressista*, impunha a regente inaceitaveis condições. Chamado a conselho não duvidou Martinez de la Rosa propor a demissão do audacioso caudilho, e d'ahi lhe provierão desgostos e decepções que entenebrecerão o placido horisonte de sua existencia. Com o triumpho da revolução de Barcellona e a exauctoração da rainha-regente suspendeu-se por algum tempo a influencia politica do benemerito estadista, que abraçou o acertado alvitre de transpor os Pyrenéos e de novo pedir á França a hospitalidade que já uma vez apreciára.

A queda do regente Espartero e o seu exilio franquearão-lhe os áditos da patria, que por um momento penetrou, para volver a Paris afim de desempenhar as funcções d'embaixador da rainha D. Izabel II, declarada maior. D'esse honroso posto foi distrahido (em 1844) para occupar o cargo de ministro das relações exteriores no gabinete presidido pelo general Narvaez, (depois duque de Valencia); regressando a capital de França foi logo transferido para Roma onde coube-lhe a honra d'acompanhar o Summo Pontifice em seu exilio de Gaeta.

Deu fim a essa gloriosa missão a entrada para o poder do duque da Victoria, a quem seus amigos prepararão o cruel desengano da sua capacidade politica no ultimo ministerio por elle presidido (1854).

Jamais recusando seu concurso ás exigencias de amigos encarregou-se da pasta dos negocios estrangeiros no gabinete Armino, e quando substituido pelo de Isturiz prestou-lhe todo o apoio de sua palavra e conselhos. Não os recusou tão pouco ao ministerio que teve por chefe o general O'Donnel (depois duque de Tetuão) que inaugurou a situação appellidadas — *união liberal*.

Na agitadissima alternativa das cadeiras ministeriaes para os

[1] Elevado posteriormente a dignidade de principe de Vergara pelo rei D. Amadeu.

bancos parlamentares escoarão-se-lhe os dias até o anno de 1857, em que exhalou o ultimo suspiro (a 7 de Fevereiro) fortalecido pelos soccorros espirituaes, e no meio da magoa de todos os bons hespanhóes.

Demos maior amplitude a biographia de D. Francisco Martinez de la Rosa porque contem ella o epilogo dos successos politicos dos hespanhóes e explica essa transformação rapida e completa que teremos d'assignalar em sua modernissima litteratura.

Como poeta marca elle um periodo de transição, uma especie de *mediador plastico* entre a escola classica, cuja suprema perfeição de forma admirava, e as innovações romanticas, da qual respeitava o elemento nativo em suas composições, altamente patrioticas. Folheem-se as suas poesias lyricas, e ver-se-ha que algumas d'ellas, v. g. *Espigadera*, *Nina Dolorida*, *Guerra d'Amor* parecem illuminadas pelos raios do sol d'Athenas, ou de Roma, que tantos prodigios viu nascer. O *Recuerdo de la Patria*, a *Alhambra*, a *Cancion del Cativo*, *La Tormenta*, e *La Vuelta a Patria* respirão a sensibilidade da escola moderna, e participão da brilhante inspiração de Byron, Victor Hugo e Lamartine. No dythirambo á Saragossa inflama-se o amor da patria com a dolorosa imagem do sacrificio consummado, o verso eleva-se, inspira-se, e repete accentos dignos da magestade da antiga epopéa.

O eclectismo de Martinez de la Rosa ainda mais patenteou-se no drama, estatua nova vasada nos antigos moldes. A *Viuva de Padilla* foi, como já vimos, o primeiro ensaio da victoria do poeta, que nella legou-nos uma tragedia concisa n'acção, vigorosa no colorido, que recorda o buril d'Alfieri. A *Moraima*, composta seis annos depois, abona os progressos que nessa dificillima senda fizera o auctor, de longe seguindo os passos de Shakspeare, e, como elle, pedindo aos annaes patrios argumentos para seus escriptos. A *Conspiração de Veneza* é a cupula do seu templo dramatico. Sua clara e concisa exposição inicia sem violencia o espectador nos segredos da trama, e os effeitos scenicos, graduados com summa mestria, mantem suspensas a commoção e a curiosidade. Sem romper inteiramente com as tradições classicas pertence este drama á escola romantica, e testemunha o despreocupado esforço com que o auctor buscava o bello onde quer que se fosse refugiar.

Na patria de Lope de Vega e Tirso de Molina todos os dramaturgos fazem comedias; e o nosso auctor compoz algumas de subido quilate, especialmente as que se classificão na especie denominada pelos francezes — *comedies politiques*. — Essencialmente locaes só podem-lhe apreciar o espirito, ou o *salero*, como se diz em Hespanha, aquelles cujos primeiros balbucios forão no idioma de Cervantes.

Saavedra (*Angelo de — duque de Rivas*): — Nascido em Cordova em 1791 fez seus estudos preliminares no seminario dos nobres de Madrid e entrou para o serviço militar na idade de dezeseis annos. Gravemente ferido na batalha d'Ocana foi feito prisioneiro, e conseguindo evadir-se para Gibraltar passou-se a Cadix onde continuando a militar contra os francezes recebeu successivamente os postos de capitão até tenente coronel chefe do estado maior d'uma das divisões de reserva. Terminada a guerra obteve reforma na patente de coronel e foi estabelecer-se em Sevilha. Assás conhecido pelas suas ideias progressistas recebeu o mandato de deputado pela sua cidade natal ao congresso constituinte de 1820, na qual desempenhou as funcções de secretario. Obrigou-o a contra-revolução a mendigar refugio em Inglaterra, d'onde transferiu-se com sua familia para Italia, passando pelo desgosto de ver embargada a sua viagem pelos governos de Roma e Toscana, procedimento este mais tarde imitado pelo governo francez, que vedou-lhe a residencia em Paris. Afim de grangear o pão quotidiano viu-se na dura necessidade de leccionar desenho em Orleans, até que a annistia de 1834 lhe franqueasse o regresso á patria. Pela morte de seu irmão primogenito (1835) herdou o titulo de duque de Rivas, e tomando assento na camara dos pares alistou-se nas fileiras do partido moderado, incumbindo-se no ministerio Isturiz (1836) da pasta do interior. Por occasião da *revolução da Granja* tomou de novo o caminho do exilio, onde conservou-se todo o tempo da regencia d'Espartero. Em 1843 foi nomeado embaixador d'Hespanha em Napoles cuja côrte abandonou por motivo do casamento d'uma de suas princezas com o conde de Montemolim. De volta a Madrid fez parte do famoso ministerio das *quarenta horas* que mallogrou a liga dos generaes O'Donnel e Espartero. Desgostoso da situação politica conservou-se arredado

dos negocios por algum tempo até ser mandado a Paris representar a Hespanha recebendo em recompensa d'essa condescendencia o honroso titulo de presidente do conselho d'estado (1863). Os ultimos acontecimentos que pozerão termo ao reinado de D. Izabel e elevarão ao throno a dynastia de Saboya, encontrarão-no velho e desanimado buscando no socego domestico compensação dos attribulados dias da juventude.

Foi o duque de Rivas para a litteratura hespanhola o que Victor Hugo fôra para a franceza; o revolucionario por excellencia, o inaugurador da escola romantica. Diz-se que em sua volta do primeiro desterro, tanto por inspiração propria, como por conselho d'Alcalá Galliano e do cavalheiro inglez Frère, rompera com a escola classica, ideiando nova litteratura baseada nas riminiscencias nacionaes. A obra mais notavel do illustre poeta, que pode ser simultaneamente classificada nos generos lyrico e epico, é a denominada — *El Moro Exposito* — que vêio á luz em Paris no anno de 1844, merecendo os maiores encomios de competentes e imparciaes contrastes. Marca esse poema a transição d'antiga para a nova epopéa, que só pode existir retemperando-se nos mananciaes lyricos, e deixa bem accentuada a modificação soffrida nas ideas do auctor desde a publicação de *Florinda*, ou a *Conquista de Granada*.

Como todos os grandes reformadores dirigiu suas vistas para o theatro, e querendo imprimir-lhe o cunho, essencialmente romantico, compoz — *Dom Alvaro*, ou *la fureza del sino*, — considerado como um dos maiores primores da scena hespanhola.

Alguns outros dramas (como as *Consolações d'um prisioneiro*, a *Mourisca d'Alajuar*) varias comedias, romances historicos: uma *Historia da sublevação de Napoles*, formão o thesouro litterario do preclaro fidalgo, reverenciado como patriarcha do romantismo hespanhol.

Espronceda (*José de*): — Nascido em Almendralejo (Extremadura) no anno de 1808 e fallecido em 1842. Desde a idade de quatorze annos revelou singular talento poetico, e em verdes annos soffreu os rigores do exilio por suspeito de pertencer a sociedades secretas. Viveu em Londres e Paris dos recursos proporcionados pelo magisterio, e nesta ultima cidade foi visto combater nas barricadas de

julho de 1830. Em Hespanha, para onde tornou em 1833, envolveu-se em todas as questões politicas, sendo escolhido para desarmar o conde de las Novas, que se revoltára n'Andalusia (1836). Em remuneração d'esse importantissimo serviço, derão-lhe o emprego de secretario da legação hespanhola em Haya (1840): não nos constando se fallecera nessa capital, ou si já de regresso á patria.

A mais justamente celebre das obras d'Espronceda é a que tem por titulo — *El Diablo Mundo* — poema inacabado no qual pretendo fundir o *Fausto* de Goethe com o *Manfredo* de lord Byron. Era tambem notavel romancista; e d'elle temos o *Estudante de Salamanca*, imitação do *D. Juan*, do supracitado Byron, e o *Dom Sancho Saldanha*, que passa por um dos mais primorosos da contemporanea litteratura.

Fallando d'este poeta eis como se exprime um critico hespanhol, occulto sob o pseudonymo de *Silvio Silvis*.

« Espronceda é o poeta romantico por excellencia, e nunca houve na Hespanha poeta romantico tão grande como elle. Espronceda, sem a affectação de Herrera, o brio de Quintana, a ternura que falta a Zorrilla, a philosophia profunda de que carece o duque de Rivas, tem a magestade e a pompa das suas palavras. Em Hespanha Espronceda não tem igual; e entre os poetas modernos estrangeiros só o igualão Goethe, Byron e Leopardi [1]. »

Zorrilla e Moral (*D. José*): — Nascido em Valladolid em 1817 fez seus estudos no seminario dos nobres de Madrid, findo os quaes foi mandado viajar para aperfeiçoar-se nesses mesmos estudos. Para condescender com a vontade paterna matriculou-se no curso de direito da universidade de Toledo, e conseguindo formar-se começou sua carreira por um emprego subalterno de magistratura na propria cidade onde nascera. Attrahia-o porem a poesia e para obedecer-lhe os impulsos encaminhou-se á Madrid, onde chegou quando ahi se celebravão com grande pompa os funeraes do abalisado jornalista Larra. Uma brilhante poesia, inspirada por esse acontecimento, adquiriu-lhe a estima e o valimento dos vultos mais

[1] *Revista Popular* tomo I.

proeminentes das letras e da politica. Iniciado nos mysterios do jornalismo conquistou bem depressa distincto lugar, parece porem que a inconstancia do seu caracter alheava-lhe sympathias e obrigava-o a constantantes peregrinações por França, Inglaterra e Belgica, até que resolveu passar-se a America, onde não sabemos se ainda vive.

Zorrilla é um dos mais extrenuos campeões do romantismo hespanhol, e em todas as suas obras visivel é o esforço que emprega para adaptar as novas theorias dos poetas franceses, sobre tudo as de Chateaubriand, ás tradições da velha poesia castelhana, symbolisadas em Calderon. Seus *Cantos do Trovador*, ou collecção de legendas e tradições historicas, estampadas em Madrid nos annos de 1840-1841, grangearão-lhe solida e esplendida reputação. Seguirão-se-lhes as *Folhas Perdidas* (1843) e o poema *Granada* (1853-1854) aquilatado pelos criticos como a mais succulenta e imaginosa de todas as suas obras.

Á guisa de seus predecessores aspirou os fóros de dramaturgo, mas suas comedias, festejadas em sua apparição, vão perdendo gradualmente de valor, indicio certo de que não era esta a sua vocação.

Gutierrez (*Garcia*)—Á cerca d'este tão popular dramaturgo escassas são as noticias que podemos colher. Apenas sabemos que nascera no anno de 1815, e que sendo recrutado fizera a guerra contra D. Carlos d'escopeta ao hombro. No ocio dos arraiaes achou tempo de escrever um drama (o *Trovador*) que, sendo representado no theatro do *Principe*, proporcionou-lhe meios de alcançar um substituto. Cumpre porem observar que a maior popularidade d'essa peça lhe veio de have-la escolhido Verdi para o *libreto* d'uma das suas brilhantes *partituras* que tem feito o gyro do mundo civilisado. Escreveu ainda Gutierrez alguns dramas, acolhidos com summo favor, distinguindo-se entre elles o *Pagem*, o *Rei Monge*, e a *Magdalena*.

Ayala (*D. Abelardo Lopes de*): — Nascido nos arredores de Sevilha no anno 1829 frequentou as aulas primarias e secundarias de sua cidade natal inscrevendo-se mais tarde entre os alumnos da universidade. Parece porem que cultivava mais a poesia e o ro-

mance do que versava os compendios; devendo a sua presença d'espirito e a benevolencia dos examinadores o não ser reprovado no exame do bacharelado. A estreita amizade que travou com Gutierrez decidiu-o a partir para Madrid (1849) levando em sua malla uma chistosa comedia nomeada — *O Homem d'Estado.* Levada ao palco do *Theatro Hespanhol* foi affectuosamente recebida, tendo-se em attenção a extrema juventude do auctor, o qual animado por esse exito consagrou-se de coração a litteratura dramatica. Eleito deputado pela cidade de Mérida avantajou-se na tribuna parlamentar, e no intervallo das sessões occupou-se em percorrer varias provincias d'Hespanha, ladeado de seu amigo e insigne compositor D. João Arieta, em procura de lendas e toadas populares, que cada um d'elles aproveitava conforme suas proprias inclinações e estudos. No primeiro ministerio do rei D. Amadeu I occupou a pasta dos negocios do ultramar.

Conhecidos e geralmente apreciados são as duas comedias de Ayala que tem por titulo *Telhado de Vidro* e *Tantos por cento,* vasada nos moldes de Ponsard e Dumas Filho. Um viajante francez, que na epocha da representação da ultima d'essas comedias achava-se em Madrid, escreveu a tal respeito as seguintes mui conceituosas palavras:

« Diverte, commove, interessa, agrada ao espirito e satisfaz ao coração. Provocou numerosas criticas e algumas bem merecidas: obteve encomiasticos elogios que nem todos se dirigião unicamente ao auctor. Está repleta de bons ditos, alguns dos quaes sentenciosos, tocantes tiradas, engenhosas respostas, e graciosos pormenores. Alguem lhe desejaria mais firmeza no estylo, mas é essa questão de gosto, de que só os hespanhóes podem ser juizes; e como a applaudirão estes pode-se crer que merito real lhe assiste. [1] »

[1] A. DE LATOUR—*Etudes Litteraires sur l'Espagne Contemporaine*—Paris 1864.

## ROMANCE

Fernan-Caballero (pseudonymo de D. *Cecilia Bohl d'Arron*). Esta illustre romancista é filha d'um negociante hanburguez, domiciliado em Cadix onde exerceu por muito tempo o cargo de consul de sua patria. Casou-se em primeiras nupcias com o marquez d'Arco Hermoso e em segundas com D. Antonio d'Arron consul d'Hespanha na Australia. Nos ultimos annos do reinado de D. Izabel II recebeu d'ella a nobre e difficil incumbencia de dirigir a educação d'uma de suas filhas, sendo para isso aposentada no alcaçar regio de Sevilha. Não nos consta qual seja hoje o lugar de sua residencia nem as relações em que se acha com o novo governo, oriundo da revolução de setembro de 1868.

Sob o disfarce de *Fernan Caballero* escreveu uma serie de romances, enthusiasticamente recebidos pelo publico, que os attribuiu ás primeiras pennas, as quaes declinando a auctoria, confessarão que o fazião por amor da verdade julgando-se porém mui honrados por semelhante hypothese.

Da colleção de seus romances, que formão quinze volumes, destacão-se a *Gaviota* e *Clemencia*, notaveis pela sua extrema variedade. O primeiro é a historia da filha d'um simples pescador que, dotada pela natureza d'uma voz magnifica, e arremessada por seus adoradores ao torvelinho das grandes cidades, entrega-se aos vicios e instinctos vulgares e só acha paradeiro na miseria e no desprezo geraes. Desenhado com extremo vigor desenvolve se esse caracter no meio dos varios accidentes da vida andaluza. Grupando-se em torno da figura principal e illuminada pelo seu energico reflexo move-se uma multidão de typos diversos, desde o grande d'Hespanha até o *torero*, e desde o velho soldado que, orgulhosamente se adorna com os andrajos do uniforme, até o pobre monge que a revolução expulsou do seu convento e a quem a caridade privada fornece o pão diario. Em *Clemencia* predominão a natureza e a paisagem d'Andaluzia. Á indolente existencia d'uma fidalga

oppõe a auctora a vida activa e generosa do rico lavrador cujo espirito se revela no feliz emprego d'um bom dito e cuja graça reside antes na imagem do que no pensamento.

O merito caracteristico de *Fernan Caballero* é o da observação; vê muito, observa muito, e retem sem esforço: vem depois o sentimento moral, a paixão interna da côr e vida ao que viu, observou e reteve. Houve quem num imprudente parallelo a quizesse collocar ácima de *George Sand*; com singular modestia e acrysolado bom senso regeitou a eximia escriptora insensatas louvaminhas e reclamou para seus romances o titulo de quadros de costumes e tradições nacionaes, que a posteridade por certo lhe confirmará.

Trueba e la Quintana (*Antonio de*): — Nascido em Sopuerta (Biscaya) em 1821 d'uma familia de camponezes, na qual conservou-se até a idade de quinze annos, em que foi levado por um dos seus parentes a Madrid e empregado no commercio. Nos curtos intervallos que lhe deixavão seus penosos deveres entregava-se á assiduas leituras e serios estudos que lhe permittirão mais tarde frequentar os cursos universatarios. Aos vinte e seis annos deu-se á vida de jornalista colloborando para differentes periodicos e revistas. Fez-se conhecido por um volume de poesias com o titulo de *Livro de los cantares* que teve numerosas e successivas edições, sendo traduzido para os idiomas francez, italiano, e allemão. A popularidade d'essas canções valerão-lhe a antonomasia de *Beranger hespanhol*.

É porém como romancista que mais se avantaja Trueba. Seus *Contos côr de rosa*, os *Campesinos* e os dos *Vivos e mortos* tiverão uma acceitação de que se estava deshabituado em Hespanha, e firmarão para o auctor o renome de *primeiro narrador*, habil photographo das usanças populares, com especialidade das de Biscaya que mais particularmente se tem esforçado por fazer conhecidas. Escreveu tambem (posto que com menor exito) dois romances historiscos o *Cid Campeador* e as *Filhas do Cid*.

Na dedicatoria, feita a sua mulher, dos *Contos côr de rosa* leêm-se estas tão singelas como tocantes palavaras.

« Chamo-os *Contos côr de rosa* porque são o verso da medalha d'essa litteratura detestavel que compraz-se de pintar o mundo como

um deserto sem limites, onde não cresce uma flor, e a vida como uma noite perpetua que nenhuma estrella illumina. [1] »

## HISTORIA

Este importante ramo dos conhecimentos humanos conta hoje em Hespanha grande numero de primorosos cultores; e si d'entre estes podessemos fazer selecção citariamos os nome de D. Modesto Lafuente e D. Antonio Cavanilles.

D. Modesto Lafuente concebeu o gigantesco plano d'uma *Historia Geral de Hespanha* desde os tempos primitivos até os contemporaneos, e poz ao serviço d'esse plano tudo o que o talento, e a sciencia podião ministrar-lhe. Commungando porém os principios nimio progressistas mostra-se algumas vezes parcial pela moderna civilisação, a cujos triumphos sacrifica as reliquias venerandas do passado. D'esse modo de ver e comprehender as cousas afasta-se Cavanilles guardando para com o passado alguma parte d'essa sympathia que nos faz comprehender o que ha d'essencialmente nacional ainda nas superstições e preconceitos. Releva comtudo observar que d'essa mesma sympathia nada resulta em damno da lealdade dos seus juizos, nem da perspicuidade de suas apreciações.

Explicando a maneira porque pretendia escrever sua obra assim se exprime:

« Nossos historiadores geraes, apezar do seu grande merito e raros dotes, escreverão com differente plano e caminharão por diverso rumo; e como os factos cada dia se depurão, e a critica é cada vez mais severa, faz-se preciso variar de proposito, e escrever não um compendio mas sim um livro de historia. Os assumptos historicos, como as estatuas, podem ser vistas por muitas faces, e ainda não se disse, e provavelmente nunca se dirá, a ultima palavra sobre tão importante materia [2]. »

[1] *Cuentos de color de rosa* — Madrid — 1859.

[2] *Historia de Espana* — Madrid 1860 — *Prologo*

## CRITICA LITTERARIA

Inaugurada por Quintana nas suas *Variedades de sciencias, letras e bellas artes*, e desenvolvida na serie de *Biographias dos Hespanhóes Celebres*, bem como nas luminosas notas e commentarios com que enriqueceu a *Collecção de poesias hespanholas desde João de Mena até nossos dias*, achou em Mariano de Larra genuino interprete, que mais do que qualquer outro contribuiu para a propagação d'um estudo até então desprezado, ou confundido com o detestavel vicio da maledicencia. No *Figaro*, repositorio d'artigos dramaticos, litterarios, politicos e humoristicos, deu carta de cidade a uma especie nova que em França começava a tomar vastas proporções, assumindo lenta e gradualmente a dictadura do gosto. Queremos fallar do *Folhetim*, de que Larra foi a mais brilhante personnificação, deixando sua prematura morte (aos vinte e oito annos) uma lacuna difficilima de preencher. Reconhecido e confessado é ter sido elle um dos mais fervorosos e intelligentes apostolos da revolução litteraria, que empenhava-se em conciliar a originalidade hespanhola com a imitação franceza.

D. José Amador de los Rios, decano da faculdade de philosophia e letras da universidade de Madrid, occupa-se em escrever a *Historia Critica da Litteratura Hespanhola* dividida em quinze volumes, cujo ultimo será consagrado a procurar no novo mundo as inspirações da musa castelhana, bem como ao consciencioso exame das alterações porque a lingua dos conquistadores tem soffrido quando articulada pelos labios de seus descendentes. É um vasto e glorioso commettimento por cujo bom resultado formamos ardentes e sinceros votos, convencido de que com isso muito lucrarão as proprias letras portuguezas.

## ELOQUENCIA

A tribuna parlamentar, erguida no meio das commoções politicas porque tem passado a Hespanha no decurso do seculo XIX, encontrou nesse povo de palavra facil e colorida muitos e preclaros representantes. Desde as côrtes constituintes reunidas em Cadix, até o ultimo congresso de Madrid, que redigiu o novo pacto constitucional por cuja virtude reina hoje a dynastia de Saboya [1] eminentes oradores hão illustrado o scenario, onde outr'ora, em bem diversa escala, se mostravão os asceticos vultos de Fr. Luiz de León, Fr. Luiz de Granada e S. Pedro d'Alcantara.

O conde de Toreno, Martinez de la Rosa, Alcalá Galiano, Gonzales Brabo, Candido Nocedal, Olósaga (Salustiano) Emilio Castellar, Ruiz Zorilla, Pi y Margal, Figueiras, Orense, o conego Manterola, Martos e tantos outros, cujos nomes longo seria enumerar, elevarão a eloquencia hespanhola ao fastigio da gloria, nada tendo le invejar dos outros povos neo-latinos.

Fallando de D. Salustiano Olósaga eis como se exprime um talentoso jornalista portuguez: « As qualidades do sr. Olosaga revelão-se na physionomia, principalmente quando descerra os labios, se anima, se lhe illumina a fronte, e com voz potente mas suave leva a todos os animos o convencimento de que as grandes virtudes podem felizmente viver alliadas com o grande talento [1]. »

[1] Quando escreviamos este capitulo longe estavamos de suppor que muito breve (11 de Fevereiro de 1873) teria d'abdicar a corôa de Hespanha o cavalheiroso principe D. Amadeu de Saboya sendo proclamada a forma republicana e instaurado um governo provisorio cujo chefe foi o famoso tribuno Figueiras, occupando a pasta dos negocios estrangeiros o celebre orador Castellar. (Março de 1873).

[1] O snr. J. M. Pereira Rodrigues — *Uma Visita a Madrid*—Lisboa — 1871.

Outro distincto escriptor portuguez (o sr. M. Pinheiro Chagas) aprecia nestes termos o maior vulto da eloquencia politica da moderna Hespanha.

« Emilio Castellar é a expressão mais vehemente neste seculo do espirito hespanhol, tal como o tentamos fazer comprehender. A sua eloquencia não convence como a de Mirabeau, não persuade como a de Lamartine, arrasta. Cada um dos seus artigos, cada um dos seus discursos é um verdadeiro delirio d'enthusiasmo. A harmonia do periodo, o colorido opulentissimo da phrase, tudo nelle é espontaneo. Sente-se que não é um pintor que está dispondo as tintas, um musico que está afinando a lyra; é uma lyra elle mesmo, suspensa da ramaria, e esperando que lhe beije as cordas a brisa da inspiração: é um d'esses magnificos passaros d'America de plumagem esplendida, que abre as azas e ascende para o sol que o enleva, e vemo-lo subir rapido, rapido, na atmosphera transparente; inunda-o o esplendor do sol, e o vario matiz das pennas scintilla mostrando diversos cambiantes, a medida que o sol põe em relevo ou a purpura da gargantilha, ou a azulada tunica d'estas plumas, ou o oiro vivissimo d'aquellas, e sobe, sobe sempre, soltando gritos d'enthusiasmo, e deixando nos ares como que um rasto d'esplendor; e nós não nos fatigamos de o contemplar, como elle se não fatiga d'ascender, porque essa plumagem que nos deslumbra é a phantasia, e o sol que o doira é o sol das grandes ideias [1]. »

[1] *Archivo Pittoresco* — Volume VIII 1865

# APPENDICE

## LITTERATURA HISPANO-AMERICANA

Si a litteratura é, como pretendia de Bonald, a genuina expressão da sociedade, pode-se afoitamente affirmar que nenhum dos povos d'America possue originalidade em litteratura; porquanto a sua sociedade não é mais do que um reflexo da da Europa. No rapido bosquejo que temos feito das litteraturas d'essa região ficou claramente demonstrado que nenhuma das nações em que ella se subdivide póde reclamar a patente de invenção recebendo uma das outras o germen de suas repectivas litteraturas; assim, para fallar mais particularmente da Hespanha vimos que da imitação italiana, caracteristica do seculo de Carlos V, passou á franceza quando á dynastia bourbonica confiou a suprema direcção dos seus destinos. Ainda hoje reconhecido e confessado é que inspira-se em tendencias peregrinas a escola cujos mais afamados representantes acabamos d'enumerar: o duque de Rivas, Espronceda e Zorrilla beberão inspirações nas obras de Goethe, Byron, e Victor Hugo.

O que só poderia imprimir o cunho da originalidade na litteratura hispano-americana seria o assumpto: si seus poetas e prosadores se occupassem especialmente da descripção das naturaes bellezas, da narrativa das suas lendas e tradições, da pintura dos seus usos e costumes, e finalmente da gloriosa reminiscencia da heroica lucta pela independencia nacional: infelizmente porem são ainda bem poucos os escriptores que tenhão comprehendido a litteratura debaixo d'este ponto de vista.

Sobre tão importante, como delicado assumpto, importa que ao

nosso mesquinho juizo anteponhamos ao d'um illustrado critico neo-granadino, que numa mui apreciada obra assim se exprime.

« Temos é certo dramas recommendaveis, como os d'Alarcon, Gorostiza, Real d'Azua, Garcia Quevedo; completos quadros de costumes, cheios de fina satyra e chistoso engenho, como a farça das *Convulsões* de Vargas Tejada; pinturas fieis d'alguns caracteres americanos, como os que nos representão em suas bellissimas poesias Hidalgo, Azcasubi, Magarinos Cervantes; cantos sentidissimos e philosophicos como os de Madrid; odes magnificas descrevendo os esplendores e galas do nosso solo nas quaes campeão o verso harmonioso, a linguagem castiça, as imagens felizes, como as de Bello; a sublimidade do sentimento e a philosophia em verso como nas poesias de Caro, a expressão da ternura e da melancolia, o grito d'alma na orphandade como nas bellissimas estrophes de Lazano e de Maitin; cantos enthusiasticos em honra dos nossos heroes e suas assombrosas façanhas no tempo da nossa guerra gigantesca, como as que nos legou Olmedo; vehementes objurgatorias contra os tyrannos, como as de Marmol contra Rosas, de Arboleda contra López e Oblando. Em varias composições revelou-se o genio americano, como nas de Ortiz, Perez Narvaez, Pombo, Gutierrez, Gonzalez, etc, etc, em geral porem a nossa litteratura é imitadora, e desgraçadamente mais franceza do que de qualquer outra procedencia [1]. »

Á este tão imparcial, como auctorisado voto, podemos addir outro não menos competente do mais fecundo dos oradores de que se orgulha a hodierna Hespanha. Comprehendem os leitores que alludimos a D. Emilio Castellar, que no erudito prologo á obra que acabamos d'extractar serviu-se d'estas eloquentes palavras:

« A litteratura hespanhola d'estes ultimos tempos se distingue pela perfeição admiravel da fórma, belleza de linguagem e sonoridade do verso. Selgas inquestionavelmente é um grande poeta lyrico,

[1] J. M. Torres e Caicedo — *Ensayos Biograficos y de Critica Literaria sobre los principales poetas y literatos hispano-americanos*—Paris—1863-1868.

Ayala indubitavelmente um grande poeta dramatico. Mas tambem distingue-se a litteratura contemporanea por seu sacrilego divorcio com o espirito do seculo, com a causa da liberdade. Já não pode escrever Quintana, que com tanta fidelidade representava a fé politica e philosophica do seculo passado; já não pode escrever Espronceda, que tão bem representava a duvida religiosa e moral do nosso seculo: Zorilla, apezar da inspiração sempre juvenil do seu inexgotavel estro, Zorilla, dotado d'um genio poetico sem rival, assemelha-se com as suas priscas e candidas legendas a um espectro á vagar sobre as ruinas dos nossos mosteiros: é tão estranha a sua musa aos nossos tempos como estranho era á democracia americana o imperio de que Zorilla acreditou-se poeta, resuscitando tristes praticas dos tempos que já lá se forão.

« No meio dessa paralysia do espirito hespanhol vem os livros do sr. Torres e Caicedo trazer-lhe mui opportunamente a electricidade que existe nas tempestades americanas, a exuberancia de vida do Novo-Mundo. Esses poetas d'America distinguem-se essencialmente por qualidades oppostas ás dos poetas hespanhóes. São, por via de regra, incorrectos na fórma, descuidosos na linguagem, mas em compensação possuem um pensar de inspiração, uma grandeza de idéas, um accento de liberdade, tão sublimes aspirações do porvir, que revelão logo á primeira vista a educação que receberão nessas noveis republicas, legitimas filhas do seculo XIX. Unir as idéas dos americanos, o arrojo de suas gigantescas inspirações, á esmerada fama dos escriptores hespanhóes seria quasi uma revolução esthetica. »

A parte descriptiva, que, como ponderamos, deverá ser um dos caracteristicos da litteratura hispano-americana, foi exagerada nas composições de seus poetas e romancistas; confundirão o accessorio com o proprio assumpto; restringirão a téla para dar maiores proporções ás molduras. Os echos repercutidos pelas veigas e quebradas, as vozes do deserto, o murmurio das aguas, o sussurro das brisas, o canto das aves, os albores das manhãs, o doce crepusculo das tardes, etc., repetem-se incessantemente em suas paginas, onde a cada passo é sacrificada a *subjectividade* aos caprichos da *objectividade*, para nos servirmos d'estes neologismos, introduzidos pela escola allemã.

Mas o que são essas ligeiras manchas no luminoso disco de tão brilhante litteratura?

« *Ubi plura nitent in carmine, non ego paucis*
*Offendar maculis* . . . . . [1] »

Descortinando os horisontes do futuro tirou-lhe o sr. Torres e Caicedo este auspicioso horoscopo, que oxalá se realise:

« Hoje que o engenho humano, por meio das sciencias naturaes, realisa os sonhos orientaes do poeta das *Mil e Uma Noites*, quando a locomotiva das vias ferreas, ou a machina dos palacios fluctuantes realisa a ficção do famoso tapete que transportava os homens d'umas regiões para outras; o telegrapho electrico é o oculo com que se podem avisinhar prodigiosas distancias, cumpre que a litteratura constitua-se a alavanca que preste impulso á humanidade em seu progressivo caminhar e é isto o que está reservado á America si por ventura quizer possuir uma litteratura que propria lhe seja [1]. »

Não nos consente a estreiteza da tela em que laboramos o analysar os escriptos dos prosadores e poetas d'America Hespanhola: nem as poucas noções que possuimos, habilitar-nos-hião para largos emprehendimentos. Oriundos da mesma raça, professando a mesma religião, fallando quasi a mesma lingua, hespanhóes e portuguezes, assim como seus descendentes transathlanticos, se desconhecem quasi que inteiramente, resultando d'essa culposa ignorancia inveterado odio, senão mutuo desprezo.

Entre os poetas que se pode denominar da *escola classica*, occupa o primeiro lugar FREI MANUEL DE NAVARRETE, nascido em 1768 na villa de Zamora pertencente ao antigo vice-reino do Mexico. As poesias d'esse virtuoso franciscano forão pela vez primeira publicadas no *Diario do Mexico* no anno de 1805, sob o véo do anonymo, mas desde logo grangearão grandes applausos dos contemporaneos, applausos que a posteridade tem confirmado, dando o devido desconto ás profundas modificações porque hão passado as ideias. A sua

[1] HORATIUS — *Epistola ad Pisones.*

[1] *Ensayos biographicos y de Critica Literaria* — tom I — Serie 1.

poesia intitulada — *A Manhã* — é notavel pela fluidez da versificação e vivo colorido das imagens. N'outra que denominou — *A Immortalidade* — observa-se a mesma limpidez nos metros, a mesma elevação nos sentimentos e o mesmo delicado matiz nas palavras. Espirito sublime, coração sensivel e puro, dotado de fundas crenças sabe remontar-se acima das miserias terrenas contemplando arrobado o Summo Bem, a perfeição infinita, expressa em seus versos o anhelo de que se acha possuido por quebrar o fragil vaso da vida mundana, e ir abysmar-se na visão beatifica. Como facil é de comprehender predomina nessa poesia um mysticismo, ou antes ascetismo, que nos faz recordar da poetisa do Carmelo (S. Thereza).

Bello (*D. André*): — é de tal modo popular que difficil será encontrar um unico individuo que o desconheça, havendo mesmo quem o qualifique de *principe dos poetas latino-americanos*.

Sua *Ode a Divina Poesia* que viu a luz da imprensa na cidade de Londres no anno de 1823, é resplendente d'enthusiasmo patriotico e opulenta de bellezas locaes. Nem menos bella é a que tem por titulo *A Agricultura da Zona Tórrida*, na qual enumerando todos os bens que Deus espargiu n'America convida seus naturaes á paz e á concordia.

Grande admirador de Victor Hugo seguiu-lhe Bello as pégadas em quasi todas as suas odes, visivelmente inspiradas pelas *Orientaes* do eximio bardo francez. Algumas vezes foi beber inspirações em outras fontes, como por exemplo na lindissima composição a que deu o nome de *Duendes*, onde faceis são d'encontrar reminiscencias das assiduas leituras de Goethe.

Olmedo (*D. José Joaquim*) é o poeta patriota, o Tyrteo peruano, que tão brilhantemente soube associar seu nome ao das gloriosas jornadas de Ayacucho. Fallando d'este poeta eis como se exprimia um atilado critico no *Correio do Ultramar:*

«Tudo nelle é pensado: todas as suas producções levão o sello visivel da lima; —Olmedo é o que se chama um poeta verdadeiramente classico; tem mais habilidade do que inspiração, mais sciencia do que paixão...»

Arboleda (*D. Julio*) adquiriu justa nomeada como satyrico, e fez-se respeitado pela agilidade com que maneja o epigramma, e

rapidez com que repelle a aggressão ferindo o adversario com as hervadas setas do ridiculo. Entranhado é o amor que professa a seu paiz natal (Nova-Granada), em cujo prol tem sacrificado as mais puras e sanctas affeições, submettendo-se a todo o genero de sacrificios.

D'esse entranhado amor patrio deu exuberante prova compondo em atribuladas horas um magestoso poema denominado — *Gonçalo de Oyon* — cujo argumento fornecerão-lhe as dramaticas aventuras dos irmãos Pizarros. Pode-se dizer de Arboleda o que alguem disse de Dante: — «é um homem completo, á guisa dos escriptores d'antiguidade: n'uma mão empunha a espada e n'outra a penna; é politico, diplomatico e grande poeta. Nada lhe tem faltado: nem lagrimas, nem fomes, nem desterros, nem amores, nem triumphos e glorias, e até mesmo — certas fraquezas —. »

Mármol (*D. José*). Nas ridentes margens do Prata viu a luz do dia este illustre poeta por cuja prematura morte ainda hoje pranteão as letras. Tornou-se o seu nome conhecido em todas as republicas que fallão a lingua hespanhola e até entre nós, apezar do afastamento litterario em que vivemos, poucos haverão a quem não haja chegado noticia de suas poesias. Uma das mais celebres é a que tem por titulo — *O 25 de Maio de 1843* — em que ao commemorar a faustosa epocha da independencia argentina recorda que jaz a patria opprimida e degradada aos pés d'um tyranno (Rosas) e alça vigoroso e altivo brado de indignação e vingança. Dão porém os criticos primazia d'entre as obras de Marmol aos seus *Cantos do Peregrino*, ramalhete de fragrantes e vistosas flores, em que predomina o lyrismo, sem que todavia deixe de fulgurar o elemento descriptivo. Imitado do *Child Harold* de Byron leva-lhe as lampas em certos pontos, principalmente nos que dizem respeito a sinceridade e pureza das convicções. «O Peregrino (dizia Gutierrez) é um hymno em louvor da magnificencia do ceo americano, traducção fiel dos mais intimos sentimentos do poeta, do exilado, do patriota, do amante, meditando sobre si proprio, engolphado no barathro ou no eden da variada natureza do nosso continente.»

Varela (*D. Florencio*). Tratando deste benemerito argentino dizia Thiers n'assemblea nacional de França:

«Monsieur Varela, que nous avons tous connu, était un des hommes les plus distingués qui l'on puisse rencontrer dans tous les pays [1].»

Pondo á serviço da liberdade os illimitados recursos da sua vasta intelligencia combateu na imprensa americana e europea o asphixiante poderio de Rosas, suscitando-lhe embaraços que o despotico dictador conhecia sem que podesse frustrar. É sempre consolador o espectaculo d'essas lutas entre o espirito e a materia, em que o triumpho, embora por vezes serodio, pertencerá infallivelmente ao primeiro.

Cremos que não existirá uma só pessoa nas duas republicas platinas que não haja lido e admirado as graciosas estrophes da magnifica ode composta por occasião d'erigir-se o hospital da Caridade em Montivedeo. A *Anarchia* é outra sublime inspiração do poeta publicista em que traça verídico e pavoroso quadro dos horrores das guerras civis, terminando por um eloquente appello aos bons cidadãos para que lhe ponhão termo, velando solicitos pelo risonho porvir da patria.

Magarinos Cervantes (*D. Alexandre*): — Natural de Montevedeo, é o esperançoso auctor do *Lazarino*, composto na idade (15 annos) em que os mancebos largando as vestes pueris só de brincos e folguedos curão. Como Victor Hugo podia-se d'elle dizer que era *l'enfant sublime*. *As Brisas do Prata*, collecção de poesias devidas a mais sasonado estro, recommendão-se pelo pensamento predominante de buscar inspirações em suas verdadeiras fontes, perscrutando o passado, o presente, ou o futuro d'America, ou as ruinas tão originaes de suas estancias e desertos. O *Caramurú* é um poemeto em que o auctor se propoz cantar um dos episodios da guerra que sua patria sustentou contra Portugal e o Brazil (de 1817-1828). Bem que exagerados certos caracteres, e repleto d'emphaticas declamações, não é destituido de merito proveniente da fidelissima pintura dos sitios assignalados pelos mais memoraveis acontecimentos d'essa guerra; bem como pelo contraste que offerece

[1] Sessão de 5 de janeiro de 1850.

o typo selvagem do protagonista com a doce e sympathica figura de Lia, a extremosa amante do heroe dos *pampas*.

No concurso de todos os talentos, na efflorescencia de todas as vocações tambem algumas distinctas damas e donzellas hão contribuido com seus graciosos escriptos para a opulencia da litteratura hispano-americana. Na impossibilidade de fallar de todas escolheremos apenas duas para representantes d'essa brilhante pleiade.

D. Silveria Espinosa de Rendon: — Natural de Bogotá, na republica da Nova-Granada, avantaja-se pelos sentimentos eminentemente religiosos. Sua poesia é tão terna e sentimental que houve quem a denominasse de — *Sapho Christã*. — Assás conhecida e estimada é a elegia endereçada ao virtuoso arcebispo Mosquera, expulso de sua diocese pelos *defensores da liberdade religiosa*, a intitulada — *A Cruz, ou a Morte* — em que se revela sua alma pia e melancolica; e o magnifico cantico consagrado a —*Maria* — que dir-se-hia modulado ao som da plangente harpa de David.

D. Joanna Manuela Gorriti: — Nasceu nas ridentes margens do Paraná em territorio da republica argentina e desde tenros annunciou-se como rival de Jorge Sand e de Fernan Caballero. *La Quena*, romance publicado em Lima no anno de 1845, recebeu caloroso e sympathico apoio de toda a imprensa sul americana, servindo como d'explorador da linha por onde deverão em breve transitar, caminho da gloria, o *Guante Negro*, e a *Filha do Mashorquero*. O *Luzeiro do Manancial*, episodio da dictadura de D. João Manuel Rosas, é uma mimosa producção que em estreitos limites encerra todos os elementos da novella e traz á memoria essas lendas e baladas da severa e poetica Escossia. Seus quadros são primorosamente traçados, o movimento em extremo dramatico, os caracteres bem delineados e a acção continua e rapida.

Aquilatando a capacidade litteraria da eximia romancista argentina escreveu o sr. Caicedo estas palavras:

« A senhora D. Joanna Manuela Gorriti não pertence como Jorge Sand a uma escola philosophica, nem como esta tem os refinamentos d'arte e do estylo; porém em compensação possue o sentimento do bello e do bom que distinguiu a auctora de *Margarida, ou os dois amores*, da mallograda Delfina Gay, senhora de Girardin. Sem a

correcção de linguagem de Fernan Caballero, professa como esta afamada escriptora hespanhola o amor á verdade, e a singelesa; e sem ser realista, descreve fielmente a natureza, animando-a com as tintas do ideal. A escriptora não se olvida da mulher, a litterata recorda-se sempre que é christã; por isso são suas novellas e chronicas recreativas, moraes e podem sem o minimo escrupulo entregar-se ás virgens pudibundas, e entrarem pela porta principal no sanctuario da familia [1]. »

Não só a poesia e o romance, mas ainda a historia com suas severas e imperscritiveis leis achou desvellados cultores na litteratura de que nos occupamos. Façamos, como de costume, uma selecção d'entre os selectos, e mencionemos os preclaros nomes dos srs. Baralt, Lastarria e Mittre.

Baralt (*D. Raphael Maria*): — Natural da republica de Venezuela e assás conhecido pelos seus importantissimos trabalhos philologicos [2], é auctor d'uma — *Historia antiga e moderna de Venezuela* — obra de subido conceito pela sua dicção castiça, estylo facil e elegante. Comprehendendo, á imitação de Tacito, a sublimidade do seu mister narra os factos com summa lucidez, sem descurar-se da discussão critica. Em todo o decurso de sua historia deu provas de honradez, elevação d'espirito e nobreza de coração; e se bem que não possuia como Michelet e Luiz Blanc o talento de dar vida e animação a todos os quadros e descripções, não raro prende o leitor pintando com singelas e morbidas côres, tocantes scenas e pathetica situações.

Lastarria (*José Victorino*): — publicista, diplomata e historiador chileno, tem adquirido pelos seus valiosos escriptos justa nomeada no velho e novo continente. Deve-se-lhe uma erudita revista dos progressos do systema representativo na Europa e n'America com o titulo de *Historia do meio seculo*.

Nessa obra, escripta em estylo castiço e elegante, elevou-se o auctor á altura de Guizot, como elle pesquisando as causas d'onde

[1] *Ensayos Biographicos de Critica Literaria* 2ª. Serie.

[2] Entre outros o estimadissimo *Diccionario de Gallicismos* impresso em Madrid no anno de 1855

emanarão os acontecimentos, ainda os mais imprevistos. Depois de haver estudado os effeitos da reacção philosophica do seculo XVIII contra o principio auctoritario, baseado na força, e bosquejado a physionomia particular da revolução franceza de 1789, regeitado os effeitos d'essa reacção, e o apparecimento do grande capitão, que, semelhante ao colosso de Rhodes firma os pés em dous abysmos, passa em resenha a situação d'America nos fins do seculo XVIII, pintando com finissimas e veridicas côres os caracteres das raças hespanhola e anglo saxonia.

Por este e outros trabalhos historicos e politicos recommendaveis pela sobriedade de imagens e profundeza de vistas, gosa o sr. Lastarria da estima dos conterraneos e da veneração dos estranhos.

Mitre (*D. Bartholomeu*): — Não ha quem entre nós não ouvisse fallar do illustre generalissimo dos exercitos alliados, na guerra que fomos forçados a fazer contra o despotico dictador do Paraguay.

Não é porém como guerreiro, nem tão pouco como poeta e romancista, que vamos considerar o benemerito argentino, e sim como biographo d'um das mais gloriosos vultos de que se honra sua patria: referimo-nos ao *general Belgrano* e á sua *Historia*, na qual soube o sr. Mittre tão magistralmente combinar a concisão de Henri Martin, o pictoresco de Thierry (Agostinho), a pureza de Quintana e a imparcialidade de Maccaulay. Cada situação é admiravelmente delineada, cada personagem caracterisado em vigorosos toques, cada evolução bem descripta, e cada batalha pintada com tanta perfeição nas côres que á imaginação do leitor figura-se como si presente estivesse. Não lhe fazem porém esquecer as preocupações d'estylista os deveres de critico: assim pois vemo-lo analysar os planos dos generaes, os projectos dos estadistas e discutir calma e profundamente as opiniões politicas que volteavão em torno do protagonista da sua historia.

Pomos aqui termo a este tosco elencho da litteratura hispano-americana, sentindo que a falta de subsidios não nos consinta mais amplos desenvolvimentos.

FIM DO PRIMEIRO VOLUME.

# INDICE ANALYTICO

DAS

## MATERIAS CONTIDAS N'ESTE VOLUME

PREFAÇÃO . . . . . 5
PROLEGOMENOS . . . . . 9
INTRODUCÇÃO : — LITTERATURAS ORIENTAES . . . . . 13
LIVRO PRIMEIRO : — LITTERATURA HEBRAICA . . . . . 21
LIVRO SEGUNDO : — LITTERATURA GREGA — 25 — PRIMEIRO PERIODO . . 26
SEGUNDO PERIODO — 27 — *Poesia Epica* — Homero — 27 — Poetas Cyclicos — 27 — Hesiodo — 28 — *Poesia Lyrica* — Therpandro — 28 — Alcêo — 28 — Sapho — 28 — 29 — Erynna — 29 — Archilocho — 29 — Tirtêo — 29 — TERCEIRO PERIODO — 29 — *Poesia lyrica* — Simonides — 29 — Pindaro — 30 — *Poesia Dramatica* — Eschylo — 31 — Sophocles — 32 — Euripides — 32 — Aristophanes — 33 — *Historia* — Herodoto — 33 — Thucydides — 34 — Xenophonte — 35 — *Eloquencia* — 36 Demosthenes — 37 — Erchines — 37 — QUARTO PERIODO — 38 — *Poesia Lyrica* — Calimacho — 38 — *Poesia Bucolica* — 39 — Theocrito — 39 — Bion — 40 — Moscho — 40 — *Poesia Epica* — Apollonio de Rhodes — 40 — *Poesia Dramatica* — 41 — Menandro — 41 — *Historia* — Polybio — 41 — *Eloquencia* — Demetrio de Phalera — 42 — QUINTO PERIODO — 43 — *Poesia Didactica* — *Epigramma* — 43 — *Historia* — Dionysio de Halycarnasso — 43 — Diodoro de Sicilia — 44 — Plutarcho — 44 — SEXTO PERIODO — 45 — *Poesia Epica* — Nonno — 45 — Quinto de Smyrna — 45 — *Romance* — 46 — *Eloquencia* — 46 — 47 — S. Gregorio de Nazianzo — 47 — S. João Chrysostomo — 47 —

## LIVRO TERCEIRO

Litteratura Latina — 49 — origens — 49 — primeiro periodo — 51 — *Poesia Dramatica* — Livio Andronico — 52 — Cneio Nevio — 52 — Quinto Ennio — 52 — Plauto — 53 — Terencio — 54 — *Poesia Epica* — Ennio — 56 — Lucilio — 56 — *Historia* — Catão — 57 — *Eloquencia* — Catão — 58 — segundo periodo — 59 — primeira epocha — *Poesia Lyrica* — Catullo — 59 — *Poesia Didactica* — Lucrecio — 60 — *Eloquencia* — 61 — Cesar — 63 — Cicero — 63 — *Epistolographia* — 66 — *Historia* — 66 — Cesar — 67 — Sallustio — 67 — Tito Livio — 69 — segunda epocha — *Poesia Lyrica* — Horacio — 70 — Tibullo — 71 — Propercio — 72 — Ovidio — 72 — *Poesia Epica* — Virgilio — 79 — *Poesia Didactica* — Horacio — 74 — Ovidio — 75 — Virgilio — 75 — terceiro periodo — 76 — *Poesia Epica* — Lucano — 77 — *Poesia Dramatica* Seneca — 78 — *Poesia Didactica* — Phedro — 79 — Persio — 79 — Juvenal — 80 — Marcial — 80 — 81 — *Eloquencia* — Quintiliano — 81 — Plinio — 82 — *Epistolographia* — Plinio o Moço — 83 — *Historia* — Tacito — 83 — Suetonio — 84 — Quinto Curcio — 85 — quarto periodo — *Poesia Didactica* — Petronio — 86 — *Romance* — Apulêo — 87 — *Eloquencia* — 87 — S. Hilario — 88 — S. Ambrozio — 88 — S. Agostinho — 89 —

## LIVRO QUARTO

Litteratura Italiana — 90 — Origens — 91 — primeiro periodo — *Poesia Didactica* — Dante — 93 — *Poesia Lyrica* — Petrarcha — 97 — *Romance* — Bocaccio — 99 — segundo periodo — primeira epocha — 101 — *Poesia Dramatica* — 101 — Angelo Poliziano — 102 — *Poesia Epica* — 103 — Pulci — 103 — Boiardo — 103 — *Historia* — 104 — Collenuccio — 105 — *Eloquencia* — 105 — Savonarola — 106 — segunda epocha — 107 — *Poesia Epica* — Ariosto — 108 — Trisssino — 109 — *Tasso* — 110 — *Poesia Lyrica* — 113 — Bembo — 114 — Caro — 114 — Collona — 114 — *Poesia Didactica* — Ruccellai — 115 — Mamanni — 115 — Baldi — 116 — *Poesia Dramatica* — Bibbiena — 117 — Trissino — 117 — Ruccellai — 118 — Sannazaro — 118 — Tasso — 119 — Guarini — 120 — *Historia* — Macchiavelli — 121 — Guicciardini — 121 — *Dialogo* — Castiglione — 124 — Terceiro Periodo — Primeira Epocha — 124 — *Poesia Lyrica* — Chiabrera — 125 — Marini — 125 — Filicaia — 127 — *Poesia Didactica* — Tassoni — 128 — *Historia* — Sarpi — 129 — Pallavicino — 129 — Davila — 130 — Bentivoglio — 130 — *Eloquencia* — Segneri — 131 — segunda epocha — *Poesia Lyrica* — 132 —

Frugone — 133 — Parini — 133 — *Poesia Dramatica* — Metastasio — 135 — Maffei — 137 — Goldoni — 138 — Alfieri — 139 — QUARTO PERIODO — 140 — *Poesia Lyrica* — Pindemonte — 141 — Monti — 141 — Foscolo — 143 — Leopardi — 144 — Manzzoni — 145 — *Poesia Dramatica* — Manzzoni — 145 — Nicolini — 146 — *Romance* — 148 — *Historia* — Bota — 150 — *Canto* — 151 —

## LIVRO QUINTO

LITTERATURA FRANCEZA — 152 — ORIGENS — 152 — PRIMEIRO PERIODO — PRIMEIRA EPOCHA — 155 — SEGUNDA EPOCHA — 158 — SEGUNDO PERIODO — 159 — *Poesia Didactica* — Marot — 160 — Passerat — 161 — Aubigné — 161 — *Poesia Lyrica* — Ronsard — 161 — *Poesia Dramatica* — 162 — Jodelle — 162 — Garnier — 163 — *Historia* — Thou — 164 — *Romance* — Rabelais — 165 — TERCEIRO PERIODO — 165 — *Poesia Lyrica* — 167 — Racan — 168 — Rousseau (J. B.) — 169 — *Poesia Didactica* — Lafontaine — 169 — Boileau — 170 — *Poesia Dramatica* — Corneille — 172 — Racine — 174 — Molière — 176 — *Eloquencia* — Bossuet — 178 — Fénélon — 180 — Bourdaloué — 182 — Massillon — 183 — *Historia* — Mezeray — 184 — Saint-Simon — 184 — *Epistolographia* — Sevigné — 185 — Maintenon — 186 — *Romance* — Urfé — 188 — La Fayette — 188 — QUARTO PERIODO — 189 — *Poesia Lyrica* — Lebrun — 190 — Gilbert — 191 — Chénier — 191 — *Poesia Dramatica* — Crébillon — 192 — Voltaire — 193 — Lesage — 195 — Beaumarchais — 196 — *Poesia Epica* — Voltaire — 197 — *Historia* — Rollin — 198 — Voltaire — 199 — Montesquieu — 200 — *Eloquencia* — Thomas — 201 — Mirabeau — 202 — *Critica Litteraria* — La Harpe — 204 — *Viagens* — Barthelemy — 205 — *Romance* — Bernardim de S. Pierre — 206 — QUINTO PERIODO — 208 — *Poesia Lyrica* — 209 — Victor Hugo — 211 — Béranger — 214 — Delavigne — 216 — Musset — 216 — Vigny — 216 — Moreau — 216 — Reboul — 216 — Laprade — 217 — *Poesia Dramatica* — 217 — Victor Hugo — 218 — Delavigne — 218 — Dumas (Pai) — 220 — Dumas (Filho) — 221 — Ponsard — 222 — Scribe — 223 — Sardou — 223 — Augier — 223 — Feuillet — 224 — Gozlan — 224 — *Romance* — 224 — Staël — 225 — Chateaubriand — 227 — Vigny — 232 — Victor Hugo — 232 — Eugenio Sue — 232 — Frederico Soulié — 233 — Balzac — 233 — Jorge Sand — 233 — *Eloquencia* — 233 — *Eloquencia Politica* — Benjamim Constant — 234 — Manuel — 234 — Foy — 234 — Royer Collard — 235 — Guizot — 235 — Thiers — 235 — *Eloquencia do Fóro* — Berryer — 236 — Favre — 236 — Crémieux — 237 — *Eloquencia do Pulpito* — Frayssenou — 238 — Lacordaire — 238 — Ravignan — 239 — *Historia* — Thierry (Agostinho)

— 240 — Guizot — 240 — Thiers — 241 — Barante, Vaulabelle — Michelet — 241 — Thierry (Amadeu), Mignet — 242 — *Critica Litteraria* — Villemain — 242 — Planche — 242 — Sainte-Beuve — 243 —

## LIVRO SEXTO

LITTERATURA INGLEZA — 245 — ORIGENS — 246 — PRIMEIRO PERIODO — 247 — Chaucer — 250 — Fortescue — 251 — SEGUNDO PERIODO — PRIMEIRA EPOCHA — 252 — *Poesia Lyrica* — Spencer — 253 — Sidney — 254 — *Poesia Descriptiva* — Drayton — 254 — Fletcher — 255 — *Poesia Dramatica* — 255 — Shakspeare — 256 — Johnson — 259 — SEGUNDA EPOCHA — *Poesia Epica* — Milton — 260 — *Poesia Heroi-Comica* — Butler, — 263 — *Poesia Lyrica* — Dryden — 264 — *Poesia Dramatica* — 264 — Prosa — 265 — Bacon — 265 — Hobbes — 266 — Locke — 266 — Harrigton — 267 — *Historia* — 268 — May — 268 — Hyde — 268 — Burnet — 269 — Temple — 269 — TERCEIRO PERIODO — 270 — *Poesia Didactica* | Pope — 270 — Young — 272 — Thompson — 273 — Gay — 274 — *Poesia Lyrica* — Gray — 275 — Collins — 275 — *Poesia Dramatica* — 275 — *Moral e Critica Litteraria* — Addison — 277 — Swift — 279 — *Romance* — 281 — Foe — 281 — Richardson — 283 — Goldsmith — 284 — Sterne — 285 — *Historia* — Hume — 287 — Gibbon — 287 — Robertson — 288 — *Eloquencia* — Burke — 289 — Fox — 291 — Pitt — 292 — Sheridan — 294 — QUARTO PERIODO — 296 — *Poesia Lyrica* — Byron — 297 — Moore — 300 — Tennyson — 301 — *Poesia Dramatica* — 302 — *Romance* — Scott — 303 — Dickens — 305 — Thackeray — 307 — *Historia* — Maccaulay — 308 — Carlyle — 309 —

APPENDICE — LITTERATURA ANGLO-AMERICANA — 312 —

## LIVRO SETIMO

LITTERATURA ALLEMÃ — 317 — PRIMEIRO PERIODO — *Poesia Lyrica* — 320 — *Poesia Epica* — 321 — *Poesia Didactica* — 324 — *Romances e Livros Populares* — 325 — SEGUNDO PERIODO — *Poesia Lyrica* — *O Canto Popular* — 327 — *Os mestres Cantores* — 328 — *Farças Populares* — 329 — *Poesia Didactica* — 330 — *Poesia Dramatica* — 332 — *Prosa* — 333 — TERCEIRO PERIODO *Primeira Epocha* — 334 — *Primeira Escola Silesiana* — 235 — *Segunda Escola Silesiana* — 337 — *Romance* — 339 — *Viagens* — 340 — *Segunda Epocha* — 341 — *Poesia Dramatica* — Lessing — 343 — Goethe — 345 — Schiller — 347 — *Poesia Epica* — 350 —

*Poesia Lyrica* — Burger — 351 — Gesner — 352 — *Historia* — Herder — 353 — Muller — 354 — *Romance* — 355 — QUARTO PERIODO — 357 — *Poesia Lyrica* — Novalis — 361 — Schlegel — 361 — Kœrner — 261 — Uhland — 361 — *Poesia Dramatica* — Tieck — 362 — Munch — Bellinghausen — 362 — *Poesia Satyrica* — Heine — 363 — Boerne — 364 — *Romance* — Auerbach — 365 — Freytag — 365 — Gottelf — 365 — Reuter — 366 — *Historia* — Niebuhr — 366 — Curtius — 367 — Munch — 367 Mommsen — 368 — Gervinus — 369 —

## LIVRO OITAVO

LITTERATURA HESPANHOLA: — ORIGENS — 371 — PRIMEIRO PERIODO — 374 — *Poema do Cid* — 376 — *Poema d'Alexandre* — 378 Affonso, o sabio — 379 — O Infante D. João Manuel — 280 — O Arcipreste de Hita — 381 — Lopez de Ayala — 382 — D. Carrion — 384 — O Poema de José — 385 — O Marquez de Vilhena — 385 — O Marquez de Santilhana — 386 — Mena — 387 — *Romances Lyricos* — 388 — *Romances Cavalheirescos* — 390 — *Romances Mouriscos* — 392 — *Romances de Costumes* — 392 — *Poesia Dramatica* — 393 — Encina — 395 — *Novellas Cavalheirescas* — 397 — *Chronicas* — 400 — SEGUNDO PERIODO — PRIMEIRA EPOCHA — 403 — *Poesia Lyrica* — Boscan — 405 — Garcilasso — 406 — Ponce de Léon — 408 — Herrera — 409 — Thereza de Cépeda (*S. Thereza de Jesus*) — 410 — Monte Mayor — 411 — *Poesia Didactica* — 412 — *Poesia Dramatica* — Rueda — 414 — Timoneda — 415 — Bermudez — 415 — Argensola — 416 — *Historia* — Zurita — 417 — Mariana — 418 — *Romance Philosophico* Guevára — 419 — SEGUNDA EPOCHA — *Poesia Lyrica e Didactica* — 420 — Argensola (Lupercio e Bartholomeu) — 421 — Ledesma — 422 — Gongora — 422 — Rioja — 425 — *Poesia Epica* — Ercilla — 425 — *Poesia Dramatica* — 428 — Castro (Guilhem de) 429 — Lope de Vega — 430 — Calderon de la Barca — 535 — Tirso de Molina — 439 — Moreto — 441 — *Romance* — 442 — O Lazarillo de Tormes — 442 — Gusman d'Alfarache — 443 — Historia do Escudeiro Marcos de Obregon — 443 — Dom Quichote — 443 — Cervantes — 443 — *Historia* — Hurtado de Mendoza — 449 — Herrera — 450 — Solis — 451 — TERCEIRO PERIODO — 452 — Luzan — 454 — Cadalso — 455 — Iriarte — 456 — Samaniego — 457 — Melendez — 458 — *Poesia Dramatica* — 461 — Moratin — 462 — *Romance Satyrico* — Isla — 465 — *Historia* — S. Filippe — 467 — *Critica Litteraria* — Feiyoo — 468 — QUARTO PERIODO — 470 — *Poesia Lyrica e Dramatica* — Martinez de la Rosa — 472 — Saavedra (*duque de Rivas*) — 477 — Espronceda — 478 — Zorilla — 479 — Gutierrez — 480 — Ayala — 480 — *Romance* — Feeran Caballero — 482 — Trueba — 483 —

*Historia* — Lafuente e Cavanilles — 484 — *Critica Litteraria* — 485 — Larra — 485 — Amador de los Rios — 485 — *Eloquencia* — 487 — Olasaga — 487 — Castellar — 488 —

APPENDICE — LITTERATURA HISPANO-AMERICANA — 488 — Navarrete — 491 — Bello — 492 — Olmedo — 492 — Arboleda — 492 — Marmol — 493 — Varella — 493 — Magarinos Cervantes — 494 — D. Silveria Espinosa de Rendon — 495 — D. Joanna Manuela Gorritti — 495 — Baralt — 496 — Lastarria — 496 — Mitre — 497 —

FIM DO INDICE.

TYP. FRANCO-AMERICANA, R. d'Ajuda, nº 57.

### Gulmarães Junior

Historia para gente alegre. 2 v. in-8º br. 4$, enc. ..... 5$000
Filagranas. 1 v. in-8º enc. 3$000, br. 2$000
Contas sem pretenção. 1 v. in-8º, enc. 3$000, br. ..... 2$000
Curvas e Zig-zags, *caprichos humoristicos*, 1 v. br. 2$, enc. ..... 3$000

### Gonçalves Dias

Poesias, 5ª edição augmentada com muitas poesias, inclusivas os Tymbiras, e cuidadosamente revista pelo Dr. J. M., precedida da biographia do author, pelo Sr. Conego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro. 2 fortes vols. in-8º ..... 8$000

### James Wilson

Capital, Circulação e Bancos, traduzido pelo Dr. Luiz Joaquim de Oliveira Castro. 1 v. in-4º, impresso e enc. em Paris. 6$000

### Léonzon le Duc

O Echo da guerra: Baltico, Danubio, Mar Negro, traduzido por D. P. e Silva, ornado de 4 retratos. 1 v. in-8º, br. 1$500, encadernado ..... 2$000

### Macedo (J. M. de)

Um Noivo á Duas Noivas, romance. 3 vol. in-8º, br. 6$, enc. ..... 8$000
A Namoradeira, romance, 3 vol. br. 6$, enc. ..... 8$000
Nina, romance, 2 vol. br. 4$, enc. .. 5$000
As Mulheres de Mantilha, romance historico. 2 vol. br. 4$, enc. ..... 5$000
A Luneta Magica, romance. 2 vol. in-8º br. 4$, enc. ..... 5$000
As Victimas Algozes, quadros da escravidão. 2 vol. br. 5$, enc. ..... 7$000
A Moreninha. 5ª edição, 1 v. enc. .. 3$000
A Nebulosa. 1 vol. enc. ..... 3$500
Culto do Dever. 1 vol. enc. ..... 3$000
Memorias de um Sobrinho de meu Tio. 2 v. enc. ..... 5$000
Moço Loiro. 2 vol. enc. ..... 5$000
Os Dous Amores. 2 vol. enc. ..... 5$000
Romances da semana. 1 vol. enc. .... 3$000
Rosa. 2 vol. enc. ..... 5$000
Vicentina, 3ª edição. 3 v. br. 5$, enc. 7$000
Os quatro pontos cardeaes. — A Mysteriosa. Romances. 1 v. in-8º, enc. 3$000, br. 2$500
O Forasteiro. Romance. 3 v. in-8º enc. 7$000, br. ..... 5$000
Theatro completo. 3 v. enc. ..... 9$000
Luxo e Vaidade, Primo da California; Amor e Patria, comedias. 1 vol. in-8º br. ..... 2$000
Lusbella, comedia. 1 vol. in-8º br. 1$500
Fantasma Branco, comedia. 1 vol. in-8º br. ..... 1$500
Novo Othello, comedia. 1 v. in-8º br. 500
O Primo da California, comedia. 1 v. in-8º br. ..... 1$000
Cincinnato Quebra-Louça. Comedia. 1 v. in-8º br. ..... 2$000

### Magarinos Cervantes (D. A.)

Estudos Historicos Politicos y Sociales sobre el Rio de la Plata. 1 v. in-8º br. 3$000

### Manoel de Araujo Porto Alegre

Colombo, poema. 2 v. enc. ..... 8$000

### Max Valery

Martha, romance. 3 v. br. 3$, enc. .. 4$500

### Mello e Mattos (L. J. C. de)

Paginas da historia constitucional do Brasil, 1840-1848. 1 v. in-8º br. 6$, enc. 7$000

### Machado de Assis

Contos Fluminenses, contendo: Miss Dollar, Luiz Soares, A mulher de preto, O segredo de Augusta, Confissões de uma viuva moça, Frei Simão, Linha recta e linha curva. 1 v. enc. ..... 3$000
Chrysalidas. Poesias. 1 v. in-8º br. 2$, enc. ..... 2$500
Phalenas. Poesias. 1 v. enc. ..... 3$000
Resurreição, romance, 1 vol. br. 2$000 enc. ..... 3$000

### Méry

Rafael e a Fornaria, novella. 1 v. in-4º br. 800 rs., enc. ..... 1$500

### Mirécourt (E. de)

A Ultima Marqueza. 1 v. in-8º br. 1$000, enc. ..... 1$600

### Molé Gentilhomme

Joanna de Napoles, romance historico. 1 v. in-4º br. 2$000, enc. ..... 3$000

### Montépin (X. de)

Um drama nas montanhas. 1 v. br. 1$000, enc. ..... 1$500

### Montesquieu

Considerações sobre as causas da grandeza e decadencia dos Romanos. 1 v. br. 1$000, enc. ..... 1$500

### Moreira de Azevedo

Os criminosos celebres. Episodios historicos. 1 v. in-8º enc. 3$000, br. ..... 2$000
Mosaico Brasileiro. 1 v. in-8º enc. .. 3$000
Os Francezes no Rio de Janeiro, romances historico. 1 v. in-8º br. 2$, enc. .. 3$000,
Lourenço de Mendonça, romance historico. 1 v. br. ..... 1$500

### Norberto de S. S.

Historia da Conjuração Mineira. 1 grosso v. in-8º br. 6$000, enc. ..... 7$000
Romances e novellas. 1 v. br. 3$000, encadernado ..... 4$000
Brasileiras celebres. 1 v. in-8º enc. 2$000
Flores entre espinhos. Contos poeticos. 1 v. in-8º enc. ..... 2$000

### Octavio Feuillet

Julia, romance. 1 v. in-16 br. 1$, enc. 1$500

### Orlon

Elisa Lynch, precedida de uma semblanza do autor, por Emilio Castellar. 1 v. grande in-4º, br. 6$000, enc. ..... 7$000

### Pascual (A. A. de)

A Morte moral. 4 v. br. 8$, enc. .. 12$000
As quatro derradeiras noites dos inconfidentes de Minas. 1 v. br. ..... 2$000

### Paul Féval

A Loba. 3 v. in-4º br. ..... 3

**Perdigão Malheiros (A. M.)**

A Escravidão no Brazil, ensaio historico e juridico-social 3 v. in-4º br. 15$000, encadernado..... 18$000

**Paulo de Kock**

Friquette. 2 v. in-12, enc. 3$000, br. 2$000
A noiva de Fontenay das Rosas. 1 v. br. 2$, enc..... 3$000
Gaboun. 3 v. in-8º br. 3$, enc..... 5$000
Galucho. 1 v. br. 1$000, enc..... 650
Paulo e seu cão. 8 v. br. 4$, enc.. 6$000

**Pereira da Silva (J. M.)**

Historia da Fundação do Imperio Brazileiro. Esta obra forma 7 v. enc... 37$000
Segundo Periodo do Reinado de D. Pedro I no Brazil. Narrativa historica. 1 vol. in-4º br. 5$000, enc..... 6$000
Os Varões illustres do Brazil durante os tempos coloniaes. 3ª edição, 2 v. enc. 8$000
Situation Sociale, politique et économique de l'Empire du Brésil. 1 v. br.... 15$000
Discursos Parlamentares. 1 v. br. 3$000 enc..... 4$000
Novos discursos parlamentares. Sessão de 1871. 1 v. enc..... 3$000
Jeronymo Côrte Real. 1 v. enc.... 3$000
Manoel de Moraes. 1 v. br. 2$000, encadernado..... 3$000
Gonzaga, Poema. 1 v. in-8º enc..... 3$000
Aspasia. Romance. 1 v. in-8º, enc. 3$000 br..... 2$000

**Pinheiro Ferreira**

Manual do cidadão em um governo representativo, ou principio do direito publico constitucional, administrativo e das gentes. 3 v. in-4º..... 10$000

**Ponson du Terrail**

O Capitão dos penitentes negros, romance 1 v. in-4º br. 1$000, enc..... 2$000

**Roberto Southey**

Historia do Brazil, traduzida da lingua ingleza para a portugueza pelo Dr. L. J. de Oliveira e Castro e annotada pelo Conego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro. 6 magnificos volumes primorosamente impressos e encadernados em Paris..... 36$000

**Rozendo Moniz**

Fados e Travos, romance. 1 v. br. 2$, encadernado..... 3$000

**Souza Carvalho (A. A. de)**

O Brazil em 1870. Estudo politico. 1 v. br..... 1$000

**Souza Figueiredo (A. de)**

O Credito e os Bancos. Estudos commerciaes 1 v. br. 1$500, enc..... 2$000

**S. L. J.**

Historia de El-Rei D. João VI, primeiro rei de Portugal e do Brazil, em que se referem os principaes actos e occurrencias do seu governo, bem como algumas particularidades da sua vida privada. 1 v. in-8º encadernado..... 3$000

**Tavares Bastos (C. A.)**

A Provincia. Estudo da descentralisação no Brasil. 1 v. in-4º br. 6$, enc..... 7$000
O Valle do Amazonas. Estudos sobre as provincias do Norte do Brasil. 1 v. in-4º br. 5$, enc..... 6$000

**Th. Fix**

Historia da Guerra do Paraguay, traduzida do francez por A. J. Fernandes dos Reis, e annotada por ***. 1 vol. in-4º br. 4$000 enc..... 5$000

**Thiers (A.)**

Historia do Consulado e do Imperio. 11 v. in-8º ornados de numerosas estampas, br. 33$000, enc..... 44$000

**Titara (L. dos Santos)**

Memorias do Grande Exercito alliado, libertador do Sul da America na guerra de 1851 a 1852, contra os tyrannos do Rio da Prata: e bem assim dos factos mais graves e notaveis que precederam desde vinte annos e dos que mais influiram na politica do Brazil. Incluindo-se tambem noções exactas e documentos da batalha de Ituzaingo, em 1827, e do seu resultado. 1 v. in-4º com duas estampas, br. 4$000, enc..... 5$000

**V. Valmont**

O Espião Prussiano, romance historico inglez resumindo os principaes acontecimentos da guerra Franco-Prussiana: traduzido por V. Colonna. 1 gr. v. in-8º br. 2$000, encadernado..... 3$000

**Van-der Straten Ponthoz (A.)**

Le Budget du Brésil. Recherches sur les ressources de cet empire dans leurs rapports avec les intérêts européens du commerce et de l'émigration. 3 v. br. 15$, enc. 18$000

**Van Rotteck (C.)**

Origem das guerras entre a França e a Allemanha. 1 v. in-8º..... 200

**Victor Hugo**

Homens do Mar. 3 v. in-4º br. 3$, enc. 4$000

**Zaluar (E. A.)**

Contos da roça. 2 v. br..... 2$000
Revelações. Poesias. 1 v. in-4º enc.. 5$000
Peregrinações pela provincia de S. Paulo. 1 v. in-4º enc..... 6$000

**Zacharias de Góes e Vasconcellos**

Poder Moderador (Da natureza e dos limites do). 1 v. br. 3$, enc..... 4$000

**William Gilbert**

Tratado pratico dos Bancos, traduzido pelo Dr. L. J. de Oliveira Castro. 3 v. impresso e enc. em Paris..... 18$000

Typ. Franco-Americana, rua da Ajuda n. 18.—1872.